

VENCEDOR DO BOOKER PRIZE



MARGARET
ATWOOD

O ASSASSINO CEGO

O primeiro grande romance do novo milênio
Newsday

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Margaret Atwood



O Assassino Cego

Proco

Imagino o monarca Agha Mohammed Khan, que ordena que toda a população da cidade de Kerman seja assassinada ou privada da visão — sem exceção alguma. Seus pretorianos põem-se a trabalhar ativamente. Eles enfileiram os habitantes, deceparam as cabeças dos adultos, arrancam os olhos das crianças... Mais tarde, procissões de crianças cegas abandonam a cidade. Algumas, vagando pelos campos, perdem-se no deserto e morrem de sede. Outros grupos alcançam povoações habitadas... cantando canções sobre o extermínio dos cidadãos de Kerman.

— RYSZARD KAPUŚCIŃSKI

Eu nadei, o mar estava sem fronteiras, não vi nenhuma praia. Tanit foi implacável, minhas preces foram atendidas. Ó, vós, que vos afogais no amor, lembrai-vos de mim.

— INSCRIÇÃO EM UMA URNA FUNERÁRIA CARTAGINESA

A palavra é uma chama que arde em um vidro escuro.

— SHEILA WATSON

Sumário

PARTE I

A ponte

The Toronto Star, 1945

O Assassino Cego - Prólogo: Sempre-vivas para o jardim de pedras

PARTE II

O ovo cozido

The Globe and Mail, 1947

O banco do parque

The Toronto Star, 1975

Os tapetes

The Globe and Mail, 1998

O coração de batom

Colégio Coronel Henry Parkman e Boletim da Associação de Ex-alunos, 1998

PARTE III

A cerimônia

A caixa de prata

A Fábrica de Botão

Avilion

O enxoval

O gramofone

Dia de pão

Fitas pretas

A soda

PARTE IV

O café

The Port Ticonderoga Herald and Banner, 1933

A colcha de chenille

The Mail and Empire, 1934

O mensageiro

The Mail and Empire, 1934

Cavalos da noite

Mayfair, 1935

O sino de bronze

PARTE V

O casaco de pele

O soldado cansado

Srta. Violência

As metamorfoses de Ovídio

O piquenique da fábrica de botão

Provedoras do pão

Tingimento à mão

O porão

O sótão

O Salão Imperial

Arcadian Court

O tango

PARTE VI

O conjunto xadrez

Brocado vermelho

The Toronto Star, 1935

Andando pela rua

O porteiro

Mayfair, 1936

Alienígena no gelo

PARTE VII

A mala

Boca do Inferno

Cartões-postais da Europa

O chapéu de cambraia

Estonteado

Sunnyside

Xanadu

PARTE VIII

Histórias carnívoras

Mayfair, 1936

As Mulheres-pêssego de Aa'A

The Mail and Empire, 1936

O Top Hat Grill

PARTE IX

A roupa suja

O cinzeiro

O homem com a cabeça pegando fogo

O Water Nixie

O castanheiro

PARTE X

Os homens-lagarto de Xenor

Mayfair, 1937
Carta de Bella Vista
A torre
The Globe and Mail, 1937
Union Station

PARTE XI

O cubículo
O gatinho
Uma bela vista
A lua brilhou intensamente
A lanchonete Betty's
A mensagem

PARTE XII

The Globe and Mail, 1938
Mayfair, 1939
O Salão de Be das
Cortinas amarelas
O telegrama
A destruição de Sakiel-Norn

PARTE XIII

Luvax
Fogo caseiro
Diana Sweets
Escarpa

PARTE XIV

O cacho dourado
A vitória vem e vai

O monte de entulho

PARTE XV

O Assassino Cego - Epílogo: A outra mão

The Port Ticonderoga Herald and Banner, 1999

O limiar

Agradecimentos

Sobre a Autora

Créditos

I



A ponte

Dez dias após o fim da guerra, minha irmã Laura despencou com o carro do alto de uma ponte. A ponte estava sendo consertada: ela passou direto pela placa de Perigo. O carro caiu de uma altura de trinta metros na ribanceira, batendo nas copas das árvores cheias de folhas novas, depois pegou fogo e rolou até o riacho lá no fundo. Pedacos da ponte caíram sobre ele. Não restou quase nada dele além de fragmentos carbonizados.

Eu fui informada do acidente por um policial: o carro era meu, e tinham verificado a placa. O tom dele foi respeitoso: sem dúvida ele reconheceu o nome de Richard. Ele disse que os pneus devem ter ficado presos num trilho de bonde ou então o freio podia ter falhado, mas também sentiu-se no dever de me informar que duas testemunhas — um advogado aposentado e um caixa de banco, pessoas confiáveis — haviam afirmado ter visto tudo. Eles tinham dito que Laura dera uma guinada brusca e proposital no carro e que havia mergulhado da ponte com a mesma naturalidade com que se desce de um meio-fio. Eles haviam notado as mãos dela no volante por causa das luvas brancas que ela estava usando.

Não foi o freio, eu pensei. Ela tinha os seus motivos. Não que fossem os mesmos motivos de outra pessoa qualquer. Ela era totalmente implacável nesse aspecto.

— Suponho que alguém precise identificá-la — eu disse. — Irei assim que puder. — Eu ouvi a calma da minha própria voz, como que vindo de muito longe. Na verdade, eu mal consegui pronunciar as

palavras; minha boca estava dormente, meu rosto estava rígido de dor. Eu tinha a sensação de ter ido ao dentista. Eu estava furiosa com Laura por ela ter feito o que fizera, mas também com o policial por dar a entender que ela o havia feito. Um vento quente soprava em volta da minha cabeça, e mechas do meu cabelo voavam e giravam como tinta derramada na água.

— Creio que vai ser necessária uma investigação, sra. Griffen — ele disse.

— Naturalmente — eu respondi. — Mas foi um acidente. Minha irmã nunca foi boa motorista.

Eu imaginei o rosto oval e delicado de Laura, seu coque bem-feito, o vestido que ela estaria usando: um *chemisier* de gola redonda, numa cor sóbria — azul-marinho ou cinza-chumbo ou verde corredor de hospital. Cores penitentes — menos uma coisa que ela tivesse escolhido usar e mais algo em que ela estivesse presa. Seu meio-sorriso solene; o erguer espantado das sobrancelhas, como se ela estivesse admirando a vista.

As luvas brancas: um gesto de Pôncio Pilatos. Ela estava lavando as mãos de mim. De todos nós.

Em que ela estaria pensando quando o carro projetou-se para fora da ponte, enquanto ficou suspenso no sol da tarde, brilhando como uma libélula por aquele breve instante de respiração presa antes da queda? Em Alex, em Richard, em má-fé, no nosso pai e sua ruína; em Deus, talvez, e seu trato triangular, fatal. Na pilha de cadernos baratos que ela deve ter escondido nessa mesma manhã na gaveta da cômoda onde eu guardo as minhas meias, sabendo que seria eu a encontrá-los.

Depois que o policial se foi, eu subi para trocar de roupa. Para ir ao necrotério eu ia precisar de luvas e de um chapéu com um véu. Algo para cobrir os olhos. Podia haver repórteres. Eu teria de chamar um táxi. E também precisava ligar para o escritório para avisar ao Richard: ele ia querer ter uma declaração de pesar pronta. Entrei no meu quarto de vestir: eu ia precisar de uma roupa preta, e de um lenço.

Abri a gaveta, vi os cadernos. Desatei o barbante que os prendia. Notei que meus dentes estavam batendo e que eu estava toda gelada. Eu devo estar em choque, pensei.

Então eu me lembrei de Reenie, de quando éramos pequenas. Era Reenie quem fazia os curativos de arranhões, cortes e outros machucados: mamãe podia estar descansando ou praticando boas ações em outro lugar, mas Reenie estava sempre lá. Ela nos erguia nos braços e nos sentava à mesa branca da cozinha, ao lado da massa de torta que estava preparando ou da galinha que estava cortando ou do peixe que estava limpando, e nos dava um torrão de açúcar mascavo para nos fazer calar a boca. *Diga-me onde está doendo*, ela dizia. *Pára de berrar. Fica calma e me mostra o lugar.*

Mas algumas pessoas não conseguem dizer onde está doendo. Elas não conseguem ficar calmas. Elas não conseguem nunca parar de berrar.

The Toronto Star, 26 de maio de 1945

QUESTÕES LEVANTADAS SOBRE MORTE NA CIDADE

ESPECIAL PARA O STAR

A investigação realizada acerca da fatalidade ocorrida na St. Clair Avenue na semana passada resultou num veredicto de morte acidental. A srta. Laura Chase, de 25 anos, se dirigia para oeste na tarde do dia 18 de maio quando o seu carro fez um desvio na direção de uma barreira de proteção de uma obra que estava sendo efetuada na ponte e rolou a ribanceira, pegando fogo. A srta. Chase teve morte instantânea. Sua irmã, sra. Richard E. Griffen, esposa do conhecido industrial, testemunhou dizendo que a srta. Chase sofria de dores de cabeça muito fortes, que afetavam sua visão. Em resposta a uma pergunta que lhe foi feita, ela negou qualquer possibilidade de embriaguez, uma vez que a srta. Chase não bebia.

Segundo a polícia, uma das causas pode ter sido o pneu ter ficado preso num trilho exposto de bonde. Foram feitos alguns questionamentos quanto à adequação das medidas de segurança adotadas pela prefeitura, mas após o testemunho dado pelo engenheiro da prefeitura, Gordon Perkins, esses questionamentos foram abandonados.

O acidente ocasionou renovados protestos acerca do estado dos trilhos de bonde naquele trecho da estrada. O sr. Herb T. Jolliffe, representante dos contribuintes, disse aos repórteres do *Star* que

este não foi o primeiro acidente causado pelos trilhos abandonados.
A prefeitura devia tomar uma providência.

O Assassino Cego

por Laura Chase

Reingold, Jaynes & Moreau, Nova York, 1947

Prólogo: Sempre-vivas para o jardim de pedras

Ela possui uma única fotografia dele. Guardou-a num envelope pardo no qual escreveu *Recortes* e guardou o envelope entre as páginas de *Sempre-vivas para o jardim de pedras*, onde ninguém jamais olharia.

Ela guardou aquela foto cuidadosamente, porque foi quase tudo o que restou dele. É preto-e-branca, tirada com uma daquelas máquinas tipo caixote, de antes da guerra, com seu focinho de sanfona e suas caixas de couro bem-feitas que pareciam focinheiras, com tiras de couro e fivelas complicadas. A foto é dos dois juntos, ela e o homem, num piquenique. Atrás, a lápis, está escrito *Piquenique* — não o nome dele ou o dela, apenas *piquenique*. Ela sabe os nomes, não precisa escrevê-los.

Eles estão sentados debaixo de uma árvore; pode ser uma macieira; ela não prestou muita atenção na árvore na época. Ela está usando uma blusa branca com as mangas arregaçadas na altura dos cotovelos e uma saia larga presa em volta dos joelhos. Deve ter havido uma brisa, por causa do modo como a blusa está colando nela; ou talvez não fosse por causa do vento e sim por causa do calor. Estava calor. Colocando a mão sobre o retrato, ela ainda podia sentir

o calor emanando dele, como o calor que emana de uma pedra que o sol aqueceu, à meia-noite.

O homem está usando um chapéu de cor clara, formando um ângulo sobre sua cabeça e ocultando parcialmente o seu rosto. Seu rosto parece estar mais queimado de sol do que o dela. Ela está meio virada para ele, e sorrindo, de um jeito que ela não se lembra de ter sorrido para ninguém desde então. Ela parece muito jovem no retrato, jovem demais, embora não se considerasse jovem demais na época. Ele também está sorrindo — a brancura dos dentes dele parece o clarão de um fósforo sendo aceso —, mas ele está com a mão erguida, como que para afastá-la de brincadeira ou então para se proteger da câmera, da pessoa que devia estar lá, tirando o retrato; ou então para se proteger daqueles que, no futuro, poderiam estar olhando para ele, poderiam estar examinando-o através daquela janela quadrada, iluminada, de papel brilhante. Como que para se proteger dela. Como que para protegê-la. Naquela mão estendida, protetora, há uma ponta de cigarro.

Ela pega o envelope pardo quando está sozinha e tira a foto do meio dos recortes de jornal. Coloca-a na mesa e fica olhando para ela, como se estivesse olhando para dentro de um poço ou de um lago — buscando alguma coisa atrás do seu reflexo, algo que ela deve ter deixado cair ou ter perdido, fora do alcance mas ainda visível, faiscando como uma jóia na areia. Ela examina cada detalhe. Seus dedos esbranquiçados pelo flash ou pelo sol; as dobras de sua roupa; as folhas da árvore e as pequenas formas redondas penduradas nela — será que eram mesmo maçãs? A grama áspera no chão. A grama estava amarela porque o tempo estava seco.

De um dos lados — não se consegue ver a princípio — há uma

mão, cortada pela margem, arrancada à tesoura na altura do pulso, pousada na grama como se tivesse sido descartada. Abandonada a seus ardis.

Um rastro marrom de nuvem no céu brilhante, como uma mancha de sorvete numa foto colorida. Os dedos dele manchados de fumaça. O brilho da água ao longe. Tudo submerso agora.

Submerso, mas brilhando.

II



O assassino cego: O ovo cozido

O que vai ser, então?, ele diz. *Dinner jackets* e romance, ou naufrágios numa costa deserta? Você pode escolher: florestas, ilhas tropicais, montanhas. Ou outra dimensão do espaço — é nisso que eu sou melhor.

Outra dimensão do espaço? Ah, realmente!

Não zomba, é um endereço útil. Qualquer coisa que você queira pode acontecer lá. Espaçonaves e uniformes colados no corpo, armas que soltam raios, marcianos com corpos de lulas gigantescas, esse tipo de coisa.

Você escolhe, ela diz. O profissional é você. Que tal um deserto? Eu sempre quis visitar um. Com um oásis, é claro. Seria simpático ter umas tamareiras. Ela está tirando a casca do sanduíche. Ela não gosta de casca.

Não tem muito o que inventar, com desertos. Existem poucos elementos, a menos que você acrescente alguns túmulos. Então você pode ter um bando de mulheres nuas que estão mortas há três mil anos, com corpos flexíveis e roliços, lábios cor de rubi, cabelos cor de cobalto numa espuma de cachos desarrumados, e olhos como poços cheios de serpentes. Mas não acho que eu vá conseguir impor esta idéia a você. O sensacionalismo não faz seu gênero.

Nunca se sabe. Eu poderia gostar delas.

Duvido. Elas são para as massas desorganizadas. Entretanto, são populares na cama — elas se contorcem por cima de um cara, têm de

ser afastadas com a coronha do rifle.

Posso ter uma outra dimensão do espaço, e também os túmulos e as mulheres mortas, por favor?

Esse é um pedido difícil, mas vou ver o que posso fazer. Posso acrescentar também algumas virgens prontas para o sacrifício, com sutiãs de metal, correntes prateadas no tornozelo e vestimentas diáfanas. E uma matilha de lobos famintos de lambuja.

Estou vendo que você não vai parar.

Prefere então os *dinner jackets*? Navios de cruzeiro, lençóis brancos, beijos no pulso e sentimentalismo hipócrita?

Não. Tudo bem. Faça o que achar melhor.

Cigarro?

Ela sacode a cabeça negativamente. Ele acende o cigarro, riscando o fósforo na unha do polegar.

Você vai acabar pondo fogo em si mesmo, ela diz.

Nunca aconteceu até hoje.

Ela contempla a manga arregaçada da camisa dele, branca ou azul-clara, depois seu pulso, a pele mais escura da sua mão. Ele irradia luz, deve ser o reflexo do sol.

Por que não está todo mundo olhando? Ainda assim, ele é conspícuo demais para estar ali — ao ar livre. Há outras pessoas em volta, sentadas na grama ou deitadas nela, apoiadas nos cotovelos — outras pessoas fazendo piquenique, com suas roupas claras de verão. É tudo muito correto. No entanto, ela tem a sensação de que eles dois estão sozinhos; como se a macieira sob a qual estão sentados não fosse uma árvore e sim uma barraca; como se houvesse uma linha

desenhada em volta deles com giz. Dentro dessa linha, eles são invisíveis.

Que seja o espaço então, ele diz. Com túmulos, virgens e lobos — mas à prestação. Concorda?

A prestação?

Você sabe, como móveis.

Ela ri.

Não, eu estou falando sério. Você não pode regatear, isto pode levar dias. Vamos ter de nos encontrar de novo.

Ela hesita. Está bem, ela diz. Se eu puder. Se conseguir dar um jeito.

Ótimo, ele diz. Agora eu tenho de pensar. Ele mantém um tom de voz casual. Muita insistência poderia assustá-la.

No planeta... vamos ver. Saturno não, é perto demais. No planeta Zicron, localizado em outra dimensão do espaço, existe uma planície coberta de cascalho. Para o norte fica o oceano, cuja cor é violeta. A oeste, uma cadeia de montanhas, onde dizem que, depois que o sol se põe, vagueiam mulheres vorazes que habitam as ruínas dos túmulos ali existentes. Veja só, eu não esqueci de colocar os túmulos.

Isso foi muita gentileza sua, ela diz.

Eu cumpro as minhas promessas. Para o sul tem uma faixa de areia quente e, a leste, existem diversos sulcos profundos que um dia podem ter sido rios.

Suponho que existam canais, como em Marte?

Ah, canais e tudo o mais. Vestígios abundantes de uma antiga e remota civilização altamente desenvolvida, embora esta região seja agora apenas esparsamente habitada por bandos de nômades primitivos. No meio da planície há um grande monte de pedras. A terra ao redor é árida, com uns poucos arbustos espinhentos. Não exatamente um deserto, mas bem próximo de um. Sobrou algum sanduíche de queijo?

Ela procura no saco de papel. Não, ela diz, mas ainda tem um ovo cozido. Ela nunca foi tão feliz antes. Tudo é novo outra vez, ainda por ser encenado.

Exatamente o que o médico receitou, ele diz. Uma garrafa de limonada, um ovo cozido, e Você. Ele rola o ovo entre as palmas das mãos, quebrando a casca e em seguida descascando-o. Ela observa sua boca, o queixo, os dentes.

Ao meu lado, cantando no parque, ela diz. Toma aqui o sal para pôr no ovo.

Obrigado. Você se lembrou de tudo.

Esta planície árida não pertence a ninguém, ele prossegue. Ou melhor, sua posse é reclamada por cinco tribos diferentes, nenhuma forte o bastante para aniquilar as outras. Todas elas passam por essa montanha de pedras de tempos em tempos, pastoreando seus *thulks* — criaturas azuis parecidas com ovelhas, de temperamento irascível — ou transportando mercadorias de pouco valor em seus animais de carga, uma espécie de camelo de três olhos.

O monte de pedras é chamado, em suas diversas línguas, de O Covil das Serpentes Aladas, A Montanha de Cascalho, A Morada das

Mães ditadoras, O Portal do Esquecimento e O Poço dos Ossos Corroídos. Cada tribo conta uma história semelhante a respeito dele. Debaixo das pedras, dizem eles, está enterrado um rei — um rei sem nome.

Não só o rei, mas os restos da cidade magnífica que este rei governou um dia. A cidade foi destruída numa batalha, e o rei foi capturado e enforcado numa tamareira como sinal de triunfo. Quando a lua surgiu, ele foi retirado e enterrado, e as pedras foram empilhadas para marcar o lugar. Quanto aos outros habitantes da cidade, eles foram todos mortos. Chacinados — homens, mulheres, crianças, bebês, até os animais. Mortos com a espada, cortados em pedaços. Nenhum ser vivo foi poupado.

Isso é horrível.

Basta enterrar uma pá em algum lugar e algo de terrível surgirá. Bom para o negócio, nós prosperamos com ossos; sem eles não haveria histórias. Sobrou limonada?

Não, ela diz. Nós bebemos toda. Continue.

O nome verdadeiro da cidade foi apagado da lembrança pelos conquistadores, e é por isso — dizem os contadores de história — que o lugar agora é conhecido apenas pelo nome da sua própria destruição. A pilha de pedras marca, então, tanto um ato de recordação proposital quanto um ato de esquecimento proposital. Adoram paradoxos nessa região. Cada uma das cinco tribos afirma ter sido o agressor vitorioso.

Cada uma delas recorda a matança com prazer. Cada uma acredita que ela foi ordenada pelo seu próprio deus como uma vingança justa,

por causa das práticas pagãs realizadas na cidade. O mal deve ser lavado com sangue, eles dizem. Naquele dia o sangue correu como água, então, depois, deve ter ficado tudo muito limpo.

Cada pastor ou mercador que passa coloca mais uma pedra sobre a pilha. É um velho costume — você faz isso em memória dos mortos, os seus próprios mortos —, mas como ninguém sabe quem são realmente os mortos debaixo da pilha de pedras, todos deixam a sua pedra só para se precaver. Eles se explicam dizendo que o que aconteceu ali deve ter sido pela vontade do deus deles, e que deixando uma pedra eles estão honrando esta vontade.

Tem também uma história que afirma que a cidade não foi destruída coisa nenhuma. Em vez disso, por meio de um feitiço conhecido apenas pelo rei, a cidade e seus habitantes foram levados dali e substituídos por fantasmas de si mesmos, e só esses fantasmas é que foram queimados e assassinados. A cidade verdadeira foi encolhida e colocada numa caverna debaixo da enorme pilha de pedras. Tudo o que havia nela continua lá, inclusive os palácios e os jardins cheios de árvores e flores; inclusive as pessoas, não maiores que formigas, mas vivendo suas vidas como antes — usando suas roupas pequeninas, dando os seus pequenos banquetes, contando suas pequenas histórias, cantando suas pequenas canções.

O rei sabe o que aconteceu e isto lhe provoca pesadelos, mas o resto não sabe. Não sabe que todos ficaram tão pequenos. Eles não sabem que supostamente estão mortos. Nem mesmo sabem que foram salvos. Para eles, o teto de rochas parece um céu; a luz entra pelos buraquinhos entre as pedras, e eles pensam que é o sol.

As folhas da macieira farfalham. Ela olha para o céu, depois para o relógio. Estou com frio, ela diz. Também estou atrasada. Você pode jogar fora as evidências?

Ela junta cascas de ovo, amassa papel encerado.

Por que a pressa? Não está frio aqui.

Há uma brisa vindo da água, ela diz. O vento deve ter mudado. Ela se inclina para a frente, preparando-se para se levantar.

Não vá ainda, ele diz depressa demais.

Tenho de ir. Devem estar me procurando. Se eu me atrasar, vão querer saber onde estive.

Ela alisa a saia, abraça o corpo com os braços, vira-se de costas, as pequenas maçãs verdes vigiando-a como olhos.

The Globe and Mail, 4 de junho de 1947

GRIFFEN ENCONTRADO EM VELEIRO

ESPECIAL PARA O THE GLOBE AND MAIL

Após uma ausência inexplicável de vários dias, o corpo do industrial Richard E. Griffen, de 47 anos, considerado o provável candidato do Partido Conservador Progressista para o distrito de St. David, em Toronto, foi encontrado perto da sua residência de verão de "Avilion" em Port Ticonderoga, onde estava passando as férias. O sr. Griffen foi encontrado no seu veleiro, o *Water Nixie*, que estava atracado no seu cais particular no rio Jogues. Aparentemente, ele havia sofrido uma hemorragia cerebral. A polícia diz que não há suspeita de crime.

O sr. Griffen teve uma importante carreira como chefe de um império comercial que compreendia várias áreas, como tecidos, roupas e indústria leve, e foi condecorado por seus esforços em suprir as tropas Aliadas de peças de uniforme e componentes de armas durante a guerra. Ele participou com frequência das Conferências de Pugwash e foi uma figura proeminente tanto no Empire Club quanto no Granite Club. Era exímio golfista e figura muito conhecida no Royal Canadian Yacht Club. O primeiro-ministro, contactado por telefone na sua propriedade particular de "Kingsmere", comentou: "O sr. Griffen era um dos homens mais capazes deste país. Sua perda será profundamente sentida."

O Sr. Griffen era cunhado de Laura Chase, já falecida, que

estreou, postumamente, como escritora nesta primavera, e deixa sua irmã, sra. Winifred (Griffen) Prior, muito conhecida na alta sociedade, e sua esposa, sra. Iris (Chase) Griffen, bem como sua filha Aimee, de dez anos. O enterro será em Toronto, na igreja de São Simão, o Apóstolo, na quarta-feira.

O assassino cego: O banco do parque

Por que havia gente em Zicron? Quer dizer, seres humanos como nós. Se é uma outra dimensão do espaço, os habitantes não deveriam ser lagartos falantes ou algo semelhante?

Só em gibis, ele diz. Isso é tudo inventado. Na realidade, foi assim: a Terra foi colonizada pelos zicronianos, que desenvolveram a habilidade de viajar de uma dimensão espacial para outra num período de vários milênios depois da época a que nos referimos. Eles chegaram aqui há oito mil anos. Trouxeram com eles um monte de sementes, e é por isso que nós temos maçãs e laranjas, sem falar nas bananas — basta olhar para uma banana e você vê imediatamente que ela veio do espaço. Eles também trouxeram animais cavalos, cachorros, cabras e assim por diante. Eles foram os construtores de Atlântida. Depois destruíram a si mesmos porque eram espertos demais. Nós descendemos dos desgarrados.

Ah, ela diz. Então a explicação é essa. Muito conveniente para você.

Isso serve para uma emergência. Quanto às outras peculiaridades de Zicron, ele tem sete mares, cinco luas e três sóis, de diferentes intensidades e cores.

Que cores? Chocolate, baunilha e morango?

Você não está me levando a sério.

Desculpe. Ela inclina a cabeça na direção dele. Agora eu estou prestando atenção. Está vendo?

Ele diz: Antes da sua destruição, a cidade — vamos chamá-la pelo seu antigo nome, Sakiel-Norn, que se pode traduzir grosseiramente como A Pérola do Destino — era considerada como a maravilha do mundo. Até mesmo aqueles que afirmam que seus antepassados a destruíram sentem muito prazer em descrever sua beleza. Águas minerais jorravam de fontes construídas em pátios ladrilhados e jardins dos seus numerosos palácios. As flores eram abundantes e o ar estava repleto de passarinhos cantando.

Havia planícies exuberantes nos arredores, onde rebanhos de gordos *gnarr* pastavam, e pomares, bosques e florestas de árvores gigantescas que ainda não haviam sido derrubadas pelos comerciantes nem queimadas pelos inimigos rancorosos. As ravinas secas eram rios na época; canais saindo deles irrigavam os campos ao redor da cidade e o solo era tão rico que diziam que os grãos mediam sete centímetros.

Os aristocratas de Sakiel-Norn eram chamados de *snilfards*. Eles eram exímios artesãos em metal e inventores de engenhosos instrumentos mecânicos, cujo segredo guardavam a sete chaves. Naquela época eles já tinham inventado o relógio, a besta e a bomba manual, embora ainda não tivessem chegado ao motor de combustão interna e ainda usassem animais para transporte.

Os *snilfards* homens usavam máscaras de fio de platina, que se moviam quando a pele do rosto deles se movia, mas que serviam para ocultar suas verdadeiras emoções.

As mulheres cobriam os rostos com um pano parecido com seda, feito do casulo da mariposa *chaz*. Estava sujeito à pena de morte

quem cobrisse o rosto sem ser um *snilfard*, uma vez que impenetrabilidade e subterfúgio eram privilégios da nobreza. Os *snilfards* vestiam-se luxuosamente e eram conhecedores de música, e tocavam diversos instrumentos para exhibir seu bom gosto e sua habilidade. Eles se compraziam com intrigas da corte, davam festas magníficas e se apaixonavam requintadamente pelas mulheres uns dos outros. Havia duelos por causa disso, embora fosse mais aceitável num marido fingir que não sabia.

Os pequenos proprietários, servos e escravos eram chamados de *igni rods*. Eles usavam túnicas cinzentas ordinárias, com um dos ombros de fora, e um dos seios também no caso das mulheres, que eram — nem precisa dizer — presas fáceis para os homens *snilfard*. Os *igni rods* ressentiam-se de sua sorte, mas ocultavam esse ressentimento sob uma falsa estupidez. De vez em quando, encenavam uma revolta, que era então selvagemmente reprimida. Os mais humildes dentre eles eram escravos, que podiam ser comprados e vendidos e também mortos à vontade. Eles eram proibidos por lei de ler, mas possuíam códigos secretos, que desenhavam na areia com pedras. Os *snilfards* os prendiam nos arados com rédeas.

Se um *snilfard* falisse, ele podia ser rebaixado a *ignirod*. Ou poderia evitar esta sina vendendo a esposa ou os filhos a fim de pagar sua dívida. Era muito mais raro que um *ignirod* alcançasse o *status* de um *snilfard*, uma vez que subir é geralmente mais difícil que descer: mesmo que ele conseguisse juntar o dinheiro necessário e comprasse uma noiva *snilfard* para si mesmo ou para o filho, havia necessidade de algum suborno, e podia demorar algum tempo até que ele fosse aceito pela sociedade *snilfard*.

Suponho que isto seja a expressão do seu bolchevismo, ela diz.

Eu sabia que você ia acabar nisso mais cedo ou mais tarde.

Pelo contrário. A cultura que eu descrevi está baseada na antiga Mesopotâmia. Está no Código de Hamurabi, nas leis dos hititas e assim por diante. Pelo menos parte dela. A parte sobre os véus pelo menos está, e aquela sobre vender a esposa. Eu podia citar o capítulo e o verso para você.

Não cite hoje não, por favor, ela diz. Não tenho forças para isso. Estou mole demais. Estou me desmilingüindo.

É agosto, faz calor demais. A umidade paira sobre eles numa névoa invisível. Quatro da tarde, a luminosidade parece manteiga derretida. Eles estão sentados num banco de parque, não muito perto um do outro; um bordo de folhas exaustas sobre eles, terra rachada sob seus pés, grama ressecada em volta. Uma casca de pão bicada por pardais, papéis amassados. Não a melhor área. Um bebedouro pingando; três crianças sujas, uma menina de maiô e dois meninos de *short* estão conspirando ao lado dele.

O vestido dela é amarelo-claro; seus braços estão nus dos cotovelos para baixo, cobertos por uma fina penugem. Ela tirou as luvas de algodão, fez uma bola com elas, as mãos nervosas. Ele não liga para o nervosismo dela: ele gosta de pensar que já está custando alguma coisa a ela. Ela está usando um chapéu de palha, redondo como o de uma colegial; seu cabelo está preso para trás, com uma mecha solta. As pessoas costumavam cortar mechas de cabelo, guardá-las, usá-las em medalhões; ou, se fossem homens, perto do coração. Ele nunca entendera o motivo, antes.

Onde pensam que você está?, ele diz.

Fazendo compras. Veja a minha sacola de compras. Comprei um par de meias; muito boas — da mais fina seda. É como se você não estivesse de meias. Ela dá um sorriso ligeiro. Eu só tenho quinze minutos.

Ela deixou cair uma luva, está ao lado do pé dela. Ele está de olho na luva. Se ela for embora esquecendo-a ali, ele vai apanhá-la. Cheirá-la, na ausência dela.

Quando posso vê-la?, ele diz. A brisa quente sacode as folhas, a claridade penetra por elas, há pólen por toda a volta, uma nuvem amarela. Poeira, na verdade.

Você já está me vendo, ela diz.

Não faz assim, ele diz. Me diz quando. A pele no "V" do vestido dela brilha, com uma película de suor.

Eu ainda não sei, ela diz. Ela olha por cima do ombro, examina o parque.

Não há ninguém por aqui, ele diz. Ninguém que você conheça.

Você nunca sabe quando haverá, ela diz. Você nunca sabe quem você conhece.

Você devia comprar um cachorro, ele diz.

Ela ri. Um cachorro? Por quê?

Aí você teria uma desculpa. Poderia levá-lo para passear. A mim e ao cachorro.

O cachorro teria ciúmes de você, ela diz. E você ia achar que eu gostava mais do cachorro.

Mas você não ia gostar mais do cachorro, ele diz. Ia?

Ela arregala os olhos. Por que não?

Ele diz, cachorros não sabem falar.

The Toronto Star, 25 de agosto de 1975

SOBRINHA DE ESCRITORA SOFRE QUEDA FATAL

ESPECIAL PARA O STAR

Aimee Griffen, de 38 anos, filha do conhecido industrial, já falecido, Richard E. Griffen, e sobrinha da famosa escritora Laura Chase, foi encontrada morta em seu apartamento na Church Street, na quarta-feira, com o pescoço quebrado em decorrência de uma queda. Aparentemente, ela já estava morta há pelo menos um dia. Os vizinhos, Jos e Beatrice Kelley, foram alertados pela filha de quatro anos da srta. Griffen, Sabrina, que freqüentemente os procurava para pedir comida quando sua mãe não conseguia ser localizada.

Dizem que a srta. Griffen travou uma longa batalha com o álcool e as drogas, tendo sido hospitalizada em diversas ocasiões. Sua filha foi entregue aos cuidados da sra. Winifred Prior, sua tia-avó, aguardando uma investigação. Nem a sra. Prior nem a mãe de Aimee Griffen, sra. Iris Griffen, de Port Ticonderoga, se dispuseram a comentar o fato.

Este triste caso é mais um exemplo da precariedade do nosso serviço de assistência social, e da necessidade de melhoria da legislação, a fim de proteger melhor as crianças em situação de risco.

O assassino cego: Os tapetes

A linha apita e estala. Está trovejando ou alguém está escutando? Mas é um telefone público, não podem localizá-lo.

Onde você está?, ela diz. Você não devia ligar para cá.

Ele não consegue ouvi-la respirar, ouvir sua respiração. Ele quer que ela encoste o fone na garganta, mas não vai pedir isso, ainda não. Eu estou aqui na esquina, ele diz. A dois quarteirões de distância. Posso ir até o parque, aquele pequeno, com o relógio de sol.

Ah, eu acho que não...

Dê uma fugida. Diga que precisa tomar um pouco de ar. Ele fica esperando.

Vou tentar.

Na entrada do parque há dois portais de pedra, com quatro lados, chanfrados no topo, estilo egípcio. Sem qualquer inscrição triunfal, no entanto, nem baixos-relevos nem inimigos acorrentados, de joelhos. Apenas *É Proibido Vadiagem e Mantenha os Cães na Guia*.

Vem para cá, ele diz. Sai de perto do poste de luz.

Eu não posso ficar muito tempo.

Eu sei. Vem até aqui atrás. Ele a segura pelo braço, levando-a; ela está tremendo como um fio elétrico numa ventania.

Pronto, ele diz. Ninguém pode nos ver. Nenhuma senhora idosa passeando com o seu *poodle*.

Nenhum policial com cassetetes, ela diz. Ela dá uma breve risada. A luz do poste se infiltra através das folhas; sob ela, o branco dos seus olhos brilha. Eu não devia estar aqui, ela diz. É arriscado demais.

Tem um banco de pedra apertado entre uns arbustos. Ele coloca seu paletó nos ombros dela. Um velho *tweed*, um velho tabaco, um cheiro chamuscado. Um toque de sal.

A pele dele esteve ali, perto do pano, e agora é a dela que está.

Pronto, você vai ficar mais aquecida. Agora vamos desafiar a lei. Vamos vadiar.

E quanto a Manter os Cães na Guia?

Vamos desafiar isso também. Ele não coloca o braço ao redor dela. Ele sabe que ela quer que ele faça isso. É o que ela está esperando; ela sente o toque antecipadamente, como os pássaros sentem a sombra. Ele está com o cigarro aceso. Oferece um a ela; desta vez ela aceita. Um breve clarão do fósforo dentro das mãos deles em cuia. Pontas de dedos vermelhas.

Ela pensa, Uma chama mais forte e veríamos os ossos. É como raios X. Nós somos apenas uma espécie de névoa, apenas água colorida. Água faz o que quer. Sempre desce morro abaixo. A garganta dela se enche de fumaça.

Ele diz, Agora vou contar-lhe sobre as crianças.

As crianças? Que crianças?

O próximo episódio. Sobre Zicron, sobre Sakiel-Norn.

Ah. Sim.

Há crianças nele.

Nós não dissemos nada sobre crianças.

São crianças escravas. São necessárias. Eu não posso prosseguir sem elas.

Acho que eu não quero nenhuma criança envolvida, ela diz.

Você pode sempre me mandar parar. Ninguém a está forçando. Você está livre para ir, como diz a polícia quando você tem sorte. Ele mantém um tom de voz normal. Ela não se mexe.

Ele diz: Sakiel-Norn é agora um monte de pedras, mas um dia foi um próspero centro de comércio e troca. Ficava num cruzamento entre três estradas — uma que vinha do leste, outra que vinha do oeste e outra que vinha do sul. Ele se ligava com o norte por um largo canal que ia dar no próprio mar, onde havia um cais bem protegido. Não resta nenhum traço dessas escavações nem desses muros protetores: depois de sua destruição, os blocos de pedra foram levados pelos inimigos ou por estrangeiros para serem usados em seus abrigos para animais, em suas gamelas de água e em seus fortes grosseiros, ou então foram enterrados na areia pelas ondas e pelo vento.

O canal e o cais foram construídos por escravos, o que não causa surpresa: foi por meio dos escravos que Sakiel-Norn alcançou sua magnificência e seu poder. Mas a cidade era conhecida também pelo seu artesanato, especialmente a tecelagem. O segredo das tinturas usadas por seus artesãos era cuidadosamente guardado: seus panos brilhavam como mel líquido, como uvas roxas amassadas, como uma xícara de sangue de boi derramado ao sol. Seus véus delicados eram leves como teias de aranha, e seus tapetes tão macios e finos que você pensava que estava andando no ar, um ar que se parecia com flores e

com água correndo.

Isso é muito poético, ela diz. Eu estou surpresa.

Pense nela como uma loja de departamentos, ele diz. No fundo são apenas mercadorias de luxo. Assim fica menos poético.

Os tapetes eram tecidos por escravos, que eram invariavelmente crianças, porque só dedos de crianças eram suficientemente pequenos para um trabalho tão delicado. Mas o trabalho incessante exigido dessas crianças fazia com que elas ficassem cegas por volta dos oito ou nove anos, e a cegueira delas era a medida pela qual os negociantes de tapetes avaliavam e exaltavam sua mercadoria: *Este tapete cegou dez crianças*, eles diziam. *Este aqui cegou quinze, este outro vinte*. Uma vez que o preço subia na mesma proporção, eles sempre exageravam. Era costume o comprador duvidar do que eles diziam. *Com certeza não mais que sete, que doze, que dezesseis*, eles diziam, examinando o tapete com os dedos. *É áspero como um pano de chão. Não passa de um cobertor de mendigo. Foi feito por um gnarr*.

Uma vez cegas, as crianças eram vendidas para donos de bordéis, tanto as meninas quanto os meninos. Os serviços das crianças que tinham ficado cegas desse jeito valiam uma fortuna; o toque delas era tão suave e preciso, diziam, que sob seus dedos você podia sentir as flores se abrindo e a água jorrando da sua própria pele.

Elas também eram muito hábeis em abrir fechaduras. Aquelas que conseguiam escapar abraçavam a profissão de cortar gargantas no escuro e eram muito procuradas como assassinos de aluguel. Sua audição era apurada; elas conseguiam andar sem fazer nenhum ruído, e passar através de aberturas mínimas; diferenciavam pelo

cheiro uma pessoa que dormia profundamente de outra que sonhava agitadamente. Matavam tão suavemente como se fosse uma mariposa roçando pelo seu pescoço. Eram consideradas impiedosas. Eram muito temidas.

As histórias que as crianças murmuravam umas para as outras — enquanto teciam seus tapetes sem fim — eram sobre essa possível forma de vida futura. Havia um ditado entre elas de que apenas os cegos são livres.

Isso é muito triste, ela murmura. Por que você está me contando uma história tão triste?

Eles agora estão mais protegidos pela escuridão. Seus braços finalmente a enlaçam. Vai com calma, ele pensa. Nenhum movimento brusco. Ele se concentra na própria respiração.

Eu conto para você as histórias que sei contar, ele diz. E também histórias em que você possa acreditar. Você não acreditaria em bobagens açucaradas, não é?

Não. Eu não acreditaria.

Além disso, não é uma história triste, completamente — algumas delas escaparam.

Mas se tornaram cortadores de garganta.

Elas não tiveram muita escolha, tiveram? Não podiam tornar-se negociantes de tapetes e nem donas de bordéis. Não tinham capital para isso. Então tiveram de fazer o trabalho sujo. Azar o delas.

Não faz isso, ela diz. A culpa não é minha.

E nem minha. Vamos dizer que estamos pagando pelos pecados

dos nossos pais.

Isso foi desnecessariamente cruel, ela diz friamente.

Quando é que a crueldade é necessária?, ele diz. E até que ponto? Leia o jornal, eu não inventei o mundo. De qualquer maneira, eu estou do lado dos cortadores de garganta. Se você tivesse de cortar gargantas ou passar fome, o que você faria? Ou trepar para viver, sempre resta essa possibilidade.

Agora ele foi longe demais. Ele deixou transparecer sua raiva. Ela se afasta dele. Agora está vindo, ela diz. Eu preciso voltar. As folhas em volta deles se agitam loucamente. Ela estende a mão, com a palma para cima; caem algumas gotas de chuva. A tempestade está mais próxima agora. Ela tira o paletó dele do ombro. Ele não a beijou; nem vai beijá-la, esta noite não. Ela sente isso como uma repreensão.

Fica parada na janela, ele diz. Na janela do seu quarto. Deixa a luz acesa. Só fica parada, mais nada.

Ele a assustou. Por quê? Que idéia é essa?

Eu quero que você faça isso. Quero ter certeza que você está segura, ele acrescenta, embora segurança não tenha nada a ver com isso.

Vou tentar, ela diz. Só por um minuto. Onde você vai estar?

Debaixo da árvore. Do castanheiro. Você não me verá, mas eu estarei lá.

Ela pensa, Ele sabe onde é a janela. Ele sabe qual o tipo de árvore. Ele deve ter andado espionando. Vigiando-a. Ela estremece de leve.

Está chovendo, ela diz. Vai cair um toró. Você vai se molhar.
Não está frio, ele diz. Vou ficar esperando.

The Globe and Mail, 19 de fevereiro de 1998

PRIOR, Winifred Griffen. Aos 92 anos de idade, em sua casa em Rosedale, após uma enfermidade prolongada. Com a morte da sra. Prior, grande filantropa, a cidade de Toronto perdeu uma de suas mais leais e antigas benfeitoras. Irmã do industrial Richard Griffen, já falecido, e cunhada da famosa escritora Laura Chase, a sra. Prior fez parte do conselho da Orquestra Sinfônica de Toronto durante seus primeiros anos, e mais recentemente do Comitê Voluntário da Art Gallery de Ontario e da Sociedade Canadense do Câncer. Ela também foi um ativo membro do Granite Club, do Heliconian Club, da Júnior League e do Dominion Drama Festival. Deixa uma sobrinha-neta, Sabrina Griffen, atualmente em viagem pela Índia.

A cerimônia fúnebre será na terça-feira de manhã, na igreja de São Simão, o Apóstolo, saindo o féretro para o cemitério de Mount Pleasant. Em lugar de flores, solicitam-se donativos para o hospital Princess Margaret.

O assassino cego: O coração de batom

Quanto tempo nós temos?, ele diz.

Bastante, ela diz. Duas ou três horas. Eles saíram por aí.

Fazendo o quê?

Não sei. Ganhando dinheiro. Comprando coisas. Fazendo caridade. O que quer que seja. Ela prende uma mecha de cabelo atrás da orelha, endireita as costas na cadeira.

Ela se sente disponível, pronta para correr ao primeiro aceno. Uma sensação barata. De quem é este carro?, ela diz.

De um amigo. Eu sou uma pessoa importante, tenho um amigo que tem carro.

Você está debochando de mim, ela diz. Ele não responde. Ela puxa os dedos de uma luva. E se alguém nos vir?

Só vão ver o carro. Este carro é um calhambeque, é um carro de pobre. Mesmo que olhem diretamente para você, não a verão, porque uma mulher como você supostamente não é encontrada morta num carro como este.

Às vezes você não gosta muito de mim, ela diz.

Atualmente eu não consigo pensar em outra coisa, ele diz. Mas gostar é diferente. Gostar exige tempo. Eu não tenho tempo para *gostar* de você. Não posso me concentrar nisso.

Aqui não, ela diz. Olha a placa.

Placas são para outras pessoas, ele diz. Aqui — aqui adiante.

O caminho não passa de uma picada. Lenços de papel usados, embalagens de chicletes, preservativos usados parecendo bexigas de peixe. Garrafas e pedras; lama seca, cheia de sulcos e rachaduras. Ela está com o tipo errado de sapato, o tipo errado de salto. Ele dá o braço a ela, firmando-a. Ela se afasta.

É um lugar descampado. Alguém pode ver.

Alguém quem? Nós estamos debaixo da ponte.

A polícia. Não. Ainda não.

A polícia não fica xeretando por aí em plena luz do dia, ele diz. Só à noite, com suas lanternas, procurando depravados.

Vagabundos, então. Maníacos.

Aqui, ele diz. Aqui embaixo. Na penumbra.

Tem alguma planta venenosa?

Nenhuma. Eu juro. Nem vagabundos nem maníacos também, a não ser eu.

Como é que você sabe? Sobre as plantas venenosas. Você já esteve aqui antes?

Não fique tão preocupada, ele diz. Deita aqui.

Não. Assim você vai rasgar. Espera um pouco.

Ela ouve a própria voz. Não é a sua voz, está ofegante demais.

Tem um coração desenhado a batom no cimento, cercando quatro iniciais. Um A as une: A de *Amor*. Só as pessoas envolvidas saberiam a quem pertencem as iniciais — que eles tinham estado ali, que haviam feito isso. Proclamando o amor, omitindo os detalhes.

Do lado de fora do coração, quatro outras letras, como os quatro pontos de uma bússola.

F O

D A

A palavra rasgada, exposta: a implacável topografia do sexo.

Gosto de fumaça na boca dele, de sal na dela; ao redor, o cheiro de plantas esmagadas e de gato, de cantos sujos. Umidade e vegetação, terra nos joelhos, sujeira e luxúria; compridos dentes-de-leão esticando-se na direção da luz.

Abaixo de onde eles estão deitados, o murmúrio de um riacho. Acima, galhos frondosos, trepadeiras com flores roxas; os altos pilares da ponte erguendo-se, as vigas de metal, as rodas passando acima das cabeças; o céu azul estilhaçado. Terra dura sob as costas dela.

Ele alisa a testa dela, passa um dedo pelo seu rosto. Você não devia me adorar, ele diz. Eu não tenho o único pau do mundo. Um dia você vai descobrir isso.

Não se trata disso, ela diz. Além disso, eu não adoro você. Ele já a está empurrando para o futuro.

Bem, seja como for, você vai ter mais disso, quando eu não estiver mais no seu pé.

E o que você quer dizer com isso, exatamente? Você não está no meu pé.

Que existe vida depois da vida, ele diz. Depois da nossa vida.

Vamos mudar de assunto.

Está bem, ele diz. Torna a deitar. Põe sua cabeça aqui. Afastando a camisa molhada. Seu braço rodeando-a, sua outra mão enfiada no bolso à procura de cigarro, depois acendendo o fósforo na unha do polegar. A orelha dela apoiada na depressão do ombro dele.

Ele diz: Bem, onde eu estava?

Nos tecelões de tapetes. Nas crianças cegas.

Ah, sim, eu me lembro.

Ele diz: A riqueza de Sakiel-Norn baseava-se nos escravos, e especialmente nas crianças escravas que teciam seus famosos tapetes. Mas dava azar falar nisso. Os *snilfards* diziam que sua riqueza não dependia dos escravos e sim da sua própria virtude e pensamento correto — isto é, dos sacrifícios apropriados feitos aos deuses.

Havia um monte de deuses. Deuses sempre ajudam, servem de justificativa para quase tudo, e os deuses de Sakiel-Norn não eram nenhuma exceção. Todos eles eram carnívoros; gostavam de sacrifícios de animais, mas o que mais apreciavam era sangue humano. Na fundação da cidade, ocorrida há tanto tempo que havia virado lenda, dizia-se que nove antepassados devotos haviam oferecido os próprios filhos para serem enterrados como guardiães sagrados sob seus nove portões.

Cada uma das quatro direções tinha dois desses portões: um para sair e um para entrar: sair pelo mesmo portão que você tinha entrado significava morte prematura. A porta do nono portão era

uma laje horizontal de mármore no alto de uma colina no centro da cidade; ela se abria sem se mover, e oscilava entre a vida e a morte, entre a carne e o espírito. Essa era a porta por meio da qual os deuses entravam e saíam: eles não precisavam de duas portas porque, ao contrário dos mortais, podiam estar nos dois lados de uma porta ao mesmo tempo. Os profetas de Sakiel-Norn tinham um ditado: *Qual é a verdadeira respiração do homem — a inspiração ou a expiração?* Esta era a natureza dos deuses.

O nono portão era também o altar no qual era derramado o sangue do sacrifício. Os meninos eram consagrados ao Deus dos Três Sóis, que era o deus do dia, das luzes claras, dos palácios, das festas, das fornalhas, das guerras, da bebida, das entradas e das palavras; as meninas eram consagradas à Deusa das Cinco Luas, padroeira da noite, das brumas e das sombras, da fome, das cavernas, do parto, das saídas e dos silêncios. Os meninos tinham a cabeça esmagada no altar com um porrete e depois eram atirados na boca do deus, que ficava na direção de uma enorme fornalha. As meninas tinham suas gargantas cortadas e seu sangue retirado para encher as cinco luas minguentes, para que elas não desaparecessem para sempre.

Nove meninas eram oferecidas todos os anos, em honra das nove meninas enterradas nos portões da cidade. Aquelas sacrificadas eram conhecidas como "as donzelas da Deusa", e preces, flores e incenso eram oferecidos a elas para que elas intercedessem em favor dos vivos. Os últimos três meses do ano eram chamados de "meses sem rosto"; eram os meses nos quais nenhum grão crescia, e diziam que a Deusa estava jejuando. Durante este tempo, o Deus-Sol no seu aspecto guerreiro e as fornalhas detinham o poder e as mães de meninos vestiam-nos com roupas de mulher para protegê-los.

A lei determinava que as famílias *snilfard* mais nobres deviam sacrificar pelo menos uma de suas filhas. Era um insulto à Deusa oferecer alguma que tivesse algum defeito ou imperfeição, e com o passar do tempo os *snilfards* começaram a mutilar suas meninas para que elas fossem poupadas: eles decepavam um dedo ou o lóbulo de uma orelha, ou alguma outra parte pequena. Em pouco tempo, a mutilação tornou-se apenas simbólica: uma tatuagem azul alongada no "V" da clavícula. Era um pecado capital uma mulher possuir uma dessas marcas de casta se ela não fosse uma *snilfard*, mas os donos de bordéis, sempre ambiciosos, aplicavam-nas com tinta nas suas jovens prostitutas que sabiam simular altivez. Isto atraía aqueles clientes que queriam sentir que estavam violentando alguma princesa *snilfard* de sangue azul.

Ao mesmo tempo, os *snilfards* passaram a adotar crianças enjeitadas filhas de escravas e seus senhores, na maioria das vezes — e a usá-las para substituir suas filhas legítimas. Era trapaça, mas as famílias nobres eram poderosas, então as autoridades fingiam que não estavam vendo.

Depois as famílias nobres ficaram ainda mais preguiçosas. Não queriam mais ter o trabalho de criar as meninas em sua própria casa, então simplesmente entregavam-nas ao Templo da Deusa, pagando um bom dinheiro pelo sustento delas. Como a menina usava o nome da família, eles obtinham o crédito pelo sacrifício. Era como possuir um cavalo de corrida. Esta prática era uma versão adulterada da original, arrogante, mas nessa altura, em Sakiel-Norn, tudo estava à venda.

As meninas consagradas ficavam fechadas dentro do complexo do templo, comiam do bom e do melhor para se conservarem viçosas

e saudáveis e eram rigorosamente treinadas para estarem preparadas para o grande dia capazes de executar sua obrigação com decoro e sem lamentações. O sacrifício ideal devia ser como um balé, era a teoria: imponente e lírico, harmonioso e elegante. Elas não eram animais, para serem chacinadas brutalmente; elas deviam oferecer suas vidas livremente. Muitas acreditavam no que lhes diziam: que o bem-estar de todo o reino dependia da generosidade delas. Elas passavam longas horas rezando, entrando no estado de espírito correto; eram ensinadas a andar com os olhos baixos, e a sorrir com uma gentil melancolia, e a cantar as canções da Deusa, que versavam sobre ausência e silêncio, sobre amor não realizado e arrependimento não expresso, e a ausência de palavras — canções sobre a impossibilidade de cantar.

Mais tempo se passou. Agora, apenas umas poucas pessoas ainda levavam a sério os deuses, e qualquer pessoa que fosse piedosa demais ou praticante era considerada doida. Os cidadãos continuavam a cumprir os antigos ritos porque sempre o haviam feito, mas aquilo não era o verdadeiro negócio da cidade.

Apesar do seu isolamento, algumas meninas acabaram percebendo que estavam sendo assassinadas em nome de um conceito ultrapassado. Algumas tentavam fugir ao ver a faca. Outras passaram a gritar quando eram agarradas pelos cabelos e curvadas de costas sobre o altar, e outras ainda maldiziam o próprio rei, que nessas ocasiões servia de sumo sacerdote. Uma delas chegou até a mordê-lo. Essas demonstrações intermitentes de pânico e de fúria desagradavam o povo, porque traziam um azar tremendo. Ou poderiam trazer, supondo que a Deusa existisse. De todo modo, essas explosões podiam estragar as festividades; todo mundo gostava dos

sacrifícios, até mesmo os *ignirods*, até mesmo os escravos, porque tinham permissão para tirar o dia de folga e para se embebedar.

Portanto, adotou-se o hábito de cortar a língua das meninas três meses antes da data do sacrifício. Isso não era uma mutilação, segundo os sacerdotes, e sim uma melhoria — o que poderia ser mais adequado para as servas da Deusa do Silêncio?

Assim, sem língua, e inchada de palavras que nunca mais poderia pronunciar, cada menina era conduzida em procissão ao som de uma música solene, envolta em véus e coroada de flores, escada acima até a nona porta da cidade. Hoje em dia, pode-se dizer que ela parecia uma noiva enfeitada.

Ela levanta o corpo. Isso é totalmente inoportuno, ela diz. Você quer implicar comigo. Você simplesmente adora a idéia de matar essas pobres meninas com seus véus de noiva. Aposto que elas eram louras.

Não como você, ele diz. Não como tal. De qualquer maneira, eu não estou inventando tudo isso, está tudo firmemente calcado na história. Os hititas...

Tenho certeza que sim, mas você está se deliciando do mesmo jeito com isso. Você é vingativo — não, é ciumento, sabe Deus por quê. Eu não me importo com os hititas, com a história e tudo o mais — isso é só uma desculpa.

Espera um instante. Você concordou com o sacrifício das virgens, você o colocou no cardápio. Eu estou apenas cumprindo ordens. Qual é a sua objeção — o guarda-roupa? Tule demais?

Não vamos brigar, ela diz. Ela sente que está quase chorando, fecha os punhos para parar.

Eu não quis aborrecer você. Vem cá.

Ela empurra o braço dele. Você quis me aborrecer sim. Você gosta de saber que consegue.

Eu achei que isto a distraía. Me ouvir representar. Fazer malabarismos com os adjetivos. Bancar o bufão para você.

Ela estica a saia para baixo, enfia a blusa para dentro. Garotas mortas com véus de noiva, por que isso me divertiria? Com as línguas cortadas. Você deve achar que eu sou um monstro.

Eu retiro tudo isso. Mudo tudo. Reescrevo a história para você. Que tal?

Você não pode, ela diz. As palavras já foram ditas. Você não pode apagar nem meia linha. Eu vou embora. Ela agora está de joelhos, pronta para se levantar.

Ainda temos muito tempo. Deita aqui. Ele segura o pulso dela.

Não. Me solta. Olha onde está o sol. Eles devem estar voltando. Eu posso me encrencar, embora, para você, eu acredito que isto não seja nenhum problema: isto não conta. Você não se importa — tudo o que você quer é uma rápida, uma rápida...

Vamos, fale.

Você sabe o que eu quero dizer, ela diz com uma voz cansada.

Não é verdade. Eu sinto muito. Eu sou o monstro, eu me empolguei. De qualquer maneira, é só uma história.

Ela descansa a testa nos joelhos. Após alguns instantes, ela diz, O

que é que eu vou fazer? Depois... quando você não estiver mais aqui?

Você vai superar isto, ele diz. Você vai viver. Vem aqui, eu vou limpar você.

Mas não sai só limpando.

Vamos abotoar sua roupa, ele diz. Não fica triste.

***Colégio Coronel Henry Parkman e Boletim
da Associação de Ex-alunos, Port
Ticonderoga, maio de 1998***

**SERÁ CONCEDIDO PRÊMIO EM MEMÓRIA DE LAURA
CHASE**

**POR MYRA STURGESS, VICE-PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE
EX-ALUNOS**

O colégio Coronel Henry Parkman foi contemplado com um novo e valioso prêmio pela generosa doação deixada em testamento pela sra. Winifred Griffen Prior, de Toronto, cujo famoso irmão, Richard E. Griffen, deve ser lembrado por todos, uma vez que costumava passar as férias aqui em Port Ticonderoga e gostava de velejar em nosso rio. O prêmio Laura Chase de Redação Criativa, no valor de duzentos dólares, será oferecido a um aluno do último ano pelo melhor conto, conforme o julgamento de três membros da Associação de Ex-alunos, que apresente valores literários e também morais. Nosso diretor, Sr. Eph Evans, declarou: "Somos gratos à sra. Prior por ter se lembrado de nós na ocasião de suas diversas outras doações."

O prêmio é uma homenagem à famosa escritora local, Laura Chase, e será concedido em junho, época da formatura. Sua irmã, sra. Iris Griffen, da família Chase, que tanto contribuiu com a nossa cidade em tempos passados, consentiu graciosamente em entregar o

prêmio ao feliz ganhador, e faltam poucas semanas para isto, portanto digam aos seus filhos para arregaçar as mangas da criatividade e pôr mãos à obra!

A Associação de Ex-alunos irá oferecer um chá no ginásio do colégio logo após a cerimônia de formatura, os ingressos podem ser conseguidos com Myra Sturgess na Gingerbread House, e o dinheiro será usado na compra de novos uniformes de futebol, uma necessidade urgente! A doação de bolos e tortas será bem-vinda, com nozes, castanhas e outros ingredientes claramente indicados, por favor.

III



A cerimônia

Esta manhã acordei com uma sensação de terror. A princípio não consegui localizá-la, mas então me lembrei. Hoje era o dia da cerimônia.

O sol ia alto, o quarto já estava quente demais. A claridade passava através das cortinas de filó e ficava suspensa no ar, sedimento num lago. Minha cabeça parecia uma massa informe. Ainda de camisola, úmida por algum terror que eu devo ter afastado como se fosse folhagem, desvencilhei-me dos lençóis amarfanhados e me obriguei a cumprir os rituais matutinos de sempre — o ritual que executamos para ter uma aparência sadia e aceitável para os outros. O cabelo deve ser escovado depois de ter ficado em pé durante a noite por causa de alguma aparição, a expressão de incredulidade e espanto deve ser lavada dos olhos. Os dentes escovados, prejudicados como estão. Só Deus sabe que ossos andei roendo durante o sono.

Então eu entrei no chuveiro, segurando na barra que Myra me obrigou a mandar colocar, tomando cuidado para não deixar cair o sabonete: eu tenho medo de escorregar. Mas o corpo precisa ser lavado, para tirar da pele o cheiro da escuridão da noite. Eu desconfio que tenho um odor que não consigo mais detectar — um cheiro de carne velha e de mijo turvo, envelhecido.

Seca, coberta de loção e talco, salpicada como se estivesse mofada, eu estava em alguma acepção da palavra *Restaurada*. Só que ainda permanecia a sensação de ausência de peso, ou melhor, de

estar prestes a cair de um despenhadeiro. Cada vez que erguia o pé, eu o pousava provisoriamente, como se o chão pudesse ceder debaixo de mim. Nada a não ser tensão superficial me mantinha no lugar.

Vestir minhas roupas ajudou. Eu não fico na minha melhor forma sem armações. (No entanto, que fim levaram as minhas roupas verdadeiras? Com certeza estes disformes tons pastel e estes sapatos ortopédicos pertencem a outra pessoa. Mas eles são meus; e o que é pior, combinam comigo agora.)

Depois vieram as escadas. Eu tenho pavor de rolar as escadas — de quebrar o pescoço e ficar esparramada no chão, com a calcinha de fora, e depois me desmanchar numa poça fétida antes que alguém pense em vir me procurar. Seria uma forma deselegante de morrer. Fui pisando num degrau de cada vez, agarrada ao corrimão; depois atravessei o corredor até a cozinha, os dedos da minha mão esquerda roçando a parede como os bigodes de um gato. (Eu ainda consigo ver, quase tudo. Eu ainda consigo andar. *Seja grata pelas pequenas graças*, Reenie diria. *Por que seríamos gratas?*, dizia Laura. *Por que elas são tão pequenas?*)

Eu não quis tomar café. Bebi um copo d'água e passei o tempo me agitando nervosamente. Às nove e meia, Walter veio me buscar. — Que tal o calor? — ele disse, sua abertura-padrão. No inverno seria *que tal o frio*. *Úmido e seco* são para primavera e outono.

— Como vai você, Walter? — Eu perguntei a ele, como sempre faço.

— Me mantendo longe de encrencas — ele respondeu, como sempre faz.

— Isso é o melhor que podemos fazer — eu disse.

Ele deu a sua versão de um sorriso — uma fenda estreita no rosto, como lama secando — abriu a porta do carro para mim e me instalou no banco do carona.

— Grande dia hoje, hein? — ele disse. — Aperta o cinto, senão podem me prender. — Ele disse *aperta o cinto* como se fosse uma piada; ele é velho o bastante para se lembrar de dias passados, mais despreocupados. Ele deve ter sido o tipo de rapaz que gostava de dirigir com um cotovelo para fora da janela e a mão no joelho da namorada. É incrível pensar que essa namorada era de fato Myra.

Ele saiu delicadamente com o carro e seguimos em silêncio. Ele é um homem grandalhão, o Walter — quadrado, como um plinto, com um pescoço que parece mais um ombro extra do que um pescoço; e exala um cheiro não desagradável de botas de couro e gasolina. Pela sua camisa xadrez e boné de beisebol, concluí que estava planejando assistir à cerimônia de formatura. Ele não lê livros, o que nos deixa mais à vontade: para ele, Laura é minha irmã e é uma pena que ela esteja morta, só isso.

Eu devia ter-me casado com alguém como Walter. Habilidade com as mãos.

Não; eu não devia ter-me casado com ninguém. Isso teria evitado um bocado de problemas.

Walter parou o carro em frente ao colégio. Construção moderna do pós-guerra, tem cinqüenta anos mas ainda é novo para mim: não consigo me acostumar com a insipidez, a falta de imaginação. Parece um caixote. Jovens com seus pais avançavam pela calçada, pelo gramado, entrando pelas portas da frente, suas roupas de todas as

cores do verão. Myra estava esperando por nós, acenando da escada, com um vestido branco coberto de enormes rosas vermelhas. Mulheres com quadris assim tão grandes não deviam usar estampas de flores graúdas. As cintas tinham uma certa utilidade, não que eu quisesse que elas voltassem. Ela mandou arrumar o cabelo, está cheia de cachinhos cinzentos, parecendo uma peruca de magistrado inglês.

— Você está atrasado — ela disse a Walter.

— Não estou não — Walter respondeu. — Se eu estou, todo o resto está adiantado, só isso. Não há motivo algum para ela ser obrigada a ficar aqui sentada mofando. — Eles têm o hábito de se referir a mim na terceira pessoa, como se eu fosse uma criança ou um bichinho de estimação.

Walter passou o meu braço para a custódia de Myra e nós subimos os degraus da entrada juntos como se estivéssemos numa corrida de três pernas. Eu senti o que a mão de Myra deve ter sentido: um frágil rádio recoberto frouxamente de mingau e corda. Eu devia ter trazido minha bengala, mas não consegui imaginar-me arrastando-a comigo para o palco. Alguém ia acabar tropeçando nela.

Myra levou-me para os bastidores e perguntou se eu gostaria de usar o toalete — ela nunca se esquece disso —, depois acomodou-me no camarim.

— Fica quietinha aí — ela disse. Então saiu apressada, rebolando-se, para verificar se estava tudo em ordem.

As luzes em volta do espelho do camarim eram lampadzinhas redondas, como no teatro; elas produziam uma luz lisonjeira, mas eu não me senti lisonjeada: eu tinha uma aparência doentia, minha pele

pontilhada de sangue, como carne encharcada de água. Era medo ou doença mesmo? Com certeza eu não estava me sentindo cem por cento.

Eu encontrei o meu pente, enfiei-o indiferentemente no alto da cabeça. Myra vive ameaçando levar-me na "sua moça", que é como ela ainda se refere ao Salão de Beleza — o Hair Port é o seu nome oficial, com *Unisex* colocado ao lado, como um incentivo —, mas eu sempre resisto. Pelo menos ainda posso vangloriar-me de ter o meu próprio cabelo, embora ele encrespe para cima como se eu tivesse sido eletrocutada. Sob ele, aparecem vestígios do couro cabeludo, de um rosa-acinzentado como patas de camundongo. Se um dia eu for apanhada por um vendaval, o meu cabelo vai sair todo voando como penugem de dente-de-leão, deixando apenas um cocuruto careca e esburacado, como se fosse uma espiga de milho defeituosa.

Myra tinha deixado comigo um dos seus *brownies* especiais, preparado para o chá dos ex-alunos — um pedaço de massa coberta com calda de chocolate — e uma caneca de plástico com tampa de rosca do seu próprio café com gosto de ácido de bateria. Eu não conseguia comer nem beber, mas para que Deus fez os vasos sanitários? Eu deixei algumas migalhas marrons para dar autenticidade.

Aí Myra apareceu, me pegou e me levou embora, e, quando vi, eu estava sendo cumprimentada pelo diretor, que me disse que eu havia sido muito gentil em vir; em seguida fui passada para o vice-diretor, o presidente da Associação de Ex-alunos, o chefe do departamento de inglês — uma mulher com um conjunto de calça comprida — o representante da Câmara de Comércio, e, por fim, o representante local do Parlamento, que odeia perder uma solenidade. Eu não via

uma tal coleção de dentes em exposição desde a época em que Richard fazia política.

Myra levou-me até minha cadeira, e então cochichou "vou estar bem ali nos bastidores". A orquestra da escola atacou com sustenidos e bemóis e nós cantamos "*Ó Canadá*", cuja letra eu nunca me lembro, porque estão sempre mudando tudo. Hoje em dia cantam uma parte em francês, o que antigamente seria impensável. Nós nos sentamos, depois de afirmar nosso orgulho coletivo por algo que não sabemos exprimir.

Em seguida, o capelão da escola fez uma oração, dando uma aula a Deus acerca dos desafios sem precedentes que os jovens de hoje têm de enfrentar. Deus já deve ter ouvido esse tipo de coisa antes e provavelmente acha tudo isso tão chato quanto o resto de nós. Os outros se manifestaram um de cada vez: final do século XX, jogar fora o velho, anunciar o novo, cidadãos do futuro, passando o bastão para vocês, e assim por diante. Eu deixei a minha mente divagar; eu sabia muito bem que a única coisa que esperavam de mim era que não fizesse feio. Era como se eu estivesse de novo ao lado do palanque ou em algum jantar interminável, sentada ao lado de Richard, de boca fechada. Se me perguntassem, o que era raro, eu costumava dizer que o meu *hobby* era jardinagem. Uma meia-verdade apenas, embora chata o suficiente para preencher os requisitos.

Depois chegou a hora de os formandos receberem seus diplomas. Lá vieram eles, solenes e radiantes, de diversos tamanhos, todos lindos como só os jovens conseguem ser. Até mesmo os feios eram bonitos, até mesmo os abrutalhados, os gordos, os de pele manchada. Nenhum deles entende isso — o quanto são bonitos. No

entanto, eles são irritantes, os jovens. A postura deles, via de regra, é horrível, e, julgando por suas canções, eles choramingam e se sacodem, *sorrir e aceitar* seguiram o caminho do foxtrote. Eles não sabem a sorte que têm.

Eles mal olharam para mim. Devem ter me achado uma coisa pitoresca, mas suponho que o nosso destino seja o de nos tornarmos algo pitoresco aos olhos dos mais jovens. A menos que haja sangue no chão, é claro. Guerra, peste, crime, qualquer tipo de calamidade ou violência, é isso que eles respeitam. Sangue quer dizer que fomos sérios.

Em seguida vieram os prêmios — Informática, Física, um resmungo, Técnicas Comerciais, Literatura Inglesa, algo que não consegui entender. Então o homem da Associação de Ex-alunos limpou a garganta e fez um discurso piedoso sobre Winifred Griffen Prior, uma santa na Terra. Como todo mundo mente quando se trata de dinheiro! Suponho que a velha bruxa tenha imaginado tudo isso quando fez o seu legado, bastante sovina. Ela sabia que a minha presença ia ser solicitada; ela queria que eu ficasse me contorcendo sob os olhares duros da cidade enquanto sua grande generosidade era enaltecida. *Gastem isto em minha memória*. Eu odiei dar esta satisfação a ela, mas não podia recusar sem parecer assustada ou culpada, ou então indiferente. Pior: negligente.

Em seguida foi a vez de Laura. O político encarregou-se de fazer as honras: havia necessidade de um certo tato. Algo foi dito sobre as origens locais de Laura, sua coragem, sua "dedicação a uma meta escolhida", o que quer que isto quisesse dizer. Nada sobre as circunstâncias de sua morte, que todo mundo na cidade acredita tratar-se de algo tão próximo ao suicídio quanto dizer "que diabo" se

aproxima de praguejar, apesar do resultado do inquérito. E absolutamente nada sobre o livro, que a maioria com certeza considerava que estaria melhor esquecido. Embora não esteja, pelo menos aqui: mesmo depois de cinqüenta anos, ele conserva a sua aura de enxofre e tabu. Difícil imaginar, na minha opinião: no que se refere a sensualidade, ele é antiquado, o vocabulário não é pior do que o que se ouve todos os dias em qualquer esquina, o sexo é tão decoroso quanto dançarinas cobertas com leques — quase excêntrico, como cintas-ligas.

Na época, é claro, a história foi bem diferente. O que as pessoas lembram não é do livro em si, mas muito mais do furor: pastores nas igrejas o denunciaram como sendo obsceno, e não só aqui; a biblioteca pública foi obrigada a retirá-lo da prateleira, a única livraria da cidade recusou-se a vendê-lo. Falaram em censurá-lo. As pessoas iam para Stratford ou Londres, ou até mesmo para Toronto, e compravam seus exemplares às escondidas, como costumavam fazer com preservativos. De volta, em casa, fechavam as cortinas e liam, com desaprovação, com gosto, com avidez e júbilo — mesmo aquelas que nunca tinham pensado em abrir um romance antes. Não há nada como um bom escândalo para incentivar a leitura.

(Houve, sem dúvida, a expressão de alguns sentimentos amáveis. *Eu não consegui ler tudo — não me pareceu uma boa história. Mas a pobrezinha era tão jovem! Talvez ela tivesse conseguido um resultado melhor com outro livro se não tivesse partido.* Isso era o melhor que podiam ter falado a respeito.)

O que as pessoas queriam dele? Luxúria, obscenidade, confirmação de suas piores suspeitas. Mas talvez algumas quisessem, involuntariamente, ser seduzidas. Talvez estivessem procurando

paixão; talvez tenham mergulhado no livro como num pacote misterioso — uma caixa de presente no fundo da qual, oculta por camadas de papel fino, estivesse uma coisa que elas tenham sempre desejado mas nunca conseguiram agarrar. Mas elas também queriam tocar nas pessoas de verdade que estavam nele — isto é, além de Laura: a realidade dela não era posta em dúvida.

Queriam corpos de verdade, que se encaixassem nos corpos criados para elas por meio das palavras. Queriam luxúria de verdade. Acima de tudo, queriam saber: quem era o homem? Na cama com a moça, a moça linda, jovem e morta; na cama com Laura. Algumas pessoas achavam que sabiam, é claro. Houve alguns boatos. Para aqueles que sabiam juntar dois mais dois, tudo fazia sentido. *Agia como se fosse a mais pura das criaturas. Incapaz de ceder a lisonjas. Isso mostra apenas que quem vê cara não vê coração.*

Mas Laura já estava fora de alcance nessa altura. Era a mim que podiam atacar. As cartas anônimas começaram. Por que eu tinha mandado publicar aquela porcaria? E logo em Nova York — a Grande Sodoma. Tanto lixo! Eu não tinha vergonha? Eu tinha permitido que a minha família — tão respeitada! — fosse desonrada, e, junto com ela, a cidade inteira. Laura nunca tinha sido boa da cabeça, todo mundo sempre desconfiara disso, e o livro era a prova. Eu devia ter protegido a sua memória. Devia ter posto fogo no manuscrito. Olhando para o borrão de cabeças, lá embaixo na platéia — as cabeças mais velhas —, eu podia imaginar um miasma do velho rancor, da velha inveja, da velha condenação, erguendo-se delas como de um pântano.

Quanto ao próprio livro, ele permaneceu sendo algo que não deve ser mencionado — mantido fora da vista, como um parente

ordinário, vergonhoso. Um livro tão fino, tão indefeso. Hóspede não convidado desta estranha festa, ele esvoaçava pelos cantos do palco como uma mariposa desamparada.

Enquanto eu sonhava acordada, alguém agarrou o meu braço, eu fui erguida, o cheque em seu envelope amarrado com uma fita dourada foi enfiado em minha mão. A vencedora foi anunciada. Eu não ouvi direito o nome dela. Ela veio na minha direção, seus saltos martelando no chão do palco. Ela era alta; elas são todas muito altas hoje em dia, as moças, deve ser algo na comida. Usava um vestido preto, severo no meio das cores de verão; ele era bordado em prata, ou enfeitado de contas — tinha algum tipo de brilho. Seu cabelo era comprido e escuro. Um rosto oval, uma boca coberta de batom cereja; a testa ligeiramente franzida, um olhar direto, obstinado. A pele com uma coloração meio amarelada ou marrom — será que ela era indiana ou árabe ou chinesa? Mesmo em Port Ticonderoga isto era possível: todo o mundo está em toda a parte hoje em dia.

Meu coração deu um salto: a ternura me percorreu como uma cãibra. Talvez minha neta — talvez Sabrina fosse assim agora, eu pensei. Talvez sim, talvez não, como eu podia saber? Talvez eu nem a reconhecesse. Ela foi mantida longe de mim por tanto tempo; ela foi mantida longe. O que se pode fazer?

— Sra. Griffen — o político sussurrou.

Eu oscilei, recuperei o equilíbrio. O que era mesmo que eu estava pretendendo dizer?

— Minha irmã Laura ficaria tão contente — eu gaguejei no microfone. Minha voz estava aguda; eu achei que ia desmaiar. — Ela gostava de ajudar as pessoas. — Isto era verdade, eu tinha jurado que

não ia dizer nenhuma mentira.

— Ela gostava tanto de livros. — Também era verdade, até certo ponto. — Ela teria desejado que você tivesse muito sucesso no futuro. — Verdade também.

Eu consegui entregar o envelope; a moça teve de se curvar. Eu murmurei em seu ouvido, ou tive a intenção de murmurar — *Deus a abençoe. Se cuide.* Qualquer pessoa que tenha a intenção de lidar com as palavras precisa desta bênção, desta advertência. Será que eu tinha mesmo falado, ou tinha simplesmente aberto e fechado a boca como um peixe?

Ela sorriu, e pequenas lantejoulas brilharam por todo o seu rosto e seu cabelo. Foi um truque dos meus olhos, e das luzes do palco, que eram fortes demais. Eu devia ter usado os meus óculos escuros. Fiquei ali parada, piscando. Então ela fez algo inesperado: inclinou-se e me beijou no rosto. Através dos lábios dela eu pude sentir a textura da minha própria pele: macia como couro de luva de criança, enrugada, poeirenta, velha.

Ela, por sua vez, murmurou alguma coisa, mas eu não consegui ouvir direito. Foi um simples obrigada, ou alguma outra mensagem numa — será possível? — língua estrangeira?

Ela se virou. A luz que se derramava dela era tão ofuscante que eu tive de fechar os olhos. Eu não tinha ouvido, eu não podia ver. A escuridão chegou mais perto. O aplauso atingiu os meus ouvidos como se fossem asas batendo. Eu tropecei e quase caí. Algum funcionário alerta agarrou o meu braço e me levou de volta para a cadeira. De volta à obscuridade. De volta à longa sombra lançada por Laura. Longe do perigo.

Mas a velha ferida tornou a abrir, o sangue invisível jorra. Logo eu estarei vazia.

A caixa de prata

As tulipas cor-de-laranja estão brotando, amassadas e esfarrapadas como remanescentes de algum exército em retirada. Eu as recebo com alívio, como alguém acenando de um prédio bombardeado; no entanto, elas precisam abrir o seu caminho o melhor que puderem, sem muita ajuda de minha parte. Às vezes eu remexo o entulho do quintal, tirando galhos secos e folhas caídas, mas não passo disso. Já não posso me ajoelhar direito, não posso enfiar as mãos na terra.

Ontem eu fui ao médico, por causa dessas tonteiras. Ele me disse que eu devia estar com o que costumavam chamar de um *coração*, como se as pessoas saudáveis não tivessem um. Parece que, afinal de contas, eu não vou continuar vivendo para sempre, ficando apenas menor e mais cinzenta e mais poeirenta, como a feiticeira em sua garrafa. Tendo murmurado há muito tempo *Eu quero morrer*, compreendo agora que este desejo será realmente realizado, e mais cedo do que tarde. Não importa que eu tenha mudado de idéia a respeito dele.

Eu me enrolei num xale para me sentar do lado de fora, protegida pelo telhado da varanda dos fundos, a uma mesa de madeira escalavrada que eu fiz Walter trazer da garagem. Ela tinha as coisas de sempre, restos de antigos donos: uma coleção de latas de tinta ressecada, um monte de telhas de cimento, uma jarra até a metade de pregos enferrujados, um rolo de arame. Pardais mumificados, ninhos de camundongo feitos com enchimento de colchão. Walter lavou-a com desinfetante, mas ela ainda cheira a

rato.

Arrumados na mesa diante de mim estão uma xícara de chá, uma maçã cortada em quatro pedaços e um bloco de papel com linhas azuis, como os pijamas masculinos costumavam ser. Eu comprei uma caneta nova também, uma bem barata, tipo esferográfica. Eu me lembro da minha primeira caneta-tinteiro, como ela era macia, o quanto a tinta manchava os meus dedos de azul. Ela era feita de baquelita, enfeitada de prata. O ano era 1929. Eu tinha treze anos. Laura pegou emprestada essa caneta — sem pedir, como fazia com tudo —, então quebrou-a, facilmente. Eu a perdoei, é claro. Sempre a perdoava; tinha de fazer isso, porque éramos só nós duas. Nós duas na nossa ilha cercada de espinhos, esperando pelo resgate; e, no continente, o resto do mundo.

Para quem eu estou escrevendo isto? Para mim mesma? Acho que não. Eu não me vejo lendo isto mais tarde, sendo que *mais tarde* tornou-se algo problemático. Para algum estranho, no futuro, depois que eu estiver morta? Não tenho esta ambição, ou esta esperança.

Talvez eu escreva para ninguém. Talvez para a mesma pessoa para quem as crianças escrevem quando rabiscam seus nomes na neve.

Eu não sou tão rápida quanto era. Meus dedos estão duros e desajeitados, a caneta oscila e divaga, eu levo muito tempo para formar as palavras. E, no entanto, eu persisto, curvada para a frente, como se estivesse costurando ao luar.

Quando eu me olho no espelho, vejo uma mulher *velha*; velha não,

porque ninguém mais pode ser velho atualmente. *Mais velha*, então. Às vezes eu vejo uma mulher mais velha que poderia ser parecida com a avó que nunca conheci, ou com minha própria mãe, se ela tivesse conseguido alcançar esta idade. Mas às vezes o que vejo é o rosto de uma garota que eu costumava passar muito tempo arrumando e criticando, ele flutua logo abaixo da superfície do meu rosto atual, que parece — especialmente à tardinha, com a luz em declive — tão solto e transparente que eu seria capaz de despi-lo como uma meia.

O médico diz que eu preciso andar — todo dia, ele diz, para o coração. Eu preferiria não fazê-lo. Não é a idéia de andar que me incomoda, é a idéia de sair: eu me sinto exposta demais. Será que é imaginação minha, as pessoas olhando, os cochiches? Talvez sim, talvez não. Afinal de contas, eu sou uma atração local, como um terreno baldio cheio de tijolos onde costumava ficar um prédio importante.

A tentação é ficar em casa; tornar-me o tipo de reclusa que as crianças da vizinhança encaram com escárnio e um certo temor; deixar que o mato cresça ao meu redor, que as portas fechadas criem ferrugem, deitar na minha cama usando uma espécie de camisola e permitir que o meu cabelo cresça e se espalhe sobre o travesseiro e que as minhas unhas se tornem garras, enquanto a cera da vela pinga no tapete. Mas há muito tempo eu fiz uma escolha entre o classicismo e o romantismo. Prefiro ser reta e contida — um túmulo à luz do dia.

Talvez eu não devesse ter voltado a morar aqui. Mas na época não consegui pensar em outro lugar para ir. Como Reenie costumava dizer, *É melhor um demônio conhecido*.

Hoje eu fiz um esforço. Saí, caminhei. Caminhei até o cemitério: é preciso ter um objetivo para essas excursões não serem totalmente sem sentido. Usei o meu chapéu de palha de aba larga para me proteger da claridade e os meus óculos escuros, e levei minha bengala para ajudar nos meios-fios. E também uma sacola de plástico.

Desci a Erie Street, passei por uma lavanderia, um fotógrafo e pelas outras poucas lojas de rua que conseguiram sobreviver ao esvaziamento causado pelos shoppings nos arredores da cidade. Depois pela lanchonete Betty's, que está outra vez sob nova direção: mais cedo ou mais tarde seus proprietários perdem a paciência ou morrem ou se mudam para a Flórida. A Betty's agora tem um pátio ajardinado onde os turistas podem sentar-se ao sol e fritar; fica nos fundos, o quadrado de cimento rachado onde costumavam guardar as latas de lixo. Servem *tortellini* e *cappuccino*, atrevidamente anunciados na vitrine como se todos na cidade soubessem do que se trata. Bem, nessa altura já sabem; já foram lá experimentar, mesmo que só para ter o direito de debochar. *Eu não faço questão daquela espuma no meu café. Parece creme de barbear. Um gole e você fica espumando pela boca.*

Uma dia a especialidade foram as tortas de frango, mas elas já se foram há muito tempo. Tem hambúrguer, mas Myra diz que é melhor evitá-lo. Ela diz que eles usam massa congelada, feita de poeira de carne. Poeira de carne, segundo ela, é o que raspam do chão depois de terem cortado vacas congeladas com uma serra elétrica. Ela lê um bocado de revistas no cabeleireiro.

O cemitério tem um portão de ferro batido, sobre ele um arco todo trabalhado de arabescos e a inscrição: *Embora Eu Caminhe pelo Vale da Sombra da Morte, Não Temerei o Mal, Pois Tu Estás Comigo*. Sim, sentimo-nos equivocadamente mais seguros acompanhados; mas *Tu* é um personagem escorregadio. Todo *Tu* que eu conheci deu um jeito de sumir. Somem da cidade, ou se tornam pérfidos ou então tombam como moscas, e aí onde você fica?

Exatamente aqui.

O monumento da família Chase é difícil de ignorar: é mais alto do que todo o resto. Tem dois anjos de mármore branco, vitorianos, sentimentais mas muito bem-feitos para o que são, sobre uma grande lápide de pedra com cantos trabalhados. O primeiro anjo está em pé, com a cabeça inclinada de lado numa atitude de pesar, uma das mãos ternamente pousada no ombro do segundo. O segundo está ajoelhado, encostado na coxa do outro, olhando bem para a frente, com um buquê de lírios nos braços.

Seus corpos são decorosos, os contornos cobertos por um mineral suavemente drapeado, impenetrável, mas dá para ver que são do sexo feminino. A chuva ácida está cobrando o seu tributo deles: seus olhos outrora alertas estão opacos agora, amolecidos e porosos, como se tivessem catarata. Mas talvez seja a minha própria visão deficiente.

Laura e eu costumávamos vir aqui. Éramos trazidas por Reenie, que achava que visitar o túmulo da família era bom para as crianças, e mais tarde passamos a vir sozinhas: era uma desculpa piedosa e, portanto, aceitável para escapar. Quando era pequena, Laura

costumava dizer que os anjos éramos nós, nós duas. Eu disse a ela que isto não podia ser verdade, porque os anjos foram postos ali pela nossa avó antes de nós nascermos. Mas Laura nunca prestou muita atenção a esse tipo de raciocínio. Ela estava mais interessada em formas — no que as coisas eram em si mesmas, não no que não eram. Ela queria essências.

No decorrer dos anos, eu criei o hábito de vir aqui pelo menos duas vezes por ano, quanto mais não fosse para fazer uma limpeza. Antes eu vinha de carro, mas agora não: meus olhos estão ruins demais para dirigir. Eu me inclinei com dificuldade e juntei as flores murchas que se haviam acumulado lá, deixadas pelos admiradores anônimos de Laura, e enfiei-as na minha sacola de plástico. Há menos desses tributos do que costumava haver, embora ainda mais do que o suficiente. Hoje algumas flores ainda estavam frescas. De vez em quando, eu encontro incenso e velas, como se Laura estivesse sendo invocada.

Depois de lidar com os buquês, eu andei ao redor do monumento, lendo os nomes dos Chase falecidos gravados nas laterais da lápide. *Benjamin Chase e sua amada esposa Adelia; Norval Chase e sua amada esposa Liliana; Edgar e Percival, Eles não envelhecerão como nós, que ficamos aqui, envelhecemos.*

E Laura, uma vez que ela está em algum lugar. Sua essência.

Poeira de carne.

Havia uma foto dela no jornal local na semana passada, junto com uma reportagem sobre o prêmio — o retrato-padrão, aquele que está na contracapa do livro, o único já publicado porque foi o único que

dei a eles. É uma foto de estúdio, a parte superior do corpo virada numa direção e a cabeça virada na direção do fotógrafo, de modo a permitir que o pescoço formasse uma curva graciosa. *Mais um pouco, agora levante os olhos, na minha direção, isso mesmo, agora deixa eu ver esse sorriso.* Seu cabelo é comprido e louro, como o meu era então — bem claro, quase branco, como se todos os tons de vermelho tivessem sido retirados —, o ferro, o cobre, todos os metais pesados. Um nariz reto; um rosto em forma de coração; olhos grandes, luminosos, ingênuos; as sobrancelhas arqueadas, com uma curva espantada para cima nas bordas internas. Um traço de teimosia no queixo, mas só via isso quem sabia. Praticamente nenhuma maquiagem, o que dá ao rosto uma aparência estranhamente nua: quando você olha para a boca, percebe que está olhando Para carne.

Bonita; linda até; comoventemente intocada. Um anúncio de sabonete, feito apenas de ingredientes naturais. O rosto parece surdo: tem aquela impenetrabilidade vazia, afetada, de todas as moças bem-educadas da época. Uma *tabula rasa*, esperando não para escrever e sim para ser escrita.

Laura voltou numa caixinha prateada, como uma cigareira. Eu sabia o que a cidade tinha a dizer a respeito disso, tão bem quanto se estivesse escutando atrás da porta. *E claro que não é ela realmente, só suas cinzas. Você não imaginaria que os Chase seriam cremadores, nunca foram antes, eles não teriam se rebaixado a isso nos áureos tempos, mas dá a impressão de que resolveram terminar o trabalho que já havia sido começado, uma vez que ela já estava meio carbonizada. Ainda assim, imagino que eles acharam*

que ela devia ficar com a família. Eles iam querer que ela ficasse naquele enorme mausoléu que eles têm com os dois anjos. Ninguém mais tem dois, mas isso foi quando o dinheiro pesava no bolso deles. Eles gostavam de se mostrar naquela época, causar furor; estar na frente, pode-se dizer. Bancar os importantes. Eles se mostravam um bocado por aqui antigamente.

Eu sempre ouço essas coisas na voz de Reenie. Ela era a nossa intérprete da cidade, minha e de Laura. A quem mais tínhamos para recorrer?

Atrás do monumento tem um espaço vazio. Eu penso nele como sendo um lugar reservado — um lugar cativo, como Richard costumava conseguir no Royal Alexandra Theatre.

É o meu lugar; é onde eu vou ser enterrada.

A pobre Aimee está em Toronto, no cemitério Mount Pleasant, junto com os Griffen — com Richard e Winifred e seu espalhafatoso megalito de granito. Winifred tomou as providências para isso — ela reclamou seus direitos com relação a Richard e Aimee intrometendo-se imediatamente e encomendando seus caixões. Quem paga o coveiro escolhe a música. Ela teria proibido a minha presença no funeral deles se pudesse.

Mas Laura foi a primeira, então Winifred ainda não tinha aperfeiçoado a sua rotina de usurpadora de cadáveres. Eu disse "Ela vai para casa" e foi isso que aconteceu. Eu espalhei as cinzas no chão, mas guardei a caixa de prata. Por sorte não a enterrei: algum fã já a teria roubado a essa altura. Essa gente carrega qualquer coisa. No ano passado, eu peguei um deles com um pote de geléia e uma pá

recolhendo terra do túmulo.

Fico pensando em Sabrina — onde ela vai acabar. Ela é a última de nós. Presumo que ainda esteja nesta Terra: não ouvi nada em contrário. Resta saber em que lado da família ela vai escolher ser enterrada, ou se vai preferir um lugar separado, longe de todos nós. Eu não a censuraria.

A primeira vez que ela fugiu, aos treze anos, Winifred telefonou irada, acusando-me de conivência, embora não tenha chegado a ponto de falar em *seqüestro*. Ela exigia saber se Sabrina tinha ido para a minha casa.

— Acho que não sou obrigada a contar-lhe — eu disse, para atormentá-la. Justiça seja feita: a maior parte das chances de atormentar até então tinham sido dela. Ela costumava devolver-me os cartões, as cartas e os presentes de aniversário que eu mandava para Sabrina, escrevendo neles com sua letra de tirana, *Devolver ao Remetente*. — Eu sou a avó dela. Ela pode vir para a minha casa quando quiser. Será sempre bem-vinda.

— Eu não preciso lembrar-lhe que sou a sua tutora legal.

— Se você não precisa me lembrar, então por que está me lembrando? Mas Sabrina não me procurou. Nunca. Não é difícil adivinhar o motivo.

Deus sabe o que disseram a ela a meu respeito. Nada de bom.

A Fábrica de Botão

O calor do verão tinha chegado com tudo, descendo sobre a cidade como uma sopa cremosa. Tempo de malária, teria sido outrora; tempo de cólera. As árvores sob as quais caminho são sombrinhas murchas, o papel está úmido sob os meus dedos, as palavras que escrevo borram nas pontas como batom em boca de velha. Só de subir as escadas me aparece um fino bigode de suor.

Eu não devia andar com este calor, ele faz o meu coração bater com mais força. Eu observo isto malevolamente. Eu não devia submeter meu coração a tais testes, agora que fui informada de suas imperfeições; entretanto, sinto um prazer perverso em fazê-lo, como se eu fosse um brutamontes e ele um bebê chorão cujas fraquezas desprezo.

Tem trovejado à noite, um estrondo distante, como se Deus estivesse numa farra soturna. Eu me levanto para urinar, volto para a cama, me remexo nos lençóis úmidos, escutando o zumbido monótono do ventilador. Myra diz que eu devia comprar um ar-condicionado, mas eu não quero. E também não tenho dinheiro para isso. "Quem pagaria por uma coisa dessas?", eu digo a ela. Ela deve achar que eu tenho um diamante escondido na testa, como os sapos nos contos de fadas.

O objetivo da minha caminhada hoje era a Fábrica de Botão, onde eu tencionava tomar café. O médico tinha me alertado a respeito do café, mas ele só tem cinquenta anos — faz *jogging* de *short*, exibindo

suas pernas cabeludas. Ele não sabe tudo, embora isto fosse ser uma novidade para ele. Se o café não me matar, outra coisa o fará.

Erie Street estava lânguida de turistas, de meia-idade na maioria, enfiando os narizes nas lojas de *souvenirs*, perambulando pela livraria, sem ter o que fazer antes de partir depois do almoço para o festival de teatro mais próximo, para algumas horas relaxantes de traição, sadismo, adultério e assassinato. Alguns estavam indo na mesma direção que eu — para a Fábrica de Botão, para ver quais as curiosidades que poderiam adquirir em comemoração às suas férias de um dia do século XX. Depósitos de poeira, Reenie teria denominado esses artigos. Ela teria usado a mesma expressão para se referir aos próprios turistas.

Eu caminhei em sua companhia insípida até onde a Erie Street desemboca na Mill Street e corre paralela ao rio Louveteau. Port Ticonderoga tem dois rios, o Jogues e o Louveteau — os nomes são relíquias do entreposto comercial situado antigamente em sua junção, não que sejamos muito dados ao francês por aqui: para nós, eles são o Jogs e o Lovetow. O Louveteau, com sua rápida correnteza, era a atração dos primeiros moinhos, e depois das usinas elétricas. O Jogues, por outro lado, é profundo e lento, navegável por trinta milhas acima do lago Erie. Era nele que embarcavam o calcário que foi a primeira indústria da cidade, graças aos imensos depósitos deixados pelo mar ao recuar para o interior. (No período permiano, no jurássico? Eu costumava saber.) A maioria das casas da cidade é feita de calcário, inclusive a minha.

As pedreiras abandonadas ainda estão lá nos arredores da cidade, com grandes cortes quadrados e retangulares feitos na rocha como se prédios inteiros tivessem sido extraídos dela, deixando para

trás suas formas vazias. Eu às vezes imagino a cidade inteira erguendo-se do raso oceano pré-histórico, desdobrando-se como uma anêmona-do-mar ou os dedos de uma luva de borracha quando se sopra dentro dela — brotando desordenadamente como aqueles filmes escuros, granulados, de flores desabrochando que costumavam ser mostrados nos cinemas — quando foi isso? — antes do filme principal. Caçadores de fósseis pesquisam ali, procurando peixes extintos, folhagens antigas, arabescos de coral; e quando os adolescentes querem fazer farra, é para lá que vão. Acendem fogueiras e bebem demais e fumam maconha, e se esfregam um no outro como se tivessem acabado de inventar isso, e batem com os carros dos pais ao voltar para a cidade.

O meu quintal faz limite com o desfiladeiro Louveteau, onde o rio fica mais estreito e forma uma cascata. A cascata é suficientemente alta para causar uma névoa e um certo respeito. Nos fins de semana de verão, os turistas andam pela trilha ou ficam parados na beirada do precipício tirando retratos; eu vejo seus chapeuzinhos de lona branca, inócuos, passando. A trilha é cheia de pedras soltas e é perigosa, mas a cidade não quer gastar um tostão para fazer uma cerca, uma vez que, aqui, ainda acham que se você fizer uma besteira, tem de arcar com as conseqüências. Copinhos de papel da loja de *donuts* enchem o redemoinho de água lá embaixo, e de vez em quando aparece um cadáver, e é difícil dizer se caiu ou foi empurrado ou pulou, a menos, é claro, que haja um bilhete.

A Fábrica de Botão fica na margem direita do Louveteau, a uns quatrocentos metros do desfiladeiro, subindo o rio. Por várias décadas, ela permaneceu em ruínas, com as janelas quebradas, o

telhado cheio de goteiras, um abrigo de ratos e bêbados; depois ela foi salva da demolição por um atuante comitê de cidadãos e convertida em butiques. Os canteiros de flores foram reconstituídos, a parte exterior foi limpa com jatos de areia, as marcas do tempo e do vandalismo foram apagadas, embora ainda sejam visíveis as marcas pretas de fuligem em volta das janelas de baixo, resultantes do incêndio ocorrido há mais de sessenta anos.

O prédio é de tijolos amarronzados, com as janelas grandes, cheias de vidraças, que eram usadas antigamente nas fábricas para economizar luz elétrica. E bem gracioso para uma fábrica: enfeitado de florões, cada um com uma rosa de pedra no meio, janelas com empenas, uma água-furtada com telhado de ardósia verde e roxa. Ao lado fica um estacionamento bem organizado. Bem-vindos Visitantes da Fábrica de Botão, diz a placa, escrita no velho estilo circense; e, com letras pequenas: *É Proibido Pernoitar*. E sob isto, rabiscado com *pilot* preto: *Você não é a porra de Deus e a Terra não é a porra da sua garagem*. O autêntico toque local.

A entrada da frente foi alargada, uma rampa para deficientes instalada, as pesadas portas originais substituídas por outras de vidro laminado: Entrada e Saída, Puxe e Empurre, os quatro mandachuvas do século XX. Lá dentro tem música tocando, violinos bucólicos, o um-dois-três de uma valsa alegre, sentimental. Tem uma clarabóia, sobre um espaço central pavimentado de pedras arredondadas, com bancos recém-pintados de verde e vasos com uns poucos arbustos desenxabidos. As diversas butiques estão dispostas ao redor desse espaço: um efeito de shopping.

As paredes de tijolo aparente estão enfeitadas com ampliações gigantescas de velhas fotos dos arquivos da cidade. Primeiro tem

uma citação tirada de um jornal — um jornal de Montreal, não nosso — com a data, 1899:

Não se deve pensar nos moinhos escuros e satânicos da Velha Inglaterra. As fábricas de Port Ticonderoga acham-se situadas no meio de uma vegetação abundante, alegrada por flores coloridas, e acalmam-se ao som da correnteza dos rios; elas são limpas e bem ventiladas, e os operários, alegres e eficientes. Ao pôr-do-sol na nova e graciosa ponte Jubileu, que se curva como um arco-íris de ferro batido rendado sobre as cascatas volumosas do rio Louveteau, vislumbra-se uma terra encantada quando as luzes da fábrica de botão Chase piscam e se acendem, refletindo-se nas águas espumantes.

Isto não era inteiramente falso quando foi escrito. Pelo menos por um curto espaço de tempo, houve prosperidade aqui, e o suficiente para todos. Em seguida vem o meu avô, de casaca e cartola e costeletas brancas, esperando junto com um grupo de dignitários igualmente lustrosos para dar as boas-vindas ao duque de York, durante sua viagem pelo Canadá em 1901. Depois meu pai, com uma coroa de flores, defronte ao Memorial de Guerra na sua inauguração — um homem alto, de rosto solene, com um bigode e um tapa-olho; de perto, um conjunto de pontinhos pretos. Eu me afasto para ver se ele entra em foco — tento ver o seu olho bom —, mas ele não está olhando para mim; está olhando para o horizonte, com a coluna reta e os ombros para trás, como se estivesse encarando um pelotão de fuzilamento. Resoluto, é a palavra.

Depois um instantâneo da própria fábrica, em 1911, diz a legenda. Máquinas com braços metálicos como pernas de gafanhoto,

e pinos de aço e rodas cheias de dentes, e pistões subindo e descendo, cunhando a forma; longas mesas com suas fileiras de operários, inclinados para a frente, fazendo coisas com as mãos. As máquinas são operadas por homens, com viseiras e coletes, as mangas enroladas para cima; os operários na mesa são mulheres, com os cabelos presos para cima e aventais. Eram as mulheres que contavam os botões e os guardavam em caixas, ou costuravam-nos em cartões impressos com o nome Chase, seis, oito ou doze botões em cada cartão.

Na extremidade do espaço aberto pavimentado de pedras redondas há um bar, o Whole Enchilada, com música ao vivo nos sábados, e cerveja de microprodutores locais, segundo dizem. A decoração é feita de tampos de mesa colocados sobre barris, com velhos reservados de madeira ao longo de uma das paredes. No cardápio, exibido na janela — eu nunca entrei lá — tem comidas que considero exóticas: fígado empanado, casca de batata, *nachos*. A principal fonte de gordura saturada dos jovens menos respeitáveis, segundo me disse Myra. Ela tem uma poltrona na primeira fila da loja ao lado, e nunca perde nada do que acontece de suspeito no Whole Enchilada. Disse que um cafetão costuma comer lá, além de um traficante de drogas, ambos em plena luz do dia. Ela os apontou para mim, com muitos cochichos excitados. O cafetão estava usando um terno com colete, e parecia um corretor de ações. O traficante tinha um bigode grisalho e usava uma roupa de algodão grosseiro, como a dos sindicalistas de antigamente.

A loja de Myra é a Gingerbread House, Artigos para Presente. Ela tem um cheiro forte e adocicado — algum tipo de *spray* de canela para ambientes — e oferece muitas coisas: potes de geléia com

tampas cobertas de pano, almofadas em forma de coração com enchimento de ervas desidratadas que cheiram a feno, caixas toscas de madeira feitas por "artesãos populares", colchas supostamente fabricadas por menonitas, escovas de limpar vaso sanitário com cabeças de patos sorrindo afetadamente. A idéia que Myra fazia da idéia que as pessoas faziam da vida no campo, a vida dos seus antepassados caipiras — um pedacinho de história para levar para casa com você. A história, segundo me recordo, nunca foi tão encantadora e, especialmente, tão Pura, mas a verdade jamais venderia: a maioria das pessoas prefere um passado em que nada fede.

Myra gosta de me dar presentes do seu estoque de preciosidades. Em outras palavras, ela me entulha de coisas que ninguém compra na loja. Eu tenho uma grinalda torta, um conjunto incompleto de porta-guardanapos enfeitados com abacaxis, uma vela obesa perfumada com algo que parece querosene. No meu aniversário, ela me deu um par de luvas de fogão com a forma de patas de lagosta. Tenho certeza de que a sua intenção foi boa.

Ou talvez ela esteja me amaciando: ela é batista, gostaria que eu encontrasse Jesus, ou vice-versa, antes que seja tarde demais. Esse tipo de coisa não é de família: sua mãe, Reenie, nunca foi muito chegada a Deus. Havia um respeito mútuo, e quando você tinha problemas evidentemente recorria a ele, como se faz com advogados; mas assim como acontece quando se trata de advogados, o problema tinha de ser muito sério. Senão, não valia a pena se envolver muito com ele. Com certeza ela não o queria na sua cozinha, uma vez que já tinha trabalho de sobra sem isso.

Após alguma reflexão, eu comprei um biscoito na Cookie

Gremlin aveia e pedacinhos de chocolate — e uma xícara de café, e me sentei num dos bancos de parque, bebericando e lambendo os dedos, descansando os pés, ouvindo a música ambiente com sua entonação melódica e triste.

Foi o meu avô Benjamin quem construiu a fábrica de botão, no início da década de 1870. Havia uma demanda por botões, assim como havia por vestuário e tudo que se referia a isso — a população do continente estava crescendo em ritmo acelerado —, e botões eram baratos de fabricar e podiam ser vendidos por um preço também barato, e isto (Reenie disse) foi o que incentivou meu avô, que tinha visto a oportunidade e usado o cérebro que Deus deu a ele.

Seus antepassados tinham vindo da Pensilvânia na década de 1820 por causa da terra barata e das oportunidades de construção — a cidade tinha sido queimada durante a guerra de 1812, e havia muita reconstrução a ser feita. Essas pessoas eram um tanto germânicas e sectárias, tendo se misturado com puritanos de sétima geração — uma combinação industriosa porém explosiva, que produziu, além da coleção habitual de fazendeiros lerdos e virtuosos, três pregadores itinerantes, dois especuladores de terra incompetentes e um falsário de segunda categoria — oportunistas com um traço de visionários e um olho no horizonte. No meu avô, isto apareceu na forma de apostas, embora a única coisa que ele tenha apostado na vida tenha sido em si mesmo.

Seu pai tinha sido o proprietário de um dos primeiros moinhos de Port Ticonderoga, um modesto moinho de farinha, na época em que tudo era movido a água. Ao morrer de apoplexia, como era

chamado então, meu avô tinha 26 anos. Ele herdou o moinho, pediu dinheiro emprestado, importou dos Estados Unidos as máquinas de fabricar botão. Os primeiros botões foram feitos de madeira e osso, e os mais enfeitados de chifres de boi. Esses dois últimos materiais podiam ser obtidos quase que de graça nos diversos abatedouros das vizinhanças, e quanto à madeira, ela estava em toda parte, atravancando a terra, e as pessoas a estavam queimando para se livrar dela. Com matéria-prima barata e mão-de-obra barata e um mercado em expansão, como ele poderia não prosperar?

Os botões fabricados pela empresa do meu avô não eram o tipo de botões que eu mais apreciava em menina. Nenhum daqueles pequeninos de madrepérola, nenhum daqueles de azeviche, delicados, nenhum de couro branco para as luvas femininas. Os botões da família estavam para os botões assim como as galochas de borracha estavam para os sapatos — botões resistentes, práticos, para sobretudos e macacões e camisas de operário, com um quê de robusto e mesmo de rude neles. Você podia imaginá-los em roupas de baixo compridas, prendendo a aba atrás, e em braguilhas de calças masculinas. As coisas que eles ocultavam teriam de ser penduradas, vulneráveis, vergonhosas, inevitáveis — a categoria de objetos que o mundo necessita mas despreza.

É difícil imaginar que as netas de um homem que fabricava botões desse tipo tivessem algum tipo de glamour, exceto o do dinheiro. Mas o dinheiro, ou mesmo o boato de sua existência, sempre lança uma luz ofuscante, e portanto, Laura e eu crescemos com uma certa aura. E em Port Ticonderoga ninguém achava que os botões da família fossem engraçados ou desprezíveis. Os botões eram levados muito a sério lá: o emprego de um número muito grande de

pessoas dependia deles para que fosse de outro modo.

No decorrer dos anos, meu avô comprou outros moinhos e também transformou-os em fábricas. Ele tinha uma fábrica de tricô para camisetas e combinações, outra para meias e outra que fabricava pequenos objetos de cerâmica, como cinzeiros. Ele se orgulhava das condições de suas fábricas: escutava as queixas quando alguém era corajoso o bastante para fazê-las, lamentava pelos acidentes quando eles eram levados ao seu conhecimento. Ele se mantinha atualizado com os progressos mecânicos, na verdade com progressos de qualquer tipo, e foi o primeiro proprietário de fábrica na região a introduzir a luz elétrica. Achava que canteiros de flores eram bons para o moral dos operários — zínias e bocas-de-leão eram as suas preferidas, uma vez que eram baratas e vistosas e duravam muito tempo. Afirmava que as condições de trabalho das mulheres na fábrica eram tão seguras quanto as que tinham em suas salas de visita. (Ele supunha que elas tivessem salas de visita. Que essas salas de visita fossem seguras. Ele gostava de pensar bem de todo mundo.) Não tolerava bebedeira no trabalho, ou palavrões ou comportamento indecoroso.

Pelo menos, é isso que dizem dele no *As indústrias Chase: uma história*, um livro que o meu avô encomendou em 1903 e que mandou imprimir com má encadernação de couro verde, não apenas com esse título mas com sua própria assinatura, franca e volumosa, gravada em ouro na capa. Ele costumava presentear seus parceiros comerciais com cópias desta crônica fútil, e eles deviam ficar surpresos, ou talvez não. De qualquer modo, devia ser considerado o procedimento correto, se não a minha avó Adelia não teria permitido que ele o fizesse.

Eu me sentei no banco, comendo o meu biscoito. Ele era enorme, do tamanho de uma pata de vaca, do jeito que são feitos agora — sem sabor, farinhentos, gordurosos — e eu não estava conseguindo acabá-lo. Não era o indicado para um clima tão quente. Eu também estava me sentindo um pouco tonta, o que pode ter sido efeito do café.

Coloquei a xícara no banco ao meu lado e minha bengala escorregou para o chão. Eu me inclinei de lado, mas não consegui apanhá-la. Então perdi o equilíbrio e derrubei o café. Podia senti-lo através da fazenda da minha saia, morno. Ia ficar uma mancha marrom quando eu me levantasse, como se eu tivesse incontinência urinária. Era isso que as pessoas iriam pensar.

Por que nós sempre imaginamos nessa hora que o mundo inteiro está nos olhando? Geralmente ninguém está. Mas Myra estava. Ela deve ter me visto entrar; deve ter ficado de olho em mim. Ela saiu apressada da loja.

— Você está branca como um papel! Parece exausta — ela disse. — Vamos limpar isso! Minha nossa, por que você veio andando até aqui? Não vai poder voltar a pé! É melhor eu chamar o Walter, ele pode levá-la para casa.

— Não precisa — eu disse. — Não há nada errado comigo. — Mas deixei que ela tomasse as providências.

Avilion

Meus ossos estão doendo de novo, como costumam fazer quando o tempo está úmido. Eles doem como a história: coisas que se passaram há muito tempo, que ainda reverberam na forma de dor. Quando a dor é muito forte, ela não me deixa dormir. Toda noite eu anseio pelo sono, luto por ele; entretanto, ele esvoaça na minha frente como uma cortina coberta de fuligem. Existem comprimidos para dormir, é claro, mas o médico me alertou contra eles.

Na noite passada, após o que me pareceram horas de agitação e suor, eu me levantei e descii as escadas, sem chinelos, orientando-me pela fraca claridade que entrava pela janela da escada. Uma vez sã e salva lá embaixo, eu me arrastei até a cozinha e fui ver o que tinha na claridade ofuscante e enevoada da geladeira. Não havia nada que me apetecesse: os restos murchos de um molho de aipo, uma fatia de pão com um toque azul, um limão meio mole. Um resto de queijo, embrulhado em papel engordurado, duro e transparente como as unhas dos pés. Eu adquiri os hábitos dos solitários; minhas refeições são irregulares e fortuitas. Lanches furtivos, gulodices e piqueniques furtivos. Eu me contentei com um pouco de manteiga de amendoim, tirada do pote com o dedo: para que sujar uma colher?

Ali em pé, com o pote numa das mãos e o dedo na boca, eu tive a sensação de que alguém ia entrar na cozinha — alguma outra mulher, a proprietária verdadeira, invisível — e me perguntar o que eu estava fazendo na sua cozinha. Eu já tive esta sensação antes, mesmo durante as atividades mais corriqueiras e banais — descascando uma

banana, escovando os dentes — sentia que estava invadindo a casa alheia.

A noite, a casa parecia mais que nunca ser de outra pessoa. Eu perambulava pelas salas da frente, a sala de jantar, a sala de visitas, me segurando nas paredes para me equilibrar. Os meus vários objetos flutuavam em seus lagos de sombra, afastados de mim, negando o meu direito de posse. Eu os contemplava com os olhos de um ladrão, decidindo quais justificavam o risco de roubar, e quais, por outro lado, eu deixaria para trás. Os ladrões levariam as coisas óbvias — o bule de prata que foi da minha avó, talvez a porcelana pintada à mão. As colheres com monograma que havia restado. O aparelho de televisão. Nada que eu realmente quisesse.

Tudo isso terá de ser examinado, descartado, por alguém depois que eu morrer. Myra vai monopolizar o trabalho, sem dúvida; ela acha que me herdou de Reenie. Vai gostar de bancar a fiel guardiã da família. Eu não a invejo: qualquer vida é um monte de lixo mesmo quando está sendo vivida, e mais ainda depois. Mas se é um monte de lixo, é um monte surpreendentemente pequeno; depois de ter feito a limpeza para alguns mortos, a gente sabe como são poucos os sacos de lixo que vamos ocupar quando chegar a nossa vez.

O quebra-nozes em forma de jacaré, a abotoadura de madreperla sem par, o pente de tartaruga com alguns dentes faltando. O isqueiro de prata quebrado, a xícara sem pires, o galheteiro sem o recipiente do vinagre. Os restos esparsos do *lar*, os tapos, as ruínas. Cacos de louça lançados na praia depois da tempestade.

Hoje Myra persuadiu-me a comprar um ventilador elétrico — um de pé alto, melhor do que aquela porcaria que estou usando e que só faz ranger. O aparelho que ela tinha em mente estava numa liquidação no pequeno shopping que fica do outro lado da ponte do rio Jogues. Ela me levaria de carro até lá: ela ia lá de qualquer maneira, não seria nenhum trabalho. É desanimador o jeito como ela arranja pretextos.

Nosso trajeto nos fez passar por Avilion, ou o que costumava ser Avilion, agora tão tristemente mudada. Agora o nome é Valhalla. Qual foi o burocrata imbecil que achou que este era um nome adequado para um asilo de velhos? Segundo me recordo, Valhalla era para onde se ia depois de morto, não imediatamente antes de morrer. Mas talvez houvesse alguma intenção.

A localização é de primeira — à margem direita do rio Louveteau, na confluência com o Jogues —, combinando assim uma vista romântica do desfiladeiro com um ancoradouro seguro para veleiros. A casa é grande, mas parece apinhada agora, ladeada pelos frágeis bangalôs construídos no terreno depois da guerra. Três mulheres idosas estavam sentadas na varanda da frente, uma delas numa cadeira de rodas, fumando furtivamente, como adolescentes travessas no banheiro. Um dia desses vão botar fogo na casa, sem a menor dúvida.

Eu nunca mais entrei em Avilion desde que a transformaram em asilo; ela rescende, com certeza, a talco de bebê e urina azeda e batatas cozidas de véspera. Eu prefiro me lembrar dela do jeito que era, mesmo quando a conheci, quando a decadência já estava se instalando — as salas frescas, espaçosas, a vastidão bem esfregada da cozinha, a tigela de Sèvres cheia de pétalas secas sobre a mesinha redonda de cerejeira no *hall* de entrada. Lá em cima, no quarto de

Laura, a lareira está lascada, no lugar em que ela deixou cair um suporte de ferro; tão típico. Eu sou a única pessoa que sabe disto, agora. Considerando sua aparência — sua pele luminosa, sua aparente flexibilidade, seu pescoço longo de bailarina — as pessoas esperavam que ela fosse graciosa.

Avilion não é a construção-padrão de calcário. Seus planejadores queriam algo mais fora do comum, então ela foi construída com pedras redondas do rio, cimentadas juntas. A uma certa distância, o efeito é rugoso, como a pele de um dinossauro ou os poços de desejo dos livros de história. O mausoléu da ambição, é como a considero agora.

Não é uma casa particularmente elegante, mas antigamente era considerada imponente a seu modo — um palacete de comerciante, com uma entrada de carros em curva, uma torrinha gótica atarracada e uma ampla varanda semicircular dando para os dois rios, onde era servido chá para senhoras de chapéus floridos durante as lânguidas tardes de verão da virada do século. Antigamente, era ali que ficavam os quartetos de corda durante as festas ao ar livre; minha avó e suas amigas usavam-na como palco, para representações de teatro amador, de noitinha, com tochas acesas em volta; Laura e eu costumávamos nos esconder sob ela. A varanda está começando a ceder; está precisando de uma pintura.

Antigamente havia um gazebo e uma horta murada, e diversos conjuntos de plantas ornamentais, um laguinho com peixes dourados e uma estufa de vidro aquecida a vapor, já demolida, onde eram cultivadas samambaias e fúcsias e onde dava ocasionalmente um limão magro e uma laranja azeda. Havia um salão de jogos, uma sala de visitas, uma sala para o café da manhã e uma biblioteca com

uma Medusa de mármore na lareira — o tipo de Medusa do século XIX, com um belo olhar impenetrável, as serpentes se contorcendo em sua cabeça como pensamentos angustiados. O consolo da lareira era francês: um outro diferente havia sido encomendado, algo com Dioniso e videiras, mas quem veio foi a Medusa, e a França era longe demais para ele ser devolvido, então ficou esse mesmo.

Havia uma ampla e escura sala de jantar com papel de parede William Morris, a padronagem *Strawberry Thief*, e um lustre entrelaçado de nenúfares de bronze, e três janelas de vitral, trazidas da Inglaterra, mostrando episódios da história de *Tristão e Isolda* (o oferecimento da poção do amor, numa taça cor de rubi; os amantes, Tristão com um dos joelhos no chão, Isolda debruçada sobre ele com seus cabelos louros caindo como uma cascata — difícil de mostrar em vidro, lembrava demais uma vassoura derretida; Isolda sozinha, abandonada, vestida de roxo, com uma harpa ao lado).

O projeto e a decoração da casa foram supervisionados pela minha avó Adelia. Ela morreu antes de eu nascer, mas pelo que ouvi dizer, ela era macia como seda e fria como gelo, mas com uma vontade de ferro. Além disso, se interessava pela cultura, o que lhe dava uma certa autoridade moral. Hoje em dia não daria; mas na época as pessoas acreditavam que a cultura era capaz de melhorar as pessoas, ou as mulheres acreditavam nisso. Elas ainda não tinham visto Hitler na Ópera.

O nome de solteira de Adelia era Montfort. Ela vinha de uma família estabelecida, ou o que passava por isso no Canadá — cruzamento de segunda geração de ingleses de Montreal com franceses huguenotes. Os Montfort tinham sido prósperos um dia — tinham ganho muito dinheiro com estradas de ferro —, mas devido a

especulações arriscadas e à inércia, já estavam em franca decadência. Então, quando o tempo começou a pesar em Adelia e ela se viu sem nenhum marido realmente aceitável em vista, casou-se por dinheiro — dinheiro rude, dinheiro de botão. Ela tinha a missão de refinar esse dinheiro, como petróleo.

(Ela não se casou, ela foi casada, Reenie dizia, enrolando os bolinhos de gengibre. Foi a família que arranjou o casamento. Era assim que se fazia naquelas famílias, e quem pode dizer que era pior ou melhor do que escolher por si mesma? De todo modo, Adelia Montfort cumpriu o seu dever, e teve sorte de conseguir esta chance, uma vez que já estava ficando bem passadinha na época — devia ter vinte e três anos, o que era considerado velha demais naquela época.)

Eu ainda tenho um retrato dos meus avós; está num porta-retratos de prata, enfeitado de trepadeiras em flor. A foto foi tirada logo após o casamento deles. No segundo plano, há uma cortina de veludo franjada e duas samambaias sobre dois suportes. Vovó Adelia está reclinada numa *chaise longue*, uma mulher bonita, de olhar profundo, com uma roupa cheia de babados, um longo colar de pérolas de duas voltas e um decote profundo, enfeitado de rendas, seus braços brancos desprovidos de ossos como um enroladinho de frango. Vovô Benjamin está sentado atrás dela em trajes formais, sólido mas sem graça, como se tivesse sido enfeitado para a ocasião. Ambos parecem estar usando cintas.

Quando tive idade para tal — treze, catorze anos —, eu costumava idealizar Adelia. Olhava pela janela do meu quarto à noite, sobre os gramados e os canteiros de flores prateados pelo luar, e a via caminhando sonhadoramente pelo jardim, usando uma camisola de renda branca. Eu atribuí a ela um sorriso langoroso,

cansado da vida, um tanto debochado. Logo em seguida acrescentei um amante. Ela se encontrava com esse amante perto da estufa, que nessa época já estava abandonada — meu pai não tinha nenhum interesse por laranjeiras aquecidas a vapor —, mas na minha imaginação eu a restaurava e a enchia de flores. Orquídeas, eu pensava, ou camélias. (Eu não sabia o que era uma camélia, mas tinha lido sobre elas.) Minha avó e o amante desapareciam lá dentro, e faziam o quê? Eu não tinha certeza.

Na realidade, a chance de Adelia ter tido um amante era zero. A cidade era pequena demais, sua moral muito provinciana, ela tinha tudo a perder. Ela não era boba. E também não tinha nenhum dinheiro seu.

Como anfitriã e dona de casa, Adelia se entendeu bem com Benjamin Chase. Ela se orgulhava do seu bom gosto, e meu avô a respeitava quanto a isso, porque o seu bom gosto tinha sido um dos motivos que o levaram a desposá-la. Ele tinha quarenta anos na época; tinha trabalhado duro para construir sua fortuna, e agora pretendia usufruir do seu dinheiro, o que significava ser criticado pela jovem esposa acerca do seu guarda-roupa e repreendido pelos seus modos à mesa. A seu modo, ele também queria cultura, ou pelo menos a prova concreta dela. Ele queria a louça correta.

Ele conseguiu isso, e os jantares de doze pratos que vinham junto: aipo e as nozes para começar e chocolate para terminar. *Consommé*, *rissoles*, empadão, o peixe, o assado, o queijo, as frutas, uvas cultivadas em estufa adornando o centro de mesa de vidro trabalhado. Comida de hotel de estrada de ferro, é o que penso agora; comida de transatlântico. Primeiros-ministros vinham a Port Ticonderoga — nessa época a cidade tinha vários industriais

importantes, cujo apoio era muito valorizado pelos partidos políticos — e Avilion era onde eles ficavam. Havia fotos de vovô Benjamin com três primeiros-ministros em sucessão, emolduradas em dourado e penduradas na biblioteca — *Sir John Sparrow Thompson*, *Sir Mackenzie Bowell*, *Sir Charles Tupper*. Eles devem ter preferido a comida de lá a qualquer outra coisa disponível.

A tarefa de Adelia devia ser planejar e encomendar esses jantares, e depois evitar que a vissem devorando-os. A etiqueta mandava que ela apenas beliscasse quando estivesse com visitas: mastigar e engolir eram atividades carnais demais. Imagino que ela mandasse levar uma bandeja para o seu quarto depois. E comesse com dez dedos.

Avilion foi terminada em 1889, e batizada por Adelia. Ela tirou o nome de Tennyson:

A ilha-vale de Avilion;

Onde o granizo, a chuva e a neve não caem,

Nem o vento sopra com força; e ela se estende

Pelas campinas, feliz, bela com seus pomares e grama

E vales frondosos banhados pelo sol de verão...

Ela mandou imprimir esta citação na parte interior esquerda dos seus cartões de Natal. (Tennyson estava um pouco fora de moda, pelos padrões ingleses — Oscar Wilde estava em ascensão na época, pelo menos entre a juventude —, mas o fato é que em Port Ticonderoga tudo era um pouco fora de moda.)

As pessoas — as pessoas da cidade — devem ter rido dela por causa desta citação: mesmo aquelas com pretensões sociais referiam-se a ela como Sua Alteza ou a Duquesa, embora ficassem magoadas se ela as deixasse de fora da sua lista de convidados. Sobre seus cartões de Natal, elas devem ter dito, *Bem, ela não teve sorte quanto ao granizo e à neve. Talvez ela vá dar uma palavrinha a Deus sobre isso.* Ou talvez, nas fábricas: *Alguém já viu algum vale frondoso por aqui, a não ser na frente do vestido dela?* Eu conheço o estilo delas e duvido que tenha mudado muito.

Adelia estava se exibindo com o seu cartão de Natal, mas acho que havia mais alguma coisa aí. Avilion foi onde o rei Artur morreu. Sem dúvida, a escolha deste nome por parte de Adelia significa que ela se considerava irremediavelmente exilada: ela pôde ser capaz de criar um pálido simulacro de uma ilha de felicidade por pura força de vontade, mas aquilo nunca seria a coisa verdadeira. Ela queria um salão; ela queria artistas, poetas, compositores, cientistas, como tinha visto ao visitar seus primos ingleses, quando sua família ainda tinha dinheiro. Uma vida venturosa, com amplos gramados.

Mas não havia essas pessoas em Port Ticonderoga, e Benjamin recusava-se a viajar. Ele precisava ficar perto de suas fábricas, dizia. Mas o mais provável é que não quisesse ser arrastado para perto de pessoas que iriam debochar dele por fabricar botões, e onde talvez houvesse talheres desconhecidos à espreita, e onde Adelia se sentiria envergonhada por causa dele.

Adelia se recusava a viajar sem ele, para a Europa ou qualquer outro lugar. Poderia ser muito tentador, não voltar mais. Afastar-se, gastando dinheiro aos poucos como um balão que se esvazia, uma presa fácil para crápulas encantadores, decaindo a níveis

degradantes. Com um decote daqueles, ela teria sido suscetível.

Dentre outras coisas, Adelia gostava de esculturas. Havia duas esfinges de pedra, uma de cada lado da estufa — Laura e eu costumávamos subir nas costas delas —, e um fauno saltitante espreitando atrás de um banco de pedra, com orelhas pontudas e uma enorme folha de parreira escondendo suas partes íntimas como se fosse uma insígnia; e sentada ao lado do laguinho de nenúfares havia uma ninfa, uma menina recatada, com pequenos seios adolescentes e uma trança de cabelo de mármore sobre um dos ombros, um dos pés ligeiramente mergulhado na água. Nós costumávamos comer maçãs ao lado dela, e ficar vendo os peixinhos dourados mordiscando seus dedos dos pés.

(Essas peças eram tidas como "autênticas", mas autênticas em quê? E como foi que Adelia as conseguiu? Eu suspeito de uma sucessão de furtos algum intermediário europeu de reputação duvidosa conseguindo-as por uma bagatela, falsificando sua origem, depois impingindo-as a Adelia e embolsando a diferença, julgando corretamente que uma americana rica pois ele deve tê-la rotulado assim — não iria perceber.)

Adelia também projetou o mausoléu da família, com seus dois anjos. Ela queria que o meu avô desenterrasse os seus antepassados e os transferisse para lá, a fim de dar a impressão de uma dinastia, mas ele nunca chegou a fazer isso. No fim, ela foi a primeira a ser enterrada lá.

Será que vovô Benjamin deu um suspiro de alívio quando Adelia se foi? Ele pode ter ficado cansado de saber que jamais poderia corresponder aos seus padrões de exigência, embora seja óbvio que

ele a admirasse de uma forma quase reverente. Nada em Avilion podia ser modificado, como, por exemplo: nenhum quadro retirado, nenhuma peça de mobília substituída. Talvez ele considerasse a casa como um verdadeiro monumento a ela.

Então, eu e Laura fomos criadas por ela. Crescemos dentro da casa dela; quer dizer, dentro da sua concepção de si mesma. E dentro da sua concepção de quem nós devíamos ser, mas não éramos. Como nessa altura ela já estava morta, nós não pudemos argumentar.

Meu pai era o mais velho de três filhos, e Adelia deu a cada um o que achava ser um nome elegante: Norval, Edgar e Percival, uma recordação da época arturiana com uma pitada de Wagner. Suponho que eles devam ter ficado satisfeitos por não se chamarem Uther ou Sigmund ou Ulric. Vovô Benjamin adorava os filhos e queria que eles aprendessem tudo sobre a fabricação de botões, mas Adelia tinha planos mais ambiciosos. Ela os despachou para o Trinity College School, em Port Hope, onde Benjamin e suas máquinas não pudessem vulgarizá-los. Ela apreciava a utilidade da riqueza de Benjamin, mas preferia fazer vista grossa quanto às suas origens.

Os filhos vinham passar as férias de verão em casa. No colégio interno, e depois na universidade, eles tinham adquirido um desprezo cordial pelo pai, que não sabia ler latim, nem mesmo mal, como eles. Eles conversavam sobre pessoas que ele não conhecia, cantavam canções que ele nunca tinha ouvido, contavam piadas que ele não conseguia entender. Saíam para velejar ao luar no seu pequeno iate, o *Water Nixie*, batizado por Adelia — outro de seus goticismos. Tocavam bandolim (Edgar) e banjo (Percival) e tomavam

cerveja às escondidas e se metiam em confusão, deixando para ele consertar. Andavam pela cidade num dos dois carros novos do pai, embora as estradas ficassem tão ruins durante a metade do ano — neve, depois lama, depois poeira — que havia muito pouco lugar para dirigir um carro. Houve boatos de garotas muito soltas, pelo menos com relação aos dois rapazes mais moços, e de dinheiro trocando de mãos — bem, era no mínimo decente pagar as moças para que elas pudessem livrar-se das conseqüências, e quem ia querer um bando de bebês Chase indesejáveis engatinhando por lá? —, mas não eram moças da cidade, então os filhos não eram censurados; pelo contrário, pelo menos entre os homens. As pessoas riam um pouco deles, mas não muito: eles tinham a reputação de ser sensatos e de ter um certo tato. Edgar e Percival eram conhecidos como Eddie e Percy, embora o meu pai, sendo mais tímido e mais sério, tenha sido sempre chamado de Norval. Eles eram rapazes de aparência agradável, um tanto impetuosos, como se esperava que fossem os rapazes. O que significava exatamente "impetuoso"?

— Eles eram uns patifes — Reenie me disse —, mas nunca foram canalhas.

— E qual é a diferença? — eu perguntei.

Ela suspirou. — Eu só espero que você jamais descubra — ela disse.

Adelia morreu em 1913, de câncer — um tipo sem nome e, portanto, possivelmente de origem ginecológica. Durante o último mês da doença de Adelia, a mãe de Reenie veio ajudar na cozinha, e Reenie veio junto; ela tinha treze anos na época, e a coisa toda causou uma

impressão muito forte nela. "A dor era tanta que tinham que dar morfina a ela, de quatro em quatro horas, e as enfermeiras se revezavam dia e noite. Mas ela não ficava na cama, não se deixava abater, estava sempre em pé e lindamente vestida como sempre, mesmo quando se sabia que ela estava quase fora de si. Eu costumava vê-la caminhando pelo jardim, com suas roupas de tons claros e um chapéu grande com um véu. Ela tinha uma bela postura e mais coragem do que qualquer homem. No final, tiveram de amarrá-la na cama, para o seu próprio bem. O seu avô ficou desesperado, dava para ver que ele tinha perdido completamente o ânimo." com o passar do tempo, à medida que eu ia ficando mais difícil de impressionar, Reenie acrescentou gritos abafados, gemidos e juras feitas no leito de morte, embora eu nunca tenha entendido bem a sua intenção. Estaria ela me dizendo que eu também devia mostrar essa força — essa resistência à dor, essa recusa em se entregar —, ou estaria meramente revelando os detalhes angustiantes? As duas coisas, sem dúvida.

Quando Adelia morreu, os três rapazes já estavam crescidos. Será que lamentaram a perda da mãe, será que sentiram saudade dela? É claro que sim. Como poderiam deixar de sentir gratidão pela sua dedicação a eles? Ainda assim, ela os havia mantido em rédeas curtas, tão curtas quanto pôde. Deve ter havido um certo relaxamento de rédeas depois que ela morreu.

Nenhum dos três filhos queria entrar no negócio de botões, pelo qual tinham herdado o desprezo da mãe, embora não tivessem herdado também o seu realismo. Eles sabiam que dinheiro não cresce em árvores, mas tinham poucas idéias brilhantes sobre onde ele cresce. Norval — meu pai — achou que podia estudar direito e

depois entrar na política, uma vez que tinha planos de melhorar o país. Os outros dois queriam viajar: quando Percy terminasse a faculdade, eles tencionavam fazer uma expedição à América do Sul, para procurar ouro. O desconhecido acenava para eles.

Então, quem se encarregaria das Indústrias Chase? Não haveria nenhum Chase e Filhos? Se não, por que Benjamin tinha se matado de trabalhar? A essa altura ele já havia convencido a si mesmo de que tinha feito isso por motivos alheios à sua própria ambição, aos seus próprios desejos — por algum nobre propósito. Ele havia construído um legado, queria passá-lo adiante, de geração em geração.

Este deve ter sido o tema de diversas discussões ao redor da mesa de jantar, enquanto tomavam um porto. Mas os rapazes fincaram pé. Você não pode obrigar um rapaz a dedicar sua vida à fabricação de botões se ele não o quiser. Eles não decidiram decepcionar o pai de propósito, mas também não quiseram arcar com o fardo maçante e enervante das coisas mundanas.

O enxoval

O novo ventilador já foi comprado. As peças vieram numa caixa grande de papelão e foram montadas por Walter, que trouxe sua caixa de ferramentas e aparafusou tudo. Quando terminou, disse: "Ela deve estar funcionando."

Barcos são femininos para Walter, assim como motores de carro enguiçados e lanternas e rádios quebrados — qualquer tipo de coisa que possa ser consertada pelas ferramentas habilmente manuseadas pelos homens e que volta a ficar boa como nova. Por que eu acho isso reconfortante? Talvez eu acredite, em algum cantinho infantil e crédulo de mim mesma, que Walter ainda poderá usar o seu alicate e suas chaves de fenda e fazer o mesmo comigo.

O ventilador alto está instalado no meu quarto. Eu arrastei o velho pelas escadas até a varanda, onde ele está virado para a minha nuca. A sensação é agradável mas enervante, como se uma mão de ar fresco estivesse pousada suavemente no meu ombro. Assim ventilada, eu me sento na minha mesa de madeira, arranhando o papel com a minha caneta. Arranhando, não — as canetas não arranham mais. As palavras deslizam suave e silenciosamente sobre o papel; fazê-las fluir pelo braço, espremê-las pelos dedos é que é tão difícil.

Já é quase noite agora. Não há vento; o som das cachoeiras rolando pelo jardim é como uma longa respiração. As flores azuis se fundem com o ar, as vermelhas ficam pretas, as brancas brilham, fosforescentes. As tulipas perderam as pétalas, ficando com os

pistilos nus — pretos, parecendo uma boca, sexuais. As peônias estão quase no fim, enlameadas e moles como um lenço de papel molhado, mas os lírios floresceram; bem como a flox. As últimas laranjinhas perderam suas flores, deixando o gramado cheio de confetes brancos.

Em julho de 1914, minha mãe casou-se com o meu pai. Isto, na minha opinião, merecia uma explicação, considerando as circunstâncias.

Minha esperança era Reenie. Quando estava na idade de me interessar por essas coisas — dez, onze, doze, treze anos —, eu costumava me sentar na mesa da cozinha e arrancar as coisas dela a saca-rolha.

Ela tinha menos de dezessete anos quando veio para Avilion, de um conjunto de casas geminadas na margem sudeste do Jogues, onde moravam os operários. Ela dizia que era escocesa e irlandesa, não irlandesa católica, é claro, o que queria dizer que suas avós eram. Tinha começado como minha babá, mas em consequência das reviravoltas e dos atritos, ela agora era o nosso esteio. Que idade ela tinha? *Não é da sua conta. Você já tem idade suficiente para saber que não se pergunta isso. E ponto final.* Quando se perguntava alguma coisa sobre sua vida, ela se fechava como uma ostra. *O que é meu só interessa a mim*, ela costumava dizer. Como isso me pareceu prudente um dia. Como me parece mesquinho agora.

Mas ela sabia as histórias da família, ou pelo menos algumas. O que ela me contava variava em função da minha idade, e também dependendo do quanto ela estava distraída na hora. Entretanto, foi assim que eu juntei fragmentos suficientes do passado para ser capaz

de reconstituí-lo, provavelmente guardando a mesma semelhança com o original que um retrato feito de mosaicos. De todo modo, eu não queria realismo: queria que as coisas fossem bem coloridas, simples, sem ambigüidades, que é o que a maioria das crianças deseja quando se trata de histórias dos seus pais. Elas querem um cartão-postal.

Meu pai tinha pedido minha mãe em casamento (segundo Reenie) numa festa de patinação. Havia uma enseada — um velho açude — acima das cachoeiras, onde a água se movia lentamente. Quando os invernos eram bem frios, formava-se ali uma camada de gelo suficientemente grossa para se patinar. Era ali que o grupo de jovens da igreja dava as suas festas de patinação, que não eram chamadas de festas e sim de excursões.

Minha mãe era metodista, mas meu pai era anglicano: portanto, minha mãe estava num nível social mais baixo que o meu pai, da forma como essas coisas eram vistas na época. (Se minha avó Adelia estivesse viva, ela jamais teria permitido o casamento, ou foi o que eu concluí depois. Minha mãe estaria muito baixo na escala para ela — além de ser puritana demais, séria e provinciana. Adelia teria arrastado o meu pai para Montreal — e o amarrado a uma debutante, no mínimo. Alguém com melhores roupas.)

Minha mãe era jovem, tinha apenas dezoito anos, mas não era uma moça tola, superficial, Reenie disse. Ela dava aulas na escola; você podia ser professora com menos de vinte anos. Ela não *precisava* lecionar: seu pai era o advogado principal das Indústrias Chase, e eles tinham uma situação financeira "confortável". Mas, como sua própria mãe, que tinha morrido quando ela tinha nove anos, minha mãe levava a sua religião a sério. Ela acreditava que

devemos ajudar aos menos afortunados do que nós. Começara a ensinar aos pobres como uma espécie de trabalho missionário, Reenie dizia com admiração. (Reenie freqüentemente admira atos da minha mãe que ela própria teria achado estúpido e incapazes. Quanto aos pobres, ela havia crescido entre eles e os achava ineficientes. Você pode ensiná-los até ficar sem fôlego, mas com relação à maioria você vai estar apenas batendo com a cabeça num muro de tijolo, ela dizia. *Mas a sua mãe, que Deus a abençoe, nunca viu isso.*)

Existe um retrato da minha mãe na Escola Normal, em Ontário, junto com duas outras moças; todas três estão paradas nos degraus da frente da pensão em que viviam, rindo, de braços dados. A neve do inverno está amontoadada de cada lado; pingentes de gelo caem do teto. Minha mãe está usando um casaco de pele de foca. Sob o seu chapéu, as pontas do seu cabelo fino estão quebradiças. Ela já devia ter comprado o *pince-nez* que precedeu os óculos de coruja de que eu me lembro — ela ficou míope muito cedo —, mas no retrato ela está sem ele. Um dos seus pés, calçado com uma bota forrada de pele, está visível, com o tornozelo virado de forma coquete. Ela parece corajosa, até mesmo ousada, como um jovem bucaneiro.

Depois da formatura, ela resolveu aceitar um emprego numa escola de uma só sala, mais para oeste e para o norte, no que era então o interior. Havia ficado chocada com a experiência — com a pobreza, a ignorância, os piolhos. As crianças eram costuradas dentro de suas roupas de baixo no outono e só eram descosturadas na primavera, um detalhe que permaneceu na minha mente como particularmente miserável. *É claro*, disse Reenie, *que aquilo não era lugar para a sua mãe.*

Mas minha mãe achava que estava realizando alguma coisa — *fazendo alguma coisa* — pelo menos para algumas daquelas pobres crianças, ou pelo menos desejava estar; e então ela veio passar o Natal em casa. Sua palidez e sua magreza foram comentadas: ela precisava de rosas no rosto. Então lá estava ela na festa de patinação, no açude gelado, em companhia do meu pai. Ele tinha amarrado os patins dela primeiro, apoiado em um dos joelhos.

Eles se conheciam havia algum tempo, por meio de seus respectivos pais. Tinha havido encontros anteriores, muito decorosos. Eles tinham representado juntos, no último dos espetáculos teatrais ao ar livre de Adelia — ele tinha sido Ferdinando, ela, Miranda, numa versão expurgada de *A Tempestade*, em que tanto o sexo quanto Calibã haviam sido minimizados. Usando um vestido cor-de-rosa, disse Reenie, e uma coroa de rosas; e ela recitou os versos com perfeição, igualzinho a um anjo. *O brave new world, that has such people in't!* E o olhar desfocado dos seus olhos deslumbrados, límpidos, míopes. Dava para ver como aquilo ia acabar.

Meu pai poderia ter procurado em outro lugar uma esposa com mais dinheiro, mas ele deve ter querido alguém leal e verdadeiro: alguém em quem pudesse confiar. Apesar da sua alegria — aparentemente, um dia ele foi alegre —, ele era um rapaz sério, disse Reenie, querendo dizer com isso que, se não fosse assim, minha mãe o teria recusado. Ambos eram, a seu modo, impetuosos; ambos queriam realizar algo de valioso, mudar o mundo para melhor. Ideais tão fascinantes, tão arriscados!

Depois de terem patinado diversas vezes ao redor do lago, meu pai pediu minha mãe em casamento. Imagino que ele o tenha feito

com um certo embaraço, mas na época isso era sinal de sinceridade nos homens. E nesse instante, embora seus ombros e quadris devessem estar se tocando, nenhum estava olhando para o outro; eles estavam lado a lado, com as mãos direitas dadas na frente e as mãos esquerdas dadas atrás. (O que ela estava usando? Reenie sabia isso também. Um cachecol de tricô azul, uma boina escocesa e luvas de lã combinando. Ela mesma as havia tricotado. Um casaco de inverno comprido, verde-musgo. Um lenço enfiado na manga — um item que ela jamais esquecia, segundo Reenie, ao contrário de algumas pessoas que ela conhecia.) O que foi que minha mãe fez nesse momento crucial? Ela ficou olhando para o gelo. Não respondeu imediatamente. Isto significava sim.

Em volta deles só havia rochas cobertas de neve e pingentes de gelo tudo branco. Sob seus pés havia gelo, que também era branco, e sob o gelo a água do rio, com suas correntezas e marés, escura mas invisível. Foi assim que eu imaginei a cena naquela época, antes que eu e Laura tivéssemos nascido — tão pura, tão inocente, tão sólida na aparência, mas mesmo assim sobre uma fina camada de gelo. Debaixo da superfície das coisas havia o não dito, fervendo lentamente.

Então veio o anel, e a notícia nos jornais; e então — depois que minha mãe havia completado o ano letivo, como era seu dever — houve o chá formal. Lindamente servido, com sanduíches de aspargo enroladinhos e sanduíches recheados com agrião e três tipos de bolo — um claro, um escuro, um de frutas — e o próprio chá em aparelhos de prata, com rosas na mesa, brancas ou cor-de-rosa ou talvez amarelo-claras, mas não vermelhas. Vermelhas não eram para noivado. Por que não? *Você mais tarde vai saber*, disse Reenie.

E então veio o enxoval. Reenie gostava de dar os detalhes dele — as camisolas, os penhoares, o tipo de renda que se usava, as fronhas bordadas com monogramas, os lençóis e as anáguas. Ela falava de armários e cômodas e rouparias, e das coisas que eram guardadas lá dentro, bem dobradas. Não havia menção aos corpos sobre os quais todos esses tecidos eventualmente seriam colocados: casamentos, para Reenie, eram principalmente uma questão de tecido, pelo menos aparentemente.

Depois havia a lista de convidados, os convites, a escolha das flores, e assim por diante até o casamento.

E então, depois do casamento, veio a guerra. Amor, depois casamento, e então catástrofe. Na versão de Reenie, isto parecia inevitável.

A guerra começou em agosto de 1914, logo depois que meus pais se casaram. Os três irmãos se alistaram imediatamente, sem hesitação. É incrível pensar nisso agora, nesta falta de hesitação. Há um retrato deles, um belo trio com seus uniformes, com expressões sérias e ingênuas e doces bigodes, seus sorrisos indiferentes, seus olhos determinados, posando como os soldados que ainda não haviam se tornado. Papai é o mais alto. Ele manteve sempre este retrato na sua escrivaninha.

Eles entraram para o Regimento Real Canadense, aquele em que todos em Port Ticonderoga ingressavam. Quase que imediatamente, eles foram mandados para as Bermudas, para ajudar o regimento britânico baseado lá, e assim, durante o primeiro ano da guerra, eles passaram o tempo marchando em paradas e jogando críquete. E

também se aborrecendo, conforme diziam em suas cartas. Vovô Benjamin lia essas cartas avidamente. Conforme o tempo ia passando sem uma vitória para nenhum dos lados, ele foi se tornando mais e mais nervoso e inseguro.

Não era assim que as coisas deveriam acontecer. A ironia era que os negócios estavam indo de vento em popa. Recentemente ele havia expandido para celulose e borracha, quer dizer, os botões, o que permitia volumes maiores; e devido aos contatos políticos que Adelia o havia ajudado a fazer, suas fábricas receberam muitos pedidos para suprir as tropas. Ele era tão honesto quanto sempre fora, não entregava artigos defeituosos, não era um aproveitador da guerra nesse sentido. Mas não se pode dizer que não tenha tido lucro.

A guerra é boa para a indústria de botões. Perdem-se tantos botões na guerra, e eles têm de ser substituídos — caixotes de botões, caminhões de botões de cada vez. Eles explodem em mil pedaços, afundam no chão, pegam fogo. O mesmo pode-se dizer com relação a roupas de baixo. Sob um ponto de vista financeiro, a guerra era uma fogueira milagrosa: um enorme incêndio alquímico, cuja fumaça se transformava em dinheiro. Pelo menos foi assim para o meu avô. Mas isto não agradava mais a sua alma nem despertava a consciência da sua própria retidão, como poderia ter feito antes, em épocas de maior autocomplacência. Ele queria seus filhos de volta. Não que eles tivessem ido para algum lugar perigoso por enquanto: ainda estavam nas Bermudas, marchando ao sol.

Em seguida à sua lua-de-mel (em Finger Lakes, no estado de Nova York), meus pais estavam morando em Avilion até poderem montar casa própria, e mamãe ficou lá para supervisionar a criadagem do meu avô. Eles estavam com poucos empregados

porque toda a mão-de-obra era necessária para as fábricas ou para o Exército, mas também porque achavam que Avilion devia dar o exemplo e reduzir despesas. Mamãe insistia em refeições simples — ensopado nas quartas-feiras, feijão cozido nas noites de domingo —, o que estava ótimo para o meu avô. Ele nunca tinha se sentido muito confortável com os cardápios complicados de Adelia.

Em agosto de 1915, o Regimento Real Canadense foi mandado de volta para Halifax, para se preparar para partir para a França. Ele ficou no porto por mais de uma semana, embarcando mantimentos e novos recrutas e trocando os uniformes tropicais por roupas mais quentes. Os homens receberam rifles Ross, que mais tarde iriam entupir na lama, deixando-os indefesos.

Minha mãe tomou o trem para Halifax para se despedir do meu pai. O lugar estava apinhado de homens a caminho do *front*; ela não conseguiu arrumar um leito, então viajou o tempo todo sentada. Havia pés nos corredores, e embrulhos, e escarradeiras; tosse, ronco — ronco de bêbado, sem dúvida. Ao olhar para os rostos tão jovens à sua volta, a guerra tornou-se real para ela, não como uma idéia, mas como uma presença física. Seu jovem marido poderia ser morto. Seu corpo poderia ser ferido; poderia ser destroçado; poderia tornar-se parte do sacrifício que — estava claro agora — ia ter de ser feito. Junto com esta percepção, veio desespero e terror, mas também — tenho certeza — um certo orgulho misturado com tristeza.

Não sei onde os dois ficaram em Halifax, ou por quanto tempo. Se foi num hotel respeitável ou, como os quartos eram escassos, numa pensão barata, num cortiço de beira de cais. Foi por alguns dias, por uma noite, algumas horas? O que se passou entre eles, o que foi dito? As coisas de sempre, eu suponho, mas quais eram elas?

Não é mais possível saber. Então o navio com o regimento partiu — era o *SS Caledonian* — e minha mãe ficou parada no cais junto com as outras esposas, acenando e chorando. Ou talvez sem chorar: ela teria achado isso uma fraqueza.

Em algum lugar na França. Não posso descrever o que está acontecendo aqui, meu pai escreveu, e nem vou tentar fazê-lo. Só podemos confiar que esta guerra seja para o melhor e que a civilização vá ser preservada e vá progredir por causa dela. As baixas são (palavras riscadas) numerosas. Eu nunca soube até agora do que os homens são capazes. O que se tem de suportar é além (palavra riscada). Penso em todos aí de casa todos os dias, e especialmente em você, minha querida Liliana.

Em Avilion, minha mãe se pôs em ação. Ela acreditava em prestação de serviço público; achava que tinha de arregaçar as mangas e fazer algo de útil em prol do esforço de guerra. Ela organizou um Comitê de Assistência que recolhia dinheiro por meio de bazares. Esse dinheiro era empregado em pequenas caixas contendo tabaco e balas, que eram enviadas para as trincheiras. Ela abriu Avilion para estas atividades, o que, segundo Reenie, prejudicou bastante os pisos. Além dos bazares, toda terça-feira à tarde o grupo dela tricotava para as tropas, na sala de visitas — toalhinhas para as iniciantes, cachecóis para as intermediárias, gorros e luvas para as mais adiantadas. Em pouco tempo, um outro batalhão de recrutas foi acrescentado, nas quintas-feiras — mulheres mais velhas, menos cultas, do sul do Jogues, que sabiam tricotar até dormindo. Elas faziam roupinhas de bebê para os armênios, que diziam estar passando fome, e para algo chamado Refugiados de Além-mar. Após

duas horas de trabalho, um lanche frugal era servido na sala de jantar, com Tristão e Isolda olhando languidamente.

Quando soldados feridos começaram a aparecer, nas ruas e nos hospitais de cidades próximas — Port Ticonderoga ainda não tinha um hospital —, minha mãe os visitava. Ela escolhia os piores casos — homens que (segundo Reenie) não venceriam nenhum concurso de beleza — e dessas visitas ela voltava esgotada e abalada, e às vezes até chorava na cozinha, tomando o chocolate batido que Reenie preparava para sustentá-la. Ela não se poupava, Reenie disse. Ela arruinava a sua saúde. Ela ia além de suas forças, especialmente considerando o seu estado.

Quanta virtude estive um dia ligada a esta noção — de ir além das próprias forças, de não se poupar, de arruinar a saúde! Ninguém nasce com essa espécie de desprendimento: ele só pode ser adquirido por meio da mais férrea disciplina, de uma tendência natural para o auto-sacrifício, e no meu tempo o segredo ou a aptidão para isso já devia estar perdido. Ou talvez eu não tenha tentado, por ter sofrido os efeitos que isto teve sobre a minha mãe.

Quanto a Laura, ela não era desprendida, de jeito nenhum. Ela era, sim, desapegada, o que é bem diferente.

Eu nasci no início de junho de 1916. Logo depois, Percy foi morto durante um bombardeio em Ypres Salient, e em julho Eddie morreu em Somme. Ou presumiu-se que tenha morrido: onde ele fora visto pela última vez havia uma enorme cratera. Estes foram acontecimentos difíceis para a minha mãe, mas muito mais difíceis para o meu avô. Em agosto, ele teve um derrame devastador, que

afetou sua fala e sua memória.

Não oficialmente, minha mãe assumiu o comando das fábricas. Ela se interpôs entre meu avô — que diziam estar convalescendo — e todas as outras pessoas, e se reunia diariamente com o secretário e com os diversos capatazes. Como ela era a única pessoa que conseguia entender o que o meu avô falava, ou que dizia que conseguia, ela se tornou sua intérprete; e como era a única pessoa que tinha permissão para segurar a mão dele, ela guiava a sua assinatura; e quem pode dizer que às vezes ela não utilizava o seu próprio julgamento?

Não que não houvesse problemas. Quando a guerra começou, um sexto dos operários era mulheres. No final da guerra, esse número havia crescido para dois terços. Os homens que sobraram eram velhos, ou parcialmente aleijados, ou de alguma forma incapacitados para lutar na guerra. Eles se ressentiam com a ascendência das mulheres, e resmungavam contra elas ou faziam brincadeiras vulgares, e por sua vez as mulheres os consideravam fracos ou covardes e não conseguiam disfarçar que os desprezavam. A ordem natural das coisas — o que a minha mãe achava que era a ordem natural estava virando de cabeça para baixo. Mesmo assim, o salário era bom, e é o dinheiro que faz a roda girar, e de modo geral minha mãe foi capaz de manter as coisas funcionando bastante bem.

Eu imagino o meu avô, sentado na biblioteca à noite, na sua cadeira forrada de couro verde enfeitada de tachas douradas, na sua escrivaninha de mogno. Seus dedos estão encostados uns nos outros, os da mão viva e os da mão morta. Ele está esperando alguém. A porta está entreaberta; ele vê uma sombra do outro lado da porta. Ele diz "Entre", tem a intenção de dizer, mas ninguém entra, nem

responde.

A enfermeira estúpida chega. Ela pergunta o que ele pensa que está fazendo ali sentado sozinho no escuro. Ele ouve um som, mas não são palavras, parecem mais corvos; ele não responde. Ela o segura pelo braço e o ergue com facilidade da cadeira, levando-o para a cama. Sua saia branca ruge. Ele ouve um vento seco, soprando pelos campos cobertos de folhas de outono. Ele escuta o murmúrio da neve.

Será que ele sabia que os seus dois filhos estavam mortos? Estaria desejando que estivessem vivos de novo, seguros, em casa? Será que teria sido mais triste para ele se o seu desejo tivesse se realizado? Poderia ter sido geralmente é —, mas esses pensamentos não servem de consolo.

O gramofone

Na noite passada, eu assisti ao canal do tempo, como é meu hábito. Em algum lugar do mundo estão acontecendo inundações: águas barrentas, vacas boiando, inchadas, sobreviventes amontoados em telhados. Milhares de pessoas se afogaram. Estão pondo a culpa no aquecimento do planeta: as pessoas têm de parar de queimar coisas, é o que dizem. Gasolina, óleo, florestas inteiras. Mas elas não vão parar. A fome e a ambição as fazem continuar, como sempre.

Onde eu estava? Eu volto a página: a guerra ainda está acontecendo, causando morte e destruição. Mas nestas páginas, uma página nova, limpa, eu vou fazer a guerra acabar — eu sozinha, com um golpe da minha caneta esferográfica preta. Só o que tenho a fazer é escrever: *1918. 11 de novembro. Dia do Armistício.*

Pronto. Terminou. As armas estão silenciosas. Os homens que sobreviveram olham para o céu, seus rostos encardidos, suas roupas encharcadas; eles saem de suas tocas e trincheiras imundas. Ambos os lados têm a sensação de ter perdido. Nas cidades, nos campos, aqui e do outro lado do oceano, os sinos das igrejas começam a tocar. (Eu me lembro disso, dos sinos tocando. E uma das primeiras lembranças. Foi tão estranho — o ar tão cheio de som, e ao mesmo tempo tão vazio. Reenie me levou para fora para ouvir. Lágrimas corriam pelo seu rosto. *Graças a Deus*, ela disse. O dia estava frio, havia geada nas folhas caídas, uma camada fina de gelo no lago de nenúfares. Eu quebrei o gelo com um pauzinho. Onde estava

mamãe?)

Papai tinha sido ferido no Somme, mas havia se recuperado e fora promovido a segundo-tenente. Foi ferido de novo em Vimy Ridge, embora sem gravidade, e promovido a capitão. Foi ferido de novo em Bourlon Wood, desta vez mais seriamente. Foi enquanto ele estava se recuperando na Inglaterra que a guerra terminou.

Ele perdeu a recepção triunfante às tropas em Halifax, as paradas da vitória e tudo o mais, mas houve uma recepção especial em Port Ticonderoga só para ele. O trem parou. Começaram a aplaudir. Mãos se ergueram para ajudá-lo a descer, depois hesitaram. Ele tinha um olho bom e uma perna boa. Seu rosto estava macilento, costurado, fanático.

Despedidas podem ser arrasadoras, mas retornos são sempre piores. Carne e osso não podem jamais corresponder à brilhante imagem deixada pela sua ausência. O tempo e a distância aparam as arestas; então, subitamente, o amado retorna, e o sol de meio-dia, com sua claridade impiedosa, revela cada mancha e ruga e imperfeição.

Foi o que ocorreu com minha mãe e meu pai. Como é que cada um deles podia compensar o outro por ter mudado tanto? Por não ser aquilo que o outro esperava. Como poderia não haver rancores? Rancores silenciosos e injustos, porque não havia a quem culpar, pelo menos ninguém que você pudesse apontar com o dedo. A guerra não era uma pessoa. De que adiantava culpar um furacão?

Lá estão eles, na plataforma do trem. A banda toca, na maioria metais. Ele está de uniforme; suas medalhas são como buracos feitos a bala no pano, através dos quais pode-se ver o brilho opaco do seu

corpo verdadeiro, de metal. Ao lado dele, invisíveis, estão seus irmãos — os dois rapazes perdidos, aqueles que ele sente que perdeu.

Minha mãe está lá com o seu melhor vestido, um modelo cintado, com lapelas, e um chapéu com uma fita engomada. Ela sorri tremulamente. Nenhum dos dois sabe exatamente o que fazer. A máquina do jornal apanha-os em seu clarão; eles arregalam os olhos, como se tivessem sido surpreendidos praticando um crime. Meu pai está usando um pano preto sobre o olho direito. Seu olho esquerdo faísca maleficamente. Por baixo do pano, ainda não revelada, existe uma teia de carne costurada, em que seu olho inexistente é a aranha.

"O herdeiro dos Chase volta como herói", o jornal irá anunciar. Isso é outra coisa: meu pai agora é o herdeiro, o que significa que ele ficou sem pai assim como ficou sem irmãos. O reino está em suas mãos, e ele parece de barro.

Minha mãe chorou? É possível que sim. Eles devem ter se beijado envergonhadamente, como se estivessem num camarote para o qual ele tivesse comprado o bilhete errado. Não era disso que ele se lembrava, desta mulher eficiente, preocupada, com um pincenê como o de uma tia solteirona brilhando numa corrente de prata ao redor do seu pescoço. Eles agora eram estranhos, e — deve ter-lhes ocorrido — sempre haviam sido. Como a claridade era cruel. Como eles tinham envelhecido. Não havia nenhum traço do rapaz que um dia havia se ajoelhado tão respeitosa e no gelo para amarrar seus patins, ou da jovem que havia docemente aceitado esta homenagem.

Algo mais materializava-se como uma espada entre eles. É claro que ele tivera outras mulheres, daquelas que ficam por perto nos campos de batalha, se aproveitando. Prostitutas, para não fazer

rodeios com uma palavra que minha mãe jamais teria pronunciado. Ela deve ter sabido, assim que ele pôs a mão nela: a timidez, a reverência, teriam desaparecido. Ele provavelmente resistiu à tentação nas Bermudas, depois na Inglaterra, até a época em que Percy e Eddie foram mortos e ele foi ferido. Depois disso, ele se agarrara à vida, a qualquer pedaço dela que estivesse ao seu alcance. Como ela podia deixar de compreender a necessidade dele diante das circunstâncias?

Ela compreendeu, ou pelo menos compreendeu que devia compreender. Ela compreendeu, e não disse nada a respeito, e rezou para conseguir perdoar, e realmente perdoou. Mas ele não deve ter achado muito fácil conviver com o seu perdão. Café da manhã numa nuvem de perdão: café com perdão, mingau com perdão, perdão na torrada amanteigada.

Ele deve ter se sentido impotente diante disso, pois como se pode repudiar algo que jamais é dito? Ela teve raiva, também, da enfermeira, ou enfermeiras, que cuidaram do meu pai nos diversos hospitais. Ela queria que ele devesse apenas a ela a sua recuperação — aos seus cuidados, à sua incansável devoção. Esse é o outro lado do desprendimento: sua tirania.

No entanto, meu pai não estava assim tão saudável. Na verdade estava um trapo, conforme demonstram os gritos no escuro, os pesadelos, os súbitos ataques de raiva, a tigela ou copo atirado de encontro à parede ou ao chão, embora nunca nela. Ele estava aos cacos e precisava de conserto: portanto, ela ainda podia ser útil. Ela ia criar ao redor dele uma atmosfera de calma, ia mimá-lo, ia acariciá-lo, ia pôr flores na mesa do café e preparar seus pratos favoritos no jantar. Pelo menos ele não havia contraído nenhuma

doença ruim.

No entanto, algo muito pior havia acontecido: meu pai agora era ateu. Nas trincheiras, Deus tinha explodido como um balão de gás, e não restara nada dele a não ser pedacinhos pegajosos de hipocrisia. A religião não passava de uma vara para bater nos soldados, e quem quer que dissesse o contrário estava repetindo uma baboseira piegas. De que havia adiantado a nobreza de Percy e Eddie — sua bravura, suas mortes terríveis? Para que haviam servido? Eles tinham sido mortos por causa da incompetência de um bando de velhos criminosos, como se eles os tivessem degolado pessoalmente e atirado seus corpos ao mar da amurada do *SS Caledonian*. Toda essa conversa de lutar por Deus e pela Civilização dava-lhe vontade de vomitar.

Minha mãe ficou horrorizada. Ele estava dizendo que Percy e Eddie haviam morrido por nada? Que todos aqueles pobres homens haviam morrido por nada? Quanto a Deus, quem mais os havia socorrido nesse período de provação e sofrimento? Ela implorou a ele que pelo menos mantivesse o seu ateísmo para si mesmo. Então ficou profundamente envergonhada por ter pedido isto — como se o que importasse mais para ela fosse a opinião dos vizinhos e não o estado do relacionamento entre a alma do meu pai e Deus.

Entretanto, ele respeitou o desejo dela. Viu a necessidade de respeitá-la. De todo modo, ele só dizia essas coisas quando bebia. Ele nunca bebeu antes da guerra, não de uma forma regular, determinada, como bebia agora. Ele bebia e andava de um lado para outro, arrastando o pé doente. Após algum tempo, ele começava a tremer. Minha mãe tentava acalmá-lo, mas ele não queria ser acalmado.

Ele subia para a torrinha de Avilion dizendo que queria fumar. Na verdade, era uma desculpa para ficar sozinho. Lá em cima ele falava sozinho e se jogava de encontro às paredes, e terminava bebendo até cair. Ele saía da presença da minha mãe para fazer isso porque ainda se achava um cavalheiro, ou então porque se apegava a alguns farrapos de convenções. Ele não queria assustá-la. E também ficava sem jeito pelo fato de as tentativas bem-intencionadas de ela agradá-lo o deixarem tão irritado.

Passo leve, passo pesado, passo leve, passo pesado, como um animal com uma das patas presa numa armadilha. Gemidos e gritos abafados. Vidro quebrado. Esses barulhos me acordavam: o chão da torrinha ficava em cima do meu quarto. Depois havia passos descendo; depois silêncio, uma silhueta preta espreitando do lado de fora do retângulo fechado da porta do meu quarto. Eu não podia vê-lo lá, mas podia senti-lo, um monstro cambaleante com um único olho, tão triste. Eu já tinha me acostumado com os sons, não achava que ele fosse me machucar, mas tratava-o com cautela mesmo assim.

Eu não quero dar a impressão de que ele fazia isso todas as noites. Também, essas sessões — crises, talvez — foram se tornando mais raras com o tempo. Mas dava para ver que estava chegando uma crise pelo endurecimento da boca da minha mãe. Ela tinha uma espécie de radar, podia detectar as ondas da raiva dele se avolumando.

Eu estou querendo dizer que ele não a amava? De jeito nenhum. Ele a amava; sob certos aspectos, ele era devotado a ela. Mas não conseguia alcançá-la, e acontecia o mesmo com ela. Era como se eles tivessem bebido alguma poção mágica que iria mantê-los afastados para sempre, mesmo que vivessem na mesma casa, comessem na

mesma mesa, dormissem na mesma cama. Qual seria a sensação de querer, de desejar alguém que está ali bem diante dos seus olhos, entra dia e sai dia? Eu nunca vou saber.

Após alguns meses, meu pai começou a fazer suas perambulações vergonhosas. Não na nossa cidade, no entanto, pelo menos não no começo. Ele tomava um trem para Toronto, "a negócios", e ia beber, e também farrear, como se diz. A notícia se espalhou com incrível rapidez, como costuma acontecer com os escândalos. Estranhamente, tanto minha mãe quanto meu pai se tornaram mais respeitados na cidade por causa disto. Quem poderia culpá-lo, considerando as circunstâncias? Quanto a ela, apesar do que era obrigada a suportar, nunca a ouvimos pronunciar uma única palavra de queixa. O que estava inteiramente de acordo com os padrões.

(Como é que eu sei dessas coisas? Eu não sei, não no sentido comum de saber. Mas em lares como o nosso, o silêncio fala mais do que as palavras — os lábios contraídos, a cabeça virada para o outro lado, o rápido olhar de esguelha. Os ombros levantados como se estivessem carregando um enorme peso. Não é de espantar que eu e Laura adquiríssemos o hábito de ouvir atrás das portas.)

Meu pai tinha uma coleção de bengalas, com cabos especiais — de marfim, de prata, de ébano. Ele fazia questão de vestir-se direito. Ele nunca esperara ter de dirigir os negócios da família, mas agora que os havia assumido tinha a intenção de fazer um trabalho bem-feito. Ele podia ter vendido as fábricas, mas acontece que não havia compradores, não naquele momento nem pelo preço que ele queria.

Ele também achava que tinha uma obrigação, se não perante a memória do seu pai, pelo menos perante a memória dos seus irmãos. Ele mudou o letreiro para Chase e Filhos, embora fosse o único filho vivo. Ele queria ter filhos homens, de preferência dois, para substituir os que haviam morrido. Ele queria perseverar.

Os homens das suas fábricas a princípio idolatravam-no. Não eram apenas as medalhas. Assim que a guerra terminou, as mulheres tinham saído de cena, ou sido empurradas, e seus empregos foram preenchidos pelos homens de volta da guerra — quer dizer, por aqueles que ainda eram capazes de manter um emprego. Mas não havia empregos suficientes para todos: o esforço de guerra havia terminado. Por todo o país houve fechamento de fábricas e dispensa de operários, mas não nas fábricas do meu pai. Ele contratou, contratou mais do que o necessário. Contratou veteranos. Disse que a falta de gratidão do país era desprezível, e que os seus empresários deviam agora pagar parte da dívida. Mas muito poucos o fizeram. Eles fingiram não ver, mas meu pai, que era realmente cego de um olho, não conseguiu fazer isso. Foi assim que começou a ganhar a reputação de ser um renegado e um tanto tolo.

Para todos os efeitos, eu era a filha do meu pai. Eu me parecia mais com ele; tinha herdado sua carranca, seu ceticismo teimoso. (Bem como suas medalhas. Ele as deixaria para mim.) Reenie costumava dizer — quando eu teimava — que eu tinha uma natureza dura e que ela sabia de quem eu a herdara. Laura, por outro lado, era a filha da minha mãe. Ela exibia a mesma devoção, em certos aspectos; tinha a testa alta e pura.

Mas as aparências enganam. Eu jamais teria sido capaz de me atirar de uma ponte. Meu pai teria sido capaz. Minha mãe não.

Aqui estamos nós no outono de 1919, nós três juntos — meu pai, minha mãe e eu — nos esforçando. É novembro; está quase na hora de dormir. Estamos sentados na salinha de estar de Avilion. A lareira está acesa, já que o tempo esfriou. Minha mãe está se recuperando de uma doença recente, misteriosa, que supostamente teve algo a ver com seus nervos. Ela está consertando umas roupas. Ela não precisa fazer isso — podia contratar alguém — mas quer fazer; gosta de ter algo com que ocupar as mãos. Ela está pregando um botão num dos meus vestidos: dizem que eu maltrato muito as minhas roupas. Na mesinha redonda a seu lado está a cesta de costura debruada de capim cheiroso, tecida pelos índios, com suas tesouras e carretéis de linha e seu ovo de cerzir de madeira; e também os seus óculos redondos novos, de plantão. Ela não precisa deles para ver de perto.

O vestido dela é azul-celeste, com um amplo colarinho branco e punhos brancos debruados de fustão. Seu cabelo está ficando prematuramente grisalho. Para ela, tingi-lo seria o mesmo que cortar fora uma das mãos, portanto ela tem o rosto de uma mulher jovem num ninho de lanugem de cardo. O cabelo é repartido ao meio, e cai em ondas largas e abundantes, formando um coque complicado, cheio de nós e torções na parte de trás da sua cabeça. (Quando ela morreu, cinco anos depois, usava o cabelo curto, mais na moda, menos pesado.) Suas pálpebras estão abaixadas, seu rosto redondo, bem como seu estômago; seu sorriso é meigo. O abajur, com sua cúpula amarelo-rosada, lança um brilho suave no seu rosto.

Meu pai está em frente a ela, num sofá. Ele está recostado nas almofadas, mas parece inquieto. Está com a mão no joelho da perna ruim; a perna se sacode para cima e para baixo. (*A perna boa, a*

perna ruim — esses termos despertam o meu interesse. O que foi que a perna ruim fez para ser chamada de ruim? Sua condição oculta, mutilada, é um castigo?)

Eu estou sentada ao lado dele, mas não muito perto. Seu braço está esticado atrás de mim, mas não me toca. Eu seguro a minha cartilha de alfabetização e leio alto, para mostrar que sei ler. Só que eu não sei, apenas decorei as formas das letras e as palavras que acompanham as ilustrações. Numa mesa de canto tem um gramofone, com um alto-falante saindo dele como uma enorme flor de metal. A minha voz soa aos meus ouvidos como a voz que às vezes sai dele: pequena, fraca e distante; algo que você pode desligar com um dedo.

A, de abóbora;

Doce e quentinha:

Uns comem um pedaço,

Outros um pedacinho.

Eu ergo os olhos para o meu pai para ver se ele está prestando atenção. Às vezes, quando você fala com ele, ele não escuta. Ele me vê olhando-o e sorri de leve para mim.

B, de Bebê,

Tão rosado e bonzinho,

Duas mãos tão miúdas

E dois pés pequenininhos.

Meu pai tinha voltado a olhar pela janela. (Será que ele se colocava do lado de fora da janela para olhar para dentro? Um órfão,

eternamente excluído — perdido na noite? Era por isto que ele havia lutado, supostamente — por esta cena idílica ao lado da lareira, esta cena confortável tirada de um anúncio de aveia matinal: a esposa gordinha, de rosto corado, a criança obediente, reverente. Esta placidez, este tédio. Estaria ele sentindo uma certa nostalgia da guerra, apesar do seu odor fétido e da sua carnificina sem sentido? Por essa vida instintiva, sem contestação?)

F, de Fogo,

Bom servo, mau senhor.

Quando deixado livre

Queima que é um horror.

A figura no livro é de um homem pulando, coberto de chamas — asas de fogo saindo dos seus calcanhares e ombros, pequenos chifres de fogo brotando da sua cabeça. Ele está olhando por cima do ombro com um sorriso travesso, sedutor, e não está vestindo nenhuma roupa. O fogo não pode machucá-lo, nada pode machucá-lo. Eu o adoro por isso. Acrescentei algumas chamas extras com o meu lápis de cor.

Minha mãe passa a agulha pelo botão, corta a linha. Eu leio numa voz cada vez mais ansiosa, com *Ms* e *Ns* suaves, *Qs* sutis e *Rs* duros e a ameaça sibilante dos *Ss*. Meu pai olha fixamente para o fogo, vendo campos e florestas e casas e cidades e homens e irmãos virando fumaça, sua perna ruim se movendo como a de um cachorro correndo em sonhos. Esta é a casa dele, este castelo sitiado; ele é o seu lobisomem. O frio pôr-do-sol cor de limão do lado de fora da janela vai ficando cinzento.

Eu ainda não sei disso, mas Laura está para nascer.

Dia de pão

Não está chovendo o suficiente, dizem os fazendeiros. As cigarras ferem o ar com seu canto de uma nota só; a poeira faz redemoinhos nas estradas; nos trechos de vegetação nas margens das estradas, os gafanhotos zumbem. As folhas dos bordos pendem dos galhos como luvas vazias; na calçada, a minha sombra se despedaça.

Eu caminho cedo, antes que o sol fique muito forte. O médico me incentiva: eu estou fazendo progressos, ele diz: mas em direção a quê? Eu penso no meu coração como sendo o meu companheiro numa marcha forçada interminável, nós dois amarrados um no outro, conspiradores involuntários em alguma trama ou tática que temos de continuar tocando. Para onde estamos indo? Para o dia seguinte. Eu não ignoro que o objeto que me mantém viva é o mesmo que vai me matar. Sob este aspecto ele é como o amor, ou um certo tipo de amor.

Hoje eu tornei a ir ao cemitério. Alguém havia deixado um buquê de zínias vermelhas e laranja no túmulo de Laura; flores de cores quentes, nada relaxantes. Elas já estavam murchando quando as encontrei, embora ainda mantivessem seu cheiro picante. Desconfio que tenham sido roubadas dos canteiros defronte da Fábrica de Botão por um fanático sovina ou então meio doido; mas a verdade é que este é o tipo de coisa que a própria Laura teria feito. Ela não tinha a menor noção de propriedade alheia.

No caminho de volta, eu parei na loja de *donuts*: estava um forno do lado de fora e eu queria uma sombra. O lugar não é nada novo; na

verdade está bem caído, apesar da sua garbosa modernidade — os azulejos amarelo-claros, as mesas de plástico branco presas no chão, com cadeiras combinando. Ele me faz lembrar de alguma instituição; um jardim-de-infância num bairro pobre, talvez, ou um centro de tratamento para doentes mentais. Não há muita coisa que você possa atirar para cima ou ferir alguém: até os talheres são de plástico. O cheiro é de óleo de fritar misturado com desinfetante e essência de pinho, e pairando por cima de tudo um leve aroma de café morno.

Comprei um copo pequeno de chá gelado e um *donut*, que se espremeu entre meus dentes como espuma de borracha. Depois de ter comido a metade, que foi tudo o que consegui pôr para dentro, andei com cuidado no chão escorregadio até o banheiro feminino. Em minhas caminhadas, venho compilando mentalmente um mapa de todos os banheiros acessíveis em Port Ticonderoga isso é tão útil quando você se vê apertada — e o da loja de *donuts* é o meu favorito no momento. Não que seja mais limpo que os outros, ou que tenha mais probabilidade de ter papel higiênico, mas é que ele tem inscrições. Todos tem, mas na maioria dos lugares elas são freqüentemente cobertas de tinta, enquanto na loja de *donuts* elas permanecem à vista por muito mais tempo. Assim você tem não apenas o texto, mas também o comentário sobre ele.

A melhor seqüência do momento é a que está no meio do cubículo. A primeira frase está escrita a lápis, em letras redondas como as dos túmulos romanos, inscrita com força na tinta: *Não coma nada que você não esteja preparado para matar.*

Depois, com *pilot* verde: *Não mate nada que você não esteja preparado para comer.*

Sob isso, com esferográfica: *Não mate.*

Sob isso, com *pilot* roxo: *Não coma.*

E sob isso, a última palavra até agora, com letras pretas: *Fodam-se os vegetarianos — "Todos os deuses são carnívoros" — Laura Chase.*

Portanto, Laura continua viva.

Laura levou um tempão para nascer, Reenie disse. Foi como se ela não conseguisse decidir se aquela era uma boa idéia ou não. Depois, no início, ela era enfermiça, e nós quase a perdemos — acho que ela ainda estava se decidindo. Mas no fim ela resolveu tentar, então se agarrou à vida e melhorou um pouco.

Reenie acreditava que as pessoas decidiam a hora de morrer; da mesma forma que podiam escolher se queriam nascer ou não. Quando eu alcancei a idade de argumentar, eu costumava dizer, *Eu nunca pedi para nascer*, como se este fosse um argumento definitivo; e Reenie respondia, *É claro que pediu. Como todo mundo.* Uma vez vivo, você estava preparado para a vida, na opinião de Reenie.

Depois do, nascimento de Laura, minha mãe ficou mais cansada do que antes. Ela perdeu altitude; perdeu a capacidade de recuperação. Sua vontade falhou; seus dias se tornaram uma penosa caminhada. Ela devia descansar mais, o médico disse. Ela não era uma mulher saudável, Reenie disse para a sra. Hillcoate, que vinha ajudar com a roupa. Era como se a minha mãe tivesse sido levada pelos duendes e essa outra mãe — mais velha, mais grisalha, mais macilenta e mais desanimada — tivesse sido deixada em seu lugar.

Eu só tinha quatro anos na época, e fiquei assustada com a mudança que houve nela, e queria ser embalada e tranqüilizada; mas minha mãe não tinha mais energia para isso. (Por que eu digo *mais*? Seu comportamento como mãe tinha sido sempre instrutivo em vez de carinhoso. No fundo, ela foi sempre uma professora.)

Eu descobri logo que se ficasse quieta, sem exigir atenção, e principalmente se eu pudesse ser útil — especialmente com o bebê, com Laura, tomando conta dela e balançando o berço para ela dormir, uma coisa que ela não fazia com facilidade nem por muito tempo —, deixavam-me ficar no mesmo cômodo que minha mãe. Senão, eu era mandada embora. Então este foi o acordo que eu fiz: silêncio, prestimosidade.

Eu devia ter gritado. Devia ter dado ataques. É a roda que range que ganha a graxa, como Reenie costumava dizer. (Lá estava eu na mesinha-de-cabeceira da mamãe, num porta-retratos de prata, com um vestido escuro de gola de renda branca, uma mão visível agarrada ferozmente à manta de crochê branca do bebê, com os olhos acusando a câmera ou quem quer que a estivesse segurando. A própria Laura estava quase escondida neste retrato. Só o que se consegue ver dela é o alto da sua cabeça coberta por uma penugem macia e uma mãozinha, os dedos agarrados ao meu polegar. Eu estava zangada porque haviam me mandado segurar o bebê ou eu o estava de fato defendendo? Protegendo-o — relutando em soltá-lo?)

Laura foi um bebê inquieto, embora mais ansioso do que rebelde. Ela foi uma criança ansiosa também. Portas de armários preocupavam-na, bem como gavetas de escrivaninhas. Era como se ela estivesse

sempre ouvindo alguma coisa ao longe ou debaixo do chão — alguma coisa que estivesse se aproximando sem fazer barulho, como um trem feito de vento. Ela tinha inúmeras crises — um corvo morto a fazia romper em pranto, um gato atropelado, uma nuvem escura no céu claro. Por outro lado, tinha uma resistência incomum à dor física: se ela queimasse a boca ou se cortasse, normalmente não chorava. Era a malevolência, a malevolência do universo, que a angustiava.

Ela ficava particularmente assustada com os veteranos aleijados nas esquinas — os vagabundos, os vendedores de lápis, os mendigos, perturbados demais para trabalhar. Um homem de cara vermelha, sem as duas pernas, que andava num carrinho de um lado para outro sempre provocava uma crise nela. Talvez fosse a fúria em seus olhos.

Como a maioria das crianças pequenas, Laura acreditava que as palavras significavam o que diziam, mas levava isso a extremos. Você não podia dizer *Desaparece* ou *Vai ver se eu estou na esquina* e esperar que isso não tivesse conseqüências. *O que foi que você disse a Laura? Será que você não aprende.* Reenie ralhava. Mas a própria Reenie também não aprendia. Uma vez ela disse a Laura para morder a língua, porque isso a faria parar de fazer tantas perguntas, e depois disso Laura passou dias sem conseguir mastigar.

Agora eu estou chegando na morte da minha mãe. Seria banal dizer que este acontecimento mudou tudo, mas seria também verdadeiro, e portanto eu vou escrever:

Este acontecimento mudou tudo.

Aconteceu numa terça-feira. Um dia de pão. Todo o nosso pão —

uma fornada suficiente para a semana inteira — era feito na cozinha de Avilion. Embora houvesse uma pequena padaria em Port Ticonderoga na época, Reenie dizia que pão comprado na loja era para os preguiçosos e que o padeiro punha giz nele para fazer render a farinha e também fermento extra para os pães ficarem inchados de ar e você achar que estava comprando mais. Então era ela mesma quem fazia o pão.

A cozinha de Avilion não era escura, como a caverna vitoriana cheia de fuligem que ela deve ter sido trinta anos antes. Ao contrário, era branca paredes brancas, mesa esmaltada de branco, fogão a lenha branco, chão de ladrilhos pretos e brancos — com cortinas amarelo-narciso nas janelas novas, maiores. (Ela fora reformada depois da guerra, como um dos presentes conciliatórios, de arrependimento, que meu pai dava para minha mãe.) Reenie a considerava como a última palavra em cozinhas, e como minha mãe a havia instruído sobre germes e seus perigos e seus esconderijos, ela a mantinha impecavelmente limpa.

Nos dias de pão, Reenie nos dava pedacinhos de massa para fazer homenzinhos de pão, com olhos e botões de passas. Depois ela os assava para nós. Eu comia o meu, mas Laura guardava o dela. Uma vez Reenie encontrou uma fileira deles na primeira gaveta de Laura, duros como pedra, embrulhados nos seus lenços como pequenas múmias com cara de pão. Reenie disse que eles iam atrair ratos e que tinham de ir direto para o lixo, mas Laura quis fazer um enterro em massa na horta, atrás do pé de ruibarbo. Ela disse que tinha de ter orações. Senão, ela nunca mais ia jantar. Ela foi sempre uma dura negociadora, depois que se dedicou a isso.

Reenie cavou o buraco. Era o dia de folga do jardineiro; ela usou

a pá dele, que era território proibido para todo mundo, mas se tratava de uma emergência.

— Que Deus tenha piedade do marido dela — Reenie disse enquanto Laura colocava os seus homenzinhos de pão em fila. — Ela é teimosa como um porco.

— Eu não vou mesmo ter um marido — disse Laura. — vou morar sozinha na garagem.

— Eu também não — eu disse, para não ficar atrás.

— Isso é pouco provável — disse Reenie. — Vocês gostam do conforto de suas camas macias. Iam ter de dormir no cimento e iam ficar todas sujas de graxa e de óleo.

— Eu vou morar na estufa — eu disse.

— Ela não está mais aquecida — Reenie disse. — Você ia morrer congelada nos invernos.

— Eu vou dormir num dos automóveis — disse Laura.

Naquela terrível terça-feira, nós tomamos café na cozinha, com Reenie. Mingau de aveia e torrada com geléia. Às vezes nós tomávamos café com mamãe, mas nesse dia ela estava muito cansada. Mamãe era mais severa, e nos fazia sentar direito e comer as cascas. "Lembrem-se dos armênios morrendo de fome", ela dizia.

Talvez os armênios não estivessem mais morrendo de fome naquela altura. A guerra acabara há muito tempo, a ordem havia sido restaurada. Mas a situação angustiante deles deve ter ficado na mente de mamãe como uma espécie de lema. Um lema, uma invocação, uma prece, um feitiço. Cascas de torrada devem ser

comidas em memória desses armênios, quem quer que tenham sido; não comê-las era um sacrilégio. Laura e eu devemos ter compreendido o peso deste feitiço, porque ele nunca falhou.

Mamãe não comeu suas cascas naquele dia. Eu me lembro disso. Laura falou com ela sobre isso — *E as cascas, e os armênios morrendo de fome?* —, até que finalmente mamãe admitiu que não estava passando bem. Quando ela disse isso, eu senti um choque passar por mim, porque eu sabia. Eu estava sabendo o tempo todo.

Reenie dizia que Deus fazia as pessoas do modo como ela fazia o pão, e que era por isso que as barrigas das mães ficavam gordas quando elas iam ter um bebê: era a massa crescendo. Ela dizia que as covinhas eram as impressões digitais de Deus. Ela dizia que tinha três covinhas e que algumas pessoas não tinham nenhuma, porque Deus não fazia as pessoas iguais, senão elas iam simplesmente se cansar daquilo tudo, então ele fazia tudo diferente. Não parecia justo, mas no fim ia dar certo.

Laura tinha seis anos na época que estou recordando. Eu tinha nove. Eu sabia que bebês não eram feitos de massa de pão — essa era uma história para crianças pequenas como Laura. Ainda assim, nenhuma explicação detalhada me havia sido dada.

Minha mãe passava as tardes na sacada, tricotando. Ela estava tricotando um suéter pequenininho, como os que ainda tricotava para os Refugiados de Além-mar. Será que este também era para um refugiado? Eu queria saber. *Talvez*, ela dizia, e sorria. Logo depois ela cochilava, fechando os olhos, seus óculos redondos escorregando do seu rosto. Ela nos dizia que tinha olhos atrás da cabeça, e que era

assim que sabia quando tínhamos feito alguma coisa errada. Eu imaginava esses olhos chatos e brilhantes e sem cor, como os óculos.

Não era típico dela dormir tanto de tarde. Havia um bocado de coisas que não eram típicas dela. Laura não estava preocupada, mas eu estava. Eu estava juntando dois e dois, a partir do que tinham me dito e do que eu tinha escutado às escondidas. O que tinham me dito: "Sua mãe precisa descansar, então você vai ter de manter a Laura longe do pé dela." O que eu tinha ouvido (Reenie dizendo para a sra. Hillcoate): "O médico não está satisfeito. Pode ser uma luta difícil. É claro que ela nunca vai dizer uma palavra, mas ela não é uma mulher saudável. Alguns homens não conseguem deixar a mulher em paz." Então eu sabia que minha mãe estava correndo algum perigo, alguma coisa a ver com sua saúde e alguma coisa a ver com papai, embora eu não soubesse ao certo que perigo era esse.

Eu disse que Laura não estava preocupada, mas ela estava mais agarrada com mamãe do que nunca. Ela se sentava de pernas cruzadas no espaço fresco sob a sacada onde mamãe estava descansando, ou atrás da cadeira dela quando ela estava escrevendo cartas. Quando mamãe estava na cozinha, Laura gostava de se enfiar debaixo da mesa. Ela levava uma almofada, a sua cartilha do alfabeto, aquela que antes era minha. Laura tinha um monte de coisas que antes eram minhas.

Laura já sabia ler, ou pelo menos sabia ler a cartilha. Sua letra favorita era o L, porque era a letra dela, a que iniciava o seu nome, *L de Laura*. Eu nunca tive uma letra favorita que iniciasse o meu nome — *I de Iris* —, porque era a letra de todo mundo.

L, de Lírio,

Tão branco e tão puro;

Abrindo de dia

E fechando no escuro.

A ilustração no livro era de duas crianças com chapéus de palha de antigamente, perto de um nenúfar com uma fada sentada sobre ele — nua, com asas transparentes e brilhantes. Reenie costumava dizer que se desse de cara com uma coisa daquelas correria atrás dela com um mata-moscas. Ela dizia isso para mim, de brincadeira, mas não dizia para Laura porque ela podia levar a sério e ficar chateada.

Laura era *diferente*. *Diferente* significava *estranha*, eu sabia, mas ficava amolando Reenie. — O que você quer dizer com diferente?

— Não exatamente como as outras pessoas — Reenie dizia.

Mas talvez Laura não fosse muito diferente das outras pessoas, afinal.

Talvez ela fosse igual — igual, mas com um elemento esquisito, deformado, que a Maioria das pessoas mantém escondido mas que Laura não mantinha, Por isso que ela as assustava. Porque ela as assustava sim — ou se não assustava, então as abalava de alguma forma; principalmente à medida que ia ficando mais velha.

Terça de manhã, portanto, na cozinha. Reenie e mamãe estavam fazendo pão. Não, Reenie estava fazendo pão e mamãe estava tomando uma xícara de chá. Reenie tinha dito a mamãe que ela não devia ficar espantada se houvesse trovoadas no fim do dia, pois o ar estava muito carregado, e que mamãe devia estar lá fora na sombra, ou então deitada; mas mamãe tinha dito que detestava ficar sem

fazer nada. Ela disse que isto a fazia sentir-se inútil; disse que gostava de fazer companhia a Reenie.

Mamãe podia andar sobre a água, no que dizia respeito a Reenie, e de todo modo ela não tinha poder para dar ordens a ela. Então mamãe ficou sentada tomando o seu chá enquanto Reenie amassava a massa do pão, empurrando-a com as duas mãos sobre a mesa, dobrando-a, virando-a, tornando a empurrar. Suas mãos estavam cobertas de farinha; ela parecia estar usando luvas de farinha branca. Havia farinha no peitilho do seu avental também. Tinha semicírculos de suor debaixo dos braços, escurecendo as margaridas amarelas do seu vestido. Algumas das formas de pão já estavam preparadas, cobertas com um pano de prato limpo e úmido. O cheiro úmido de cogumelo enchia a cozinha. A cozinha estava quente, porque o forno precisava de uma boa camada de carvão, e também porque havia uma onda de calor. A janela estava aberta, a onda de calor entrava por ela. A farinha para o pão vinha do grande barril que havia na dispensa. Não se devia nunca subir nesse barril, porque a farinha podia entrar no seu nariz e na sua boca e sufocar você. Reenie sabia de um bebê que havia sido enfiado no barril de farinha de cabeça para baixo por seus irmãos e irmãs e que por pouco não tinha morrido sufocado.

Laura e eu estávamos debaixo da mesa da cozinha. Eu estava lendo um livro infantil ilustrado chamado *Grandes figuras da história*. Napoleão estava no exílio na ilha de Santa Helena, em pé no alto de um despenhadeiro, com a mão dentro do casaco. Eu achei que ele devia estar com dor de estômago. Laura estava inquieta. Ela saiu de debaixo da mesa engatinhando para pegar um copo d'água. — Quer um pouco de massa para fazer um homem de pão? — Reenie

perguntou.

— Não — disse Laura.

— Não, *obrigada* — mamãe corrigiu.

Laura tornou a engatinhar para debaixo da mesa. Nós podíamos ver os dois pares de pés, os finos de mamãe e os de Reenie, maiores, com seus sapatos resistentes, e as pernas finas de mamãe e as rechonchudas de Reenie com suas meias rosa-amarronzadas. Nós podíamos ouvir o ruído surdo da massa de pão sendo virada e amassada.

Então, de repente, a xícara de chá balançou e mamãe estava no chão, e Reenie estava ajoelhada ao lado dela. — Meu Deus — ela estava dizendo. — Iris, vai chamar o seu pai.

Eu corri para a biblioteca. O telefone estava tocando, mas papai não estava lá. Eu subi as escadas até a toninha, normalmente um lugar proibido. A porta não estava trancada; não havia nada no aposento a não ser uma cadeira e vários cinzeiros. Ele não estava na sala da frente, nem na sala de estar, nem na garagem. Ele deve estar na fábrica, eu pensei, mas não sabia bem o caminho, e também era muito longe. Eu não sabia onde mais procurar.

Voltei para a cozinha e me enfiei debaixo da mesa, onde Laura permanecia sentada abraçando os joelhos. Ela não estava chorando. Havia algo no chão que parecia sangue, um rastro de sangue, manchas vermelho-escuras nos ladrilhos brancos. Eu encostei o dedo, lambi — era sangue. Peguei um pano e limpei as manchas.

— Não olhe — eu disse a Laura.

Após algum tempo, Reenie desceu pela escada dos fundos, pegou

o telefone e ligou para o médico — ele não estava, como sempre, devia estar perambulando em algum lugar.

Então ela ligou para a fábrica e mandou chamar o papai. Ele não foi localizado. — Encontre-o se puder. Diga a ele que é uma emergência — ela disse. Então tornou a subir correndo. Ela tinha se esquecido do pão, que cresceu demais e murchou, e estragou.

— Ela não devia ter ficado naquela cozinha quente — Reenie disse para a sra. Hillcoate —, não nesse tempo e com uma tempestade chegando, mas ela não se poupa, você não consegue convencê-la de nada.

— Ela sentiu muita dor? — perguntou a sra. Hillcoate, com uma voz compadecida, interessada.

— Já vi pior — disse Reenie. — Graças a Deus, pelo menos por isso. Ele escorregou para fora como um gatinho, mas ela perdeu baldes de sangue. Vamos ter de queimar o colchão, não tem como limpá-lo.

— Minha nossa, que horror, mas ela pode ter outro — disse a sra. Hillcoate. — Na certa tinha de acontecer. Devia haver alguma coisa de errado com ele.

— Pelo que eu ouvi dizer, ela não vai poder ter mais — disse Reenie. — O médico disse que agora acabou, porque outro iria matá-la, e este quase a matou.

— Algumas mulheres não deviam casar — disse a sra. Hillcoate. — Não foram feitas para isso. Você tem de ser forte. A minha mãe teve dez, e nunca piscou um olho. Não que todos tenham sobrevivido.

— A minha teve onze — disse Reenie. — Isso acabou com ela.

Eu sabia por experiências anteriores que isto era o prelúdio para uma competição acerca da dureza da vida de suas mães, e que logo elas começariam a falar na rouparia para lavar. Eu peguei Laura pela mão e subimos a escada dos fundos na ponta dos pés. Nós estávamos preocupadas, mas também muito curiosas: queríamos descobrir o que tinha acontecido com mamãe, mas também queríamos ver o gatinho. Lá estava ele, ao lado de uma pilha de lençóis encharcados de sangue, no chão do corredor, do lado de fora do quarto de mamãe, numa bacia esmaltada. Era cinzento, como uma velha batata assada, com uma cabeça desproporcionalmente grande; ele estava todo enroscado. Seus olhos estavam bem fechados, como se a luz os fizesse doer.

— O que é isto? — Laura cochichou. — Não é um gatinho. — Ela se agachou para espiar.

— Vamos descer — eu disse.

O médico ainda estava no quarto, nós podíamos ouvir seus passos. Eu não queria que ele nos apanhasse ali, porque sabia que aquela criatura era proibida para nós; eu sabia que não devíamos tê-la visto. Especialmente Laura — era o tipo de visão, como um animal esmagado, que via de regra a faria berrar, e aí eu é que levaria a culpa.

— É um bebê — disse Laura. — Não está acabado. — Ela estava surpreendentemente calma. — Pobrezinho. Ele não quis nascer.

No final da tarde, Reenie levou-nos para ver mamãe. Ela estava deitada na cama com a cabeça apoiada em dois travesseiros; seus braços finos por cima do lençol; seu cabelo grisalho parecia

transparente. Sua aliança de casamento brilhava na mão esquerda, seus punhos amassavam o lençol dos lados. Sua boca estava contraída como se ela estivesse refletindo sobre alguma coisa; a mesma expressão de quando costumava fazer suas listas. Seus olhos estavam fechados. Cobertos pelas pálpebras, eles pareciam ainda maiores do que quando abertos. Seus óculos jaziam na mesinha-de-cabeceira ao lado da jarra d'água, cada lente redonda brilhante e vazia.

— Ela está dormindo — Reenie sussurrou. — Não toquem nela.

Mamãe abriu os olhos. Sua boca tremeu; os dedos da mão mais próxima se agitaram. — Podem dar um beijo nela — disse Reenie —, mas não com muita força. — Eu obedeci.

Laura enfiou a cabeça ferozmente debaixo do braço de mamãe. Tinha aquele cheiro azul-claro, engomado, de lavanda, dos lençóis, o cheiro de sabonete de mamãe, e por baixo um cheiro forte de ferrugem, misturado com o cheiro levemente azedo de folhas úmidas mas em brasa.

Mamãe morreu cinco dias depois. Ela morreu de uma febre; e também por estar fraca, por não ter conseguido recuperar as forças, disse Reenie. Durante este tempo, o médico ia e vinha, e uma sucessão de enfermeiras engomadas ocupou a poltrona do quarto. Reenie subia e descia as escadas correndo com bacias, com toalhas, com xícaras de caldo. Papai ia e voltava da fábrica, nervosamente, e aparecia na hora do jantar, esquelético como um indigente. Onde ele estaria naquela tarde em que não pôde ser encontrado? Ninguém disse.

Laura ficava agachada no *hall* do andar de cima. Disseram-me para brincar com ela para evitar problemas, mas ela não queria. Ficava sentada com os braços em volta dos joelhos e o queixo apoiado neles, com uma expressão pensativa, secreta, como se estivesse chupando uma bala. Nós não podíamos chupar balas. Mas quando eu a obriguei a mostrar-me, era só uma pedra redonda, branca.

Naquela última semana, permitiram que eu visse mamãe todas as manhãs, mas só por alguns minutos. Não deixavam que eu falasse com ela, porque (Reenie disse) ela estava delirando. Isso significava que ela achava que estava em outro lugar. Cada dia havia menos dela. Os ossos do seu rosto estavam saltados; ela cheirava a leite, e a algo cru, rançoso, como o papel pardo que embrulhava a carne que vinha do açougue.

Eu ficava emburrada durante essas visitas. Eu podia ver o quanto ela estava doente, e tinha raiva dela por isso. Achava que de alguma forma ela estava me traindo — estava faltando com o seu dever, que tinha desistido. Não me ocorreu que ela pudesse morrer. Eu tinha tido medo disto antes, mas agora estava tão aterrorizada que havia tirado esta idéia da minha mente.

Na última manhã, que eu não sabia que ia ser a última, mamãe me pareceu mais ela mesma. Ela estava mais fraca, mas ao mesmo tempo mais inteira — mais densa. Ela me olhou como se estivesse me vendo: — Está tão claro aqui — ela murmurou. — Você podia fechar as cortinas? — Eu fiz o que ela pediu, depois voltei e fiquei parada ao lado da cama, torcendo um lenço que Reenie havia me dado para o caso de eu chorar. Minha mãe segurou a minha mão; a dela estava quente e seca, os dedos pareciam um arame macio.

— Seja uma boa menina — ela disse. — Espero que você seja uma boa irmã para a Laura. Sei que você tenta ser.

Eu balancei a cabeça. Não sabia o que dizer. Senti que eu era vítima de uma injustiça: por que era sempre eu que devia ser uma boa irmã para Laura e não o contrário? Com certeza minha mãe gostava mais de Laura do que de mim. Talvez não; talvez ela nos amasse igualmente. Ou talvez não tivesse mais energia para amar ninguém: tinha ultrapassado isso, tinha ido para a gelada estratosfera, muito além do quente e denso campo magnético do amor. Mas eu não podia imaginar uma coisa dessas. Seu amor por nós era algo real — sólido e tangível, como um bolo. A única dúvida era qual de nós ganharia o maior pedaço.

(Que invenções elas são, as mães. Espantalhos, bonecas de cera para espetarmos agulhas, diagramas toscos. Nós lhes negamos uma existência independente, nós as inventamos para satisfazer nossos caprichos — nossas necessidades, nossos desejos, nossas fraquezas. Agora que também fui mãe, eu sei.)

Minha mãe me olhou firme com seus olhos de um azul-celeste. Que esforço deve ter feito para manter os olhos abertos. Como eu devo ter parecido estar longe — uma bolha cor-de-rosa, distante, oscilante. Como deve ter sido difícil para ela concentrar-se em mim! No entanto eu não vi nenhum estoicismo nela, se era isso o que havia.

Eu queria dizer que ela estava enganada em relação a mim, às minhas intenções. Eu não tentava ser uma boa irmã sempre: pelo contrário. Às vezes eu chamava Laura de peste e dizia para ela não me amolar, e não fazia nem uma semana eu a tinha encontrado

lambendo um envelope — um dos meus envelopes especiais, para bilhetes de agradecimento — e tinha dito a ela que a cola que havia neles era feita de cavalos cozidos, o que a tinha feito chorar e ter ânsias de vômito. Às vezes eu me escondia dela, dentro de um arbusto oco de lilases ao lado da estufa, onde lia meus livros com os dedos enfiados nos ouvidos enquanto ela perambulava à minha procura, chamando inutilmente por mim. Então, freqüentemente, eu me safava com o mínimo exigido.

Mas não tive palavras para expressá-lo, a minha discordância com sua versão das coisas. Eu não sabia que estava prestes a ser deixada com a idéia que ela fazia de mim; com a idéia que ela fazia da minha bondade pregada em mim como um emblema, e sem chance de atirá-la de volta para ela (como teria sido o curso normal dos acontecimentos entre uma mãe e uma filha — se ela estivesse viva, à medida que eu fosse ficando mais velha).

Fitas pretas

Esta tarde temos um fantástico pôr-do-sol, sem pressa para acabar. A leste, relâmpagos brilham no céu suspenso, depois ouve-se um súbito trovão, uma porta fechada com força. A casa parece um forno, apesar do meu ventilador novo. Eu trouxe um abajur aqui para fora; às vezes enxergo melhor à meia-luz.

Não escrevi nada nesta última semana. Perdi a vontade. Por que narrar acontecimentos tão melancólicos? Mas vejo que recomecei. Retomei os meus rabiscos pretos; eles vão se desdobrando num longo fio de tinta pela página, emaranhado mas legível. Será que estou querendo deixar uma marca, afinal? Depois de tudo o que fiz para evitar isso, *Iris, sua marca*, embora truncada: iniciais escritas a giz na calçada, ou um X de pirata no mapa, revelando a praia em que o tesouro foi enterrado.

Por que será que queremos tanto celebrar a nossa memória? Mesmo enquanto ainda estamos vivos. Queremos afirmar a nossa existência, como cachorros mijando em hidrantes.

Exibimos nossos retratos emoldurados, nossos diplomas em papel vegetal, nossas taças prateadas; bordamos nossos monogramas nos lençóis, gravamos nossos nomes em árvores, ou os rabiscamos nas paredes dos banheiros. É sempre o mesmo impulso. O que esperamos conseguir com isso? Aplauso, inveja, respeito? Ou simplesmente atenção, seja de que tipo for?

No mínimo, queremos uma testemunha. Não podemos suportar a idéia de as nossas próprias vozes silenciando finalmente, como um

rádio sem bateria.

No dia seguinte ao enterro de mamãe, me mandaram para o jardim junto com Laura. Reenie nos mandou sair; disse que precisava pôr os pés para cima porque os havia cansado o dia inteiro. — Eu estou no final das minhas forças — ela disse. Ela tinha olheiras roxas sob os olhos, e acho que estivera chorando, escondida para não aborrecer ninguém, e que ia chorar mais um pouco assim que saíssemos do caminho.

— Nós vamos ficar quietas — eu disse.

Eu não queria ir lá para fora — a claridade era forte demais, o sol estava muito brilhante e meus olhos estavam vermelhos e inchados —, mas Reenie disse que tínhamos de ir, e de qualquer maneira o ar fresco ia nos fazer bem. Não nos mandaram brincar lá fora, porque isto seria um desrespeito tão cedo depois da morte da mamãe. Só nos mandaram sair.

A recepção do enterro tinha sido em Avilion. Não era chamada de velório; velórios aconteciam do outro lado do rio Jogues, e eram desordeiros e indecorosos, com bebida alcoólica. Não: o nosso foi uma recepção. O enterro tinha sido muito concorrido — os operários da fábrica tinham ido, suas mulheres seus filhos, e, é claro, as pessoas importantes da cidade — os banqueiros, Os clérigos, os advogados, os médicos —, mas a recepção não foi para todo mundo, embora pudesse ter sido. Reenie disse para a sra. Hillcoate que tinha sido contratada para ajudar, que Jesus podia ter multiplicado os pães e os peixes, mas que o capitão Chase não era Jesus e que não podiam esperar que ele alimentasse uma multidão, embora como sempre ele

não tenha sabido colocar os limites e ela só esperava que ninguém fosse pisoteado até a morte.

Aqueles que haviam sido convidados se comprimiam na casa, respeitosos, lúgubres, ávidos de curiosidade. Reenie tinha contado as colheres antes e depois, e disse que devíamos ter usado o segundo melhor faqueiro e que algumas pessoas eram capazes de carregar tudo que não estivesse pregado só como lembrança, e considerando a forma como comeram, ela devia ter dado a eles pás em vez de colheres.

Apesar disso, sobrou alguma comida — metade de um presunto, alguns biscoitos, vários bolos esburacados — e Laura e eu tínhamos andado pela despensa às escondidas. Reenie sabia, mas não estava com energia suficiente para nos mandar parar — para dizer "Vocês vão estragar seu apetite para o jantar", ou "Parem de beliscar na minha despensa ou então vão virar camundongos", ou "Se comerem mais um pedacinho vão estourar", ou para fazer qualquer outra previsão ou declaração que sempre me davam um conforto secreto.

Desta vez nós pudemos nos empanturrar à vontade. Eu tinha comido biscoitos demais, presunto demais; um pedaço inteiro de bolo de frutas. Nós ainda estávamos vestindo nossos vestidos pretos, que eram muito quentes. Reenie tinha feito tranças apertadas no nosso cabelo e as puxado para trás, com um fita preta de gorgorão no alto de cada trança e na ponta: quatro borboletas severas para cada uma de nós.

Do lado de fora, o sol me fez apertar os olhos. Eu me indignei com o verde intenso das folhas, com o amarelo e o vermelho intensos das flores: sua autoconfiança, a vibrante exibição que estavam

fazendo, como se tivessem esse direito. Eu pensei em arrancá-las, em jogá-las fora. Sentia-me desolada, e também mal-humorada e empanzinada. O açúcar zumbia em minha cabeça.

Laura queria que subíssemos nas esfinges ao lado da estufa, mas eu disse que não. Então ela quis sentar-se na ninfa de pedra e olhar os peixinhos dourados. Não vi nada de mais nisso. Laura foi pulando na minha frente pelo gramado. Ela estava irritantemente despreocupada, como se não tivesse uma única preocupação neste mundo; ficara assim durante todo o enterro de mamãe. Parecia intrigada com a tristeza de todos à sua volta. O que me amargurava mais era que as pessoas pareciam sentir mais pena dela por isto do que de mim.

— Pobrezinha — diziam. — Ela é muito pequena, não entende.

— Mamãe está com Deus — Laura dizia. É verdade, esta era a versão oficial, a implicação de todas as preces que haviam sido rezadas; mas Laura tinha um jeito de acreditar nessas coisas, não no duplo sentido em que todo mundo acreditava, mas com uma sinceridade tranqüila que me dava vontade de sacudi-la.

Nós nos sentamos na saliência ao redor do lago de nenúfares; cada nenúfar brilhava ao sol como se fosse um pedaço de borracha verde molhada. Eu tive de içar Laura para cima. Ela se recostou na ninfa de pedra, balançando as pernas, mergulhando os dedos na água, cantarolando para si mesma.

— Você não devia cantar — eu disse a ela. — Mamãe está morta.

— Não está não — Laura disse, satisfeita. — Ela não está morta de verdade. Está no Céu com o bebezinho.

Eu a empurrei para baixo. Não para dentro do lago, entretanto —

eu tive um pouco de bom senso. Empurrei-a na grama. Não foi uma queda muito grande e a grama era fofa; ela não deve ter se machucado muito. Ela caiu deitada de costas, então rolou e me olhou com os olhos arregalados, como se não pudesse acreditar no que eu tinha feito. Sua boca formou um "O" perfeito, de botão de rosa, como uma criança soprando as velas do seu aniversário num livro de histórias. Então, ela começou a chorar. (Tenho de admitir que isso me agradou. Eu queria que ela sofresse também — tanto quanto eu. Eu estava cansada daquela história de ela se dar bem por ser tão pequena.)

Laura se levantou da grama e correu pelo caminho dos fundos até a cozinha, berrando como se tivesse sido esfaqueada. Eu corri atrás dela: seria melhor eu estar junto quando ela alcançasse alguém, caso ela me acusasse. Ela tinha um jeito esquisito de correr: os braços esticados para fora, as pernas atiradas para os lados, os laços de fita engomados sacudiam-se na ponta de suas tranças, sua saia preta balançava. Ela caiu uma vez, e desta vez se machucou mesmo — ralou a mão. Quando vi isso, fiquei aliviada: um pouco de sangue ia disfarçar a minha maldade.

A soda

No mês seguinte à morte de mamãe — não me lembro exatamente quando —, papai disse que ia me levar à cidade. Ele nunca tinha prestado muita atenção em mim nem em Laura — tinha nos deixado por conta de mamãe e depois da Reenie —, portanto eu fiquei estarecida com este convite.

Ele não levou Laura. Nem mesmo sugeriu isto.

Ele anunciou o passeio à mesa do café. Começou insistindo que eu e Laura tomássemos café junto com ele, em vez de na cozinha, com Reenie, como antes. Nós nos sentávamos numa ponta da mesa comprida e ele na outra. Ele raramente falava conosco: ficava lendo o jornal e nós estávamos maravilhadas demais com ele para interromper. (Nós o adorávamos, é claro. Se não o adorássemos, o odiaríamos. Ele não despertava emoções mais moderadas.)

O sol entrando pelas janelas de vitral cobria-o de luzes coloridas, como se ele tivesse sido banhado em tinta. Eu ainda me lembro do cobalto do seu rosto, do vívido tom de uva dos seus dedos. Laura e eu também tínhamos essas cores à nossa disposição. Empurrávamos os nossos pratos de mingau um pouco para a direita, um pouco para a esquerda, de forma que até o nosso cinzento mingau de aveia ficasse verde, azul, vermelho ou violeta: comida mágica, encantada ou envenenada, dependendo do meu capricho ou do humor de Laura. Depois fazíamos caretas uma para a outra enquanto comíamos, mas silenciosamente, silenciosamente. O objetivo era conseguir fazer isso sem chamar a atenção dele. Bem, nós tínhamos de fazer alguma coisa

para nos divertir.

Nesse dia fora do comum, papai voltou cedo da fábrica e nós caminhamos até a cidade. Não era muito longe; naquela época, nada na cidade era longe de nada. Papai preferia andar a dirigir, ou a ser levado de carro por alguém. Suponho que fosse por causa da sua perna ruim: ele queria mostrar que podia. Ele gostava de passear pela cidade a passos largos, e fazia isso, apesar de mancar. Eu ia saltitando ao lado dele, tentando acompanhar suas passadas rápidas.

— Nós vamos até a Betty's — disse meu pai. — vou comprar uma soda para você. — Nada disso jamais tinha acontecido antes. Aquela lanchonete era para as pessoas da cidade, não para Laura e para mim, Reenie dizia. Não valia a pena baixar nossos padrões. Além disso, soda era uma porcaria e estragava os dentes. O fato de duas coisas tão proibidas serem oferecidas a mim ao mesmo tempo, e de forma tão natural, deixou-me quase em pânico. Na rua principal de Port Ticonderoga havia cinco igrejas e quatro bancos, todos feitos de pedra, todos atarracados. Às vezes você tinha de ler o nome deles para saber a diferença, embora os bancos não tivessem campanários. A lanchonete ficava ao lado de um dos bancos. Tinha um toldo de listras verdes e brancas e uma pintura de uma torta de frango na vitrina que parecia um chapéu de bebê feito de massa, com um frufu na borda.

Lá dentro, a luz era amarelada e fraca, e o ar cheirava a baunilha e café e queijo derretido. O teto era feito de zinco prensado; ventiladores pendiam dele com pás iguais a hélices de avião. Diversas mulheres usando chapéus estavam sentadas a mesinhas

brancas; meu pai cumprimentou-as, elas o cumprimentaram de volta.

Havia reservados de madeira escura num dos lados. Meu pai sentou-se em um e eu me sentei defronte a ele. Ele perguntou que tipo de soda eu ia querer, mas eu não estava acostumada a ficar sozinha com ele num lugar público e isto me deixou tímida. Além disso, eu não sabia quais os tipos que havia. Então ele pediu uma soda de morango para mim e uma xícara de café para ele.

A garçonete usava um vestido preto e uma touca branca e sobancelhas arrancadas formando curvas finas e uma boca vermelha que brilhava como geléia. Ela chamou o meu pai de capitão Chase e ele a chamou de Agnes. Por causa disto, e pelo modo como ele descansava os cotovelos na mesa, eu percebi que ele devia estar familiarizado com aquele lugar.

Agnes disse: Essa é a sua filhinha, e que gracinha; ela me lançou um olhar de desagrado. Trouxe o café dele quase que imediatamente, rebolando um pouco nos saltos altos, e quando o pôs na mesa tocou de leve em sua mão. (Eu tomei nota deste toque, embora na época ainda não fosse capaz de interpretá-lo.) Depois ela trouxe a minha soda, num copo em forma de cone, como um chapéu de burro de cabeça para baixo; ela veio com dois canudos de palhinha. As bolhas entraram pelo meu nariz e me fizeram lacrimejar.

Meu pai pôs um cubo de açúcar no seu café e mexeu-o, e bateu com a colher ao lado da xícara. Eu o observava por cima da borda do meu copo de soda. De repente ele me pareceu diferente; parecia uma pessoa que eu nunca tinha visto antes — mais tênue, menos sólida de certa forma, porém mais detalhada. Eu raramente o vira de tão

perto. Seu cabelo estava penteado todo para trás e cortado rente dos lados, e estava rareando nas têmporas; seu olho bom era de um azul-pálido, como papel azul.

Seu rosto desfigurado, ainda bonito, tinha o mesmo ar abstrato que costumava ter de manhã, à mesa do café, como se estivesse ouvindo uma música ou uma explosão ao longe. Seu bigode era mais cinzento do que eu tinha notado antes, e parecia estranho, pensando bem, que os homens tivessem tantos pêlos crescendo no rosto e as mulheres não. Até suas roupas comuns tinham ficado misteriosas no luscofusco com cheiro de baunilha, como se pertencessem a outra pessoa e ele apenas as tivesse tomado emprestadas. Elas eram grandes demais para ele, era isso. Ele tinha encolhido. Mas ao mesmo tempo estava mais alto.

Ele sorriu para mim e perguntou se eu estava gostando da minha soda. Depois disso ficou silencioso e pensativo. Então tirou um cigarro da cigareira de prata que sempre carregava e acendeu-o, e soprou a fumaça. — Se acontecer alguma coisa — ele disse finalmente —, você tem de prometer que vai cuidar de Laura.

Eu balancei solenemente a cabeça. O que era alguma *coisa*? O que podia acontecer? Eu temi alguma notícia ruim, embora não soubesse precisar qual. Talvez ele fosse partir — para o estrangeiro. Eu não havia me esquecido das histórias da guerra. No entanto, ele não deu nenhuma explicação.

— Vamos selar esta promessa com um aperto de mãos? — ele disse. Nós estendemos as mãos por cima da mesa; a dele era dura e seca como a alça de uma mala de couro.

Seu único olho azul me avaliou, como se estivesse especulando se

podia ou não confiar em mim. Eu ergui o queixo, endireitei os ombros. Queria desesperadamente merecer a aprovação dele.

— O que se pode comprar com um níquel? — ele disse, então. Eu fui pega de surpresa por esta pergunta e fiquei sem saber o que dizer: eu não sabia. Laura e eu não ganhávamos nenhum dinheiro para gastar, porque Reenie dizia que precisávamos conhecer o valor de um dólar.

Do bolso de dentro do seu terno escuro, ele tirou o seu caderno de apontamentos com sua capa de pele de porco e arrancou uma folha de papel. Então começou a falar sobre botões. Nunca era cedo demais para eu aprender os fundamentos da economia, que eu ia precisar saber para agir com responsabilidade quando ficasse mais velha.

— Suponha que você comece com dois botões — ele disse.

Ele disse, sua despesa é o que você gasta para fabricar os botões, sua renda bruta é por quanto você consegue vender os botões, e seu lucro líquido é este número menos a sua despesa, num certo período de tempo. Você pode então guardar um pouco do lucro líquido para você e usar o resto para produzir quatro botões, e aí você pode vender os quatro e conseguir produzir oito. Ele desenhou uma pequena tabela com sua lapiseira de prata: dois botões, quatro botões, oito botões. Botões multiplicaram-se assustadoramente pela página; na coluna ao lado deles, o dinheiro ia crescendo. Era como descascar ervilhas — bolinhas numa tigela, ervilhas na outra. Ele perguntou se eu tinha entendido.

Eu examinei o rosto dele para ver se ele estava falando sério. Eu o ouvira denunciar muitas vezes a fábrica de botão como sendo uma

armadilha, uma areia movediça, uma caipora, um albatroz, mas isso era quando ele bebia. No momento ele estava bem sóbrio. Ele não parecia estar explicando, parecia estar se desculpando. Ele queria alguma coisa de mim, além de uma resposta à sua pergunta. Era como se ele quisesse que eu o perdoasse, o absolvesse de algum crime; mas o que ele tinha feito a mim? Nada que eu pudesse imaginar.

Eu me senti confusa e também incapaz: o que quer que ele estivesse pedindo ou exigindo estava fora do meu alcance. Esta foi a primeira vez que um homem esperou de mim mais do que eu era capaz de dar, mas não seria a última.

— Sim — eu disse.

Na semana anterior à sua morte — numa daquelas terríveis manhãs —, minha mãe disse uma coisa estranha, embora eu não a tenha considerado estranha na época. Ela disse: "No fundo, seu pai ama vocês."

Ela não tinha o hábito de nos falar acerca de sentimentos, especialmente amor — o amor dela ou de outra pessoa, exceto o amor de Deus. Mas presume-se que os pais amem os seus filhos, então eu devo ter considerado isso que ela disse como uma reafirmação: apesar das aparências, meu pai era igual aos outros pais, ou era considerado como sendo.

Agora eu acho que a coisa era um pouco mais complicada. Pode ter sido um aviso. Pode também ter sido um fardo. Mesmo que o amor estivesse *lá no fundo*, havia muita coisa por cima dele, e o que você iria achar quando cavasse até o fundo? Não um simples

presente, de ouro puro e brilhante; mas, sim, algo velho e possivelmente maligno, como um talismã de ferro enferrujando no meio de velhos ossos. Uma espécie de talismã, este amor, mas bem pesado; uma coisa pesada para eu carregar comigo, pendurada em sua corrente de ferro em volta do meu pescoço.

IV



O assassino cego: O café

A chuva é leve, mas não pára de cair desde o meio-dia. A neblina sobe das árvores, das ruas. Ela passa na calçada, na frente da vitrine com sua xícara de café pintada de branco com uma listra verde em volta e três trilhas de fumaça saindo da xícara em linhas onduladas, como se três dedos tivessem escorregado pelo vidro molhado. Na porta está escrito CAFÉ em letras douradas descascadas; ela abre a porta e entra, sacudindo o guarda-chuva. Ele é creme, assim como o seu casaco de chuva. Ela empurra o capuz para as costas.

Ele está na última divisória, ao lado da porta de vaivém da cozinha, conforme disse que estaria. As paredes estão amareladas da fumaça, as pesadas divisórias são pintadas de um marrom sem graça, cada uma com um cabide de metal em forma de pé de galinha para os casacos. Há homens sentados às mesas, apenas homens, com casacos folgados como cobertores usados, sem gravata, com cortes de cabelo irregulares, as pernas abertas e os pés calçados com botas bem plantados no chão. Mãos que pareciam tocos: essas mãos podiam salvar uma pessoa ou surrá-la até transformá-la numa massa disforme e teriam a mesma aparência fazendo uma coisa ou outra. Instrumentos rombudos, e os olhos também. O salão tem um cheiro de tábuas de carne podre e vinagre derramado e calças de lã azedas e carne velha e um banho de chuveiro por semana, de sovinice e trapaça e ressentimento. Ela sabe que é importante agir como se não notasse o cheiro.

Ele ergue a mão, e os outros homens olham para ela com

suspeita e desprezo enquanto ela caminha depressa na direção dele, os saltos altos batendo no chão de madeira.

Ela se senta diante dele, sorri aliviada: ele está ali. Ele ainda está ali.

Judas Priest, ele diz, se você estivesse usando *mink* seria a mesma coisa.

O que foi que eu fiz? O que está errado?

O seu casaco.

É só um casaco. Um casaco de chuva comum, ela diz, gaguejando. O que há de errado com ele?

Cristo!, ele diz, olhe para você. Olhe em volta. Ele está limpo demais.

Eu não consigo fazer nada certo para você, não é? Nunca vou conseguir.

Consegue sim, ele diz. Você sabe o que você faz certo. Mas você não raciocina.

Você não me disse. Eu nunca estive aqui antes — num lugar como este. E não posso sair correndo de casa parecendo uma faxineira, já pensou nisso?

Se você tivesse um cachecol ou algo parecido. Para cobrir seu cabelo.

Meu cabelo, ela diz, desanimada. O que mais? O que há de errado com o meu cabelo?

É louro demais. Chama a atenção. Louras são como ratos brancos, você só as encontra em gaiolas. Elas não durariam muito na

natureza. São visíveis demais.

Você não está sendo gentil.

Eu detesto gentileza, ele diz. Detesto gente que se orgulha de ser boa. Caridosos melequentos, bonzinhos de merda, distribuindo rações de bondade. Eles são desprezíveis.

Eu sou gentil, ela diz, tentando sorrir. Sou gentil com você, pelo menos.

Se eu achasse que era só isso — uma bondade morna, aguada —, eu já teria partido. Tomava um trem no meio da noite, dava o fora do inferno. Eu me arriscaria. Não preciso de caridade, não estou atrás de migalhas dadas às escondidas.

Ele está de péssimo humor. Ela se pergunta por quê. Ela não o vê há uma semana. Ou pode ser por causa da chuva.

Talvez não seja bondade, então, ela diz. Talvez seja egoísmo. Talvez eu seja tremendamente egoísta.

Eu preferiria isso, ele diz. Eu prefiro você gananciosa. Ele apaga o cigarro, estende a mão para pegar outro, pensa melhor e desiste. Ele ainda está fumando cigarros industrializados, um luxo para ele. Ele os deve estar racionando. Ela não sabe se ele tem dinheiro suficiente, mas não pode perguntar.

Eu não quero você sentada aí na minha frente, você está longe demais.

Eu sei, ela diz. Mas não tem nenhum outro lugar. Está muito úmido.

Eu vou achar um lugar para nós. Algum lugar fora da neve.

Não está nevando.

Mas vai nevar, ele diz. Vai soprar o vento norte.

E vamos ter neve. E o que é que os ladrões vão fazer então, os pobrezinhos? Pelo menos ela o fez sorrir, embora tenha sido quase uma careta. Onde você tem dormido?, ela diz.

Não importa. Você não precisa saber. Assim, se eles um dia a pegarem e a interrogarem, você não vai precisar mentir.

Eu não sou uma mentirosa assim tão ruim, ela diz, tentando sorrir.

Talvez não para uma amadora, ele diz. Mas profissionais a desmascarariam em pouco tempo. Eles a abririam como se você fosse um pacote.

Ainda estão procurando você? Ainda não desistiram?

Ainda não. Pelo que eu soube.

É horrível, não é, ela diz. É tudo tão horrível. Ainda assim, nós temos sorte, não temos?

Por que nós temos sorte? Ele está de novo com o seu mau humor.

Pelo menos estamos os dois aqui, pelo menos temos...

O garçom está parado ao lado da mesa. Ele tem as mangas arregaçadas, um avental comprido encardido de sujeira, mechas de cabelo atravessadas na cabeça como fitas gordurosas. Seus dedos da mão parecem os dos pés.

Café?

Sim, por favor, ela diz. Preto. Sem açúcar.

Ela espera até o garçom sair. É seguro?

O café? Você está perguntando se ele tem germes? Não devia ter, foi fervido durante horas. Ele está zombando dela, mas ela finge que não está entendendo.

Não, estou perguntando se é seguro aqui.

Ele é amigo de um amigo. De qualquer maneira, estou de olho na porta, eu posso escapar pelos fundos. Tem um beco.

Você não fez aquilo, fez, ela diz.

Eu já disse a você. Mas eu podia ter feito, eu estava lá. Mas isso não importa, porque eu preencho os requisitos deles direitinho. Eles adorariam ver-me castigado. Eu e minhas más idéias.

Você tem de fugir, ela diz, desanimada. Ela pensa na palavra *cingir*, no quanto ela é antiquada. No entanto é isso que ela quer, cingi-lo em seus braços.

Ainda não, ele diz. Eu ainda não devo ir. Não devo pegar trens, não devo cruzar fronteiras. Dizem que é nesses lugares que eles estão vigiando.

Eu me preocupo com você, ela diz. Sonho com isso. Preocupo-me o tempo todo.

Não se preocupe, querida, ele diz. Você vai emagrecer, e aí os seus lindos seios e a sua bunda vão desaparecer. Você não vai servir mais para ninguém.

Ela coloca as mãos no rosto como se ele a tivesse esbofeteado. Eu gostaria que você não falasse assim.

Eu sei que sim, ele diz. Garotas com casacos como o seu têm esses desejos.

The Port Ticonderoga Herald and Banner, 16 de março de 1933

CHASE APÓIA ESFORÇO DE ASSISTÊNCIA

POR ELWOOD R. MURRAY, EDITOR-CHEFE

Em um gesto de solidariedade pública já esperado por esta cidade, o capitão Norval Chase, presidente das Indústrias Chase Ltda., anunciou ontem que as Indústrias Chase irão doar três vagões de artigos da fábrica para os esforços de assistência em favor daquelas partes do país mais afetadas pela Depressão. Serão incluídas mantas de bebê, suéteres infantis e uma variedade de roupas de baixo práticas tanto para homens quanto para mulheres.

O capitão Chase declarou para o *Herald and Banner* que em tempos de crise nacional todos devem colaborar, como aconteceu na guerra, especialmente aqueles em Ontário que tiveram mais sorte que outros. Atacado por seus concorrentes, notadamente pelo sr. Richard Griffen, da Royal Classic Knitwear, em Toronto, que o acusaram de inundar o mercado com seus excedentes na forma de doações, privando assim o operário de recompensas, o capitão Chase declarou que como os recebedores desses itens não têm dinheiro para comprá-los, ele não está prejudicando as vendas de ninguém.

Ele acrescentou que todos os setores do país sofreram prejuízos e que as Indústrias Chase enfrentam atualmente uma diminuição de suas operações, provocada por uma redução da demanda. Ele disse

que envidará todos os esforços para manter as fábricas funcionando, mas que, em breve, poderá precisar fazer dispensas ou então diminuir cargas horárias e salários.

Nós só podemos aplaudir os esforços do capitão Chase, um homem que se mantém fiel à sua palavra e não usa táticas de furar greves e de locaute adotadas em centros como Winnipeg e Montreal, o que tem contribuído para que Port Ticonderoga se mantenha uma cidade ordeira e livre das cenas de piquete, violência e derramamento de sangue, de inspiração comunista, que desfiguraram outras cidades, causando destruição de propriedade, ferimentos e até perdas de vida.

O assassino cego: A colcha de chenille

É aqui que você está vivendo?, ela diz. Ela torce as luvas com os dedos, como se estivessem molhadas e ela as estivesse torcendo.

É aqui que eu estou hospedado, ele diz. É diferente.

A casa faz parte de uma fileira de casas de tijolos vermelhos, escurecidos pelo limo, estreitas e altas, com telhados pontudos. Tem um retângulo de grama empoeirada na frente, umas poucas folhagens ressecadas crescendo ao lado da entrada. Uma sacola de papel marrom rasgada.

Quatro degraus até a varanda. Cortinas de renda penduradas nas janelas da frente. Ele tira a chave do bolso.

Ela olha para trás por cima do ombro ao entrar. Não se preocupe, ele diz, não tem ninguém olhando. E de qualquer maneira, quem mora aqui é um amigo meu. Eu estou aqui hoje e não estou mais amanhã.

Você tem um bocado de amigos, ela diz.

Nem tantos, ele diz. Você não precisa de muitos se não tiver nenhum que não preste.

Há um *hall* com uma fileira de ganchos de metal para casacos, um forro velho de linóleo no chão com um desenho de quadrados marrons e amarelos, uma porta interna com uma almofada de vidro fosco com um desenho de garças ou grou. Aves de pernas compridas, inclinando seus pescoços longos e graciosos no meio de juncos e lírios, remanescentes de uma época antiga: dos lampiões a

gás. Ele abre a porta com uma segunda chave e os dois entram no escuro *hall* interno; ele aperta o interruptor de luz. No teto, uma luminária com três flores de vidro cor-de-rosa, duas lâmpadas estão faltando.

Não fique tão desapontada, querida, ele diz. Nada disto vai contaminar você. Basta não tocar em nada.

Ah, pode ser que sim, ela diz com uma risadinha ofegante. Eu tenho de tocar em você. Você vai me contaminar.

Ele fecha a porta de vidro atrás deles. Outra porta à esquerda, escura e envernizada: ela imagina um ouvido reprovador encostado nela pelo lado de dentro, um rangido, como o peso de um corpo sendo passado de um pé para outro. Algum grou malévolos, de penas cinzentas — isso não combinaria com as cortinas de renda? Um comprido lance de escadas leva ao andar de cima, com uma passadeira presa com pregos e um corrimão esburacado. O papel de parede tem um estampado de treliça com trepadeiras e rosas entrelaçadas, originalmente cor-de-rosa, agora marrom-claro, cor de chá com leite. Ele a abraça com cuidado, roça os lábios pelo seu pescoço, sua garganta; a boca não. Ela estremece.

Eu sou fácil de você se livrar depois, ele diz, num sussurro. Basta chegar em casa e tomar um banho.

Não diga isso, ela diz, também sussurrando. Você está brincando. Você nunca acredita que eu estou sendo sincera.

Você está sendo sincera o suficiente para isto, ele diz. Ele a abraça pela cintura e eles sobem a escada um tanto desajeitadamente, um tanto pesadamente; seus corpos os retardam. No meio da escada há uma janela redonda de vidro colorido: através

do azul-cobalto do céu, das uvas de um roxo lojas americanas, do vermelho dor de cabeça das flores, a luz passa, colorindo seus rostos. No *hall* do segundo andar, ele torna a beijá-la, desta vez com mais força, levantando sua saia ao longo de suas pernas sedosas até o alto de suas meias, passando a mão nas presilhas de borracha, apertando-a de encontro à parede. Ela sempre usa uma cinta: tirá-la é como tirar a pele de uma foca.

O chapéu dela cai, seus braços estão em volta do pescoço dele, sua cabeça e seu corpo arqueiam-se para trás, como se alguém a estivesse puxando pelos cabelos. O próprio cabelo se solta dos grampos e desce pelas suas costas; ele passa a mão nele, naquela faixa pálida que vai afinando para baixo, e pensa numa chama, na chama de uma vela branca, virada de cabeça para baixo. Mas uma chama não pode queimar de cima para baixo.

O quarto é no terceiro andar, antes devia ser um quarto de empregada. Quando entram, ele passa a corrente na porta. O quarto é pequeno, abafado e escuro, com uma só janela, só com uma fresta aberta, a veneziana quase toda abaixada, cortinas rendadas puxadas de cada lado. O sol da tarde bate na veneziana, deixando-a dourada.

O cheiro é de mofo, mas também de sabão: há uma pequena pia triangular num canto, com um espelho manchado pendurado sobre ela; enfiado ali debaixo, o estojo preto da sua máquina de escrever. Sua escova de dentes está enfiada num copo de estanho esmaltado; não é uma escova nova. É íntimo demais. Ela afasta os olhos. Tem uma escrivaninha de madeira escura envernizada cheia de marcas de cigarro e de copos molhados, mas a maior parte do espaço é ocupado pela cama. Ela é de ferro, fora de moda e feminina, pintada de branco, exceto pelos puxadores. Ela provavelmente vai ranger. Ao

pensar nisso, ela fica vermelha.

Ela percebe que ele se preocupou com a cama — trocou os lençóis, ou pelo menos a fronha, esticou a colcha de chenille verde, desbotada. Ela quase desejou que ele não o tivesse feito, porque ao ver isto ela sentiu alguma coisa parecida com pena, como se um camponês faminto tivesse lhe oferecido o seu último pedaço de pão.

Pena não é o que ela quer sentir. Ela não quer achar que ele é vulnerável de forma alguma. Só ela pode ser vulnerável. Ela coloca a bolsa e as luvas em cima da escrivaninha. De repente, ela vê tudo como uma reunião social. Como reunião social é absurdo.

Desculpe, não temos mordomo, ele diz. Quer uma bebida? Uísque barato.

Sim, obrigada, ela diz. A garrafa está guardada na gaveta de cima da escrivaninha; ele apanha a garrafa e dois copos e serve. Diz quando chega.

Chega, obrigada.

Não tem gelo, ele diz, mas você pode tomar com água.

Está bom assim. Ela bebe o uísque de um só gole, tosse um pouco, sorri para ele, encostada na escrivaninha.

Pequeno, duro e bem empinado, ele diz, do jeito que você gosta. Ele senta na cama com o seu drinque. Um brinde a ele. Ele ergue o copo. Ele não está sorrindo de volta.

Você está especialmente mau hoje.

Autodefesa, ele diz.

Eu não o amo, eu amo você, ela diz. Eu sei a diferença.

Até certo ponto, ele diz. Ou é o que você pensa. Salva as aparências.

Dê-me uma boa razão para que eu não vá embora.

Ele ri. Então vem até aqui.

Embora ele saiba que ela quer que ele diga que a ama, ele não diz. Talvez isto o deixasse vulnerável, como se fosse uma admissão de culpa.

Vou tirar minhas meias primeiro. Os fios correm só de olhar para você.

Como você, ele diz. Deixe-as onde estão. Vem para cá, agora.

O sol se moveu; só resta uma réstia de luz, do lado esquerdo da persiana. Do lado de fora, um bonde passa ruidosamente, com o sino tocando. Bondes devem ter passado o tempo todo. Então, por que o efeito foi o silêncio? Silêncio e a respiração dele, a respiração deles, ofegante, suspensa, tentando não fazer nenhum barulho. Ou não fazer barulho demais. Por que o prazer soa como o desespero? Como alguém ferido. Ele tinha posto a mão sobre sua boca.

O quarto está mais escuro agora, no entanto ela enxerga mais. A colcha amontoada no chão, o lençol torcido em volta deles e sobre eles como uma grossa trepadeira de pano; a única lâmpada, sem quebra-luz, o papel de parede creme com suas violetas azuis, pequenas e tolas, manchadas de bege onde o telhado deve ter uma goteira; a corrente protegendo a porta. A corrente protegendo a porta: é frágil demais. Um bom empurrão, um chute com uma bota. Se isso acontecesse, o que ela faria? Ela sente as paredes ficando

finas, se transformando em vidro. Eles são peixes num aquário.

Ele acende dois cigarros, dá um para ela. Ambos suspiram. Ele passa a mão livre pelo corpo dela, de novo, sentindo-a com os dedos. Ele imagina quanto tempo ela tem; mas não pergunta. Em vez disso, segura o pulso dela. Ela está usando um relógio pequeno, de ouro. Ele tapa o mostrador.

Então, ele diz. História para dormir? Sim, por favor, ela diz. Onde nós estávamos?

Você tinha acabado de arrancar as línguas daquelas pobres moças com seus véus de noiva.

Ah, sim. E você protestou. Se você não gosta desta história, eu posso contar outra diferente, mas não posso prometer que vá ser mais civilizada. Pode ser pior. Pode ser moderna. Em vez de alguns zicronianos mortos poderíamos ter quilômetros de lama fedorenta e centenas de milhares de...

Vou ficar com esta, ela diz depressa. Além do mais, é esta que você quer me contar.

Ela apaga o cigarro no cinzeiro de vidro marrom, depois se ajeita de encontro a ele, a orelha encostada em seu peito. Ela gosta de ouvir a voz dele assim, como se ela começasse não na sua garganta e sim no seu corpo, como um zumbido ou um ronco, ou como uma voz falando do fundo da terra. Como o sangue passando pelo seu coração: uma palavra, uma palavra uma palavra.

The Mail and Empire, 5 de dezembro de 1934

APLAUSOS PARA BENNETT

ESPECIAL PARA O THE MAIL AND EMPIRE

Em discurso feito no Empire Club a noite passada, o sr. Richard E. Griffen, empresário de Toronto e presidente da Royal Classic Knitwear, elogiou o primeiro-ministro R. B. Bennett e atirou pedras nos seus críticos.

Referindo-se ao turbulento comício de domingo no Maple Leaf Gardens, em Toronto, quando quinze mil comunistas encenaram uma histórica manifestação de boas-vindas para seu líder, Tim Buck, preso por conspiração na penitenciária Portsmouth, de Kingston, mas posto em liberdade condicional no sábado, o sr. Griffen se disse alarmado pelo fato de o governo ter "cedido à pressão" na forma de uma petição assinada por duzentos mil "corações iludidos". A política do sr. Bennett do "tacão de ferro da crueldade" tinha sido correta, ele disse, pois a prisão daqueles que conspiravam para derrubar governos eleitos e para confiscar propriedades privadas era a única forma de lidar com a subversão.

Quanto às dezenas de milhares de imigrantes deportados de acordo com a Seção 98, inclusive aqueles mandados de volta para países como Alemanha e Itália, onde estão sujeitos à prisão, esses tinham advogado um governo tirânico e agora iam ter uma prova dele em primeira mão, o sr. Griffen declarou.

Passando para a economia, ele disse que embora o desemprego permaneça alto, com uma conseqüente agitação e com os comunistas e seus simpatizantes continuando a lucrar com ele, há sinais animadores e ele está confiante de que a Depressão terá um fim na primavera. Enquanto isso, a única política sadia é manter o curso e permitir que o sistema se autocorrija. Qualquer inclinação em direção ao socialismo brando do sr. Roosevelt deve ser combatida, uma vez que esses esforços só poderão prejudicar ainda mais a economia já tão fragilizada. Embora se deva deplorar a sorte dos desempregados, muitos deles são preguiçosos por natureza, e a força deve ser usada com rapidez e eficiência contra grevistas ilegais e agitadores de fora.

As palavras do sr. Griffen foram muito aplaudidas.

O assassino cego: O mensageiro

Vamos ver, então. Digamos que está escuro. Os sóis, todos os três, já se puseram. Duas luas nasceram. Nas encostas dos morros, os lobos estão soltos. A moça escolhida está esperando a sua vez de ser sacrificada. Ela recebeu sua última e sofisticada refeição, foi perfumada e untada com óleos, canções foram cantadas em sua homenagem, orações foram oferecidas. Agora ela está deitada numa cama de brocado vermelho e dourado, fechada no cômodo mais interno do Templo, que cheira à mistura de pétalas e incenso e ervas aromáticas normalmente espargida nos esquifes dos mortos. A própria cama é chamada de Cama de uma Noite, porque nenhuma moça passa duas noites nela. Entre as próprias moças, enquanto elas ainda conservam suas línguas, ela é chamada de Cama de Lágrimas sem Voz.

À meia-noite, ela será visitada pelo Senhor das Trevas, que dizem usar uma armadura enferrujada. As Trevas são o lugar do rompimento e da desintegração: todas as almas devem passar por lá a caminho da terra dos Deuses, e algumas — as mais pecadoras — devem permanecer lá. Toda donzela consagrada ao Templo precisa receber a visita do enferrujado Senhor na noite anterior ao seu sacrifício, pois se isso não ocorrer, sua alma ficará insatisfeita, e em vez de viajar para a terra dos Deuses, ela será obrigada a se juntar ao bando de lindas mulheres nuas com cabelos azul-cobalto, corpos sensuais, lábios cor de rubi e olhos como covas cheias de serpentes, que vivem ao redor dos velhos túmulos em ruínas nas montanhas

isoladas que ficam a oeste. Está vendo, eu não me esqueci delas.

Agradeço a sua consideração.

Nada é bom demais para você. Qualquer outro detalhe que você queira que eu acrescente, é só me dizer. Bem. Como muitos povos, antigos e modernos, os zicronianos têm medo de virgens, especialmente de virgens mortas. Mulheres traídas no amor e que morreram solteiras são levadas a buscar na morte o que tão desgraçadamente deixaram de ter em vida. Elas dormem nas ruínas dos túmulos durante o dia, e à noite espreitam viajantes temerários, especialmente jovens imprudentes o bastante para irem até lá. Elas atacam esses jovens e sugam a sua essência, transformando-os em zumbis obedientes, prontos a satisfazer os desejos anormais das mulheres mortas e nuas.

Que azar desses rapazes, ela diz. Não há nenhuma defesa contra essas criaturas perversas?

Você pode perfurá-las com lanças, ou esmagá-las com pedras. Mas elas são tantas — é como lutar com um polvo, quando o sujeito se dá conta, elas já estão em cima dele. Além disso, elas hipnotizam você, destroem sua força de vontade. É a primeira coisa que fazem. Assim que avista uma, você fica paralisado no chão.

Eu posso imaginar. Mais uísque?

Acho que posso agüentar mais um. Obrigado. A moça... como você acha que ela deve se chamar?

Não sei. Você escolhe. Você conhece o território.

Vou pensar sobre isso. De todo modo, lá está ela deitada na Cama de uma Noite, cheia de ansiedade. Ela não sabe o que vai ser

pior, ter a garganta cortada ou suportar as próximas horas. É um dos segredos revelados do Templo que o Senhor das Trevas não é real, é simplesmente um dos cortesãos disfarçado. Como tudo em Sakiel-Norn, esta função é vendida, e dizem que enormes somas de dinheiro trocam de mãos por este privilégio, por baixo dos panos, é claro. Quem recebe o pagamento é a Suma Sacerdotisa, que é inteiramente venal, e que tem, sabidamente, um fraco por safiras. Ela se justifica dizendo que usa o dinheiro exclusivamente para caridade, e usa mesmo parte dele para isso, quando se lembra. As moças não podem reclamar sobre esta parte do seu sacrifício, uma vez que não possuem língua e nem material para escrever, e até mesmo porque no dia seguinte já estão mortas. *Dinheiro do céu*, diz a Suma Sacerdotisa para si mesma enquanto embolsa dinheiro.

Enquanto isso, ao longe, uma grande e esfarrapada horda de bárbaros está a caminho, com a intenção de capturar a famosa cidade de Sakiel-Norn, para depois saqueá-la e queimá-la. Eles já fizeram a mesma coisa com diversas outras cidades mais a oeste. Ninguém — ninguém dentre as nações civilizadas, é claro — consegue explicar o sucesso deles. Eles não são nem bem-vestidos nem bem armados, não sabem ler, e não possuem engenhosos instrumentos de metal.

Não apenas isso, eles não têm um rei, só um líder. Este líder não possui um nome, ele desistiu do seu nome quando se tornou líder, recebendo então um título. O título dele é Servo da Alegria. Seus seguidores referem-se a ele também como o Flagelo do Todopoderoso, o Punho Direito do Invencível, o Expurgador das Iniquidades, o Defensor da Virtude e da Justiça. Não se sabe qual é a pátria dos bárbaros, mas acham que eles vêm do noroeste, onde nascem também os ventos maus. São chamados por seus inimigos de

Povo da Desolação, mas se autodenominam Povo da Alegria.

Seu líder atual traz as marcas do favorecimento divino: ele nasceu com um âmnio, tem o pé defeituoso e tem uma marca em forma de estrela na testa. Ele entra em transe e se comunica com o Outro Mundo sempre que não sabe o que fazer. Ele está a caminho de Sakiel-Norn para destruí-la, pois uma Ordem lhe foi trazida por um mensageiro dos Deuses. Este mensageiro apareceu para ele disfarçado em chama, com vários olhos e asas de fogo projetando-se para fora. É sabido que esses mensageiros falam por meio de complexas parábolas e assumem diversas formas: *thulks* flamejantes ou pedras que falam, ou flores que andam, ou criaturas com cabeça de pássaro e corpo humano. Ou então podem ser iguais a qualquer pessoa. Viajantes solitários ou em duplas, homens com a reputação de serem ladrões ou mágicos, estrangeiros que falam vários idiomas e mendigos de beira de estrada são os que apresentam maior probabilidade de ser mensageiros, diz o Povo da Desolação; portanto, todos eles têm de ser tratados com grande reserva, pelo menos até que sua verdadeira natureza possa ser desvendada.

Se eles forem mesmo emissários divinos, é melhor dar-lhes comida e vinho e o uso de uma mulher, se o desejarem, ouvir respeitosamente a sua mensagem e depois deixar que sigam o seu caminho. Se não forem, devem ser apedrejados até a morte e seus bens confiscados. Você pode ter certeza de que todos os viajantes, mágicos, estrangeiros ou mendigos que se vêm nas vizinhanças do Povo da Desolação cuidam de arranjar um estoque de parábolas obscuras — *palavras nebulosas*, como são chamadas, ou *seda trançada* —, suficientemente enigmáticas para serem úteis em diversas ocasiões, conforme as circunstâncias possam exigir.

Trafegar no meio do Povo da Alegria sem uma charada ou uma adivinhação seria o mesmo que flertar com a morte.

Segundo as palavras da chama com olhos, a cidade de Sakiel-Norn foi marcada para ser destruída por causa do seu luxo, da sua adoração a falsos deuses e especialmente pelos seus revoltantes sacrifícios de crianças. Por causa desta prática, todo o povo da cidade, inclusive escravos, crianças e donzelas destinadas ao sacrifício, vai ser morto. Matar até mesmo aqueles cujas mortes planejadas são a razão desta matança pode não parecer justo, mas para o Povo da Alegria não é a culpa ou a inocência que determina essas coisas, é se você foi ou não corrompido, e, para o Povo da Alegria, todo mundo numa cidade corrompida é igualmente corrompido.

A horda avança, levantando uma nuvem escura de poeira; esta nuvem paira sobre ela como uma bandeira. No entanto, ela não está perto o suficiente para ter sido avistada pelas sentinelas postadas nos muros de Sakiel-Norn. Outros que poderiam dar o alarme — vaqueiros conduzindo rebanhos, mercadores em trânsito, e assim por diante — são impiedosamente caçados e massacrados, com a exceção daqueles que possam ser mensageiros divinos.

O Servo da Alegria cavalga na frente, seu coração puro, sua testa franzida, seus olhos queimando. Sobre os ombros, ele tem uma capa de couro cru, na cabeça o símbolo da sua posição, um chapéu cônico vermelho. Atrás dele vêm os seus seguidores, com os caninos à mostra. Herbívoros desaparecem na frente deles, comedores de carniça seguem-nos, lobos vão galopando a seu lado.

Enquanto isso, na cidade que não suspeita de nada, está havendo uma conspiração para derrubar o rei. Ela foi planejada (como de costume) por diversos cortesãos da mais alta confiança. Eles contrataram o mais competente dos assassinos cegos, um rapaz que foi tecelão de tapetes e depois prostituto infantil, mas que desde a sua fuga tornou-se conhecido por ser extraordinariamente silencioso, furtivo e impiedoso com a faca. Seu nome é X.

Por que X?

Homens assim são sempre chamados de X. Nomes não interessam a eles, nomes servem apenas para identificá-los. De qualquer maneira, X é de raios X — se você é X, consegue atravessar paredes sólidas e ver através das roupas das mulheres.

Mas X é cego, ela diz.

Melhor ainda. Ele vê através das roupas das mulheres com o olho interior que é a bênção da solidão.

Pobre Wordsworth! Não diga blasfêmias!, ela diz, encantada.

Não posso evitar, eu costumo blasfemar desde criança.

X deve entrar no complexo do Templo das Cinco Luas, encontrar a porta do quarto onde a donzela do sacrifício do dia seguinte está sendo mantida, e cortar a garganta da sentinela. Ele deve, então, matar a moça, esconder o corpo debaixo da famosa Cama de uma Noite e se vestir com os véus cerimoniais da moça. Ele deve esperar até que o cortesão fingindo ser o Senhor das Trevas — que é, de fato, o líder do golpe contra a coroa — apareça, receba aquilo por que pagou e torne a sair. O cortesão pagou um bom dinheiro e quer

receber algo que faça jus a isso, o que não significa uma moça morta, mesmo que morta recentemente. Ele quer o coração dela ainda batendo.

Mas houve uma confusão no planejamento. O tempo foi mal cronometrado: do jeito que as coisas estão, o assassino cego vai ser o primeiro a cruzar a linha de chegada.

Isso é repulsivo demais, ela diz. Você tem uma mente deturpada.

Ele corre o dedo pela extensão do braço dela. Você quer que eu continue? Via de regra, eu faço isto por dinheiro. Você está tendo de graça, devia estar satisfeita. De todo modo, você não sabe o que vai acontecer. Eu só estou complicando um pouco a trama.

Eu diria que ela já estava bastante complicada.

Tramas complicadas são a minha especialidade. Se você quiser algo mais simples, procure em outro lugar.

Tudo bem então. Continue.

Disfarçado com as roupas da moça assassinada, o assassino deve esperar até de manhã e então se deixar conduzir até o altar, onde, no momento do sacrifício, ele irá esfaquear o rei. Assim, o rei dará a impressão de ter sido morto pela própria Deusa, e sua morte será o sinal para uma revolta cuidadosamente orquestrada.

Algumas das unidades mais violentas do exército, tendo sido subornadas, irão encenar uma rebelião. Depois disto, os acontecimentos seguirão o seu curso habitual. As sacerdotisas do Templo serão levadas em custódia, para sua própria segurança segundo eles, mas na realidade para forçá-las a confirmar a legitimidade espiritual da reivindicação dos conspiradores. Os

nobres leais ao rei serão imediatamente mortos; seus descendentes masculinos também serão mortos, para evitar uma vingança mais tarde; suas filhas serão oferecidas em casamento aos vitoriosos para legitimar o confisco das riquezas da família, e suas esposas mimadas e com toda a certeza adúlteras serão jogadas à multidão. Quando os poderosos caem, é um grande prazer poder limpar os pés neles.

O assassino cego planeja fugir durante a confusão que virá a seguir, voltando mais tarde para reclamar a segunda metade da sua generosa recompensa. Na realidade, os conspiradores pretendem abatê-lo imediatamente, uma vez que seria um desastre se ele fosse capturado, e — no caso do fracasso da rebelião — obrigado a falar.

O cadáver dele será muito bem escondido, porque todo mundo sabe que os assassinos cegos só agem sob contrato, e mais cedo ou mais tarde as pessoas poderiam começar a perguntar quem os havia contratado. Planejar a morte de um rei é uma coisa, mas ser desmascarado é outra.

A moça que até agora não tem nome está deitada na cama de brocado vermelho, aguardando o falso Senhor das Trevas e dando um adeus mudo a esta vida. O assassino cego esgueira-se pelo corredor, usando a roupa cinzenta das servidoras do Templo. Ele chega até a porta. A sentinela é uma mulher, uma vez que nenhum homem tem permissão para trabalhar no interior do complexo. Através do seu véu cinzento, o assassino sussurra que está trazendo uma mensagem da suma sacerdotisa que só pode ser ouvida por ela. A mulher se inclina, a faca a rasga uma vez só, o raio de Deus é misericordioso. Suas mãos cegas movem-se na direção do molho de

chaves.

A chave gira na fechadura. Dentro do quarto, a moça ouve o barulho. Ela ergue o corpo na cama.

Ele emudece. Está prestando atenção em alguma coisa do lado de fora, na rua.

Ela se ergue apoiada no cotovelo. O que é?, ela diz. É só uma porta de carro.

Faça-me um favor, ele diz. Vista a sua combinação como uma boa menina e dê uma olhadinha pela janela.

E se alguém me vir?, ela diz. É dia claro.

Não faz mal. Não vão saber quem você é. Só vão ver uma mulher de combinação, o que não é raro por aqui; vão pensar apenas que você é uma...

Uma mulher de vida fácil?, ela diz alegremente. É isso que você acha também?

Uma donzela desonrada. Não é a mesma coisa.

Isso é muito galante da sua parte.

Às vezes eu sou o meu pior inimigo.

Se não fosse por você eu estaria muito mais desonrada, ela diz. Ela está na janela agora, e ergue a persiana. Sua combinação tem o verde frio do gelo do litoral, do gelo quebrado. Ele não vai conseguir se agarrar a ela, não por muito tempo. Ela vai derreter, vai flutuar para longe, vai escorregar das suas mãos.

Tem alguma coisa lá fora?, ele diz.

Nada fora do comum.

Volte para a cama.

Mas ela olhou para o espelho sobre a pia, viu a si mesma. Seu rosto sem pintura, seu cabelo despenteado. Ela consulta seu relógio de ouro. Meu Deus, eu estou um horror, ela diz. Tenho de ir.

The Mail and Empire, 15 de dezembro de 1934

EXÉRCITO INTERVÉM EM GREVE VIOLENTA

PORT TICONDEROGA, ONTÁRIO

Mais uma manifestação de violência ocorreu ontem em Port Ticonderoga, dando seqüência a uma série de conflitos da semana ligados a paralisações, greve e locaute nas Indústrias Chase e Filhos. Não havendo um número suficiente de policiais e tendo o Legislativo local solicitado reforços, o primeiro-ministro, no interesse da segurança pública, autorizou a intervenção de um destacamento do Regimento Real Canadense, que chegou às duas horas da tarde. A situação agora já foi declarada sob controle.

Antes de a ordem ser restaurada, uma reunião de grevistas fugiu ao controle. Vitrines de lojas foram quebradas por toda a rua principal da cidade, houve inúmeros saques. Diversos proprietários de lojas, na tentativa de defender sua propriedade, estão agora no hospital recuperando-se de ferimentos. Comenta-se que há um policial em estado grave, com suspeita de traumatismo craniano, por ter sido atingido na cabeça por um tijolo. Um incêndio que começou na Fábrica Um durante a madrugada, mas que foi debelado pelos bombeiros da cidade, está sendo investigado, e suspeita-se de incêndio criminoso. O vigilante noturno, sr. Al Davidson, foi arrastado para longe das chamas, mas morreu em consequência de uma pancada na cabeça e de inalação de fumaça. Os responsáveis por este crime estão sendo procurados, e diversos suspeitos já foram

identificados.

O editor do jornal de Port Ticonderoga, sr. Elwood R. Murray, declarou que a confusão foi causada pela bebida fornecida à multidão por vários agitadores de fora. Ele afirmou que os operários locais são cumpridores da lei e que não teriam causado esse tumulto se não tivessem sido provocados.

O sr. Norval Chase, presidente das Indústrias Chase e Filhos, não foi encontrado para se pronunciar.

O assassino cego: Cavalos da noite

Uma casa diferente esta semana, um quarto diferente. Pelo menos tem espaço para a pessoa se virar entre a porta e a cama. As cortinas são mexicanas, listradas de amarelo, azul e vermelho; a cama tem uma cabeceira de madeira trabalhada; há um cobertor vermelho, de lã áspera, atirado no chão. Um cartaz de uma tourada espanhola pendurado na parede. Uma poltrona, de couro marrom; uma escrivaninha de madeira escura; um vaso com lápis, todos bem apontados; um suporte para cachimbos. Partículas de tabaco saturam o ar.

Uma estante de livros: Auden, Veblen, Spengler, Steinbeck, Dos Passos. *Trópico de Câncer*, bem à vista, deve ter sido contrabandeado. *Salambô*, *Estranho fugitivo*, *Crepúsculo dos deuses*, *Adeus às armas*. Barbusse, Montherlant. *Hammurabis Gesetz: Juristische Erläuterung*. Este novo amigo tem interesses intelectuais, ela pensa. E também mais dinheiro. Portanto, é menos confiável. Ele tem três chapéus diferentes no alto do seu cabideiro, bem como um roupão xadrez, de *cashmere* puro.

Você já leu algum destes livros?, ela havia perguntado, depois que eles entraram e trancaram a porta. Enquanto ela tirava o chapéu e as luvas.

Alguns, ele disse. Ele não deu maiores explicações. Vire a cabeça. Ele tirou uma folha do cabelo dela. Elas já estão caindo.

Ela imagina se o amigo sabe. Não só que existe uma mulher — eles devem ter feito alguma combinação para o amigo não aparecer

lá de repente, homens fazem isso — mas quem ela é. O nome dela e assim por diante. Ela espera que não. Ela pode ver pelos livros, e especialmente pelo cartaz da tourada, que este amigo por princípio seria hostil a ela.

Hoje ele tinha sido menos impetuoso, mais pensativo. Tinha querido demorar mais, retardar. Analisar.

Por que você está me olhando assim?

Eu estou memorizando você.

Por quê?, ela disse, cobrindo os olhos com a mão. Ela não gostava de ser examinada daquele jeito. Apalpada.

Para tê-la comigo depois, ele disse. Depois que eu partir.

Não. Não estrague o dia de hoje.

Aproveite enquanto pode, ele disse. Esse é o seu lema?

Está mais para "se não desperdiçar, não vai faltar", ela disse. Ele então riu.

Em seguida ela se enrola no lençol, prendendo-o na altura do peito; encosta-se nele, com as pernas escondidas num longo e sinuoso rabo-de-peixe de algodão branco. Ele está com as mãos atrás da cabeça; olhando para o teto. Ela dá a ele golinhos da sua bebida, malte e água desta vez. Mais barato do que uísque escocês. Ela está sempre querendo levar alguma coisa decente alguma coisa bebível — mas sempre esquece.

Continue, ela diz.

Eu tenho de estar inspirado, ele diz.

O que eu posso fazer para inspirá-lo? Eu só preciso estar de volta às cinco.

Deixarei a inspiração para depois, ele diz. Tenho de recuperar as forças. Me dá meia hora.

O lente, lente currite noctis equi!

O quê?

Corram devagar, devagar, cavalos da noite. É de Ovídio, ela diz. Em latim, o verso tem um lento galope. Ela não devia ter dito isso, ele vai achar que ela está se mostrando. Ela nunca sabe o que ele vai ou não reconhecer. Às vezes ele finge não saber uma coisa e então, depois de ela ter explicado, ele revela que sabe, que sabia o tempo todo. Ele a obriga a falar e depois a faz calar a boca.

Você é um número, ele diz. Por que eles são os cavalos da noite?

Eles puxam a carruagem do Tempo. Ele está com a amante. Isto significa que ele quer que a noite se estenda, para poder passar mais tempo com ela.

Para quê?, ele pergunta preguiçosamente. Cinco minutos não são suficientes para ele? Ele não tem nada melhor para fazer?

Ela senta na cama. Você está cansado? Eu estou aborrecendo você? Quer que eu vá embora?

Deita aqui. Você não vai a lugar nenhum.

Ela não gosta que ele faça isso — que fale como um caubói de cinema. Ele faz isso para colocá-la em desvantagem. No entanto, ela deita e passa o braço por cima dele.

Põe a mão aqui, madame. Assim está bom. Ele fecha os olhos. Amante, ele diz. Que termo esquisito. Vitoriano. Eu devia estar beijando o seu sapato ou cobrindo-a de chocolates.

Talvez eu seja esquisita. Talvez eu seja vitoriana. *Namorada*, então. Ou *gata*. Isso é mais moderninho? Mais sem compromisso?

Claro. Mas acho que eu prefiro *amante*. Porque as coisas não são sem compromisso, são?

Não, ela diz. Não são. Mas continue.

Ele diz: Ao cair da noite, o Povo da Alegria acampou a um dia de marcha da cidade. Escravas, capturadas em outras batalhas, servem o *hrang* vermelho-escuro das garrafas de couro em que ele é fermentado, e se encolhem de medo, se inclinam e servem, carregando vasilhas cheias de carne de *thulk* fibrosa e mal passada. As esposas oficiais sentam-se nas sombras, olhos brilhando nas aberturas ovais dos seus lenços de cabeça, atentas a qualquer impertinência. Elas sabem que vão dormir sozinhas esta noite, mas podem surrar as moças capturadas mais tarde por incompetência ou desrespeito, e é isso que farão.

Os homens se agacham diante do fogo, com suas capas de couro, comendo o seu jantar, conversando entre si. O humor deles não é alegre. Amanhã ou depois — dependendo da rapidez deles e da atenção do inimigo — eles vão ter de lutar, e dessa vez podem não ganhar. É verdade que o mensageiro de olhos de fogo que falou com o Punho do Invencível prometeu que eles venceriam se continuassem a ser piedosos e obedientes e corajosos e espertos, mas existem sempre tantos *ses* nessas questões.

Se eles perderem, serão mortos, e suas esposas e filhos também. Se vencerem, eles próprios terão de promover a matança, o que nem sempre é tão agradável quanto se acredita. Eles vão ter de matar todo mundo na cidade: as instruções são essas. Nenhuma criança do sexo masculino deve permanecer viva para crescer cultivando a sede de vingança por seu pai assassinado; nenhuma criança do sexo feminino para corromper o Povo da Alegria com seus modos depravados. De cidades conquistadas anteriormente, eles conservaram as mocinhas e as dividiram entre os soldados, uma ou duas ou três para cada um, de acordo com a coragem e o valor deles, mas o mensageiro divino disse que agora chega.

Toda essa matança vai ser cansativa e também barulhenta. Matar em escala tão grande exige um grande esforço, e também polui muito e tem de ser feito de forma completa, senão o Povo da Alegria vai ficar muito encrencado. O Todo-poderoso costuma insistir no rígido cumprimento da lei.

Seus cavalos estão amarrados mais adiante. Eles são poucos e montados apenas pelos chefes — cavalos magros, assustadiços, com bocas endurecidas e rostos compridos e tristes e olhos ternos e medrosos. Nada disso é por culpa deles: eles foram levados a isso.

Se você tiver um cavalo, tem permissão para chutá-lo e surrá-lo, mas não para matá-lo e comê-lo, porque há muito tempo um mensageiro do Todo-poderoso apareceu na forma do primeiro cavalo. Os cavalos se lembram disto, segundo dizem, e se orgulham disto. É por isso que só permitem que os líderes os montem. Ou esta é a justificativa dada.

Mayfair, maio de 1935

O BOATO MAIS QUENTE DE TORONTO

POR YORK

A primavera fez uma entrada alegre neste mês de abril, anunciada por uma verdadeira cavalcada de limusines dirigidas por motoristas quando convidados famosos dirigiram-se para uma das recepções mais interessantes da temporada, a charmosa festa do dia 6 de abril, oferecida na sua imponente mansão Rosedale, em estilo Tudor, pela sra. Winifred Griffen Prior, em honra da srta. Iris Chase, de Port Ticonderoga, Ontário. A srta. Chase é filha do capitão Norval Chase e neta da sra. Benjamin Montfort Chase, de Montreal, já falecida. Ela vai se casar com o irmão da sra. Griffen Prior, o sr. Richard Griffen, há muito considerado um dos melhores partidos deste estado, em um magnífico casamento de maio que promete estar entre os eventos imperdíveis do calendário de noivas.

As debutantes da temporada passada e suas mães estavam ansiosas para conhecer a jovem noiva, que usava uma discreta criação de Schiaparelli, de crepe com poá, amarelo-avermelhado, com uma saia justa e babado, enfeitado com detalhes de veludo preto e linhita. Tendo como pano de fundo um cenário de narcisos brancos, treliças brancas e velas em arandelas de prata guarnecidas de cachos de falsas uvas pretas Muscadine com espirais de fita prateada, a sra. Prior usava um gracioso vestido Chanel cinza-rosado, com a saia drapeada e o corpete bordado com pérolas. A irmã

e dama de honra da srta. Chase, srta. Laura Chase, usando belbutina verde-folha com detalhes em cetim cor de melancia, também estava presente.

Dentre os distintos convidados, estavam o vice-governador e sua esposa, sra. Herbert A. Bruce, coronel e sra. R. Y Eaton e sua filha, srta. Margaret Eaton, o Hon. W.D. e a sra. Ross e suas filhas, srta. Susan Ross e Srta. Isobel Ross, a sra. A.L. Ellsworth e suas duas filhas, sra. Beverly Balmer e srta. Elaine Ellsworth, srta. Jocelyn Boone e srta. Daphne Boone, e o sr. e a sra. Grant Pepler.

O assassino cego: O sino de bronze

É meia-noite. Na cidade de Sakiel-Norn, um único sino de bronze soa para marcar o momento em que o Deus Partido, encarnação noturna do Deus dos Três Sóis, alcança o ponto mais baixo na sua descida para a escuridão e após um feroz combate é destruído pelo Senhor das Trevas e seu bando de guerreiros mortos que vivem lá embaixo. Ele será reconstituído e ressuscitado pela Deusa, recuperará a saúde e o vigor, e surgirá como sempre ao nascer do dia, renovado, cheio de luz.

Embora o Deus Partido seja uma figura popular, ninguém na cidade acredita mais em sua lenda. Ainda assim, as mulheres em cada casa fazem sua imagem em barro e os homens a quebram em pequenos pedaços na noite mais escura do ano, e depois, no dia seguinte, as mulheres fazem uma nova imagem dele. Para as crianças, existem pequenos deuses feitos de pão doce para elas comerem; pois as crianças, com suas boquinhas gulosas, representam o futuro, que, como o próprio tempo, irá devorar todos aqueles que hoje estão vivos.

O rei está sentado sozinho na torre mais alta do seu luxuoso palácio, de onde observa as estrelas e interpreta os presságios e augúrios para a semana seguinte. Ele tirou sua máscara de fios de platina, uma vez que não há ninguém ali presente de quem precise ocultar suas emoções: ele pode sorrir e franzir a testa à vontade, como qualquer reles *igniroad*. É um grande alívio.

Neste momento mesmo ele está sorrindo, um sorriso pensativo:

está pensando no seu mais recente encontro amoroso, com a esposa gorducha de um funcionário subalterno. Ela é estúpida como um *thulk*, mas tem uma boca macia e cheia como uma almofada de veludo empapada de água e dedos afilados, ágeis como peixes, e olhos pequenos e astutos, e modos educados. No entanto, ela está ficando exigente demais, e também indiscreta. Ela o tem importunado para compor um poema em homenagem ao seu pescoço ou a outra parte qualquer da sua anatomia, conforme é costume entre os mais afetados amantes da corte, mas seus talentos não se inclinam nessa direção. Por que será que as mulheres estão sempre atrás de um troféu, de uma recordação? Ou será que ela quer fazê-lo de idiota, como uma demonstração do seu poder? Uma pena, mas ele vai ter de se livrar dela. Vai arruinar financeiramente o marido dela — vai dar-lhe a honra de jantar na casa dele, com todos os seus cortesãos mais fiéis, até que o pobre idiota fique sem um tostão. Então a mulher será vendida como escrava para ele pagar suas dívidas. Isso talvez seja até bom para ela — para endurecer os seus músculos. É um enorme prazer imaginá-la sem o véu, o rosto nu para qualquer olhar, carregando o banquinho ou o *wibular* de bico azul da sua patroa, o tempo todo de cara amarrada. Ele podia mandar assassiná-la, mas isso parecia um tanto duro demais: ela só é culpada de um certo gosto por poesia de má qualidade. Ele não é um tirano.

Um *oorm* estripado está deitado diante dele. Ele cutuca as penas distraidamente. Ele não liga para as estrelas — não acredita mais nessa baboseira —, mas vai ter de observá-las por algum tempo de qualquer forma e inventar alguma coisa. A multiplicação das riquezas e uma boa colheita iludem a curto prazo, e as pessoas

sempre esquecem as profecias, a menos que elas se realizem.

Ele se pergunta se existe alguma validade na informação que recebeu de fonte segura — seu barbeiro — de que há uma outra conspiração sendo armada contra ele. Será que vai ter de fazer prisões outra vez, recorrer à tortura e às execuções? Sem dúvida. Uma fraqueza aparente é tão ruim para a ordem pública quanto uma fraqueza real. É aconselhável manter as rédeas sempre bem curtas. Se cabeças devem rolar, a dele não estará entre elas. Ele vai ser forçado a agir, a se proteger; no entanto, ele sente uma estranha inércia. Governar um reino é uma tensão constante: se ele relaxar a guarda, mesmo que por um momento, eles vão cair em cima dele, quem quer que sejam eles. Ele pensa ter visto alguma coisa tremeluzindo bem ao norte, como se algo estivesse pegando fogo, mas passou. Relâmpagos, talvez. Ele passa a mão sobre os olhos.

Eu sinto pena dele. Acho que ele está simplesmente fazendo o melhor que pode.

Acho que precisamos de outra bebida. Que tal?

Aposto que você vai matá-lo. Você está com aquele brilho nos olhos.

Ele bem que merecia isso. Para mim, ele é um filho da mãe. Mas os reis têm de ser, não têm? Sobrevivência do mais apto, essas coisas. Os fracos são fuzilados.

Você não acredita realmente nisso.

Ainda tem uma dose? Espreme a garrafa, sim? Porque eu estou mesmo com muita sede.

Eu vou ver. Ela se levanta, arrastando o lençol. A garrafa está na escrivaninha. Não precisa se enrolar, ele diz. Eu gosto da vista.

Ela olha para ele por cima do ombro. Ela diz: Assim tem mais mistério. Joga o seu copo. Eu queria que você parasse de comprar esta porcaria.

É só o que posso pagar. E de qualquer maneira eu não tenho o menor gosto. É porque eu sou órfão. Os presbiterianos me arruinaram no orfanato. E por isso que eu sou tão triste e melancólico.

Não me vem com essa história de pobre órfãozinho. O meu coração não sangra.

Sangra sim, ele diz. Eu conto com isso. Fora as suas pernas e a sua bela bunda, é isso o que eu mais admiro em você — o seu coração sangüinário.

Não é o meu coração que é sangüinário, e sim a minha mente. Eu sou cruel. Pelo menos foi o que me disseram.

Ele ri. Um brinde à sua mente sangüinária, então. De um gole só.

Ela bebe, faz uma careta.

Sai do mesmo jeito que entra, ele diz animadamente. Por falar nisso, eu tenho de regar as plantas. Ele se levanta, vai até a janela, levanta um pouco a veneziana.

Você não pode fazer isso!

É uma rua lateral. Não vou acertar em ninguém.

Pelo menos fica atrás da cortina! E quanto a mim?

O que é que tem? Você já viu um homem nu antes. E nem

sempre fecha os olhos.

Não é isso que eu estou falando, é que eu não posso urinar pela janela. Eu vou explodir.

O roupão do meu amigo, ele diz. Está vendo? Esse troço xadrez no cabide. Verifica primeiro para ver se o corredor está livre. A proprietária é uma vaca intrometida, mas se você estiver usando xadrez ela não vai vê-la. Você vai se confundir com a decoração — esta espelunca é escocesa até a alma.

Bom, ele diz. Onde eu estava?

É meia-noite, ela diz. Um único sino de bronze soa.

Ah, sim. É meia-noite. Um único sino de bronze soa. Quando termina o som, o assassino cego gira a chave na fechadura. O coração dele está batendo com força, como sempre acontece nesses momentos: momentos de muito perigo para si mesmo. Se for preso, a morte que o aguarda é demorada e dolorosa.

Ele não sente nada pela morte que está para causar e nem se importa com os motivos desta morte. Quem deve ser assassinado e por que é problema dos ricos e poderosos, e ele os odeia igualmente. Foram eles que causaram a sua cegueira e que o violentaram dezenas de vezes quando ele era jovem demais para poder se defender, e ele adoraria a chance de poder matar cada um deles — eles e qualquer pessoa envolvida com os assuntos deles, como esta moça. Não significa nada para ele que ela não passe de uma prisioneira enfeitada e coberta de jóias. Não significa nada para ele que as mesmas pessoas que o cegaram a tenham tornado muda. Ele vai fazer seu trabalho e receber seu pagamento e ponto final.

De qualquer maneira, se ele não a matar esta noite, ela será morta amanhã, e ele vai ser mais rápido e muito menos desajeitado. Ele está fazendo um favor a ela. Já houve sacrifícios malfeitos em demasia. Nenhum desses reis sabe manejar uma faca.

Ele espera que ela não faça muito escândalo. Disseram-lhe que ela não pode gritar: o máximo de barulho que pode fazer com a boca ferida, sem língua, é um miado alto e abafado, como um gato dentro de um saco. Isso é ótimo. Mesmo assim, ele vai tomar precauções.

Ele arrasta o corpo da sentinela para dentro do quarto para que ninguém tropece nele no corredor. Então ele também entra, sem fazer nenhum ruído com seus pés descalços, e tranca a porta.

V



O casaco de pele

Esta manhã foram divulgados os avisos de furacão no canal do tempo, e no meio da tarde o céu adquiriu um tom malévolo de verde e os galhos das árvores começaram a se agitar como se um enorme animal enraivecido estivesse se contorcendo no meio deles. A tempestade passou bem por cima: línguas de serpente de luz branca, pilhas de formas de bolo caindo no chão. *Conte até mil e um*, Reenie costumava dizer para nós. *Se você conseguir, é que está a uma milha de distância*. Ela dizia que nunca se devia usar o telefone durante uma tempestade, senão o raio podia entrar no seu ouvido e você ficar surda. Dizia também que não se devia tomar banho, porque o raio podia sair pela torneira como se fosse água. E que se o cabelo da parte de trás da sua cabeça ficasse em pé, você devia pular para cima, porque esta era a única coisa que poderia salvá-la.

Ao cair da tarde, a tempestade já havia passado, mas ainda estava tudo encharcado. Eu me debati no meio dos lençóis embolados, ouvindo o meu coração vacilar de encontro às molas da cama, tentando encontrar uma posição confortável. Finalmente desisti de dormir e enfiei um suéter comprido por cima da camisola e enfrentei a escada. Então vesti minha capa de plástico com capuz e calcei minhas botas de borracha e saí. A madeira molhada dos degraus da varanda era traiçoeira. A pintura está descascada e eles podem estar podres.

Na luz fraca tudo era da mesma cor. O ar estava úmido e parado. Os crisântemos no gramado da frente brilhavam, cobertos de gotas

de chuva; um batalhão de lesmas estava sem dúvida devorando as últimas folhas dos tremoceiros. Dizem que lesmas gostam de cerveja; eu fico pensando se não devia derramar um pouco para elas. Melhor para elas do que para mim: essa nunca foi a forma de álcool da minha preferência. Eu precisava de algo que melhorasse a minha fraqueza.

Eu fui tateando e me arrastando pela calçada molhada. Havia uma lua cheia, com uma névoa clara em volta; sob as luzes da rua, minha sombra reduzida deslizava na minha frente como um duende. Eu senti que estava fazendo uma coisa ousada: uma mulher idosa, solitária, caminhando à noite. Um estranho talvez me achasse indefesa.

E realmente eu estava um pouco assustada, ou pelo menos apreensiva o bastante para o meu coração bater com mais força. Como Myra está sempre me dizendo tão gentilmente, velhas senhoras são o alvo preferido dos assaltantes. Dizem que vêm de Toronto, esses assaltantes, assim como todos os males. Provavelmente eles vêm de ônibus, com suas ferramentas de assalto disfarçadas como guarda-chuvas ou tacos de golfe. Eles são capazes de tudo, Myra costuma dizer sombriamente. Eu caminhei três quarteirões até a rua principal da cidade, então parei para olhar para a garagem de Walter do outro lado do asfalto molhado. Walter estava sentado no farol da cabine de vidro, no meio da poça vazia e escura do asfalto liso. Inclinado para a frente com o seu boné vermelho, ele parecia um jóquei velho montado num cavalo invisível, ou o capitão do seu destino, pilotando uma misteriosa espaçonave pelo espaço sideral. Na verdade, ele estava assistindo ao canal de esporte na sua TV miniatura, conforme eu sabia por Myra. Eu não fui até lá falar

com ele: ele teria ficado alarmado se me visse, saindo da escuridão com minhas botas de borracha e minha camisola como se fosse um caçador furtivo octogenário, enlouquecido. Ainda assim, era reconfortante saber que havia pelo menos um outro ser humano acordado aquela hora da noite.

No caminho de volta, eu ouvi passos atrás de mim. Agora você conseguiu, eu disse para mim mesma, lá vem o assaltante. Mas era apenas uma jovem de capa de chuva preta, carregando uma bolsa ou uma pequena valise. Ela passou por mim num passo rápido, com a cabeça inclinada para a frente.

Sabrina, eu pensei. Ela voltou, afinal. Como eu me senti perdoada por um instante — abençoada, coberta de graças, como se o tempo tivesse andado para trás e a minha velha bengala de madeira tivesse desabrochado liricamente em flores. Mas olhando de novo — pela terceira vez — eu vi que não era Sabrina; apenas alguma estranha. Quem sou eu, afinal, para merecer um tal milagre? Como eu posso esperar por isso?

Mas eu espero por um milagre assim. Mesmo contra todos os ditames da razão.

Mas chega disso. Eu retomo o fardo da minha história, como costumavam dizer nos poemas. De volta a Avilion.

Mamãe estava morta. *As coisas nunca mais seriam as mesmas.* Disseram-me para ser forte. Quem me disse isso? Reenie, com certeza, papai, talvez.

No começo Laura costumava passar um bocado de tempo dentro do casaco de pele de mamãe. Ele era de pele de foca, e ainda tinha o

lenço de mamãe no bolso. Laura entrava dentro dele e tentava abotoar os botões, até encontrar uma maneira de abotoá-los primeiro e depois se enfiar lá dentro. Eu acho que ela devia ficar rezando lá dentro, ou então invocando mamãe, tentando trazê-la de volta. Seja o que for, não funcionou. E então o casaco foi doado para caridade.

Logo depois Laura começou a perguntar para onde o bebê havia ido, aquele que não se parecia com um gatinho. *Para o céu* não a satisfazia mais — depois de ter ficado na bacia, era o que ela queria saber. Reenie disse que o médico o levava embora. Mas por que não houve um enterro? Porque ele nasceu pequeno demais, Reenie disse. Como uma coisa tão pequena podia ter matado a mamãe? Reenie disse, *Não se preocupe com isso. Você vai saber quando ficar mais velha.* Ela disse *O que não se sabe não prejudica.* Um ditado duvidoso: às vezes o que você não sabe pode prejudicá-la um bocado.

De noite, Laura entrava sorrateiramente no meu quarto e me acordava, depois deitava na cama comigo. Ela não conseguia dormir: era por causa de Deus. Até o dia do enterro, ela e Deus tinham se dado bem. *Deus ama você*, a professora da escola dominical da igreja metodista, para onde mamãe nos havia mandado e para onde Reenie continuava a mandar-nos por uma questão de princípios, costumava dizer e Laura tinha acreditado. Mas agora ela já não tinha tanta certeza.

Ela começou a se preocupar com a localização exata de Deus. A culpa era da professora: *Deus está em toda parte*, ela tinha dito, e Laura queria saber: Deus estava no Sol, Deus estava na Lua, Deus estava na cozinha, no banheiro ou debaixo da cama? (Eu gostaria de torcer o pescoço dessa mulher, Reenie dizia.) Laura não queria que

Deus aparecesse de repente na frente dela, o que não era difícil de entender considerando o comportamento recente dele. *Abra a boca e fecha os olhos e eu lhe darei uma grande surpresa*, Reenie costumava dizer, segurando um biscoito com a mão escondida atrás das costas, mas Laura não fazia mais isso. Ela queria ter os olhos bem abertos. Não que ela não confiasse em Reenie, era só porque tinha medo de surpresas.

Deus devia estar no armário de vassouras. Parecia o lugar mais provável. Ele estava espreitando ali como algum tio excêntrico e possivelmente perigoso, mas ela não podia ter certeza se ele estaria lá num determinado momento porque tinha medo de abrir a porta. "Deus está no seu coração", dizia a professora da escola dominical, e isso era pior ainda. Se ele estivesse no armário de vassouras, ainda seria possível fazer alguma coisa, como trancar a porta, por exemplo.

Deus não dormia nunca, dizia o hino — *nenhum sono despreocupado cerrará as Suas pálpebras*. Em vez de dormir, ele andava pela casa à noite, espionando as pessoas — vendo se elas tinham sido boas, ou enviando pestes para acabar com elas, ou realizando algum outro capricho. Mais cedo ou mais tarde ele ia acabar fazendo algo desagradável, como acontecia freqüentemente na Bíblia.

— Presta atenção, é Ele — Laura costumava dizer. O passo leve, o passo pesado.

— Isso não é Deus. É apenas o papai. Ele está na torrinhã.

— O que é que ele está fazendo lá?

— Fumando. — Eu não queria dizer *bebendo*. Parecia desleal.

Eu sentia uma grande ternura por Laura quando ela estava dormindo — a boca um pouco aberta, os cílios ainda úmidos —, mas ela tinha um sono inquieto; ela gemia e chutava, e às vezes roncava, e não me deixava pegar no sono. Eu descia da cama e ia na ponta dos pés até a janela do quarto, e me esticava para cima para olhar para fora. Quando tinha lua, os canteiros ficavam prateados, como se todas as cores lhes tivessem sido sugadas. Eu podia ver a ninfa de pedra, em dimensões reduzidas; a lua se refletia no lago de nenúfares e ela molhava os dedos em sua luz fria. Estremecendo, eu voltava para a cama e ficava olhando para as sombras oscilantes das cortinas e escutando os ruídos da casa se acomodando. Imaginando o que eu teria feito de errado.

As crianças acreditam que tudo de ruim que acontece é, de alguma forma, por culpa delas, e nisto eu não fui nenhuma exceção; mas elas também acreditam em finais felizes, apesar de toda a evidência em contrário, e neste aspecto eu também não fui nenhuma exceção. Eu só queria que o final feliz chegasse logo, porque — especialmente à noite, quando Laura estava dormindo e eu não precisava animá-la — eu me sentia extremamente infeliz. De manhã, eu ajudava Laura a se vestir — esta tarefa já era minha quando minha mãe estava viva — e cuidava para que ela escovasse os dentes e lavasse o rosto. Na hora do almoço, às vezes, Reenie nos deixava fazer um piquenique.

Nós preparávamos pão com geléia de uva, espalhada até ficar transparente como celofane, e cenouras cruas e maçãs cortadinhas. Tínhamos carne enlatada tirada da lata, com a forma de um templo asteca. Tínhamos ovos cozidos. Colocávamos tudo isso em pratos e os levávamos para fora e comíamos lá mesmo — perto do lago, na

estufa. Se estivesse chovendo, nós comíamos lá dentro.

— Lembre-se dos armênios famintos — Laura dizia, com as mãos juntas, os olhos fechados, inclinada sobre as cascas do seu sanduíche de geléia. Eu sabia que ela estava dizendo isso porque mamãe costumava dizer, e tinha vontade de chorar. — Não existem armênios famintos, eles são só uma invenção — eu disse um dia a ela, mas ela não acreditou.

Naquela época, nos deixavam muito sozinhas. Nós exploramos Avilion de cima a baixo: suas fendas, suas cavernas, seus túneis. Investigamos o esconderijo debaixo da escada dos fundos, que continha uma miscelânea de galochas velhas, luvas sem par e um guarda-chuva quebrado. Exploramos as diversas seções do porão — a seção reservada para o carvão; a seção reservada para os legumes, com repolhos e abóboras arrumados sobre um tabuleiro, as beterrabas e as cenouras criando barbas na sua caixa de areia, e as batatas com seus tentáculos cegos, como as pernas de um caranguejo; a despensa reservada para as maçãs em seus barris e para as prateleiras de conservas geléias empoeiradas faiscando como gemas brutas, *chutneys* e picles e morangos e tomates descascados e molho de maçã, tudo isso em potes hermeticamente fechados. Havia também uma adega, mas ficava trancada; só papai tinha a chave.

Nós descobrimos a gruta úmida, de chão de terra, que ficava sob a varanda, onde se chegava engatinhando por entre as malvas-rosa, onde apenas dentes-de-leão que pareciam aranhas tentavam crescer, e ervas rasteiras, seu cheiro de menta misturado com o cheiro de urina de gato e (uma vez) o odor quente e enjoativo de uma cobra

assustada. Nós descobrimos o sótão, com caixotes de livros velhos e pilhas de colchas e três arcas vazias e uma harmônica quebrada e o manequim sem cabeça da vovó Adelia, um torso pálido, mofado.

Prendendo a respiração, nós caminhávamos na ponta dos pés através do nosso labirinto de sombras. Esse era o nosso refúgio — o nosso segredo, o nosso conhecimento de caminhos ocultos, o fato de acreditarmos que ninguém podia nos ver.

Ouçã a batida do relógio, eu disse. Era um relógio de pêndulo — uma antigüidade, de porcelana branca e dourada; tinha sido do vovô; ficava sobre o mármore da lareira da biblioteca. Laura entendeu *lambida* em vez de batida. E era verdade, o pêndulo de metal balançando para a frente e para trás parecia uma língua, lambendo os lábios de uma boca invisível. Devorando o tempo.

Chegou o outono. Laura e eu colhíamos vagens e as abríamos, para sentir as sementes com forma de escama umas por cima das outras como a pele de um dragão. Nós retirávamos as sementes e as espalhávamos sobre seus patágios sedosos, deixando exposta a língua coriácea de um amarelo-amarronzado, macia como a parte interna do cotovelo. Depois íamos até a ponte Jubileu e atirávamos as vagens no rio para ver por quanto tempo elas flutuavam antes de afundarem ou de serem levadas embora pela correnteza.

Será que as imaginávamos carregando pessoas ou uma pessoa? Não tenho certeza. Mas havia uma certa satisfação em vê-las afundar.

Chegou o inverno. O céu era de um cinzento enevoadado, o sol ficava baixo no céu, de um rosa desmaiado, como sangue de peixe.

Pingentes de gelo, pesados e opacos e grossos como punhos pendiam do telhado e dos peitoris das janelas como que paralisados no momento em que estavam caindo. Nós os quebrávamos e chupávamos as pontas.

Reenie nos disse que se fizéssemos isso as nossas línguas iam ficar pretas e cair, mas eu sabia que não era verdade, porque já tinha feito aquilo antes.

Avilion tinha um hangar de barco, na época, e um frigorífico, perto do quebra-mar. Na garagem ficava o velho veleiro do vovô, que agora era do papai — o *Water Nixie*, bem protegido para o inverno. No frigorífico ficava o gelo, retirado do rio Jogues e arrastado em blocos pelos cavalos, e armazenado ali, coberto com serragem, esperando pelo verão, quando se tornava raro.

Laura e eu saíamos para ir ao escorregadio quebra-mar, coisa que éramos proibidas de fazer. Reenie dizia que se caíssemos dentro d'água não sobreviveríamos nem por um segundo, porque a água era fria como a morte. Nossas botas se encheriam de água e nós afundaríamos como pedras. Nós atirávamos algumas pedras de verdade para ver o que acontecia; elas deslizavam pelo gelo e ficavam lá, à vista. Nossa respiração produzia uma fumaça branca; nós a soprávamos em jatos, como trens, e ficávamos trocando o peso do corpo de um pé gelado para o outro. Sob nossas botas, a neve rangia. Ficávamos de mãos dadas e nossas luvas congelavam e grudavam uma na outra, de modo que quando as tirávamos havia duas mãos de lã das mãos dadas uma com a outra, vazias e azuis.

No fundo da cachoeira do Louveteau, havia pedaços irregulares de gelo, empilhados. O gelo era branco ao meio-dia, verde-claro no

cair da tarde; os pedaços menores tilintavam como sinos. No centro do rio, a água corria livre e preta. Crianças tagarelavam na colina que ficava do outro lado, ocultas pelas árvores, suas vozes altas e finas e alegres no ar frio. Elas estavam andando de tobogã, o que nos era proibido. Eu pensava em caminhar pelo gelo irregular da margem do rio para ver se ele era sólido.

Veio a primavera. Os galhos dos salgueiros ficaram amarelos, os comisos vermelhos. O rio Louveteau transbordou; arbustos e árvores arrancados pela raiz desceram pela correnteza girando e batendo uns nos outros. Uma mulher saltou da Ponte Jubileu sobre a cachoeira e o corpo só foi encontrado dois dias depois. Foi retirado do rio mais abaixo e não era uma bela visão, porque descer a cachoeira era como passar por um moedor de carne. Reenie disse que aquela não era a melhor forma de partir deste mundo, principalmente se você estivesse interessada na aparência, o que era bem pouco provável de acontecer numa hora dessas.

A sra. Hillcoate ouviu falar de uma meia dúzia de pessoas que haviam saltado de lá, ao longo dos anos. Ficava-se sabendo pelos jornais. Uma delas era uma moça que havia sido sua colega de colégio e que tinha se casado com um trabalhador da estrada de ferro. Ele passava um tempão viajando, ela disse, o que é que ele podia esperar? — Pulou a cerca — ela disse. — Não tinha desculpa. — Reenie balançou a cabeça, como se isto explicasse tudo.

— Por mais burro que um homem seja, ele normalmente sabe contar — ela disse — pelo menos nos dedos, imagino que tenha precisado usar também os pés. Mas não adianta fechar a porta do estábulo depois de o cavalo fugir.

— Que cavalo? — disse Laura.

— Ela devia estar com algum outro problema também — disse a sra. Hillcoate. — Quando se tem problemas, normalmente eles não são de um tipo só.

— Que história é essa de cerca? — Laura cochichou no meu ouvido. Mas eu também não sabia.

Além de pular, Reenie disse, mulheres desse tipo costumam entrar no rio e são sugadas para baixo pelo peso de suas roupas molhadas, assim não conseguem nadar para se salvar nem que queiram. Os homens geralmente são mais diretos. Eles se enforcam nas vigas dos seus celeiros, ou estouram os miolos com uma espingarda; ou quando querem se afogar amarram no corpo pedras ou outros objetos pesados — machados sem cabo, sacos de pregos. Eles não gostam de correr riscos numa coisa assim tão séria.

Mas faz parte da natureza feminina simplesmente entrar no rio e desistir de viver, deixar a água carregá-la. Era difícil dizer, pelo tom de voz de Reenie, se ela aprovava ou não essas diferenças.

Eu completei dez anos em junho. Reenie preparou um bolo, embora tenha dito que talvez não devêssemos estar comemorando, fazia muito pouco tempo que mamãe tinha morrido, mas a vida tinha de continuar, e então um simples bolo não ia fazer mal. *Fazer mal a quem?*, Laura disse. *Aos sentimentos de mamãe*, eu disse. *Então mamãe está nos vigiando lá do Paraíso?* Mas eu me fiz de teimosa e de superior e me recusei a responder. Laura se recusou a comer o bolo, depois de ouvir falar nos sentimentos de mamãe, então eu comi os dois pedaços.

Era um grande esforço para mim, nesse momento, recordar os detalhes da minha dor — as formas exatas que ela assumiu —, embora, se quisesse, eu poderia trazer à tona os seus ecos, como os ganidos de um cachorrinho preso no porão. O que eu tinha feito no dia em que mamãe morreu? Eu mal conseguia me lembrar disso, nem da aparência verdadeira dela: ela agora se parecia apenas com os seus retratos. Eu me lembrava, sim, da estranheza causada pela sua cama depois que ela se foi: o quanto ela pareceu vazia. Do modo como a luz da tarde entrava obliquamente pela janela e caía tão silenciosamente sobre o chão de madeira, as mariposas de poeira flutuando ao redor dela como se fossem neblina. Do cheiro de cera de abelha do lustramóveis, e de crisântemos murchos, e do ar impregnado pelo cheiro da comadre e do desinfetante.

Eu agora me lembrava muito mais da sua ausência do que da sua presença.

Reenie disse à sra. Hillcoate que embora ninguém jamais pudesse ocupar o lugar da sra. Chase, que tinha sido uma verdadeira santa, se é que existiam santas, ela própria tinha feito o que pôde, e tinha mantido o ânimo por nossa causa, porque não é bom ficar remoendo a tristeza, e felizmente nós parecíamos estar superando a perda, embora águas paradas fossem as mais profundas e eu fosse quieta demais para o gosto dela. Eu era do tipo sorumbático mesmo, ela dizia; isso acabaria vindo à tona em algum momento. Quanto a Laura, quem poderia saber, porque ela tinha sido sempre uma criança esquisita.

Reenie dizia que nós éramos muito agarradas uma com a outra. Ela dizia que Laura estava aprendendo a ser adulta antes do tempo, e que eu estava ficando para trás.

Nós duas devíamos nos relacionar com crianças da nossa idade, mas as poucas crianças da cidade que poderiam servir para brincar conosco já tinham sido mandadas para o colégio — colégios particulares como os que nós também deveríamos, por direito, frequentar, mas que o capitão Chase nunca dava um jeito de conseguir, mesmo porque seriam mudanças demais de uma só vez, e embora eu fosse extremamente indiferente e com certeza conseguiria me adaptar, Laura era atrasada para a sua idade e, pensando bem, era mesmo muito pequena ainda. E também era muito nervosa. Era do tipo que entrava em pânico e que seria capaz de se afogar em vinte centímetros de água.

Laura e eu nos sentávamos na escada dos fundos com a porta entreaberta, tapando a boca com a mão para não rir. Nós adorávamos espionar. Mas não foi bom para nenhuma de nós ouvir coisas desse tipo sobre nós mesmas.

O soldado cansado

Hoje eu caminhei até o banco — cedo, para evitar o auge do calor e também para estar lá quando ele abrisse. Assim eu podia ter certeza de que alguém ia me dar atenção, e eu precisava disso, porque tinham cometido outro erro no meu extrato. Eu ainda sei somar e subtrair, costumo dizer a eles, ao contrário dessas máquinas de vocês, e eles sorriem para mim como se fossem garçons, do tipo que cospe dentro da sua sopa na cozinha. Eu sempre peço para falar com o gerente, o gerente está sempre "em reunião", sempre me mandam falar com algum anão de sorriso afetado e ar superior que acabou de sair das fraldas e que se considera um futuro plutocrata.

Eu me sinto desprezada lá por ter tão pouco dinheiro; também por outrora ter tido tanto. Não que eu tenha tido dinheiro meu, é claro. Quem tinha era papai, e depois Richard. Mas o dinheiro me foi imputado, do mesmo modo que crimes são imputados a pessoas que simplesmente estavam presentes quando eles aconteceram.

O banco tem colunas romanas, para nos lembrar de dar a César o que é de César, como aquelas ridículas taxas de serviço. Por qualquer centavo eu guardaria o meu dinheiro numa meia debaixo do colchão só para encher o saco deles, mas aí iam dizer que eu tinha virado uma velha excêntrica, dessas que são encontradas mortas num pardieiro com centenas de latas vazias de comida de gato e dois milhões de dólares em notas de cinco enfiadas entre as folhas de jornais amarelados. Não tenho a menor vontade de me tornar objeto de atenção dos viciados em drogas e dos assaltantes amadores, com

seus olhos injetados e suas mãos leves.

No caminho de volta do banco, eu passei pela prefeitura, com sua torre do sino à moda italiana e seus tijolos florentinos de dois tons, seu mastro precisando de pintura, seu canhão da guerra no Somme. Além de suas duas estátuas de bronze doadas pela família Chase. A da direita, oferecida pela minha avó Adelia, é do coronel Parkman, um veterano da última e decisiva batalha da Revolução Americana, a de Fort Ticonderoga, que hoje fica no estado de Nova York. De vez em quando vemos alguns alemães ou ingleses ou mesmo americanos confusos vagando pela cidade, procurando pelo campo de batalha de Fort Ticonderoga. *Cidade errada*, dizem a eles. *Pensando bem, país errado. O que vocês estão procurando é o que vem depois deste.*

Foi o coronel Parkman quem levantou estacas, atravessou a fronteira e deu nome à nossa cidade, comemorando assim, perversamente, uma batalha em que havia sido derrotado. (Embora talvez isso não seja tão inusitado assim: muitas pessoas adquirem um interesse zeloso por suas próprias cicatrizes.) Ele está montado em seu cavalo, brandindo uma espada e pronto para galopar em direção ao canteiro de petúnias mais próximo: um homem de feições rudes, olhar experiente e uma barba pontuda, a idéia que todo escultor tem de todo líder de cavalaria. Ninguém sabe como era a aparência verdadeira do coronel Parkman, uma vez que ele não deixou nenhuma evidência pictórica de si mesmo e a estátua só foi feita em 1885, mas é assim que ele é agora. Essa é a tirania da arte.

Do lado esquerdo do gramado, também junto a um canteiro de petúnias, fica uma figura igualmente mítica: o Soldado Cansado, com os três primeiros botões da camisa desabotoados, o pescoço curvado

como que para o machado do carrasco, o uniforme amassado, o capacete torto, apoiado no seu rifle Ross defeituoso. Eternamente jovem, eternamente cansado, ele fica no alto do Memorial de Guerra, sua pele se tornando verde sob o sol, com cocôs de pombo escorrendo pelo seu rosto como lágrimas.

O Soldado Cansado foi um projeto do meu pai. A escultora foi Callista Fitzsimmons, que havia sido altamente recomendada por Frances Loring, responsável pelo Comitê do Memorial de Guerra da Sociedade dos Artistas de Ontário. Houve uma certa objeção local à srta. Fitzsimmons — uma mulher não foi considerada adequada para tratar do tema —, mas papai forçou a barra na reunião de possíveis patrocinadores: a srta. Loring não é mulher também, ele perguntou? Provocando, assim, diversos comentários irreverentes, sendo que o mais leve deles foi *Como é que você sabe?* Em particular, ele disse que quem paga o banquete escolhe a comida, e que já que os outros eram tão pão-duros, ou soltavam o dinheiro ou calavam a boca.

A srta. Callista Fitzsimmons não era só uma mulher, ela também tinha apenas 28 anos e era ruiva. Ela começou a ir freqüentemente a Avilion para conversar com papai sobre o projeto. Essas reuniões aconteciam na biblioteca, no princípio com a porta aberta, depois não. Ela ficava num dos quartos de hóspede, primeiro no segundo melhor, depois no melhor de todos. Em pouco tempo ela passou a ir todos os fins de semana para lá, e seu quarto ficou conhecido como sendo o "seu" quarto.

Papai parecia mais feliz; sem dúvida ele estava bebendo menos. Ele mandou arrumar o terreno, pelo menos para ficar apresentável; mandou repor o cascalho da entrada de automóveis; mandou raspar, pintar e consertar o *Water Nixie*. Às vezes havia festas informais de

fim de semana, em que convidados eram artistas de Toronto, amigos de Callista. Esses artistas, entre os quais não havia nenhum cujo nome pudesse ser hoje reconhecido, não usavam traje a rigor e nem mesmo ternos para jantar, e sim suéteres de gola em "V"; gostavam de refeições rápidas no gramado, conversavam sobre arte, fumavam, bebiam e discutiam. As moças usavam toalhas demais nos banheiros, sem dúvida porque nunca haviam tomado um banho decente de banheira antes, segundo a teoria de Reenie. Também tinham unhas encardidas, que costumavam roer.

Quando não havia essas reuniões de fim de semana, papai e Callista saíam para fazer piqueniques em um dos carros — no carro esporte, não no sedã — com uma cesta que Reenie preparava de cara amarrada. Ou iam velejar, Callista de calças compridas com as mãos nos bolsos, como Coco Chanel, e uma camisa de malha velha de papai.

Às vezes eles iam de carro até Windsor e paravam em bares de estrada que serviam coquetéis e tinham música ao vivo e dança — bares normalmente freqüentados por gângsteres envolvidos no contrabando de bebidas, que vinham de Chicago e Detroit para fazer negócio com as destilarias legais do lado canadense. (Era a época da Lei Seca nos Estados Unidos; a bebida alcoólica jorrava pela fronteira como água de altíssimo preço; cadáveres com as pontas dos dedos arrancadas e nada nos bolsos eram atirados no rio Detroit e acabavam nas praias do lago Erie, provocando discussões a respeito de quem iria pagar as despesas do enterro.) Nessas viagens, papai e Callista ficavam fora a noite toda, às vezes diversas noites. Uma vez eles foram para Niagara Falls, o que causou inveja a Reenie, e outra vez foram para Buffalo; mas foram para Buffalo de trem.

Nós soubemos dos detalhes por Callista, que não era pão-dura em matéria de detalhes. Ela nos contou que papai estava precisando "de animação" e que essa animação era boa para ele. Ela disse que ele precisava se divertir, viver mais intensamente a vida. Disse que ela e papai eram "grandes companheiros". Ela passou a nos chamar de "as crianças"; e disse que nós podíamos chamá-la de "Callie".

(Laura quis saber se papai também dançava nos bares de beira de estrada: era difícil imaginar por causa da sua perna aleijada. Callista disse que não, mas que ele gostava de assistir. Eu duvidava disso. Não é muito divertido ficar vendo outras pessoas dançarem quando você mesmo não pode dançar.)

Eu tinha admiração por Callista, porque ela era uma artista e era consultada como se fosse um homem, e andava por toda a parte e trocava apertos de mão como um homem também, e fumava cigarros numa piteira preta e sabia sobre Coco Chanel. Ela tinha orelhas furadas e seu cabelo vermelho (pintado com henna, agora eu percebo) era preso por echarpes. Usava vestidos esvoaçantes parecendo mantos, de estampados ousados: fúcsia, heliotrópio e açafreão eram os nomes das cores. Ela me disse que os modelos vinham de Paris e inspiravam-se nos emigrantes russos. Ela explicou quem eram eles. Ela era cheia de explicações.

— Uma de suas sirigaitas — Reenie disse para a sra. Hillcoate. — Mais uma da sua lista, que só Deus sabe o quanto já deve ser longa, mas eu achei que ele ia ter a decência de não a trazer para dentro de casa, com ela ainda quente no túmulo, túmulo que foi ele mesmo quem cavou.

— O que é uma sirigaita? — Laura perguntou.

— Meta-se com a sua vida — Reenie disse. Era um sinal da sua raiva o fato de ela continuar falando embora eu e Laura estivéssemos na cozinha. (Mais tarde eu disse a Laura o que era uma sirigaita: era uma moça que mascava chiclete. Mas Callie Fitzsimmons não fazia isso.)

— Tem gente de ouvido aceso — a sra. Hillcoate avisou, mas Reenie continuou falando.

— Quanto àquelas roupas estrangeiras que ela usa, dava no mesmo ela ir para a igreja só de roupa de baixo. Contra a luz, dá para ver o sol, a lua e as estrelas, e tudo o que está no meio. Não que ela tenha muito o que mostrar, ela é uma dessas petulantes que andam por aí, é quase tão reta quanto um garoto.

— Eu jamais teria coragem — disse a sra. Hillcoate.

— Você não pode chamar isso de coragem — Reenie disse. — Ela não está nem aí. Eu acho que ela tem um parafuso a menos, cá pra nós. Ela mergulhou no lago de nenúfares, junto com todos os sapos e peixinhos, eu a vi voltando pelo gramado só com uma toalha e o que Deus deu a Eva. Ela nem piscou, simplesmente sorriu e me cumprimentou.

— Eu soube disso — disse a sra. Hillcoate. — Mas achei que fosse fofoca. Pareceu totalmente impossível.

— Ela quer dar o golpe do baú — Reenie disse. — Só quer pôr as garras nele para depená-lo.

— O que é golpe do baú? O que são garras? — disse Laura.

Petulante me fez pensar em algo pendurado, balançando ao vento. Callista Fitzsimmons não era nem um pouco assim.

Houve um bocado de briga por conta do Memorial de Guerra, e não apenas por causa dos boatos sobre papai e Callista Fitzsimmons. Algumas pessoas na cidade acharam que a estátua do Soldado Cansado tinha uma aparência abatida demais e também muito desleixada: elas não concordavam com a camisa desabotoada. Queriam algo mais triunfante, como a Deusa da Vitória no memorial que havia duas cidades mais adiante, com asas de anjo e vestes esvoaçantes e que segurava um instrumento de três pontas que parecia um espeto de churrasco. Elas também queriam que fosse escrito na frente "Em honra daqueles que fizeram voluntariamente o supremo sacrifício".

Papai se recusou a ceder quanto à escultura, dizendo que tinham sorte de o Soldado Cansado ter dois braços e duas pernas, para não mencionar uma cabeça, e que se não tomassem cuidado, ele ia optar por um realismo cru e a estátua ia ser feita com fragmentos de corpos em decomposição, coisa em que ele havia pisado muitas vezes durante a guerra. Quanto à inscrição, o sacrifício não tinha nada de voluntário, uma vez que os mortos não tinham tido a intenção de se deixar despachar para o Outro Mundo. Ele preferia "Para não esquecermos", o que colocava o ônus no seu devido lugar: na nossa falta de memória. Ele disse que uma porrada de gente tinha mostrado uma incrível capacidade de esquecimento. Raramente ele praguejava em público, então isso causou uma grande impressão. Ele ganhou a parada, é claro, já que estava pagando.

A Câmara de Comércio pagou pelas quatro placas de bronze, com as listas dos mortos e os nomes das batalhas. Queriam colocar os próprios nomes embaixo, mas papai os fez desistir, mostrando o

quanto aquilo era ridículo. O Memorial de Guerra era para os mortos, ele disse a eles — não para os que tinham permanecido vivos, muito menos para os que tinham sido beneficiados. Este tipo de conversa fez com que muitos ficassem ressentidos com ele.

O memorial foi inaugurado em novembro de 1928, no Remembrance Day, dia em que se comemora o fim das duas guerras mundiais. Havia uma grande multidão, apesar da chuvinha gelada. O Soldado Cansado tinha sido colocado sobre uma pirâmide feita de pedras redondas de rio, como as pedras de Avilion, e as placas de bronze eram enfeitadas nas bordas com lírios e papoulas, entrelaçadas com folhas de bordo. Houve muita discussão sobre isso também. Callie Fitzsimmons disse que o projeto era muito antiquado e banal, como todas aquelas flores e folhas murchas — *Vitoriano* —, o pior insulto para um artista naquela época. Ela queria algo mais moderno, menos enfeitado. Mas o povo da cidade gostou, e papai disse que às vezes era preciso ceder.

Durante a cerimônia, tocaram gaita de foles. (Melhor do lado de fora do que dentro, Reenie disse.) Depois houve o sermão principal, feito pelo pastor presbiteriano, que falou sobre *aqueles que haviam feito voluntariamente o Supremo Sacrifício* — a alfinetada da cidade em papai, para mostrar que ele não podia comandar todos os procedimentos e que o dinheiro não conseguia comprar tudo, e que eles tinham conseguido aquela frase apesar dele. Depois vieram outros discursos, e todo mundo rezou — muitos discursos e muitas preces, porque os pastores de todas as igrejas tinham de estar representados. Embora não houvesse católicos no comitê organizador, até mesmo um padre teve permissão de fazer uma oração. Meu pai forçou um pouco isso, com a justificativa de que um

soldado católico morto era tão morto quanto um soldado protestante.

Reenie disse que essa era uma maneira de ver a questão.

— Qual é a outra maneira? — Laura perguntou.

Meu pai colocou a primeira coroa de flores. Laura e eu assistimos, de mãos dadas; Reenie chorou. O Regimento Real Canadense enviara uma delegação, que viajou desde Wolsely Barracks, em Londres, e o major M. K. Greene depositou uma coroa. Em seguida, quase todo mundo depositou uma coroa a Legião, seguida do Lions, do Kinsmen, do Rotary Club, do Oddfellows, da Ordem Laranja, dos Cavaleiros de Colombo, da Câmara de Comércio e do I.O.D.E., entre outros — sendo que a última pessoa foi a sra. Wilmer Sullivan, representando as mães dos que morreram, pois havia perdido três filhos. Cantaram "*Abide with me*", depois foi tocado "*Last Post*", de forma um tanto trêmula, por um corneteiro da banda escocesa, seguido de dois minutos de silêncio e de uma salva de tiros de espingarda disparados pela milícia. Depois tivemos "*Alvorada*".

Papai ficou de cabeça baixa, mas tremia visivelmente, não sei dizer se de tristeza ou de raiva. Ele usava o uniforme por baixo do sobretudo, e se apoiava na bengala com as duas mãos vestidas de luvas de couro.

Callie Fitzsimmons estava lá, mas se manteve nos bastidores. Não era o tipo de acontecimento em que o artista devia aparecer e fazer uma reverência, ela tinha dito para nós. Ela estava usando um casaco preto bem discreto e uma saia em vez de um vestido e um chapéu escondia-lhe metade do rosto, mas cochicharam a respeito

dela assim mesmo.

Depois Reenie preparou um chocolate para Laura e para mim, na cozinha, para nos esquentar, porque nós ficamos geladas na chuva. Foi oferecida também uma xícara à sra. Hillcoate, que disse que não ia recusar.

— Por que é chamado de memorial? — Laura perguntou.

— É para nos lembrarmos dos mortos — disse Reenie.

— Por quê? — disse Laura. — Para quê? Eles gostam disso?

— Não é por eles, é mais por nós — disse Reenie. — Você vai compreender quando for mais velha. — Laura estava sempre ouvindo isso, e ignorava. Ela queria compreender agora. Ela ergueu a xícara de chocolate.

— Posso tomar mais? O que é o Supremo Sacrifício?

— Os soldados deram a vida por nós. Espero que seus olhos não sejam maiores que a barriga, porque se eu puser mais vou querer que tome tudo.

— Por que eles deram a vida? Eles quiseram dar?

— Não, mas deram assim mesmo. Por isso é que foi um sacrifício — disse Reenie. — Agora chega. Tome o seu chocolate.

— Eles deram suas vidas para Deus, porque é isso que Deus quer. É como Jesus, que morreu para expiar os nossos pecados — disse a sra. Hillcoate, que era batista e se considerava a maior autoridade no assunto.

Uma semana depois, Laura e eu estávamos passeando pelo caminho que beirava o Louveteau, abaixo do desfiladeiro. Havia neblina naquele dia, subindo do rio, girando como leite desnatado no ar, pingando dos galhos nus dos arbustos. As pedras do caminho estavam escorregadias.

De repente, Laura estava dentro do rio. Felizmente nós não estávamos ao lado da corrente principal, então ela não foi levada. Eu gritei e corri e a agarrei pelo casaco; suas roupas ainda não estavam totalmente encharcadas, mas mesmo assim ela estava muito pesada e eu quase caí lá dentro também. Consegui arrastá-la até onde havia uma saliência lisa; então icei-a para fora. Ela parecia uma ovelha molhada e eu também estava bem molhada. Então eu a sacudi. Nessa altura ela estava tremendo e chorando.

— Você fez isso de propósito — eu disse. — Eu vi! Você podia ter se afogado! — Laura soluçou. Eu a abracei. — Por que você fez isso?

— Para Deus deixar a mamãe viver de novo — ela soluçou.

— Deus não quer que você morra — eu disse. — Isso O deixaria muito zangado! Se Ele quisesse que a mamãe ficasse viva, Ele o faria de qualquer maneira, sem que você precisasse se afogar. — Esta era a única maneira de falar com Laura quando ela ficava daquele jeito: você tinha de fingir que sabia alguma coisa sobre Deus que ela não sabia.

Ela limpou o nariz com as costas da mão. — E como é que *you* sabe?

— Porque veja só, Ele deixou que eu salvasse você! Está vendo? Se Ele quisesse que você morresse, eu também teria caído. Nós duas estaríamos mortas! Vamos embora, você precisa se secar. Eu não vou

contar a Reenie. Vou dizer que foi um acidente, que você escorregou. Mas não torne a fazer uma coisa dessas. Está bem?

Laura não disse nada, mas deixou que eu a levasse para casa. Houve um bocado de susto e repreensão e uma xícara de caldo de carne e um banho quente e uma bolsa de água quente para Laura, cujo acidente foi atribuído à sua conhecida atolação; mandaram que ela prestasse atenção por onde andava. Papai disse *Muito bem* para mim; eu imaginei o que ele teria dito se eu a tivesse perdido. Reenie disse que ainda bem que pelo menos uma de nós tinha um pouco de expediente, mas perguntou o que nós tínhamos ido fazer lá. E ainda por cima na neblina. Ela disse que eu devia ter tido mais juízo.

Naquela noite fiquei horas acordada na cama, com os braços em volta do meu corpo, abraçando a mim mesma bem apertado. Meus pés estavam gelados, meus dentes batiam. Eu não conseguia tirar da cabeça a imagem de Laura na água escura e gelada do Louveteau — a forma como o seu cabelo se espalhara como fumaça num redemoinho de vento, o brilho prateado do seu rosto molhado, a forma como ela me olhou quando eu a agarrei pelo casaco. Como tinha sido difícil mantê-la segura. Como eu tinha estado perto de soltá-la.

Srta. Violência

Em vez de irmos para a escola, eu e Laura tivemos uma sucessão de professores particulares, tanto homens quanto mulheres. Nós não os achávamos necessários e fazíamos o possível para desencorajá-los. Nós os olhávamos fixamente com nossos olhos azuis arregalados ou fingíamos que éramos surdas ou estúpidas; nunca os olhávamos nos olhos, só na testa. Sempre demorava mais do que a gente imaginava para nos livrarmos deles: via de regra, eles aturavam um bocado de coisas que fazíamos com eles porque já tinham apanhado muito da vida e precisavam do dinheiro. Nós não tínhamos nada contra eles pessoalmente; simplesmente não queríamos ser importunadas.

Quando não estávamos com esses professores, deveríamos ficar em Avilion, dentro da casa ou no terreno. Mas quem estava lá para nos vigiar? Os professores eram fáceis de enganar, eles não conheciam os nossos caminhos secretos, e Reenie não podia passar o tempo todo atrás de nós, como ela mesma costumava dizer. Sempre que podíamos, escapávamos de Avilion e vagávamos pela cidade, apesar da convicção de Reenie de que o mundo estava cheio de criminosos e anarquistas e orientais sinistros com cachimbos de ópio, bigodes finos como corda trançada e unhas longas e pontudas, e traficantes de drogas e de escravas brancas, esperando para nos seqüestrar e pedir um bom dinheiro pelo nosso resgate.

Um dos vários irmãos de Reenie tinha alguma coisa a ver com essas revistas ordinárias, baratas, que se comprava em drogarias, e com outras ainda piores que você só conseguia por baixo do balcão.

Qual era o emprego dele? *Distribuição*, como dizia Reenie. Eu hoje acho que ele as contrabandeava para dentro do país. De qualquer maneira, ele às vezes dava umas sobras para Reenie, e apesar dos esforços que ela fazia para escondê-las de nós, mais cedo ou mais tarde nós conseguíamos pôr as mãos nelas. Algumas delas eram sobre romance, e embora Reenie as devorasse, nós não tínhamos maior interesse por elas. Nós preferíamos — ou eu preferia, e Laura me imitava — aquelas com histórias sobre outras terras e até mesmo sobre outros planetas. Espaçonaves vindas do futuro, onde as mulheres usavam saias curtas de tecidos vistosos e onde tudo tinha brilho; asteróides onde as plantas falavam, habitados por monstros com olhos e presas enormes; países de antigamente habitados por mulheres flexíveis com olhos cor de topázio e pele opalina, vestidas com calças de algodão grosso e pequenos sutiãs de metal como dois funis ligados por uma corrente. Heróis de roupas grosseiras, seus capacetes alados cobertos de pregos.

Reenie dizia que essas eram bobas. *Diferentes de tudo o que existia na Terra*. Mas era por isso que eu gostava delas.

Os criminosos e traficantes de escravas brancas estavam nas revistas de mistério, com suas capas cobertas de armas e empapadas de sangue. Nelas, as herdeiras de grandes fortunas, de olhos arregalados, estavam sempre sendo nocauteadas com éter e amarradas com cordas de pendurar roupa muito mais do que o necessário — e trancadas em cabines de iates ou abandonadas em criptas de igrejas, ou nos porões úmidos dos castelos. Laura e eu acreditávamos na existência desses homens, mas não tínhamos muito medo deles porque sabíamos o que esperar. Eles teriam automóveis grandes e escuros, e estariam usando sobretudos e luvas

grossas e chapéus pretos, e nós seríamos capazes de identificá-los imediatamente e fugir. Mas nunca vimos nenhum. As únicas forças hostis que encontrávamos eram os filhos dos operários da fábrica, os mais jovens, que ainda não sabiam que nós éramos intocáveis.

Eles nos seguiam em grupos de dois ou três, calados e curiosos ou dizendo palavrões; de vez em quando eles atiravam pedras, embora nunca tenham nos acertado. Nós ficávamos mais vulneráveis a eles quando andávamos pelo caminho estreito que ladeava o Louveteau, com o despenhadeiro acima — podiam atirar coisas de lá — ou em becos isolados, que aprendemos a evitar.

Nós descíamos a Erie Street, olhando as vitrinas: as que vendiam uma grande variedade de artigos baratos eram as nossas favoritas. Ou então espiávamos pela cerca da escola primária, que era para crianças comuns — filhos de operários —, com seu *playground* de cimento e seus altos portais, onde estava marcado Meninos e Meninas. Na hora do recreio, havia uma gritaria, e as crianças não eram limpas, especialmente quando haviam estado brigando ou quando haviam sido derrubadas no chão. Nós ficávamos contentes por não termos de freqüentar essa escola. (Será que ficávamos mesmo contentes? Ou, por outro lado, nos sentíamos excluídas? Talvez as duas coisas.)

Nós usávamos chapéus para essas excursões. Achávamos que eles eram uma proteção; que de certa forma eles nos tornavam invisíveis. Uma dama nunca sai sem chapéu, Reenie dizia. Ela também dizia *luvas*, mas nem sempre nos lembrávamos delas. O que eu me lembro dessa época são os chapéus de palha: não de palha clara, mas de uma cor mais queimada. E do calor úmido de junho, o ar modorrento de pólen. O clarão azul do céu. A indolência, a

ociosidade.

Como eu gostaria de tê-las de volta, essas tardes sem rumo — o ócio, o andar a esmo, as possibilidades em aberto. E de certa forma eu as tenho de volta; Só que agora não vai haver muito do que quer que aconteça em seguida.

A professora que tínhamos nessa época havia durado mais tempo que a maioria. Ela era uma mulher de quarenta anos com um guarda-roupa feito de casacos de *cashmere* desbotados que indicavam uma existência anterior mais próspera, e um rolo de cabelo preso na nuca. O nome dela era srta. Goreham — srta. Violet Goreham. Eu a apelidei de srta. Violência pelas costas, porque a achava muito estranha e depois disso eu mal conseguia olhar para ela sem rir. Mas o nome pegou; eu o ensinei para Laura e depois, é claro, Reenie descobriu. Ela nos disse que era feio fazer graça daquele jeito com a srta. Goreham; a pobrezinha tinha baixado de padrão na vida e merecia a nossa piedade, porque era uma solteirona. O que era isso? Uma mulher sem marido. A srta. Goreham tinha sido condenada a uma vida de solteira beatitude, Reenie disse com um traço de desprezo.

— Mas você também não tem marido — Laura disse.

— Isso é diferente — Reenie disse. — Eu ainda não conheci um homem por quem eu fosse capaz de derramar uma lágrima, mas já recusei alguns pedidos. Eu tive os meus pretendentes.

— Talvez a srta. Violência também tenha tido — eu disse, só para contradizê-la. Eu estava naquela idade do contra.

— Não — disse Reenie —, ela não teve.

— Como você sabe? — Laura disse.

— Dá para ver pelo jeito dela — Reenie disse. — Mesmo porque, se ela tivesse recebido algum pedido, mesmo que o homem tivesse três cabeças e um rabo, ela o teria agarrado de um bote só.

Nós nos dávamos bem com a srta. Violência, porque ela nos deixava fazer o que quiséssemos. Ela percebeu de imediato que não tinha condições de nos controlar e, sabiamente, resolveu nem tentar. Nós tínhamos aulas de manhã, na biblioteca, que fora do vovô Benjamin e que agora era de papai, e a srta. Violência simplesmente deixava as rédeas conosco. As estantes estavam cheias de livros pesados, com encadernação de couro, com os títulos gravados em dourado, e eu duvido que vovô Benjamin os tivesse lido: eles eram apenas a idéia que vovó Adelia fazia do que deveria ser lido.

Eu escolhia os livros que me interessavam: *Uma história de duas cidades*, de Charles Dickens; as histórias de Macaulay; *A conquista do México* e *A conquista do Peru*, ilustrados. Eu também lia poesia, e a srta. Violência às vezes fazia uma tentativa morna de me ensinar fazendo com que eu lesse em voz alta. *Em Xanadu, Kubla Khan instalou um imponente castelo do prazer. Nos campos de Flandres as papoulas floresceram. No meio das cruces, fileiras e fileiras.*

— Não vá aos trancos — a srta. Violência dizia. — Os versos devem fluir, querida. Finja que você é uma fonte. — Embora fosse desajeitada e deselegante, ela possuía altos padrões de finura e uma longa lista de coisas que queria que fingíssemos ser: árvores em flor, borboletas, a brisa gentil. Tudo menos meninas de joelhos sujos e dedos no nariz: em questões ligadas a higiene pessoal ela era

obcecada.

— Não mastigue os seus lápis coloridos, meu bem — a srta. Violência dizia para Laura. — Você não é um roedor. Veja, a sua boca está toda verde. Isso é ruim para os dentes.

Eu li *Evangeline*, de Henry Wadsworth Longfellow; li os *Sonetos Portugueses*, de Elizabeth Barrett Browning. *Como eu te amo? Deixe-me enumerar as maneiras*. — Lindo — a srta. Violência suspirava. Ela era arrebatada, até onde permitia a sua natureza apática, no que se referia a Elizabeth Barrett Browning; bem como a E. Pauline Johnson, a princesa *mohawk*.

Ah, o rio corre mais depressa agora;

As correntes giram na minha proa.

Giram, giram!

Como as águas se encrespam

Em perigosos redemoinhos!

— Emocionante, meu bem — dizia a srta. Violência.

Ou então eu lia Alfred, Lord Tennyson, um homem cuja majestade só perdia para Deus, na opinião da srta. Violência.

Os vasos de plantas estavam cobertos

Por uma crosta de limo negro, todos eles:

Os pregos enferrujados caíam dos nós

Que prendiam as peras na parede de empena...

Ela disse apenas "Minha vida é horrível,

Ele não vem", ela disse;

Ela disse, "Eu estou tão, tão cansada,
Gostaria de estar morta!"

— Por que ela queria isso? — Laura perguntou, e ela normalmente não se interessava pelas minhas declamações.

— Era amor, meu bem — a srta. Violência explicou. — Amor infinito. Mas não correspondido.

— Por quê?

A srta. Violência suspirou. — É um poema, meu bem — ela disse. — Lord Tennyson escreveu-o e acho que ele é quem sabia. Um poema não explica as razões. "A beleza é verdade; a verdade, beleza — isso é tudo que se sabe na Terra e tudo que se precisa saber."

Laura olhou para ela com desprezo e voltou a colorir. Eu virei a página: eu já tinha dado uma lida no poema todo e vira que não acontecia mais nada nele.

Quebre, quebre, quebre,

Em suas rochas cinzentas e frias, Ó Mar!

E eu gostaria que minha língua pudesse exprimir

Os pensamentos que brotam em mim.

— Lindo, meu bem — disse a srta. Violência. Ela gostava de amores infinitos, mas também gostava de uma melancolia sem esperança.

Havia um livrinho fino, encadernado em couro desbotado, que havia pertencido à vovó Adelia: *The Rubâiyât of Omar Khayyâm*, de Edward Fitzgerald. (Edward Fitzgerald não havia escrito realmente o livro, e no entanto ele aparecia como sendo o autor. Como explicar

isso? Eu não tentei.) Às vezes a srta. Violência lia trechos desse livro para me mostrar como se devia declamar poesia:

Um Livro de Versos sob um galho de árvore,
Uma Jarra de Vinho, um Pedaco de Pão... e Você
Ao meu lado cantando no Bosque...
Ah, o Bosque não ficava a dever ao Paraíso!

Ela emitia ofegantemente o *Ah* como se alguém a tivesse chutado no peito; da mesma forma o *Você*. Eu achei que era dar muita importância a um piquenique, e imaginei o que usariam de recheio no pão. — É claro que não se trata de vinho de verdade, meu bem — a srta. Violência disse. — Refere-se à Comunhão.

Quem dera algum Anjo antes que fosse tarde demais
Interrompesse o ainda não escrito Pergaminho do Destino,
E fizesse o severo Escrivão
Registrar diferente, ou apagar completamente!
Ah, Amor! Se eu e você pudéssemos conspirar com ele
Para dominar completamente este triste Esquema de Coisas,
Será que não o faríamos em pedaços — e depois
O reformularíamos segundo o Desejo do nosso Coração!

— Tão verdadeiro — a srta. Violência suspirou. Mas ela suspirava por tudo. Ela combinava muito bem com Avilion — com seu obsoleto esplendor vitoriano, com seu ar de decadência estética, de antiga beleza, de pálida tristeza. Suas atitudes e até mesmo seus *cashmeres* desbotados combinavam com o papel de parede.

Laura não lia muito. Ela preferia copiar figuras ou então colorir com seus lápis de cor as ilustrações em preto e branco de grossos volumes eruditos de história e de viagens. (A srta. Violência a deixava fazer isso, achando que ninguém jamais iria notar.) Laura tinha idéias estranhas mas firmes sobre as cores que deviam ser usadas: ela coloria as árvores de azul ou de vermelho, coloria o céu de cor-de-rosa ou de verde. Se houvesse um retrato de alguém que ela não gostava, ela coloria o rosto de roxo ou de cinza-escuro para ocultar as feições.

Ela gostava de desenhar pirâmides, copiadas de um livro sobre o Egito; gostava de colorir as imagens dos deuses egípcios. E também as estátuas assírias com corpo de leão alado e cabeça de águia ou de homem. Essas eram de um livro de *Sir Henry Layard*, que havia descoberto as estátuas nas ruínas de Nínive e as havia despachado para a Inglaterra; diziam que elas eram ilustrações dos anjos descritos no Livro de Ezequiel. A srta. Violência não gostava muito dessas figuras — as estátuas pareciam pagas, e também sangüinárias —, mas isso não fazia Laura desistir. Diante da crítica, ela simplesmente se debruçava mais sobre a página e coloria furiosamente, como se sua vida dependesse disso.

— Endireite as costas, meu bem — a srta. Violência dizia. — Finja que a sua espinha é uma árvore, crescendo na direção do sol. — Mas Laura não estava interessada neste tipo de fingimento.

— Eu não quero ser uma árvore — ela dizia.

— Melhor ser uma árvore do que ser corcunda, meu bem. — A srta. Violência suspirava. — E se você não prestar atenção na sua postura, é isso que vai acontecer.

A maior parte do tempo a srta. Violência ficava sentada perto da janela lendo romances que pegava emprestados na biblioteca. Ela também gostava de folhear os álbuns de recortes encapados de couro de vovó Adelia, com seus elegantes convites em alto-relevo cuidadosamente colados, seus cardápios impressos no jornal e os subseqüentes recortes de jornais — os chás de caridade, as palestras de aperfeiçoamento ilustradas por *slides* — os intrépidos e amáveis viajantes chegados de Paris, da Grécia e até da Índia, os swedenborguianos, os fabianos, os vegetarianos, todos os diversos promotores do aperfeiçoamento pessoal, e de vez em quando algo realmente inusitado um missionário na África, no Saara ou na Nova Guiné descrevendo como os nativos praticavam feitiçaria ou escondiam suas mulheres atrás de máscaras e madeira trabalhada ou decoravam os crânios dos seus antepassados com tinta vermelha e conchas. Toda a amarelada evidência em papel daquela vida luxuosa, ambiciosa, inexoravelmente morta, que a srta. Violência dissecava pedacinho por pedacinho, como se a estivesse lembrando, sorrindo com um prazer de aluguel.

Ela tinha um pacote de estrelinhas douradas e prateadas que colava em nossos trabalhos. Às vezes ela nos levava para colher flores do campo, que prendíamos entre duas folhas de mata-borrão, com um livro pesado em cima. Nós nos afeiçoamos a ela, mas não choramos quando ela partiu. Entretanto, ela chorou — de forma molhada, deselegante, como tudo o que fazia.

Eu fiz treze anos. Eu estava crescendo, e embora não pudesse

controlar este processo, ele parecia aborrecer a papai como se a culpa fosse minha. Ele começou a se interessar pela minha postura, pela minha maneira de falar, pela minha conduta em geral. Minhas roupas tinham de ser simples e feias, com blusas brancas e saias escuras xadrez, e vestidos de veludo escuro para ir à igreja. Roupas que pareciam uniformes — que pareciam roupas de marinheiro, mas não eram. Meus ombros tinham de ser retos, sem nenhuma curvatura. Eu não devia me espreguiçar, nem mascar chiclete, nem me remexer, nem conversar. Os valores que ele exigia eram aqueles do Exército: ordem, obediência, silêncio e nenhum sinal visível de sexualidade. Sexualidade, embora nunca fosse mencionada, era para ser podada ao nascer. Ele havia me deixado livre tempo demais. Estava na hora de me disciplinar.

Laura também sofreu parte desta implicância, embora ainda não tivesse chegado na idade. (Que idade era essa? Agora é muito claro para mim que se trata da puberdade. Mas na época eu fiquei meramente confusa. Qual o crime que eu havia cometido? Por que estava sendo tratada como uma interna de um estranho reformatório?)

— Você está sendo muito duro com as garotas — Callista dizia. — Elas não são meninos.

— Infelizmente — papai respondia.

Foi Callista que eu procurei no dia em que descobri que estava com uma doença horrível, porque estava escorrendo sangue do meio das minhas pernas: é claro que eu devia estar morrendo! Callista riu. Depois explicou. "É só uma chateação", ela disse. Disse que eu devia

me referir àquilo como sendo "meu amigo", ou então "uma visita". Reenie tinha idéias mais presbiterianas. "É a maldição", ela disse. Só faltou dizer que era mais um dos estranhos desígnios de Deus, destinado a tornar a vida desagradável: as coisas eram assim e pronto, ela disse. Quanto ao sangue, você usava trapos de pano. (Ela não disse *sangue*, disse *sujeira*.) Ela preparou uma xícara de chá de camomila para mim, cujo gosto era igual ao cheiro de alface estragada; preparou também uma bolsa de água quente, para as cólicas. Nenhum dos dois ajudou.

Laura achou uma mancha de sangue no meu lençol e começou a chorar. Ela concluiu que eu estava morrendo. Eu ia morrer igual a mamãe, ela soluçou, sem contar a ela primeiro. Eu ia ter um bebê cinzento como um gatinho e ia morrer.

Eu disse a ela para não ser idiota. Disse que aquele sangue não tinha nada a ver com bebês. (Callista não tinha entrado neste aspecto da questão, tendo sem dúvida achado que informação demais deste tipo, ao mesmo tempo, iria confundir o meu cérebro.)

— Isto vai acontecer com você um dia também — eu disse a Laura. — Quando você tiver a minha idade. É uma coisa que acontece com meninas.

Laura ficou indignada. Recusou-se a acreditar nisso. Como em relação a tantas outras coisas, ela estava convencida de que seria feita uma exceção no caso dela.

Há um retrato de estúdio meu e de Laura tirado nesta época. Eu estou usando o habitual vestido de veludo escuro, num estilo jovem demais para mim: eu tenho, visivelmente, seios. Laura, sentada a

meu lado, usa um vestido idêntico. Nós duas estamos de meias três quartos brancas e sapatos de verniz; nossas pernas estão modestamente cruzadas na altura dos tornozelos, a direita sobre a esquerda, como nos ensinaram. Eu estou com um braço passado em volta de Laura, mas de um jeito sem graça, como se tivessem me mandado colocá-lo ali. Laura está com as mãos no colo, uma sobre a outra. Nosso cabelo está repartido ao meio e bem puxado para trás. Nós duas estamos sorrindo, daquele modo apreensivo que as crianças têm quando dizem que elas têm de ser boazinhas e sorrir, como se isso fosse a mesma coisa: é um sorriso imposto pela ameaça da desaprovação. A ameaça e a desaprovação teriam sido da parte de papai. Nós tínhamos medo de uma e de outra, mas não sabíamos como evitá-las.

As metamorfoses de Ovídio

Papai tinha concluído, corretamente, que a nossa educação fora negligenciada. Ele queria que aprendêssemos francês, mas também matemática e latim — estimulantes exercícios mentais que serviriam para corrigir o nosso excesso de fantasia. A geografia também seria estimulante. Embora ele mal notasse a presença da srta. Violência quando ela era nossa professora, decretou que ela e seus modos indulgentes, obsoletos e cor-de-rosa, deviam ser banidos. Ele queria aparar nossas arestas cheias de rendas e babados, um tanto escuras, como se nós fôssemos alfaces, deixando apenas um miolo simples, inteiro. Ele não entendia por que nós gostávamos do que gostávamos. Ele queria que fôssemos como dois meninos, a todo custo. Bem, o que se poderia esperar? Ele nunca tinha tido irmãs.

Para o lugar da srta. Violência, ele contratou um homem chamado sr. Erskine, que havia sido professor numa escola de meninos na Inglaterra mas que fora despachado subitamente para o Canadá por conta da sua saúde. Ele não nos pareceu nem um pouco doente: por exemplo, ele nunca tossia. Ele era um homem forte, vestido de *tweed*, de uns trinta ou trinta e cinco anos, com cabelo avermelhado e lábios grossos, úmidos e vermelhos, e um pequeno cavanhaque e uma ironia cortante e um gênio horrível e um cheiro igual ao fundo de um cesto úmido de roupa suja.

Ficou logo claro que desatenção e olhar fixo na testa do sr. Erskine não nos livrariam dele. Primeiro ele nos deu testes para determinar o que nós sabíamos. Aparentemente, não sabíamos muita

coisa, embora mais do que ele quisesse admitir. Em seguida ele disse a papai que tínhamos cérebros de inseto ou de marmota. Éramos nada menos que deploráveis, e era um espanto o fato de não sermos duas imbecis. Tínhamos desenvolvido uma preguiça mental — tinham *permitido* que desenvolvêssemos esta preguiça, ele acrescentou com um ar de censura. Felizmente, não era tarde demais. Meu pai disse que, nesse caso, o sr. Erskine devia fazer tudo para nos colocar em forma.

Para nós, o sr. Erskine disse que a nossa preguiça, a nossa arrogância, a nossa tendência a fazer gracinhas e a sonhar acordadas, e a nossa sentimentalidade piegas tinham praticamente nos estragado para as coisas sérias da vida. Ninguém esperava que fôssemos gênios, e não estaríamos fazendo nenhum favor se fôssemos, mas devia haver pelo menos um mínimo necessário, mesmo para meninas: nós íamos ser um fardo para qualquer homem que fosse tolo o bastante para se casar conosco, a menos que nos obrigassem a dar duro.

Ele encomendou um grande estoque de cadernos escolares, do tipo barato, pautado e com capa de papelão. Encomendou também um suprimento de lápis pretos com borracha na ponta. Essas eram as varinhas mágicas, ele disse, com as quais nós iríamos nos transformar, com a ajuda dele.

Ele disse *ajuda* com um sorriso irônico.

Ele jogou fora as estrelinhas da srta. Goreham.

Na biblioteca nós ficávamos desatentas, ele disse. Pediu e recebeu duas carteiras escolares, que instalou num dos quartos extras; fez removerem a cama junto com o resto da mobília e deixou

o quarto inteiramente vazio. A porta era trancada à chave, e ele tinha a chave. Agora nós íamos poder arregaçar as mangas e trabalhar.

Os métodos do sr. Erskine eram diretos. Ele gostava de puxar cabelo e torcer orelhas. Ele dava reguadas na mesa bem ao lado dos nossos dedos, ou nos próprios dedos, ou nos dava tapas na nuca quando ficava irritado, ou, como último recurso, atirava livros em cima de nós ou nos batia na parte de trás das pernas. Seu sarcasmo era destruidor, pelo menos para mim: Laura freqüentemente achava que ele estava querendo dizer exatamente o que tinha dito, o que o deixava ainda mais furioso. Ele não se comovia com lágrimas; acho até que se divertia com elas.

Ele não era assim todos os dias. As coisas caminhavam equilibradas por mais ou menos uma semana. Ele mostrava até uma certa paciência, às vezes uma espécie de bondade desajeitada. Então vinha uma explosão de raiva e ele ficava violento. O pior era nunca saber o que ele ia fazer, ou quando ia fazer.

Nós não podíamos nos queixar com papai, porque não era sob as ordens dele que o sr. Erskine estava agindo? Ele dizia que era. Mas é claro que fazíamos queixa para Reenie. Ela ficava indignada. Eu já estava muito grande para ser tratada daquela maneira, ela dizia, e Laura era muito nervosa, e nós duas éramos — bem, quem ele pensava que era? Criado na sarjeta e bancando o importante, como todos os ingleses que vinham parar aqui, achando que podiam dar ordens, e se ele tomasse banho uma vez por mês ela era capaz de comer a própria blusa. Quando Laura chegou perto de Reenie com as palmas das mãos cheias de vergões vermelhos, ela foi tomar satisfações com o sr. Erskine, mas ele disse para ela se meter com a vida dela. Ela é que havia nos estragado, o sr. Erskine disse. Ela havia

nos estragado com excesso de indulgência e de mimos — isso era óbvio —, e agora ele tinha de consertar o estrago que ela havia feito.

Laura disse que se o sr. Erskine não fosse embora ela ia. Ela ia fugir. Ia pular da janela.

— Não faça isso, meu anjinho — disse Reenie. — Vamos pensar em alguma solução. Vamos torcer o pepino dele.

— Ele não tem nenhum pepino — Laura soluçou.

Callista Fitzsimmons poderia ter dado alguma ajuda, mas ela sabia para onde soprava o vento: nós não éramos filhas dela e sim de papai. Ele tinha decidido o que ia fazer e teria sido um erro tático da parte dela se meter nisso. Era um caso de *sauve qui peut*, uma expressão que, devido ao zelo do sr. Erskine, eu agora sabia traduzir.

O sr. Erskine tinha uma idéia muito simples da matemática: nós precisávamos saber controlar as despesas da casa, o que significava somar, subtrair e calcular receita e despesa.

Francês para ele eram formas verbais e *Fedra*, valendo-se de ditados expressivos de autores famosos. *Si jeunesse savait, si vieillesse pouvait* — Estienne; *C'est de quoi j'ai le plus de peur que la peur* — Montaigne; *Le coeur a ses raisons que la raison ne connaît point* — Pascal; *L'histoire, cette vieille dame exaltée et menteuse* — de Maupassant. *Il ne faut pas toucher aux idoles: la dorure en reste aux mains* — Flaubert. *Dieu s'est fait homme; soit. Le diable s'est fait femme* — Victor Hugo. E assim por diante.

A idéia que ele fazia da geografia eram as capitais da Europa. Sua idéia de latim era César subjugando os gauleses e cruzando o Rubicão, *alea jacta est*; e, depois disso, trechos da *Eneida*, de Virgílio — ele gostava do suicídio de Dido —, ou de *As metamorfoses*,

de Ovídio, das partes em que os deuses faziam coisas desagradáveis com diversas jovens. O estupro de Europa por um grande touro branco, o de Leda por um cisne, o de Danae por uma chuva de ouro — isso pelo menos ia nos manter atentas, ele dizia com o seu sorriso irônico. Nisso ele tinha razão. Para variar, ele nos fazia traduzir poemas de amor do latim, do tipo cínico. *Odi et amo* — esse tipo de coisa. Ele se divertia vendo-nos reagir às opiniões negativas dos poetas quanto ao tipo de moças que, aparentemente, nós estávamos destinadas a ser.

— *Rapio, rapere, rapui, raptum* — disse o sr. Erskine. — Agarrar e levar. A palavra inglesa *rapture* deriva da mesma raiz. Declinem. — *Plact*, vinha a régua.

Nós aprendemos. Aprendemos mesmo, num espírito de vingança: não queríamos dar nenhum pretexto ao sr. Erskine. Não havia nada que ele desejasse mais do que pular nos nossos pescoços — bem, ele não teria este prazer, se fosse possível. O que nós realmente aprendemos com ele foi como trapacear. Era difícil colar em matemática, mas nós passávamos muitas horas no fim de tarde copiando nossas traduções de Ovídio de alguns livros da biblioteca do vovô — velhas traduções feitas por eminentes vitorianos, com letra pequena e vocabulário complicado. Nós pegávamos o sentido do texto dos livros, e então substituíamos as palavras difíceis por outras mais simples e cometíamos alguns erros de propósito para parecer que havíamos feito sozinhas. Entretanto, não importa o que fizéssemos, o sr. Erskine rabiscava as nossas traduções com o seu lápis vermelho e escrevia comentários agressivos nas margens. Nós não aprendemos muito latim, mas aprendemos um bocado sobre falsificação. Também aprendemos a manter uma expressão vaga e

impassível no rosto, que parecia ter sido engomado. Era melhor não reagir ao sr. Erskine de nenhuma forma visível, principalmente não demonstrando medo.

Durante algum tempo, Laura ficou atenta ao sr. Erskine, mas a dor física — quer dizer, a dor física dela — não tinha muito poder sobre ela. Sua atenção se desviava, mesmo quando ele estava gritando. Ele tinha um alcance tão limitado! Ela fixava os olhos no papel de parede — um estampado de botões de rosa e fitas — ou na janela. Ela desenvolveu a capacidade de se ausentar num piscar de olhos — num instante ela estava prestando atenção em você, no instante seguinte ela estava longe. Ou melhor, você é que estava longe: ela se livrava de você como se tivesse agitado uma varinha de condão invisível; como se você é que tivesse desaparecido.

O sr. Erskine não conseguia suportar ser anulado desse jeito. Ele passou a sacudi-la — para fazê-la sair daquele transe, segundo ele. *Você não é a Bela Adormecida*, ele berrava. Às vezes ele a jogava de encontro à parede ou a sacudia pelo pescoço. Quando ele a sacudia, ela fechava os olhos e ficava mole, o que o enfurecia ainda mais. A princípio eu tentei intervir, mas não adiantou. Ele simplesmente me empurrava com seu braço fedorento.

— Não o aborreça — eu disse a Laura.

— Não faz diferença se eu o aborreço ou não — disse Laura. — De qualquer maneira, ele não está aborrecido. Ele só quer pôr a mão debaixo da minha blusa.

— Eu nunca o vi fazendo isso — eu disse. — Por que ele faria?

— Ele faz quando você não está olhando — disse Laura. — Ou debaixo da minha saia. Ele gosta é de calcinhas. — Ela disse isso com

tanta calma que eu achei que tinha inventado ou eu é que havia entendido mal. Entendido mal as mãos do sr. Erskine, suas intenções. O que ela descrevera era tão implausível! Não me pareceu uma coisa que um homem adulto faria, ou que estaria interessado em fazer, porque Laura não era só uma menininha?

— Nós não devemos contar a Reenie? — eu perguntei, meio na dúvida.

— Ela pode não acreditar em mim — disse Laura. — Você não acredita.

Mas Reenie acreditou nela, ou preferiu acreditar nela, e esse foi o fim do sr. Erskine. Ela foi esperta o bastante para não confrontá-lo: ele iria apenas acusar Laura de estar inventando coisas, e aí as coisas iriam ficar ainda piores. Quatro dias depois, ela marchou para dentro do escritório de papai na fábrica de botão com um punhado de fotografias proibidas. Hoje em dia elas não causariam nenhum furor, mas na época eram escandalosas — mulheres de meias pretas com seios que pareciam pudins derramando-se por cima de seus gigantescos sutiãs, as mesmas mulheres nuas em pêlo, em poses eróticas, com as pernas abertas. Ela disse que as havia encontrado debaixo da cama do sr. Erskine quando estava varrendo o quarto dele, e era a esse tipo de homem que o capitão Chase confiava as suas filhas mocinhas?

Havia uma platéia interessada, que incluía um grupo de operários da fábrica e o advogado de papai e, por acaso, futuro marido de Reenie, Ron Hincks. A visão de Reenie, seu rosto sardento vermelho de indignação, seus olhos ardendo como os de uma Fúria

vingadora, seu cabelo preto soltando-se dos grampos e caindo pelas costas, brandindo um punhado de mulheres de peitos enormes e bundas de fora, foi demais para ele. Mentalmente, ele caiu de joelhos diante dela, e deste dia em diante iniciou o seu cerco a ela, que no fim teve sucesso. Mas essa é outra história.

Se havia uma coisa que Port Ticonderoga não ia tolerar, disse o advogado de papai num tom admoestador, era esse tipo de indecência nas mãos dos professores de jovens inocentes. Papai compreendeu que não podia manter o sr. Erskine em casa depois disso sem ser considerado um monstro.

(Por muito tempo suspeitei que Reenie conseguiu aquelas fotos com o irmão dela, que trabalhava com distribuição de revistas e que poderia facilmente tê-las conseguido. Desconfio que o sr. Erskine era inocente com relação a essas fotografias. Até porque o gosto dele era por crianças e não por mulheres peitudas. Mas naquele momento Reenie não podia jogar limpo.)

O sr. Erskine partiu, protestando sua inocência — indignado, mas também abalado. Laura disse que suas orações haviam sido atendidas. Ela disse que havia rezado para o sr. Erskine ser expulso da nossa casa, e que Deus a havia ouvido. Reenie, ela disse, tinha executado a vontade Dele, fotografias sujas e tudo. Imagino o que Deus achou disso, supondo que Ele existisse — coisa que eu duvidava cada vez mais.

Laura, por outro lado, tinha se voltado seriamente para a religião durante a permanência do sr. Erskine: ela ainda tinha medo de Deus mas, forçada a escolher entre um tirano irascível e imprevisível e outro, ela tinha escolhido O que era maior e que também estava mais

longe.

Uma vez feita a escolha, ela a levou às últimas conseqüências, como fazia com tudo. — Eu vou ser freira — ela anunciou placidamente enquanto nós almoçávamos nossos sanduíches na mesa da cozinha.

— Você não pode — Reenie disse. — Não vão aceitá-la. Você não é católica.

— Eu posso me converter — disse Laura.

— Bem — disse Reenie —, você vai ter de cortar o cabelo. Por baixo daqueles véus que elas usam, as freiras são carecas.

Essa foi uma jogada esperta por parte de Reenie. Laura não sabia disso. Se ela era vaidosa de alguma coisa, era do seu cabelo. — Por que fazem isso? — ela perguntou.

— Elas acham que é a vontade de Deus. Acham que Deus quer que elas ofereçam seus cabelos a Ele, o que só serve para mostrar o quanto elas são ignorantes. O que Ele ia fazer com os cabelos? — Reenie disse. — Que idéia! Tanto cabelo!

— O que é que elas fazem com o cabelo? — Laura perguntou. — Depois que ele é cortado?

Reenie estava abrindo vagens: *snap, snap, snap*. — Ele vira peruca, para mulheres ricas — ela disse. Ela não perdeu o ritmo, mas eu sabia que aquilo era invenção, como as histórias que ela contava de que os bebês eram feitos de massa. — Mulheres ricas de nariz empinado. Você não ia querer ver o seu lindo cabelo andando por aí na cabeça suja de alguém, ia?

Laura desistiu da idéia de ser freira, pelo menos pareceu desistir;

mas quem poderia dizer em que esparrela ela cairia em seguida? Ela tinha uma enorme capacidade de crer em tudo. Ela se mantinha aberta, mergulhava de cabeça, se entregava por inteiro, se colocava à mercê. Um pouco de incredulidade teria sido uma primeira linha de defesa.

Muitos anos haviam se passado — desperdiçados, aliás, no sr. Erskine. Embora eu não deva dizer *desperdiçados*: eu tinha aprendido várias coisas com ele, embora nem sempre as coisas que ele estava ali para ensinar. Além de mentir e colar, eu havia aprendido uma insolência disfarçada e uma resistência silenciosa. Havia aprendido que a vingança é um prato que se come frio. Havia aprendido a não me deixar apanhar.

Enquanto isso, a Depressão havia se instalado. Papai não perdeu muito com a Queda da Bolsa, mas perdeu um pouco. Ele também perdeu a sua margem de erro. Ele devia ter fechado as fábricas em resposta à diminuição da demanda; ele devia ter guardado o seu dinheiro no banco — reservado o dinheiro, como outros em sua posição estavam fazendo. Isso teria sido a coisa sensata a fazer. Mas ele não o fez. Não pôde fazer. Não suportaria despedir os seus homens. Devia lealdade a eles, aos seus homens. Não importa que alguns fossem mulheres.

A pobreza se instalou em Avilion. Nossos quartos ficaram frios no inverno, nossos lençóis puídos. Reenie cortava fora a parte gasta do meio e depois costurava os dois lados juntos. Diversos cômodos foram fechados; a maior parte dos empregados foi embora. Não havia mais jardineiro e as ervas daninhas foram tomando conta do

jardim. Papai disse que ia precisar da nossa colaboração para tocar as coisas — para superar aqueles tempos difíceis. Nós podíamos ajudar Reenie com a casa, ele disse, já que éramos avessas a latim e matemática. Podíamos aprender como fazer render cada dólar. Isto significava, na prática, jantar feijão, coelho ou bacalhau e remendar nossas próprias meias.

Laura se recusava a comer coelho. Eles parecem bebês esfolados, ela disse. Você teria de ser um canibal para comê-los.

Reenie dizia que papai era bom demais. Ela dizia também que ele era muito orgulhoso. Um homem devia saber admitir a derrota. Ela não sabia o que ia acontecer, mas achava que o desfecho mais provável era a ruína.

Eu estava com dezesseis anos. Minha educação formal, por assim dizer, havia terminado. Eu estava ali, esperando alguma coisa acontecer, mas o quê? O que iria acontecer comigo em seguida?

Reenie tinha as suas preferências. Ela adquirira o hábito de ler a revista *Mayfair*, com suas descrições de atividades sociais, e as colunas sociais dos jornais — os casamentos, os bailes de caridade, as viagens luxuosas de passeio. Ela decorava listas de nomes — nomes de pessoas importantes, de navios de cruzeiro, de bons hotéis. Eu tinha de ser apresentada à sociedade, ela dizia, com tudo a que tinha direito — chás para conhecer as mães importantes da sociedade, recepções e passeios elegantes, um baile a rigor com rapazes de boa família convidados. Avilion se encheria de novo de pessoas bem-vestidas, como nos velhos tempos; haveria quartetos de cordas e tochas no gramado. A nossa família era pelo menos tão boa quanto

as famílias cujas filhas tinham tudo isso — tão boa ou melhor. Papai devia ter guardado algum dinheiro no banco para isso. Se ao menos minha mãe fosse viva, Reenie dizia, tudo teria sido feito da maneira correta.

Eu duvidava disso. Do que eu tinha ouvido dizer de mamãe, ela talvez tivesse insistido para que eu fosse mandada para um colégio — Alma Ladies ou outra instituição igualmente horrorosa — para aprender alguma coisa funcional e igualmente horrorosa, como estenografia; mas um *début*, isso teria sido uma vaidade. Ela mesma nunca teve um. Vovó Adelia era diferente, e estava longe no tempo o suficiente para que eu pudesse idealizá-la. Ela teria se importado comigo; não teria poupado trabalho nem dinheiro.

Eu vagava pela biblioteca, examinando os retratos dela que ainda estavam pendurados nas paredes: o retrato a óleo, pintado em 1900, no qual ela exibia um sorriso de esfinge e um vestido da cor de rosas vermelhas secas, com um decote profundo do qual seu pescoço nu emergia abruptamente, como um braço de trás da cortina de um mágico, as fotos em preto-e-branco em molduras douradas, mostrando-a de chapéu ou com plumas de avestruz ou com vestidos de baile com tiaras e luvas de pelica branca, sozinha ou com diversos dignitários já esquecidos. Ela teria sentado ao meu lado e dado os conselhos necessários: como me vestir, o que dizer, como me comportar em qualquer ocasião. Como evitar fazer papel ridículo, para o que eu sabia haver grande chance. Apesar de viver xeretando as colunas sociais, Reenie não sabia o suficiente para isso.

O piquenique da fábrica de botão

O fim de semana do Dia do Trabalho chegou e partiu, deixando um saldo de copos plásticos e garrafas boiando e balões murchando aos poucos nas águas do rio. Agora setembro está se firmando. Embora ao meio-dia o sol não esteja menos quente, a cada manhã ele nasce mais tarde, numa trilha de névoa, e nas noites mais frescas ouvem-se os grilos cricrilando. Flores silvestres amontoam-se no jardim, tendo desabrochado já há algum tempo — umas brancas bem pequenas, outras mais fartas, da cor do céu, outras com as hastes de um roxo profundo. Antigamente, nos meus tempos de jardinagem sem compromisso, eu as teria rotulado de ervas daninhas e as teria arrancado. Agora não faço mais essas distinções.

Agora o clima está melhor para caminhar, sem tanto calor e claridade. Os turistas estão diminuindo, e os que restam estão pelo menos vestidos decentemente: não se vêem mais *shorts* gigantescos e maiôs protuberantes, não se vêem mais pernas vermelhas escaldadas.

Hoje eu saí na direção de Camp Grounds. Mas quando estava na metade do caminho, Myra passou de carro e me ofereceu uma carona, e tenho vergonha de dizer que aceitei: eu estava sem fôlego, já tinha percebido que era longe demais. Myra quis saber para onde eu estava indo e por quê — ela deve ter herdado o instinto de pastorear rebanhos de Reenie. Eu disse para onde ia; quanto ao motivo, disse apenas que queria rever o lugar, em nome dos velhos tempos. É perigoso demais, ela disse: nunca se sabe o que pode estar

rastejando lá no meio das folhagens. Ela me fez prometer que eu ia me sentar num banco do parque, bem à vista, e esperar por ela. Combinou que voltaria em uma hora para me apanhar.

Eu me sinto cada vez mais como uma carta — depositada aqui, recolhida ali. Mas uma carta endereçada a ninguém.

Camp Grounds não é grande coisa. É uma faixa de terra que fica entre a estrada e o rio Jogues — um ou dois hectares —, com árvores e arbustos raquíticos, e mosquitos na primavera, por causa do trecho pantanoso que abriga. As garças caçam ali; de vez em quando ouvem-se seus gritos roucos, como um graveto sendo esfregado numa lata. De vez em quando alguns observadores de aves vagueiam por lá com aquele seu jeito desolado, como se estivessem procurando algo que perderam.

Nas sombras vêem-se reflexos prateados de maços de cigarro, e tubérculos pálidos, vazios, de preservativos usados, e lenços de papel pontilhados de chuva. Cães e gatos delimitam o seu território, casais ardentes se escondem entre as árvores, embora menos do que antes — existem tantas opções atualmente! Bêbados dormem debaixo dos arbustos mais densos no verão, e adolescentes às vezes vão lá para fumar e cheirar o que quer que fumem e cheirem. Já foram encontrados tocos de vela, colheres queimadas e algumas seringas. Eu sei de tudo isso por meio de Myra, que acha que isso é uma vergonha. Ela sabe para que são as velas e as colheres: são a *parafernália das drogas*. O vício está em toda a parte, ao que parece. *Et in Arcadia ego*.

Há uma ou duas décadas, houve uma tentativa de limpar a área. Colocaram uma placa — Parque Coronel Parkman, o que não fazia

nenhum sentido — e três mesas rústicas para piquenique, uma lixeira de plástico e dois banheiros portáteis, para uso de visitantes de fora da cidade, segundo disseram, embora eles preferissem beber sua cerveja e espalhar o seu lixo num lugar que tivesse uma visão mais clara do rio. Então uns desordeiros usaram a placa para praticar tiro ao alvo, e as mesas e os banheiros foram retirados pelo governo municipal — algo a ver com verbas —, e a lixeira nunca foi esvaziada, embora fosse freqüentemente saqueada por guaxinins; depois elas também foram retiradas e agora o lugar está voltando ao estado primitivo.

Chama-se Camp Grounds porque era lá que costumavam ser realizados os acampamentos religiosos, com grandes tendas como as de circo e pregadores veementes, importados. Naquela época, o espaço era mais bem cuidado, ou então mais pisado. Pequenas feiras ambulantes armavam suas barracas e amarravam seus cavalos e burros, paradas davam a volta lá em cima e se dispersavam em piqueniques. Era um lugar de todo o tipo de reunião ao ar livre.

Era lá que costumava acontecer a Comemoração do Dia do Trabalho da Chase e Filhos. Esse era o nome formal, embora as pessoas chamassem apenas de piquenique da fábrica de botão. Era sempre no sábado anterior à segunda-feira que comemorava o Dia do Trabalho, com sua retórica grandiloqüente e suas bandas de música e faixas feitas em casa. Havia balões e um carrossel, e brincadeiras bobas e inocentes — corridas de saco, ovo e colher, corridas de revezamento em que o bastão era uma cenoura.

Quartetos amadores cantavam, até que direitinho; o grupo de escoteiros tocava um ou dois números de corneta; grupos de crianças apresentavam dança escocesa e sapateado irlandês numa plataforma

de madeira que parecia um ringue de boxe, e a música vinha de um gramofone de corda. Havia o concurso do bichinho de estimação mais bem-vestido, e também um concurso para bebês. A comida era espiga de milho, salada de batata, cachorro-quente. Senhoras promoviam vendas de caridade em prol do esforço de guerra, oferecendo tortas, biscoitos e bolos, potes de geléia, *chutney* e pickles, cada um com uma etiqueta com um nome próprio: Chow-chow da Rhoda, Compota de ameixa da Pearl.

Havia brincadeiras estúpidas — trotes. Nada mais forte do que limonada era servido no bar, mas os homens levavam frascos e garrafas pequenas, e ao anoitecer às vezes havia brigas, ou gritaria e gargalhadas no meio das árvores, seguidas de corpos caindo na água quando algum homem ou garoto era jogado vestido no rio ou então sem as calças. O Jogues era bastante raso naquele trecho, então quase ninguém se afogava. Quando escurecia, soltavam fogos. Na fase áurea dos piqueniques, ou o que eu me lembro como sendo a fase áurea, também se dançava a quadrilha, acompanhada de violinos. Mas no ano que estou recordando agora, que é 1934, esse excesso de alegria havia sido coitado.

Mais ou menos às três da tarde, papai fazia um discurso, da plataforma de sapateado. Era sempre um discurso curto, mas em geral ouvido com atenção pelos homens mais velhos; também pelas mulheres, uma vez que elas ou trabalhavam na fábrica ou eram casadas com alguém que trabalhava. Quando os tempos ficaram difíceis, até os homens mais jovens começaram a prestar atenção no discurso; até as moças, com seus vestidos de verão e seus braços seminus. O discurso nunca dizia muita coisa, mas você podia ler nas entrelinhas. "Razões para nos alegrarmos" era bom; "motivos para

otimismo" era ruim.

Naquele ano o clima estava quente e seco, como vinha acontecendo há muito tempo. Não se viam tantos balões quanto antes; não houve carrossel. O milho estava velho, os grãos murchos; a limonada aguada, os cachorros-quentes acabaram logo. Ainda assim, não tinha havido demissões nas Indústrias Chase, pelo menos até então. Diminuição da produção sim, mas dispensa temporária não. Papai repetiu quatro vezes "motivos para otimismo", mas não falou nem uma vez em "razões para nos alegrarmos". As pessoas trocaram olhares ansiosos.

Quando Laura e eu éramos mais jovens, nós gostávamos desses piqueniques; agora já não gostávamos mais, mas nossa presença era obrigatória. Nós tínhamos de marcar presença. Isso nos fora martelado desde que éramos muito pequenas: mamãe sempre fizera questão de ir, mesmo que não estivesse passando bem.

Depois que mamãe morreu e Reenie assumiu a nossa criação, ela se mostrava extremamente cuidadosa com as roupas que usávamos nesse dia: nem simples demais, que parecesse descaso, que não estávamos ligando para o que as pessoas da cidade pensavam de nós; nem chique demais, porque pareceria arrogância. Agora já tínhamos idade suficiente para escolher nossa própria roupa — eu tinha acabado de completar dezoito anos e Laura tinha quatorze anos e meio —, embora já não tivéssemos muitas opções para escolher. Uma demonstração exagerada de luxo sempre fora desencorajada na nossa família, embora tivéssemos o que Reenie chamava de *coisas boas*, mas recentemente a definição de luxo ficara tão reduzida que passara a significar qualquer coisa nova. Para o piquenique, nós duas vestimos nossas saias rodadas azuis e blusas brancas do verão

anterior. Laura usou o meu chapéu de três estações atrás; eu mesma usei o chapéu do ano anterior, com outra fita.

Laura não pareceu importar-se. Mas eu me importei. E disse isso, e Laura declarou que eu era muito presa a valores materiais.

Nós ouvimos o discurso. (Ou eu ouvi. Laura parecia estar ouvindo tinha os olhos arregalados, a cabeça inclinada atentamente para o lado —, mas nunca se sabia o que ela estava ouvindo ou não.) Papai sempre conseguira fazer esse discurso, não importa o quanto tivesse bebido, mas dessa vez ele tropeçou no texto. Ele aproximou e afastou a página datilografada do seu olho bom, com um olhar perplexo, como se ela fosse a conta de alguma coisa que ele não tivesse encomendado. Suas roupas costumavam ser elegantes, depois haviam se tornado elegantes mas usadas, mas nesse dia elas estavam quase gastas. Seu cabelo estava eriçado em volta da orelha, precisando de um corte; ele parecia aflito — até mesmo feroz, como um ladrão de estrada acochado.

Depois do discurso, que só foi aplaudido por obrigação, alguns homens se reuniram em pequenos grupos, conversando em voz baixa. Outros sentaram-se sob as árvores, sobre paletós estendidos ou mantas, ou se deitaram com lenços cobrindo o rosto e cochilaram. Só os homens fizeram isso; as mulheres ficaram acordadas, alertas. Mães levaram os filhos pequenos até o rio, para brincar na pequena praia arenosa que havia lá. Em outro canto, havia começado um empoeirado jogo de beisebol; um grupo de espectadores assistia de pernas bambas.

Eu fui ajudar Reenie a vender comida para caridade. Era em benefício de quem mesmo? Não consigo me lembrar. Mas eu ajudava

todo ano — isso era esperado de mim. Eu disse a Laura que ela devia ir também, mas ela agiu como se não tivesse escutado e continuou andando, balançando o chapéu de aba mole.

Eu a deixei ir. Eu deveria tomar conta dela: Reenie não perdia o sono por minha causa, mas Laura, na sua opinião, era confiante demais, sociável demais com estranhos. Os caçadores de escravas brancas estavam sempre à espreita e Laura era um alvo natural. Ela seria capaz de entrar no carro de um estranho, de abrir a porta de uma casa desconhecida, de atravessar a rua errada, e não se poderia fazer nada, porque ela não colocava limites, ou não os colocava onde as outras pessoas os colocavam, e você não podia avisá-la porque ela não entendia esses avisos. Não que desprezasse as regras: ela simplesmente as esquecia.

Eu estava cansada de tomar conta de Laura, que não ficava grata por isso. Estava cansada de ser responsabilizada pelos seus deslizes, pelas suas desobediências. Cansei-me de ser responsabilizada, ponto. Eu queria ir para a Europa ou para Nova York, ou mesmo para Montreal — a boates, bailes, todos os lugares excitantes mencionados nas revistas de Reenie —, mas eu era necessária em casa. *Necessária em casa, necessária em casa* — soava como uma sentença de prisão perpétua. Pior, como um hino fúnebre. Eu estava enalhada em Port Ticonderoga, orgulhoso bastião dos botões populares e das ceroulas baratas para compradores de orçamento apertado. Eu ia ficar estagnada ali, nada ia acontecer para mim, eu ia acabar uma solteirona como a srta. Violência, motivo de piedade e zombaria. No fundo, o meu medo era esse. Eu queria estar em outro lugar, mas não via como chegar lá. De vez em quando, eu me via desejando ser raptada por caçadores de escravas brancas, embora não acreditasse

neles. Pelo menos seria uma mudança.

A mesa com os produtos para vender tinha um toldo de proteção e panos de prato ou papel fino protegendo a comida das moscas. Reenie havia contribuído com tortas, um tipo de prato que ela não dominava muito bem. Suas tortas tinham recheios grudentos e mal passados, coberturas duras mas flexíveis, parecendo algas ou cogumelos gigantes. Em tempos melhores, elas vendiam razoavelmente bem — eram consideradas mais como objetos cerimoniais e não como comida propriamente dita —, mas hoje elas não estavam saindo. O dinheiro andava curto e em troca dele as pessoas queriam algo que pudessem realmente comer.

Enquanto eu ficava parada atrás da mesa, Reenie me contava as últimas novidades em voz baixa. Quatro homens já haviam sido atirados no rio, com o céu ainda claro e não exatamente de brincadeira. Houve discussões, relacionadas à política, disse Reenie; vozes alteradas. Fora os costumeiros caldos no rio, houve brigas. Elwood Murray tinha levado um soco. Ele era o editor do jornal semanal, tendo-o herdado de duas gerações de Murrays donos de jornal: ele escrevia a maior parte das notícias e também tirava as fotos. Felizmente não tinha sido jogado na água, pois isso teria estragado a sua máquina que, apesar de ser de segunda mão, custara um bom dinheiro, como Reenie por acaso sabia. Ele estava com o nariz sangrando, sentado debaixo de uma árvore com um copo de limonada nas mãos e duas mulheres tratando dele com um lenço molhado: eu podia ver de onde estava.

Foi por motivos políticos aquele soco? Reenie não sabia, mas as pessoas não gostavam que ele ficasse ouvindo o que elas estavam falando. Em tempos prósperos, Elwood Murray era considerado um

bobo, e talvez o que Reenie chamava de maricas — bem, ele não era casado, e na idade dele aquilo queria dizer alguma coisa —, mas era tolerado e até mesmo apreciado, dentro dos limites da decência, desde que pusesse todos os nomes na coluna social e os escrevesse corretamente. Mas aqueles não eram tempos prósperos, e Elwood Murray era enxerido demais. Você não quer que publiquem cada detalhe seu, Reenie disse. Ninguém em sã consciência ia querer uma coisa dessas.

Eu avistei papai, andando no meio dos operários com seu passo torto. Ele cumprimentava uns e outros com aquele seu movimento brusco de cabeça, um movimento em que sua cabeça parecia mover-se para trás e não para a frente no pescoço. Seu tapa-olho preto movia-se de um lado para outro; de longe, parecia um buraco em sua cabeça. Seu bigode curvava-se como se fosse um único canino escuro sobre a boca, que de vez em quando se contorcia em algo que ele devia pretender que fosse um sorriso. Suas mãos estavam escondidas nos bolsos.

Ao lado dele estava um homem mais jovem, um pouco mais alto que papai, e que ao contrário de papai não tinha nenhuma ruga, nenhum ângulo. *Polido* era a palavra que vinha à mente. Ele estava usando um elegante panamá e um terno de linho que parecia emitir luz, de tão fresco e limpo. Ele era obviamente de fora da cidade.

— Quem é aquele que está com o papai? — perguntei a Reenie.

Reenie olhou sem parecer estar olhando, depois deu uma breve risada. — Aquele é o sr. Royal Classic em carne e osso. Ele tem muita coragem.

— Eu achei que devia ser ele — eu disse.

O sr. Royal Classic era Richard Griffen, da Malharia Royal Classic, de Toronto. Nossos operários — os operários de papai — referiam-se a ela debochadamente, como Merdaria Royal Classic Shitwear, porque o sr. Griffen era não só o maior competidor de papai mas também uma espécie de rival. Ele havia atacado papai na imprensa, dizendo que ele era mole demais com relação aos desempregados, aos operários e aos simpatizantes do comunismo em geral. Também com relação aos sindicatos, o que era gratuito, porque Port Ticonderoga não tinha sindicatos e a opinião que papai tinha deles não era nenhum segredo. Mas agora, por algum motivo, papai convidara Richard Griffen para jantar em Avilion, depois do piquenique, e tudo isso num prazo muito curto também. Só quatro dias.

Reenie achou que a responsabilidade pelo sr. Griffen tinha sido toda atirada nas suas costas. Como todo mundo sabia, você tinha de receber melhor os inimigos do que os amigos, e quatro dias não eram suficientes para ela se preparar para este evento, especialmente considerando que não havia um jantar fino em Avilion desde os tempos de vovó Adelia. É verdade que Callie Fitzsimmons às vezes levava amigos para passar o fim de semana, mas isso era diferente, porque eles eram apenas artistas e deviam ficar satisfeitos com o que recebessem. Às vezes eles invadiam a cozinha à noite e preparavam sanduíches com as sobras que encontravam. *Os poços sem fundo*, como Reenie os chamava.

— De todo modo, ele é um novo-rico — Reenie comentou, com desdém, examinando Richard Griffen. — Veja só as calças dele. — Ela era impiedosa com qualquer um que criticasse papai (isto é, qualquer um, exceto ela mesma), e desprezava quem subia na vida e depois

agia em desacordo com o seu nível, ou com o que ela considerava como sendo seu nível; e era um fato sabido que os Griffen eram uns sujos, ou pelo menos o avô fora. Ele havia conseguido o seu negócio enganando os judeus, Reenie disse num tom ambíguo — será que para ela isso era uma certa proeza? —, mas exatamente como ele havia feito ela não sabia. (Para ser justa, Reenie pode ter inventado esses deslizes dos Griffen. Ela às vezes atribuía às pessoas as histórias que achava que elas deviam ter vivido.)

Atrás de papai e do sr. Griffen, andando ao lado de Callie Fitzsimmons, vinha uma mulher que eu presumi que fosse a esposa de Richard Griffen jovem, magra, elegante, arrastando um diáfano vestido de musselina cor-de-laranja como o vapor de uma sopa rala de tomate. Seu chapéu era verde, bem como seus sapatos de saltos altos e uma echarpe delicada que ela trazia em volta do pescoço. Ela estava bem-vestida demais para o piquenique. Enquanto eu olhava, ela parou e ergueu um dos pés e olhou por cima do ombro para ver se tinha alguma coisa presa no seu salto. Eu torci para que tivesse. Mas também pensei como seria bom ter roupas assim tão bonitas, roupas más compradas com dinheiro novo, em vez de roupas virtuosas, fora de moda, compridas até os pés, que usávamos por necessidade naquela época.

— Onde está Laura? — Reenie perguntou, subitamente alarmada.

— Não faço idéia. — Eu havia adquirido o hábito de responder mal a Reenie, especialmente quando ela me dava ordens. *Você não é minha mãe* havia se tornado a minha resposta mais intimidante.

— Você sabe que não devia deixá-la sair da sua vista — Reenie disse. — *Qualquer um* pode estar aqui. — *Qualquer um* era um dos

seus malfeitores. Nunca se sabe que maldades, que crimes *qualquer um* poderia cometer.

Eu encontrei Laura sentada na grama sob uma árvore, conversando com um rapaz — um homem, não um menino —, um homem moreno, com um chapéu claro. O estilo dele era indeterminado — não era um operário da fábrica, mas também não era uma outra coisa, ou nada definido. Não estava de gravata, mas também era um piquenique. Uma camisa azul, um tanto puída nas bordas. Um jeito extemporâneo, proletário. Um monte de rapazes estavam adotando esse modelo — um monte de estudantes universitários. No inverno eles usavam coletes de tricô, de listras horizontais.

— Olá — disse Laura. — Onde você estava? Esta é a minha irmã Iris, este é Alex.

— Sr...? — eu disse. Como é que Laura ficava íntima de alguém tão depressa?

— Alex Thomas — o rapaz disse. Ele foi educado, mas cauteloso. Ficou em pé rapidamente e me estendeu a mão. Depois eu me sentei ao lado deles, pareceu-me o melhor a fazer, a fim de proteger Laura.

— O senhor é de fora da cidade, sr. Thomas?

— Sim, estou visitando umas pessoas aqui. — Ele falava como o que Reenie chamaria de um rapaz *simpático*, o que significava que *não era pobre*. Mas que também não era rico.

— Ele é amigo de Callie — Laura disse. — Ela acabou de nos apresentar um ao outro. Ele veio no mesmo trem que ela. — Ela estava dando explicações demais.

— Você já conheceu Richard Griffen? — perguntei a Laura. — Ele estava com papai. Aquele que vai jantar lá em casa?

— Richard Griffen, o magnata das roupas de malha? — o rapaz perguntou.

— Alex... o sr. Thomas sabe sobre o Egito antigo — disse Laura. — Ele estava me contando sobre os hieróglifos. — Ela olhou para ele. Eu nunca a tinha visto olhar para alguém daquele jeito. Espantada, deslumbrada? Difícil definir aquele olhar.

— ...Parece interessante — eu disse. Eu pude ouvir a minha voz pronunciando *interessante* daquele jeito debochado que as pessoas têm. Eu precisava achar um jeito de dizer a esse Alex Thomas que Laura tinha apenas catorze anos, mas não consegui pensar em nada que não fosse deixá-la zangada.

Alex Thomas tirou do bolso da camisa um maço de cigarros — Craven A's, se me lembro bem. Ele tirou um para si mesmo. Eu fiquei um tanto surpresa por ele fumar cigarros industrializados — não combinava com sua camisa. Cigarros embalados eram um luxo: os operários da fábrica enrolavam os deles, alguns com uma mão só.

— Obrigada, vou aceitar — eu disse. Eu só havia fumado uns poucos cigarros antes, e os havia fumado escondido, roubados da cigarreira de prata que ficava em cima do piano. Ele me olhou firme, que acho que era o que eu queria, e então me ofereceu o maço. Ele acendeu um fósforo com o polegar e o segurou para mim.

— Você não devia fazer isso — disse Laura. — Vai acabar pondo fogo em si mesmo.

Elwood Murray apareceu na nossa frente, garboso e aprumado de novo. A frente da sua camisa ainda estava molhada e salpicada de

cor-de-rosa, nos lugares em que as mulheres tentaram limpar o sangue com um lenço molhado; o interior de suas narinas exibia uma rodela vermelho-escura.

— Olá, sr. Murray — Laura disse. — O senhor está bem?

— Alguns rapazes ficaram um tanto exaltados — Elwood Murray disse, como se estivesse revelando timidamente que havia ganho algum tipo de prêmio. — Foi só uma brincadeira. Posso? — Então ele tirou nosso retrato. Ele sempre perguntava *Posso?* antes de tirar uma foto para o jornal, mas nunca esperava pela resposta. Alex Thomas levantou a mão como que para afastá-lo.

— Eu conheço estas duas senhoras encantadoras, é claro — disse Elwood Murray, — mas o seu nome é?

Reenie de repente estava lá. Com o chapéu torto, ela estava com o rosto vermelho e ofegante. — Seu pai as esteve procurando por toda parte — disse ela.

Eu sabia que isso não era verdade. No entanto Laura e eu tivemos que sair da sombra da árvore, limpar as saias e ir com ela, como patinhos sendo conduzidos.

Alex Thomas nos deu adeus. Era um aceno sarcástico, ou eu achei.

— Vocês não têm juízo? — disse Reenie. — Esparramadas na grama com Deus sabe quem. E pelo amor de Deus, Iris, jogue fora o cigarro, você não é um vagabundo. E se o seu pai te vê?

— Papai fuma como uma fornalha — eu disse, no que eu esperava que fosse um tom insolente.

— Isso é diferente — disse Reenie.

— Sr. Thomas — Laura falou. — Sr. Alex Thomas. Ele é um seminarista. Ou era até recentemente — acrescentou escrupulosamente. — Ele perdeu a fé. Sua consciência não o deixaria continuar.

A consciência de Alex Thomas evidentemente fez uma grande impressão sobre Laura, mas não impressionou Reenie. — Qual o trabalho dele no momento, então? — disse. — Algo suspeito, ou eu sou um chinês. Ele tem um olhar suspeito.

— O que há de errado com ele? — perguntei a Reenie. Não tinha gostado dele, mas com certeza ele estava sendo julgado sem ser ouvido.

— O que há de certo com ele, isso sim — disse Reenie. — Rolando no gramado na frente de todo mundo — ela estava falando mais para mim do que para Laura. — Pelo menos a sua saia estava decente.

Reenie disse que uma mulher sozinha com um homem deve ser capaz de segurar uma moeda entre os joelhos. Ela estava sempre com medo de que as pessoas — homens — vissem nossas pernas, a parte acima do joelho. Das mulheres que permitiram que isso acontecesse, ela diria: *Subiu a cortina, cadê o show?* Ou, *Poderia muito bem pendurar um sinal.* Ou, mais maldosamente, *Ela está pedindo por isto, vai receber o que merece* ou, no pior dos casos, *Ela é um acidente esperando para acontecer.*

— Nós não estávamos rolando — Laura disse. — Não havia nenhuma colina.

— Rolando ou não, você sabe o que quero dizer — disse Reenie.

— Não estávamos fazendo nada — eu disse. — Estávamos conversando.

— Isso não importa — disse Reenie. — As pessoas podiam vê-las.

— Da próxima vez que não estivermos fazendo nada vamos nos esconder nos arbustos — eu disse.

— Quem é ele afinal de contas? — perguntou Reenie, que normalmente ignorava meus desafios, já que agora não tinha nada que pudesse fazer. *Quem é ele* queria dizer *Quem são seus pais?*

— Ele é órfão — Laura disse. — Foi adotado, de um orfanato. Por um pastor presbiteriano e sua esposa. — Ela parecia ter retirado essa informação de Alex em muito pouco tempo, mas esse era um de seus talentos, se é que podia ser chamado disso. Ela simplesmente continuava fazendo perguntas pessoais, do tipo que nos ensinaram ser rudes, até que a outra pessoa, com vergonha ou ultraje, parasse de responder.

— Um órfão! — exclamou Reenie. — Ele pode ser qualquer um!

— Qual o problema com órfãos? — perguntei. Eu sabia qual era o problema segundo Reenie: eles não conheciam os pais, e isso os fazia duvidosos, se não simplesmente degenerados. *Nascido na sarjeta* era como Reenie dizia. *Nascido na sarjeta, deixado no portão.*

— Não são confiáveis — disse Reenie. — Eles se intrometem, não conhecem os limites.

— Bem, eu o convidei para o jantar — Laura disse.

— Essa agora é boa — disse Reenie.

Provedoras do pão

Existe uma ameixeira selvagem no fundo do jardim, do outro lado da cerca. Ela é velha, retorcida, os galhos nodosos cobertos de nódulos pretos. Walter acha que ela devia ser derrubada, mas eu disse a ele que, tecnicamente falando, ela não me pertence. De todo modo, eu tenho um certo carinho por ela. Ela dá flor toda primavera, por conta própria, sem nenhum trato; no fim do verão, ela despeja ameixas no meu jardim, pequenas ameixas azuis, ovais, com uma camada aveludada que parece pó. Uma tal generosidade. Eu catei as últimas espalhadas pelo vento esta manhã — as poucas que os esquilos e guaxinins e vespas haviam deixado para mim — e as comi gulosamente, com o sumo de sua carne ferida manchando de sangue o meu queixo. Eu só notei isto quando Myra apareceu com mais um dos seus ensopados de atum. *Meu Deus*, ela disse, com sua risada sem fôlego, de passarinho. *Com quem você andou brigando?*

Eu me lembro daquele jantar do Dia do Trabalho nos seus mínimos detalhes, porque foi a única vez que todos nós estivemos juntos na mesma sala.

A folia continuava em Camp Grounds, mas não era aconselhável assistir de muito perto, uma vez que o sub-reptício consumo de bebida barata estava agora a pleno vapor. Laura e eu tínhamos saído cedo para ajudar Reenie a preparar o jantar.

Estes preparativos já vinham sendo feitos há vários dias. Assim que Reenie foi informada da festa, ela desencavou um dos seus livros

de culinária, o *The Boston Cooking-School Cookbook*, de Fannie Merritt Farmer. Na realidade ele não era dela: pertencera à vovó Adelia, que costumava consultá-lo — junto com seus diversos cozinheiros, é claro — quando planejava seus jantares de doze pratos. Reenie o havia herdado, embora não o usasse diariamente — ela tinha tudo na cabeça, segundo ela. Mas aqui se tratava de um jantar elegante.

Eu havia lido esse livro de culinária, ou pelo menos o havia folheado, na época em que costumava romantizar minha avó. (Eu já havia desistido de fazer isso. Eu sabia que teria sido contrariada por ela, assim como era contrariada por Reenie e pelo meu pai, e como teria sido contrariada pela minha mãe, caso ela não houvesse morrido. Eles não faziam outra coisa.)

O livro de culinária tinha uma capa simples, cor de mostarda, e o que havia dentro dele também era simples. Fannie Merritt Farmer era implacavelmente pragmática — objetiva e concisa, bem no estilo da Nova Inglaterra. Ela partia do princípio de que você não sabia nada, e começava daí: "Uma bebida é tudo aquilo que se bebe. Água é a bebida fornecida pela natureza. Todas as bebidas contêm um grande percentual de água, e portanto devem ser usadas para: I. Matar a sede; II. Introduzir água no sistema circulatório; III. Regular a temperatura do corpo; IV. Ajudar a eliminar água; V. Alimentar; VI. Estimular o sistema nervoso e diversos órgãos; VII. Propósitos medicinais", e assim por diante.

Paladar e prazer não faziam parte da sua lista, mas no início do livro havia uma curiosa epígrafe de John Ruskin:

A culinária supõe a sabedoria de Medéia, de Circe, de Helena e

da Rainha de Sabá. Supõe o conhecimento de todos os legumes, frutas, ervas e condimentos, e de tudo o que é curativo e doce nos campos e bosques e saboroso nas carnes. Supõe cuidado e criatividade e vontade e acesso a utensílios. Supõe a economia das suas avós e a ciência da química moderna; supõe provar e não desperdiçar; supõe a eficácia inglesa e a hospitalidade francesa e árabe; e, finalmente, supõe que vocês sejam, sempre, perfeitas damas — provedoras do pão.

Eu achei difícil imaginar Helena de Tróia de avental, com as mangas arregaçadas até os cotovelos e o rosto sujo de farinha; e pelo que eu sabia de Circe e de Medéia, as únicas coisas que elas cozinharam na vida foram poções mágicas, para envenenar herdeiros ou transformar homens em porcos. Quanto à Rainha de Sabá, eu duvido que ela algum dia tenha preparado sequer uma fatia de torrada. Eu tinha curiosidade em saber de onde o sr. Ruskin havia tirado aquelas idéias esquisitas, sobre mulheres e cozinha. Ainda assim, essa imagem deve ter atraído muitas mulheres de classe média do tempo da minha avó. Elas deviam ter um comportamento sereno, reservado, nobre até, mas dotadas de receitas potencialmente mortais, e capazes de inspirar as mais incendiárias paixões nos homens. E, além de tudo, sempre perfeitas damas — provedoras do pão. Graciosas distribuidoras de dádivas.

Será que alguém havia levado isso a sério algum dia? Minha avó tinha. Bastava olhar para os retratos dela — para aquele sorriso de gato que comeu o canário, para aquelas pálpebras meio caídas. Quem ela pensava que era, a Rainha de Sabá? Quanto a isso não há a menor dúvida.

Quando voltamos do piquenique, Reenie estava toda atarefada na cozinha. Ela não se parecia muito com Helena de Tróia: apesar de todo o trabalho que fizera com antecedência, ela estava nervosa e de mau humor; suava e seu cabelo estava despencando. Ela disse que nós íamos ter de nos contentar com o que fosse possível, porque o que mais podíamos esperar, uma vez que ela não era capaz de fazer milagres, e isso incluía fabricar bolsas de seda com orelhas de porco. E um lugar a mais, também, de última hora, para esse tal de Alex, ou seja lá que nome ele diga que tem. Alex Esperto, pela aparência dele.

— Ele diz que tem um nome — disse Laura — como todo mundo.

— Ele não é igual a todo mundo — Reenie disse. — Dá para ver logo. Ele deve ser meio índio, ou então cigano. Com certeza ele não tem a mesma origem que o resto de nós.

Laura não disse nada. Ela normalmente não era dada a remorsos, mas desta vez ela se sentiu um tanto culpada por ter convidado Alex Thomas em cima da hora. Entretanto, não podia desconvidá-lo, conforme observou isso seria uma tremenda grosseria. Convidado era convidado, não importava quem fosse.

Papai também sabia disso, embora não estivesse nada satisfeito: Laura tinha se precipitado e usurpado o seu papel de anfitrião, e daqui a pouco ela ia estar convidando todo órfão e vagabundo e infeliz para jantar como se fosse o bom Rei Venceslau. Esses impulsos caridosos dela tinham de ser controlados, ele disse; ele não presidia um albergue de indigentes.

Callie Fitzsimmons tentara apaziguá-lo: Alex não era nenhum miserável, ela lhe assegurou. É verdade que o rapaz não tinha emprego, mas parecia ter alguma fonte de renda, ou pelo menos

nunca se soube que tivesse dado um golpe em alguém. Que fonte de renda era essa?, papai perguntou. Mas Callie não fazia idéia: Alex não tocava no assunto. Talvez ele roubasse bancos, papai disse, cheio de sarcasmo. De jeito nenhum, Callie disse; de qualquer maneira, Alex era conhecido de uns amigos dela. Papai disse que uma coisa não anulava a outra. A essa altura ele já estava ficando cheio dos artistas. Muitos deles haviam abraçado o marxismo e a causa operária, e o acusavam de explorar os camponeses.

— Alex é gente boa. Ele só é jovem — Callie disse. — Ele só veio pelo passeio. É só um amigo. — Ela não queria que papai fizesse uma idéia errada, que Alex Thomas pudesse ser um namorado dela, de alguma forma um rival.

— O que eu posso fazer para ajudar? — Laura disse, na cozinha.

— A última coisa que eu preciso — disse Reenie — é de outra mosca na calda. Eu só quero que você não atrapalhe e não derrube nada. Iris pode ajudar. Pelo menos ela não é desastrada. — Reenie achava que deixar alguém ajudá-la era uma espécie de favor: ela ainda estava aborrecida com Laura, e a estava deixando de fora. Mas este tipo de castigo não surtia o menor efeito em Laura. Ela pegou seu chapéu e foi passear no gramado.

Uma das tarefas que me foram confiadas foi a de preparar o arranjo de flores da mesa, além de definir os lugares. Para o arranjo, eu colhi zínias nos canteiros — quase todas as que restavam nessa época do ano. Quanto aos lugares na mesa, eu coloquei Alex Thomas ao meu lado, com Callie do outro lado e Laura bem longe. Achei que dessa forma ele ficaria isolado, ou pelo menos Laura ficaria.

Laura e eu não tínhamos vestidos de noite apropriados. No entanto, tínhamos vestidos. Eles eram do mesmo veludo azul-escuro de sempre, de quando éramos mais moças, com as bainhas refeitas e uma fita preta costurada na barra para disfarçar a marca anterior. Antigamente eles tinham colarinhos de renda branca, e o de Laura ainda tinha; eu havia tirado a renda do meu, o que aumentou um pouco o decote. Esses vestidos estavam muito apertados, pelo menos o meu estava; pensando bem, o de Laura também. Pelos padrões comuns, Laura ainda não tinha idade para estar num jantar como este, mas Callie disse que seria uma crueldade deixá-la sozinha no quarto, especialmente quando ela é que convidara uma das visitas. Papai concordou com ela. Depois disse que, de todo modo, agora que tinha crescido de um salto, Laura parecia ter a mesma idade que eu. Era difícil dizer que idade era essa na cabeça dele. Ele nunca conseguiu manter-se atualizado com os nossos aniversários.

Na hora marcada os convidados se reuniram na sala de visitas para tomar um *sherry*, que foi servido por uma prima solteirona de Reenie que fora recrutada para o evento. Laura e eu não tivemos permissão para tomar *sherry* nem para tomar vinho durante o jantar. Laura não pareceu se importar com isso, mas eu me importei. Reenie ficou do lado do papai nesta questão, mas isso porque ela era totalmente abstinente. "Lábios que tocam em bebida jamais tocarão os meus", ela costumava dizer, despejando os restos de vinho dos copos na pia. (Mas ela estava errada quanto a isso — menos de um ano depois deste jantar, ela se casou com Ron Hincks, um grande beberrão quando moço. Myra, se você estiver lendo isto, tome nota: antes de ser transformado por Reenie num pilar da comunidade, seu pai era um grande briteiro.)

A prima de Reenie era mais velha do que ela, e totalmente desleixada. Ela usava um vestido preto e um avental branco, como era de praxe, mas suas meias eram de algodão marrom e estavam frouxas, e suas mãos podiam estar mais limpas. De dia ela trabalhava em uma quitanda, onde uma de suas tarefas era ensacar batatas; é difícil limpar esse tipo de sujeira.

Reenie havia preparado canapés com azeitonas fatiadas, ovos cozidos e picles; havia feito também bolinhas de queijo, que não saíram como ela esperava. Tudo isto estava arrumado numa das melhores travessas de vovó Adelia, de porcelana pintada à mão, da Alemanha, com um desenho de peônias vermelho-escuras e folhas e hastes douradas. Sobre a travessa havia um guardanapo, no centro um prato de nozes e castanhas, com os canapés arrumados como as pétalas de uma flor, todos espetados em palitos. A prima os oferecia às visitas abrutalhadamente, quase que ameaçadoramente, como se estivesse encenando um assalto.

— Isto aqui parece um bocado contaminado — papai disse no tom irônico que eu havia aprendido a identificar na sua voz como sendo raiva disfarçada. — É melhor recusar para não se arrepender mais tarde.

Callie riu, mas Winifred Griffen Prior ergueu graciosamente uma bolinha de queijo e enfiou-a na boca naquele jeito próprio das mulheres quando elas não querem que o batom saia — lábios esticados para fora, numa espécie de funil — e classificou-a de *interessante*. A prima havia esquecido os guardanapos, então Winifred ficou com os dedos engordurados. Eu a observei curiosamente para ver se ela ia lambê-los ou limpá-los no vestido, ou talvez no nosso sofá, mas desviei os olhos na hora errada e acabei

não vendo. Meu palpite era o sofá.

Winifred não era (conforme eu havia pensado) esposa de Richard Griffen, e sim sua irmã. (Não estava muito claro se ela era casada, viúva ou divorciada. Ela usava o seu nome depois de sra., o que sugeria que alguma coisa deveria ter acontecido ao sr. Prior. Ele era raramente mencionado e nunca visto, e, segundo diziam, tinha muito dinheiro e estava "viajando". Tempos depois, quando Winifred e eu já havíamos cortado relações, eu costumava inventar histórias para mim mesma acerca do sr. Prior: Winifred havia mandado empalhá-lo e o guardava num caixote de papelão cheio de bolinhas de naftalina, ou então ela e o motorista o haviam emparedado no porão para poderem realizar suas orgias eróticas. As orgias podiam não estar muito longe da verdade, embora eu tenha de dizer que o que quer que Winifred tenha feito nesse sentido foi sempre feito com discrição. Ela disfarçava seus rastros — até certo ponto uma virtude, eu acho.)

Naquela noite, Winifred usou um vestido preto, de corte simples mas incrivelmente elegante, complementado por um colar de pérolas de três voltas. Seus brincos eram cachos de uvas pequeninos, também de pérola, mas com hastes e folhas de ouro, Callie Fitzsimmons, ao contrário, estava especialmente mal vestida. Já havia uns dois anos que ela abandonara seus babados cor de fúcsia e açafrão, seus vistosos estampados de emigrada russa, até mesmo sua piteira. Agora ela usava calças compridas durante o dia, e suéteres de gola em "V" e camisas de mangas arregaçadas; havia também cortado o cabelo e abreviado o seu nome para Cal.

Ela desistira dos monumentos aos soldados mortos: não havia mais muita demanda por eles. Agora fazia baixos-relevos de

operários e fazendeiros, de pescadores com capas de oleado, de caçadores índios, de mulheres de avental com os filhos enganchados no quadril e protegendo os olhos enquanto olhavam para o sol. Os únicos patrocinadores que tinham dinheiro para encomendar esses trabalhos eram companhias de seguro e bancos, que com certeza iriam querer aplicá-los nas fachadas dos seus prédios a fim de mostrar que estavam antenados com a época. Era desencorajador ser patrocinada por esses capitalistas selvagens, Callie dizia, mas o mais importante era a mensagem, e pelo menos ninguém que passasse pelos bancos poderia deixar de ver os baixos-relevos sem pagar nada para isso. Era arte para o povo, ela dizia. Ela achou que papai poderia ajudá-la a conseguir mais contratos com bancos. Mas papai havia dito secamente que ele e os bancos não eram mais o que se chamaria de unha e carne.

Nesta noite ela estava usando um vestido de malha cor de burro quando fuge — *taupe* era o nome da cor, ela nos informou; era a palavra francesa para *toupeira*. Em qualquer outra pessoa ele teria parecido um saco com mangas e cinto, mas Callie o fazia parecer o supra-sumo, não da moda ou da elegância exatamente — o tal vestido dava a entender que estas coisas não tinham importância —, mas de algo fácil de não ser notado, mas afiado como um utensílio comum de cozinha — um furador de gelo, por exemplo — pouco antes do crime. Como vestido, ele era um punho erguido, mas no meio de uma multidão silenciosa.

Papai estava com o seu *smoking*, que precisava ser passado a ferro. Richard Griffen também estava, mas o dele não precisava. Alex Thomas usava um paletó marrom e calças cinzentas de lã, pesadas demais para o clima; usava também uma gravata azul de bolinhas

vermelhas. Sua camisa era branca, o colarinho largo demais. Suas roupas pareciam emprestadas. Bem, ele não esperava ser convidado para um jantar.

— Que casa charmosa — Winifred Griffen Prior disse com um sorriso artificial, enquanto nos dirigíamos para a sala de jantar. — É tão... tão bem conservada! Essas janelas de vitrais... *tão fin de siècle!* Deve ser como morar num museu!

O que ela queria dizer era *fora de moda*. Eu me senti humilhada: eu sempre achava aquelas janelas muito bonitas. Mas podia ver que o julgamento de Winifred era o julgamento do mundo externo — o mundo que sabia essas coisas e dava seus vereditos com base nelas, aquele mundo em que eu desejava tão ardentemente entrar. Então eu pude ver o quanto eu estava despreparada para ele. O quanto eu era matuta, crua.

— São exemplares belíssimos — disse Richard — de um certo período. As almofadas de madeira também são de alta qualidade. — Apesar do seu pedantismo e do seu tom condescendente, eu me senti grata a ele: não me ocorreu que ele estivesse fazendo um inventário dos bens. Ele reconhecia um governo vacilante quando via um: sabia que estávamos indo a leilão, ou que em breve estaríamos indo.

— Quando você diz *museu*, quer dizer empoeirado? — Alex Thomas disse. — Ou talvez queira dizer *obsoleto*.

Papai franziu a testa. Winifred, justiça seja feita, enrubesceu.

— Você não devia implicar com quem é mais fraco que você — Callie disse em voz baixa e satisfeita.

— Por que não? — Alex disse. — Todo mundo faz isso.

Reenie tinha ido com tudo no cardápio, pelo menos tudo o que na época nós podíamos pagar. Mas dera um passo maior do que as pernas. Falso Bisque (caldo de lagosta), Perca à la Provençale, Frango à la Providence — e veio então um prato atrás do outro, numa procissão inevitável, como uma onda ou uma maldição. O bisque tinha gosto de lata, o frango estava farinhento, como se tivesse sido preparado de qualquer jeito e tivesse encolhido e endurecido. Não era agradável ver tanta gente junta numa sala mastigando com tanta determinação e vigor. Mastigar era o nome certo para isso — não comer.

Winifred Prior estava empurrando a comida em volta do prato como se estivesse jogando dominó. Eu tive ódio dela e resolvi comer tudo, até os ossos. Eu não ia falhar com Reenie. Nos velhos tempos, eu pensei, ela nunca teria sido tratada assim — pega de surpresa, exposta, e portanto nos expondo também. Nos velhos tempos eles teriam contratado profissionais. Ao meu lado, Alex Thomas fazia a sua parte. Estava serrando o frango como se a sua vida dependesse disto; o frango gemia sob sua faca. (Não que Reenie fosse grata pela sua dedicação. Ela tomou nota de quem comeu o que, pode ter certeza. *Esse Alex como-é-mesmo-o-nome-dele estava morrendo de fome*, foi o comentário dela. *Dava a impressão de ter estado jejuando num porão.*)

Nestas circunstâncias, a conversa era esporádica. Houve uma certa calma depois dos queijos, no entanto — o cheddar estava jovem demais e borrachudo; o cremoso, muito velho; o *bleu*, muito forte — durante a qual nós pudemos parar e fazer um balanço, e olhar em volta. Papai fixou o seu olho azul em Alex Thomas. — E então, meu jovem — ele disse, num tom que ele pode ter achado

amigável —, o que o traz à nossa bela cidade? — Ele parecia um *paterfamilias* numa peça vitoriana bem canastrona. Eu baixei os olhos para a mesa.

— Estou visitando alguns amigos — Alex disse, com bastante educação. (Nós iríamos ouvir Reenie falar, mais tarde, sobre a educação dele. Órfãos eram bem-educados porque haviam apanhado para aprender boas maneiras nos orfanatos. Só um órfão podia ser assim tão seguro de si, mas esta firmeza deles ocultava uma natureza vingativa — por dentro, eles estavam rindo de todo mundo. Bem, é claro que eles tinham de ser vingativos, considerando como haviam sido largados. A maioria dos anarquistas e dos seqüestradores era órfão.)

— Minha filha me disse que você está se preparando para ser um pastor — papai disse. (Nem Laura nem eu tínhamos dito nada a esse respeito — deve ter sido Reenie; e como era de esperar, ou talvez por maldade, ela não entendeu direito.)

— Eu estava — disse Alex. — Mas tive de desistir. Nós chegamos numa encruzilhada.

— E agora? — disse papai, que estava acostumado com respostas concretas.

— Agora eu vivo de expedientes — disse Alex. Ele sorriu, com um ar autodepreciativo.

— Deve ser duro para você — Richard murmurou e Winifred riu. Eu fiquei surpresa: não havia imaginado que ele tivesse esse tipo de humor.

— Ele deve estar querendo dizer que é um repórter de jornal — ela disse. — Um espião entre nós!

Alex tornou a sorrir e não disse nada. Papai fechou a cara. Na opinião dele, repórteres de jornal eram verdadeiros vermes. Eles não apenas mentiam como também se aproveitavam da infelicidade alheia como aves de rapina — *moscas de cadáveres* era o termo que usava para eles. Ele fazia uma exceção no caso de Elwood Murray, porque havia conhecido a família dele. *Vendedor de conversa fiada* era o máximo que ele dizia de Elwood.

Depois disso a conversa se dirigiu para temas genéricos — política, economia — como era costume na época. Estava indo tudo de mal a pior, segundo papai; as coisas estavam para mudar, segundo Richard. Era difícil saber o que pensar, Winifred disse, mas ela torcia para que eles conseguissem manter a tampa no lugar.

— A tampa onde? — perguntou Laura, que até então não havia aberto a boca. Foi como se uma cadeira tivesse falado.

— Na possibilidade de um distúrbio social — disse papai, no seu tom de repreensão que significava que ela não devia dizer mais nada.

Alex disse que duvidava disso. Observou que tinha acabado de voltar dos acampamentos.

— Acampamentos? — papai disse, espantado. — Que acampamentos?

— Os acampamentos de assistência social — Alex disse. — Os campos de trabalho de Bennett, para os desempregados. Dez horas por dia para ganhar muito pouco. Os rapazes não estão gostando muito... eu diria que estão ficando agitados.

— Quem pede esmola não pode reclamar — disse Richard. — É melhor do que ficar percorrendo os trilhos dos trens. Eles têm três refeições por dia, o que é mais do que um operário com uma família

para sustentar tem, e me disseram que a comida não é ruim. Eles deveriam ficar agradecidos, mas gente desse tipo nunca fica.

— Eles não são de nenhum tipo especial — disse Alex.

— Meu Deus, um comunista de cadeira — disse Richard. Alex baixou os olhos para o prato.

— Se ele é, eu também sou — disse Callie. — Mas não acho que você precise ser comunista para entender que...

— O que você estava fazendo lá? — papai disse, interrompendo-a. (Ele e Callie andavam discutindo um bocado ultimamente. Callie queria que ele apoiasse o movimento sindical. Ele dizia que Callie queria que dois e dois dessem cinco.)

Nesse momento, a *bombe glacée* foi servida. Naquela época nós tínhamos um refrigerador elétrico — nós o havíamos comprado pouco antes da quebra da Bolsa — e Reenie, embora desconfiada do seu congelador, tinha feito um bom uso dele aquela noite. A *bombe* era no feitio de uma bola de futebol, e era de um verde brilhante e dura como uma pedra, e atraiu toda a nossa atenção.

Enquanto o café estava sendo servido, começou uma queima de fogos, lá em Camp Grounds. Nós fomos todos assistir. Foi uma bela visão, uma vez que você podia ver não apenas os próprios fogos, mas também o reflexo deles no rio Jogues. Cascatas vermelhas, amarelas e azuis desciam pelo céu — explosões de luz em forma de estrelas, crisântemos, salgueiros.

— Os chineses inventaram a pólvora — disse Alex —, mas eles nunca a usaram para fazer armas. Só para fazer fogos. Mas não posso

dizer que os aprecie muito. Eles se parecem muito com artilharia pesada.

— Você é um pacifista? — eu perguntei. Isto me pareceu o tipo de coisa que combinava com ele. Se ele dissesse que sim, eu pretendia discordar dele, porque queria a sua atenção. Ele estava se dirigindo principalmente a Laura.

— Um pacifista não — disse Alex. — Mas os meus pais foram mortos na guerra. Pelo menos eu suponho que tenham sido mortos.

Agora vamos ouvir uma história de órfão, eu pensei. Depois de toda a confusão que Reenie havia feito, eu torci para que fosse uma boa história.

— Você não tem certeza? — disse Laura.

— Não — disse Alex. — Disseram-me que eu fui encontrado sentado num monte de detritos calcinados, numa casa incendiada. As outras pessoas estavam todas mortas. Aparentemente, eu estava escondido debaixo de uma banheira ou de um caldeirão — alguma coisa de metal.

— Onde foi isso? Quem achou você? — Laura murmurou.

— Isso não está claro — disse Alex. — Ninguém sabe ao certo. Não foi nem na França nem na Alemanha. Foi mais para Leste, num daqueles países pequenos. Eu devo ter passado de mão em mão; então a Cruz Vermelha me resgatou de alguma forma.

— Você se lembra disso?

— Quase nada. Alguns detalhes se perderam no caminho, meu nome e assim por diante, e eu acabei com os missionários, que acharam que o esquecimento era a melhor coisa para mim,

considerando tudo o que eu havia passado. Eles eram presbiterianos, uma gente muito asseada. Nossas cabeças foram rapadas por causa dos piolhos. Eu me lembro da sensação de, repentinamente, não ter cabelo, de como era frio. É aí que a minha memória começa realmente.

Embora eu estivesse começando a gostar mais dele, tenho vergonha de admitir que fiquei um tanto cética com a sua história. Era melodramática demais — muito cheia de sorte, tanto boa quanto má. Eu ainda era jovem demais para acreditar em coincidências. E se ele estivesse tentando causar uma impressão em Laura — será que estava? — não podia ter escolhido uma maneira melhor.

— Deve ser terrível não saber quem você realmente é — eu disse.

— Eu costumava pensar assim — disse Alex. — Mas então eu me dei conta de que *quem eu sou realmente* é uma pessoa que não precisa saber quem ela é, no sentido habitual. O que significa, afinal, família e assim por diante? As pessoas usam isso na maior parte das vezes como desculpa para a sua arrogância ou para os seus fracassos. Eu estou livre desta tentação, só isso. Estou livre de amarras. Nada me prende. — Ele disse mais alguma coisa, mas houve uma explosão no céu e eu não consegui ouvir. Mas Laura ouviu; ela concordou com um ar grave.

(O que foi que ele disse? Eu descobri mais tarde. Ele disse: *Pelo menos, você nunca sente saudades de casa.*)

Um dente-de-leão de luz explodiu acima de nós. Nós todos olhamos para cima. É difícil não fazer isso nessas horas. É difícil não ficar ali parada, de boca aberta.

Foi esse o começo, naquela noite — no cais de Avilion, com os fogos iluminando o céu? É difícil saber. Os começos são súbitos, mas também insidiosos. Eles vêm de mansinho, às escondidas, eles permanecem nas sombras, eles espreitam disfarçadamente. Então, mais tarde, eles surgem repentinamente.

Tingimento à mão

Gansos selvagens voam para o Sul, rangendo como dobradiças angustiadas; ao longo da margem do rio as velas dos sumagres queimam com uma cor avermelhada. É a primeira semana de outubro. Estação em que as roupas de lã são retiradas do meio das bolinhas de naftalina; de névoas noturnas e orvalho e degraus da frente escorregadios, e lagartas atrasadas em virar borboletas; de bocas-de-leão florindo pela última vez; daqueles repolhos ornamentais rosas e roxos, cheios de babados, que não existiam antes mas que agora estão em toda a parte.

Estação de crisântemos, as flores de defunto; quer dizer, as brancas. Os mortos devem estar muito cansados delas.

A manhã estava clara e alegre. Eu colhi um pequeno buquê de bocas-de-leão amarelas e cor-de-rosa no jardim da frente e levei-as para o cemitério, para colocá-las no túmulo da família para os dois anjos pensativos em seu cubo branco: seria algo diferente para eles, eu pensei. Uma vez lá, eu executei o meu pequeno ritual — a caminhada ao redor do monumento, a leitura dos nomes. Acho que faço isso silenciosamente, mas de vez em quando ouço o som da minha própria voz, recitando baixinho como um jesuíta rezando o seu breviário. Pronunciar o nome dos mortos é fazê-los viver de novo, diziam os antigos egípcios: nem sempre o que se deseja.

Depois de rodear completamente o monumento, eu encontrei uma garota — uma moça — ajoelhada diante do túmulo, aliás, diante do lugar que Laura ocupava nele. Tinha a cabeça baixa. Estava toda

vestida de preto: jeans pretos, camiseta e jaqueta pretos, uma pequena mochila do tipo que elas usam agora em lugar de bolsas. Tinha cabelos escuros e compridos — como os de Sabrina, eu pensei, com um aperto súbito no coração: Sabrina voltou, da Índia ou de onde quer que estivesse. Ela voltou sem avisar. Ela mudou de idéia a meu respeito. Ela queria me fazer uma surpresa e agora eu estraguei tudo.

Mas quando olhei mais de perto, vi que a moça era uma estranha: alguma estudante universitária estressada, sem dúvida. A princípio eu achei que ela estivesse rezando, mas não, ela estava colocando uma flor: um único cravo branco, com a haste envolta em papel de alumínio. Quando ela se levantou, vi que estava chorando. Laura comove as pessoas. Eu não.

Depois do piquenique da fábrica de botão, vieram as reportagens de sempre sobre ele no *Herald and Banner* — que bebê tinha ganho o concurso do Bebê Mais Bonito, quem tinha ganho o de Melhor Cachorro. Também o que papai tinha dito no seu discurso, bem resumido: Elwood Murray dava um tom otimista a tudo, soava eficiente como sempre.

Foram publicadas também algumas fotos — o cachorro vencedor, uma silhueta escura com forma de esfregão; o bebê vencedor, gordo como uma almofada de alfinetes, usando uma touca de babados; os sapateadores segurando um gigantesco emblema da Irlanda em papelão; papai no palanque. Não era uma boa foto dele: estava com a boca meio aberta e parecia estar bocejando.

Uma das fotos era de Alex Thomas, ao lado de nós duas — eu à

esquerda e Laura à direita, como suportes de livros. Nós duas estávamos olhando para ele e sorrindo; ele também estava sorrindo, mas tinha estendido a mão na frente do rosto, como os criminosos fazem para se proteger dos flashes quando estão sendo levados presos. Entretanto, ele só conseguiu esconder metade do rosto. A legenda dizia "Srta. Chase e srta. Laura Chase conversam com um visitante de fora da cidade".

Elwood Murray não havia conseguido nos encontrar naquela tarde para perguntar o nome de Alex, e quando telefonou lá para casa, falou com Reenie, que disse que os nossos nomes não deviam ser envolvidos com sabe lá Deus quem e se recusou a dar a ele o nome de Alex. Mas ele havia publicado a foto assim mesmo, e Reenie sentiu-se insultada, tanto por nós quanto por Elwood Murray. Ela achou que a foto era quase indecorosa, embora nossas pernas não estivessem aparecendo. Ela achou que nós duas tínhamos um riso bobo na cara, como gansos enamorados; com as nossas bocas abertas daquele jeito parecia que estávamos babando. Nós havíamos dado um triste vexame: todo mundo na cidade ia rir de nós pelas costas, por estarmos de cabeça virada por um vagabundo qualquer que parecia um índio — ou pior, um judeu — e com as mangas arregaçadas daquele jeito, e comunista ainda por cima.

— Esse Elwood Murray merecia uma surra — ela disse. — Ele pensa que é muito esperto. — Ela rasgou o jornal e o colocou no caixote de lenha para papai não ver. Ele deve ter visto de qualquer maneira, na fábrica, mas se viu não fez nenhum comentário.

Laura fez uma visita a Elwood Murray. Ela não o censurou nem repetiu nada do que Reenie havia dito sobre ele. O que ela lhe disse foi que queria se tornar fotógrafa, como ele. Não: ela não teria dito

essa mentira. Isso foi o que ele inferiu. O que ela disse realmente foi que queria aprender a revelar fotos a partir de negativos. Estas foram suas palavras exatas.

Elwood Murray ficou envaidecido com este sinal de favorecimento vindo das alturas de Avilion — embora malicioso, ele era um tremendo esnobe — e concordou em deixá-la trabalhar com ele no quarto escuro três tardes por semana. Ela poderia vê-lo reproduzir as fotos que fazia por fora, de casamentos, formaturas e assim por diante. Embora os tipos fossem preparados e o jornal fosse impresso por dois homens na sala dos fundos, Elwood fazia quase todo o resto no jornal, inclusive revelações de fotos.

Talvez ele pudesse ensinar-lhe também a colorir à mão, ele disse: ia ser a última palavra. As pessoas iam trazer seus velhos retratos em preto-e-branco para que eles ganhassem mais vida com o acréscimo das cores. Isto era feito clareando as áreas mais escuras com um pincel e depois tratando a reprodução com um toner sépia para dar-lhe um brilho rosado. Depois disso vinha o tingimento. As cores vinham em pequenos tubos e frascos e tinham de ser aplicadas cuidadosamente com pequenos pincéis, e o excesso minuciosamente secado com um mata-borrão. Você precisava ter gosto e habilidade para misturar as tintas, de modo que os rostos não apresentassem rodela vermelhas nem a pele ficasse parecendo um pano de chão. Precisava ter a vista boa e a mão firme. Era uma arte, disse Elwood — uma arte que ele tinha orgulho de ter dominado, segundo ele. Ele mantinha uma seleção dessas fotos pintadas à mão na vitrine da redação do jornal, como uma espécie de anúncio. *Realce as suas Lembranças*, dizia o aviso escrito à mão que ele tinha colocado ao lado delas.

Rapazes usando os já ultrapassados uniformes da Primeira Guerra Mundial eram os temas mais freqüentes, além de casais de noivos. Depois vinham os retratos de formatura, de primeira comunhão, solenes grupos familiares, bebês com roupa de batizado, moças com vestidos de noite, crianças com roupa de festa, gatos e cachorros. De vez em quando havia um bichinho de estimação excêntrico — uma tartaruga, uma araracanga — e, raramente, um bebê no caixão, com o rosto lívido, cercado de franzidos.

As cores nunca saíam claras, do jeito que ficariam numa folha de papel branco: elas tinham uma aparência nebulosa, como se estivessem sendo vistas através de uma gaze. Elas não faziam as pessoas parecerem mais reais; pelo contrário, elas se tornavam surreais: cidadãos de um estranho país, vívido mas mudo, onde o realismo era irrelevante.

Laura me contou o que estava fazendo junto a Elwood Murray; ela também contou a Reenie. Eu esperei um protesto, uma comoção; esperei que Reenie fosse dizer que Laura estava se rebaixando, ou agindo de um modo espalhafatoso, comprometedor. Quem poderia saber o que era capaz de acontecer num quarto escuro, com uma mocinha e um homem e as luzes apagadas? Mas Reenie interpretou que não era como se Elwood estivesse pagando a Laura para trabalhar para ele: e sim que ele a estava ensinando, e isto era totalmente diferente. Isto o punha no nível de qualquer empregado. Quanto a Laura estar num quarto escuro com ele, ninguém pensaria mal disso, porque Elwood era muito efeminado. Eu desconfio que Reenie estava aliviada por Laura estar demonstrando interesse por algo que não Deus.

Laura sem dúvida demonstrou interesse, mas, como sempre, extrapolou. Ela surrupiou alguns materiais de pintura de Elwood e os trouxe para casa. Eu descobri isso por acaso: eu estava na biblioteca, folheando uns livros a esmo, quando prestei atenção nos retratos emoldurados do vovô Benjamin, cada um com um primeiro-ministro diferente. O rosto de *Sir John Sparrow Thompson* tinha agora um delicado tom de malva, e o de *Sir Mackenzie Bowell*, um verde bile, o de *Sir Charles Tupper*, um laranja-claro. A barba e as suíças do vovô Benjamin tinham sido coloridas de um tom claro de carmin.

Naquela noite eu a apanhei com a boca na botija. Sobre a penteadeira estavam os pequenos tubos e pincéis. Também o retrato formal meu e de Laura com nossos vestidos de veludo e maria-chiquinhas. Laura tinha tirado o retrato da moldura e estava me colorindo de azul-claro. — Laura — eu disse —, o que é que você está fazendo? Por que você coloriu aqueles retratos? Aqueles da biblioteca. Papai vai ficar furioso.

— Eu só estava praticando — Laura disse. — De qualquer maneira, aqueles homens estavam precisando de um realce. Acho que eles estão com uma aparência melhor agora.

— Eles estão com uma aparência bizarra — eu disse. — Ou muito doente. Ninguém tem a cara verde! Nem amarela.

Laura ficou imperturbável. — É a cor das almas deles — ela disse. — É a cor que eles *deviam* ter.

— Você vai se meter em encrenca! Todo mundo vai saber quem fez isso.

— Ninguém nunca *olha* para eles — ela disse. — Ninguém *liga*.

— Bem, é melhor você não encostar um dedo em vovó Adelia —

eu disse. — Nem nos tios mortos! Papai vai arrancar o seu couro.

— Eu queria pintá-los de dourado, para mostrar a glória deles — ela disse. — Mas não existe tinta dourada. Os tios, não a vovó. Eu a faria cinza como aço.

— Você não ouse! Papai não acredita em glória. E é melhor você devolver essas tintas antes que seja acusada de roubo.

— Eu só usei um pouco — disse Laura. — Além disso, eu levei um pote de geléia para o Elwood. É uma troca justa.

— Geléia da Reenie, eu suponho. Que você apanhou no porão... Você pediu a ela? Ela conta os potes, você sabe disso. — Eu peguei a foto de nós duas. — Por que eu sou azul?

— Porque você está adormecida — ela disse.

Os materiais de pintura não foram as únicas coisas que ela apanhou. Uma das tarefas de Laura era arquivar. Elwood gostava do escritório bem organizado, e o quarto escuro também. Seus negativos eram colocados em envelopes apropriados, arquivados de acordo com a data em que eram tirados, de modo que foi fácil para Laura localizar o negativo da foto do piquenique. Ela fez duas cópias em preto e branco, num dia em que Elwood havia saído e ela ficou sozinha lá. Ela não contou sobre isso a ninguém, nem mesmo a mim até muito tempo depois. Depois de fazer as revelações, ela guardou o negativo na bolsa e o levou para casa consigo. Ela não considerou que estivesse roubando: Elwood é que havia roubado a foto, em primeiro lugar, já que não pedira permissão para tirá-la, e ela estava apenas tirando dele algo que nunca havia pertencido realmente a ele.

Depois de ter conseguido o que queria, Laura parou de ir ao escritório de Elwood Murray. Ela não lhe deu nenhuma explicação e nem avisou que não iria mais. Eu achei que isso foi deselegante da parte dela, e foi mesmo, porque Elwood ficou magoado. Ele tentou descobrir por meio de Reenie se Laura estava doente, mas tudo o que Reenie disse foi que Laura devia ter mudado de idéia a respeito de fotografia. Ela era cheia de idéias, aquela garota; estava sempre inventando alguma coisa, e agora devia estar interessada em outra coisa. Isto despertou a curiosidade de Elwood. Ele começou a ficar de olho em Laura, além da sua xeretice habitual. Eu não diria que ele a estava espionando — não é que ficasse espreitando atrás dos arbustos. Ele apenas passou a prestar mais atenção nela. (Ele ainda não dera falta do negativo roubado, entretanto. Não lhe ocorreu que Laura pudesse ter um motivo oculto para tê-lo procurado. Laura tinha um olhar tão franco, olhos tão inocentes, uma testa arredondada e pura, que pouca gente jamais suspeitou que houvesse alguma duplicidade nela.)

A princípio Elwood não encontrou muito o que observar. Laura era vista caminhando pela rua principal, a caminho da igreja, nos domingos de manhã, onde ela ensinava catecismo para as crianças de cinco anos. Em três outras manhãs da semana, ela ajudava a preparar a sopa da Igreja Unida, cuja cozinha havia sido instalada ao lado da estação do trem. Lá, distribuía-se pratos de sopa de repolho e couve para os homens e rapazes sujos e famintos que percorriam os trilhos do trem: um esforço louvável, mas que nem todo mundo na cidade via com bons olhos. Alguns achavam que esses homens eram conspiradores perigosos, ou pior, comunistas; outros, que não se devia dar comida de graça, porque eles próprios

tinham de trabalhar por cada garfada. Ouviam-se gritos de "Vai trabalhar!". (Os insultos não eram de forma alguma unilaterais, embora os que viessem dos homens itinerantes fossem mais abafados. É claro que eles não gostavam de Laura nem de todos os outros voluntários carolas como ela. É claro que eles tinham formas de expressar seus sentimentos. Uma piada, um riso debochado, um esbarrão, um olhar irado. Não há fardo mais pesado do que a gratidão forçada.)

A polícia local ficava por perto para certificar-se de que esses homens não iriam inventar nenhuma novidade, como ficar em Port Ticonderoga, por exemplo. Eles tinham de continuar andando, ir para outro lugar. Mas eles não tinham permissão para entrar nos vagões de carga ali mesmo na estação, porque a companhia ferroviária não tolerava isso. Havia discussões e brigas, e — como Elwood Murray dizia no jornal — os cassetetes eram empregados livremente.

Então esses homens continuavam se arrastando pelos trilhos do trem e tentavam pular dentro dos vagões mais adiante, mas era mais difícil porque aí o trem já tinha ganho mais velocidade. Houve diversos acidentes e uma morte — um garoto que não podia ter mais de dezesseis anos caiu debaixo das rodas do trem e foi virtualmente esmagado. (Laura trancou-se no quarto durante três dias depois disso, e se recusou a comer: ela havia servido um prato de sopa para esse garoto.) Elwood Murray escreveu um editorial onde dizia que o incidente era lamentável, mas que a culpa não era da estrada de ferro e nem da cidade: quando se assumiam alguns riscos idiotas, o que se poderia esperar?

Laura pedia ossos a Reenie, para a sopa da igreja. Reenie dizia

que não podia se transformar em ossos, que ossos não nasciam em árvores. Ela precisava da maioria dos ossos para si mesma — para Avilion, para nós. Ela dizia que um centavo economizado era um centavo ganho, e será que Laura não estava vendo que durante esses tempos difíceis papai precisava de todos os centavos que pudesse arranjar? Mas ela não conseguia resistir muito tempo a Laura, e dava um jeito de arranjar um, dois ou três ossos. Laura não queria tocar nos ossos, nem mesmo vê-los — ela era toda fresca com isso —, então Reenie os embrulhava para ela.

— Toma aqui. Esses vagabundos vão acabar nos deixando na miséria — ela suspirava. — Eu coloquei uma cebola. — Ela não achava que Laura devesse estar trabalhando na cozinha de sopa, era um trabalho muito pesado para uma menina como ela.

— É errado chamá-los de vagabundos — disse Laura. — Todo mundo vira as costas para eles. Eles só querem trabalhar. Só querem um emprego.

— Eu sei disso — Reenie dizia numa voz cética, irritante. Para mim, em particular, ela dizia: — Ela é o retrato da mãe.

Eu não ia fazer sopa para os pobres junto com Laura. Ela não me pediu para ir e de qualquer maneira eu não teria tido tempo: papai tinha enfiado na cabeça que eu precisava aprender tudo sobre o negócio de botões, conforme era o meu dever. *Faute de mieux*, eu ia ser o filho em Chase e Filhos, e se eu quisesse um dia dirigir o espetáculo, precisava pôr a mão na massa.

Eu sabia que não tinha nenhuma habilidade para negócios, mas era medrosa demais para recusar. Eu acompanhava papai à fábrica

todas as manhãs, para ver (ele dizia) como as coisas funcionavam no mundo real. Se eu fosse um garoto, ele teria feito com que eu começasse a trabalhar na linha de montagem, fazendo a analogia militar de que um oficial não pode esperar que seus homens desempenhem uma tarefa que ele mesmo não saiba desempenhar. Como eu não era homem, ele me pôs preparando inventários e controlando a expedição — entrada de matéria-prima e saída de produtos acabados. Eu era ruim nisso, mais ou menos de propósito. Eu estava entediada e também intimidada. Quando chegava na fábrica de manhã com minhas saias e blusas de convento, andando atrás do papai como um cachorro, eu tinha de passar pelas fileiras de operários. Eu me sentia desprezada pelas mulheres e examinada pelos homens. Eu sabia que faziam piadas a meu respeito pelas minhas costas — piadas que tinham a ver com a minha postura (as mulheres) e com o meu corpo (os homens), e essa era a forma de eles se desferrarem. De certa forma eu não os culpava — no lugar deles eu teria feito o mesmo —, mas mesmo assim me sentia agredida por eles.

Lá-lá-lá. Ela pensa que é a Rainha de Sabá.

Uma boa trepada ia abaixar a sua crista.

Papai não notava nada disso. Ou fingia não notar.

Uma tarde, Elwood Murray chegou na porta dos fundos com o peito estufado e o jeito arrogante de quem tem más notícias a dar. Eu estava ajudando Reenie a enlatar conservas: era final de setembro e nós estávamos preparando o resto dos tomates da horta. Reenie sempre fora frugal, mas naqueles tempos desperdiçar era um pecado.

Ela deve ter percebido o quanto estava ficando tênue o fio — o fio da sobra de dólares que a prendia ao seu emprego.

Nós precisávamos saber de uma coisa, disse Elwood Murray, era para o nosso próprio bem. Reenie deu uma olhada nele, na sua postura cheia de si, avaliando a gravidade da notícia, e julgou-a séria o bastante para convidá-lo a entrar. Chegou até a lhe oferecer uma xícara de chá. Depois pediu que ele esperasse até ela tirar os últimos potes de dentro da água fervente com as pinças e atarrachar as tampas. Aí ela se sentou.

As notícias eram as seguintes. A srta. Laura Chase fora vista na cidade disse Elwood — na companhia de um rapaz, o mesmo rapaz que havia sido fotografado com ela no piquenique da fábrica de botão. Eles haviam sido vistos pela primeira vez na cozinha da sopa; depois, sentados num banco de parque — em mais de um banco de parque — e fumando cigarros. Ou pelo menos o homem estava fumando; quanto a Laura, ele não podia jurar, ele disse, apertando os lábios. Eles haviam sido vistos ao lado do Memorial de Guerra prefeitura, e debruçados no gradil da ponte Jubileu, contemplando as cachoeiras — um lugar tradicional de namoro. Eles podem até ter sido vistos de lance lá para os lados de Camp Grounds, o que era um sinal quase certo de comportamento suspeito, ou o prelúdio disto — embora ele não pudesse jurar, uma vez que não tinha sido ele a ver. De qualquer maneira, ele achava que nós tínhamos de saber. O homem era adulto, e a srta. Laura não tinha só catorze anos? Era uma vergonha, ele se aproveitar dela desse jeito. Ele se recostou na cadeira, sacudindo a cabeça penalizado, convencido como uma marmota, os olhos brilhando com um prazer malicioso.

Reenie ficou furiosa. Ela odiava que alguém levasse vantagem

sobre ela no que se tratasse de fofoca. — Nós estamos muito gratas pela informação — ela disse com uma polidez formal. — Um ponto dado na hora certa evita nove. — Essa era a forma que ela tinha de defender a honra de Laura: nada havia acontecido, ainda, que não pudesse ser evitado.

— O que foi que eu lhe disse? — Reenie falou, depois que Elwood Murray tinha ido embora. — Ele não tem vergonha. — Ela não estava se referindo a Elwood, é claro, e sim a Alex Thomas.

Quando interrogada, Laura não negou nada, exceto ter sido vista em Camp Grounds. Os bancos de parque e o resto — sim, ela havia sentado neles, mas não por muito tempo. E nem ela podia entender por que Reenie estava fazendo todo aquele estardalhaço. Alex Thomas não era um namoradinho ordinário (a expressão que Reenie havia usado). E nem estava atrás do golpe do baú (outra expressão dela). Ela negou ter fumado sequer um cigarro em sua vida. Quanto a "se atracar" com ele — também segundo Reenie —, ela achava aquilo nojento. O que ela havia feito para inspirar suspeitas tão baixas? Ela evidentemente não sabia.

Ser Laura, eu pensei, era como não ter nenhum ouvido musical: a música tocava e você escutava alguma coisa, mas não era o que as outras pessoas escutavam.

Segundo Laura, em todas essas ocasiões — e só tinha havido três — ela e Alex Thomas estavam envolvidos numa discussão séria. Sobre o quê? Sobre Deus. Alex Thomas tinha perdido sua fé, e Laura estava tentando ajudá-lo a recuperá-la. Era um trabalho difícil porque ele era muito cínico, ou talvez *cético* o definisse melhor. Ele achava que a era moderna ia ser uma era deste mundo e não do

próximo — do homem, para a humanidade —, e ele era a favor disso. Ele afirmava não possuir uma alma, e dizia que não ligava a mínima para o que pudesse acontecer com ele depois que estivesse morto. Mesmo assim, ela pretendia prosseguir nos seus esforços, por mais difícil que a tarefa pudesse parecer.

Eu tossi disfarçadamente. Não ousei rir. Eu havia visto Laura usar aquela expressão com o sr. Erskine muitas vezes, e achei que era isso que ela estava fazendo agora: enrolando. Reenie, com as mãos na cintura, as pernas afastadas, a boca aberta, parecia uma galinha acuada.

— Por que ele ainda está na cidade, isto é o que eu gostaria de saber — Reenie disse, desconcertada, mudando de tática. — Eu achei que ele estivesse só de visita.

— Ah, ele tem algum negócio aqui — Laura disse brandamente. — Mas ele pode ficar onde quiser. Isto aqui não é um país de escravos. Exceto pelos escravos assalariados, é claro. — Eu adivinhei que a tentativa de conversão não tinha sido unilateral: Alex Thomas tinha feito a sua parte também. Se as coisas continuassem assim, em pouco tempo teríamos uma pequena comunista em nossas mãos.

— Ele não é velho demais? — perguntei.

Laura me lançou um olhar feroz — *velho demais para quê?* — desafiando-me a me intrometer. — A alma não tem idade — ela disse.

— As pessoas estão falando — Reenie disse: este era sempre o seu argumento definitivo.

— Isso é problema delas — disse Laura. Seu tom era de irritação superior: as outras pessoas eram a cruz que ela tinha de carregar.

Reenie e eu ficamos perdidas. O que se poderia fazer? Nós podíamos ter contado a papai, que talvez tivesse proibido Laura de ver Alex Thomas. Mas ela não teria obedecido, não com uma alma em jogo. Contar a papai causaria mais problema do que era necessário, nós decidimos; e afinal de contas, o que é que havia realmente acontecido?

Nada de concreto. (Nesse assunto, Reenie e eu nos tornamos confidentes; refletíamos juntas.) com o passar dos dias, eu fui tendo a sensação de que Laura estava me fazendo de boba, embora eu não pudesse especificar exatamente como. Eu não achei que ela estivesse mentindo, mas sim que não estivesse contando toda a verdade. Uma vez eu a vi com Alex Thomas, conversando animadamente, passando pelo Memorial de Guerra; uma vez eu os vi na ponte Jubileu, e outra vez do lado de fora da lanchonete Betty's, sem se importar com as pessoas que viravam a cabeça para observá-los, inclusive eu.

Era uma verdadeira provocação.

— Você tem de pôr juízo na cabeça dela — Reenie disse para mim. Mas eu não conseguia aconselhar Laura. Aliás, eu mal conseguia conversar com ela; eu falava, mas será que ela me ouvia? Era como falar com uma folha de papel de mata-borrão branco: as palavras saíam da minha boca e desapareciam atrás do rosto dela como se tivessem caído num paredão de neve.

Quando eu não estava perdendo tempo na fábrica de botão — um exercício que dia a dia parecia mais inútil, até mesmo para o papai —, dei para andar a pé sozinha. Eu caminhava pela beira do rio, tentando fingir que estava indo para algum lugar, ou ficava parada na ponte Jubileu como se estivesse esperando alguém, contemplando

as águas escuras e me lembrando das histórias de mulheres que haviam se atirado lá de cima. Elas haviam feito isso por amor, porque era este o efeito que o amor tinha em nós. Ele se infiltrava, tomava conta de nós sem que percebêssemos, e aí não havia mais nada que se pudesse fazer. Depois de tomada por ele — pelo amor —, você era arrebatada, inexoravelmente. Ou pelo menos era o que os livros diziam.

Ou então eu caminhava pela rua principal, prestando atenção nas vitrines — os pares de meias e sapatos, os chapéus e as luvas, as chaves de fenda e os alicates. Eu analisava os cartazes de atrizes de cinema nos mostruários de vidro do cinema Bijou e as comparava comigo, ou com o que eu poderia ser se penteasse o cabelo de lado, cobrindo um dos olhos, e tivesse roupas apropriadas. Eu não tinha permissão para entrar; eu só entrei num cinema depois de casada, porque Reenie dizia que o Bijou não era ambiente para mocinhas desacompanhadas. Os homens entravam lá com más intenções, aqueles homens de mente suja. Eles sentavam do seu lado e grudavam as mãos em você como papel de mosca, e quando você visse, eles já estavam subindo por cima de você.

Nas descrições de Reenie, a moça ou mulher estava sempre inerte, mas tinha muitas aberturas para se enfiar a mão, como um colete cheio de bolsos. Num passe de mágica, ela ficava impossibilitada de gritar ou de se mover. Ela ficava imobilizada, paralisada — de choque, ou raiva ou vergonha. Ela não tinha nenhum recurso.

O porão

Uma friagem no ar; nuvens altas sopradas pelo vento. Espigas de milho secas ladeando a frente de algumas portas; nas varandas, lanternas feitas de abóbora iniciaram sua vigília risonha. Daqui a uma semana, as crianças em busca de balas vão tomar as ruas, vestidas de bailarinas, zumbis, alienígenas, esqueletos, ciganas e astros do rock já falecidos, e como sempre eu vou apagar a luz e fingir que não estou em casa. Não se trata de não gostar delas, mas sim de autodefesa — se um dos pequeninos desaparecer, eu não quero ser acusada de tê-lo atraído para dentro de casa para devorá-lo.

Eu disse isso a Myra, que está fazendo boas vendas com suas velas cor-de-laranja, e gatos pretos de cerâmica e morcegos de cetim, e de bruxas de pano decorativas, com as cabeças feitas com maçãs desidratadas. Ela riu. Achou que eu estava brincando.

Eu tive um dia péssimo ontem — meu coração me incomodou e eu mal consegui sair do sofá —, mas esta manhã, depois que tomei um comprimido, eu me senti estranhamente cheia de energia. Caminhei com passos rápidos até a loja de *donuts*. Lá eu examinei a parede do banheiro, cuja pichação mais recente dizia: *Se você não tiver nada de bom para dizer, não diga nada*, seguida de: *Se você não pode chupar uma coisa boa, não chupe nada*. É bom saber que ainda existe liberdade de expressão neste país.

Então eu comprei um café e um *donut* com cobertura de chocolate e levei-os para fora, para um dos bancos oferecidos pela

gerência, estrategicamente colocado ao lado da lata de lixo. Fiquei sentada ali, no sol ainda quente, preguiçosa como uma tartaruga. Pessoas passaram por mim — duas mulheres supernutridas com um carrinho de bebê, uma mulher mais jovem e mais magra com um casaco preto de couro coberto de tachas de metal prateado que pareciam cabeças de prego, e outra no nariz, três velhos excêntricos de blusões de couro. Eu tive a impressão de que estavam olhando para mim. Será que ainda sou tão famosa assim, ou tão paranóica? Ou então, talvez eu estivesse falando sozinha. É difícil saber. Será que a minha voz simplesmente flui de dentro de mim como ar quando não estou prestando atenção? Um murmúrio encolhido, videiras de inverno farfalhando, o sibilar do vento do outono na grama seca.

Quem se importa com a opinião dos outros, eu disse a mim mesma. Se quiserem escutar, que escutem.

Quem se importa, quem se importa. Eu me importava, é claro. Eu me importava com a opinião dos outros. Eu sempre me importara. Ao contrário de Laura, eu nunca tive a coragem de me manter firme em minhas convicções.

Um cachorro se aproximou; dei a ele metade do *donut*. — Não faça cerimônia — eu disse a ele. Era isso que Reenie dizia quando apanhava a gente bisbilhotando.

Durante todo o mês de outubro — outubro de 1934 — houve boatos sobre o que estava acontecendo na fábrica de botão. Diziam que agitadores de fora da cidade estavam cercando a fábrica; que eles estavam incitando à revolta, especialmente os jovens de cabeça

quente. Falava-se em dissídio coletivo, em direitos dos trabalhadores, em sindicatos. Os sindicatos eram ilegais, pelo menos os que obrigavam a sindicalização dos empregados — não eram? Ninguém parecia saber ao certo. Em todo caso, eles tinham um certo cheiro de enxofre em volta deles.

As pessoas que ficavam incitando a baderna eram bandidos e criminosos de aluguel (segundo a sra. Hillcoate). Não só eram agitadores de fora, como eram, ainda por cima, estrangeiros, o que de alguma forma era mais assustador ainda. Homenzinhos morenos de bigode, que haviam escrito o próprio nome com sangue e jurado ser leais até a morte, que começavam tumultos colocavam bombas e se esgueiravam no meio da noite e cortavam nossas gargantas enquanto dormíamos (segundo Reenie). Esses eram os métodos deles, desses comunistas impiedosos e organizadores de sindicatos, que no fundo eram igualzinhos (segundo Elwood Murray). Eles queriam o Amor Livre e a destruição da família, a morte por fuzilamento de qualquer um que tivesse dinheiro — qualquer dinheiro — ou um relógio, ou uma aliança de casamento. Era isso o que havia acontecido na Rússia. Pelo menos era o que diziam.

Diziam também que as fábricas de papai estavam com problemas. Os dois boatos — os agitadores estrangeiros e os problemas — eram negados publicamente. Mas acreditava-se nos dois. Papai havia dispensado alguns operários em setembro — alguns dos mais jovens, mais aptos para se defenderem, segundo sua teoria — e havia pedido aos outros para aceitar uma jornada de trabalho menor. Ele havia explicado que não havia demanda suficiente para manter todas as fábricas trabalhando a pleno vapor. Os clientes não estavam comprando botões, ou o tipo de botões fabricado pela Chase

e Filhos, que dependia de grandes volumes para ser rentável. E nem estavam comprando roupas de baixo baratas e práticas: estavam remendando, fazendo durar. Nem todo mundo no país estava desempregado, é claro, mas quem tinha emprego não se sentia muito seguro nele. Por isso estava guardando dinheiro em vez de gastar. Não se podia culpar as pessoas por isso. No lugar delas, nós faríamos o mesmo.

A aritmética tinha entrado em cena, com suas muitas pernas, suas muitas espinhas e cabeças, seus olhos impiedosos feitos de zeros. Dois e dois somavam quatro, era a mensagem. Mas e se você não tivesse dois mais dois? Então a soma não dava certo. E ela não dava certo, eu não conseguia fazer com que desse; eu não podia fazer com que os números vermelhos dos livros de contabilidade ficassem pretos. Isto me afligia horivelmente; era como se a culpa fosse só minha. Quando eu fechava os olhos à noite, podia ver os números no papel diante de mim, escritos em fileiras na minha escrivaninha de mogno na fábrica de botão — aquelas fileiras de números vermelhos como um monte de lagartas mecânicas mastigando o que restou do dinheiro. Quando o preço que se conseguia por uma coisa era menor do que o que se tinha pago para produzi-la — e era isto que estava acontecendo na Chase e Filhos já havia algum tempo —, era assim que os números se comportavam. Era um péssimo comportamento — sem amor, sem justiça, sem piedade —, mas o que se podia esperar? Os números eram apenas números. Não tinham escolha.

Na primeira semana de dezembro, papai anunciou o fechamento. Era temporário, ele disse. Ele torcia para que fosse temporário. Ele falou em recuar e reduzir custos a fim de se reorganizar. Ele pediu compreensão e paciência, e obteve em resposta um silêncio vigilante

por parte dos operários reunidos. Depois do anúncio, ele voltou para Avilion e fechou-se na sua torrinha e bebeu até cair. Coisas foram quebradas lá em cima — objetos de vidro. Garrafas, sem dúvida. Laura e eu ficamos sentadas no meu quarto, na minha cama, de mãos dadas bem apertadas, escutando a demonstração de fúria e desespero lá em cima, bem acima das nossas cabeças, como uma tempestade interior. Havia muito tempo que papai não fazia nada em tão grande escala. Ele deve ter achado que havia fracassado com os seus homens. Que havia errado. Que nada do que fizera fora o suficiente.

— Eu vou rezar por ele — Laura disse.

— Deus se importa? — eu disse. — Acho que Ele não está ligando a mínima, na verdade. Se é que existe um Deus.

— Você não pode saber — Laura disse. — Só depois.

Depois de quê? Eu sabia muito bem, nós já havíamos tido esta conversa antes. *Depois que estivermos mortas.*

Vários dias após o pronunciamento de papai, o sindicato revelou o seu poder. Já havia um grupo filiado, e agora eles queriam que todo mundo participasse. Foi realizada uma assembléia nos portões da fábrica de botão, que estavam trancados, e fez-se um apelo para que todos os trabalhadores se filiassem, porque quando papai reabrisse a fábrica, diziam que ele ia fazer grandes cortes de pessoal e ia querer que todos aceitassem um salário de fome. Ele era igualzinho a todos os outros, ia deixar o dinheiro guardado no banco durante aquele período difícil e ficar de braços cruzados enquanto as pessoas passavam necessidades e se humilhavam; em seguida ia aproveitar a

oportunidade para enriquecer à custa dos trabalhadores. Ele e sua mansão e suas filhas enfeitadas — aqueles parasitas frívolos que viviam do suor das massas.

Dava para ver que aqueles ditos organizadores eram forasteiros, disse Reenie, que estava nos contando tudo isso à mesa da cozinha. (Nós não fazíamos mais nossas refeições na sala de jantar porque papai havia deixado de comer lá. Ele estava trancado na sua torrinha; Reenie levava uma bandeja para ele. Aqueles grosseirões não tinham nenhuma noção de decência, envolvendo os nossos nomes, quando todo mundo sabia que nós não tínhamos nada a ver com isso. Ela disse para não prestarmos atenção, o que era fácil de dizer mas difícil de fazer.

Ainda havia alguns que permaneciam leais a papai. Na assembléia, houve desentendimentos, vozes alteradas, brigas. Manifestações de fúria. Um homem foi chutado na cabeça e levado para o hospital com concussão. Era um dos grevistas — eles estavam chamando a si mesmos de *grevistas* agora —, mas a culpa deste acidente foi atribuída aos próprios grevistas, porque uma vez começada essa espécie de tumulto, quem poderia dizer onde ia acabar? Era melhor não começar. Era melhor manter a boca fechada. Muito melhor.

Callie Fitzsimmons foi ver papai. Ela disse que estava muito preocupada com ele. Estava com medo de ele estar se acabando. *Moralmente*, era o que ela queria dizer. Como ele podia tratar seus operários desta forma arrogante e mesquinha? Papai disse a ela para ser realista. Chamou-a de amiga-da-onça. Disse também *Quem foi que mandou você aqui? Um dos seus amigos comunistas?* Ela disse que tinha ido por vontade própria, por amor, porque, embora sendo

capitalista, ele sempre fora um homem decente, mas agora ela estava vendo que ele tinha se tornado um plutocrata sem coração. Ele replicou que quem estava falido não podia ser um plutocrata. Ela disse que ele podia liquidar o seu ativo. Ele respondeu que o seu ativo não valia mais que a bunda dela, que tanto quanto ele sabia ela dava de graça para quem quer que pedisse. Ela disse que ele não tinha desprezado as ofertas gratuitas. Ele disse que era verdade, mas que os custos indiretos tinham sido altos demais — em primeiro lugar a comida para encher a barriga dos artistas amigos dela; em segundo lugar, o seu sangue e agora a sua alma. Ela o chamou de reacionário burguês. Ele a chamou de oportunista. A essa altura eles já estavam gritando um com o outro. Depois portas foram batidas, um carro saiu cantando pneu e ponto final.

Reenie ficou contente ou triste? Triste. Ela não gostava de Callie, mas havia se acostumado com ela, e Callie havia sido boa para o papai um dia. Quem iria substituí-la? Alguma outra mulher de má fama, e é sempre melhor um demônio conhecido.

Na semana seguinte houve uma convocação para uma greve geral, em solidariedade aos operários da Chase e Filhos. Todas as lojas e escritórios deveriam fechar, segundo o edital. Todos os serviços públicos deveriam ser interrompidos. Os telefones, o correio. Nada de leite, nem de pão, nem de gelo. (Quem estaria escrevendo esses editais? Ninguém achava que fosse o homem que os anunciava de viva voz. Este homem dizia ter nascido na cidade, e pensou-se mesmo que tivesse — ele era um Morton, Morgan, ou algo parecido —, mas sem dúvida estava claro que ele não era da cidade. Não podia ser, para se comportar daquele jeito. Quem era o avô dele, afinal?)

Então não era esse homem. Ele não era o cérebro por trás daquilo, Reenie disse, porque ele não tinha cérebro, para começar. Forças sinistras estavam em ação.

Laura estava preocupada com Alex Thomas. Ele estava metido em alguma coisa, ela disse. Ela tinha certeza. Não podia deixar de estar, considerando suas idéias.

No início da tarde daquele mesmo dia Richard Griffen chegou em Avilion de carro, acompanhado por mais dois carros. Eram carros grandes e elegantes. Havia cinco homens ao todo, quatro deles bem grandes, usando sobretudos escuros e chapéus cinzentos. Richard Griffen e um dos homens entraram no escritório de papai, junto com papai.

Dois outros postaram-se nas portas da casa, a da frente e a dos fundos, e dois saíram num dos carros luxuosos. Laura e eu observamos o vaivém de automóveis da janela do quarto de Laura. Tinham dito para ficarmos longe, o que queria dizer que não era para ficarmos escutando. Quando perguntamos a Reenie o que estava acontecendo, ela pareceu preocupada, e disse que sabia tanto quanto nós, mas que estava de ouvidos ligados.

Richard Griffen não ficou para jantar. Quando ele partiu, dois dos carros foram embora com ele. O terceiro ficou para trás, e três dos homens grandes ficaram também. Eles se instalaram discretamente nos antigos aposentos de motorista, em cima da garagem.

Reenie disse que eles eram detetives. Só podiam ser. Era por isso que estavam sempre vestindo sobretudos: eles escondiam as armas que carregavam debaixo do braço. As armas eram revólveres. Ela

sabia disso pelas revistas. Ela disse que eles estavam ali para nos proteger, e que se vissemos algum estranho se esgueirando à noite pelo jardim — fora os três homens, é, claro — devíamos gritar.

No dia seguinte, houve distúrbios nas ruas principais da cidade. Muitos homens presentes nunca tinham sido vistos antes, ou se foram vistos ninguém lembrava. Quem ia se lembrar de um vagabundo? Mas alguns deles não eram vagabundos, eram agitadores internacionais disfarçados. Tinham estado o tempo todo espionando. Como tinham chegado aqui tão depressa? No teto dos trens, pelo que diziam. Era assim que homens como eles costumavam viajar.

Os distúrbios começaram com um comício diante da prefeitura. Primeiro houve discursos onde foram mencionados capangas e criminosos contratados pela companhia; depois, a figura de papai, recortada em papelão, usando uma cartola e fumando um charuto — o que ele nunca fez — foi queimada debaixo de gritos e aplausos. Duas bonecas de trapo, usando vestidos cor-de-rosa de babados, foram mergulhadas em querosene e atiradas nas chamas também. Elas representavam Laura e eu, Reenie disse. Fizeram piadas dizendo que eram bonequinhas ardentes. (Os passeios de Laura com Alex pela cidade não tinham passado despercebidos.) Ron Hincks é quem tinha dito isso a ela, achando que ela devia saber, Reenie disse. Ele disse que nós duas não devíamos andar pela cidade naquele momento porque os ânimos estavam exaltados e ninguém sabia o que podia acontecer. Ele disse que nós devíamos ficar em Avilion, onde estaríamos seguras. E que aquela história das bonecas era uma vergonha, que ele ia pôr as mãos em quem havia inventado aquilo.

As lojas e escritórios que se recusaram a fechar tiveram as

vitruines quebradas na rua principal. Mas as que tinham fechado também tiveram as vitruinas quebradas. Depois disso, vieram os saques, e a situação ficou fora de controle. O jornal foi invadido e os escritórios destruídos. Elwood Murray foi dominado e as máquinas da gráfica que funcionava nos fundos do escritório, destruídas. O quarto escuro escapou, mas sua câmara não. Foi um momento de aflição para ele, e ouvimo-lo contar repetidas vezes a história depois.

Naquela noite, a fábrica de botão pegou fogo. As chamas saíam pelas janelas do andar térreo: eu não podia vê-las do meu quarto, mas o carro de bombeiros passou com a sirene ligada, a caminho do incêndio. Eu fiquei triste e assustada, é claro, mas tenho de admitir que havia algo de excitante também naquilo. Enquanto eu escutava a sirene e os gritos vindos da mesma direção, ouvi alguém subindo pela escada dos fundos. Achei que fosse Reenie, mas não era. Era Laura; ela estava usando o seu casaco de sair.

— Onde você esteve? — eu perguntei. — Nós temos ordem para ficar em casa. Papai já tem problemas suficientes sem você andando solta por aí.

— Eu só estava na estufa — ela disse. — Eu estava rezando. Precisava de um lugar tranqüilo.

Conseguiram debelar o incêndio, mas o prédio foi muito afetado. Este foi o primeiro relatório. Depois a sra. Hillcoate chegou, sem fôlego e trazendo a roupa lavada, e os seguranças deixaram-na passar. Incêndio criminoso, ela disse: encontraram os latões de gasolina. O vigia noturno estava morto no chão. Levara uma pancada na cabeça.

Dois homens tinham sido vistos fugindo de lá. Se tinham sido

identificados? Não, mas corria o boato de que um deles era o namorado da srta. Laura. Reenie disse que ele não era namorado dela, que Laura não tinha namorado, que ele era apenas um conhecido. Bem, namorado ou não, disse a srta. Hillcoate, era bem provável que ele tivesse atado fogo à fábrica de botão e amassado a cabeça do pobre Al Davidson, deixando-o morto como um rato, e era melhor que ele sumisse da cidade se tivesse juízo.

No jantar, Laura disse que não estava com fome. Disse que não podia comer naquela hora: que ia preparar um prato para comer depois. Eu a vi carregando a bandeja para o quarto pela escada dos fundos. Tinha porção dupla de tudo — coelho, abóbora, batata. Normalmente ela só beliscava — comer era algo para distrair suas mãos enquanto os outros conversavam, ou então uma obrigação que tivesse de cumprir, como limpar as pratas. Uma espécie de rotina entediante. Eu imaginei quando ela teria desenvolvido aquele súbito entusiasmo por comida.

No dia seguinte, tropas do Regimento Real Canadense chegaram para restaurar a ordem. Tratava-se do velho regimento do papai, do tempo da guerra. Ele ficou muito abalado ao ver aqueles soldados se voltarem contra seu próprio povo — o pessoal dele, ou que ele tinha achado que era dele. Que eles não compartilhavam mais da opinião que papai tinha deles não era preciso ser nenhum gênio para perceber, mas ele ficou abalado mesmo assim. Será que tinham gostado dele apenas por causa do dinheiro?

Aparentemente sim.

Depois que o Regimento Real Canadense tinha restabelecido a ordem, a polícia montada chegou. Três deles apareceram na nossa

porta. Eles bateram educadamente, depois ficaram no *hall*, com suas botas bem engraxadas rangendo no assoalho encerado, segurando seus duros chapéus marrons. Eles queriam falar com Laura.

— Venha comigo, por favor, Iris — Laura murmurou quando foi chamada. — Eu não posso ficar sozinha com eles. — Ela pareceu muito branca, muito jovem.

Nós duas nos sentamos no sofá da sala de estar, ao lado do velho gramofone. Os policiais sentaram-se em cadeiras. Eles não correspondiam à idéia que eu fazia da polícia montada, pois eram muito velhos, muito barrigudos. Um deles era mais moço, mas não era o chefe. O do meio é que se encarregou da conversa. Ele se desculpou por estar nos perturbando numa hora tão difícil, mas que o assunto era urgente. Eles queriam conversar sobre o sr. Alex Thomas. Laura estava ciente de que este homem era um subversivo e um radical conhecido, e que tinha estado nos campos de trabalho, causando agitação e provocando problemas?

Laura disse que até onde sabia ele tinha estado apenas ensinando os homens a ler.

Essa era uma maneira de ver as coisas, o policial disse. E se ele era inocente, então, naturalmente, não tinha nada a esconder, e se apresentaria se fosse chamado, ela não concordava? Por onde ele andava ultimamente?

Laura disse que não sabia.

A pergunta foi repetida de outra forma. Este homem estava sob suspeita: Laura não queria ajudar a localizar o criminoso que poderia ter posto fogo na fábrica do seu pai e que poderia ter sido o causador da morte de um empregado de confiança? Se é que se podia confiar

nas testemunhas oculares do fato, bem entendido.

Eu disse que não se podia confiar nas testemunhas pois estava muito escuro e as pessoas foram vistas de longe.

— Srta. Laura? — O policial disse, ignorando-me.

Laura disse que mesmo que soubesse não diria. Ela disse que uma pessoa era inocente até prova em contrário. Além disso, era contra os seus princípios cristãos atirar um homem aos leões. Ela disse que sentia muito pelo vigia morto, mas que a culpa não era de Alex Thomas, porque Alex Thomas jamais teria feito uma coisa dessas. Mas ela não podia dizer mais nada.

Ela estava apoiada no meu braço, perto do punho; eu podia sentir os tremores que vinham dela, como um trilho de trem vibrando.

O chefe dos policiais disse algo sobre obstrução de justiça.

Nesse momento eu disse que Laura só tinha quinze anos e que não podia ser responsabilizada como se fosse um adulto. Disse que o que ela tinha dito a eles era confidencial, evidentemente, e que se saísse daquela sala — chegasse aos jornais, por exemplo — papai saberia a quem responsabilizar.

Os policiais sorriram, levantaram-se e saíram; foram educados e procuraram contemporizar. Eles podem ter reconhecido a impropriedade daquela linha de investigação.

Embora encrencado, papai ainda tinha amigos.

— Está bem — eu disse a Laura, depois que eles saíram. — Eu sei que você o escondeu aqui em casa. É melhor me dizer onde.

— Eu o coloquei na despensa do porão — Laura disse, com o lábio inferior tremendo.

— Na despensa do porão! Que lugar idiota! Por que lá?

— Para que, numa emergência, ele tivesse o que comer — Laura disse, rompendo em lágrimas. Eu a abracei e encostei seu rosto em meu ombro.

— Tivesse o que comer? Geléia e picles? Realmente, Laura, você é qualquer coisa. — Aí nós duas começamos a rir, e depois de termos rido bastante e de Laura ter enxugado os olhos, eu disse: — Vamos ter de tirá-lo de lá. E se Reenie for lá embaixo para pegar um pote de geléia ou qualquer outra coisa e der de cara com ele? Ela vai ter um enfarte!

Nós tornamos a cair na gargalhada. Estávamos muito nervosas. Então eu disse que o sótão seria um lugar melhor, porque ninguém nunca ia lá em cima. Ela podia deixar comigo que eu ia providenciar tudo. Era melhor ela ir para a cama: era óbvio que ela estava estressada e totalmente exausta. Ela suspirou um pouco, como uma criança cansada, e fez o que eu tinha sugerido. Ela estava vivendo sob grande tensão, carregando aquele enorme peso, e agora que o havia transferido para mim, estava livre para dormir.

Será que eu estava achando que fazia isso apenas para poupá-la — para ajudá-la, para tomar conta dela, como eu sempre fizera?

Sim. Era isso que eu achava.

Eu esperei Reenie terminar de arrumar a cozinha e se recolher. Então descí as escadas do porão, e entrei no frio, na escuridão, na

umidade com cheiro de aranha. Passei pela porta do depósito de carvão, pela porta trancada da adega. A porta da despensa estava fechada com a tranca. Eu bati, abri a tranca e entrei. Houve um ruído de passos rápidos. Estava escuro, é claro; só havia a luz que vinha do corredor. Sobre o barril de maçãs estavam os restos do jantar de Laura — ossos de coelho. Parecia algum altar primitivo.

A princípio eu não o vi; ele estava atrás do barril de maçãs. Depois eu vi a sua silhueta. Um joelho, um pé. — Está tudo bem — eu cochichei. — Sou eu.

— Ah — ele disse com sua voz normal. — A irmã dedicada.

— Shh — eu disse. O interruptor de luz era uma corrente pendurada na lâmpada. Eu a puxei e a luz acendeu. Alex Thomas estava tentando sair de trás do barril. Ele se agachou, piscando os olhos, embaraçado, como um homem apanhado com as calças na mão.

— Você devia se envergonhar — eu disse.

— Você veio para me expulsar daqui ou para me entregar às autoridades, eu suponho — ele disse com um sorriso.

— Não seja bobo — eu disse. — Eu não ia querer que você fosse descoberto aqui. Papai não suportaria o escândalo.

— Filha de capitalista ajuda assassino comunista? — ele disse. — Revelado ninho de amor entre potes de geléia? Esse tipo de escândalo?

Eu fiz uma cara feia para ele. Isso não era assunto para se brincar.

— Fique tranqüila. Laura e eu não estamos fazendo nada de mais

— ele disse. — Ela é uma garota formidável, mas está treinando para ser santa, e eu não sou nenhum papa-anjo. — Ele já tinha ficado em pé e estava tirando a poeira da roupa.

— Então por que ela o está escondendo? — eu perguntei.

— Por uma questão de princípios. Uma vez que pedi, ela foi obrigada a atender. Eu pertencço à categoria certa para ela.

— Que categoria?

— A dos mais necessitados, eu acho — ele disse. — Para citar Jesus. — Eu achei isso muito cínico da parte dele. Então ele disse que o encontro com Laura tinha sido por acaso. Ele topara com ela na estufa. O que ele estava fazendo lá? Se escondendo, é claro. Ele também tinha a esperança de poder falar comigo.

— Comigo? Mas por que comigo?

— Eu achei que *you* saberia o que fazer. Você parece ser do tipo prático. A sua irmã é menos...

— Laura parece ter se saído bastante bem — eu disse secamente. Eu não gostava quando outras pessoas criticavam Laura; sua distração, sua simplicidade, sua ineficácia. Só eu tinha o direito de criticá-la. — Como foi que você passou por aqueles homens que estavam vigiando as portas? Aqueles de sobretudo.

— Todo homem que usa sobretudo tem de arranjar um tempinho para mijar — ele disse.

Eu fiquei chocada com a vulgaridade dele — não combinava com a educação que ele havia demonstrado no jantar do Dia do Trabalho —, mas talvez fosse uma amostra do sarcasmo decorrente da orfandade que Reenie havia anunciado. Eu decidi ignorá-lo.

— Imagino que você não tenha provocado o incêndio — eu disse. Eu quis ser sarcástica, mas não fui interpretada dessa maneira.

— Eu não sou tão burro assim — ele disse. — Eu não provocaria um incêndio sem razão.

— Todo mundo acha que foi você.

— Mas não fui — ele disse. — Só que seria muito conveniente para certas pessoas achar que fui eu.

— Que certas pessoas são essas? Por quê? — Eu não o estava pressionando desta vez, estava perplexa.

— Use a cabeça — ele disse. E se recusou a dizer mais alguma coisa.

O sótão

Eu apanhei uma vela na cozinha, sempre à mão para o caso de cortes de energia, e acendi-a; depois tirei Alex Thomas do porão, atravessando a cozinha e subindo a escada dos fundos, em seguida a escada mais estreita que ia dar no sótão, onde o instalei atrás de três baús vazios. Havia umas colchas velhas guardadas numa cômoda de cedro e eu as usei para servirem de colchão.

— Ninguém vai vir aqui — eu disse. — Mas se vier, você se esconde debaixo das colchas. Não vá ficar andando aqui, porque podem ouvir seus passos. E não acenda a luz. (Havia uma única lâmpada com uma corrente de puxar no sótão, igual à do porão.) De manhã traremos alguma coisa para você comer eu acrescentei, sem saber como poderia cumprir esta promessa.

Eu desci e depois voltei com um urinol, que coloquei no chão sem dizer nada. Aquele era um detalhe que sempre me afligira nas histórias que Reenie contava sobre seqüestros — e quanto ao banheiro? Uma coisa é ficar trancada numa cripta, outra é ser obrigada a evacuar num canto com a saia levantada. Alex Thomas balançou a cabeça e disse: — Bem pensado. Você é uma boa cúmplice. Eu sabia que você era prática.

De manhã, Laura e eu confabulamos baixinho no quarto dela. Os assuntos discutidos foram o fornecimento de comida e bebida, a necessidade de ficarmos atentas, e o esvaziamento do urinol. Uma de nós — fingindo estar lendo — ia ficar vigiando no meu quarto, com a porta aberta: nós podíamos ver a porta que dava para a escada do

sótão de lá. A outra iria apanhá-lo e esvaziá-lo. Nós concordamos em nos revezar nesta tarefa. O grande obstáculo ia ser Reenie, que com certeza ficaria desconfiada se nos visse agindo de forma suspeita.

Nós não havíamos feito nenhum plano para o caso de sermos apanhadas. Nunca chegamos a planejar isso. Foi tudo na base da improvisação.

O primeiro café da manhã de Alex Thomas foram as cascas das nossas torradas. Via de regra, nós só comíamos nossas cascas quase obrigadas Reenie ainda tinha o hábito de dizer *Lembrem-se dos armênios famintos* —, mas desta vez, quando Reenie olhou, as cascas tinham sumido. Elas estavam no bolso da saia azul-marinho de Laura.

— Alex Thomas deve ser um armênio faminto — eu cochichei enquanto subíamos as escadas correndo. Mas Laura não achou graça. Ela achou que era certíssimo.

Manhãs e noites eram os nossos horários de visita. Nós atacávamos a copa, apanhávamos todas as sobras de comida. Contrabandeávamos lá para cima cenouras cruas, fatias de bacon, ovos cozidos comidos pela metade, fatias de pão dobradas ao meio com manteiga e geléia dentro. Uma vez levamos uma coxa de galinha — um golpe ousado.

Também levávamos copos d'água, xícaras de leite, café frio. Nós escondíamos os pratos vazios debaixo da cama até o caminho ficar livre, depois os lavávamos na pia do nosso banheiro antes de guardá-los no armário da cozinha. (Era eu quem fazia isto, Laura era muito estabanada.) Nós não usávamos a louça mais fina. E se quebrasse alguma coisa? Até mesmo um prato do dia-a-dia poderia ser notado:

Reenie tomava conta. Então nós tínhamos muito cuidado com a louça.

Será que Reenie desconfiava de nós? Imagino que sim. Normalmente ela sabia quando estávamos aprontando alguma coisa. Mas ela também sabia quando era mais aconselhável não saber exatamente que coisa era essa. Imagino que estivesse se preparando para dizer que não sabia de nada, caso fôssemos apanhadas. Ela nos disse, uma vez, para não roubarmos as uvas; disse que estávamos parecendo poços sem fundo, e como foi que ficamos tão gulosas de repente? E ficou zangada por causa do desaparecimento de um quarto de torta de abóbora. Laura disse que tinha comido a torta; que tinha tido um ataque repentino de fome, — com casca e tudo? — Reenie disse, rispidamente. Laura nunca comia as crostas das tortas de Reenie. Ninguém comia. Nem Alex Thomas.

— Eu dei para os passarinhos — Laura disse. Era verdade: ela tinha feito isso, depois.

A princípio, Alex Thomas ficou agradecido com os nossos esforços. Ele disse que éramos ótimas cúmplices e que sem nós estaria frito. Depois ele quis cigarros — estava morrendo de vontade de fumar. Nós levamos para ele alguns da caixa de prata de cima do piano, mas avisamos para ele só fumar um por dia — alguém podia sentir cheiro de fumaça. (Ele ignorou esta limitação.)

Depois ele disse que a pior coisa do sótão era ele não poder se limpar. Ele disse que sua boca parecia um esgoto. Nós roubamos a escova de dentes velha que Reenie usava para limpar prata e a lavamos o melhor que pudemos; ele disse que era melhor do que nada. Um dia, nós levamos para ele uma bacia e uma toalha, e uma

jarra de água quente. Depois, ele esperou até que não houvesse ninguém embaixo e despejou a água suja pela janela do sótão. Havia chovido, por isso o chão estava mesmo molhado e não dava para notar a poça. Um pouco mais tarde, quando o caminho pareceu estar livre, nós o deixamos descer e o trancamos no banheiro que nós duas dividíamos para que ele pudesse tomar um banho decente. (Tínhamos dito a Reenie que iríamos ajudá-la encarregando-nos da limpeza desse banheiro, e o comentário dela foi: *Milagres acontecem.*)

Enquanto Alex Thomas tomava banho, Laura sentou-se no seu quarto, eu no meu, cada uma tomando conta de uma das portas do banheiro. Eu tentei não pensar no que estava ocorrendo lá dentro. A imagem dele sem roupa era muito penosa para mim, de um modo que não dava para explicar.

Alex Thomas era tema de editoriais não apenas no nosso jornal. Diziam que ele era um incendiário e um assassino da pior espécie — que matava a sangue-frio por fanatismo. Ele tinha vindo para Port Ticonderoga para se infiltrar entre os operários e para semear a discórdia, no que havia sido bem sucedido, conforme provavam as greves e os tumultos. Ele era o exemplo dos malefícios de uma educação universitária — um rapaz inteligente, inteligente demais para o seu próprio bem, cuja conduta havia sido desviada pelas más companhias e leituras ainda piores. Seu pai adotivo, um pastor presbiteriano, teria dito que orava toda noite pela alma de Alex, mas que esta era uma geração de víboras. O fato de ele ter resgatado Alex quando ele era criança dos horrores da guerra não foi ignorado: Alex era um tição resgatado do fogo, ele disse, mas era sempre um risco abrigar um estranho em seu lar. A implicação era que o melhor seria

deixar que esses tições queimassem.

Além de tudo isso, a polícia tinha feito um cartaz de Procurado com a foto de Alex, e o havia pregado no correio e em outros locais públicos. Felizmente, não era uma foto muito clara: Alex estava com a mão na frente, ocultando parcialmente o seu rosto. Era a foto do jornal, aquela que Elwood Murray havia tirado de nós três, no piquenique da fábrica de botão. (Laura e eu havíamos sido cortadas, é claro.) Elwood Murray tinha dito que poderia ter feito uma reprodução melhor a partir do negativo, mas que, ao procurar, o negativo havia desaparecido. Bem, isso não era nenhuma surpresa: diversas coisas haviam sido destruídas quando a redação do jornal foi invadida.

Nós levamos os recortes de jornal para Alex, bem como um dos cartazes de Procurado — Laura o havia arrancado de um poste telefônico. Ele leu as notícias a respeito de si mesmo com desalento e tristeza.

— Eles querem a minha cabeça numa bandeja — foi o que ele disse.

Após alguns dias, ele perguntou se poderíamos arranjar um papel para ele escrever. Nós tínhamos um monte de cadernos sobrando do tempo do sr. Erskine, e os levamos para ele, além de um lápis.

— O que você acha que ele está escrevendo? — Laura perguntou. Nós não conseguimos decidir. O diário de um prisioneiro, a sua própria defesa? Talvez uma carta, para alguém que poderia salvá-lo. Mas ele não nos pediu para colocar nada no correio, então não pode ter sido uma carta.

Cuidar de Alex Thomas fez com que eu e Laura nos tornássemos mais unidas do que estivéramos nos últimos tempos. Ele era o nosso segredo cheio de culpa, e também o nosso projeto virtuoso — um projeto que podíamos finalmente compartilhar. Nós éramos duas boas samaritanas, tirando da sarjeta o homem caído no meio de ladrões. Nós éramos Maria e Marta, cuidando de — bem, não de Jesus, nem Laura ia tão longe, mas era óbvio o papel que ela havia atribuído a cada uma de nós. Eu era Marta, ocupada com as tarefas da casa; ela era Maria, depositando a sua afeição pura nos pés de Alex. (O que será que um homem prefere, ovos com bacon ou adoração? Às vezes um, às vezes outro, dependendo da sua fome.)

Laura carregava as sobras de comida pelas escadas do sótão como se fossem oferendas do templo. Ela descia com o urinol como se ele fosse um relicário, ou uma vela preciosa quase se apagando.

À noite, depois que Alex tinha sido alimentado e lavado, nós conversávamos sobre ele — como ele tinha passado aquele dia, se estava muito magro, se tinha tossido —, não queríamos que ele ficasse doente. O que ele poderia precisar, o que nós íamos tentar roubar para ele no dia seguinte. Depois íamos para as nossas respectivas camas. Eu não sei quanto a Laura, mas eu o imaginava ali no sótão, bem em cima de mim. Ele também devia estar tentando dormir, debatendo-se na cama feita de colchas mofadas. Depois ele estaria dormindo. Depois ele estaria sonhando, longos sonhos de guerra e fogo, de cidades sendo destruídas, seus detritos espalhados por toda a parte.

Eu não sei em que ponto esses sonhos dele se transformaram em sonhos de perseguição e fuga; não sei em que ponto eu me juntei a ele nesses sonhos, fugindo de mãos dadas com ele, ao anoitecer,

deixando para trás um prédio em chamas, atravessando os campos arados de dezembro, a terra coberta de restolho onde a geada estava começando a se instalar, na direção dos bosques ao longe.

Mas este não era o sonho dele, eu sabia disso. Era o meu próprio. Era Avilion que estava em chamas, seus destroços sendo espalhados pelo terreno — a louça boa, a travessa de Sèvres com pétalas de rosas, a cigarreira de prata de cima do piano. O próprio piano, as janelas de vitrais da sala de jantar — a taça vermelho-sangue, a harpa rachada de Isolda —, tudo o que eu queria deixar para trás, é verdade, mas não recorrendo à destruição. Eu queria sair de casa, mas queria que ela permanecesse onde estava, imutável, para que eu pudesse retornar quando quisesse.

Um dia — em que Laura tinha saído, o que não era mais perigoso para ela pois os homens de sobretudo haviam partido e a polícia montada também, as ruas estavam tranqüilas de novo — eu resolvi fazer uma excursão desacompanhada ao sótão. Eu tinha uma oferenda para fazer — um punhado de passas e figos secos, roubados dos ingredientes do pudim de Natal. Eu fiz um reconhecimento — Reenie estava na cozinha, ocupada com a sra. Hillcoate — e depois fui até a porta do sótão e bati. Nós tínhamos um código especial de batida, uma batida seguida de mais três em rápida sucessão. Em seguida eu subi a escada estreita do sótão na ponta dos pés.

Alex Thomas estava agachado ao lado da pequena janela oval, tentando aproveitar o que restava da luz do dia. Evidentemente, ele não tinha me ouvido bater: ele estava de costas para mim, com uma das colchas nos ombros. Ele parecia estar escrevendo. Eu senti cheiro

de fumaça de cigarro — sim, ele estava fumando, eu vi a mão dele segurando um cigarro. Eu achei que ele não deveria estar segurando um cigarro tão próximo de uma colcha.

Eu não sabia como anunciar a minha presença. — Estou aqui — eu disse.

Ele deu um pulo e deixou o cigarro cair. Ele caiu em cima da colcha. Eu me assustei e caí de joelhos para apagá-lo — tive uma visão, já familiar, de Avilion em chamas.

— Está tudo bem — ele disse. Ele também estava ajoelhado, nós dois procurando alguma brasa acesa. Então, quando vi, estávamos os dois no chão, e ele me agarrou e me beijou na boca.

Eu não esperava por isto.

Esperava? Foi assim tão repentino ou tinha havido algum aviso preliminar: um toque, um olhar? Eu fiz alguma coisa para provocá-lo? Nada que eu possa me lembrar, mas será que o que eu me lembro foi o que realmente aconteceu?

Mas agora é: eu sou a única sobrevivente.

Em todo caso, foi exatamente como Reenie havia dito, sobre os homens nos cinemas, só que o que eu senti não foi afronta. Mas o resto foi igual: eu fiquei paralisada, não consegui me mexer, não reagi. Meus ossos pareciam cera derretida. Ele desabotoou quase todos os botões da minha blusa antes que eu conseguisse me soltar e fugir.

Eu fiz isso sem dizer uma palavra. Enquanto descia correndo a escada do sótão, endireitando o cabelo, pondo a blusa para dentro da saia, tive a impressão de que ele estava rindo de mim por trás das

minhas costas.

Eu não sabia exatamente o que poderia acontecer se deixasse que algo semelhante tornasse a ocorrer, mas sabia que seria algo perigoso, pelo menos para mim. Eu estaria pedindo por isto, eu estaria merecendo isto, eu seria um acidente esperando para acontecer. Eu não podia me arriscar a ficar sozinha no sótão com Alex outra vez, e nem podia dizer a Laura as razões disso. Seria muito doloroso para ela: ela jamais poderia entender. (Havia uma outra possibilidade — ele poderia estar fazendo algo semelhante com Laura. Não, eu não podia acreditar nisso. Ela nunca teria deixado. Ou teria?)

— Nós temos de tirá-lo da cidade — eu disse a Laura. — Não podemos continuar deste jeito. Vão acabar percebendo.

— Ainda não — Laura disse. — Os trens ainda estão sendo vigiados. — Ela tinha condições de saber disto porque ainda estava trabalhando com a sopa da igreja.

Alex Thomas disse que não queria ficar confinado pela neve. Que um inverno no sótão o deixaria doido. Não agüentava mais ficar ali parado. Disse que ia caminhar uns três quilômetros ao longo dos trilhos e então pular dentro de um vagão de carga — tinha um morro alto ali perto que tornava isso mais fácil.

Ele disse que se conseguisse alcançar Toronto poderia esconder-se — ele tinha amigos lá, que por sua vez também tinham amigos. Depois ele iria para os Estados Unidos, de um jeito ou de outro, onde estaria mais seguro. Pelo que ele leu nos jornais, as autoridades suspeitavam que ele já pudesse estar lá. E com certeza não estavam

mais procurando por ele em Port Ticonderoga.

Na primeira semana de janeiro, nós decidimos que já era suficientemente seguro para ele partir. Nós surrupiamos um paletó velho do papai, que estava no fundo do guarda-roupa, para ele usar, e preparamos um lanche pão com queijo e uma maçã — e o mandamos embora. (Depois papai deu falta do paletó e Laura disse que o tinha dado para um vagabundo, o que em parte era verdade. Como isto era típico dela, ele não levantou nenhuma dúvida a respeito, apenas reclamou.)

Na noite de sua partida, nós fizemos Alex sair pela porta dos fundos. Ele disse que devia um bocado a nós; disse que não ia se esquecer disso. Deu um abraço em cada uma, um abraço fraternal, de igual duração para as duas. Era óbvio que ele queria se ver livre de nós. Apesar de já estar de noite, a impressão que dava era que ele estava indo embora para a escola. Depois nós choramos, como mães. E também de alívio — por ele ter partido, por estarmos livres dele —, mas isso também se aplica a mães.

Ele deixou para trás um dos cadernos de exercícios que havíamos dado a ele. É claro que o abrimos imediatamente para ver se ele havia escrito alguma coisa nele.

O que será que nós estávamos esperando? Um bilhete de despedida expressando gratidão eterna? Elogios a nosso respeito? Algo desse tipo. O que encontramos foi o seguinte:

anchoryne nacrod

berel onyxor

carchineal porphyrial

diamite quartzephyr
ebonort rhint
fulgor sapphyrion
glutz tristok
hortz ulinth
iridis vorver
jocynth wotanite
kalkil xenor
lazaris yorula
malachont zicron

— Pedras preciosas? — Laura disse.

— Não. Não parece ser — eu disse.

— Será uma língua estrangeira?

Eu não sabia. Achei que aquela lista parecia ser algum tipo de código. Talvez Alex Thomas fosse (afinal) o que as outras pessoas o acusavam de ser: uma espécie de espião.

— Acho que devemos nos livrar disto — eu disse.

— Deixa comigo — Laura disse depressa. — vou queimar o caderno na minha lareira. — Ela o dobrou e o guardou no bolso.

Uma semana depois da partida de Alex Thomas, Laura veio até o meu quarto. — Acho que você deve ficar com isto — ela disse.

Era uma cópia da foto de nós três, a que Elwood Murray havia

tirado no piquenique. Mas ela tinha cortado a si mesma da foto — só a mão dela permanecia. Ela não teria podido desfazer-se da mão sem fazer um dente na borda. Ela não havia colorido o retrato, exceto a mão decepada. Esta ela havia colorido de um amarelo bem clarinho.

— Pelo amor de Deus, Laura! Onde foi que você conseguiu isto?

— Eu fiz algumas cópias — ela disse. — Quando eu estava trabalhando com o Elwood Murray. Eu tenho o negativo também.

Eu não sabia se ficava zangada ou assustada. Cortar a foto daquele jeito foi uma atitude muito estranha. A visão da mão amarela de Laura, esgueirando-se na direção de Alex pela grama como um caranguejo incandescente causou-me um arrepio. — Mas por que foi que você fez isso?

— Porque é isso que você quer lembrar — ela disse. Foi tanta audácia da parte dela dizer aquilo que eu fiquei sem fala. Ela me lançou um olhar direto, que em qualquer outra pessoa teria sido um desafio. Mas se tratava de Laura: seu tom não era nem zangado nem ciumento. Até onde ela sabia, ela estava apenas constatando um fato.

— Está tudo bem — ela disse. — Eu tenho outro para mim.

— E eu não estou no seu?

— Não — ela disse. — Você não está. Só está a sua mão. — Isto foi o mais perto que ela chegou, que eu ouvisse, de uma confissão de amor por Alex Thomas. Isto é, exceto pela véspera da sua morte. Não que ela tenha usado a palavra *amor*, mesmo então.

Eu devia ter jogado fora essa foto mutilada, mas não joguei.

As coisas voltaram ao seu ritmo monótono de sempre. Por um

acordo tácito, Laura e eu nunca mais mencionamos o nome de Alex Thomas. Havia coisa demais que poderia ser dita, de ambos os lados. A princípio, eu costumava subir até o sótão — ainda se podia sentir um leve cheiro de fumaça lá —, mas parei de fazer isso logo, uma vez que não adiantava nada.

Nós tornamos a nos ocupar do dia-a-dia, até onde isto foi possível. Havia um pouco mais de dinheiro agora, porque papai ia receber o seguro afinal, por causa do incêndio da fábrica. Não era suficiente, mas, segundo papai, nós tínhamos ganho uma pausa para respirar.

O Salão Imperial

A estação está mudando, a Terra se afasta um pouco mais da luz; sob os arbustos na beira das estradas, o lixo de papel do verão flutua como um prenuncio de neve. O ar está ficando seco, preparando-nos para o Saara do inverno com aquecimento central. As pontas dos meus dedos já estão rachando, meu rosto está ficando ainda mais enrugado. Se eu pudesse ver a minha pele no espelho — se eu pudesse chegar perto o bastante, ou longe o bastante —, ela estaria toda entrecruzada de pequenas linhas, nos espaços entre as rugas principais, como um entalhe.

Na noite passada, eu sonhei que as minhas pernas estavam cobertas de pêlos. Não uma penugem, mas uma grande quantidade de pêlos — pêlos escuros surgindo em tufos e se espalhando pelas minhas coxas como os pêlos de um animal. Sonhei que o inverno estava chegando, e que eu ia hibernar. Primeiro eu criaria pêlos, depois me arrastaria para dentro de uma caverna e adormeceria. Tudo parecia muito normal, como se eu já tivesse feito aquilo antes. Então eu me lembrei, no próprio sonho, que eu nunca tinha sido uma mulher cabeluda e que agora estava totalmente careca, pelo menos minhas pernas estavam; então, embora elas parecessem estar ligadas ao meu corpo, aquelas pernas cabeludas não podiam ser minhas de jeito nenhum. Além disso, elas não possuíam nenhuma sensibilidade. Eram as pernas de alguma outra coisa, ou de outra pessoa. Tudo o que eu tinha a fazer era seguir as pernas, percorrê-las com a mão, para descobrir quem ou o que era.

Eu acordei com o susto, pelo menos achei que sim. Eu sonhei que Richard estava de volta. Pude ouvi-lo respirando ao meu lado na cama. No entanto, não tinha ninguém lá.

Aí eu acordei de verdade. Minhas pernas estavam dormentes: eu estava toda encolhida. Consegui acender o abajur e enxergar o relógio: eram duas horas da manhã. Meu coração estava disparado, como se eu tivesse corrido. Eu pensei, é verdade o que as pessoas costumavam dizer. Um pesadelo pode matar.

Eu me apressei, avançando como um caranguejo ao longo do papel. É uma corrida lenta agora, entre mim e o meu coração, mas eu pretendo chegar lá primeiro. Onde é lá? O fim, ou *Fim*. Um ou outro. Ambos são pontos de chegada, de certo modo.

Janeiro e fevereiro de 1935. Auge do inverno. A neve caía, a respiração ficava mais difícil; as fornalhas queimavam, a fumaça subia, os aquecedores estalavam. Carros saíam das estradas e caíam em valas; seus motoristas, sem conseguir ajuda, mantinham os motores ligados e morriam asfixiados. Mendigos mortos eram encontrados em bancos de parques e em armazéns abandonados, rígidos como manequins, como se estivessem posando para um anúncio de pobreza. Cadáveres que não podiam ser enterrados porque seus túmulos não podiam ser cavados no chão duro como aço esperavam chegar a sua vez nas funerárias. Os ratos se davam bem. Mães, junto com seus filhos, sem conseguir encontrar emprego nem pagar o aluguel, eram jogadas na neve, de mala e cuia. Crianças patinavam no reservatório congelado do rio Louveteau, duas atravessaram o gelo, e uma se afogou. Canos ficavam congelados e

estouravam.

Laura e eu passávamos cada vez menos tempo juntas. Na verdade, ela quase não aparecia: estava ajudando como voluntária na Igreja Unida, ou pelo menos dizia que estava.

Reenie avisou que no mês seguinte só iria trabalhar para nós três vezes por semana; ela disse que seus pés a estavam incomodando muito, mas esta foi a desculpa que ela arranjou para ocultar o fato de que nós não tínhamos mais condições financeiras para tê-la em horário integral. Mas eu soube disso imediatamente, estava na cara. Estava na cara do papai, que parecia a manhã seguinte de um desastre de trem. Ultimamente ele passava um bocado de tempo na sua torrinha.

A fábrica de botão estava vazia, o interior queimado e destruído. Não havia dinheiro para consertá-la: a companhia de seguro estava se esquivando, alegando as circunstâncias misteriosas que cercavam o incêndio. Corria o boato de que as coisas não eram exatamente como pareciam: algumas pessoas chegaram a insinuar que papai mesmo é que tinha provocado o incêndio, uma afirmação caluniosa. As outras duas fábricas ainda estavam fechadas; papai estava dando tratos à bola para ver se encontrava alguma forma de reabri-las. Ele estava indo a Toronto cada vez com mais freqüência, a negócios. Às vezes ele me levava com ele e nós ficávamos no Royal York Hotel, considerado o melhor hotel na época. Era onde todos os presidentes de companhias, médicos e advogados mantinham suas amantes e faziam suas farras que duravam até uma semana, mas na época eu não sabia disto.

Quem pagava por esses nossos passeios? Suspeito que fosse

Richard, que estava presente nessas ocasiões. Era com ele que papai estava fazendo negócio: o último que restava de um setor encolhido. O negócio consistia na venda das fábricas e era complicado. Papai havia tentado vendê-las antes, mas naqueles dias ninguém estava comprando, muito menos com as condições que ele havia estipulado. Ele só queria vender uma parte minoritária. Queria conservar o controle. Queria uma injeção de capital. Queria que as fábricas fossem reabertas, para que seus homens tivessem trabalho. Ele os chamava de "seus homens" como se ainda estivessem no Exército e ele ainda fosse o comandante deles. Ele não queria reduzir seus prejuízos e abandoná-los, pois como todo mundo sabe, ou sabia antigamente, um comandante deve afundar com o seu navio. Hoje em dia eles não se importariam com isso. Eles pegariam o dinheiro e se mudariam para a Flórida.

Papai dizia que precisava que eu fosse junto para "tomar notas", mas eu nunca tomei nenhuma. Eu achava que estava ali para que ele não se sentisse sozinho — para dar-lhe apoio moral. Ele, sem dúvida, precisava. Ele estava magro como um palito, e suas mãos tremiam o tempo todo. Era um esforço enorme para ele assinar o próprio nome.

Laura não ia junto nessas viagens. Sua presença não era necessária. Ela ficava para trás, distribuindo os pães velhos e a sopa aguada. Ela própria começou a saltar refeições, como se não se sentisse no direito de comer.

— Jesus comia — Reenie dizia. — Ele comia todo o tipo de coisas. Ele não racionava a comida.

— É — Laura dizia —, mas eu não sou Jesus.

— Bem, graças a Deus ela conseguiu entender isto finalmente —

Reenie resmungou para mim. Ela despejou os dois terços que sobraram do jantar de Laura na panela de sobras, porque seria um pecado desperdiçar tanta comida. Reenie se orgulhava de nunca ter jogado comida fora durante todos aqueles anos.

Papai não tinha mais motorista, e também não se aventurava mais a dirigir. Eu e ele íamos para Toronto de trem, chegando na Union Station, e atravessando a rua para chegar no hotel. Eu tinha de arrumar alguma coisa para fazer durante a tarde, enquanto ele tratava de negócios. No entanto, na maioria das vezes eu ficava sentada no meu quarto, porque tinha medo da cidade e vergonha das minhas roupas deselegantes, que me faziam parecer muito mais moça do que eu era na realidade. Eu ficava lendo revistas: *Ladies' Home Journal*, *Collier's*, *Mayfair*. Geralmente eu lia os contos, que falavam de amor. Eu não tinha nenhum interesse em assados nem em receitas de crochê, embora as dicas de beleza atraíssem minha atenção. Eu também lia os anúncios. Uma cinta de látex com *stretch* reforçado me ajudaria a jogar *bridge* melhor. Embora eu pudesse fumar como uma chaminé, quem se importaria?, porque minha boca teria um hálito puro se eu só fumasse Studs. Um produto chamado Larvex me livraria dos cupins. No Bigwin Inn, no belo lago de Bays, onde cada momento era estimulante, eu poderia fazer exercícios emagrecedores na praia, ao som de música.

Depois de terminados os negócios do dia, nós três — papai, Richard e eu — jantávamos no restaurante. Nessas ocasiões, eu não dizia nada, porque não tinha nada para dizer. Os assuntos eram economia e política, a Depressão, a situação na Europa, os preocupantes avanços feitos pelo comunismo internacional. Richard

era de opinião que Hitler havia consertado a Alemanha do ponto de vista econômico. Ele era mais crítico com relação a Mussolini, que era um amador e um diletante.

Richard tinha sido contactado para fazer um investimento num novo tecido que os italianos estavam desenvolvendo muito em segredo —, feito de proteína de leite aquecida. Mas quando o pano ficava molhado, ele cheirava horrivelmente a queijo e, portanto, as senhoras americanas jamais o aceitariam. Ele ia continuar fiel ao rayon, embora ele enrugassem com a umidade, e manteria o ouvido atento a qualquer novidade promissora. Alguma coisa nova ia surgir, alguma fazenda artificial que tiraria a seda do mercado, e em grande parte também o algodão. O que as senhoras queriam era um produto que não precisasse ser passado a ferro — que pudesse ser pendurado na corda, que secasse sem pregas. Elas também queriam meias que fossem duráveis, mas finas, para poderem exibir as pernas. Não era verdade isso? Ele me perguntou, com um sorriso. Ele tinha o hábito de apelar para mim em assuntos referentes a damas.

Eu concordei com a cabeça. Eu sempre concordava. Eu nunca prestava muita atenção, não só porque aquelas conversas me entediavam, mas também porque me entristeciam.

Doía ver o meu pai concordando com sentimentos que eu sabia que ele não compartilhava.

Richard disse que teria gostado de nos convidar para jantar em sua casa, mas, como era solteiro, seria um jantar muito improvisado. Ele disse que morava num apartamento sem graça; disse que era praticamente um monge. "O que é a vida sem uma esposa?", ele disse, sorrindo. Soou como se fosse uma citação. E eu acho que era

mesmo.

Richard pediu-me em casamento no Salão Imperial do Royal York Hotel. Ele tinha me convidado para almoçar, juntamente com papai; mas então, na última hora, quando estávamos atravessando os corredores do hotel na direção do elevador, papai disse que não ia poder ir. Que eu teria de ir sozinha.

É claro que foi uma combinação entre os dois.

— Richard vai perguntar uma coisa a você — papai disse. O tom de voz dele era de quem estava pedindo desculpas.

— Ah, é? — eu disse. Devia ser algo sobre passar roupa, mas eu não dei muita importância. Para mim, Richard era um homem adulto. Ele tinha trinta e cinco anos, eu tinha dezoito. Ele já tinha passado bastante da fase de ser interessante.

— Acho que ele vai pedir você em casamento — ele disse.

Nós já estávamos chegando no saguão. Eu me sentei. — Ah — eu disse. De repente eu percebi o que já deveria estar óbvio para mim há muito tempo. Eu tive vontade de rir, como se aquilo fosse uma brincadeira. Mas também tive a sensação de que havia um buraco no lugar do meu estômago. No entanto, minha voz permaneceu calma. — O que eu devo fazer?

— Eu já dei o meu consentimento a ele — papai disse. — Então, depende de você. — Então ele acrescentou: — Muita coisa depende disso.

— Muita coisa?

— Eu preciso pensar no futuro de vocês. No caso de me acontecer

alguma coisa. No futuro de Laura, principalmente. — O que ele estava querendo dizer era que, a menos que eu me casasse com Richard, nós não teríamos dinheiro. O que ele estava dizendo também era que nós duas — eu, e principalmente Laura — jamais seríamos capazes de nos sustentar. — Eu também tenho de pensar nas fábricas — ele disse. — Tenho de pensar no negócio. Eu ainda poderia salvá-lo, mas os banqueiros estão atrás de mim. Não vão esperar muito mais tempo. — Ele estava apoiado em sua bengala, olhando para o tapete, e eu vi o quanto ele estava envergonhado. Derrotado. — Não quero que tenha sido tudo em vão. O seu avô, e depois... Cinqüenta, sessenta anos de trabalho duro jogados fora.

— Ah, compreendo. — Eu estava acuada. Era como se não tivesse nenhuma opção para propor.

— Eles tomariam Avilion também. E a venderiam.

— Eles fariam isso?

— Ela está totalmente hipotecada.

— Ah.

— Vai ser preciso uma certa dose de força de vontade. Uma certa dose de coragem. Agüentar firme e assim por diante.

Eu não disse nada.

— Mas é claro que cabe a você tomar uma decisão.

Eu não disse nada.

— Eu não gostaria que você fizesse nada que não quisesse fazer, de jeito nenhum — ele disse, olhando para longe de mim com o olho bom, franzindo um pouco a testa, como se um objeto de grande importância tivesse entrado subitamente no seu campo de visão. Não

havia nada atrás de mim exceto a parede.

Eu não disse nada.

— Bem. Então é isso. — Ele pareceu aliviado. — Ele tem um bocado de bom senso, o Griffen. Acho que no fundo ele é muito firme.

— Acho que sim — eu disse. — Tenho certeza que ele é muito firme.

— Você estaria em boas mãos. E Laura também, é claro.

— É claro — eu disse fracamente —, Laura também.

— Cabeça erguida, então.

Se eu o culpo? Não. Agora não. A visão retrospectiva é sempre perfeita, mas ele estava fazendo apenas o que teria sido considerado — era considerado na época — a única coisa responsável a fazer. Ele estava fazendo o melhor que podia.

Richard juntou-se a nós como se tivesse recebido uma deixa, e os dois homens trocaram um aperto de mãos. A minha mão foi tomada, brevemente apertada. Depois o meu cotovelo. Era assim que os homens conduziam as mulheres naqueles dias — pelo cotovelo —, e então eu fui conduzida pelo cotovelo para dentro do Salão Imperial. Richard disse que preferia o Café Veneziano, que tinha uma atmosfera mais alegre e mais festiva, mas que infelizmente ele estava lotado.

É estranho lembrar-me disto agora, mas o Royal York Hotel era o prédio mais alto de Toronto na época, e o Salão Imperial era o maior salão de restaurante. Richard gostava de tudo o que era

grande. O salão propriamente dito tinha fileiras de colunas quadradas e grandes, um teto marchetado, uma fila de candelabros, cada um com uma borla na ponta: uma opulência solidificada. Ele tinha um ar coriáceo, opressivo, inchado — varicoso de certo modo. *Pórfiro* é a palavra que vem à mente, embora pudesse não haver nenhum lá.

Era meio-dia de um desses dias perturbadores de inverno que são mais claros do que deveriam ser. A luz branca do sol entrava em raios pelas aberturas das pesadas cortinas, que deviam ser marrons, eu acho, e que eram certamente de veludo. Por trás dos cheiros habituais de restaurantes de hotel, de legumes no vapor e peixe morno, havia um cheiro de metal quente e pano queimado. A mesa que Richard havia reservado ficava num canto protegido da claridade abrasiva do dia. Havia um botão de rosa vermelha num vaso; eu encarei Richard por cima dele, curiosa para ver como ele ia conduzir as coisas. Será que seguraria a minha mão, a apertaria, hesitaria, gaguejaria? Eu achava que não.

Eu não desgostava dele totalmente. Eu apenas não gostava dele. Eu tinha poucas opiniões a respeito dele porque nunca pensara muito sobre ele, embora tivesse — de vez em quando — notado a suavidade de suas roupas. Ele às vezes era pretensioso, mas pelo menos não era o que se chamaria de feio, de jeito nenhum. Supus que fosse muito disputado. Eu me senti um pouco tonta. Eu ainda não sabia o que ia fazer.

O garçom chegou. Richard pediu a comida. Então olhou as horas. Depois falou. Eu ouvi pouco do que ele disse. Ele sorriu. Tirou do bolso uma caixinha de veludo, abriu-a.

Lá dentro havia um brilhante pedacinho de luz.

Eu passei aquela noite encolhida e tremendo na cama larga do quarto do hotel. Meus pés estavam gelados, meus joelhos encolhidos, minha cabeça torta no travesseiro; na minha frente, a enorme extensão ártica de lençóis brancos estendia-se até o infinito. Eu sabia que jamais poderia atravessá-la retomar o caminho, voltar para o calor; eu sabia que estava sem rumo; sabia que estava perdida. Eu seria encontrada ali anos depois por alguma intrépida equipe de resgate — caída no chão, com um dos braços estendidos como se estivesse tentando desesperadamente me salvar, com as feições dessecadas, os dedos comidos por lobos.

O que eu estava sentindo era pavor, mas não pavor de Richard propriamente. Era como se a cúpula iluminada do Royal York Hotel tivesse sido arrancada e eu estivesse sendo contemplada por uma presença maligna situada em algum lugar acima da superfície negra e vazia do céu. Era Deus, olhando para baixo com o Seu olho vazio, irônico, de holofote. Ele estava me observando; estava observando a minha aflição; observando o meu fracasso em acreditar n'Ele. Não havia chão no meu quarto: eu estava suspensa no ar, prestes a cair. Minha queda seria interminável — sempre para baixo.

No entanto, esses sentimentos de desespero geralmente não persistem na luz clara da manhã, quando se é jovem.

Arcadian Court

Do lado de fora da janela, no quintal escurecido, há neve. Aquele som de beijo contra o vidro. Ela vai derreter por estarmos ainda em novembro, mas ainda assim é um gostinho antecipado. Não sei por que acho isso tão excitante. Sei o que vem depois: lama, escuridão, gripe, gelo, vento, manchas de sal nas botas. Mas ainda assim há uma sensação de antecipação: você se prepara para o combate. O inverno é algo que se enfrenta na rua e depois derrota recuando para dentro de casa. Mas eu bem queria que esta casa tivesse lareira.

A casa em que eu morava com Richard tinha lareira. Quatro lareiras. Eu me lembro que tinha uma no nosso quarto. Chamas lambendo carne.

Eu desenrolo as mangas do meu suéter, cubro as mãos com os punhos. Como aquelas luvas sem dedos que costumavam usar — quitandeiros, gente assim — para trabalhar no frio. Até agora o outono tem sido quente, mas eu não posso ficar descuidada por causa disto. Tenho de mandar consertar a fornalha. Tirar do armário a camisola de flanela. Estocar algumas latas de feijão, algumas velas, alguns fósforos. Uma tempestade de gelo como a do inverno passado pode bloquear tudo, e aí você fica sem eletricidade, com um banheiro que não funciona, e sem água para beber, exceto a que você consegue derreter.

O jardim só tem folhas mortas e galhos quebrados e uns poucos crisântemos teimosos. O sol está perdendo altitude; escurece cedo agora. Eu escrevo na mesa da cozinha, dentro de casa. Sinto falta do

barulho da cachoeira. Às vezes ouço o vento soprando nos galhos sem folhas, que é parecido mas menos constante.

Uma semana depois do noivado, eu fui despachada para almoçar com a irmã de Richard, Winifred Griffen Prior. O convite havia vindo dela, mas Richard é que me havia despachado, eu achei. Eu posso ter me enganado quanto a isso, porque Winifred mexia um bocado de pauzinhos, e pode ter usado sua influência com Richard nesta ocasião.

É bem provável que tenham sido os dois juntos.

O almoço ia ser no Arcadian Court. Era ali que as senhoras almoçavam, no topo da loja de departamentos Simpsons, na Queen Street — um local amplo e alto, considerado "bizantino" (o que significava que tinha arcos e vasos com palmeiras), decorado em lilás e prata, com cadeiras e luminárias de contornos aerodinâmicos. Havia uma galeria no meio do andar, com balaustrada de ferro batido; ela era só para homens, para homens de negócios. Eles podiam se sentar lá e olhar para as damas embaixo, cobertas de plumas e tagarelando, como se estivessem num aviário.

Eu estava usando a minha melhor roupa de sair pelas manhãs, a única roupa possível que eu tinha para esta ocasião: uma saia pregueada azul-marinho, uma blusa branca com um laço no pescoço, um chapéu azul-marinho de palha, parecendo de barqueiro. Este conjunto me fazia parecer uma colegial ou então uma voluntária do Exército da Salvação. Não vou nem mencionar meus sapatos; até hoje fico desanimada só de me lembrar deles. Eu mantinha o meu anel de noivado escondido nas dobras da minha luva de algodão,

consciente de que, usado com roupas como as minhas, ele devia parecer imitação, ou então roubado.

O *maître* olhou para mim certo de que eu estava no lugar errado, ou pelo menos na porta errada — será que eu estava procurando emprego? Eu parecia realmente maltratada e jovem demais para um almoço de senhoras. Mas então eu dei o nome de Winifred e ficou tudo bem, porque Winifred praticamente morava no Arcadian Court. (*Praticamente morava* foi a expressão que ela usou.)

Pelo menos eu não tive de esperar, bebendo um copo de água gelada sozinha, com todas aquelas mulheres bem-vestidas olhando para mim e imaginando como eu tinha conseguido entrar, porque Winifred já estava lá, sentada numa das mesas claras. Ela era mais alta do que eu me lembrava — *esbelta* ou talvez *esguia*, podia-se dizer, embora em parte por causa da cinta. Usava um conjunto verde — não um verde-pastel, mas um verde berrante, quase escandaloso. (Da cor de chiclete de menta.) Seus sapatos eram de crocodilo, verdes, para combinar. Eles eram lustrosos, flexíveis, parecendo molhados, como nenúfares, e eu pensei comigo mesma que nunca tinha visto sapatos tão diferentes, tão requintados. Seu chapéu era do mesmo tom — um redemoinho de pano verde, equilibrado na cabeça como um bolo venenoso.

Naquele exato momento ela estava fazendo uma coisa que eu havia sido ensinada a não fazer porque era falta de educação: ela estava se olhando no espelho do seu pó-compacto, em público. Pior ainda, estava empoando o nariz. Enquanto eu hesitava, sem querer que ela soubesse que eu a havia apanhado neste ato vulgar, ela fechou o pó-compacto e o guardou na bolsa brilhante de crocodilo verde como se aquilo não fosse nada de mais. Então ela esticou o

pescoço e, lentamente, virou o rosto empoadado e olhou em volta com um olhar branco como um farol. Então ela me viu, e sorriu, e estendeu uma mão lânguida, de boas-vindas. Usava uma pulseira de prata que eu cobicei imediatamente.

— Me chame de Freddie — ela disse depois que eu me sentei. — Todos os meus amigos me chamam assim e eu quero que sejamos grandes amigas. — Era moda mulheres como Winifred preferirem usar diminutivos que davam a impressão de que fossem rapazinhos: Billie, Bobbie, Willie, Charlie. Eu não tinha nenhum apelido, então não pude responder no mesmo tom.

— Ah, esse é o anel? — ela disse. — É uma beleza, não é? Eu ajudei o Richard a escolher, ele gosta que eu faça compras para ele. Fazer compras provoca enxaqueca nos homens, não é? Ele pensou numa esmeralda, mas não existe nada igual a um diamante, não acha?

Enquanto dizia isso, ela me examinava com interesse e com uma certa diversão, para ver como eu ia reagir — a esta redução do meu anel de noivado a uma simples compra. Seus olhos eram inteligentes e estranhamente grandes, com sombra verde nas pálpebras. Suas sobrancelhas formavam, um arco gracioso, dando-lhe aquela expressão de tédio e, ao mesmo tempo, de perplexidade que era cultivada pelas estrelas de cinema da época, embora eu duvide que Winifred se espantasse com alguma coisa. O batom era de um laranja-escuro meio rosado, uma cor que tinha acabado de ser lançada — *camarão* era o nome dela, conforme aprendi nas minhas leituras da tarde. Sua boca tinha a mesma qualidade cinematográfica das sobrancelhas, as duas metades do lábio superior desenhadas como as pontas do arco de Cupido. Sua voz era o que chamavam de

"voz de uísque" — baixa, quase grave, com uma camada áspera, rascante como a língua de um gato —, como veludo feito de couro.

(Ela jogava cartas, como soube mais tarde. *Bridge*, não pôquer — ela teria sido uma boa jogadora de pôquer, boa de blefe, mas era muito arriscado, muito à mercê das apostas; ela gostava de dar lances programados. E também jogava golfe, mas principalmente pelos contatos sociais; ela não era tão boa quanto gostava de aparentar. Tênis era cansativo demais para ela; não gostava de ser vista suando. Ela "velejava", o que significava, para ela, ficar sentada numa almofada, dentro de um barco, com um chapéu na cabeça e um drinque na mão.)

Winifred me perguntou o que eu gostaria de comer. Eu disse que qualquer coisa. Ela me chamou de "querida" e disse que a salada Waldorf era maravilhosa. Eu disse que estava bem.

Eu não via como ia me habituar a chamá-la de *Freddie*: parecia-me familiar demais, até mesmo desrespeitoso. Afinal de contas, ela era uma adulta devia ter trinta anos, ou pelo menos vinte e nove. Ela era cinco ou seis anos mais moça que Richard, mas eles eram amigos. "Richard e eu somos tão amigos", ela me confessou pela primeira vez, mas não pela última. Era uma ameaça, é claro, como grande parte do que ela iria me dizer naquele tom de voz tranqüilo e confiante. Significava não só que tinha direitos adquiridos anteriores aos meus e compromissos de lealdade que eu não conseguiria entender, mas também que se algum dia eu traísse Richard, teria de enfrentar os dois.

Era ela quem organizava as coisas para o Richard, ela me disse — eventos sociais, coquetéis, jantares, e assim por diante — porque ele

era solteiro e, como ela dizia (e continuaria a dizer, ano após ano), "Nós, mulheres, é que cuidamos dessa parte". Então ela disse que estava encantada pelo fato de Richard ter finalmente decidido se casar, e com uma boa moça como eu. Ele teve alguns envolvimento anteriores. (Era assim que Winifred sempre se referia às mulheres com relação a Richard — *envolvimentos*, como teias, redes ou feitiços, ou simplesmente pedaços de chiclete jogados no chão que podem grudar no seu sapato.)

Felizmente, Richard tinha escapado desses envolvimento, não que as mulheres não corresse atrás dele. Elas corriam atrás dele aos *montes*, Winifred disse, baixando sua voz de uísque, e eu tive uma imagem de Richard, com as roupas rasgadas, seu cabelo sempre cuidadosamente penteado todo descabelado, fugindo apavorado enquanto um bando de mulheres corria atrás dele. Mas não consegui acreditar nesta imagem. Não podia imaginar Richard correndo, nem mesmo andando depressa, nem muito menos assustado. Não conseguia imaginá-lo em perigo.

Eu balancei a cabeça e sorri, sem saber onde eu me encaixava. Eu seria mais um desses envolvimento? Talvez. Mas pelo menos na aparência eu estava sendo levada a entender que Richard tinha um alto valor intrínseco, e que era melhor eu ver como me comportava para poder merecê-lo. — Mas eu tenho certeza de que você vai dar conta das coisas — disse Winifred, com um pequeno sorriso. — Você é tão *jovem*. — Só que essa minha juventude deveria dificultar e não facilitar esse gerenciamento das coisas, e era com isso que Winifred estava contando. Ela não tinha a menor intenção de abrir mão de qualquer tipo de controle.

Nossas saladas Waldorf chegaram. Winifred me viu pegar o garfo

e a faca — pelo menos eu não comia com as mãos, sua expressão dizia — e deu um pequeno suspiro. Eu percebo agora que eu fui um golpe duro para ela. Não há dúvida de que ela me achou emburrada ou inacessível: eu não tinha conversa, era ignorante, excessivamente *rural*. Ou talvez seu suspiro tenha sido de antecipação — pelo trabalho que eu ia dar, porque eu era um pedaço de argila disforme e ela ia ter de arregaçar as mangas e começar a moldar-me.

O melhor momento de começar era aquele. Ela pôs mãos à obra. Seu método era o da insinuação, da sugestão. (Ela possuía um outro método — a ameaça —, mas não foi este que eu conheci naquele almoço.) Ela disse que havia conhecido a minha avó, ou pelo menos havia ouvido falar *nela*. As mulheres Montfort, de Montreal, eram célebres pelo seu estilo, ela disse, mas é claro que Adelia Montfort havia morrido antes de eu nascer. Esta foi a sua forma de dizer que, apesar do meu pedigree, nós estávamos, de fato, começando do zero.

Minhas roupas eram o de menos, ela deu a entender. Roupas sempre podem ser compradas, naturalmente, mas eu teria de usá-las corretamente. Como se fossem a sua segunda pele, querida — ela disse. Meu cabelo estava fora de questão — comprido, escorrido, penteado para trás, preso com um pregador. Precisava de um corte e de um permanente. Depois veio a questão das minhas unhas. Nada muito atrevido; eu era jovem demais para atrevimentos.

— Você poderia ficar encantadora — disse Winifred. — com toda a certeza. Basta um pequeno esforço.

Eu a escutei humildemente, indignadamente. Eu sabia que não possuía nenhum charme. Nem eu nem Laura. Nós éramos reservadas demais para isso, ou então rudes demais. Nunca aprenderíamos,

porque Reenie havia nos estragado. Ela achava que *quem nós éramos* devia ser o suficiente para qualquer um. Nós não devíamos ter de nos esforçar para atrair as pessoas, cortejá-las com lisonjas e agrados e fazendo caras e bocas. Imagino que papai entendesse a importância do charme em algumas situações, mas não o havia instilado em nenhuma de nós. Ele tinha desejado que fôssemos criadas mais como meninos, e agora éramos mesmo. Não se ensina um menino a ter charme. Senão vão achar que ele é trapaceiro.

Winifred ficou me observando comer, com um sorriso misterioso nos lábios. Eu já estava me transformando numa série de adjetivos em sua cabeça — uma série de anedotas engraçadas que ela contaria às suas amiguinhas, às Billies e Bobbies e Charlies. *Veste-se como uma indigente. Come como se nunca tivesse visto comida. E os sapatos!*

— Bom — ela disse, depois de ter beliscado sua salada, e Winifred nunca terminava uma refeição —, agora vamos ter de planejar juntas.

Eu não sabia do que ela estava falando. Ela deu outro suspiro. — Planejar o casamento — ela disse. — Não temos muito tempo. Eu pensei em São Simão, o Apóstolo, e depois o salão do Royal York, o salão central, para a recepção.

Eu devo ter pensado que ia ser simplesmente entregue a Richard, como se fosse um embrulho; mas não, ia haver cerimônias — mais de uma. Coquetéis, lanches, chás-de-panela, sessões de fotos para os jornais. Ia ser como o casamento da minha mãe, nas histórias contadas por Reenie, mas de trás para a frente, de certa forma, e com algumas partes faltando. Onde estava o prelúdio romântico, com o

rapaz ajoelhado aos meus pés? Eu senti uma onda de desânimo subir desde os meus joelhos até o meu rosto.

Winifred percebeu, mas não fez nada para me tranquilizar. Ela não queria que eu ficasse calma.

— Não se preocupe, minha querida — ela disse num tom que indicava pouca esperança. Ela deu um tapinha no meu braço. — Eu vou cuidar de você.

Eu pude sentir a minha vontade escorrendo para fora de mim — qualquer poder que eu ainda pudesse ter sobre minhas ações. (Realmente! Eu percebo agora. Realmente, ela era uma espécie de madame. Ela era uma cafetina.)

— Minha nossa, veja só que horas são — ela disse. Ela tinha um relógio prateado e fluido, como uma fita de metal líquido; ele tinha pontinhos em vez de números.

— Eu preciso voar. Vão trazer-lhe um chá, e um pudim ou outra coisa que você prefira. Mocinhas normalmente têm uma queda por doces. — Ela riu e se levantou, e me deu um beijo cor de camarão, não no rosto e sim na testa. Isto serviu para me manter no meu lugar, que era — e isto me pareceu bem claro — o de uma criança.

Eu a vi atravessar o espaço ondulante, em tons pastel, do Arcadian Court, como se estivesse flutuando, com pequenos cumprimentos de cabeça e acenos de mão perfeitamente calculados. O ar se abria diante dela como capim alto; suas pernas não pareciam estar presas aos quadris, e sim diretamente à sua cintura; nada sacudia. Eu podia sentir partes do meu corpo formando saliências, saltando pelos lados das alças e por cima das meias. Eu queria ser capaz de imitar aquele andar, tão macio, etéreo e invulnerável.

Eu não ia sair de Avilion para me casar e sim da casa de campo de madeira e alvenaria, imitando o estilo Tudor, de Winifred, em Rosedale. Foi considerado mais conveniente, uma vez que a maioria dos convidados era de Toronto. Seria também menos embaraçoso para o meu pai, que não podia pagar o tipo de casamento a que Winifred achou que tinha direito.

Não podia pagar nem mesmo as roupas: Winifred encarregou-se delas. Guardados na minha bagagem — numa das minhas malas novinhas em folha — havia uma saia de jogar tênis, embora eu não soubesse jogar, uma roupa de banho, embora eu não soubesse nadar, e diversos vestidos de baile, embora eu não soubesse dançar. Onde eu poderia ter aprendido essas coisas? Não em Avilion; nem mesmo a natação, porque Reenie não nos deixava entrar na água. Mas Winifred havia insistido nesses trajes. Ela disse que eu ia ter de me vestir de acordo com a ocasião, não importavam as minhas deficiências, as quais eu jamais deveria admitir. "Diga que está com dor de cabeça", ela me ensinou. "É sempre uma desculpa aceitável."

Ela me ensinou diversas outras coisas. "Não tem importância demonstrar um certo tédio", ela disse. "Mas nunca mostre medo. Vão sentir o cheiro em você, como tubarões, e vão atacar para matar. Você pode olhar para a beira da mesa, baixar as suas pálpebras, mas nunca olhe para o chão, pois isto torna o seu pescoço fraco. Não fique em pé toda dura, você não é um soldado. Nunca se *acovarde*. Se alguém fizer uma observação ofensiva a seu respeito, diga *Perdão?* como se não tivesse escutado; em noventa por cento dos casos, a pessoa não vai ter coragem de repeti-la. Nunca erga a voz para falar com um garçom, isso é vulgar. Faça-o inclinar-se, é para isso que eles

estão ali. Não fique brincando com as luvas ou com os cabelos. Sempre dê a impressão de que você tem algo melhor a fazer, mas nunca demonstre impaciência. Quando estiver em dúvida, vá até o toalete, mas vá devagar. A graça vem da indiferença." Estes eram os sermões que ela fazia. Eu tenho de admitir, apesar de detestá-la, que eles foram bastante úteis na minha vida.

A noite anterior ao casamento eu passei num dos melhores quartos da casa de Winifred. — Trate de se embelezar — Winifred disse alegremente, dando a entender que eu não era bonita.

Ela me dera um pouco de creme e luvas de algodão — eu devia passar o creme e depois vestir as luvas. Este tratamento aparentemente deixava as mãos macias e brancas — com a textura da gordura crua do bacon. Eu fiquei no banheiro da suíte, ouvindo o barulho da água batendo na porcelana da banheira e examinando o meu rosto no espelho. Eu me vi apagada, sem feições, como uma barra oval de sabonete usado ou a lua minguante.

Laura veio do seu quarto pela porta que também dava no banheiro-e se sentou na tampa do vaso. Ela não tinha o hábito de bater quando se tratava de mim. Ela estava usando uma camisola de algodão branco que tinha sido minha e amarrara o cabelo para trás; o rabo-de-cavalo cor de trigo estava pendurado sobre um dos ombros. Ela estava descalça.

— Onde estão os seus chinelos? — eu disse. A expressão dela era desconsolada. Isso, mais a camisola branca e os pés descalços, faziam com que ela parecesse uma penitente, como uma herege de uma pintura antiga a caminho da forca. Trazia as mãos apertadas diante

do corpo, os dedos cercando um espaço em "O", como se devesse estar segurando uma vela acesa.

— Esqueci deles. — Quando ela se arrumava, parecia mais velha por causa da sua altura, mas ali ela estava parecendo mais moça; parecia ter uns doze anos e cheirava a bebê. Era o xampu que estava usando — ela usava xampu de bebê porque era mais barato. Ela fazia pequenas economias inúteis. Ela olhou em volta do banheiro, depois ficou olhando para o chão de ladrilhos. — Eu não quero que você se case — ela disse.

— Você já deixou isso bem claro — eu disse. Laura tinha se mostrado mal-humorada durante todos os procedimentos — as recepções, as provas de roupa, os ensaios —, com Richard era simplesmente educada, com Winifred, obediente como uma empregada sob contrato. Comigo, zangada, como se este casamento fosse, na melhor das hipóteses, um capricho maldoso, e na pior das hipóteses, uma demonstração de rejeição para com ela. A princípio eu tinha achado que talvez ela estivesse com inveja de mim, mas não era bem isso. — Por que eu não deveria me casar?

— Você é muito moça — ela disse.

— Mamãe tinha dezoito anos quando se casou. Eu tenho quase dezenove.

— Mas ela se casou com quem amava. Ela queria casar-se com ele.

— Como você sabe que eu não quero? — eu disse, irritada.

Isso a calou por alguns momentos. — Você não pode *querer* — ela disse olhando para mim. Seus olhos estavam úmidos e vermelhos; ela havia chorado. Isto me aborreceu: que direito ela

tinha de chorar? Quem tinha esse direito era eu.

— O que eu quero não importa — eu disse asperamente. — É a única coisa sensata a fazer. Nós não temos dinheiro, ou você ainda não notou isso? Você gostaria que nós fôssemos atiradas na rua?

— Nós podíamos conseguir um emprego — ela disse. A minha água-de-colônia estava na janela, ao lado dela; ela se borrifou com ela, distraidamente. Era Liù, da Guerlain, um presente de Richard. (Escolhida, como fez questão de me dizer, por Winifred. *Os homens ficam tão confusos na hora de comprar perfume, não ficam? O cheiro os deixa logo tontos.*)

— Não seja estúpida — eu disse. — O que iríamos fazer? Se não fosse isto, iríamos parar na lama.

— Ora, nós poderíamos fazer um monte de coisas — ela disse vagamente, largando o vidro de colônia. — Poderíamos ser garçonetes.

— Não poderíamos viver disso. Garçonetes não ganham quase nada. Elas têm de se humilhar para ganhar gorjeta. Todas elas têm pés chatos. Você não sabe o preço de nada — eu disse. Eu estava tentando explicar aritmética para um pássaro. — As fábricas estão fechadas, Avilion está caindo aos pedaços, eles vão vendê-la; os bancos estão atrás de sangue. Você não olhou ainda para o papai? Será que você não viu como ele está? Ele parece um velho.

— Então é por ele — ela disse. — O que você está fazendo. Acho que isso explica muita coisa. Acho que é muita coragem.

— Estou fazendo o que acho certo — eu disse. Eu me sentia tão virtuosa, e ao mesmo tempo tão injustiçada, que quase chorei. Mas aí eu estaria entregando os pontos.

— Não está certo — ela disse. — Não está nem um pouco certo. Você pode desmanchar o noivado, ainda não é tarde demais. Você podia fugir esta noite e deixar um bilhete. Eu vou com você.

— Pára com essa chateação, Laura. Eu tenho idade suficiente para saber o que estou fazendo.

— Mas você vai ter de deixá-lo *tocar* em você, você sabe. Não é só beijar. Você vai ter de deixar que ele...

— Não se preocupe comigo — eu disse. — Me deixe em paz. Eu tenho os olhos abertos.

— Como uma sonâmbula — ela disse. Ela pegou o meu pó-de-arroz, abriu-o cheirou-o e conseguiu despejar um bocado no chão. — Bem, pelo menos você vai ter belas roupas — ela disse.

Eu tive vontade de bater nela. Aquele era, é claro, o meu consolo secreto.

Depois que ela saiu, deixando uma trilha de pegadas brancas, eu me sentei na beira da cama, olhando para a minha mala, que estava aberta. Ela era muito moderna, amarelo-clara por fora e azul-escura por dentro, com presilhas de metal, as tachas brilhando como estrelas metálicas. Ela estava bem arrumada, com tudo necessário para a viagem de lua-de-mel, mas me dava a impressão de estar cheia de escuridão — de vazio, espaço vazio.

Esse é o meu enxoval, eu pensei. De repente aquela palavra pareceu ameaçadora — tão estranha, tão decisiva.

Escova de dentes, eu pensei. Vou precisar disso. Meu corpo ficou lá sentado, inerte.

O meu enxoval não passava de coisas que eu guardava numa mala. Só isso. Então não adiantava ficar nervosa por causa disso, porque significava apenas bagagem. Significava todas as coisas que eu estava levando comigo, embaladas.

O tango

Aqui vai a descrição do casamento:

Uma jovem num vestido de cetim branco enviesado, a fazenda macia, com uma cauda em forma de leque em volta dos pés como melado derramado. Existe algo de desajeitado na sua postura, na posição dos quadris, dos pés, como se a sua espinha não combinasse com o vestido — reto demais. Você precisaria ter um meneio de ombros para um vestido destes, uma postura relaxada, uma curva sinuosa, uma espécie de corcunda de tuberculoso. Um véu caía reto dos dois lados da cabeça, com uma parte sobre o rosto, lançando uma sombra muito escura sobre os olhos. Nenhum dente aparecia no sorriso. Uma grinalda de rosinhas brancas; uma cascata de rosas maiores, brancas e cor-de-rosa, misturadas com miosótis, nos seus braços cobertos por luvas brancas — braços com os cotovelos um tanto afastados demais. *Grinalda, cascata* — foram os termos usados nos jornais. Uma evocação de freiras, e de águas frescas e perigosas. O título era "Uma Linda Noiva". Eles diziam essas coisas na época. No caso dela, a beleza era essencial, com tanto dinheiro envolvido.

(Eu digo "dela" porque não me lembro de ter estado presente, não no sentido correto do termo. Eu e a moça da foto não somos mais a mesma pessoa. Eu sou a consequência dela, o resultado da vida que ela um dia viveu impetuosamente; enquanto ela, se é que se pode dizer que ela existe, é composta apenas daquilo que eu me lembro. Eu tenho a melhor visão — posso vê-la claramente, a maior parte do tempo. Mas mesmo que ela soubesse o suficiente para olhar,

não conseguiria ver-me.)

Richard está em pé ao meu lado, admirável para aquele tempo e lugar, o que significa suficientemente jovem, não muito feio e rico. Ele tem uma aparência substancial, mas ao mesmo tempo zombeteira: uma das sobrancelhas erguida, o lábio inferior um pouco projetado para fora, a boca prestes a sorrir, como que de alguma piada secreta, indefinível. Um cravo na lapela, o cabelo penteado para trás como uma touca brilhante de borracha, grudado na cabeça com a goma que eles usavam na época. Mas, apesar disto, um belo homem. Tenho de admitir. Jovial. Um homem de sociedade.

Há alguns retratos de grupo também — em segundo plano, os padrinhos com seus trajes formais, o mesmo que se usava para casamentos, batizados, enterros e por *maîtres*; em primeiro plano, as damas-de-honra, puras, resplandecentes, com seus buquês em flor. Laura conseguiu estragar todos esses retratos. Num deles ela está fazendo uma careta, em outro deve ter mexido a cabeça, pois seu rosto é um borrão, como um pombo que dá de cara no vidro. Num terceiro ela está com o dedo na boca e olhando para o lado com um ar culpado, como se tivesse sido surpreendida com a boca na botija. Num quarto retrato, deve ter havido algum defeito no filme, porque há um efeito de luz, não caindo sobre ela, mas sim iluminando-a de baixo, como se ela estivesse parada na borda de uma piscina iluminada, à noite.

Depois da cerimônia, Reenie estava lá, vestida respeitavelmente de azul e com uma pluma. Ela me abraçou com força e disse: "Se ao menos sua mãe estivesse aqui."

O que será que ela quis dizer? Para aplaudir ou para impedir a

cerimônia? Pelo seu tom de voz, poderia ter sido uma coisa ou outra. Ela então chorou, mas eu não. As pessoas choram em casamentos pelo mesmo motivo que choram em finais felizes: porque desejam desesperadamente acreditar em algo que sabem não ser confiável. Mas eu estava além dessas criancices; eu estava respirando o ar rarefeito e gelado da desilusão, ou achava que estava.

Houve champanhe, é claro. Deve ter havido: Winifred não teria deixado faltar. Outros comeram. Discursos foram feitos, dos quais não lembro nada. Será que dançamos? Acho que sim. Eu não sabia dançar, mas me vi no meio do salão, portanto deve ter havido alguns tropeções pelo salão.

Então eu troquei de roupa para viajar. Era um conjunto de duas peças de lã verde-clara, com um chapéu recatado combinando. Custou um dinheirão, segundo Winifred.

Eu parei nos degraus (que degraus? Os degraus desapareceram da minha memória), pronta para partir, e joguei o buquê na direção de Laura. Ela não o pegou. Ficou ali parada na sua roupa rosa, cor de concha do mar, olhando friamente para mim, com as mãos crispadas na frente do corpo como que para controlar-se, e uma das damas de honra — uma menina qualquer — agarrou o buquê e saiu com ele gulosamente, como se ele fosse comida.

Meu pai a essa altura tinha desaparecido. Ainda bem, porque quando o vi pela última vez ele estava duro de tanto beber. Imagino que tenha ido acabar de se embebedar.

Então Richard me segurou pelo cotovelo e me guiou até o carro. Ninguém devia saber para onde estávamos indo, supostamente para algum lugar fora da cidade — algum hotelzinho isolado e romântico.

De fato, nós demos a volta no quarteirão e paramos na entrada lateral do Royal York tel, onde tinha acabado de acontecer a recepção do casamento, e fomos conduzidos rapidamente até o elevador. Richard disse que como íamos tomar o trem para Nova York na manhã seguinte e a Union Station era bem em frente, por que ir para longe?

Sobre a minha noite de núpcias, ou melhor, a minha tarde de núpcias — o sol ainda não havia se posto e o quarto estava banhado, como dizem, em uma claridade rosada, porque Richard não fechou as cortinas —, vou dizer muito pouco. Eu não sabia o que esperar; minha única informante havia sido Reenie, que tinha me levado a crer que o que quer que acontecesse ia ser desagradável e muito provavelmente doloroso, e quanto a isto ela não mentiu. Ela também deu a entender que este evento ou sensação desagradável não ia ser nada fora do comum — todas as mulheres passavam por isso, pelo menos todas as que se casavam —, então eu não devia fazer nenhum escândalo. *Trinque os dentes e agüente* foram as palavras dela. Ela disse que ia haver um pouco de sangue, e houve mesmo. (Mas ela não tinha dito por quê. Essa parte foi uma completa surpresa.)

Eu ainda não sabia que a minha falta de prazer — a minha repugnância, até o meu sofrimento — seriam considerados normais e até desejáveis pelo meu marido. Ele era um desses homens que achavam que se a mulher não sentisse prazer sexual era até bom, porque não ia procurá-lo em outro lugar. Talvez essas atitudes fossem comuns naquela época. Ou talvez não. Não tenho como saber.

Richard havia encomendado uma garrafa de champanhe para o

que ele antecipou ser o momento adequado. E também nosso jantar. Eu fui mancando para o banheiro e me tranquei lá dentro enquanto o garçom arrumava os pratos numa mesa portátil, com uma toalha de linho branco. Eu estava usando a roupa que Winifred julgara apropriada para a ocasião, uma camisola de cetim cor de salmão, com uma delicada aplicação de renda cinza. Eu tentei limpar-me com uma toalha, depois fiquei pensando no que faria com ela: o vermelho era tão visível como se eu tivesse tido uma hemorragia pelo nariz. No fim, eu a coloquei na cesta de lixo e torci para que a camareira pensasse que ela tinha caído ali por engano.

Então eu me borrifei de Liù, um perfume que eu achava suave e lânguido. Nesta altura eu já tinha descoberto que se chamava assim em homenagem a uma personagem de ópera — uma escrava cujo destino foi matar-se para não trair o homem que amava, que por sua vez amava outra. Era assim que as coisas se passavam nas óperas. Eu não achava aquele perfume auspicioso, mas fiquei preocupada de estar com um cheiro esquisito. E estava mesmo. A estranheza tinha vindo de Richard, mas agora era minha.

Eu torci para não ter feito muito barulho. Soluços involuntários, prendendo o ar rapidamente, como quando alguém mergulha na água gelada.

O jantar foi um *steak*, acompanhado de salada. Eu quase só comi salada. Toda a alface de hotel naquela época era igual. Tinha gosto de água. De geada.

A viagem de trem para Nova York no dia seguinte foi sem novidades. Richard leu os jornais, eu li revistas. As conversas que tivemos não

foram diferentes das que havíamos tido antes do casamento. (Eu hesito em chamá-las de conversas, porque eu não falava muito. Eu sorria e concordava, e não prestava atenção.)

Em Nova York, nós jantamos num restaurante com alguns amigos de Richard, um casal cujos nomes eu esqueci. Eles eram novos-ricos, sem dúvida: novinhos em folha. Suas roupas davam a impressão de que eles tinham passado cola no corpo e depois rolado sobre notas de cem dólares. Eu imaginei de onde viria tanto dinheiro; cheirava a falcatrua.

Essas pessoas não conheciam Richard tão bem assim, e nem queriam conhecer: elas deviam alguma coisa a ele, só isso — algum favor não mencionado. Elas tinham medo dele, eram um pouco subservientes. Eu deduzi isto por causa do cerimonial dos isqueiros: quem acendia o cigarro de quem e com que presteza. Richard gostou da deferência deles. Gostou que acendessem os cigarros dele e, por extensão, os meus.

Eu percebi que Richard quis sair com eles não só porque queria cercar-se de um pequeno círculo de bajuladores, mas também porque não queria ficar sozinho comigo. Eu não podia culpá-lo: eu tinha pouco a dizer. No entanto, ele estava todo cuidadoso comigo — na frente do casal —, colocando carinhosamente o casaco nos meus ombros, cobrindo-me de pequenas atenções, mantendo uma das mãos sempre em mim, de leve, em algum lugar. De vez em quando, ele examinava o salão, examinando os outros homens para ver se algum estava com inveja dele. (É claro que tudo isto eu percebi ao rever o passado: na hora eu não percebi nada.)

O restaurante era muito caro e também muito moderno. Eu

nunca havia visto nada semelhante. As coisas faiscavam em vez de brilhar; havia madeiras claras, bronzes e cristais por toda a parte, e um bocado de laminados. Esculturas de mulheres estilizadas em bronze ou aço, lisas como caramelos, com sobranceiras mas sem olhos, com formas aerodinâmicas mas sem pés, com braços derretendo sobre seus torsos; esferas de mármore branco; espelhos redondos como vigias de navio. Em cada mesa, um único lírio num vaso fino de aço.

Os amigos de Richard eram ainda mais velhos que ele, e a mulher parecia mais velha que o homem. Ela estava usando um *mink* branco, apesar do clima de primavera. Seu vestido era branco também, um modelo inspirado ela nos explicou com detalhes — na Grécia antiga, para ser mais precisa, na vitória de Samotrácia. As pregas do vestido eram presas por uma faixa dourada debaixo dos seios e formando um ziguezague entre eles. Eu pensei que Se tivesse seios tão moles e caídos como aqueles jamais usaria um vestido assim. A pele que o decote deixava à mostra era sardenta e enrugada, bem como a dos braços. O marido ficou sentado, em silêncio, enquanto ela falava, as mãos juntas, um meio-sorriso gravado em concreto; ele olhava sabiamente para a toalha. *Então isto é que é casamento*, eu pensei: este tédio compartilhado, esta crispação, e aqueles riozinhos empoados formando-se nos cantos do nariz.

— Richard não nos avisou que você era assim *tão jovem* — a mulher disse.

O marido disse: — Isso vai passar — e a mulher riu.

Eu pensei na palavra *avisou*: será que eu era tão perigosa assim? Só do modo como as ovelhas são, eu acho agora. Tão burras que se

colocam em perigo, e ficam presas em precipícios ou são acuadas por lobos, e alguém tem de arriscar o pescoço para salvá-las.

Logo — após dois dias em Nova York, ou foram três? — nós partimos para a Europa no *Berengeria*, que Richard disse ser o navio onde todo mundo que era alguém viajava.

O mar não estava ruim para aquela época do ano, mas mesmo assim eu fiquei enjoada pra cachorro. (Por que cachorro? Porque eles têm um ar de quem não consegue evitar o que lhes está acontecendo. E eu também não conseguia.)

Trouxeram-me uma cuba e chá gelado com açúcar, mas sem leite. Richard disse que eu devia tomar champanhe porque era a melhor coisa, mas eu não quis arriscar. Ele foi mais ou menos atencioso, mas também ficou mais ou menos aborrecido, embora dissesse que era uma pena eu estar passando mal. Eu disse que não queria estragar sua noite e que ele podia ir se divertir, o que ele fez. O que o meu enjôo teve de bom foi que Richard não mostrou nenhuma inclinação em ir para a cama comigo.

O sexo pode combinar com muitas coisas, mas vômito não é uma delas.

Na manhã seguinte, Richard disse que eu devia fazer um esforço para aparecer no café da manhã, uma vez que tomar a atitude correta era meio caminho andado para a vitória. Eu me sentei à nossa mesa, belisquei um pedacinho de pão e bebi água, e tentei ignorar os cheiros de comida. Eu me sentia incorpórea e flácida e com a pele parecendo papel, como um balão sem gás. Richard me deu atenção de forma intermitente, mas ele conhecia pessoas, ou parecia

conhecê-las, e pessoas o conheciam.

Ele se levantava, trocava apertos de mão, tornava a sentar-se. Às vezes ele me apresentava, outras vezes não. No entanto, ele não conhecia todas as pessoas que queria conhecer. Isto ficou claro pelo modo como ele estava sempre olhando em volta, para além de mim, para além dos que estavam conversando com ele por cima de suas cabeças.

Eu fui me recuperando aos poucos no decorrer do dia. Bebi *ginger ale*, o que ajudou. Não jantei, mas compareci ao jantar. De noite havia um show. Eu usei o vestido que Winifred havia escolhido para este evento, cinza com uma pelerine de gaze lilás. E sandálias lilás de saltos altos e dedos de fora, combinando.

Eu ainda não tinha me acostumado com saltos tão altos: eu oscilava ligeiramente. Richard disse que o ar da noite tinha me feito bem; disse que eu estava com a quantidade certa de cor, um leve rubor de colegial. Ele disse que eu estava maravilhosa. Levou-me até a mesa que havia reservado e pediu um martini para mim e outro para ele. Disse que o martini ia me deixar nova em folha.

Eu tomei um pouco e depois disso Richard não estava mais ali do meu lado, e apareceu uma cantora sob um foco de luz azul. Tinha cabelo preto com uma onda caindo sobre um dos olhos, e estava usando um vestido preto justo coberto de lantejoulas grandes, em forma de escamas, coladas no seu traseiro firme mas saliente, e seguras pelo que parecia ser barbante torcido. Eu a encarei fascinada. Eu nunca havia estado num cabaré, nem mesmo numa boate. Ela sacudiu os ombros e cantou "*Stormy Weather*" com uma voz que parecia um gemido apaixonado. Dava para ver quase até o

umbigo dela.

As pessoas ficavam sentadas a suas mesas olhando-a e ouvindo-a, e formando opiniões a respeito dela — livres para gostar ou não gostar, para serem ou não seduzidas por ela, para aprovar ou desaprovar a sua apresentação, o seu vestido, o seu traseiro. Ela, no entanto, não era livre. Ela tinha de ir até o fim com aquilo — cantar, se sacudir. Eu imaginei quanto ela ganharia para fazer aquilo, e se valia a pena. Só se a pessoa fosse pobre, eu concluí. A expressão *ser o foco das atenções* desde então passou a significar para mim uma forma clara de humilhação. Sendo assim, *os focos* eram algo de que você devia fugir, se conseguisse.

Depois da cantora, veio um homem que tocava um piano branco, muito depressa, e depois dele um casal, dois dançarinos profissionais: uma demonstração de tango. Eles estavam de preto, como a cantora. O cabelo deles brilhava como verniz sob os refletores, que agora lançavam uma luz de um verde ácido. A mulher tinha um cacho de cabelo grudado na testa e uma flor vermelha atrás da orelha. Seu vestido abria a partir do meio da coxa, mas o resto era colado como se fosse uma meia. A música era irregular, titubeante — como um animal de quatro patas cambaleando sobre três patas. Um touro aleijado com a cabeça baixa, investindo.

Quanto à dança, parecia mais uma luta do que uma dança. Os rostos dos dançarinos estavam firmes, impassíveis; eles se olhavam com os olhos brilhando, esperando uma chance de atacar. Eu sabia que era uma representação, podia ver que a performance deles era profissional; no entanto, ambos pareciam feridos.

O terceiro dia chegou. No início da tarde, eu caminhei pelo convés, para respirar ar puro. Richard não foi comigo: ele estava esperando uns telegramas importantes, segundo disse. Ele já havia recebido uma porção de telegramas; ele abria os envelopes com uma faca de prata de abrir livros, lia o que estava escrito, e depois rasgava-os ou então guardava-os em uma pasta, que mantinha trancada.

Eu não queria especialmente que ele estivesse ali comigo no convés, mas mesmo assim me senti sozinha. Sozinha e portanto abandonada, abandonada e portanto fracassada.

Como se eu tivesse levado um bolo, um fora; como se o meu coração estivesse partido. Um grupo de ingleses usando roupas de linho creme olharam para mim. Não foi um olhar hostil; foi afável, remoto, ligeiramente curioso. Ninguém consegue olhar como os ingleses. Eu me senti amarrotada, suja e sem maior interesse.

O céu estava encoberto; as nuvens eram de um cinza encardido e pendiam amontoadas como o enchimento de um colchão encharcado. Ventava um pouco. Eu não estava usando chapéu, com medo de que ele voasse; estava apenas com um lenço de seda amarrado debaixo do queixo. Fiquei parada no gradil, olhando para baixo, para as ondas cor de ardósia subindo e descendo, para o rastro de espuma branca deixado pelo navio rabiscando a sua mensagem breve e ininteligível. Como a pista de um incidente infeliz: uma trilha de gaze rasgada. A fuligem das chaminés voou sobre mim; meu cabelo se soltou e grudou no meu rosto em mechas úmidas.

Então este é o oceano, eu pensei. Ele não parecia tão profundo quanto deveria parecer. Eu tentei me lembrar de alguma coisa que tivesse lido sobre ele, algum poema, mas não consegui. *Quebra,*

quebra, quebra. Alguma coisa começava assim. Falava em pedras cinzentas e frias. *Ó Mar.*

Tive vontade de jogar alguma coisa lá de cima. Senti que era necessário. No fim, atirei uma moeda de cobre, mas não formulei nenhum desejo.

VI



O assassino cego: O conjunto xadrez

Ele gira a chave. É uma fechadura com ferrolho, uma bênção. Ele está com sorte desta vez, conseguiu emprestado um apartamento inteiro. Uma quitinete, apenas um cômodo grande, com uma estreita cozinha integrada e um banheiro completo, com uma banheira com pés em forma de garras e toalhas cor-de-rosa. Um luxo. Ele pertence à namorada do amigo de um amigo, que teve de ir a um enterro em outra cidade. Quatro dias inteiros de segurança, ou de ilusão de segurança.

As cortinas combinam com a colcha; são de uma seda pesada, cor de cereja, sobre um forro fino. Mantendo-se um pouco afastado da janela, ele olha para fora. A vista — o que ele consegue ver através das folhas amareladas — é do Allan Gardens. Há dois bêbados ou mendigos dormindo debaixo das árvores, um deles com o rosto coberto por um jornal. Ele mesmo já dormiu assim. Jornais umedecidos pelo seu hálito cheiram a pobreza, a derrota, a estofado mofado cheio de pêlos de cachorro. Há papéis amassados e placas de papelão espalhados pela grama, restos da noite passada — um comício, os camaradas martelando os seus dogmas e os ouvidos da platéia, desperdiçando a oportunidade. Dois homens desconsolados fazendo a limpeza, com varetas com ponta de metal e sacos de aniagem. Pelo menos os infelizes têm trabalho.

Ela vai atravessar o parque na diagonal. Vai parar, olhar em volta sem nenhuma sutileza para ver se tem alguém olhando. Quando acabar de fazer isso, vai ter alguém olhando.

Na escrivaninha branca e dourada tem um rádio com o tamanho e a forma de um pão de forma pequeno. Ele liga o rádio: um trio mexicano, com vozes que parecem uma corda fluida, onde se entrelaçam sons ásperos e macios. Era para lá que ele devia ir, para o México. Beber tequila. Arruinar-se, ou arruinar-se mais ainda. Ir até o fundo do poço. Virar bandido. Ele deposita sua máquina de escrever portátil sobre a escrivaninha, tira a tampa e coloca papel. Os seus carbonos estão acabando. Ele tem tempo para escrever algumas páginas antes que ela chegue, se é que ela vai chegar. Às vezes ela fica presa com alguma coisa, ou se vê impedida de sair. Pelo menos é o que ela diz.

Ele gostaria de colocá-la naquela banheira luxuosa, cobri-la de espuma. Chafurdar lá dentro com ela, porcos em bolhas cor-de-rosa. Talvez ele faça isso.

O que ele tem trabalhado agora é apenas uma idéia, ou a idéia de uma idéia. É sobre uma raça de extraterrestres que manda uma espaçonave para explorar a Terra. Eles são compostos de cristais num estado elevado de organização, e tentam estabelecer comunicação com os seres da Terra, que supõem que são como eles: lunetas, vidraças, pesos de papel venezianos, taças de vinho, anéis de diamante. Não conseguem. E enviam um relatório de volta para a terra deles: *Este planeta contém muitas relíquias interessantes de uma civilização outrora florescente, mas agora morta, que deve ter sido de uma ordem superior. Não sabemos que tipo de catástrofe provocou a extinção de toda a vida inteligente. O planeta, atualmente, abriga apenas uma variedade de filigrana verde viscosa e um grande número de glóbulos de lama semilíquida com*

formas excêntricas, que são jogados para lá e para cá pelas correntes erráticas do fluido leve e transparente que cobre a superfície do planeta. Os gritos agudos e gemidos ressonantes produzidos por eles devem ser atribuídos a uma vibração por atrito, e não devem ser confundidos com fala.

Mas não é uma história. Não pode ser uma história, a menos que os alienígenas invadam e devastem o planeta. Mas uma invasão seria incoerente com a premissa utilizada. Se os seres de cristal acham que o planeta não possui vida, por que iriam pousar nele? Por razões arqueológicas, talvez. Para apanhar amostras. De repente, milhares de janelas são sugadas dos arranha-céus de Nova York por um aspirador extraterrestre. Milhares de presidentes de bancos também são sugados para fora e despencam aos gritos para a morte. Isso seria ótimo.

Não. Ainda não é uma história. Ele precisa escrever algo que venda. De volta para as infalíveis mulheres mortas, sedentas de sangue. Desta vez ele vai dar-lhes cabelos roxos, vai colocá-las em ação debaixo das orquídeas venenosas das doze luas de Arn. A melhor coisa é imaginar uma ilustração de capa capaz de provocar orgasmos nos garotos e começar daí.

Ele está cansado delas, destas mulheres. Está cansado de seus caninos, de sua flexibilidade, de seus seios grandes como laranjas maduras, porém firmes, de sua voracidade. Está cansado de suas garras vermelhas, de seus olhos de víbora. Está cansado de esmagar a cabeça delas. Está cansado dos heróis, cujos nomes são Will ou Burt, ou Ned, nomes de uma única sílaba; está cansado das suas armas de raios, de suas roupas metálicas grudadas no corpo. Emoção a dez centavos. Ainda assim, é uma forma de ganhar a vida, se ele

conseguir manter a velocidade, e quem pede esmola não pode reclamar.

Ele está ficando sem dinheiro de novo. Está torcendo para ela trazer um cheque, de uma das caixas postais que não estão no nome dele. Ele irá endossá-lo e ela o descontará para ele; no nome dela, no banco dela, ela não terá nenhum problema. Está torcendo para ela trazer alguns selos. Está torcendo para ela trazer mais cigarros. Ele só tem mais três.

Ele anda de um lado para outro. O chão range. Madeira resistente, mas manchada onde o aquecedor pingou. Este edifício foi construído antes da guerra, para profissionais solteiros de boa reputação. As coisas eram mais promissoras então. Aquecimento a vapor, água quente o tempo todo, corredores ladrilhados — tudo o que havia de mais moderno. Agora o prédio já está mais velho. Há alguns anos, quando era mais jovem, ele conheceu uma moça que tinha um apartamento lá. Uma enfermeira, conforme se recorda: cartas em francês na gaveta da mesinha-de-cabeceira. Ela tinha um fogão de duas bocas, às vezes preparava café para ele — ovos com bacon, panquecas amanteigadas com geléia, e ele lambia os dedos dela. Havia uma cabeça de veado, pendurada na parede, que havia sido deixada pelos inquilinos anteriores; ela pendurava as meias para secar nos chifres do veado.

Eles passavam as tardes de sábado, as noites de terça-feira, todas as folgas dela, bebendo — *scotch*, gim, vodca, o que quer que houvesse. Ela gostava de ficar bêbada primeiro. Ela não queria ir ao cinema nem sair para dançar; ela parecia não querer saber de

romance, nem mesmo fingido, o que estava bom para ele. Tudo o que exigia dele era resistência. Ela gostava de estender um cobertor no chão do banheiro; gostava da dureza dos ladrilhos em suas costas. Era um sofrimento para os joelhos e os cotovelos dele, não que ele notasse na hora, uma vez que sua atenção estava em outro lugar. Ela gemia como se estivesse no palco, sacudindo a cabeça, revirando os olhos. Uma vez ele a havia possuído em pé, dentro do *closet*. Uma trepada de deixar as pernas bambas, no meio das sedas de domingo, dos conjuntos de lã. Ela havia chorado de prazer. Depois de dar o fora nele, ela se casou com um advogado. Uma escolha esperta, um casamento de véu e grinalda; ele havia lido a respeito no jornal e havia achado graça, sem nenhum rancor. *Bom para ela*, ele pensou. *Às vezes uma puta se dá bem.*

Verdes anos. Dias sem nome, tardes sem juízo, rápidas e profanas e que terminavam depressa, nenhuma saudade antes ou depois, e sem necessidade de palavras, e sem nada em troca. Antes de ele se envolver com coisas que se complicaram.

Ele consulta o relógio e depois torna a olhar pela janela, e lá vem ela, atravessando o parque na diagonal, desta vez com um chapéu de aba larga e um conjunto xadrez apertado com um cinto, a bolsa enfiada debaixo do braço, a saia de pregas balançando, no seu passo estranhamente ondulante, como se ela nunca tivesse conseguido acostumar-se a andar nas pernas traseiras. Podem ser os saltos altos. Ele nunca entendeu como alguém pode se equilibrar neles. Agora ela parou como se tivesse recebido um sinal; ela olha em volta com aquele seu jeito espantado, como se tivesse acabado de acordar de um sonho intrigante, e os dois caras que estão catando lixo olham

para ela. *Perdeu alguma coisa, senhorita?* Mas ela continua, atravessa a rua, ele pode vê-la em fragmentos através das folhas, ela deve estar procurando o número. Agora ela está subindo os degraus da frente. A campainha toca. Ele aperta o botão, apaga o cigarro, apaga a luz do abajur da escrivaninha, abre a porta.

Olá. Eu estou sem fôlego. Não esperei pelo elevador. Ela fecha a porta, fica parada com as costas apoiadas nela.

Ninguém seguiu você. Eu estava olhando. Você tem cigarro?

Sim, e também o seu cheque, e um pouco de *scotch*, da melhor qualidade. Roubei do nosso bem abastecido bar. Eu já contei para você que nós temos um bar muito bem abastecido?

Ela está tentando ser casual, até mesmo frívola. Mas não é muito boa nisso. Ela está disfarçando, esperando para ver o que ele quer. Ela nunca tomaria a iniciativa, ela não gosta de se trair.

Boa menina. Ele se aproxima dela. Abraça-a.

Eu sou uma boa menina? Às vezes eu me sinto como uma mulher de bandido — fazendo as coisas para você.

Você não pode ser uma mulher de bandido, eu não sou bandido. Você vê filmes demais.

Nem a metade do que deveria ver, ela diz, com a boca ao lado do seu pescoço. Ele estava precisando cortar o cabelo. Uma penugem macia. Ela desabotoa os quatro primeiros botões e enfia a mão por dentro da camisa dele. A carne dele é tão condensada, tão densa. Com uma textura fina, crestada. Ela já havia visto cinzeiros feitos de uma madeira parecida.

O assassino cego: Brocado vermelho

Foi ótimo, ela diz. O banho foi ótimo. Eu nunca imaginei você com toalhas cor-de-rosa. Comparado com o normal, é um luxo e tanto.

A tentação espreita em toda a parte, ele diz. A opulência nos chama. Eu diria que ela é uma aprendiz de prostituta, e você?

Ele a havia enrolado numa das toalhas cor-de-rosa, carregando-a, úmida e escorregadia, para a cama. Agora eles estão debaixo da colcha de seda cor de cereja, dos lençóis de cetim, bebendo o *scotch* que ela havia trazido. Ele tem um sabor rico e concentrado, e desce com a suavidade de um caramelo. Ela se espreguiça voluptuosamente, imaginando só por um instante quem irá lavar os lençóis.

Ela nunca consegue vencer sua sensação de transgressão nesses diversos quartos — a sensação de que está violando as fronteiras particulares de quem vive ali habitualmente. Ela gostaria de examinar os armários, as gavetas não para levar nada, só para olhar; para ver como outras pessoas vivem. Pessoas reais; pessoas mais reais do que ela. Gostaria de fazer o mesmo com ele, só que ele não tem nem armários nem gavetas, nem nada parecido. Nada para descobrir, nada para revelá-lo. Só uma velha mala azul, que ele mantém trancada. E que geralmente fica debaixo da cama.

Seus bolsos não dizem nada; ela já os vasculhou algumas vezes. (Não foi para espionar, ela só queria saber onde ficavam as coisas, que coisas eram essas, e em que condições estavam.) Lenço, azul, com borda branca; moedas; duas pontas de cigarro embrulhadas em

papel encerado — ele devia estar poupando-as. Um canivete, velho. Uma vez ela encontrou dois botões, provavelmente de uma camisa. Ela não se ofereceu para costurá-los, porque ele sabia que tinha andado xeretando. Ela queria que ele a achasse confiável.

Uma carteira de motorista, não no nome dele. Uma certidão de nascimento, idem. Nomes diferentes. Ela adoraria passá-lo por um pente-fino. Revistá-lo completamente. Virá-lo de cabeça para baixo. Esvaziá-lo todo.

Ele canta suavemente, com uma voz aveludada, como um cantor de rádio:

Um quarto cheio de fumaça, uma lua traiçoeira e você.

Eu roubei um beijo, você prometeu que seria sincera...

Eu enfiei a mão por baixo do seu vestido.

Você mordeu a minha orelha, nós fizemos uma festa,

Agora é de manhã... e você partiu...

E eu estou triste.

Ela ri. Onde foi que você aprendeu isso?

É a minha canção de prostituta. Combina com o ambiente.

Ela não é uma prostituta de verdade. Nem mesmo amadora. Não acredito que ela aceite dinheiro. É bem provável que seja recompensada de outra maneira.

Um monte de chocolate. Você aceitaria isso?

Teriam de ser caminhões, ela diz. Eu sou razoavelmente cara. A colcha é de seda verdadeira, eu gosto da cor — berrante, mas muito bonita. Boa para a pele, como um quebra-luz cor-de-rosa. Você

avançou mais um pouco?

Em quê?

Na minha história.

Sua história?

Sim. Ela não é para mim?

Ah, sim, ele diz. É claro que sim. Eu não penso em outra coisa. Fico acordado a noite inteira pensando.

Mentiroso. Você fica entediado com isso?

Nada que dá prazer a você poderia entediar-me.

Meu Deus, que gentileza! Nós devíamos usar toalhas cor-de-rosa mais vezes. Logo logo você vai estar beijando os meus sapatinhos de cristal. Mas continue, então.

Onde eu estava?

A sineta havia tocado. A garganta estava cortada. A porta estava se abrindo.

Ah. Muito bem.

Ele diz: A moça de quem estávamos falando ouviu a porta se abrir. Ela recua contra a parede, puxando o brocado vermelho da Cama de uma Noite e se enrolando nele. Ele tem um cheiro salobro, como uma salina na maré baixa: o medo já seco daquelas que partiram antes dela. Alguém entrou; há o barulho de um objeto pesado sendo arrastado pelo chão. A porta torna a fechar; o quarto está um breu. Por que não tem nenhuma lamparina, nenhuma vela?

Ela estende a mão na frente do corpo para se proteger, e sua mão

é tomada por uma outra mão: gentilmente e sem coerção. É como se estivessem fazendo uma pergunta a ela.

Ela não pode falar. Ela não pode dizer, *Eu não posso falar*.

O assassino cego deixa o seu véu de mulher cair no chão. Segurando a mão da moça, ele se senta na cama ao lado dela. Ele ainda pretende matá-la, mas isso pode vir depois. Ele ouviu falar nessas moças encarceradas, ocultas de todo mundo até o último dia de suas vidas; isso o deixa curioso. De qualquer maneira, ela é uma espécie de presente, e todinha para ele. Recusar um presente assim é o mesmo que cuspir na cara dos deuses. Ele sabe que precisa agir rápido, terminar o trabalho, desaparecer, mas tem muito tempo ainda para isso. Ele pode sentir o cheiro do perfume que passaram nela; cheira a esquifes de mulheres jovens que morreram virgens. Doçura desperdiçada.

Ele não vai estar estragando nada, ou nada que tenha sido comprado e pago: o desonesto Senhor das Trevas já deve ter vindo e partido. Será que ele havia ficado todo vestido com a sua cota de malha enferrujada? Provavelmente. Penetrou-a ruidosamente como uma pesada chave de ferro, girando-lhe na carne, arrombando-a. Ele se lembra muito bem da sensação. Isso ele não vai fazer.

Ele ergue a mão dela até a boca e encosta os lábios nela; não é um beijo, mas um sinal de respeito e homenagem. Gentil e eminente senhora, ele diz o cumprimento de praxe do mendigo diante de um possível benfeitor —, notícias da sua extrema beleza me trouxeram até aqui, embora a minha simples presença coloque a minha vida em perigo. Não posso vê-la com os meus olhos porque sou cego. Permite que eu a veja com as minhas mãos? Seria um último gesto de

bondade, e talvez também para a senhora.

Ele não foi escravo em vão: ele aprendeu a bajular, a mentir, a agradar. Ele coloca os dedos em seu queixo, e espera enquanto ela hesita, e por fim concorda. Ele pode ouvir o que ela está pensando: *Amanhã eu estarei morta*. Ele fica imaginando se ela adivinha o motivo verdadeiro pelo qual ele está ali.

Algumas das melhores coisas são feitas por aqueles que não têm para quem apelar, que não têm tempo, que entendem verdadeiramente o sentido da palavra *desamparado*. Eles não se preocupam com risco e lucro, não pensam no futuro, são obrigados a viver no presente. Quando somos atirados de um precipício, ou caímos ou então voamos, nos agarramos a qualquer esperança, por mais frágil que seja; por mais — se é que posso usar uma palavra tão batida — milagrosa. O que se quer dizer com isso é *Contrariando todas as expectativas*.

E é isso que acontece, esta noite.

O assassino cego começa a tocá-la bem devagar, com uma das mãos apenas, a direita — a mão destra, a mão da faca. Ele a passa pelo rosto dela, pelo pescoço; depois acrescenta a mão esquerda, a mão sinistra, usando as duas juntas, ternamente, como se estivesse segurando uma mecha de cabelo da maior fragilidade, uma mecha de seda. É como ser acariciada pela água. Ela treme, mas não, como antes, de medo. Após algum tempo, ela deixa cair o brocado vermelho que a envolvia, segura a mão dele e a guia.

O toque vem antes da visão, antes da fala. É a primeira linguagem e a última, e sempre diz a verdade.

Foi assim que a moça que não podia falar e o homem que não

podia ver se apaixonaram.

Você me surpreende, ela diz.

É mesmo?, ele diz. Por quê? Embora eu goste de surpreendê-la. Ele acende um cigarro, oferece a ela; ela sacode a cabeça, recusando. Ele está fumando demais. São os nervos, apesar de suas mãos firmes.

Porque você disse que eles se apaixonaram, ela diz. Você debocha tanto disto — uma superstição burguesa, não realista, podre. Um sentimento doentio, uma desculpa vitoriana para uma sensualidade honesta. Você está ficando indulgente?

Não culpe a mim, culpe a história, ele diz, sorrindo. Essas coisas acontecem. Há registros de paixão, ou pelo menos desta palavra. De qualquer maneira, eu disse que ele estava mentindo.

Você não vai se safar desse jeito. A mentira foi só no começo. Depois você mudou.

Ponto para você. Mas poderia haver uma forma mais dura de se encarar isso.

Isso o quê?

Esse negócio de se apaixonar.

E desde quando isto é um negócio?, ela diz, zangada.

Ele sorri. Isso a incomoda? É comercial demais? Afeta a sua consciência, é isso que você está dizendo? Mas há sempre uma negociação, não é?

Não, ela diz. Não há. Nem sempre.

Você poderia dizer que ele não deixou escapar a oportunidade.

Por que deixaria? Ele não tinha escrúpulos, a vida dele era um comendo o outro e sempre fora assim.

Ou você diria que os dois eram jovens e portanto não tinham experiência. Os jovens normalmente confundem desejo com amor, estão infestados por todo tipo de idealismo.

E eu não disse que ele não a matou depois. Como eu observei antes, ele só estava pensando em si mesmo.

Então você se acovardou, ela diz. Você está recuando, você é medroso. Não vai até o fim. Você está para o amor assim como um punheteiro está para o sexo.

Ele ri, uma risada espantada. Foi a linguagem grosseira, será que ela finalmente conseguiu surpreendê-lo? Modere a sua linguagem, senhorita.

Por que eu faria isso? Você não faz.

Eu sou um mau exemplo. Digamos apenas que eles puderam se deixar levar pelas — suas emoções, se é que se pode chamar assim. Puderam deitar e rolar em suas emoções — aproveitar o momento, verter poesia por todos os lados, queimar a vela, esvaziar o cálice, uivar para a lua. O tempo deles estava acabando. Eles não tinham nada a perder.

Ele tinha. Ou achava que tinha, sem dúvida!

Está bem, então. *Ela* não tinha nada a perder. Ele sopra uma nuvem de fumaça.

Diferentemente de mim, ela diz, acho que é isso que você quer dizer.

Diferentemente de você, querida, ele diz. Igual a mim. Sou eu

que não tenho nada a perder.

Ela diz: Mas você tem a mim. Eu sou alguma coisa.

The Toronto Star, 28 de agosto de 1935

GAROTA DA SOCIEDADE ENCONTRADA A SALVO

ESPECIAL PARA O STAR

A polícia suspendeu ontem a busca pela estudante Laura Chase, de quinze anos, que ficou desaparecida mais de uma semana e foi encontrada na casa de verão de amigos da família, sr. e sra. E. Newton-Dobbs, em Muskoka. O conhecido industrial Richard E. Griffen, casado com a irmã da srta. Chase, falou pelo telefone com os repórteres em nome da família. "Minha esposa e eu estamos muito aliviados", ele disse. "Foi apenas um mal-entendido causado pelo atraso do correio na entrega de uma carta. A srta. Chase achou que sabíamos dos seus planos de férias, bem como os seus anfitriões. Eles não lêem os jornais quando estão de férias, senão esta confusão teria sido evitada. Quando voltaram à cidade e se inteiraram da situação, eles nos telefonaram imediatamente."

Questionado sobre os boatos de que a srta. Chase havia fugido de casa e havia sido encontrada em circunstâncias curiosas no parque de diversões de Sunnyside Beach, o sr. Griffen disse que não sabia quem era o responsável por aqueles comentários maldosos, mas que ia descobrir. "Foi um simples mal-entendido, que poderia acontecer com qualquer pessoa", ele declarou. "Minha esposa e eu estamos contentes por ela estar bem e estamos gratos à polícia, aos jornais e ao público por sua ajuda." Consta que a srta. Chase ficou abalada com a publicidade e que está se recusando a dar entrevistas.

Embora não tenha havido nenhum problema mais sério, esta não foi a primeira vez que a má qualidade do serviço postal causou sérias dificuldades. O público merece um serviço em que possa confiar plenamente. Os funcionários do governo devem cuidar disso.

O assassino cego: Andando pela rua

Ela anda pela rua, esperando parecer uma mulher com direito a andar pela rua. Ou melhor, por aquela rua. Mas não é. Sua roupa está errada, seu chapéu está errado, seu casaco está errado. Ela devia estar com um lenço na cabeça, amarrado debaixo do queixo, um casaco largo, puído nas mangas. Ela devia ter um ar desmazelado e frugal.

As casas aqui ficam uma de cara para a outra. Antigamente chalés de empregados, filas e filas, mas agora há menos empregados e os ricos tomaram outras providências. Tijolo preto de fuligem, duas para lá, duas para cá, privada nos fundos. Algumas têm vestígios de uma horta nos seus pequenos quintais — um tomateiro seco, uma estaca de madeira com um barbante pendurado. As hortas não podiam dar certo — ali devia ser muito sombrio, a terra muito cheia de cinzas. Mas mesmo aqui as árvores outonais eram pródigas, as folhas que restavam eram amarelas, laranja e vermelhas, e de um vermelho-escuro cor de fígado fresco.

De dentro das casas vinham gritos, latidos, um estrondo ou uma batida. Vozes femininas alteradas de raiva, gritos desafiadores de crianças. Nas varandas apertadas, homens sentavam-se em cadeiras de madeira, com as mãos sobre os joelhos, desempregados mas ainda com teto e um lar. Os olhos deles fixos nela, suas testas franzidas, observando com amargura o casaco com gola e punhos de pele, a bolsa de crocodilo. Talvez eles sejam inquilinos, amontoados em porões ou em algum outro canto para ajudar com o aluguel.

Mulheres passam apressadas, com as cabeças baixas, os ombros caídos, carregando embrulhos de papel pardo. Elas devem ser casadas. A palavra *ensopado* vem à mente. Elas devem ter conseguido uns ossos com o açougueiro, devem estar levando para casa os cortes de carne baratos, para serem servidos com repolho murcho. Os ombros dela são retos demais, seu queixo muito erguido, ela não tem aquele ar abatido: quando elas erguem a cabeça o suficiente para olhar para ela, os olhares são obscenos. Devem pensar que ela é uma prostituta, mas com sapatos como aqueles o que ela estará fazendo ali? Muito abaixo do seu padrão.

Aqui está o bar, na esquina onde ele disse que estaria. A cervejaria. Há um bando de homens reunidos do lado de fora. Nenhum deles diz nada quando ela passa, eles simplesmente olham como que de trás de uma moita, mas ela pode ouvir o murmúrio, ódio e desejo misturados na garganta, seguindo-a como a esteira de um navio. Talvez eles a tenham confundido com uma voluntária da igreja ou alguma outra assistente social intrometida. Metendo o nariz na vida deles, fazendo perguntas, oferecendo migalhas de ajuda complacente. Mas ela está bem-vestida demais para isso.

Ela tomou um táxi, saltou a três quarteirões de distância, onde havia mais trânsito. É melhor não se tornar alvo da curiosidade: quem iria tomar um táxi nestas redondezas? Embora ela seja uma curiosidade de qualquer maneira. O que ela precisa é de um casaco diferente, comprado num brechó, amassado dentro de uma mala. Ela podia ir até um restaurante de hotel, deixar seu casaco na portaria, ir até o banheiro e se trocar. Despentear o cabelo, borrar o batom. Sair de lá uma mulher diferente.

Não. Isso jamais iria funcionar. Para começar, tinha a mala; sair

de casa com ela. *Onde é que você vai com tanta pressa?*

Então só lhe resta disfarçar-se sem disfarce. Confiar apenas em seu rosto, na astúcia dele. Ela já adquiriu bastante prática nesta altura, em serenidade, frieza, inexpressividade. Um erguer das duas sobrancelhas, o olhar cândido, transparente de uma agente dupla. Um rosto de pura água. Não é a mentira que conta, é evitar a necessidade dela. Tornar todas as perguntas antecipadamente idiotas.

No entanto, existe um certo perigo nisso. Para ele também: mais do que havia antes, ele disse a ela. Ele acha que foi identificado na rua uma vez: reconhecido. Um valentão qualquer do Esquadrão Vermelho, talvez. Ele havia entrado num bar cheio de gente e saído pelos fundos.

Ela não sabe se acredita nisto ou não, neste tipo de perigo: homens de ternos escuros com os colarinhos levantados, carros à espreita. *Venha conosco. Vamos levá-lo preso.* Salas vazias e luzes ofuscantes. Parece teatral demais, ou então coisas assim só acontecem no meio da neblina, em preto e branco. Só em outros países, em outras línguas. Ou então, se acontecem aqui, não acontecem com ela.

Se fosse apanhada, ela renunciaria a ele, sem pestanejar. Ela sabe disso, com clareza, com tranquilidade. De qualquer maneira, ela ficaria impune, seu envolvimento seria visto como uma aventura leviana ou então como uma manifestação de rebeldia, e qualquer tumulto que pudesse ocorrer seria abafado. Ela teria de pagar por isto em particular, é claro, mas com o quê? Ela já está falida: não se pode tirar leite de pedra. Ela teria de fechar para balanço. Sair para o

almoço, em caráter permanente.

Ultimamente ela tem tido a sensação de estar sendo vigiada, embora sempre que procure não ache ninguém. Ela está sendo mais cuidadosa; o mais cuidadosa possível. Ela sente medo? Sim. Quase o tempo todo. Mas o medo não importa. Ele aumenta o prazer que ela sente com ele, e também a sensação de que está se saindo bem.

O perigo verdadeiro vem de si mesma. O que ela irá permitir, até onde vai querer ir. Só que a questão não é permitir ou querer. É, melhor dizendo, para onde ela vai ser empurrada, para onde vai ser conduzida. Ela não analisou os seus motivos. Talvez não haja exatamente um motivo; o desejo não é um motivo. Ela tem a sensação de não ter nenhuma escolha. Um prazer assim tão extremo é também uma humilhação. É como ser vergonhosamente arrastada por uma corda, ter uma coleira em volta do pescoço. Ela se ressentida da sua falta de liberdade, e por isso estica o tempo entre um encontro e outro, racionando o amante. Ela o deixa esperando, inventa desculpas para não ir diz que não viu as marcas de giz no muro do parque, não recebeu a mensagem — o endereço novo da loja inexistente, o cartão-postal assinado por uma velha amiga que ela nunca teve, o telefonema para o número errado.

Mas, no fim, ela vai. Não adianta resistir. Ela vai encontrá-lo em busca de amnésia, de esquecimento. Ela se entrega, se apaga; entra na escuridão do seu próprio corpo, esquece o próprio nome. Imolação é o que ela deseja, mesmo que por um momento. Existir sem limites.

Ainda assim, ela se vê refletindo sobre coisas que nunca lhe haviam

ocorrido antes. Como é que ele faz para lavar a roupa dele? Uma vez ela viu meias secando no aquecedor — ele a tinha visto olhando, e as havia tirado dali. Ele arruma tudo antes da visita dela, ou pelo menos tenta. Onde é que ele come? Ele lhe disse que não gosta de ser visto muitas vezes no mesmo lugar. Ele tem de circular, variar de cantina, de bar. Em sua boca, essas palavras têm um certo charme. Tem dias que ele está mais nervoso, que fica de cabeça baixa, que não sai; em alguns quartos ela encontra caroços de maçã; farelos de pão no chão.

Onde é que ele consegue as maçãs, o pão? Ele é estranhamente reticente com relação a esses detalhes — ao que acontece na vida dele quando ela não está lá. Talvez ele ache que isto possa diminuí-lo aos olhos dela, saber demais. Conhecer muitos detalhes sórdidos. Talvez ele tenha razão. (Todas aquelas pinturas de mulheres, em galerias de arte, surpreendidas em momentos privados. Ninfa dormindo. Susana e os anciãos. Mulher se banhando, com um dos pés numa bacia de lata — Renoir, ou seria Degas? Os dois, as duas mulheres gordas. Diana e suas donzelas, um instante antes de avistarem o caçador curioso. Mas nenhum quadro chamado Homem Lavando Meias na Pia.)

O romance acontece à meia distância. Romance é olhar para você mesmo através de uma janela embaçada de orvalho. Romance significa deixar coisas lá fora: enquanto a vida bufa e ronca, o romance apenas suspira. Será que ela quer mais do que isso — mais dele? Será que ela quer o pacote inteiro?

O perigo viria de olhar muito de perto e enxergar demais — de fazê-lo minguar e ela junto com ele. E depois acordar vazia, vendo tudo acabado morto e enterrado. Ela ficaria sem nada. Ficaria *desolada*.

Uma palavra antiga.

Desta vez, ele não veio ao encontro dela. Disse que era melhor não vir. Ela teve de achar o caminho sozinha. Enfiado na palma da sua luva, há um papelzinho dobrado, com instruções cifradas, mas ela não precisa consultá-lo. Ela pode sentir o leve clarão dele de encontro à sua pele, como um mostrador de rádio no escuro.

Ela o imagina imaginando-a — imaginando-a caminhando pela rua, cada vez mais perto, quase chegando. Ele estará impaciente, nervoso, mal podendo esperar? Será que ele é como ela? Ele gosta de fingir indiferença — fingir que não se importa se ela vai chegar ou não —, mas é só teatro, como muitas outras coisas. Por exemplo, ele não está mais fumando cigarros industrializados, não tem dinheiro para isso. Ele enrola os próprios cigarros, com um daqueles obscenos instrumentos de borracha cor-de-rosa que produz três de cada vez; ele os corta com uma gilete, depois guarda-os num maço de Craven A. Uma das suas pequenas enganações, ou vaidades; a necessidade que ele tem delas deixa-a com um nó na garganta.

Às vezes ela traz cigarros para ele, punhados deles — liberalidade, opulência. Ela os rouba da cigarreira de prata que fica na mesinha de tampo de vidro, enche a bolsa com eles. Mas ela não faz isso toda vez. É melhor mantê-lo em suspense, mantê-lo com fome.

Ele fica deitado de costas, saciado, fumando. Se ela quiser declarações de amor, tem de consegui-las antes — garanti-las primeiro, como uma prostituta e seu dinheiro. Por mais pobres que sejam. *Senti saudades suas*, ele poderá dizer. Ou então, *com você eu*

estou sempre querendo mais. Os olhos fechados, rangendo os dentes para se controlar; ela o ouve dizendo de encontro ao seu pescoço.

Depois, ela tem de penar.

Diz alguma coisa.

O quê?

O que você quiser.

Me diz o que você quer ouvir.

Se eu fizer isso e você repetir, eu não vou acreditar em você.

Então leia nas entrelinhas.

Mas não há nenhuma linha. Você não me passou nenhuma.

Às vezes ele canta:

Você bota, você tira,

E a fumaça sobe pela chaminé do mesmo jeito.

Que tal isso como verso?, ele diz.

Você é mesmo um filho da mãe.

Eu nunca disse que não era.

Não é de espantar que eles recorram a histórias.

Ela vira à direita no sapateiro, depois caminha um quarteirão, depois mais duas casas. Chega no pequeno edifício: o Excelsior. Deve ter recebido este nome em homenagem ao poema de Henry Wadsworth Longfellow. Um estandarte com um emblema esquisito, um cavaleiro sacrificando todas as preocupações mundanas para alcançar as alturas. As alturas de quê? Da beatice burguesa. Que ridículo, aqui e

agora.

O Excelsior é de tijolos vermelhos e tem três andares, quatro janelas em cada andar, com sacadas de ferro batido — mais uma plataforma do que uma sacada, sem espaço nem para uma cadeira. A princípio um lugar um pouco acima do padrão da vizinhança, hoje um local em que as pessoas mal sobreviviam. Em uma das sacadas alguém improvisou um varal; um pano de prato encardido está pendurado ali como se fosse a bandeira de algum regimento derrotado.

Ela passa na frente do edifício, depois atravessa na esquina seguinte. Lá ela pára e olha para baixo como se estivesse com alguma coisa presa no sapato. Para baixo, depois para trás. Não há ninguém a seguindo, nenhum carro avançando lentamente. Uma mulher gorda sobe penosamente as escadas da frente com uma sacola em cada mão; dois meninos com roupas remendadas correm atrás de um cachorro sujo pela calçada. Nenhum homem à vista, exceto três velhos urubus de varanda debruçados sobre o mesmo jornal.

Então ela faz a volta e, quando chega no Excelsior, entra rapidamente no beco ao lado e caminha depressa, contendo-se para não correr. O asfalto é irregular, os saltos dos seus sapatos, altos demais. Ali não é um bom lugar para torcer o pé. Ela se sente mais exposta agora, à vista de todos, embora não haja nenhuma janela.

Seu coração bate forte, suas pernas estão bambas. O pânico toma conta dela, por quê?

Ele não vai estar lá, diz uma vozinha em sua cabeça; uma voz angustiada, uma voz chorosa como uma pomba piando. Ele partiu. Ele foi levado. Você nunca mais irá vê-lo de novo. Nunca mais. Ela

está quase chorando.

Que boba, assustando-se desse jeito. Mas existe um fundo de verdade em tudo isso. Ele poderia desaparecer com mais facilidade do que ela: ela tem um endereço fixo, ele sempre saberia onde encontrá-la.

Ela pára, ergue o braço, sente o perfume tranquilizador do punho do seu casaco. Há uma porta de ferro nos fundos, uma entrada de serviço. Ela bate de leve na porta.

O assassino cego: O porteiro

A porta se abre, ele está lá. Ela não tem nem tempo de se sentir grata por isto antes que ele a puxe para dentro. Eles estão num patamar de escada; escada dos fundos. Não há nenhuma luz, exceto a que entra por uma janela, em algum lugar acima. Ele a beija, segurando-lhe o rosto com as duas mãos. O queixo dele parece uma lixa. Ele está tremendo, mas não de desejo, ou não só.

Ela se afasta. Você está parecendo um bandoleiro. Ela nunca viu um bandoleiro; está pensando naqueles das óperas. Nos contrabandistas, em *Carmem*.

Desculpe, ele diz. Eu tive de fugir apressado. Podia ser um alarme falso, mas fui obrigado a deixar algumas coisas para trás.

Uma gilete, por exemplo?

Dentre outras coisas. Venha — é mais para baixo.

As escadas eram estreitas: madeira sem pintura, um corrimão vagabundo. No fundo, um chão de cimento. O cheiro de pó de carvão, um cheiro penetrante de subsolo, como as pedras úmidas de uma caverna.

É aqui. O quarto do porteiro.

Mas você não é o porteiro, ela diz, rindo um pouco. É?

Agora eu sou. Ou é isso o que o proprietário pensa. Ele passou aqui umas duas vezes, de manhã bem cedo, para ver se eu havia alimentado a caldeira, mas não demais.

Ele não ia gostar de ter inquilinos quentes, eles são caros demais; mornos já está bom. A cama não é grande coisa.

É uma cama, ela diz. Tranque a porta.

A porta não tranca, ele diz.

Há uma pequena janela, gradeada; os restos de uma cortina. Uma luz cor de ferrugem entra por ela. Eles encostaram uma cadeira na porta para prender a maçaneta, uma cadeira com quase todas as ripas quebradas, e que já era de uma madeira bem vagabunda mesmo. Não era uma barreira muito boa. Eles estão debaixo do único cobertor mofado, com os casacos dele e dela empilhados por cima. O lençol nem dá para descrever. Ela pode sentir as costelas dele, traçar os espaços entre elas.

O que é que você tem comido?

Não implica comigo.

Você está muito magro. Eu podia trazer alguma coisa, um pouco de comida.

Só que você não é muito confiável, é? Eu seria capaz de morrer de fome esperando você aparecer. Não se preocupe, logo logo eu estarei fora daqui.

De onde? Você quer dizer deste quarto, da cidade ou...

Eu não sei. Não chateia.

Eu estou interessada, só isso. Estou preocupada, quero...

Pára com isso.

Bom, então acho que temos de voltar para Zicron. A menos que

você queira que eu vá embora.

Não. Fica mais um pouco. Desculpe, é que eu ando estressado. Onde é que nós estávamos? Eu esqueci.

Ele estava resolvendo se cortava a garganta dela ou a amava para sempre.

Certo. Sim. As escolhas de sempre.

Ele está resolvendo se corta a garganta dela ou se a ama para sempre, quando — com a audição apurada que a cegueira lhe proporcionou — detecta um ruído metálico. Corrente contra corrente, grilhões em movimento. Está se aproximando pelo corredor. Ele sabe que o Senhor das Trevas ainda não fez sua visita comprada: percebeu isso pelo estado em que a moça se encontrava. Um estado intocado, por assim dizer.

O que fazer, então? Ele podia se enfiar atrás da porta ou debaixo da cama, abandoná-la à sua sorte, depois reaparecer e finalizar o trabalho para o qual havia sido pago. Mas o fato é que reluta em fazer isso. Ou então ele poderia esperar até que as coisas estivessem bem adiantadas e o cortesão estivesse surdo para o mundo exterior, e se esgueirar pela porta; mas então a honra dos assassinos enquanto grupo — enquanto associação, se preferir ficaria manchada.

Ele segura o braço da moça e, colocando a mão dela sobre sua própria boca, dá a entender que é preciso fazer silêncio. Então ele a faz sair da cama e a leva para trás da porta. Verifica se a porta está mesmo destrancada, como havia sido combinado. O homem não está esperando encontrar uma sentinela: no acordo que fez com a suma sacerdotisa, ele exigiu que não houvesse testemunhas. A sentinela do

Templo deveria escafeder-se quando o ouvisse aproximar-se.

O assassino cego arrasta a sentinela morta de debaixo da cama e a ajeita sobre a colcha, com a echarpe escondendo o corte em seu pescoço. Ela ainda não está fria, mas parou de sangrar. Vai ser um azar se o sujeito tiver uma vela acesa; no escuro todos os gatos são pardos. Donzelas do Templo são treinadas para ficar inertes.

Atrapalhado pela sua pesada fantasia de deus, que tradicionalmente inclui um capacete e um visor, o homem pode levar algum tempo até descobrir que está trepando com a mulher errada, e que, ainda por cima, ela está morta.

O assassino cego puxa o cortinado de brocado da cama e o deixa quase fechado. Depois vai para perto da moça, e os dois se espremem o máximo possível contra a parede.

A pesada porta range ao abrir-se. A moça vê uma sombra avançar pelo chão. O Senhor das Trevas não consegue enxergar muito bem, é claro; ele bate em alguma coisa, pragueja. Agora ele está tentando abrir o cortinado. Onde está você, minha bela? Ele está dizendo. Ele não vai se espantar por não obter resposta, uma vez que ela é, convenientemente, muda.

O assassino cego começa a sair de trás da porta, e a moça junto com ele. Como é que eu me livro desta maldita roupa? O Senhor das Trevas está resmungando para si mesmo. Os dois saem pela porta na ponta dos pés, depois atravessam o corredor de mãos dadas, como duas crianças fugindo dos adultos.

Atrás deles alguém dá um berro, de raiva ou de terror. Com uma das mãos encostada na parede, o assassino cego começa a correr. Ele vai arrancando as tochas de seus suportes à medida que corre,

jogando-as para trás e torcendo para que se apaguem.

Ele conhece o Templo de trás para a frente, pelo tato e pelo olfato; faz parte do seu trabalho saber essas coisas. Ele conhece a cidade do mesmo jeito, pode percorrê-la como um rato num labirinto — conhece seus portais, seus túneis, suas rotas de fuga e seus becos sem saída, suas valas e fossos —, até mesmo suas senhas, na maioria das vezes. Ele sabe quais os muros que pode escalar, onde estão todos os buracos e saliências onde pode se agarrar. Ele empurra um painel de mármore, onde há um baixo-relevo do Deus Partido, o patrono dos fugitivos, e a escuridão os envolve. Ele percebe isso pelo modo como a moça tropeça, e pela primeira vez se dá conta de que, levando-a junto, ele vai se atrasar, vai ser prejudicado pela capacidade dela de enxergar.

Do outro lado da parede, ouvem-se passos. Ele sussurra. Segure-se na minha roupa, acrescentando, desnecessariamente, Não diga uma palavra. Eles estão no meio do emaranhado de túneis secretos que permitem que a suma sacerdotisa e seus asseclas tomem conhecimento de tantos segredos valiosos daqueles que vêm ao Templo para estar com a Deusa ou confessar-se a ela ou então para rezar, mas eles precisam sair dali o mais rápido possível. Afinal de contas, aquele é o primeiro lugar que a suma sacerdotisa vai pensar em examinar. Mas ele não pode escapar com ela através da pedra solta na parede externa por onde entrou. O falso Senhor das Trevas pode saber disso, tendo contratado o crime e especificado a hora e o lugar, e já deve, a essa altura, ter compreendido a traição do assassino cego.

Abafado pela rocha maciça, um gongo de bronze soa. Ele pode ouvi-lo através dos pés.

Ele conduz a moça de parede em parede, e depois descem uma escada íngreme e apertada. Ela está soluçando de medo: o fato de ter a língua cortada não a impede de chorar. Que pena, ele pensa. Ele tateia à procura do aqueduto fora de uso que sabe que existe lá, ajuda-a a subir nele, oferecendo suas mãos como estribo, e depois sobe atrás dela. Agora eles vão ter de rastejar para fora. O cheiro não é agradável, mas é um cheiro antigo. Emanações humanas coaguladas, transformadas em pó.

Então o ar fica fresco. Ele cheira, para ver se há fumaça de tochas.

Há estrelas?, ele pergunta a ela. Ela faz um sinal afirmativo. Então não há nuvens. Que pena. Duas das cinco luas devem estar brilhando — ele sabe disso pelo período do mês — e mais três virão em seguida. Duas ficarão claramente visíveis pelo resto da noite, e durante o dia estarão incandescentes.

O templo não vai querer que a história da fuga deles se espalhe — isto diminuiria o prestígio do lugar e poderia provocar manifestações de revolta. Alguma outra moça seria escolhida para o sacrifício: com todos aqueles véus, quem iria saber? Mas muita gente devia estar atrás deles, às escondidas, mas incansavelmente. Eles poderiam ir para um esconderijo, porém mais cedo ou mais tarde teriam de sair atrás de comida e água. Sozinho ele talvez conseguisse passar, mas os dois não. Ele poderia abandoná-la. Ou matá-la e jogar o corpo num buraco.

Não, ele não pode fazer isso.

Existe sempre a opção de ir para a caverna dos assassinos. É para lá que eles vão quando estão de folga, para jogar conversa fora e

dividir despejos, contando vantagens sobre seus feitos. Ela fica audaciosamente escondida bem debaixo da sala de julgamento do palácio principal, uma caverna profunda coberta de tapetes — tapetes que os assassinos eram obrigados a fabricar quando crianças e que roubaram depois disso. Eles os conhecem pelo tato, e freqüentemente sentam-se neles, fumando uma erva que faz sonhar e passando os dedos pelos desenhos, pelas cores vibrantes, lembrando como eram essas cores quando ainda podiam ver.

Mas só os assassinos cegos podem entrar nesta caverna. Eles formam uma sociedade fechada, à qual estranhos só são levados como pilhagem. Além disso, ele está traindo sua profissão mantendo viva alguém que foi pago para matar. Eles são profissionais, os assassinos; eles se orgulham de cumprir seus contratos, eles não toleram violações dos seus códigos de conduta. Eles o matariam sem piedade, e a matariam também, logo em seguida.

É bem possível que tenham contratado um dos seus companheiros para segui-los. Nada melhor que um ladrão para pegar outro ladrão. Então, mais cedo ou mais tarde, eles estarão perdidos. Só o perfume dela já irá denunciá-los — ela foi perfumada até a raiz dos cabelos.

Ele vai ter de tirá-la de Sakiel-Norn — tirá-la da cidade, do território conhecido. É um risco, mas não tão grande quanto ficar. Talvez ele consiga alcançar o cais e embarcar num navio. Mas como passar pelos portões? Todos os oito estão trancados e vigiados, como acontece toda noite. Sozinho, ele poderia escalar as paredes — seus dedos das mãos e dos pés parecem de lagartixa —, mas com ela isto seria uma catástrofe.

Existe uma outra maneira. Parando para escutar a cada passo, ele a conduz colina abaixo, na direção da parte da cidade mais próxima ao mar. As águas de todas as nascentes e fontes de Sakiel-Norn vão dar em um único canal, e este canal leva a água para fora, através de um túnel em arco, por baixo do muro da cidade. A água é mais alta que a cabeça de um homem, e a corrente é forte, por isso ninguém tenta entrar na cidade por ali. Mas e para sair? Água corrente vai amenizar o perfume.

Ele sabe nadar. Esta é uma das habilidades que os assassinos se encarregam de desenvolver. Ele presume, corretamente, que a moça não sabe. Ele diz a ela para tirar toda a roupa e fazer uma trouxa com ela. Depois ele tira a veste do Templo e amarra suas roupas na trouxa, junto com as dela. Amarra o pano em volta dos próprios ombros, depois nos pulsos dela, e diz a ela que se o nó desmanchar ela não deve soltá-lo em hipótese alguma. Quando chegarem no portal, ela deve prender a respiração.

Os pássaros estão despertando, ele pode ouvir seus primeiros grasnidos; logo vai clarear o dia. Três ruas adiante, alguém está vindo, com um passo firme, deliberado, como se estivesse procurando alguma coisa. Ele conduz a moça empurrando-a para dentro da água fria. Ela se assusta mas obedece. Eles flutuam; ele procura o fluxo da corrente, presta atenção no repuxo e no gorgolejo que a água faz ao entrar na abertura. Se se adiantarem demais, eles vão ficar sem fôlego, mas se demorar muito, ele vai bater com a cabeça na pedra. Então ele mergulha.

A água é nebulosa, não tem forma, pode-se passar a mão através dela; no entanto ela pode matá-lo. A força de algo assim é o seu ímpeto, a sua trajetória. Com o que colide e a que velocidade. O

mesmo pode se dizer de... mas deixa isso para lá.

Há uma passagem longa e agonizante. Ele acha que seus pulmões vão arrebentar, que seus braços vão falhar. Ele sente o peso dela atrás dele, não sabe se ela se afogou. Pelo menos eles estão nadando a favor da corrente. Ele roça a parede do túnel; alguma coisa rasga. Pano ou carne?

Do outro lado da passagem, eles vêm à tona; ela tossindo, ele rindo baixinho. Ele segura a cabeça dela acima da água, deitada de costas; assim eles podem flutuar uma certa distância pelo canal. Quando julga que já está suficientemente longe e em segurança, ele sai da água, arrastando-a pela pedra íngreme da margem. Ele procura, tateando, a sombra de uma árvore. Está exausto, mas também exultante, cheio de uma alegria estranha e doída. Ele a salvou. Pela primeira vez em sua vida, ele exerceu a compaixão. Quem sabe o que poderia resultar de um tal afastamento do caminho que ele havia escolhido?

Tem alguém aqui?, ele diz. Ela pára para olhar, sacode a cabeça para dizer que não. Algum animal? Não de novo. Ele pendura as roupas nos galhos da árvore; em seguida, na luz suave das luas cor de açafrão, magenta e miosótis, ele a recolhe como se fosse seda e mergulha nela. Ela é fresca como um melão, e ligeiramente salgada como um peixe fresco.

Eles estão deitados nos braços um do outro, dormindo profundamente, quando três espiões, enviado pelo Povo da Desolação para explorar os acessos à cidade, tropeçam neles. Eles são acordados bruscamente, em seguida interrogados por um dos

espiões que fala a língua deles, embora de forma nada perfeita. O rapaz é cego, ele diz aos outros, e a moça é muda. Os três espiões ficam maravilhados com eles. Como eles conseguiram chegar ali? Não saindo da cidade, com certeza; todos os portões estão trancados. É como se eles tivessem caído do céu.

A resposta é óbvia: eles devem ser mensageiros divinos. Eles são respeitosamente convidados a vestir as roupas que já estão secas, a montar juntos no cavalo de um dos espiões e são levados para serem apresentados ao Servo da Alegria. Os espiões estão satisfeitos consigo mesmos, e o assassino cego é suficientemente esperto para não falar muito. Ele já ouviu algumas histórias sobre essas pessoas e suas crenças esquisitas a respeito de mensageiros divinos. Esses mensageiros tinham a fama de comunicar suas mensagens de formas obscuras, então ele tenta lembrar de todas as charadas e adivinhações e enigmas que já havia ouvido: O caminho para baixo é o caminho para cima. O que é que anda com quatro pernas de manhã, com duas ao meio-dia e com três à noite? O que é o que é que nasce em pé e corre deitado? O que é que é preto e branco e totalmente vermelho?

Isso não é zicroniano, eles não tinham jornais.

Ponto para você. Apaga isso. Que tal, Mais poderoso que Deus, mais diabólico que o Demônio; os pobres têm, os ricos não têm, e se você comer você morre?

Essa é nova.

Adivinha.

Desisto.

Nada.

Ela leva um minuto para entender. Nada. Sim, ela diz. Essa serve.

Enquanto cavalgam, o assassino cego mantém um dos braços ao redor da moça. Como protegê-la? Ele tem uma idéia, súbita e nascida do desespero, mas mesmo assim pode dar certo. Ele vai dizer que ambos são realmente mensageiros divinos, mas de tipos diferentes. Ele é quem recebe as mensagens do Invencível, mas só ela sabe interpretá-las. Isto ela faz com as mãos, fazendo sinais com os dedos. O método de ler estes sinais só foi revelado a ele. Ele vai acrescentar, só para evitar que tenham alguma idéia maldosa, que nenhum homem pode tocar na moça muda, nem de forma imprópria nem de qualquer outra forma. Só ele, é claro. Senão ela perde o poder.

É garantido, enquanto eles acreditarem. Ele espera que ela seja rápida para entender e saiba improvisar. Ele se pergunta se ela saberá algum sinal.

Chega por hoje, ele diz. Eu preciso abrir a janela.

Mas está tão frio.

Para mim não. Este lugar parece um *closet*. Eu estou sufocando.

Ela põe a mão na testa dele. Eu acho que você está ficando doente. Eu podia ir até a farmácia.

Não. Eu nunca fico doente.

O que foi? O que aconteceu? Você está preocupado.

Eu não estou preocupado exatamente. Eu nunca me preocupo. Mas não confio no que está acontecendo. Não confio nos meus

amigos. Nos meus falsos amigos.

Por quê? O que eles estão aprontando?

São todos uns safados, ele diz. Esse é o problema.

Mayfair, fevereiro de 1936

NOTÍCIAS QUENTES DE TORONTO

POR YORK

O Royal York Hotel ficou lotado de foliões com fantasias exóticas em meados de janeiro, no terceiro baile de caridade à fantasia, em auxílio à Downtown Foundlings' Crèche. O tema deste ano — com uma referência ao espetacular "Tamurlane em Samarkand" do Beaux Arts Ball do ano passado — foi "Xanadu" e, sob a hábil direção do sr. Wallace Wynant, os três luxuosos salões de baile foram transformados em um "imponente palácio" de brilho incomparável, onde Kubla Khan e sua corte fantástica recebiam. Potentados estrangeiros de países do Oriente e sua comitiva — haréns, servos, dançarinas e escravos, bem como donzelas com cítaras, comerciantes, cortesãos, faquires, soldados de todas as nações e uma profusão de mendigos — circulavam alegremente em volta de uma espetacular fonte "Alph, o Rio Sagrado", tingida de um roxo báquico por um refletor colocado bem no alto, sob grinaldas faiscantes de cristal na "Caverna de Gelo" localizada no centro.

O baile estendeu-se animadamente para os dois caramanchões adjacentes, todos cobertos de flores, enquanto uma orquestra de *jazz* em cada salão mantinha o ritmo. Nós não ouvimos nenhuma "voz ancestral profetizando guerra", uma vez que tudo estava em doce harmonia, graças à mão firme da sra. Winifred Griffen Prior, a organizadora do baile, maravilhosa em vermelho e dourado,

fantasiada de princesa do Rajistão. Fizeram parte também do comitê de festa a sra. Richard Chase Griffen, uma criada abissínia em verde e prateado, a sra. Oliver MacDonnell, em vermelho chinês, e a sra. Hugh N. Hillert, imponente como uma sultanesa em magenta.

O assassino cego: Alienígena no gelo

Ele está em outro lugar agora, num quarto que alugou perto da ferrovia. Fica em cima de uma loja de ferragens. Na vitrina há uma variedade de chaves inglesas e dobradiças. A loja não vai indo muito bem; nada aqui vai indo muito bem. O vento levanta areia, papéis amassados voam pelo chão; as calçadas estão traiçoeiras por causa do gelo, resultante da neve acumulada que ninguém tirou.

A meia distância, trens gemem e entram no desvio, seus apitos soando ao longe. Nunca alô, sempre adeus. Ele podia pegar um, mas é um risco: eles são patrulhados, embora nunca se saiba quando. De qualquer maneira, ele está preso ali agora — vamos ser sinceros — por causa dela; embora, como os trens, ela nunca chegue na hora e esteja sempre partindo.

Para chegar ao quarto, é preciso subir dois lances de escada, escadas traseiras com piso de borracha, a borracha gasta e irregular, mas pelo menos é uma entrada separada. A não ser que você considere o jovem casal com um bebê do outro lado da parede. Eles usam a mesma escada, mas ele raramente os vê, eles acordam muito cedo. Mas ele pode ouvi-los à meia-noite, quando está tentando trabalhar; eles trepam como se não houvesse amanhã, com a cama rangendo como um bando de ratos. Ele fica louco com isso. A impressão é que com um bebê aos berros eles desistiriam da coisa, mas não, o galope não pára. Pelo menos eles são rápidos. Às vezes ele encosta o ouvido na parede para ouvir. Qualquer vigia serve numa tempestade, ele pensa. À noite, todas as vacas são vacas.

Ele já cruzou algumas vezes com a mulher, toda encasacada e com um lenço na cabeça como se fosse uma avó russa, às voltas com pacotes e com o carrinho de bebê. Eles guardam o carrinho no *hall* de entrada, onde ele fica à espreita como se fosse um alienígena preparado para o golpe, com a boca preta escancarada. Ele a ajudou uma vez e ela sorriu para ele, um sorriso furtivo, seus dentes pequenos azulados nas bordas, como nata de leite. *A minha máquina de escrever incomoda vocês à noite?* Ele tinha arriscado — dando a entender que estava acordado nessa hora, que ouvia o que se passava. *Não, de forma alguma.* Um olhar vazio, burro como o de um bezerro. Olheiras escuras sob os olhos, sulcos que iam do nariz até os cantos da boca. Ele duvida que os acontecimentos da noite sejam idéia dela. Em primeiro lugar, são rápidos demais — o cara entra e sai como se fosse um ladrão de banco. Ela tem a palavra *burro de carga* escrita na testa; provavelmente ela fica olhando para o teto, pensando em lavar o chão.

O quarto dele foi criado dividindo-se um quarto maior ao meio, o que explica a finura da parede. O espaço é estreito e frio: entra um ventinho pela moldura da janela, o aquecedor chacoalha e pinga mas não produz calor. Um vaso sanitário escondido num canto gelado, com a louça manchada de um laranja tóxico decorrente de urina envelhecida e ferro, e um boxe de chuveiro feito de zinco com uma cortina de borracha encardida de velhice. O chuveiro é uma mangueira preta que sobe por uma das paredes, com uma ponta redonda de metal furado. O filete de água que sai dela é frio como o seio de uma bruxa. Uma cama embutida, tão mal instalada que ele quase arrebenta as tripas para abri-la; um balcão de compensado de madeira cheio de pregos, pintado de amarelo há muito tempo. Um

fogão de uma boca. A sujeira cobre tudo como se fosse fuligem.

Comparado com onde ele poderia estar, é um palácio.

Ele largou os companheiros. Sumiu sem deixar endereço. Não era possível levar tanto tempo para arranjar um passaporte, ou os dois passaportes que ele pede. Ele achou que eles o estavam deixando na reserva, como uma espécie de seguro: se alguém mais valioso dentre eles fosse preso, eles poderiam usá-lo como moeda de troca. Talvez eles estivessem pensando mesmo em entregá-lo. Ele daria um belo bode expiatório: ele é dispensável, nunca se encaixou realmente no perfil deles. Um companheiro de viagem que não viajava nem muito depressa nem para muito longe. Eles não gostavam da sua erudição, não gostavam do seu ceticismo, que confundiam com frivolidade. *Só porque Smith está errado, não quer dizer que Jones está certo*, ele havia dito uma vez. Eles provavelmente anotaram isso para referência futura. Eles têm as suas listinhas.

Talvez eles quisessem o seu próprio mártir, o seu próprio Sacco e Vanzetti em um só homem. Depois que ele for enforcado e seu rosto infame, tachado de Vermelho, aparecer em todos os jornais, eles irão revelar alguma prova de sua inocência — contabilizar alguns pontos de violência moral. *Vejam o que o sistema faz! Assassinato inegável! Não existe justiça!* É assim que eles raciocinam, os camaradas. Como um jogo de xadrez. Ele seria o peão sacrificado.

Ele vai até a janela, olha para fora. Pedacos de gelo como presas de elefante amarronzadas pendem do lado de fora do vidro, tomando a cor do telhado. Ele pensa no nome dela, com uma aura elétrica em

volta dele — um zumbido sexual como néon azul. Onde ela está? Ela não vai tomar um táxi, não imediatamente, ela é esperta demais para isso. Ele fica olhando para o ponto de bonde, induzindo-a hipnoticamente a materializar-se. Descendo do bonde com uma rápida visão de perna, uma bota de salto alto, da mais fina pelica. *Boceta sobre estacas*. Por que ele pensa essas coisas, sabendo que se qualquer outro homem dissesse isso sobre ela, ele daria um soco no filho da mãe?

Ela vai estar usando um casaco de pele. Ele irá desprezá-la por isso, irá pedir que ela fique vestida com ele. Durante todo o ato.

Da última vez que ele a viu, havia uma mancha roxa em sua coxa. Ele desejou que tivesse sido ele a provocá-la. *O que é isto? Eu bati numa porta*. Ele sempre sabe quando ela está mentindo. Ou pensa que sabe. Pensar que sabe pode ser uma armadilha. Um ex-professor disse-lhe uma vez que ele tinha uma inteligência dura como diamante e na época ele havia ficado envaidecido. Agora ele reflete sobre a natureza dos diamantes. Embora afiados, brilhantes e úteis para cortar vidro, eles só brilham com uma luz refletida. Não prestam para nada no escuro.

Por que ela continua vindo? Será que ele é algum jogo particular que ela está jogando, será isto? Ele não deixa que ela pague nada para ele, não se deixa comprar. Ela quer que ele lhe proporcione uma história de amor, porque é isso que as moças querem, pelo menos moças do tipo dela, que ainda esperam alguma coisa da vida.

Mas deve haver algum outro motivo. O desejo de vingança, ou de castigo. As mulheres têm maneiras curiosas de ferir os outros. Elas acabam ferindo a si mesmas; ou então fazem isso de tal forma que o

cara só fica sabendo que está sendo ferido muito mais tarde. Aí então ele descobre. Aí então o seu pau diminui. Apesar daqueles olhos, da linha pura do pescoço, ele às vezes vislumbra nela algo complexo e maculado.

É melhor não inventá-la em sua ausência. É melhor esperar até que ela esteja realmente lá. Então ele pode inventá-la no decorrer do processo.

Ele tem uma mesa de *bridge*, comprada numa feira de artigos de segunda mão, e uma cadeira de armar. Ele se senta à máquina de escrever, sopra os dedos, coloca o papel.

Numa geleira localizada nos Alpes suíços (ou nas Montanhas Rochosas, melhor, ou na Groenlândia, melhor ainda), alguns exploradores encontraram — enterrado no gelo — um veículo espacial. Ele tem a forma de um pequeno dirigível, mas pontudo nas extremidades como um quiabo. Uma luz sobrenatural emana dele, brilhando através do gelo. De que cor é essa luz? Verde é melhor, com uma pontinha de amarelo, como absinto.

Os exploradores derretem o gelo, usando o quê? Um maçarico que por acaso têm com eles? Uma fogueira feita de árvores próximas? Se forem árvores, é melhor voltar para as Montanhas Rochosas. Não há árvores na Groenlândia. Talvez um cristal enorme pudesse ser usado, que ampliaria os raios do sol. Os escoteiros — ele havia sido escoteiro por um breve período — aprendiam a usar esse método para acender uma fogueira. Longe do chefe dos escoteiros, um homem jovial, de cara rosada, que gostava de cantar em volta da fogueira, eles miravam as lentes de aumento para os próprios braços

para ver quem agüentava mais tempo. Eles tocavam fogo em agulhas de pinheiro e em pedaços de papel usando o mesmo método. Não, o cristal gigantesco ia ser impossível demais. O gelo é derretido aos poucos. X, que vai ser um escocês tristonho, avisa a eles para não se meterem com aquilo porque não vai dar em boa coisa, mas Y, que é um cientista inglês, diz que eles devem contribuir para o enriquecimento do conhecimento humano, enquanto Z, um americano, diz que eles vão ganhar milhões. B, que é uma moça loura, com uma boca túmida, inchada, diz que é tudo muito excitante. Ela é russa e dizem que acredita no Amor Livre. X, Y e Z não testaram isso ainda, embora todos desejassem fazê-lo Y subconscientemente, X culpadamente e Z grosseiramente.

Ele sempre chama os seus personagens por letras, a princípio, e mais tarde resolve os nomes. Às vezes ele consulta a lista telefônica, às vezes inscrições em túmulos. A mulher é sempre B, representando Boca Bonita, Belo Bumbum ou Bonita e Burra, dependendo do humor dele. Ou Belíssima, é claro.

B dorme numa barraca separada e tem o hábito de esquecer suas luvas e de perambular à noite, desobedecendo as regras. Ela comenta a respeito da beleza da lua e das qualidades harmônicas dos uivos dos lobos; ela é íntima dos cachorros que puxam o trenó, conversa com eles em russo como se fossem bebês, e afirma (apesar do seu materialismo científico oficial) que eles possuem almas. Isto vai ser um problema se ficarem sem comida e tiverem de comer um deles, X concluiu naquele seu jeito escocês pessimista.

A estrutura resplandecente em forma de quiabo é retirada do gelo, mas os exploradores só têm poucos minutos para examinar o material de que é feita — uma liga fina de metal desconhecida para o

homem — antes que ela se vaporize, deixando um cheiro de amêndoas, ou patchuli, ou açúcar queimado, ou ácido sulfúrico, ou cianureto.

É revelada então uma forma, humanóide, obviamente masculina, vestida com um conjunto colado à pele, azul-esverdeado, da cor das penas do pavão, que brilha como asas de besouro. Não. Parece demais com uma fada. Vestido com um conjunto colado à pele, azul-esverdeado como uma chama de gás, com um brilho como o da gasolina derramada na água. Ele ainda está incrustado no gelo, que deve ter se formado no interior do quiabo. Tem a pele verde-clara, orelhas ligeiramente pontudas, lábios finos e rasgados, e olhos grandes, que estão abertos. Eles são feitos principalmente de pupilas, como as corujas. Seu cabelo é de um verde mais escuro, e se estende sobre o crânio em grossas espirais. O crânio forma uma ponta no alto.

Inacreditável. Um ser vindo do espaço. Quem sabe quanto tempo ele ficou ali? Décadas? Séculos? Milênios?

Com certeza está morto.

O que eles irão fazer? Eles erguem o bloco de gelo em que ele está preso e fazem uma reunião. (X diz que eles devem ir embora e chamar as autoridades; Y quer dissecá-lo ali mesmo, mas alguém lembra que ele pode vaporizar-se, como a espaçonave; Z é a favor de levá-lo de volta à civilização num trenó, e depois enrolá-lo em gelo seco e vendê-lo para quem oferecer mais; B diz que os cachorros que puxam o trenó estão demonstrando um estranho interesse e que começaram a uivar, mas ela é ignorada por causa do seu jeito russo, feminino, exagerado, de colocar as coisas.) Finalmente — agora já

está escuro e a aurora boreal está se comportando de uma maneira estranha decidem colocá-lo na barraca de B. B vai ter de dormir na outra barraca, junto com os três homens, o que proporcionará algumas oportunidades de voyeurismo à luz de velas, uma vez que B com certeza sabe como preencher um traje de escalar e um saco de dormir. Durante a noite eles se revezarão em turnos de quatro horas de guarda. De manhã irão tirar a sorte para chegar a uma decisão final.

Tudo corre bem durante os turnos de X, Y e Z. Então vem o turno de B. Ela diz que está com uma sensação esquisita, um palpito de que algo vai dar errado, mas ela tem o hábito de dizer isso e portanto é ignorada. Acordada por Z, que ficou olhando com ímpetos libidinosos enquanto ela se espreguiçava e saía do saco de dormir e depois vestia a sua roupa acolchoada, ela toma o seu lugar na barraca com o ser congelado. O bruxulear da vela deixa-a num estado sonolento; ela se vê imaginando como o homem verde se comportaria numa situação romântica — ele tem sobrancelhas atraentes, embora seja tão magro. Ela cochila.

A criatura presa no gelo começa a brilhar, a princípio suavemente, depois mais fortemente. A água escorre silenciosamente para o chão da barraca. O gelo desaparece.

Ele se senta e depois se levanta. Sem um som, ele se aproxima da moça adormecida. O cabelo verde-escuro que cobre a sua cabeça se mexe, espiral por espiral, depois se estica, tentáculo — agora se percebe — por tentáculo. Um dos tentáculos se enrosca no pescoço da moça, outro em volta dos seus abundantes encantos, um terceiro tapa a sua boca. Ela acorda como que de um pesadelo, mas não é um pesadelo: o rosto do ser espacial está pertinho do dela, seus

tentáculos frios prendem-na num abraço implacável; ele está olhando para ela com um desejo sem precedentes, com uma voracidade nua e crua. Nenhum homem mortal jamais a olhou com tanta intensidade.

Ela luta um pouco, depois rende-se ao seu abraço. Não que ela tenha muita escolha. A boca verde se abre revelando presas. Elas se aproximam do seu pescoço. Ele a ama tanto que irá assimilá-la — torná-la parte de si mesmo, para sempre. Ele e ela se tornarão um só. Ela compreende isso sem palavras, porque dentre outras coisas este alienígena tem o dom da telepatia. *Sim*, ela suspira.

Ele enrola outro cigarro. Será que ele vai permitir que B seja comida e bebida deste jeito? Ou os cães ouvem o chamado dela, soltam-se de suas correntes, rasgam a lona da barraca, destroçam o cara, tentáculo por tentáculo? Será que um dos outros — ele está inclinado para Y, o frio cientista inglês — vem salvá-la? Será que haverá uma luta? Isso pode ser bom. *Idiota! Eu poderia ter lhe ensinado tudo!*, o alienígena comunicará telepaticamente a Y, pouco antes de morrer. Seu sangue terá uma cor não-humana. Laranja seria bom.

Ou talvez o cara verde irá trocar fluidos intravenosos com B e ela se tornará igual a ele — uma versão esverdeada, aperfeiçoada, de si mesma. Aí existirão dois deles, e eles esmagarão os outros, decapitarão os cachorros e partirão para conquistar o mundo. As cidades ricas, tirânicas, têm de ser destruídas, as cidades pobres, virtuosas, libertadas. *Nós somos o Flagelo de Deus*, eles irão anunciar. Agora eles possuirão o Raio Mortal, produzido a partir do conhecimento do homem espacial e de porcas e dobradiças roubadas

de uma loja de ferragens próxima, então quem irá discutir?

Ou então o alienígena não está bebendo o sangue de B — ele está se injetando nela! O corpo dele irá murchar como uma uva, sua pele seca, enrugada, irá transformar-se em névoa, e de manhã não haverá nenhum traço dele. Os três homens encontrarão B esfregando os olhos, sonolenta. *Não sei o que aconteceu*, ela irá dizer, e como ela nunca sabe, eles acreditarão nela. *Talvez nós todos tenhamos tido uma alucinação*, eles dirão. *É o Norte, é a aurora boreal — ela confunde o cérebro dos homens. Ela engrossa o sangue dos homens com o frio*. Eles não perceberão o brilho verde ultra-inteligente do alienígena nos olhos de B, que já eram mesmo verdes. Mas os cachorros vão saber. Eles vão farejar a mudança. Eles irão rosnar com as orelhas esticadas para trás, eles irão uivar tristemente, eles não serão mais amigos dela. *O que foi que deu nestes cachorros?*

As opções são tantas!

A luta, a briga, o resgate. A morte do alienígena. Roupas serão rasgadas no processo. Elas sempre são.

Por que ele escreve essa porcaria? Porque precisa — senão ele estaria totalmente falido, e procurar emprego nestas circunstâncias o exporia muito mais do que a prudência exigia. E também porque ele sabe. Tem facilidade para isso. Nem todo mundo tem: muitos tentaram e não conseguiram. Um dia ele teve outras ambições, maiores e mais sérias. Descrever a vida de um homem como ela é, de verdade. Descer até o fundo, expor o salário de fome e o pão com toucinho e as prostitutas que enfrentam a escória e jogam no escuro e as botas na cara e o vômito na vala. Expor o funcionamento do

sistema, a maquinaria, o modo como ele o mantém vivo apenas enquanto você ainda pode dar alguma coisa, como ele usa você, transforma-o numa roda de engrenagem ou em salmoura, esfrega a sua cara no estêreo de uma forma ou de outra.

O trabalhador médio não leria este tipo de coisa, entretanto — o trabalhador que existe na cabeça dos camaradas é tão intrinsecamente nobre! O que esses caras querem é porcaria. Barato de comprar, uma ninharia por um pouco de ação e um monte de peitos e bundas. Não que se possa usar as palavras *peitos e bundas*: as massas são surpreendentemente puritanas. Seios e traseiros são o máximo a que se pode chegar. Sangue e balas, tripas e gritos e estertores, mas nada de nudez frontal. Nem *palavrões*. Ou talvez não seja puritanismo, talvez elas simplesmente não queiram ser excluídas.

Ele acende um cigarro, anda de um lado para outro, olha pela janela. Cinzas escurecem a neve. Um bonde passa sacudindo os trilhos. Ele se vira, anda de um lado para outro, com um viveiro de palavras na cabeça.

Ele olha o relógio: ela está atrasada de novo. Ela não vem.

VII



A mala

A única forma de escrever a verdade é supor que o que você colocar no papel jamais será lido. Nem por outra pessoa nem por você mesma mais tarde. Senão você começa a se desculpar. Você tem de ver as palavras emergindo como um longo arabesco de tinta do dedo indicador da sua mão direita; e ver a sua mão esquerda apagando-o.

Impossível, é claro.

Eu ajusto as contas com o destino, eu ajusto as contas com o destino, este fio negro que vou tecendo ao longo da página.

Ontem chegou um pacote para mim: uma nova edição de *O assassino cego*. Este exemplar é meramente uma cortesia: não vai gerar nenhum dinheiro, pelo menos não para mim. O livro agora é de domínio público e qualquer um pode publicá-lo, então o espólio de Laura não receberá nenhum dividendo. É isso que acontece após um número determinado de anos da morte de um autor: você perde o controle. A obra passa a pertencer ao mundo, multiplicando-se sabe Deus em quantas formas, sem que se possa opinar a respeito.

Artemisia Press, é o nome deste grupo; são ingleses. Acho que foram eles que me pediram para escrever uma introdução, o que eu recusei, é claro. Provavelmente dirigido por um bando de mulheres, com um nome desses. Imagino qual a Artemisia que tinham em mente — a general persa, descrita por Heródoto, que fugiu quando viu que estava perdendo a batalha, ou a matrona romana que comeu

as cinzas do marido morto para que o seu corpo se tornasse o sepulcro vivo dele? Provavelmente a pintora renascentista estuprada: é a única delas que é lembrada hoje.

O livro está na mesa da cozinha. *Obras-primas esquecidas do século XX*, está escrito em itálico sob o título. Laura foi uma "modernista", declaram na orelha. Ela foi "influenciada" por gente como Djuna Barnes, Elizabeth Smart, Carson McCullers — autoras que eu sei, com certeza, que Laura nunca leu. O desenho da capa não está ruim, entretanto. Um tom desbotado de roxo-amarronzado, um ar fotográfico: uma mulher de combinação, na janela, vista através de uma cortina de tela, com o rosto na sombra. Atrás dela, um pedaço de um homem — o braço, a mão, a parte de trás da cabeça. Bastante apropriado, eu suponho.

Eu decidi que estava na hora de ligar para o meu advogado. Ou melhor, não para o meu advogado de verdade. O que eu costumava considerar como sendo meu, que cuidou daquele problema com Richard, que lutou contra Winifred tão heroicamente, embora em vão — esse morreu há várias décadas. Desde então, eu venho passando de mão em mão dentro da firma, como algum bule de prata passado para cada nova geração como presente de casamento, mas que ninguém nunca usa.

— Por favor, o sr. Sykes — eu disse para a moça que atendeu. Suponho que seja uma recepcionista. Eu imaginei as unhas dela, longas, pontudas e pintadas de marrom. Mas talvez esse seja o tipo errado de unha para uma recepcionista hoje. Talvez a cor certa seja azul-gelo.

— Sinto muito, mas o sr. Sykes está numa reunião. Gostaria de deixar o nome?

Daria no mesmo se usassem robôs. — Sra. Iris Griffen — eu disse, no meu tom de voz mais frio e cortante. — Eu sou uma das clientes mais antigas dele.

Isso não abriu nenhuma porta. O sr. Sykes continuou em reunião. Parece que ele é um rapaz ocupado. Mas por que eu penso nele como sendo um rapaz? Ele deve ter mais de cinquenta anos — quem sabe nasceu no mesmo ano em que Laura morreu. Será que ela já está mesmo morta há tanto tempo, o tempo necessário para formar e aprimorar um advogado? Outra daquelas coisas que devem ser verdade porque todo mundo diz que são, embora eu tenha a impressão de que não são.

— Posso dizer ao sr. Sykes do que se trata? — perguntou a recepcionista.

— Do meu testamento — eu disse. — Estou pensando em fazer um testamento. Ele já me aconselhou muitas vezes a fazer isso. (Uma mentira, mas eu queria deixar bem marcado no cérebro dela que eu e o sr. Sykes éramos unha e carne.) Além de outros assuntos. Eu devo ir a Toronto em breve para consultá-lo. Talvez ele possa ligar para mim, quando tiver um tempinho.

Eu imaginei o sr. Sykes recebendo o recado; imaginei o friozinho que correria pela sua espinha enquanto ele tentava lembrar do meu nome e finalmente conseguia. Alguém caminhando sobre o seu túmulo. É o que você sente — até eu sinto — quando lê alguma coisa no jornal sobre alguém que um dia foi famoso ou célebre e que já está morto há muito tempo. No entanto, parece que continua vivo, de

uma forma encolhida, obscurecida, incrustada pelos anos, como um besouro sob uma pedra.

— É claro, sra. Griffen — a recepcionista disse. — Pode deixar que ele vai ligar para a senhora.

Elas devem receber aulas — aulas de dicção — para conseguir aquela mistura certa de consideração e desprezo. Mas por que eu estou reclamando? Essa foi uma habilidade que eu mesma desenvolvi, um dia.

Eu desliguei o telefone. Sem dúvida vai haver alguma confabulação entre o sr. Sykes e os seus amiguinhos joviais, quase carecas, barrigudinhos, proprietários de Mercedes: *O que será que aquela coruja velha pode ter para deixar?*

Isto é, que valha a pena mencionar.

Em um dos cantos da minha cozinha tem uma mala, coberta de etiquetas. Ela faz parte do jogo de malas do meu enxoval — originalmente de pelica amarelo-clara, agora desbotada, os acabamentos de metal sujos e quebrados. Eu a mantenho trancada e a chave no fundo de um pote cheio de farelo de cereais. Latas de chá ou café seriam óbvias demais.

Eu lutei com a tampa do pote — preciso pensar num esconderijo melhor, mais fácil — e finalmente consegui abri-la, e tirei a chave. Ajoelhei-me com uma certa dificuldade, girei a chave e ergui a tampa.

Havia algum tempo que eu não abria esta mala. O cheiro de chamuscado, de folhas de outono, típico de papéis velhos, entrou-me

pelo nariz. Lá estavam todos os cadernos com suas capas de papelão vagabundo, que pareciam lixa prensada. E também a cópia datilografada, presa por um ziguezague de barbante de cozinha. E também as cartas para os editores — minhas, é claro, não de Laura, que nessa altura já estava morta — e as provas corrigidas. E também as cartas ofensivas, até que parei de guardá-las.

E também cinco exemplares da primeira edição, com as sobrecapas ainda em estado de novas — espalhafatosas, mas sobrecapas costumavam ser assim na época, nos anos logo antes da guerra. As cores são um laranja vivo, um roxo vulgar, um verde-musgo, impressas em papel fino, com um desenho horrível — uma falsa Cleópatra com seios verdes e volumosos e olhos pintados de preto e colares roxos que vão do umbigo até o queixo e uma boca enorme, beijuda, cor-de-laranja, surgindo como um gênio do meio da fumaça de um cigarro roxo. O ácido está corroendo as folhas, a capa virulenta está desbotando como as penas de uma ave tropical empalhada.

(Eu recebi seis exemplares de graça — exemplares do autor, era como se chamavam —, mas dei um deles para Richard. Não sei que fim ele levou. Imagino que o tenha rasgado, que era o que sempre fazia com papéis que não o interessavam. Não — agora me lembro. Ele foi encontrado no barco junto com ele, na mesa da cozinha, ao lado da cabeça dele. Winifred mandou-o de volta para mim com um bilhete: *Veja só o que você fez!* Eu o joguei fora. Não queria perto de mim nada que houvesse sido tocado um dia por Richard.)

Muitas vezes eu me perguntei o que fazer com tudo isto — este esconderijo de bugigangas, este pequeno arquivo. Não tenho coragem de vendê-lo, mas também não tenho coragem de jogá-lo

fora. Se eu não fizer nada, a decisão vai ficar com Myra, depois que eu morrer. Após o choque inicial supondo que ela comece a ler —, sem dúvida virá uma sessão de rasgação de papel. Depois um fósforo aceso e ponto final. Ela interpretaria isto como sendo lealdade: era o que Reenie teria feito. Nos velhos tempos, os problemas eram guardados em família, que ainda é o melhor lugar para eles, se é que existe um melhor lugar para problemas. Por que remexer nisso depois de tantos anos, com todos os envolvidos tão bem acomodados, como crianças cansadas, nos seus túmulos?

Talvez eu devesse deixar esta mala e todo o seu conteúdo para alguma universidade, ou então para uma biblioteca. Pelo menos ele seria apreciado, de um modo um tanto macabro. Um bom número de pesquisadores iria gostar de enfiar as garras nestes papéis velhos. *Material*, era o nome que eles dariam — o nome que usam para pilhagem. Eles devem achar que eu sou um dragão velho e antiquado, curvado sobre um tesouro adquirido desonestamente — uma invejosa, uma carcereira esquálida e feroz, uma empertigada guardiã das chaves, vigiando o calabouço onde a pobre Laura está acorrentada à parede.

Durante anos eles me bombardearam de cartas, querendo as cartas de Laura — querendo manuscritos, lembranças, entrevistas, histórias —, todos os terríveis detalhes. Para essas missivas inoportunas, eu costumava escrever respostas breves:

"Cara senhorita W, na minha opinião, a sua proposta de uma 'Cerimônia Comemorativa' na ponte que foi o cenário da morte trágica de Laura Chase é ao mesmo tempo mórbida e de mau gosto. A senhorita deve estar louca. Acho que está sofrendo de intoxicação.

Por que não tenta uma lavagem?"

"Cara senhora X, recebi sua carta relatando sua proposta de tese, embora não possa dizer que o título dela faça muito sentido para mim. Sem dúvida deve fazer para a senhora, ou a senhora não o teria inventado. Não posso ajudá-la em nada. E também não acho que a senhora mereça qualquer ajuda. 'Desconstrução' dá a idéia de demolição, e 'problematizar' não é um verbo."

"Caro dr. Y, com referência ao seu estudo das implicações teológicas de *O assassino cego*: as crenças religiosas da minha irmã eram muito arraigadas e nada convencionais. Ela não gostava de Deus, nem O aprovava, nem afirmava compreendê-Lo. Ela dizia que amava a Deus e, do mesmo modo que ocorre com seres humanos, isto era algo diferente. Não, ela não era budista. Não seja tolo. Sugiro que aprenda a ler."

"Caro professor Z, tomei nota da sua opinião de que há muito tempo já deveria ter sido escrita uma biografia de Laura Chase. Ela pode muito bem estar, como o senhor diz, 'entre as nossas escritoras mais importantes de meados deste século'. Eu não saberia dizer. Mas a minha cooperação no que o senhor chama de 'seu projeto' está fora de questão. Eu não tenho o menor desejo de satisfazer a sua cobiça por frascos de sangue coagulado e por dedos arrancados de santos. Laura Chase não é o seu 'projeto'. Ela era minha irmã. Ela não teria desejado ser manipulada depois de morta, não importa o eufemismo que fosse usado para designar esta manipulação. Coisas escritas podem causar um bocado de estrago. As pessoas quase nunca se preocupam com isso."

"Cara senhorita W, esta é a quarta carta que a senhorita escreve a respeito do mesmo assunto. Pare de me perseguir. Não tem o que fazer?"

Durante décadas estas cartas odientas me proporcionaram um prazer mórbido. Eu gostava de lamber os selos, e depois jogar as cartas, como se fossem granadas, na caixa vermelha do correio, com a sensação de ter calado a boca de algum intrometido ambicioso. Mas ultimamente eu parei de responder. Por que espicaçar estranhos? Eles não ligam a mínima para o que eu penso deles. Para eles eu sou apenas um apêndice: a mão reserva, extra, de Laura, que não está ligada a nenhum corpo — a mão que a passou adiante, para o mundo, para eles. Eles me vêem como um repositório — um mausoléu vivo, uma *fonte*, como dizem. Por que eu faria algum favor a eles? Para mim, não passam de carniceiros — hienas, todos eles; chacais farejando carne podre, abutres brigando por carniça; moscas de cadáver. Eles querem me catar como se eu fosse uma pilha de ossos, procurando fragmentos de metal e cacos de louça, fragmentos de cuneiformes e sobras de papiros, curiosidades, brinquedos perdidos, dentes de ouro. Se eles suspeitassem do que eu tenho guardado aqui, arrombariam a fechadura, assaltariam a casa, dariam uma pancada na minha cabeça e fugiriam com o tesouro, achando que estavam com toda a razão.

Não. Para uma universidade, não. Por que dar-lhes esta satisfação?

Talvez a minha mala deva ir para Sabrina, apesar da sua decisão de permanecer incomunicável, apesar — e é isso que dói —, apesar da

sua omissão proposital. Entretanto, o sangue fala mais alto, como todo mundo sabe. Estas coisas pertencem a ela por direito. Pode-se até dizer que são a sua herança: afinal de contas, ela é minha neta. E é também sobrinha-neta de Laura. Com certeza ela vai querer conhecer as suas origens, desde que tenha acesso a elas.

Mas Sabrina, sem dúvida, rejeitaria este presente. Ela é adulta agora, eu estou sempre repetindo para mim mesma. Se ela quiser perguntar-me alguma coisa, se tiver algo a me dizer, vai entrar em contato comigo.

Mas por que não o faz? O que a estará retardando tanto? Será que o seu silêncio é uma forma de vingança, por alguma coisa ou por alguém? Por Richard é que não é, com certeza. Ela não o conheceu. Nem por Winifred, de quem fugiu. Será que é pela sua mãe — pela pobre Aimee?

Até que ponto ela será capaz de lembrar? Ela só tinha quatro anos.

A morte de Aimee não foi culpa minha.

Onde está Sabrina agora, e o que poderá estar procurando? Eu a imagino como uma moça magra, com um sorriso hesitante, um tanto ascético; mas encantadora, com seus olhos sérios e azuis como os de Laura, seu cabelo longo e escuro torcido em volta da cabeça como serpentes adormecidas. No entanto, ela não usa véu; ela usa sandálias confortáveis, ou mesmo botas, com as solas gastas. Ou será que ela adotou um sari? Moças do tipo dela fazem isso.

Ela está cumprindo algum tipo de missão — alimentando os pobres do Terceiro Mundo, consolando os moribundos; expiando os nossos pecados. Uma tarefa inútil — os nossos pecados são um poço

sem fundo, e tem muito mais de onde eles vieram. Mas essa é a intenção de Deus, ela sem dúvida argumentaria — a inutilidade. Ele sempre gostou de futilidade. Acha que é nobre.

Ela se parece com Laura neste aspecto: a mesma tendência ao absolutismo, a mesma recusa em contemporizar, o mesmo desprezo pelas fraquezas humanas mais gritantes. Para se dar bem com isso, só sendo linda. Senão, parece mera rabugice.

Boca do Inferno

O tempo continua estranhamente quente. Perfumado, ameno, seco e luminoso; até o sol, normalmente tão pálido e fraco nesta época do ano, está forte e firme, o pôr-do-sol exuberante. O pessoal alegre e sorridente do canal do tempo diz que isto se deve a alguma catástrofe distante — um terremoto, um vulcão? Algum novo e criminoso Ato Divino. O lema deles parece ser *Existe um consolo para toda desgraça*. E uma desgraça para todo consolo.

Ontem, Walter levou-me de carro até Toronto para o encontro com o advogado. Ele nunca vai lá se puder evitar, mas Myra obrigou-o a ir. Isso foi depois de eu dizer que ia tomar o ônibus. Myra não quis nem ouvir falar nisso. Como todo mundo sabe, só existe um ônibus, e ele parte e chega no escuro. Ela disse que quando eu saltasse do ônibus à noite, os motoristas não iriam me enxergar e eu seria esmagada como um inseto. E, além disso, eu não devia ir sozinha para Toronto porque, como todo mundo sabe, lá só tem ladrões e malfeitores. Walter, ela disse, tomaria conta de mim.

Walter usou um boné vermelho de beisebol para a viagem; entre a parte de trás do boné e a ponta do colarinho da sua jaqueta, o seu pescoço hirsuto saltava como se fosse um bíceps. Suas pálpebras eram preguiçadas como joelhos. — Eu preferia usar a picape — ele disse —, porque ela parece uma latrina de tijolos e os imbecis iam pensar duas vezes antes de forçar a passagem. Só que ela está com umas molas quebradas e a viagem não ia ser muito confortável. — Segundo ele, todos os motoristas em Toronto eram doidos. — Bem,

você tem de ser doido para ir lá, não tem? — ele disse.

— Nós estamos indo para lá — eu disse.

— Mas só esta vez. Como costumávamos dizer para as garotas, uma vez só não conta.

— E elas acreditavam em você, Walter? — eu disse, provocando-o como ele gosta de ser provocado.

— É claro. Burras como uma porta. Especialmente as louras. — Dava para perceber que ele estava rindo.

Uma latrina de tijolos. Isso costumava ser dito a respeito de mulheres. Era um cumprimento na época em que nem todo mundo tinha uma latrina de tijolos: só de madeira, frágil, fedorenta e fácil de derrubar.

Assim que eu entrei no carro e ele prendeu o meu cinto de segurança, Walter ligou o rádio: violinos elétricos gemendo, romance atribulado, o compasso quadrado da desilusão. Sofrimento banal, mas assim mesmo sofrimento. A indústria do entretenimento. Todos nós nos tornamos *voyeurs*. Eu me recostei no travesseiro providenciado por Myra. (Ela nos havia enchido de provisões, como se estivéssemos embarcando numa viagem de navio — providenciara uma manta, sanduíches de atum, *brownies*, uma garrafa térmica de café.) Do lado de fora da janela estava o rio Jogues, seguindo preguiçosamente o seu curso. Nós o atravessamos e viramos para o norte, passando pelo que antigamente chamavam de cabanas de trabalhadores e que agora chamam de moradias populares, depois passamos por alguns pequenos negócios: um guincho de automóveis, um armazém de comida natural, um distribuidor de calçados ortopédicos com um sapato de néon verde acendendo e apagando

como se estivesse caminhando no mesmo lugar. Depois um shopping em miniatura, com cinco lojas, das quais só uma já estava enfeitada para o Natal. Depois o salão de beleza de Myra, o Hair Port. Havia um retrato de uma pessoa de cabelo curto na vitrine, mas eu não seria capaz de dizer se era homem ou mulher.

Em seguida um motel que antes era chamado de Fim de Viagem. Suponho que estivessem pensando que "O fim de viagem acaba no encontro de amantes", mas nem todo mundo tinha obrigação de entender a referência: o nome poderia ser considerado um tanto sinistro, um prédio só com entradas e sem nenhuma saída, cheio de aneurismas e trombozes e vidros vazios de comprimidos para dormir e buracos de bala na cabeça. Agora ele se chama simplesmente Viagem. Como foi inteligente mudar o nome dele. Ficou muito menos conclusivo, muito menos terminal. É bem melhor viajar do que chegar.

Passamos por mais algumas franquias — frangos sorridentes oferecendo travessas com partes fritas do seu próprio corpo, um mexicano risonho preparando tacos. O reservatório de água da cidade surgiu mais à frente, uma dessas enormes bolhas de cimento que pontilham a paisagem rural como balões que simbolizam a voz nas revistas em quadrinhos, só que desprovidos de palavras. Chegamos então à Zona Rural. Um silo de metal erguendo-se no meio de uma plantação como uma torre de submarino; de um lado da estrada, três corvos bicavam o cadáver peludo de uma marmota. Cercas, mais silos, um amontoado de vacas desanimadas; um bosque de cedros escuros, depois um trecho pantanoso, os juncos do verão já perdendo as folhas.

Começou a chover. Walter ligou o limpador de pára-brisa.

Embalada por aquele barulhinho monótono, eu adormeci.

Quando acordei, a primeira coisa que pensei foi Será que eu ronquei? E se ronquei, será que a minha boca estava aberta? Que coisa feia, e, portanto, humilhante. Mas não tive coragem de perguntar. No caso de você estar na dúvida, eu posso garantir que a vaidade nunca morre.

Nós estávamos na estrada de oito pistas, perto de Toronto. Isso segundo Walter: eu não podia ver nada porque estávamos presos atrás de um caminhão cheio de caixotes de gansos, destinados, sem dúvida, ao mercado. Seus pescoços longos e condenados e suas cabeças nervosas projetavam-se aqui e ali por entre as frestas, e eles abriam e fechavam os bicos, emitindo seus gritos trágicos e ridículos, abafados pelo ruído das rodas. Penas grudavam-se no pára-brisa, e o carro foi tomado pelo cheiro de cocô de ganso e de gasolina.

O caminhão tinha um adesivo que dizia: Se você estiver perto o suficiente para ler isto, é porque está perto demais. Quando ele finalmente saiu da frente, Toronto estava logo adiante, uma montanha artificial de vidro e concreto erguendo-se da planície à beira do lago, toda feita de cristais e pontas e enormes lajes faiscantes e obeliscos de cantos agudos, flutuando numa névoa marrom-alaranjada. Parecia algo que eu nunca havia visto antes — algo que havia surgido da noite para o dia, ou que não estava ali de verdade, como uma miragem.

Flocos pretos passavam voando como se uma montanha de papel estivesse pegando fogo mais à frente. A raiva vibrava no ar como se fosse calor. Eu pensei em carros que passam atirando.

O escritório do advogado ficava perto do King and Bay. Walter se perdeu, depois não conseguiu encontrar vaga. Nós tivemos de andar cinco quarteirões, Walter conduzindo-me pelo cotovelo. Eu não sabia onde nós estávamos, porque tudo mudou muito. Muda a cada vez que eu vou lá, o que não é freqüente, e o efeito cumulativo é devastador — como se a cidade tivesse sido bombardeada e depois totalmente reconstruída.

A cidade que eu me lembro — insípida, calvinista, com homens brancos vestindo sobretudos de cor escura, marchando em fila indiana pelas calçadas, com uma ou outra mulher intercalada, usando os saltos altos, as luvas e o chapéu de praxe, uma carteira enfiada debaixo do braço, olhando para a frente — simplesmente desapareceu, mas já desapareceu há algum tempo. Toronto não é mais uma cidade protestante, é uma cidade medieval: as multidões que enchem as ruas são multicoloridas, as roupas alegres. Barracas de cachorro-quente com toldos amarelos, vendedores de *pretzels*, camelôs vendendo brincos e cintos de couro e bolsas de tricô, mendigos com placas de DESEMPREGADO penduradas no pescoço: eles dividem o território entre si. Eu passei por um tocador de flauta, por um trio com guitarras elétricas, por um homem usando *kilt* e tocando gaita de foles. A qualquer momento eu esperava ver malabaristas ou engolidores de fogo, leprosos em procissão, com capuzes e sinos. O ruído era ensurdecador; uma película iridescente grudou nos meus olhos como se fosse óleo.

Finalmente chegamos no advogado. Quando consultei pela primeira vez esta firma, lá pelos anos quarenta, ela ficava num daqueles prédios de escritórios de tijolos vermelhos, no gênero dos

prédios de Manchester, com um saguão com piso de ladrilhos formando mosaicos e leões de pedra, e letras douradas nas portas de madeira com painéis de vidro granulado. O elevador era do tipo que tinha uma grade de metal dentro da própria gaiola; entrar nele era como passar uma curta temporada na prisão. Uma mulher usando um uniforme azul-marinho e luvas brancas o dirigia, anunciando os andares, que eram apenas dez.

Agora a firma de advocacia está instalada em uma torre de vidro blindado, num conjunto de salas cinqüenta andares acima do solo. Walter e eu subimos no veloz elevador, com seu interior de plástico imitando mármore e seu cheiro de escapamento de carro e seu aglomerado de pessoas conformadas, tanto homens quanto mulheres, todas com os olhos desviados e os rostos inexpressivos de quem trabalhou a vida toda como empregado. Pessoas que só vêm o que são pagas para ver. O escritório de advocacia tinha uma área de recepção que serviria perfeitamente para um hotel de cinco estrelas: um arranjo de flores de densidade e ostentação típicas do século XVIII, um tapete grosso, cor de cogumelo, que ia de parede a parede, uma pintura abstrata composta de caríssimos borrões.

O advogado chegou, apertou nossas mãos, murmurou, gesticulou: pediu que eu o acompanhasse. Walter disse que ficaria me esperando exatamente onde estava. Ele olhou com um certo alarme para a jovem e elegante recepcionista, com seu conjunto preto, sua echarpe cor de malva e suas unhas nacaradas; ela olhou, não para ele, mas para a sua camisa xadrez e suas botas imensas de solas de borracha. Então ele se sentou no sofá de dois lugares, no qual afundou imediatamente, como se tivesse sentado numa pilha de *marshmallows*; seus joelhos se fecharam como um canivete, suas

calças subiram, revelando meias grossas, vermelhas. Defronte dele, numa delicada mesinha, havia uma coleção de revistas especializadas, aconselhando-o como maximizar os seus investimentos financeiros. Ele pegou uma que tratava de fundos mútuos: em suas mãos avantajadas ela parecia um lenço de papel. Seus olhos estavam girando como os de um touro em debandada.

— Não vou me demorar — eu disse, para acalmá-lo. Na verdade, eu me demorei mais do que havia pensado. Bem, eles cobram pelo minuto, estes advogados, assim como as putas mais ordinárias. A toda hora eu esperava ouvir alguém bater na porta e dizer com uma voz irritada: *Ei, você aí. O que é que está esperando? Levanta, enfia e tira!*

Depois que eu terminei minha conversa com o advogado, nós voltamos para o carro e Walter disse que ia me levar para almoçar. Ele disse que conhecia um lugar. Imagino que Myra o tenha instruído a respeito: *Pelo amor de Deus, faça-a comer alguma coisa, nessa idade elas comem como um passarinho, nem chegam a perceber quando estão perdendo o gás, ela seria capaz de morrer de inanição no carro.* Ou então ele estava com fome: ele tinha Devorado todos os sanduíches, cuidadosamente embrulhados por Myra, enquanto eu estava dormindo, além dos *brownies*.

O lugar que ele conhecia chamava-se Boca do Inferno, ele disse. Ele havia comido lá da última vez, uns dois ou três anos antes, e a comida até que era decente. Ele havia comido o *cheeseburger* duplo com todos os acompanhamentos. Eles também serviam costeletas, e se especializavam em churrasco de modo geral.

Eu me lembrei desse restaurante, uns dez anos antes — na época em que passei a ficar de olho em Sabrina, depois que ela fugiu de casa pela primeira vez. Eu costumava ficar perto da escola dela no final do dia, sentada em bancos de parque, em lugares onde pudesse tocá-la — não, onde eu pudesse ser reconhecida por ela, embora houvesse pouca chance disto. Eu me escondia atrás de um jornal aberto, como um maníaco sexual patético e obcecado, e, assim como ele, possuída de um desejo sem esperança por uma menina que sem dúvida fugiria de mim como se eu fosse uma bruxa.

Eu queria apenas que Sabrina soubesse que eu estava lá; que eu existia; que eu não era como haviam dito a ela que eu era. Que eu podia ser um refúgio para ela. Eu sabia que ela ia precisar de um, que já estava precisando, porque eu conhecia Winifred. Mas foi tudo em vão. Ela nunca me identificou, eu nunca me revelei a ela. Quando chegou o momento decisivo, eu fui muito covarde.

Um dia eu a segui até o Boca do Inferno. Pareceu ser um lugar onde as garotas — garotas daquela idade, daquela escola — iam na hora do almoço ou quando estavam matando aula. A placa do lado de fora da porta era vermelha, as vitrines eram decoradas com conchas de plástico amarelo imitando chamas. Eu fiquei alarmada com a audácia miltoniana do nome: será que eles sabiam o que estavam invocando?

Atirado de cabeça, em chamas, do Etéreo Céu

Em terrível desgraça e combustão.

...Um Dilúvio de fogo, alimentado

Pelo inesgotável e eternamente incandescente Enxofre.

Não. Eles não sabiam. O Boca do Inferno era o Inferno apenas para a carne.

O interior tinha luminárias de vidro colorido e folhagens resistentes em vasos de cerâmica — um toque anos sessenta. Eu me sentei na divisória ao lado de onde Sabrina estava sentada com duas colegas de escola, todas elas usando o mesmo uniforme, infantil e sem graça, aquelas saias *kilt* parecendo mantas, com gravatas combinando, que Winifred sempre achou tão prestigioso. As três meninas tinham feito o possível para estragar o efeito — meias enroladas, metade das blusas para fora das saias, gravatas tortas. Elas estavam mastigando chicletes como se aquilo fosse uma obrigação religiosa, e falando daquele jeito enfasiado, alto demais, que meninas dessa idade sempre adotaram.

As três eram lindas, do modo como são lindas todas as meninas dessa idade. É inevitável, essa espécie de beleza, e não pode ser conservada; é um frescor, uma exuberância das células, que é espontânea e temporária, e que nada pode imitar. No entanto, nenhuma delas estava satisfeita com isso; elas já estavam fazendo tentativas de alterar suas aparências, de melhorar e modificar e diminuir, de se ajustar a algum molde impossível, imaginário, arrancando as sobrancelhas e pintando o rosto. Eu não as condenava, pois fizera a mesma coisa na idade delas.

Eu fiquei ali sentada olhando para Sabrina por baixo da aba larga do meu chapéu de sol e ouvindo a conversa banal delas, que elas usavam como se fosse camuflagem.

Nenhuma estava dizendo o que realmente pensava, nenhuma acreditava nas outras — com razão, uma vez que a traição

inconseqüente é muito comum naquela idade. As outras duas eram louras; só Sabrina era morena e lustrosa como uma amora. Ela não estava prestando atenção no que as amigas estavam dizendo e nem olhava diretamente para elas. Por trás daquele olhar estudadamente vazio, a revolta devia estar fervendo. Eu reconheci aquele mau humor, aquela teimosia, aquela indignação de princesa cativa, que tem de ficar escondida até você ter armas suficientes para lutar. Vigie suas costas, Winifred, eu pensei com satisfação.

Sabrina não notou a minha presença. Ou então notou, mas não sabia quem eu era. As três me lançaram alguns olhares e houve alguns cochiches e risadinhas; eu me lembro desse tipo de coisa. *Velhota malvestida* ou alguma versão mais moderna disto. Imagino que estivessem comentando a respeito do meu chapéu. Ele era tudo menos elegante, aquele chapéu. Para Sabrina, eu não passava de uma mulher velha — uma mulher mais velha —, uma mulher mais velha, desconhecida, ainda não suficientemente decrépita para chamar atenção.

Depois que as três foram embora, eu fui até o banheiro. Na parede do cubículo estava escrito um versinho:

Eu amo Darren amo sim

Ele pertence a mim e não a você

Se você tentar tomar o meu lugar

Juro por Deus que arrebento a sua cara.

As mocinhas eram mais diretas hoje em dia, embora continuassem sem saber pontuar.

Quando Walter e eu finalmente localizamos o Boca do Inferno, que não estava (ele disse) onde ele o havia deixado, a janela estava pregada com tábuas e um aviso qualquer colado nela. Walter farejou em volta da porta fechada como um cachorro que tivesse perdido um osso. — Parece que está fechado — ele disse. Ele ficou ali parado, por um longo momento, com as mãos nos bolsos. — Estão sempre mudando as coisas — ele disse. — Não dá para a pessoa acompanhar.

Depois de alguma procura e de algumas pistas falsas, nós nos decidimos por uma espelunca qualquer em Davenport, com bancos de vinil e vitrolas automáticas nas mesas, abastecidas com música country e uma coletânea de canções dos Beatles e de Elvis Presley. Walter escolheu "Heartbreak Hotel" e nós ficamos ouvindo enquanto comíamos nossos hambúrgueres e tomávamos nosso café. Walter insistiu em pagar — Myra de novo, sem dúvida. Ela deve ter dado um dinheiro para ele.

Eu só comi metade do meu hambúrguer. Não consegui comê-lo inteiro. Walter comeu a outra metade, enfiando-a inteira na boca como se a estivesse despachando pelo correio.

Quando estávamos indo embora, pedi a Walter para passar com o carro pela minha antiga casa — a casa onde eu havia morado com Richard. Eu me lembrava perfeitamente do caminho, mas quando cheguei na casa, a princípio não a reconheci. Ela ainda era desajeitada e sem graça, pesada, com janelas enviesadas, de um marrom denso como chá aferventado, mas suas paredes estavam cobertas de hera. O madeiramento imitando chalé, que um dia fora creme, havia sido pintado de verde, e a pesada porta da frente

também.

Richard não gostava de hera. Havia um pouco quando nos mudamos para lá, mas ele mandou tirar. Ele dizia que estragava os tijolos; que entrava nas chaminés e chamava ratos. Isto quando ele ainda apresentava razões para o que pensava e fazia, e ainda as apresentava como razões para o que eu deveria pensar e fazer. Isto foi antes de ele ter jogado para o alto as razões.

Eu tive uma rápida visão de mim mesma naquela época, com um chapéu de palha e um vestido amarelo-claro, de algodão por causa do calor. Isso foi no final do verão, no ano seguinte ao meu casamento; a terra parecia tijolo. Por sugestão de Winifred, eu estava me dedicando à jardinagem: ela disse que eu precisava ter um *hobby*. Ela decidiu que eu devia começar com um Jardim de pedras, porque mesmo que eu matasse as plantas as pedras continuariam lá. *É difícil matar uma pedra*, ela disse, brincando. Tinha enviado o que chamou de três homens de confiança, que deviam cavar e arrumar as pedras, para que depois eu pudesse plantar.

Já havia algumas pedras no jardim, encomendadas por Winifred: pequenas e grandes, jogadas a esmo ou empilhadas como peças caídas de um dominó. Ficamos todos ali parados, os três homens de confiança e eu, olhando para aquele monte de pedras. Eles estavam de boné na cabeça, sem paletó, com as mangas arregaçadas, os braços de fora; aguardavam minhas instruções, mas eu não sabia o que dizer a eles.

Naquela época eu ainda queria mudar alguma coisa — fazer alguma coisa sozinha, criar alguma coisa, não importava com que tipo de material. Eu ainda achava que podia. Mas eu não sabia nada

sobre jardinagem. Eu tive vontade de chorar, mas se você chorar uma única vez que seja, está perdida: se você chorar, os homens de confiança irão desprezá-la, e aí não vão mais ser de confiança.

Walter ajudou-me a saltar do carro, depois esperou silenciosamente, um pouco atrás de mim, pronto para me segurar se eu tropeçasse. Eu fiquei parada na calçada e olhei para a casa. O jardim de pedra ainda estava lá, embora muito abandonado. É claro que era inverno, então era difícil dizer, mas duvido que alguma coisa ainda crescesse lá, exceto, talvez, algumas urucuranas, que dão em toda parte.

Havia uma enorme caçamba de lixo na entrada, cheia de pedaços de madeira, de pedaços de reboco: a casa devia estar em obras. Ou então tinha havido um incêndio: uma janela do segundo andar estava quebrada. Moradores de rua acampam em casas assim, segundo Myra: basta deixar uma casa vazia, pelo menos em Toronto, que eles aparecem imediatamente, promovem festas regadas a drogas ou algo parecido. Cultos satânicos, ela ouviu dizer. Acendem fogueiras no chão de madeira, entopem os vasos sanitários e cagam nas pias, roubam as torneiras, as maçanetas, tudo o que possam vender. Embora às vezes sejam apenas crianças que quebram vidraças para se divertir. Os jovens têm um talento inato para isso.

A casa parecia sem dono, transitória, como uma foto num folheto de imobiliária. Não parecia mais ter nenhuma ligação comigo. Eu tentei recordar o som dos meus passos, com minhas botas de inverno, na neve dura e quebradiça, andando depressa, voltando tarde para casa, inventando desculpas; a grade escura do portão; o modo como a luz das lâmpadas da rua batia nos montes de neve, azul

nas bordas e salpicada com o braile amarelo de xixi de cachorro. As sombras eram diferentes, então. O meu coração intranquilo, a minha respiração ofegante, fumaça branca no ar gelado. O calor febril dos meus dedos; meus lábios frios sob o batom recém-passado.

Havia uma lareira na sala de estar. Eu costumava sentar-me defronte a ela, junto com Richard, a luz do fogo refletindo-se em nós, nos nossos copos, cada um com seu descanso para proteger o verniz. Seis da tarde, hora do martini.

Richard gostava de fazer a *súmula* do dia, como ele a chamava. Ele tinha o hábito de pôr a mão na parte de trás do meu pescoço — mantendo-a ali, de leve, enquanto fazia a sua *súmula*. *Súmula* era o que os juízes faziam antes de um caso ir a julgamento pelo júri. Era assim que ele se via? Talvez. Mas seus pensamentos íntimos, seus motivos, normalmente eram obscuros para mim.

Esta era uma das fontes de tensão entre nós: o meu fracasso em compreendê-lo, em antecipar os seus desejos, o que ele atribuía à minha intencional e quase agressiva falta de atenção. Na realidade, era também perplexidade, e, mais tarde, medo. À medida que o tempo passava, ele se tornava cada vez menos um homem para mim, com uma pele e partes aproveitáveis, e cada vez mais um gigantesco rolo de barbante que eu estava condenada, como que por um feitiço, a tentar desenrolar a cada dia. E nunca conseguia.

Fiquei parada do lado de fora da minha casa, da minha antiga casa, esperando sentir alguma emoção, fosse de que tipo fosse. Mas não veio nenhuma. Tendo experimentado as duas coisas, não sei qual delas é a pior: um sentimento intenso ou a ausência de sentimento.

Do castanheiro que havia no gramado, pendia um par de pernas, pernas de mulher. Eu pensei por um momento que fossem pernas de verdade, descendo da árvore, fugindo, até olhar mais de perto. Era uma meia-calça com alguma coisa dentro — papel higiênico, sem dúvida, ou então roupa de baixo — e jogada da janela de cima durante algum rito satânico ou brincadeira de adolescente ou orgia dos sem-tetos. Presa nos galhos.

Deve ter sido da minha própria janela que aquelas pernas desmembradas do corpo foram jogadas. Da minha antiga janela. Eu imaginei a mim mesma olhando por aquela janela, muitos anos antes. Imaginando como poderia escapar por ali, sem ser vista, descendo pela árvore — tirando os sapatos, subindo no parapeito, esticando um pé, depois o outro, agarrando-me nas saliências. Só que nunca fiz isso.

Olhando pela janela. Hesitando. Pensando no quanto eu me sentia desnordeada.

Cartões-postais da Europa

Os dias ficam mais escuros, as árvores ficam lúgubres, o sol declina na direção do solstício de inverno, mas ainda não é inverno. Não há neve, nem granizo, nem ventos uivantes. É revoltante esta demora. Um silêncio cor de chumbo penetra em nós.

Ontem eu andei até a ponte Jubileu. Falam em ferrugem, em corrosão, em colapso estrutural; falam em derrubá-la. Algum incorporador sem nome e sem rosto está louco para construir um condomínio no terreno público que fica junto a ela, diz Myra — é um terreno privilegiado por causa da vista. Hoje em dia, vistas valem mais do que batatas, não que houvesse batatas naquele local. Dizem que houve suborno para facilitar o acordo, o que eu tenho certeza que aconteceu também quando a ponte foi construída, ostensivamente em honra à rainha Vitória. Algum empreiteiro deve ter subornado os representantes de Sua Majestade para conseguir o serviço, e aqui nesta cidade nós continuamos a respeitar os velhos hábitos: *Ganhe dinheiro, não importa como*. Esses são os velhos hábitos.

É estranho pensar que senhoras de babados e anquinhas um dia passearam por esta ponte e se debruçaram nesta grade de ferro trabalhada para apreciar a vista, hoje cara e prestes a ser privatizada: o turbilhão de água sob ela, os pitorescos rochedos a oeste, as fábricas ao longo do rio trabalhando a pleno vapor, até catorze horas por dia, cheias de caipiras subservientes e cintilando no escuro como cassinos iluminados a gás.

Eu fiquei parada na ponte e olhei para as águas correndo, lisas como caramelo, escuras e silenciosas, para todo aquele potencial ameaçador. Do outro lado ficavam as cachoeiras, os redemoinhos, toda aquela brancura barulhenta. É uma boa distância até a água. Eu tomei consciência do meu coração, e de uma certa tontura. Também de uma falta de ar, como se eu estivesse com a cabeça submersa. Mas submersa em quê? Não em água; em alguma coisa mais densa. Tempo: frio e velho tempo, velhas dores, depositando-se em camadas como lodo no fundo de um lago.

Por exemplo:

Richard e eu, sessenta e quatro anos atrás, andando pelo passadiço do *Berengeria* nas costas longínquas do oceano Atlântico, ele com o chapéu meio de lado, eu com a mão pousada de leve em seu braço — os recém-casados em lua-de-mel.

Por que lua-de-mel tem esse nome? *Lune de miel*, lua feita de mel — como se a Lua não fosse uma esfera fria, sem ar e deserta, feita de rochas esburacadas, e sim macia, dourada, açucarada, derretendo na boca e grudenta como o desejo, tão exageradamente doce que faz doer os dentes. Um farol ardente flutuando, não no céu, mas dentro do seu corpo.

Eu sei de tudo isso. Eu me lembro muito bem. Mas não por causa da minha lua-de-mel.

A emoção que eu recordo mais claramente daquelas oito semanas — será que foram nove? — é a ansiedade. Eu tinha medo que Richard estivesse achando a experiência do nosso casamento — estou me referindo à parte que acontecia no escuro e não podia ser

comentada — tão decepcionante quanto eu estava achando. Embora não parecesse ser o caso: no início ele era bastante afável comigo, pelo menos durante o dia. Eu escondia esta minha ansiedade o melhor que podia, e tomava banhos freqüentes: eu tinha a impressão de que estava ficando podre por dentro, como um ovo.

Depois de atracarmos em Southampton, Richard e eu fomos de trem para Londres, onde nos hospedamos no hotel Brown. Tomávamos café no apartamento, e para isso eu usava um negligê, um dos três escolhidos para mim por Winifred: rosa-pálido, marfim com rendas cor de chumbo, lilás com verde-água — cores claras, pálidas, que combinavam com o horário da manhã. Cada um deles tinha um chinelo de cetim combinando, enfeitado de pele tingida da mesma cor ou de penugem de cisne. Presumo que isto fosse o que as mulheres adultas usavam de manhã. Eu havia visto fotos destes conjuntos (mas onde? Quem sabe em anúncios, talvez de alguma marca de café?) — o homem de terno e gravata, o cabelo todo penteado para trás, a mulher de negligê, parecendo tão elegante quanto ele, com uma das mãos erguida, segurando o bule de café com seu bico curvo, um sorrindo para o outro com um ar abobado sobre a manteigueira.

Laura teria debochado dessas roupas. Ela já havia debochado delas quando as viu sendo guardadas na mala. Embora o termo certo não seja debochar. Laura era incapaz de debochar de alguma coisa. Faltava-lhe a necessária crueldade. (A crueldade deliberada, melhor dizendo. As crueldades dela eram acidentais — subprodutos de idéias grandiosas que pudessem estar passando pela sua cabeça.) A reação dela tinha sido mais de espanto — de incredulidade. Ela passara a mão pelo cetim com um estremecimento, e eu tinha sentido a

oleosidade fria, a textura escorregadia da fazenda, nas pontas dos meus dedos. Como pele de lagarto. "Você vai *vestir* isso?", ela perguntou.

Naquelas manhãs de verão em Londres — pois já era verão — nós tomávamos o nosso café da manhã com as cortinas semicerradas por causa da claridade do sol. Richard comia dois ovos quentes, duas fatias grossas de bacon e um tomate grelhado, com torrada e geléia, a torrada bem crocante, posta para esfriar num porta-torradas. Eu comia meia *grapefruit*. O chá era escuro forte, como água de pântano. Este era o modo correto, o modo inglês de servi-lo, segundo Richard.

Não se dizia muita coisa além daquilo que era de praxe, "Dormiu bem, querida?" e "Hum-hum, e você?". Richard mandava subir os jornais junto com os telegramas. Sempre havia muitos telegramas. Ele dava uma olhada nos jornais, depois abria os telegramas, lia-os, dobrava-os cuidadosamente duas vezes, colocava-os no bolso. Ou então rasgava-os. Ele nunca os amassava e jogava numa cesta de lixo, e mesmo que ele fizesse isso, talvez eu não os apanhasse depois para ler, pelo menos não nesse período da minha vida. Eu achava que todos eram para ele: eu nunca havia recebido um telegrama antes, e não podia imaginar por que alguém me mandaria um.

Richard tinha diversos compromissos durante o dia. Eu presumia que fossem com parceiros de negócios. Ele alugou um carro com motorista para mim, e eu era levada para visitar os lugares que, na opinião dele, mereciam ser vistos. Eu visitei, principalmente, prédios e parques. E também estátuas, erguidas do lado de fora dos prédios ou do lado de dentro dos parques: estadistas com as barrigas encolhidas para dentro e os peitos estufados para fora, a perna da

frente dobrada, segurando rolos de papel; militares a cavalo. Nelson na sua coluna, o príncipe Alberto no seu trono com um quarteto de mulheres exóticas contorcendo-se em volta dos seus pés, despejando frutas e trigo. Elas deviam representar os continentes, sobre os quais o príncipe Alberto, embora morto, ainda exercia controle, mas ele não prestava atenção nelas; estava sentado, sério e calado, sob sua cúpula dourada, com o olhar distante, o pensamento em coisas mais elevadas.

"O que foi que você viu hoje?", Richard perguntava na hora do jantar, e eu respondia obedientemente, listando um prédio, um parque ou uma estátua atrás da outra: a Torre de Londres, o Palácio de Buckingham, Kensington, a Abadia de Westminster, as Câmaras do Parlamento. Ele não incentivava a visita a museus, exceto ao de História Natural. Hoje eu me pergunto por que ele achava que a visão de tantos animais empalhados seria favorável à minha educação. Pois tinha ficado claro qual era o objetivo de todas essas visitas — minha educação. Por que os animais empalhados foram considerados melhores para mim, ou melhores para a idéia que ele tinha de como eu deveria ficar, do que um salão cheio de quadros, por exemplo? Acho que eu sei, mas talvez esteja enganada. Talvez os animais empalhados fossem uma espécie de zoológico — um lugar onde você levaria uma criança para passear.

No entanto, eu fui à Galeria Nacional. A *concièrge* do hotel sugeriu que eu fosse, depois que os prédios acabaram. Aquilo me cansou — era como uma loja de departamentos, tantos corpos amontoados nas paredes, tanta luz mas ao mesmo tempo foi divertido. Eu nunca havia visto tantas mulheres nuas num lugar só. Havia homens nus também, mas eles não estavam tão nus. Havia

também um bocado de fantasias. Talvez essas sejam categorias primárias, como mulheres e homens: nus e vestidos. Bem, Deus achava que sim. (Laura, em criança: *O que é que Deus veste?*)

Em todos esses lugares, o carro e o motorista ficavam esperando, e eu entrava com um andar decidido, por um portão ou uma porta qualquer, tentando parecer determinada; tentando não parecer tão solitária e vazia. Então eu ficava olhando por um longo tempo, para ter algo que dizer depois. Mas eu não conseguia entender o que estava vendo. Prédios são apenas prédios. Não há muito o que ver neles, a não ser que você entenda de arquitetura, ou então saiba o que aconteceu neles, coisa que eu não sabia. Eu não tinha talento para visão de conjunto; era como se os meus olhos batessem de encontro ao que eu estava olhando, e eu só conseguia perceber texturas: a dureza do tijolo ou da pedra, a lisura de corrimões de madeira encerada, a aspereza de um pêlo gasto. As estrias do chifre, o calor do marfim. Olhos de vidro.

Além destas excursões educativas, Richard incentivava-me a fazer compras. Eu achava as vendedoras assustadoras e comprava pouco. Em outras ocasiões, eu ia ao cabeleireiro. Ele não queria que eu cortasse nem ondulasse o cabelo, então não o fiz. Um estilo simples ficava melhor em mim, ele dizia. Combinava com a minha juventude.

Às vezes eu ficava simplesmente vagando, ou me sentava num banco de parque, esperando a hora de voltar. Às vezes um homem se sentava ao meu lado e tentava puxar conversa. Aí eu ia embora.

Eu passava um bocado de tempo trocando de roupa. Perdendo tempo com cadarços, com fivelas, com a inclinação dos chapéus, com

as costuras das meias. Preocupando-me com a adequação disto ou daquilo, para esta ou para aquela hora do dia. Ninguém para abotoar o colchete da minha blusa ou para dizer se eu estava bem de costas ou se a roupa estava caindo direito. Reenie costumava fazer isso, ou então Laura. Eu sentia saudades delas, e tentava não sentir.

Lixar as unhas, pôr os pés de molho. Arrancar pêlos, ou raspá-los: era preciso ser lisa, sem nenhum pêlo. Uma topografia semelhante a argila molhada, uma superfície sobre a qual a mão deslizesse.

A lua-de-mel supostamente servia para que o casal se conhecesse melhor, mas à medida que os dias passavam eu tinha a sensação de conhecer Richard cada vez menos. Ele estava se retraindo ou se escondendo? Recuando para se colocar em situação vantajosa. No entanto, eu estava tomando forma — a forma planejada para mim, por ele. Cada vez que eu me olhava no espelho, mais um pedacinho de mim havia sido colorido.

Depois de Londres nós fomos para Paris, de barco, atravessando o Canal e depois de trem. A conformação dos dias em Paris era muito parecida a de Londres, embora os cafés da manhã fossem diferentes: um pãozinho, geléia de morango, café com leite. As refeições eram suculentas. Richard abusava delas, especialmente dos vinhos. Ele vivia dizendo que não estávamos em Toronto, um fato bastante óbvio para mim.

Eu vi a Torre Eiffel, mas não subi porque não gosto de alturas. Vi o Panteão e o túmulo de Napoleão. Não vi Notre-Dame porque Richard não gostava de igrejas, pelo menos não gostava de igrejas

católicas, que considerava debilitantes. O incenso, então, ele achava particularmente embotador para o cérebro.

O hotel francês tinha um bidê, que Richard explicou-me para que servia com um sorriso afetado ao flagrar-me lavando os pés nele. Eu pensei: Os franceses entendem uma coisa que os outros não entendem. Eles entendem a ansiedade do corpo. Pelo menos admitem que ela existe.

Nós ficamos no Lutetia, que viria a tornar-se o quartel-general dos nazistas durante a guerra, mas como poderíamos saber disso? Eu me sentava na cafeteria do hotel para tomar um café com leite de manhã porque tinha medo de ir a outro lugar qualquer. Eu tinha a impressão de que se perdesse o hotel de vista nunca mais conseguiria encontrá-lo de novo. Nessa altura eu já sabia que o pouco de francês que o sr. Erskine havia me ensinado era praticamente inútil: *Le coeur a ses raisons que la raison ne connaît point* não me faria conseguir mais um pouco de leite quente.

Um velho garçom com cara de morsa costumava atender-me; ele tinha um jeito de servir o café e o leite quente segurando os dois bules bem alto, que eu achava fascinante, como se ele fosse um mágico para crianças. Um dia ele me disse — ele falava um pouco de inglês: "Por que você está triste?"

— Eu não estou triste — eu respondi, e comecei a chorar. Gestos de simpatia da parte de estranhos podem ser arrasadores.

— Você não devia estar triste — ele disse, fitando-me com seus olhos melancólicos, de morsa. — Deve ser o amor. Mas você é jovem e bonita, vai ter tempo para ficar triste mais tarde. — Os franceses são especialistas em tristeza, conhecem todos os tipos. É por isso que

eles têm bidês. — É criminoso, o amor — ele disse, dando-me um tapinha no ombro. — Mas pior é não tê-lo.

A impressão ficou um tanto abalada no dia seguinte, quando ele me fez uma proposta indecorosa, pelo menos eu acho que foi isso: o meu francês não era bom o bastante para saber. Ele não era tão velho assim, afinal — quarenta e cinco, talvez. Eu devia ter aceitado. Ele estava enganado em relação à tristeza, no entanto: é muito melhor senti-la enquanto jovem. Uma bela moça triste inspira o desejo de consolá-la, ao contrário de uma bruxa velha. Mas isso não vem ao caso.

Depois nós fomos para Roma. Roma pareceu-me familiar — pelo menos eu tinha um contexto para ela, fornecido muito tempo antes pelo sr. Erskine e suas aulas de latim. Eu vi o Fórum, ou o que restou dele, e a Via Ápia, e o Coliseu, parecendo um queijo roído por ratos. Diversas pontes, diversos anjos bem gastos, graves e pensativos. Eu vi o Tibre correndo, amarelo como icterícia. Vi a catedral de São Pedro, mas só pelo lado de fora. Era muito grande. Eu deveria ter visto as tropas fascistas de Mussolini com seus uniformes negros, marchando por lá e surrando pessoas — elas já estavam fazendo isso? —, mas não vi. Esse tipo de coisa tende a ser invisível na hora, a menos que você sofra as conseqüências da ação. Se não, você só vai ver mais tarde, nos noticiários ou então em filmes feitos muito tempo depois do acontecimento.

De tarde eu pedia uma xícara de chá — eu estava pegando o jeito de pedir as coisas, planejando o tom de voz adequado para usar com garçons, imaginando como mantê-los a uma distância segura.

Enquanto tomava o chá, eu escrevia cartões-postais. Os meus cartões-postais eram para Laura e para Reenie, e diversos para o papai. Eles tinham fotos dos prédios que tinham me levado para visitar — retratando, detalhadamente, em tom de sépia, o que eu deveria ter visto. As mensagens que eu escrevia neles eram tolas. Para Reenie: *O tempo está uma beleza. Estou me divertindo.* Para Laura: *Hoje eu visitei o Coliseu, onde os cristãos eram atirados aos leões. Você teria gostado.* Para o papai: *Espero que você esteja bem de saúde. Richard manda lembranças.* (Esta última parte não era verdade, mas eu estava aprendendo quais as mentiras que, como esposa, eu devia automaticamente contar.)

No final do período determinado para a nossa lua-de-mel, nós passamos uma semana em Berlim. Richard tinha negócios lá, algo a ver com cabos de pás. Uma das firmas de Richard fabricava cabos de pás, e os alemães tinham falta de madeira. Havia muito o que cavar, e ia haver mais ainda, e Richard podia fornecer os cabos de pás a um preço mais baixo que seus concorrentes. Como Reenie costumava dizer, *Qualquer dinheirinho ajuda.* Como ela também costumava dizer, *Negócios são negócios, mas há negócios que cheiram mal.* Mas eu não entendia nada de negócios. Minha obrigação era sorrir.

Tenho de admitir que gostei de Berlim. Em nenhum outro lugar eu fui tão loura. Os homens eram extremamente educados, embora nunca olhassem para trás ao passarem por portas de vaivém. Beijar as mãos era um gesto que insinuava uma infinidade de pecados. Foi em Berlim que aprendi a perfumar os pulsos.

Eu decorei as cidades pelos seus hotéis, os hotéis, pelos seus banheiros. Vestir, despir, deitar dentro d'água. Mas chega destas lembranças de viagem.

Nós voltamos para Toronto via Nova York, em meados de agosto, no meio de uma onda de calor. Depois da Europa e de Nova York, Toronto parecia atarracada e confinada. Do lado de fora da estação, havia uma nuvem de fumaça betuminosa, que vinha de onde estavam consertando os buracos da rua. Um carro alugado estava nos esperando e nos levou, passando pelos bondes sujos e barulhentos, depois pelos bancos suntuosos e pelas lojas de departamentos, depois subindo na direção de Rosedale e da sombra dos castanheiros e bordos.

Nós paramos defronte da casa que Richard havia comprado para nós por telegrama. Ele a havia comprado por uma bagatela, segundo ele, depois que o proprietário anterior pediu falência. Richard gostava de dizer que comprava as coisas por uma bagatela.

A casa era escura por fora, coberta de hera, com suas janelas altas e estreitas viradas para dentro. A chave estava debaixo do capacho, o *hall* de entrada cheirava a produtos químicos. Winifred a havia redecorado durante a nossa ausência, e o trabalho ainda não estava terminado: ainda havia pedaços de pano dos pintores nas salas da frente, onde o antigo papel de parede vitoriano havia sido arrancado. As novas cores eram claras, nacaradas cores que indicavam uma indiferença suntuosa, um frio distanciamento. Nuvens brancas, levemente coloridas pelo pôr-do-sol, flutuando lá no alto, acima das intensidades vulgares de pássaros e flores e coisas no gênero. Este era o cenário proposto para mim, o ar rarefeito no qual eu deveria viver.

Reenie teria debochado deste interior — da sua presunção, da

sua palidez. *Este lugar parece um banheiro.* Mas ao mesmo tempo se sentiria assustada com ele, como eu me senti. Eu invoquei a vovó Adelia: ela saberia o que fazer. Ela reconheceria a tentativa, típica de novos-ricos, de causar uma impressão; ela seria educada, mas seca. *Nossa, não há dúvida de que é moderno,* ela talvez dissesse. Ela não daria muita bola para Winifred, eu pensei, mas isto não me trouxe nenhum consolo: eu agora pertencia à tribo de Winifred. Pelo menos em parte.

E Laura? Laura traria os seus lápis de cor, os seus tubos de pigmento. Ela derramaria alguma coisa nesta casa, quebraria alguma coisa, estragaria pelo menos algum canto dela. Ela colocaria a sua marca.

Havia um bilhete de Winifred no *hall* de entrada, preso no telefone. "Oi, crianças! Sejam bem-vindos! Mandei que eles terminassem o quarto primeiro! Espero que gostem — é tão moderno! Freddie."

— Eu não sabia que Winifred estava fazendo isto — eu disse.

— Nós quisemos que fosse uma surpresa — Richard disse. — Não quisemos incomodar você com detalhes. — Não pela primeira vez, eu me senti como uma criança excluída pelos pais. Pais sorridentes, cruéis, mergulhados até o pescoço em conspirações, seguros do acerto de suas escolhas, em tudo. Eu já sabia que os presentes de aniversário que iria ganhar de Richard seriam sempre alguma coisa que eu não queria.

Eu subi para me refrescar, seguindo a sugestão de Richard. Eu devia estar com cara de quem estava precisando. Eu me sentia mesmo suada e murcha. ("A rosa estava molhada de orvalho", foi o

comentário dele.) Meu chapéu estava um horror; eu o atirei em cima da penteadeira. Lavei o rosto e enxuguei-o numa das toalhas brancas com monograma bordado que Winifred havia providenciado. O quarto dava para o quintal, onde nada havia sido feito. Eu tirei os sapatos e me atirei na cama interminável, de cor creme. Ela possuía um dossel, com um véu drapeado em volta parecendo um safari. Era ali, então, que eu ia ter de fazer das tripas coração — na cama que eu não havia feito propriamente, mas na qual era obrigada a me deitar. E aquele era o teto que eu contemplaria de agora em diante, através da névoa de musselina, enquanto coisas mundanas aconteceriam abaixo do meu pescoço.

O telefone ao lado da cama era branco. Ele tocou. Eu o atendi. Era Laura, aos prantos. — Onde você esteve? — Ela soluçou. — Por que você não voltou?

— Do que é que você está falando? — eu disse. — Esta era a data prevista para nós voltarmos! Fica calma, eu não estou conseguindo entender o que você está dizendo.

— Você não respondeu! — Ela soluçou.

— Mas do que é que você está falando?

— O papai morreu! Morreu, morreu... nós mandamos cinco telegramas para você. Foi Reenie quem mandou.

— Espera um minuto. Mais devagar. Quando foi que isso aconteceu?

— Uma semana depois que você partiu. Nós tentamos telefonar, telefonamos para todos os hotéis. Eles disseram que iam contar para você, eles prometeram! Eles não contaram?

— Amanhã eu estarei aí — eu disse. — Ninguém me falou nada. Eu não recebi nenhum telegrama. Nenhum.

Eu não conseguia entender. O que havia acontecido, o que havia dado errado, por que papai havia morrido, por que eu não tinha sido avisada? Eu me vi no chão, no tapete cinza, agachada sobre o telefone, enroscada em volta dele como se ele fosse algo precioso e frágil. Eu pensei nos cartões postais que havia mandado da Europa, chegando em Avilion com suas mensagens alegres e banais. Eles deviam estar ainda em cima da mesa do *hall* de entrada. *Espero que você esteja bem de saúde.*

— Mas saiu nos jornais! — Laura disse.

— Não onde eu estava — eu disse. — Não naqueles jornais. — Eu não acrescentei que não havia me preocupado em ler jornais. Que estava entorpecida demais.

Richard é que havia recebido os telegramas, no navio e em todos os hotéis. Eu pude imaginar os seus dedos meticulosos abrindo os envelopes, lendo, dobrando os telegramas em quatro partes, guardando-os. Eu não podia acusá-lo de mentir — ele nunca havia dito nada sobre aqueles telegramas mas era o mesmo que mentir, não era?

Ele deve ter dado ordem nos hotéis para não passarem nenhuma ligação. Para não passarem para mim, e para não passarem enquanto eu estivesse lá. Ele havia me deixado sem saber. De propósito.

Eu achei que ia vomitar, mas não vomitei. Após algum tempo, eu descí. *Se você perder a calma, você perde a briga*, Reenie costumava dizer. Richard estava sentado na varanda dos fundos com um gim-tônica na mão. Tão atencioso da parte de Winifred ter providenciado

gim, ele já havia dito isto duas vezes. Havia outro copo de gim esperando por mim na mesinha de ferro batido e tampo de vidro. Eu o apanhei. O gelo tilintou de encontro ao cristal. Era assim que a minha voz precisava soar.

— Minha nossa! — Richard disse, olhando para mim. — Eu achei que você estava se refrescando. O que aconteceu com os seus olhos? — Eles deviam estar vermelhos.

— Papai morreu — eu disse. — Elas mandaram cinco telegramas. Você não me contou.

— *Mea culpa* — Richard disse. — Eu sei que devia ter contado, mas quis poupá-la, minha querida. Não havia nada a fazer, e não poderíamos de forma alguma estar de volta a tempo para o enterro, e eu não quis estragar a sua viagem. Acho que eu fui egoísta também... Eu queria você só para mim, mesmo que por pouco tempo. Agora sente-se aqui e se anime um pouco, tome o seu drinque e me perdoe. Vamos tratar disso tudo amanhã de manhã.

O calor era atordoante; onde o sol atingia o gramado, o verde era ofuscante. As sombras debaixo das árvores eram espessas como piche. A voz de Richard me alcançava em *staccato*, como se fosse código morse: eu só ouvi algumas palavras.

Poupá-la. Tempo. Ruína. Estragar. Perdoa.

O que eu poderia responder?

O chapéu de cambraia

O Natal havia chegado e partido. Eu tentei não prestar atenção nele. Entretanto, Myra não podia ser ignorada. Ela me deu um pequeno pudim que ela mesma tinha preparado, feito de melado e massa de calafate, e decorado com cerejas ao marasquino cortadas ao meio, de um vermelho brilhante, como as rodela usadas para tapar os bicos dos seios de uma *stripper* dos velhos tempos, e um gato pintado de madeira, bidimensional, com um halo e asas de anjo. Ela disse que esses gatos tinham sido um sucesso na Gingerbread House e ela achou que eles eram muito bonitinhos, e tinha sobrado um, com uma rachadura tão fina que nem dava para ver, e que ele ia ficar muito bem pendurado na parede em cima do fogão.

Boa posição, eu disse a ela. Anjo em cima, e um anjo carnívoro ainda por cima — já era hora de eles confessarem isso! Forno embaixo, como em todas as histórias em que se pode confiar. E o resto de nós no meio, presos no Purgatório, no nível da frigideira. A pobre Myra ficou perplexa, como sempre fica ao ouvir um discurso teológico. Ela gosta do Deus dela servido ao natural — ao natural e cru, como um rabanete.

O inverno pelo qual esperávamos chegou na véspera do Ano-Novo uma forte geada, seguida por uma grande nevasca no dia seguinte. Do lado de fora da janela, a neve caía aos borbotões, como se Deus estivesse soltando bolhas de sabão no final de uma peça infantil. Eu liguei o canal do tempo para obter o panorama global — estradas fechadas, carros soterrados, cabos de energia derrubados, o

comércio paralisado, operários com roupas volumosas bamboleando de um lado para outro como crianças grandes vestidas para brincar. Durante toda a apresentação do que eles eufemisticamente chamaram de "condições atuais", os jovens âncoras mantiveram o seu otimismo empertigado, como fazem habitualmente no decorrer de todo tipo de calamidade. Eles têm a despreocupação sem compromisso dos trovadores ou dos ciganos, ou dos vendedores de seguros, ou dos gurus do mercado de ações fazendo previsões a torto e a direito e sabendo muito bem que tudo aquilo que estão dizendo pode perfeitamente não acontecer.

Myra ligou para saber se eu estava bem. Ela disse que Walter viria assim que parasse de nevar, para tirar a neve da entrada.

— Não seja boba, Myra — eu disse. — Eu sou perfeitamente capaz de tirar a neve. (Uma mentira — eu não tinha a intenção de levantar um dedo. Eu tinha bastante manteiga de amendoim, por isso podia esperar. Mas eu estava querendo companhia, e ameaças de ação da minha parte normalmente aceleravam a chegada de Walter.)

— Não toque naquela pá! — Myra disse. — Centenas de velhos, de pessoas da sua idade morrem por ano de ataque cardíaco por retirarem a neve de suas casas! E se faltar luz, presta atenção onde vai botar as velas!

— Eu não estou senil — eu respondi. — Se eu incendiar esta casa, vai ser de propósito.

Walter apareceu, Walter tirou a neve. Ele tinha trazido um saco de *donuts*; nós os comemos na mesa da cozinha, eu cautelosamente, Walter em grande quantidade, mas contemplativamente. Ele é

daqueles homens para quem mastigar é uma forma de refletir.

O que me veio à cabeça na hora foi a tabuleta que ficava na vitrine da barraquinha de *donuts* no parque de diversões Sunnyside — quando foi mesmo isso? — no verão de 1935:

Ao perambular pela vida, Irmão,

Seja qual for a sua meta,

Mantenha o olho no *donut*,

E não no buraco.

Um paradoxo, o buraco de uma rosca. Antes um espaço vazio, mas agora aprenderam a vender até isso. Uma quantidade negativa; *nada*, transformada em algo comestível. Eu imaginei se ele poderia ser usado — metaforicamente, é claro — para demonstrar a existência de Deus. Será que dar nome a uma esfera feita de nada faz com que ela passe a existir?

No dia seguinte eu me aventurei a sair, no meio daquelas dunas frias, esplêndidas. Maluquice, mas eu queria participar — a neve é tão atraente enquanto não fica porosa e suja! O meu gramado da frente era uma verdadeira avalanche, com um túnel alpino aberto no meio. Eu fui até a calçada, andei um pouco, mas algumas casas adiante os vizinhos não tinham sido tão eficientes quanto Walter na retirada da neve e eu escorreguei e caí. Não achei que tivesse quebrado ou torcido nada, mas não consegui me levantar. Fiquei ali, deitada na neve, agitando os braços e as pernas, como uma tartaruga de costas. As crianças fazem isso, mas só que de propósito — imitando pássaros, se fingindo de anjos. Para elas, é uma diversão.

Eu estava começando a ficar com medo de ter hipotermia

quando dois homens desconhecidos me levantaram e me levaram de volta até a porta de casa. Eu me arrastei até a sala e me joguei no sofá, sem tirar nem as galochas nem o casaco. Farejando a desgraça de longe, como é seu hábito, Myra chegou, trazendo meia dúzia de bolinhos murchos, restos de algum festival de carboidratos. Ela preparou uma bolsa de água quente e um chá, e o médico foi chamado, e ambos fizeram um escarcéu, dando conselhos e ralhando, muito satisfeitos consigo mesmos.

Agora eu estou de castigo. E também com raiva de mim mesma. Não exatamente de mim mesma e, sim, desta maldade que o meu corpo fez comigo. Depois de nos impor a sua presença, egomaníaco como é, proclamando suas necessidades, impingindo-nos seus desejos sórdidos e perigosos, a tramóia final do corpo é simplesmente ausentar-se. Justamente quando você precisa dele, justamente quando você precisa usar um braço ou uma perna, o corpo decide que tem outras coisas a fazer. Ele falha, ele se dobra sob você; ele derrete como se fosse feito de neve, e não sobra quase nada. Dois pedaços de carvão, um chapéu velho, um sorriso feito de pedras. Os ossos, pauzinhos secos que se quebram com facilidade.

É uma afronta tudo isso. Joelhos fracos, artrite nas articulações, varizes, enfermidades, indignidades — nada disso nos pertence, nós nunca quisemos nem pedimos nada disso. Em nossas mentes, nós temos uma versão aperfeiçoada de nós mesmas — na melhor idade, e também sob o melhor ângulo: nunca apanhadas numa situação difícil, com uma perna fora do carro e a outra ainda lá dentro, ou pautando os dentes, ou com uma postura desleixada, ou coçando o nariz ou a bunda. Quando nuas, nos vemos graciosamente reclinadas através de uma névoa fina, e é aí que entram as artistas de cinema:

elas assumem estas poses para nós. Elas são os nossos eus mais jovens que se afastam de nós, que se tornam míticos.

Quando era criança, Laura dizia: *No Céu, quantos anos eu vou ter?*

Laura estava parada na escada da frente de Avilion, entre duas urnas de pedra onde nenhuma flor fora plantada, esperando por nós. Apesar da sua altura, ela parecia muito jovem, muito frágil e sozinha. E também caipira, pobre. Ela estava usando um vestido azul-claro desbotado, estampado de borboletas, que fora meu, três verões antes — e estava sem sapatos. (Seria esta uma nova mortificação da carne, ou simples excentricidade, ou será que ela havia simplesmente se esquecido de calçá-los?) Seu cabelo estava penteado em uma única trança, que descia pelo ombro, como o da ninfa de pedra do nosso laguinho.

Deus sabe há quanto tempo ela estava ali. Nós não tínhamos podido dizer com precisão a hora em que iríamos chegar, porque estávamos indo de carro, o que era possível naquela época do ano: as estradas não estavam alagadas e nem cheias de lama, e algumas tinham sido até pavimentadas.

Eu digo *nós* porque Richard foi comigo. Ele disse que nem sonharia em me deixar sozinha para enfrentar aquele tipo de coisa, muito menos numa hora daquelas. Ele foi mais do que solícito.

Ele mesmo foi dirigindo o seu automóvel azul de duas portas — um dos seus mais novos brinquedos. Na mala do carro iam nossas duas malas, as pequenas, que davam apenas para passar a noite — a dele de couro marrom e a minha amarelo-limão. Eu estava usando

um conjunto de cambraia de linho — é uma frivolidade mencionar isso, sem dúvida, mas tinha sido comprado em Paris e me agradava muito — e eu sabia que ele ia estar amarrotado nas costas quando chegássemos. Sapatos forrados de linho, com laços de pano e furinhos na frente. O chapéu de cambraia combinando ia nos meus joelhos como se fosse uma delicada caixa de presente.

Richard era um motorista nervoso. Ele não gostava de ser interrompido — dizia que isto prejudicava a sua concentração —, então nós fizemos a viagem mais ou menos em silêncio. A viagem demorou quatro horas, hoje em dia leva menos de duas. O céu estava claro e brilhante e sem profundidade como metal; o sol escorria como lava. O calor subia em ondas do asfalto; as pequenas cidades estavam fechadas para se proteger do sol, as cortinas cerradas. Eu me lembro dos gramados queimados e das varandas de colunas brancas, e dos solitários postos de gasolina, suas bombas parecendo robôs cilíndricos de um braço só, com a parte de cima de vidro parecendo chapéus sem aba, e dos cemitérios que davam a impressão de que nunca mais se enterraria alguém neles. De vez em quando, nós dávamos num lago, que cheirava a peixe morto e a algas quentes.

Quando nos aproximamos, Laura não se mexeu. Ela ficou esperando enquanto Richard parava o carro, saltava e dava a volta para abrir a porta para mim. Eu estava girando as pernas, com os joelhos juntos, como me haviam ensinado, e estendendo a mão para segurar na mão de Richard quando Laura subitamente acordou. Ela desceu a escada correndo e agarrou o meu outro braço e me arrancou para fora do carro, ignorando Richard completamente, e me abraçou com força como se estivesse se afogando. Nenhuma lágrima, apenas aquele abraço bem apertado.

Meu chapéu de cambraia caiu no chão e Laura pisou nele. Ouviu-se o ruído de algo se quebrando, Richard prendeu a respiração. Eu não disse nada. Naquele instante eu não estava mais ligando para o chapéu.

Abraçadas pela cintura, Laura e eu entramos em casa. Reenie estava parada na porta da cozinha, no fundo do *hall*, mas teve o bom senso de nos deixar sozinhas naquele momento. Acho que ela foi dar atenção a Richard — distraí-lo com uma bebida ou algo assim. Bem, ele ia querer examinar o lugar ou dar uma volta pela propriedade, agora que a havia efetivamente herdado.

Nós fomos diretamente para o quarto de Laura e nos sentamos em sua cama. Ficamos de mãos dadas — esquerda na direita, direita na esquerda. Laura não estava chorando, como havia chorado ao telefone. Pelo contrário, estava calma como um pedaço de pau.

— Ele estava na torrinha — Laura disse. — Ele tinha se trancado lá dentro.

— Ele sempre fazia isso — eu disse.

— Mas desta vez ele não saiu. Reenie deixou as bandejas com a comida dele do lado de fora como sempre, mas ele não estava comendo nada, e nem bebendo nada também... Pelo menos nada que pudéssemos ver. Então tivemos de arrombar a porta.

— Você e Reenie?

— O namorado de Reenie veio — Ron Hincks —, esse com quem ela vai se casar. Ele arrombou a porta. E papai estava caído no chão. Ele deve ter ficado uns dois dias ali caído, segundo o médico. Ele estava horrível.

Eu não sabia que Ron Hincks era namorado de Reenie — na verdade seu noivo. Há quanto tempo aquilo estava acontecendo, e como é que eu não havia percebido?

— Ele estava morto, é isso que você está dizendo?

— A princípio eu achei que não, porque os olhos dele estavam abertos. Mas ele estava morto mesmo. Ele parecia... não sei explicar direito. Como se estivesse prestando atenção em algo que o havia espantado. Ele parecia vigilante.

— Ele havia levado um tiro? — Não sei por que eu perguntei isso.

— Não. Ele só estava morto. Saiu no jornal que foi por causas naturais. *Morte súbita, por causas naturais*, foi o que saiu; e Reenie contou à sra. Hillcoate que foi mesmo por causas naturais, porque beber era algo inteiramente natural para o papai, e a julgar por todas as garrafas vazias encontradas, ele havia bebido o bastante para matar um cavalo.

— Ele bebeu até morrer — eu disse. Era uma afirmação e não uma pergunta. — Quando foi isso?

— Foi logo depois que anunciaram o fechamento definitivo das fábricas. Foi isso que o matou. Eu sei que foi!

— O quê? — eu disse. — Que fechamento definitivo? De que fábricas?

— De todas elas — Laura disse. — De todas as nossas fábricas. De tudo o que temos na cidade. Eu achei que você soubesse.

— Eu não sabia — eu disse.

— As nossas fábricas foram incorporadas às de Richard. Tudo foi transferido para Toronto. Agora é tudo Indústrias Griffen-Chase.

Não tem mais *filhos*, em outras palavras. Richard deu um fim neles.

— Então isto significa que não há empregos — eu disse. — Nenhum emprego aqui. Acabou. Fim.

— Eles disseram que era uma questão de custos. Depois que a fábrica de botão pegou fogo, eles disseram que custaria muito caro reconstruí-la.

— *Eles* quem?

— Eu não sei — disse Laura. — Não foi Richard?

— O acordo não foi esse — eu disse. Pobre papai... acreditando em apertos de mão e palavras de honra e suposições. Estava ficando claro para mim que não era mais assim que as coisas funcionavam. Talvez nunca tivesse sido assim.

— Que acordo? — Laura disse.

— Não importa.

Então eu havia me casado com Richard inutilmente — eu não havia salvado as fábricas e certamente não havia salvado o papai. Mas ainda havia Laura; ela não estava na rua. Eu tinha de pensar nisso.

— Ele deixou alguma coisa... Uma carta, um bilhete?

— Não.

— Você procurou?

— Reenie procurou — Laura disse num fio de voz; o que significava que ela mesma não tinha tido coragem.

É claro, eu pensei, Reenie teria procurado. E se tivesse achado alguma coisa, ela teria queimado.

Estonteado

Mas papai não teria deixado um bilhete. Ele devia conhecer as implicações disto. Ele não ia querer um veredito de suicídio, porque, como se viu, ele tinha um seguro de vida: já o vinha pagando há anos, então ninguém poderia acusá-lo de ter arranjado um no último minuto. Ele havia amarrado o dinheiro de tal forma, que só Laura poderia tocar nele e só quando tivesse 21 anos. Ele já devia estar desconfiado de Richard nessa altura e devia ter concluído que não valeria a pena deixar nenhuma parte dele para mim. Eu ainda era menor e era casada com Richard. As leis naquela época eram diferentes. Para todos os efeitos, o que era meu era dele.

Como eu disse, eu fiquei com as medalhas do papai. Por que ele as havia ganho? Pela sua coragem. Bravura em combate. Nobres gestos de auto-sacrifício. Suponho que houvesse uma expectativa de que eu fizesse por merecê-las.

A cidade inteira foi ao enterro, Reenie disse. Bem, quase toda, porque em certos meios havia ainda muita mágoa; mas a verdade é que ele havia sido muito respeitado, e naquela altura as pessoas já sabiam que não tinha sido ele quem tinha fechado as fábricas definitivamente. Elas sabiam que ele não teve nada a ver com aquilo — só não conseguiu impedir. Ele foi derrotado pelos grandes interesses.

Todo mundo na cidade teve pena de Laura, disse Reenie. (*Mas não de mim*, ficou subentendido. Na opinião das pessoas, eu tinha ficado com os despojos. Por piores que fossem.)

Estas foram as providências que Richard tomou:

Laura iria morar conosco. Bem, é claro que ela ia ter de fazer isso: ela não podia ficar em Avilion sozinha, ela só tinha quinze anos.

— Eu podia ficar com Reenie — Laura disse, mas Richard não quis nem ouvir falar nisso. Reenie ia se casar; ela não ia ter tempo de cuidar de Laura. Laura disse que não precisava que tomassem conta dela, mas Richard apenas sorriu.

— Reenie podia ir para Toronto — Laura disse, mas Richard disse que ela não queria ir. (Richard não queria que ela fosse. Ele e Winifred já haviam contratado o que consideravam ser os empregados adequados para cuidar da casa dele — pessoas que entendiam do ofício, ele disse. Isto queria dizer que conheciam o jeito dele e de Winifred também.)

Richard disse que já tinha conversado com Reenie e que tinham chegado a um acordo satisfatório. Reenie e seu novo marido iam ser nossos administradores, ele disse, e iam supervisionar as reformas — Avilion estava caindo aos pedaços, e portanto havia muita reforma a ser feita, a começar pelo telhado — e desta forma eles estariam por perto para preparar a casa para nós sempre que fosse preciso, porque ela serviria de casa de veraneio. Nós viríamos para Avilion para velejar e assim por diante, ele disse, como se fosse um tio indulgente. Desta forma, eu e Laura não nos veríamos privadas da casa dos nossos antepassados. Ele disse *casa dos nossos antepassados* com um sorriso. Nós não íamos gostar disso?

Laura não agradeceu a ele. Ficou olhando para a testa dele, com a expressão estudadamente vazia, como costumava fazer com o sr. Erskine, e eu vi que teríamos problemas pela frente.

Richard e eu iríamos voltar para Toronto de carro, ele continuou, assim que as coisas estivessem resolvidas. Primeiro ele precisava reunir-se com os advogados de papai, ocasião em que nós não precisaríamos estar presentes: seria muito penoso para nós, considerando os acontecimentos recentes, e ele queria poupar-nos o máximo possível. Um desses advogados era casado com alguém da família de mamãe, Reenie nos contou em particular — uma prima dela em segundo grau —, então com certeza ele ficaria de olho.

Laura iria ficar em Avilion até que ela e Reenie tivessem empacotado todas as coisas dela; então ela tomaria o trem para a cidade e nós a esperaríamos na estação. Ela iria morar na nossa casa — havia um quarto de hóspedes que serviria perfeitamente para ela, assim que fosse redecorado. E ela iria freqüentar — finalmente — uma escola adequada. Santa Cecília era a que ele havia escolhido, após consultar Winifred, que entendia dessas coisas. Laura talvez fosse precisar de umas aulas extras, mas ele tinha certeza de que tudo se ajustaria com o tempo. Assim ela poderia obter os benefícios, as vantagens...

— Que vantagens? — disse Laura.

— Da sua posição — disse Richard.

— Eu não acho que eu tenha uma posição — disse Laura.

— O que você quer dizer exatamente com isso? — disse Richard, com um pouco menos de tolerância.

— É Iris quem tem a posição — disse Laura. — Ela é a sra. Griffen. Eu sou só uma agregada.

— Eu entendo que você esteja nervosa — Richard disse secamente —, considerando as circunstâncias, que têm sido difíceis

para todo mundo, mas não precisa ser desagradável. Também não é fácil para Iris e para mim. Eu só estou tentando fazer o melhor que posso por você.

— Ele acha que eu vou atrapalhar — Laura me disse aquela noite, na cozinha, para onde nós tínhamos ido para nos livrar de Richard. Era desagradável para nós vê-lo fazer suas listas — o que devia ser jogado fora, o que devia ser consertado, o que devia ser substituído. Ver e ficar calada. *Ele age como se fosse dono da casa*, Reenie havia dito, indignada. *Mas ele é*, eu havia respondido.

— Atrapalhar o quê? — eu disse. — Tenho certeza de que ele não quis dizer isso.

— Atrapalhar a ele — disse Laura. — Atrapalhar vocês dois.

— Vai dar tudo certo — Reenie disse. Ela disse isto quase que mecanicamente. Sua voz estava exausta, sem nenhuma convicção, e eu vi que não adiantava esperar alguma ajuda da parte dela. Na cozinha, aquela noite, ela pareceu velha, e muito gorda, e também derrotada. Como se saberia pouco depois, ela já estava grávida de Myra. Ela havia se deixado seduzir e com isso violara suas próprias regras. Ela devia estar preocupada com outras coisas, por exemplo, se iria conseguir chegar até o altar, e se não conseguisse, o que iria fazer. Tempos difíceis, sem dúvida. Não havia então nenhum muro de proteção entre a suficiência e o desastre: se você escorregasse, caía, e se caísse, você se debatia e estrebuchava e se afogava. Ela ia se ver em apuros para conseguir outra chance, porque mesmo que fosse ter o bebê bem longe e depois o desse para alguém criar, todo mundo ia saber e a cidade não se esqueceria de uma coisa dessas. Era a mesma coisa que pendurar uma placa na porta: haveria uma fila de

dobrar o quarteirão. Quando uma mulher se perdia, providenciava-se para que ela continuasse perdida. *Por que comprar uma vaca quando o leite é de graça*, ela devia estar pensando.

Então ela havia desistido de nós. Durante anos havia feito o que podia, e agora não podia fazer mais nada.

De volta a Toronto, eu aguardei a chegada de Laura. A onda de calor continuava. Clima abafado, testas suadas, um banho de chuveiro antes do gim tônica na varanda dos fundos, dando para o jardim queimado. O ar parecia fogo molhado; tudo murcho ou amarelo. Havia um ventilador no quarto que parecia um velho de perna de pau subindo as escadas; uma respiração ofegante, uma pancada, uma respiração ofegante. Durante aquelas noites pesadas, sem estrelas, eu ficava olhando para o teto enquanto Richard prosseguia com o que estava fazendo.

Ele estava estonteado comigo, ele disse. *Estonteado* — como se estivesse bêbado. Como se não fosse capaz de sentir o que sentia por mim se estivesse sóbrio e no seu juízo perfeito.

Eu me olhava no espelho, pensando O que será que eu tenho? O que será que eu tenho de tão estonteante? O espelho era de corpo inteiro: nele, eu tentei ter uma visão minha de costas, mas é claro que não consegui. Você nunca consegue se ver como você é para outra pessoa — para um homem olhando para você, de trás, sem que você saiba — porque num espelho a sua cabeça está sempre virada por cima do ombro. Uma pose acanhada, sedutora. Você pode segurar outro espelho para ter uma visão de suas costas, mas aí o que você vê é o que tantos pintores adoravam pintar — Mulher Olhando

no Espelho, considerada uma alegoria da vaidade. Embora dificilmente seja vaidade, e sim o contrário: a procura de defeitos. *O que será que eu tenho?* pode facilmente ser interpretado como *O que será que eu tenho de errado?*

Richard dizia que as mulheres podiam ser divididas em maçãs e pêras, segundo a forma de suas bundas. Eu era uma pêra, mas uma pêra verde. Era isso que ele gostava em mim — a minha imaturidade, a minha dureza. No quesito bunda, acho que ele queria dizer, mas possivelmente em todos os outros também.

Depois de tomar banho, raspar os pêlos, escovar e pentear os cabelos, eu agora tinha o cuidado de retirar todos os cabelos do chão. Eu tirava os pequenos tufo de cabelo do ralo da banheira ou da pia e jogava-os no vaso sanitário, porque Richard havia observado casualmente que as mulheres estavam sempre deixando cabelos por toda a parte. Como animais na muda, era a implicação.

Como é que ele sabia? Como é que sabia sobre peras e maçãs e cabelos por toda a parte? Quem eram essas mulheres, essas outras mulheres? Fora uma curiosidade superficial, eu não estava ligando muito.

Eu tentava não pensar em papai, no modo como ele havia morrido, e no que teria feito antes de morrer, e como ele deve ter se sentido, e em tudo o que Richard havia preferido não me contar.

Winifred não parava um minuto. Apesar do calor, ela parecia cheia de frescor, banhada em luz e vestimentas etéreas, como uma paródia de uma fada madrinha. Richard vivia dizendo o quanto ela era maravilhosa e quanto trabalho estava tendo comigo, mas ela me

deixava cada vez mais nervosa. Ela vivia entrando e saindo da casa; eu nunca sabia quando ela ia aparecer, enfiando a cara na porta com um sorriso alegre. O meu único refúgio era o banheiro, porque lá eu podia trancar a porta sem parecer mal-educada. Ela estava supervisionando o resto da decoração, encomendando a mobília para o quarto de Laura. (Uma penteadeira com uma saia de babados, estampada de flores cor-de-rosa, com cortinas e colcha combinando. Um espelho com moldura de arabescos brancos e dourados. Era a cara da Laura, eu não achava? Eu não achava, mas não adiantava nada dizer isso.)

Ela também estava planejando o jardim; já havia feito vários desenhos apenas algumas idéias, ela dizia, atirando os papéis em cima de mim, depois recolhendo-os e guardando-os cuidadosamente na pasta atulhada de outras pequenas idéias. Uma fonte ficaria lindo, ela disse — algo francês, mas teria de ser autêntica. Eu não achava?

Eu estava louca para Laura chegar. A data de sua chegada já havia sido adiada três vezes — ela ainda não tinha acabado de arrumar suas coisas, ela estava resfriada, tinha perdido a passagem. Eu falei com ela no telefone branco; a voz dela estava tensa, remota.

Os dois empregados já tinham sido contratados, uma cozinheira-arrumadeira mal-encarada e um homem grande e bochechudo que foi apresentado como jardineiro e motorista. O sobrenome deles era Murgatroyd, e diziam ser marido e mulher, mas pareciam mais irmão e irmã. Eles me olharam com desconfiança, e eu os olhei da mesma forma.

Durante o dia, enquanto Richard estava no escritório e Winifred estava em toda a parte, eu tentava escapar de casa o máximo

possível. Eu dizia que ia até a cidade — para fazer compras, que era uma versão aceitável de como eu devia passar o meu tempo. Eu fazia o motorista deixar-me na loja de departamentos Simpson's, e dizia a ele que ia voltar para casa de táxi. Depois eu entrava e fazia uma compra rápida: meias e luvas eram sempre convincentes como prova do meu zelo. Aí eu atravessava a loja e saía pela outra porta.

Eu retomei os meus antigos hábitos — os passeios a pé, olhando vitrinas, cartazes de teatro. Às vezes eu ia ao cinema, sozinha; eu já não me apavorava com possíveis tarados, que haviam perdido a sua aura demoníaca agora que eu sabia o que eles tinham em mente. Eu não estava interessada em agarramentos. *Tira a mão daí, senão eu grito* funcionava muito bem quando você estava disposta a cumprir a ameaça. Eles pareciam saber que eu estava. Joan Crawford era a minha estrela favorita na época. Olhos sofredores, boca fatal.

De vez em quando eu ia ao Royal Ontario Museum. Olhava as armaduras, os animais empalhados, os instrumentos musicais antigos. Isto não me levava muito longe. Ou então eu ia até a Diana Sweets para tomar um refresco ou uma xícara de café: era um salão de chá elegante que ficava em frente às lojas de departamentos, muito apreciado pelas damas, e dificilmente eu seria abordada por algum homem lá. Ou então eu atravessava o Queen's Park, rapidamente e com determinação. Se eu andasse devagar demais, logo aparecia algum homem. *Papel de mosca*, era a expressão que Reenie usava para se referir a algumas moças. *Ela tem de tirá-los de cima dela*. Uma vez, um homem expôs as partes íntimas para mim, bem de perto. (Eu tinha cometido o erro de me sentar num banco isolado, nos jardins da universidade.) E nem era um vagabundo, era um homem bem-vestido. "Desculpe, mas não estou interessada", eu

disse a ele. Ele ficou tão desapontado! Provavelmente esperava que eu caísse desmaiada.

Teoricamente, eu podia ir para onde quisesse; na prática, havia barreiras invisíveis. Eu me mantinha nas ruas principais, nas áreas mais prósperas: mesmo dentro desses limites, não havia muitos lugares em que eu me sentisse à vontade. Eu observava as outras pessoas — não tanto os homens, mas as mulheres. Será que eram casadas? Para onde estavam indo? Será que tinham empregos? Não dava para saber muita coisa apenas olhando para elas, a não ser o preço dos seus sapatos. Eu me sentia como se tivesse sido apanhada e colocada num país estranho, onde todo mundo falava uma língua diferente.

Às vezes havia casais, de braços dados — rindo, felizes, amorosos. Vítimas de uma enorme fraude e ao mesmo tempo seus perpetradores, na minha percepção. Eu olhava para eles com rancor.

Então, um dia — era uma quinta-feira —, eu vi Alex Thomas. Ele estava do outro lado da rua, esperando o sinal abrir. Foi na Queen Street, em Yonge. Ele estava bem mal vestido — usava uma camisa azul, como um operário, e um chapéu velho —, mas era ele mesmo. Ele parecia iluminado, como se um fecho de luz estivesse batendo nele, vindo de uma fonte invisível, deixando-o assustadoramente visível. Certamente todas as pessoas da rua estavam olhando para ele também — certamente todas elas sabiam quem ele era! A qualquer momento ele seria reconhecido, as pessoas iriam gritar, correr atrás dele.

O meu primeiro impulso foi alertá-lo. Mas então eu vi que o

aviso serviria para nós dois, porque qualquer que fosse a confusão em que ele estivesse envolvido, eu estaria envolvida também.

Eu podia não ter prestado atenção. Podia ter virado a cara. Teria sido o mais sábio. Mas na época eu não tinha esse tipo de sabedoria. Eu desci o meio-fio e comecei a atravessar a rua na direção dele. O sinal tornou a fechar: eu fiquei presa no meio da rua. Carros buzonavam; pessoas gritavam; o trânsito parou. Eu não sabia se andava para a frente ou para trás.

Então ele se virou, e a princípio eu não tive certeza se ele estava me vendo. Eu estendi a mão, como um afogado em busca de socorro. Naquele momento eu já havia cometido traição no meu coração.

Foi uma traição ou um ato de coragem? Talvez as duas coisas. Nenhuma delas pressupõe premeditação: estas coisas acontecem num piscar de olhos. Isto só pode ser porque elas foram ensaiadas por nós, muitas e muitas vezes, em silêncio e no escuro; em tanto silêncio e escuridão que nós mesmos nem sabíamos. Cegos, mas firmes, nós damos um passo para a frente, como se fôssemos iniciar uma dança guardada na memória.

Sunnyside

Laura devia chegar três dias depois disso. Eu fui até a estação esperar o trem, mas ela não estava nele. Também não estava em Avilion: liguei para Reenie para checar, provocando uma explosão: ela sempre soubera que algo assim iria acontecer, por causa da maneira de ser de Laura. Ela fora com Laura até o trem, havia despachado a mala e feito tudo o que haviam mandado, havia tomado todas as precauções. Ela devia tê-la acompanhado na viagem, agora veja só o que aconteceu! Ela deve ter sido raptada por algum contrabandista de escravas brancas.

A mala de Laura chegou direitinho, mas Laura parecia ter desaparecido. Richard ficou mais nervoso do que eu teria imaginado. Ele estava com medo de que ela tivesse sido levada por forças desconhecidas — pessoas que tinham raiva dele. Podiam ser os comunistas, ou então algum concorrente inescrupuloso: existiam pessoas assim. Criminosos, ele deu a entender, que agiam em parceria com todo tipo de gente — gente que não mediria esforços para pressioná-lo, por causa de suas ligações políticas. Logo logo eles iriam receber um bilhete pedindo resgate.

Naquele mês de agosto, ele vivia cheio de suspeitos; disse que tínhamos de nos manter atentos. Houve uma grande passeata em Ottawa em julho milhares, dezenas de milhares de homens que se diziam desempregados e que exigiam empregos e salários justos, insuflados por subversivos que queriam derrubar o governo.

— Aposto que aquele rapaz estava metido nisso — Richard disse, olhando-me atentamente.

— Que rapaz? — eu disse, olhando pela janela.

— Presta atenção, meu bem. O amigo de Laura. Aquele moreno. Aquele desordeiro que incendiou a fábrica do seu pai.

— A fábrica não ficou totalmente destruída — eu disse. — O fogo foi apagado a tempo. E de qualquer maneira, isso nunca ficou provado.

— Ele se escafedeu — Richard disse. — Fugiu como um coelho. Isso para mim já é prova suficiente.

Os manifestantes que seguiam na direção de Ottawa haviam caído numa armadilha arditamente sugerida — segundo ele — pelo próprio Richard, que nessa época freqüentava os altos círculos. Os líderes da manifestação foram atraídos para Ottawa para "conversas oficiais" e o grupo todo ficou bloqueado em Regina. As conversas não deram em nada, conforme havia sido planejado, mas aí começaram os tumultos: os subversivos haviam incitado os manifestantes, a multidão havia fugido ao controle, homens foram mortos e feridos. Eram os comunistas que estavam por trás disso, porque eles tinham um dedo em tudo o que era suspeito, e quem podia jurar que o sumiço de Laura não era suspeito?

Eu achei que Richard estava se preocupando demais à toa. Eu também estava nervosa, mas achava que Laura simplesmente havia se desviado do caminho — deve ter se distraído com alguma coisa. Isso era típico dela. Havia saltado na estação errada, esquecido o número do nosso telefone, e acabara se perdendo.

Winifred disse que devíamos verificar nos hospitais: Laura podia

ter adoecido ou sofrido algum acidente. Mas ela não estava em nenhum hospital.

Depois de nos preocuparmos durante dois dias, nós informamos a polícia, e logo depois disso, apesar das precauções de Richard, a história chegou aos jornais. Os repórteres tomaram conta da calçada defronte da nossa casa. Eles tiravam fotos, nem que fosse só da nossa porta e das janelas; eles telefonavam e imploravam por entrevistas. O que eles queriam era um escândalo. "Conhecida estudante da sociedade em ninho de amor." "Estação de trem é local de terrível tragédia." Eles queriam ser informados de que Laura havia fugido com um homem casado, ou havia sido seqüestrada por anarquistas, ou havia sido encontrada morta dentro de uma mala no depósito de bagagens. Sexo ou morte ou ambos — era isso o que tinham em mente.

Richard disse que devíamos ser educados mas evasivos. Ele disse que não valia a pena criar inimizade com os jornais gratuitamente, porque repórteres eram uns safados vingativos que guardavam rancor e que um dia davam o troco, quando você menos esperava. Ele disse que ia se encarregar deles.

Primeiro fez circular a versão de que eu estava à beira de um colapso nervoso e pediu que a minha privacidade e a minha saúde delicada fossem respeitadas. Isto fez com que os repórteres recuassem um pouco; eles presumiram, evidentemente, que eu estivesse grávida, o que ainda servia para alguma coisa naquela época, e que também tinha a fama de confundir o cérebro de uma mulher. Depois ele fez correr a informação de que haveria uma

recompensa por qualquer informação, embora não dissesse quanto. No oitavo dia, houve um telefonema anônimo: Laura não estava morta, estava trabalhando numa barraca de crepe no parque de diversões Sunnyside. Quem ligou disse que a tinha reconhecido por causa da descrição dela que estava em todos os jornais.

Ficou decidido que eu e Richard iríamos juntos até lá. Winifred disse que, provavelmente, Laura ainda devia estar em estado de choque por causa da morte trágica do pai e por ter participado da descoberta do corpo. Qualquer um ficaria perturbado com uma coisa dessas, e Laura era uma moça de temperamento nervoso. Era provável que ela mal soubesse o que estava fazendo ou dizendo. Assim que a trouxéssemos de volta, ela deveria tomar um sedativo forte e ser levada ao médico.

Mas o mais importante, Winifred disse, era que nada disso vazasse para a imprensa. Uma garota de quinze anos fugindo de casa desse jeito — ficaria mal para a família. As pessoas iam achar que ela havia sido maltratada, e isto poderia tornar-se um sério impedimento. Para as ambições políticas de Richard, era o que ela estava querendo dizer.

Sunnyside era para onde as pessoas iam no verão, naquela época. Não pessoas como Richard e Winifred — era cheio e popular demais para eles. Carrosséis, cerveja, tiro ao alvo, concursos de beleza, piscinas públicas: em resumo, diversões vulgares. Richard e Winifred não iam querer estar tão próximos dos sovacos dos outros, nem de gente que contava tostões. Mas não sei por que estou sendo tão hipócrita, porque eu também não ia querer.

Nada disso existe mais, Sunnyside — substituído por uma auto-

estrada de doze pistas de asfalto nos anos 50. Desmantelado há muito tempo, como tantas outras coisas. Mas naquele mês de agosto ele ainda funcionava a pleno vapor. Nós viajamos no carro de duas portas de Richard, mas tivemos de deixá-lo a uma certa distância por causa do trânsito e das multidões que circulavam pelas calçadas e pelas estradas empoeiradas.

Era um dia tórrido e enevoado; mais quente que as profundezas do inferno, como Walter diria hoje. Sobre a beira do lago pairava uma névoa invisível mas quase palpável, feita de perfume azedo e óleo de bronzear, misturada com os vapores de salsichas sendo cozinhadas e com o cheiro de açúcar queimado do algodão-doce. Caminhar no meio da multidão era como mergulhar num caldeirão — você se tornava um ingrediente, você adquiria um certo sabor. Até a testa de Richard estava molhada, por baixo da aba do seu panamá.

De cima vinha o rangido de metal sobre metal, e um barulho horroroso, e um coro de gritos femininos: a montanha-russa. Eu nunca havia andado numa, e fiquei olhando de boca aberta até Richard dizer: "Feche a boca, meu bem, antes que entre uma mosca." Eu ouvi uma história estranha mais tarde — quem foi mesmo que contou? Winifred, sem dúvida; era o tipo de coisa que ela costumava dizer para mostrar que sabia o que acontecia realmente na vida real, nas classes mais baixas, por trás dos bastidores. A história era que as moças que engravidavam — era assim que Winifred falava, como se as moças tivessem engravidado sozinhas —, que essas moças iam andar de montanha-russa em Sunnyside na esperança de provocar um aborto desse jeito. Winifred riu: *É claro que não funcionava*, ela disse, *e se funcionasse, o que elas iriam fazer! Quer dizer, com todo o sangue? Penduradas no ar daquele jeito? Imagine só!*

O que eu imaginei quando ela disse isso foram aquelas serpentinas vermelhas que costumavam jogar dos transatlânticos no momento da partida, caindo em cascatas sobre os espectadores lá embaixo; ou uma série de cordas, cordas grossas e vermelhas, projetando-se da montanha-russa e das moças como se fosse tinta atirada de um balde. Como longos rabiscos de nuvem vermelha. Como fumaça escrevendo no céu.

Agora eu penso, mas escrevendo o quê? Diários, romances, autobiografias? Ou simplesmente grafitando: *Maria ama João*. Mas João não ama Maria, pelo menos não o bastante. Não o bastante para evitar que ela se esvazie desse jeito, rabiscando em cima de todo mundo com essas letras tão vermelhas.

Uma velha história.

Mas naquele dia de agosto de 1935, eu ainda não havia ouvido falar em aborto. Se a palavra fosse dita na minha presença, o que não foi, eu não teria idéia do seu significado. Nem mesmo Reenie a havia mencionado: alusões obscuras a açougueiros em mesas de cozinha tinha sido o mais longe que ela havia chegado, e Laura e eu — bisbilhotando às escondidas na escada dos fundos — teríamos achado que ela estava falando de canibalismo, o que consideramos muito esquisito.

A montanha-russa passou gritando, a galeria de tiro ao alvo fez um barulho que nem pipoca. Outras pessoas riram. Eu estava ficando com fome, mas não podia sugerir um lanche; não seria conveniente naquele momento, e a comida ficava do outro lado do parque. Richard estava com uma carranca horrível; ele me segurava pelo

cotovelo, guiando-me através da multidão. A outra mão dele estava no bolso: ele disse que aquele lugar devia estar cheio de batedores de carteira.

Nós nos dirigimos para a barraca de crepe. Laura não estava à vista, mas Richard não queria falar primeiro com Laura, ele não era bobo. Ele gostava de consertar as coisas de cima para baixo, sempre, se fosse possível. Então ele pediu para falar em particular com o dono da barraca, um homem grande que cheirava a manteiga rançosa. O homem soube imediatamente por que Richard estava ali. Ele se afastou da barraca, lançando um olhar furtivo por cima do ombro.

O dono da barraca sabia que estava abrigando uma fugitiva menor de idade?, Richard perguntou. Deus me livre!, disse o homem, horrorizado. Laura havia dito a ele que tinha dezenove anos. Mas ela era muito trabalhadora, trabalhava como um cavalo, mantendo o lugar limpo, ajudando a preparar os crepes quando havia muita gente. Onde ela dormia? O homem foi um tanto vago quanto a isso. Alguém ali perto havia cedido uma cama para ela, mas não era ele. Nem havia acontecido nada de errado, nós tínhamos de acreditar nele, pelo menos nada que ele soubesse. Ela era uma boa moça e ele era um homem bem casado, ao contrário de alguns homens dali. Ele teve pena dela, achou que talvez ela estivesse metida em alguma encrenca. Ele tinha um fraco por garotas simpáticas como ela. Para falar a verdade, quem tinha telefonado era ele, e não fora só pela recompensa, ele achou que ela estaria melhor perto da família.

Neste ponto ele olhou para Richard com um ar de expectativa. Uma quantia de dinheiro trocou de mãos, embora, pelo que eu pude perceber, não tanto quanto o homem esperava. Então Laura foi

chamada. Ela não protestou. Olhou para nós uma única vez e achou melhor desistir. "Mesmo assim, obrigada por tudo", ela disse para o homem dos crepes. Ela apertou a mão dele. Ela não percebeu que ele a havia delatado.

Richard e eu a seguramos pelos cotovelos, um de cada lado, e a levamos de volta através do parque. Eu me sentia uma traidora. Richard colocou-a no carro, entre nós dois. Eu coloquei o braço em volta dos ombros dela. Eu estava zangada com ela mas sabia que precisava ser compreensiva. Ela cheirava a baunilha, a calda doce e quente e a cabelo sujo.

Assim que chegamos em casa, Richard chamou a sra. Murgatroyd e pediu um copo de chá gelado para Laura. Mas ela não bebeu; ficou sentada bem no meio do sofá, com os joelhos juntos, rígida, com o rosto sem expressão, os olhos duros como pedra.

Ela tinha idéia de toda a ansiedade e preocupação que havia causado?, Richard disse. Não. Ela se importava? Nenhuma resposta. Ele esperava que ela nunca mais tentasse algo parecido. Nenhuma resposta. Porque agora ele estava *in loco parentis*, por assim dizer, e era responsável por ela, e tinha a intenção de cumprir com esta obrigação, custasse o que custasse. E já que nada era de mão única, ela também tinha uma responsabilidade com relação a ele — a nós, ele acrescentou —, que era de se comportar e de obedecer, dentro de limites razoáveis. Será que ela entendia o que ele estava dizendo?

— Sim — Laura disse. — Eu entendo o que você quer dizer.

— Espero que sim — Richard disse. — Espero mesmo que sim, minha jovem.

Aquele *minha jovem* me deixou nervosa. Era uma repreensão,

como se houvesse algo de errado em ser jovem, o que também me incluía. — O que foi que você comeu? — eu disse, para mudar de assunto.

— Maçãs doces — disse Laura. — *Donuts*, eles são mais baratos no dia seguinte. As pessoas de lá eram muito boas.

— Minha nossa! — eu disse, com um pequeno sorriso de censura.

— É isso que as outras pessoas comem — Laura disse — na vida real — e eu comecei a entender um pouco o que a havia atraído em Sunnyside. Foram as *outras pessoas* — aquelas pessoas que sempre tinham sido e que iam continuar a ser *outras*, no que se referia a Laura. Ela desejava servir a essas outras pessoas. Desejava, de algum modo, juntar-se a elas. Mas não poderia nunca. Era a sopa dos pobres em Port Ticonderoga outra vez.

— Laura, por que você fez isso? — eu disse assim que ficamos sozinhas. (*Como ela havia feito?* teve uma resposta simples: ela saltou do trem em Londres e trocou o bilhete para um trem que saía mais tarde. Pelo menos ela não havia ido para outra cidade: talvez nunca mais a encontrássemos.)

— Richard matou papai — ela disse. — Eu não posso viver na casa dele. É errado.

— Isso não é justo — eu disse. — Papai morreu por causa de uma combinação infeliz de circunstâncias. — Eu tive vergonha de estar dizendo aquilo: parecia Richard falando.

— Pode não ser justo, mas é verdade. No fundo, é verdade — ela disse. — De qualquer maneira, eu queria um emprego.

— Mas por quê?

— Para mostrar que nós... Para mostrar que eu era capaz. Que eu, que nós, não éramos obrigadas a... — Ela desviou os olhos e pôs o dedo na boca.

— Obrigadas a quê?

— Você sabe — ela disse. — A tudo isto. — Ela fez um gesto mostrando a penteadeira com sua saia de babados, as cortinhas combinando. — Primeiro eu procurei as freiras. Fui até o convento Estrela do Mar.

Meu Deus, eu pensei, as freiras de novo não. Eu pensei que tínhamos nos livrado para sempre das freiras. — E o que foi que elas disseram? — eu perguntei de um modo bondoso e desinteressado.

— Não adiantou — Laura disse. — Elas foram muito simpáticas comigo, mas disseram que não. Não era só pelo fato de eu não ser católica. Elas disseram que eu não tinha uma verdadeira vocação, que estava apenas fugindo das minhas obrigações. Disseram que se eu queria servir a Deus, devia fazê-lo na vida que Ele havia me destinado. — Uma pausa. — Mas que vida? — ela disse. — Eu não tenho nenhuma vida!

Então ela chorou, e eu a abracei, aquele velho gesto de quando ela era pequena. *Pára de berrar*. Se eu tivesse um torrão de açúcar, teria dado a ela, mas nós já tínhamos passado desse estágio na época. Açúcar não ia ajudar.

— Como é que vamos conseguir sair daqui? — ela gemeu. — Antes que seja tarde demais? — Pelo menos ela teve o bom senso de ficar assustada; tinha mais bom senso do que eu. Mas eu achei que aquilo era só melodrama de adolescente.

— Tarde demais para quê? — eu perguntei com gentileza. Ela só

precisava respirar fundo; respirar fundo, se acalmar, avaliar a situação. Não havia necessidade de entrar em pânico.

Eu achei que seria capaz de lidar com Richard, com Winifred. Achei que poderia viver como um camundongo num castelo de tigres, escondendo-me dentro das paredes; ficando calada, mantendo a cabeça baixa. Não: eu estou me dando muito crédito. Eu não enxerguei o perigo. Eu nem mesmo sabia que eles eram tigres. Pior: eu não sabia que poderia me transformar em tigre também. Eu não sabia que Laura poderia transformar-se num, se as condições fossem propícias a isso. Aliás, qualquer um podia.

— Tente ver o lado bom — eu disse a Laura com o meu tom de voz mais apaziguador. Eu dei um tapinha nas costas dela. — Vou buscar um copo de leite morno para você e depois você pode dormir um bom sono. Amanhã vai se sentir melhor. — Mas ela continuou chorando e nada foi capaz de consolá-la.

Xanadu

Na noite passada eu sonhei que estava usando a fantasia que usei no baile de Xanadu. Eu estava vestida de donzela abissínia — a rapariga com o saltério. Era de cetim verde aquela fantasia: um pequeno bolero debruado de dourado, mostrando um bocado do peito e do diafragma; *shorts* de cetim verde e pantalonas transparentes. Um bocado de falsas moedas de ouro, usadas como colares e em volta da testa. Um turbante gracioso com um broche de meia-lua. Um véu cobrindo o nariz e a boca. A idéia fantasiosa que o estilista fazia do Oriente.

Eu estava me achando muito bonita com ela, até verificar, contemplando minha barriga pendurada, minhas juntas inchadas e cobertas de veias, meus braços enrugados, que eu não tinha mais a idade que tinha na época e sim a idade que tenho agora.

Entretanto, eu não estava no baile. Estava sozinha, pelo menos foi o que pareceu a princípio, na estufa de vidro em ruínas de Avilion. Havia vasos vazios espalhados por toda parte e vasos cheios de terra seca e plantas mortas. Uma das esfinges de pedra estava caída no chão, virada de lado, toda rabiscada de *pilot* — nomes, iniciais, desenhos grosseiros. Havia um buraco no telhado de vidro. O lugar fedia a gato.

A casa principal, atrás de mim, estava escura, deserta, todo mundo havia partido. Eu havia sido deixada para trás com aquela fantasia ridícula. Era de noite, a lua era uma meia-lua. O luar me permitiu ver que havia uma única planta que continuava viva: um

arbusto lustroso com uma única flor branca. *Laura*, eu disse. No meio das sombras, um homem riu.

Não exatamente um pesadelo, você diria. Espere até tê-lo. Eu acordei desolada.

Por que será que a mente faz essas coisas? Vira-se contra nós, nos despedaça, enfiando-nos suas garras. Dizem que se ficarmos suficientemente famintos, começamos a comer o próprio coração. Talvez seja a mesma coisa.

Bobagem. É tudo químico. Eu preciso tomar providências para acabar com esses sonhos. Deve haver alguma pílula.

Mais neve hoje. Só de olhar pela janela para a neve, os meus dedos doem. Eu escrevo na mesa da cozinha, tão devagar que parece que estou entalhando. A caneta é pesada, difícil de manusear, como um prego arranhando cimento.

Outono, 1935. O calor recuou, o frio avançou. Geada sobre folhas caídas, depois sobre folhas não caídas. Depois nas janelas. Eu me alegrava com esses detalhes na época. Gostava de respirar. O espaço dentro dos meus pulmões era só meu.

Enquanto isso, as coisas continuavam.

O que Winifred passara a chamar de "a escapadinha de Laura" havia sido razoavelmente abafado. Richard disse a Laura que se ela falasse nisso para qualquer pessoa, principalmente para qualquer pessoa na escola, ele ia saber e ia considerar como sendo uma afronta pessoal, bem como uma tentativa de sabotagem. Ele havia ajeitado as coisas com a imprensa: os Newton-Dobbs, um dos casais

grã-finos amigos dele, haviam fornecido um álibi — o homem era alguma coisa importante numa das ferrovias — e eles estavam prontos para jurar que Laura havia estado na casa deles de Muskoka o tempo todo. Tinha sido uma combinação de última hora e Laura achou que os Newton-Dobbs tinham nos telefonado e os Newton-Dobbs pensaram que Laura é que tivesse feito isso e tudo não passou de um simples mal-entendido, e eles não ficaram sabendo que Laura havia sido dada como desaparecida porque quando a pessoa está de férias não presta muita atenção no noticiário.

Uma história plausível. E as pessoas acreditaram nela ou fingiram acreditar. Suponho que os Newton-Dobbs tenham espalhado a história verdadeira entre os amigos mais íntimos, é segredo, não vão contar para ninguém, que era o que Winifred teria feito no lugar deles, uma vez que fofoca era uma mercadoria como qualquer outra. Mas pelo menos ela nunca chegou aos jornais.

Laura foi embrulhada numa saia de lã e numa gravata xadrez e despachada para o Santa Cecília. Ela não fazia segredo de que detestava o colégio. Ela dizia que não era obrigada a ir para lá; dizia que agora que já tinha conseguido um emprego podia muito bem conseguir outro. Ela dizia essas coisas para mim quando Richard estava presente. Não se dirigia diretamente a ele.

Ela estava chupando os dedos, não comia direito e estava magra demais. Eu fiquei muito preocupada com ela, como ela esperava que eu ficasse, e, para ser justa, como tinha mesmo de ficar. Mas Richard dizia que estava cansado daquela histeria e que quanto ao emprego ele não queria mais ouvir falar nisso. Laura era jovem demais para

ser deixada por sua própria conta; ela ia acabar se envolvendo em alguma coisa desagradável, porque o mundo estava cheio de homens à espreita de mocinhas bobas como ela. Se ela não gostava da escola, podia ir para outra, bem longe, numa outra cidade, e se ela fugisse dessa, ele a colocaria num abrigo junto com outras moças delinqüentes, e se isso não desse resultado, havia sempre a opção de uma clínica. Uma clínica particular com grades nas janelas: se o que ela queria eram pano de saco e cinzas, isso certamente combinaria. Ela era menor, a responsabilidade era dele, e ele faria exatamente o que tinha dito, que ninguém duvidasse disto. Como ela sabia — como todo mundo sabia —, ele era um homem de palavra.

Os olhos dele tendiam a saltar para fora quando ficava zangado, e estavam saltados agora, mas ele disse tudo isso num tom de voz calmo e convincente e Laura acreditou nele, e ficou intimidada. Eu tentei intervir — aquelas ameaças eram duras demais, ele não sabia como Laura era, como ela costumava entender tudo ao pé da letra — mas ele mandou que eu não me metesse. Laura precisava de um pulso firme. Ela já havia sido mimada demais. Estava na hora de ela tomar jeito.

Com o passar das semanas, foi estabelecida uma espécie de trégua. Eu tentei ajeitar as coisas em casa de modo que os dois nunca se cruzassem. Como navios na noite, era isso que eu esperava.

Winifred havia metido a colher no assunto, é claro. Ela deve ter dito a Richard para tomar uma atitude, porque Laura era o tipo de moça que seria capaz de morder a mão que a alimentava a menos que lhe colocassem uma focinheira.

Richard consultava Winifred a respeito de tudo, porque era ela que concordava com ele, que o apoiava, que o incentivava de modo geral. Era ela quem o impulsionava socialmente, quem defendia os interesses dele nas esferas que considerava apropriadas. Quando ele se candidataria ao Parlamento? Ainda não está na hora, ela cochichava no ouvido que estivesse inclinado para ela — ainda não havia chegado o momento certo —, mas não faltava muito. Ambos tinham decidido que Richard era o homem do futuro e que a mulher por trás dele — não era verdade que todo homem bem-sucedido tinha uma mulher por trás? — era ela.

Com certeza não era eu. Nossas posições agora estavam bem claras, a dela e a minha; ou melhor, elas sempre estiveram claras para ela, mas agora estavam ficando claras para mim também. Ela era necessária a Richard; eu, por outro lado, podia sempre ser substituída. Minha obrigação era abrir as pernas e fechar a boca.

Se isto soa brutal, era mesmo. Mas não era fora do comum.

Winifred tinha de me manter ocupada durante o dia: ela não queria que eu enlouquecesse de tédio, ela não queria que eu perdesse a paciência. Ela se preocupava um bocado em inventar tarefas sem importância para mim, e depois em reorganizar o meu tempo e o meu espaço para que eu estivesse livre para realizá-las. Essas tarefas nunca eram muito rigorosas, porque ela não fazia segredo de que me achava um tanto imbecil. Eu, por minha vez, nunca fiz nada para que ela mudasse de opinião a meu respeito.

Daí o baile de caridade da Creche do Menor Abandonado, do qual ela era a promotora. Ela me colocou na lista de organizadores, não só para me manter ocupada como também porque isto iria

repercutir a favor de Richard. "Organizadores" era uma piada, ela não me achava capaz de organizar nem os cadarços dos meus sapatos, então qual a tarefa que iriam me dar? Subscitar envelopes, ela decidiu. Ela tinha razão, eu podia fazer isso. Eu era até mesmo boa nisso. Eu não precisava pensar no que estava fazendo, então podia gastar o meu tempo mental em outra coisa.

("Graças a Deus que ela tem pelo menos *um* talento", eu podia ouvi-la dizendo para as Billies e Charlies no *bridge*. "Ah, esqueci, dois!" Gargalhadas.)

A creche para crianças pobres era a obra favorita de Winifred, ou pelo menos o baile de caridade era. Era um baile à fantasia — esses eventos normalmente eram, porque na época as pessoas gostavam de fantasias. Gostavam delas quase tanto quanto gostavam de uniformes. Os dois serviam para a mesma finalidade: evitar que você fosse quem era, permitir que você fingisse ser outra pessoa. Podíamos ficar maiores e mais poderosos, ou mais sedutores e misteriosos, simplesmente vestindo roupas exóticas.

Bem, havia um certo sentido nisso.

Winifred formava um comitê para o baile, mas todo mundo sabia que todas as decisões importantes eram tomadas por ela. Ela segurava a corda, os outros pulavam. Foi ela quem escolheu o tema para o de 1936 — "Xanadu". O evento rival, o Beaux Arts Ball, recentemente tinha feito o "Tamurlane em Samarkand" e foi um grande sucesso. Temas orientais não falhavam nunca, e com certeza todo mundo tinha sido obrigado a decorar o "Kubla Khan" na escola, e assim advogados, médicos e até mesmo *banqueiros* saberiam o que era Xanadu. Suas esposas naturalmente sabiam.

Em Xanadu, Kubla Khan

Instalou um imponente castelo do prazer:

Onde Alph, o rio sagrado, corria

Através de cavernas incomensuráveis

Até um mar sem sol.

Winifred mandara datilografar e mimeografar todo o poema e o havia distribuído para o nosso comitê — para fazer as idéias circularem, ela disse —, e qualquer sugestão nossa seria mais que bem-vinda, embora nós soubéssemos que ela já havia planejado tudo na cabeça. O poema ia aparecer também no convite — gravado com letras de ouro, com uma borda dourada e cerúlea de escrita árabe. Alguém entendia o que estava escrito? Não, mas ficou lindo.

Só podia ir a esses eventos quem fosse convidado. Você era convidado e então pagava um dinheirão, mas o círculo era muito fechado. Havia uma grande ansiedade em saber quem estava na lista, embora apenas da parte daqueles que tinham dúvidas a respeito do seu *status*. Esperar por um convite e não recebê-lo era uma experiência prévia do purgatório. Imagino que muitas lágrimas tenham sido derramadas por causa disto, mas em segredo naquele mundo, você nunca podia deixar transparecer que estava ligando.

A beleza de Xanadu (Winifred disse, depois de ter lido em voz alta o poema com sua voz rouca — devo admitir que o leu lindamente) — a *beleza* do tema era que ele permitia ser tão revelador ou tão ocultador quanto se quisesse. As gordas podiam se disfarçar por trás de ricos brocados, as magras podiam ir vestidas de

escravas ou de dançarinas persas e exibir quase tudo. Saias de gaze, pulseiras, correntinhas de tornozelo — o escopo era praticamente infinito, e é claro que os homens adoravam vestir-se como paxás e fingir que tinham um harém. Embora ela duvidasse que fosse conseguir convencer alguém a bancar o eunuco, ela acrescentou, provocando risinhos marotos.

Laura era jovem demais para este baile. Winifred estava planejando um *début* para ela, um rito de passagem que ainda não havia acontecido, e antes que ele acontecesse, ela não podia freqüentar festas. No entanto, ela se interessou bastante pelos preparativos. Eu fiquei muito aliviada em vê-la de novo se interessando por alguma coisa. Com certeza ela não estava interessada no trabalho escolar: suas notas tinham sido horríveis.

Correção: não foi pelos preparativos que ela se interessou, foi pelo poema. Eu já o conhecia, desde Avilion, por causa da srta. Violência, mas Laura não havia se interessado na época. Agora ela não parava de lê-lo.

O que era um amante-demônio? Ela queria saber. Por que o mar era sem sol, por que o oceano era sem vida? Por que o ensolarado castelo do prazer tinha cavernas de gelo? O que era o monte Abora e por que a donzela abissínia estava cantando uma música a respeito dele? Por que as vozes ancestrais estavam profetizando guerra?

Eu não sabia a resposta de nenhuma dessas perguntas. Agora eu sei todas elas. Não as respostas de Samuel Taylor Coleridge — não tenho certeza se ele tinha respostas, uma vez que ele estava sob o efeito de drogas na época —, mas sim as minhas próprias respostas. Aqui estão elas, para o que possam servir.

O rio sagrado está vivo. Ele corre para o oceano sem vida porque é lá que todas as coisas vivas terminam. O amante é um amante-demônio porque não está lá. O castelo do prazer tem cavernas de gelo porque é isso que castelos do prazer costumam ter — depois de algum tempo eles se tornam muito frios, e depois disso derretem, e aí como é que você fica? Totalmente "molhada". O monte Abora era onde a donzela abissínia morava, e ela estava cantando a respeito dele porque não podia voltar mais para lá. As vozes ancestrais estavam profetizando guerra porque vozes ancestrais nunca se calam, e odeiam enganar-se, e a guerra sempre acontece, mais cedo ou mais tarde.

Corrija-me se eu estiver errada.

A neve caiu, macia a princípio, depois em bolinhas duras que espetavam a pele como se fossem alfinetes. O sol se pôs à tarde, o céu mudou de sangue aguado para leite desnatado. Saía fumaça das chaminés, das fornalhas cheias de carvão. Os cavalos da carroça de pão deixavam pilhas de bolinhos marrons fumegantes na rua, que logo em seguida congelavam. As crianças os atiravam umas nas outras. Os relógios bateram meia-noite, muitas e muitas vezes, cada meia-noite um preto-azulado peneirado de estrelas glaciais, a lua, um pedaço de marfim. Eu olhei pela janela do quarto, para a calçada, por entre os galhos do castanheiro. Então apaguei a luz.

O baile de Xanadu foi no segundo sábado de janeiro. A minha fantasia tinha chegado naquela manhã, dentro de uma caixa com montes de papel fino. O mais elegante a fazer seria alugar a fantasia no Malabar's, porque mandar fazer uma especialmente para a festa

seria mostrar um esforço grande demais. Agora já eram quase seis horas e eu a estava experimentando. Laura estava no meu quarto: ela costumava fazer o dever de casa ali, ou fingir que estava fazendo.

— O que é que você vai ser? — ela disse.

— A donzela abissínia — eu disse. O que eu ia usar como saltério eu ainda não sabia. Talvez um banjo, com umas fitas penduradas. Então eu me lembrei que o único banjo que conhecia estava em Avilion, no sótão, uma herança dos meus tios mortos. Eu ia ter de esquecer o saltério.

Eu não esperava que Laura dissesse que eu estava bonita, ou atraente. Ela nunca fez isso: *bonita* e *atraente* não eram categorias de pensamento para ela. Desta vez ela disse:

— Você não está muito abissínia. As abissínias, supostamente, não são louras.

— Eu não posso evitar a cor do meu cabelo — eu disse. — A culpa é de Winifred. Ela devia ter escolhido *vikings* ou algo semelhante.

— Por que todo mundo tem medo dele? — disse Laura.

— Medo de quem? — eu disse. (Eu não tinha levado em conta o medo neste poema, só o prazer. O *castelo do prazer*. O castelo do prazer era onde eu vivia agora — onde estava o meu verdadeiro eu, desconhecido por aqueles à minha volta. Com muros e torres erguidos ao redor, para que ninguém pudesse entrar.)

— Escuta — ela disse. Ela recitou, com os olhos fechados:

Se eu pudesse reviver dentro de mim

Sua sinfonia e seu canto,

Isto me causaria um profundo prazer,
E com a música longa e alta,
Eu construiria um castelo no ar,
Um castelo ensolarado! Cavernas de gelo!
E todos aqueles que escutassem os veriam lá,
E todos iriam gritar Cuidado! Cuidado!
Seus olhos faiscantes, seu cabelo flutuante!
Ande em círculo em volta dele, três vezes,
E feche os olhos com um terror sagrado,
Pois ele se alimentou do mel das plantas,
E bebeu o leite do Paraíso.

— Está vendo, têm medo dele — ela disse —, mas por quê? Por que *Cuidado*?

— Ora bolas, Laura, eu não faço idéia — eu disse. — É só um poema. Nem sempre você sabe o que um poema significa. Talvez achem que ele é maluco.

— É porque ele é feliz demais — disse Laura. — Ele bebeu o leite do Paraíso. As pessoas ficam amedrontadas quando você é feliz demais, desse jeito. Não é por isso?

— Laura, não fica *me* fazendo perguntas — eu disse. — Eu não sei tudo. Não sou uma professora.

Laura estava sentada no chão, com sua saia de colégio. Ela pôs o dedo na boca e me olhou, desapontada. Eu a vinha desapontando com muita freqüência nos últimos tempos. — Outro dia eu vi o Alex

Thomas — ela disse.

Eu me virei depressa, ajustei o véu virada para o espelho. O cetim verde não tinha muita graça: eu parecia uma mulher fatal de Hollywood num filme passado no deserto. Eu me consolei com o pensamento de que todo mundo ia ter uma aparência igualmente falsa. — Alex Thomas? É mesmo? — eu disse. Eu devia ter demonstrado mais surpresa.

— E aí, você não está contente?

— Contente por quê?

— Contente por ele estar vivo — ela disse. — Contente por não o terem apanhado.

— É claro que eu estou contente — eu disse. — Mas não diga nada para ninguém. Senão podem encontrá-lo.

— Você não precisa me dizer isso. Eu não sou nenhum bebê. Foi por isso que eu não acenei para ele.

— Ele viu você? — eu disse.

— Não. Ele estava simplesmente caminhando pela rua. Estava com o colarinho virado para cima e com um cachecol cobrindo o queixo, mas eu vi que era ele. Ele estava com as mãos no bolso.

Ao ouvir falar em mãos, em bolso, eu senti uma pontada de angústia. — Em que rua você o viu?

— Na nossa rua — ela disse. — Ele estava do outro lado, examinando as casas. Acho que estava nos procurando. Ele deve saber que moramos por aqui.

— Laura — eu disse. — Você ainda tem uma paixonite pelo Alex Thomas? Porque se tiver, deve tentar esquecê-lo.

— Eu não tenho uma paixonite por ele — ela disse com desprezo.
— Eu nunca tive uma paixonite. *Paixonite* é uma palavra horrorosa. Ela fede. — Ela tinha ficado menos devota desde que entrara para a escola, e seu palavreado tinha ficado bem mais forte. *Fede* estava em alta.

— Não importa o nome que você queria dar a isso, é melhor esquecer. Não é possível, só isso — eu disse com meiguice. — Só vai deixá-la infeliz.

Laura abraçou os joelhos. — Infeliz — ela disse. — E o que é que você sabe sobre *infelicidade*?

VIII



O assassino cego: Histórias carnívoras

Ele tornou a se mudar, o que foi bom. Ela detestava aquele lugar perto da ferrovia. Ela não gostava de ir lá, e era mesmo muito longe, e tão frio: toda vez ela chegava lá batendo queixo. Ela odiava o quarto apertado e triste, o cheiro de cigarro apagado porque não se podia abrir a janela emperrada, o chuveiro sórdido no canto, aquela mulher que ela havia encontrado na escada uma mulher que parecia uma camponesa oprimida de algum romance velho e mofado, você ficava na expectativa de que ela estivesse carregando nas costas um fardo de lenha. O olhar insolente que ela lançara, como que imaginando exatamente o que iria acontecer depois que a porta do quarto se fechasse. Um olhar de inveja, mas também de rancor.

Era bom dar as costas a tudo isso.

A neve agora já derreteu, embora ainda se vejam uns restos cinzentos na sombra. O sol está quente, paira no ar um cheiro de terra molhada e de plantas brotando e dos restos molhados de jornais do inverno passado, jogados fora, manchados e ilegíveis. Nas melhores partes da cidade, narcisos cresceram, e, em alguns jardins onde não há sombra, há tulipas, vermelhas e laranja. Um sinal promissor, como diz a coluna de jardinagem; embora tenha nevado um dia desses — grandes flocos brancos, uma nevasca caprichosa, mesmo agora, no final de abril.

Ela escondeu o cabelo debaixo do lenço, vestiu um casaco azul-marinho, o mais próximo que conseguiu chegar da sobriedade. Ele disse que era melhor. Nos becos e esquinas das redondezas, cheiro de

gato e de vômito, fedor de engradados de frango. Bosta de cavalo na rua, da polícia montada que ficava de olho, não atrás de ladrões, mas sim de agitadores — covis de comunistas estrangeiros, confabulando como ratos na palha, seis em cada cama, sem dúvida, dividindo suas mulheres, tecendo suas tramas perversas e complicadas. Dizem que Emma Goldman, exilada dos Estados Unidos, mora ali por perto.

Sangue na calçada, um homem com um balde e uma escova. Ela desvia, com cuidado, da poça cor-de-rosa. É uma região de açougues *kosher*; também de alfaiates, de atacadistas de peles. E, sem dúvida, de confecções. Filas e filas de mulheres imigrantes debruçadas por cima da máquina de costura, enchendo os pulmões de fibras de algodão.

As roupas que cobrem as suas costas saíram das costas de outra pessoa, ele havia dito a ela uma vez. Sim, ela havia respondido meio de brincadeira, mas eu fico melhor nelas. Depois havia acrescentado com uma certa raiva: O que é que você quer que eu *faça*? O que é que você quer que *eu* faça? Você acha mesmo que eu tenho algum poder?

Ela pára na quitanda e compra três maçãs. Maçãs não muito boas, já um tanto murchas, mas ela sente que precisa de algum tipo de oferenda de paz. A mulher mostra uma mancha escura em uma das maçãs e a substitui por outra. Tudo isso sem dizer nada. Apenas com gestos e sorrisos desdentados.

Homens vestindo longos casacos pretos, largos chapéus pretos, mulheres pequenas, de olhos espertos. Xales, saias longas. Verbos errados. Elas não olham diretamente para você, mas não perdem nada. Ela chama a atenção, é uma gigante. Suas pernas ali bem à vista.

Ali está a loja de botões, exatamente como ele havia dito. Ela pára um momento para olhar a vitrina. Botões extravagantes, fitas de cetim, cadarços, debruns, lantejoulas — matéria-prima para os adjetivos fantasiosos da moda de imitação. Os dedos de alguém, destes arredores, devem ter costurado a barra de arminho do seu manto de *chiffon* branco. O contraste entre o frágil véu e a morrinha de pele de animal, é isso que atrai os cavalheiros. Pele delicada, depois o chão do mato.

O quarto novo dele fica em cima de uma padaria. Ela entra pelo lado, sobe a escada, rodeada por um cheiro que lhe agrada. Mas denso, forte levedura fermentando, indo direto para a cabeça dela como se fosse um gás quente. Ela passou tempo demais sem vê-lo. Por que ela se manteve longe?

Ele está lá, ele abre a porta.

Trouxe umas maçãs para você, ela diz.

Após algum tempo, os objetos deste mundo tornam a tomar forma em volta dela. Tem a máquina de escrever dele, precariamente instalada sobre o pequeno lavatório. A mala azul está ao lado dela, com a bacia sobre ela. Uma camisa amassada no chão. Por que será que roupas espalhadas pelo chão sempre significam desejo? Com suas formas torcidas, impetuosas. As chamas nos quadros são assim — como um pano cor-de-laranja, arremessado com violência.

Eles estão deitados na cama, uma enorme estrutura de mogno que toma quase todo o quarto. Móvel de antigamente, feito para durar a vida toda. *A vida toda*, como isso parece estúpido agora; durabilidade, que coisa inútil. Ela parte uma maçã com um canivete

e dá os pedaços a ele.

Se eu não fosse esperto, ia achar que você está querendo me seduzir.

Não — só estou mantendo você vivo. Estou engordando você para depois comê-lo.

Que idéia perversa, mocinha.

Sim. É sua. Não me diga que você se esqueceu das mulheres mortas com cabelos azuis e olhos que parecem covas cheias de serpentes? Elas o comeriam no café da manhã.

Só se eu permitisse. Ele estende a mão para ela de novo. Onde é que você tem andado? Há semanas que eu não a vejo.

Sim. Espera. Preciso contar-lhe uma coisa.

É urgente?, ele diz.

Sim. Não sei. Não.

O sol declina, as sombras das cortinas movem-se sobre a cama. Vozes na rua, línguas desconhecidas. Eu vou me lembrar sempre disto, ela diz a si mesma. Então: por que estou pensando em lembranças? Ainda não é *depois*, é agora. Ainda não terminou.

Eu pensei na história, ela diz. Pensei na próxima parte.

Ah? Você tem as suas próprias idéias?

Eu sempre tive as minhas próprias idéias.

Muito bem. Vamos ouvi-las, ele diz, rindo.

Está bem, ela diz. Da última vez, a moça e o rapaz cego estavam sendo levados à presença do Servo da Alegria, líder dos invasores

bárbaros chamados Povo da Desolação, porque os dois eram suspeitos de serem mensageiros divinos. Corrija-me se eu estiver errada.

Você presta mesmo atenção nessa bobagem? Ele diz, pensativo. Você se lembra mesmo?

É claro que sim. Eu me lembro de cada palavra que você diz. Eles chegam no acampamento dos bárbaros, e o assassino cego diz ao Servo da Alegria que tem uma mensagem para ele da parte do Invencível, só que ela tem de ser dada em particular, só na presença da moça. Isso porque ele não quer que ela fique longe da vista dele.

Ele não pode ver. Ele é cego, está lembrada?

Você sabe o que eu quero dizer. Então o Servo da Alegria diz Está bem.

Ele não diria simplesmente *Está bem*. Ele faria um discurso.

Eu não sei fazer essas partes. Os três vão para dentro de uma barraca longe dos outros, e o assassino explica qual é o plano. Ele vai ensinar-lhes como entrar na cidade de Sakiel-Norn sem passar por nenhum cerco e sem perda de vidas, quer dizer, das vidas deles. Eles devem enviar dois homens, ele vai dar-lhes a senha para o portão — ele conhece a senha, não esquece —, e uma vez lá dentro, esses homens devem ir até o canal e passar uma corda por baixo da arcada. Devem amarrar a ponta do lado deles em alguma coisa — uma coluna de pedra ou algo assim —, e então, à noite, um grupo de soldados pode entrar na cidade por baixo d'água, usando a corda, e dominar os guardas e abrir os oito portões, e então, bingo!

Bingo?, ele diz, rindo. Esta não é uma palavra muito zicroniana.

Bem, na mosca, então. Depois disso, eles podem matar quem eles quiserem, se é isso que desejam.

Um truque esperto, ele disse. Muito engenhoso.

Sim, ela disse, está em Heródoto, ou algo semelhante. A queda de Babilônia, eu acho que era.

Você tem uma quantidade surpreendente de quinquilharias na sua cabeça, ele diz. Mas suponho que haja alguma troca? Os nossos dois jovens não podem continuar posando de mensageiros divinos. É arriscado demais. Mais cedo ou mais tarde eles escorregam, erram, e aí são mortos. Eles têm de ir embora.

Sim. Eu pensei nisso. Antes de fornecer a senha e as instruções, o cego diz que os dois devem ser levados até o sopé das montanhas ocidentais, com bastante comida e tudo o mais. Ele vai dizer que eles têm de fazer uma espécie de peregrinação lá — subir uma montanha, obter mais instruções divinas. Só então ele entregará a mercadoria, quer dizer, a senha. Assim, se o ataque dos bárbaros falhar, os dois já estarão num lugar em que nenhum dos cidadãos de Sakiel-Norn jamais pensará em procurá-los.

Mas eles serão mortos pelos lobos, ele diz. Ou então pelas mulheres mortas com corpos curvilíneos e lábios de rubi. Ou então ela será morta, e ele será obrigado a saciar os desejos exóticos delas até o final dos tempos, pobrezinho.

Não, ela diz. Não é isso que vai acontecer.

Ah, não? Quem foi que disse?

Não diga *Ah, não*. Quem está dizendo sou eu. Ouça — é assim. O assassino cego escuta todos os boatos, então ele sabe a verdade sobre

essas mulheres. Elas não estão mortas coisa nenhuma. Elas apenas espalham essas histórias para que as deixem em paz. Na verdade elas são escravas fugitivas ou mulheres que fugiram para evitar serem vendidas por seus maridos ou pais. E nem todas são mulheres — algumas são homens, mas homens gentis e bondosos. Vivem todos juntos em cavernas e criam ovelhas e têm suas próprias hortas. Eles se revezam espreitando atrás dos túmulos e assustando os viajantes — uivando para eles e assim por diante — para manter as aparências. Além disso, os lobos também não são lobos de verdade, são apenas cães pastores que foram treinados para fingir que são lobos. Na realidade, eles são muito mansos e muito leais. Então essas pessoas vão abrigar os dois fugitivos, e depois de ouvir sua triste história vão tratá-los muito bem. Aí o assassino cego e a moça sem língua podem morar numa das cavernas, e mais cedo ou mais tarde terão filhos capazes de ver e de falar, e serão muito felizes.

Enquanto isso, todos os compatriotas deles vão ser assassinados?, ele diz, rindo. Você está defendendo a traição contra o próprio país? Você trocou o bem-estar da sociedade pela felicidade pessoal?

Bem, aquelas pessoas iam matá-los.

Seus concidadãos. Apenas alguns tinham esta intenção — a elite, as cartas mais altas do baralho. Você condenaria o resto junto com eles? Você faria a nossa dupla trair o seu próprio povo? Isso é muito egoísmo da sua parte.

É história, ela diz. Está em *A conquista do México* — como é o nome dele, Cortez —, sua amante asteca, foi isso que ela fez. Também está na Bíblia. A prostituta Raabe fez a mesma coisa, na queda de

Jericó. Ela ajudou os homens de Josué, e ela e sua família foram poupadas.

Ponto para você, ele diz. Mas você quebrou as regras. Você não pode simplesmente transformar as mulheres mortas num bando de folclóricos criadores de gado, ao seu bel-prazer.

Você nunca introduziu realmente essas mulheres na história, ela diz. Não diretamente. Você apenas ventilou boatos sobre elas. Boatos podem ser falsos.

Ele ri. Tem razão. Agora ouça a minha versão. No acampamento do Povo da Alegria, tudo acontece como você disse, embora com diálogos melhores. Nossos dois jovens são levados até o sopé das montanhas ocidentais e deixados lá no meio dos túmulos, e então os bárbaros se preparam para entrar na cidade, seguindo as instruções recebidas, e eles pilham e destroem, e massacram seus habitantes. Ninguém escapa com vida. O rei é enforcado numa árvore, a suma sacerdotisa é estripada, o cortesão mancomunado morre junto com o resto. As inocentes crianças escravas, o grupo de assassinos cegos, as virgens do Templo — todos morrem. Uma cultura inteira é varrida do Universo. Não fica vivo ninguém que saiba tecer aqueles tapetes maravilhosos, o que você tem de admitir que é uma pena. Enquanto isso, os dois jovens, de mãos dadas, iniciam, devagar e cautelosamente, a sua subida solitária das montanhas ocidentais. Eles acreditam que em breve serão descobertos pelos benevolentes cultivadores de hortas e recolhidos por eles. Mas, como você diz, boatos nem sempre são verdadeiros, e o assassino cego ouviu o boato errado. As mulheres mortas estão realmente mortas. Não só isso, os lobos são realmente lobos, e as mulheres mortas podem chamá-los na hora que quiserem. Nossos dois românticos protagonistas viram

comida de lobo num piscar de olhos.

Você é mesmo um otimista incorrigível, ela diz.

Eu não sou incorrigível, mas gosto que as minhas histórias sejam realistas, o que significa que tem de haver lobos nelas. Lobos de todos os tipos.

Por que você acha isso tão realista? Ela se afasta dele e fica deitada de costas, olhando para o teto. Ela está zangada porque a versão dela foi desbancada.

Todas as histórias são sobre lobos. Isto é, todas as que vale a pena repetir. Qualquer outra coisa é uma baboseira sentimental.

Todas elas?

Claro, ele diz. Pense um pouco. Tem fugindo dos lobos, lutando com lobos, capturando os lobos, domesticando os lobos. Sendo atirado aos lobos, ou atirando os outros aos lobos, para serem comidos no seu lugar. Correndo com a matilha. Transformando-se em lobo. E a melhor de todas, tornando-se o lobo principal. Não existe nenhuma outra história decente.

Eu acho que existe, ela diz. Acho que a história sobre você me contando a história de lobos não é sobre lobos.

Não aposte nisso, ele diz. Eu tenho um lado lobo em mim. Venha até aqui.

Espere. Eu tenho de perguntar uma coisa para você.

Está bem, pergunte, ele diz preguiçosamente. Seus olhos estão fechados de novo, sua mão está por cima dela.

Você alguma vez foi infiel a mim?

Infiel. Que palavra esquisita.

Não ligue para o meu vocabulário, ela diz. Foi?

Tanto quanto você é infiel a mim. Ele faz uma pausa. Eu não penso nisso como sendo infidelidade.

Você considera que é o quê?, ela pergunta, numa voz fria.

Da sua parte, desatenção. Você fecha os olhos e esquece que está ali.

E da sua parte?

Digamos que você é a primeira entre iguais.

Você é mesmo um filho da mãe.

Só estou dizendo a verdade, ele diz.

Bem, talvez não devesse.

Não fique zangada, ele diz. Eu só estou brincando. Eu não suportaria encostar um dedo em outra mulher. Seria capaz de vomitar.

Uma pausa. Ela o beija, depois se retrai. Eu vou ter de ir embora, ela diz com cuidado. Eu precisava contar para você. Eu não queria que você ficasse sem saber onde eu estava.

Embora para onde? Para fazer o quê?

Nós vamos na viagem inaugural. Todos nós, o séquito inteiro. Ele diz que não podemos perdê-la. Diz que é o evento do século.

Só se passou um terço do século. E mesmo assim, eu imaginaria que este lugarzinho estaria reservado para a Primeira Guerra Mundial. Champanhe ao luar não pode competir com milhões de mortos nas trincheiras. E quanto à epidemia de gripe, ou...

Ele quer dizer evento social.

Ah, perdão, madame. Eu reconheço o meu erro.

O que foi? Eu só vou ficar fora um mês — bem, mais ou menos. Dependendo dos compromissos.

Ele não diz nada.

Não é que eu *queira* ir.

Não. Não acho que você queira. Tem comida demais, e muita dança. Uma garota pode ficar estafada.

Não seja assim.

Não diga como eu devo ser! Não se junte ao coro das pessoas que têm planos para me melhorar. Eu estou de saco cheio disso. Eu sou o que sou!

Desculpe. Desculpe, desculpe, desculpe.

Eu odeio quando você rasteja. Mas tenho de admitir que o faz muito bem. Aposto que pratica um bocado, em casa.

É melhor eu ir embora.

Vá embora se quiser. Ele vira de costas para ela. Faça o que bem entender. Eu não sustento você. Você não tem de suplicar e gemer e abanar o rabo para mim.

Você não entende. Nem tenta entender. Você não entende nem um pouco. Eu também não *gosto* de nada disso.

Tudo bem.

Mayfair, julho de 1936

EM BUSCA DE UM ADJETIVO

POR J. HERBERT HODGINS

...Navio mais belo jamais cruzou os caminhos do mar. Ele tem a beleza flexível, aerodinâmica do galgo na sua aparência externa e, no seu interior, é decorado com uma riqueza-de detalhes que o tornam uma obra-prima de conforto, eficiência e luxo. O novo navio é um Waldorf-Astoria flutuante.

Eu procurei pelo adjetivo apropriado. Ele vem sendo chamado de maravilhoso, fantástico, magnífico!, régio, imponente, majestoso e soberbo. Todas essas palavras o descrevem com uma certa precisão. Mas cada palavra, por si só, dá conta apenas de uma única faceta dessa "fantástica realização da história da construção naval inglesa". O *Queen Mary* é impossível de se descrever: ele deve ser visto e "sentido", e vivenciado no seu incomparável cotidiano.

...Toda noite havia dança, é claro, no Salão Principal, e era difícil imaginar que se estivesse no mar. A música, a pista de dança, a multidão elegantemente vestida era típica de um salão de baile de hotel que se vê em grandes metrópoles. Viam-se todos os últimos modelos de vestidos lançados em Londres e Paris, recém-saídos de suas caixas. Via-se também o último conceito em acessórios: bolsinhas charmosas; mantos esvoaçantes em diversas versões elegantes e nos mais diversos tons; luxuosos agasalhos e estolas de

pele. O vestido bufante foi o grande destaque, fosse ele de tafetá ou malha. Quando a silhueta reta era favorecida, o vestido era invariavelmente acompanhado de uma elegante túnica de tafetá ou cetim. Os mantos de *chiffon* eram muitos e variados. Mas todos caíam dos ombros à moda militar. Uma bela jovem, com um rosto de porcelana de Dresden sob uma peruca de cabelo branco, usava um manto de *chiffon* lilás sobre um vestido cinzento ondulante. Uma loura alta, com um vestido cor de melão, usava um manto de *chiffon* com detalhes de arminho.

O assassino cego: As Mulheres-pêssego de Aa'A

Todas as noites há dança, dança-se com elegância e brilhantismo no chão escorregadio. Uma alegria forçada: ela não pode evitar isso. Os flashes espocam por toda a parte: nunca se sabe onde eles estão mirando, ou quando uma foto vai aparecer no jornal, uma foto sua, com a cabeça atirada para trás, todos os dentes à mostra.

De manhã, seus pés estão doendo.

De tarde, ela se refugia na memória, deitada numa cadeira no convés, por trás dos óculos escuros. Ela recusa a piscina, o jogo de malha, o *badminton*, os jogos inúteis, intermináveis. Passatempos servem para passar o tempo e ela tem o seu próprio passatempo.

Os cachorros dão voltas e mais voltas pelo convés na ponta de suas guias. Quem os leva para passear são o que existe de melhor no mercado. Ela finge que está lendo.

Algumas pessoas escrevem cartas na biblioteca. Isso para ela não adianta. Mesmo que mandasse uma carta, ele está sempre se mudando, portanto talvez jamais a recebesse. Mas uma outra pessoa talvez a recebesse.

Nos dias calmos, as ondas fazem o que lhe cabe fazer. Elas embalam. O ar do mar, as pessoas dizem — ah, é tão bom para você. Respire fundo. Relaxe. Solte-se.

Por que você me conta essas histórias tristes?, ela disse, meses antes.

Eles estão deitados, enrolados no casaco dela, com a parte forrada de pele para cima, a pedido dele. O ar frio entra pela janela quebrada, os bondes passam ruidosamente. Espere um minuto, ela diz, tem um botão machucando as minhas costas.

É esse tipo de história que eu sei. Histórias tristes. Pensando bem, considerando sua conclusão lógica, toda história é triste, porque no fim todo mundo morre. Nascimento, cópula e morte. Sem exceções, exceto talvez no que se refere à cópula. Alguns caras nem chegam lá, pobres infelizes.

Mas no meio pode haver partes felizes, ela diz. Entre o nascimento e a morte — não pode? Embora eu imagine que se você acreditar em Paraíso, Pode haver uma história de certa forma alegre — estou falando na morte. Com anjos cantando, essas coisas.

É. Festa no céu quando você morre. Não, obrigado.

Mesmo assim, pode haver partes alegres, ela diz. Pelo menos mais do que você costuma colocar. Você nunca coloca nenhuma parte alegre.

Você quer dizer a parte em que nós nos casamos e vamos morar numa casinha e temos dois filhos? Essa parte?

Você está sendo maldoso.

Está bem, ele diz. Você quer uma história alegre. Estou vendo que você não vai desistir enquanto não conseguir. Então lá vai.

Foi no nonagésimo nono ano do que ia se tornar conhecido como a Guerra dos Cem Anos ou Guerras Xenorianas. O planeta Xenor, localizado em outra dimensão do espaço, era habitado por uma raça

superinteligente mas supercruel de seres conhecidos como Homens-lagarto, mas não era assim que eles chamavam a si mesmos. Na aparência física, eles tinham dois metros de altura, eram escamosos e cinzentos. Seus olhos tinham fendas verticais, como os olhos dos gatos e das cobras. A pele deles era tão resistente que normalmente não precisavam usar roupas exceto umas calças curtas feitas de carquíneo, um metal vermelho e flexível desconhecido na Terra. Essas calças protegiam suas partes vitais, que também eram escamosas, e eu deveria acrescentar enormes, mas ao mesmo tempo vulneráveis.

Bem, graças a Deus alguma coisa era vulnerável, ela diz, rindo.

Eu achei que você ia gostar disso. Bem, o plano deles era capturar um grande número de terráqueas e criar uma super-raça, metade humana, metade homem-lagarto xenoriano, que estaria mais bem equipada do que eles para viver nos diversos outros planetas habitáveis do universo — capaz de se adaptar a atmosferas estranhas, comer uma grande variedade de frutas, resistir a doenças desconhecidas, e assim por diante —, mas que também teria a força e a inteligência extraterrestre dos xenorianos. Esta super-raça iria se espalhar pelo espaço e conquistá-lo, comendo os habitantes dos diferentes planetas no caminho, porque os homens-lagarto precisavam de espaço para se expandir e de uma nova fonte de proteína.

A esquadilha espacial dos homens-lagarto de Xenor havia feito o seu primeiro ataque à Terra no ano de 1967, obtendo vitórias devastadoras em cidades importantes, onde haviam morrido milhões de pessoas. Em meio ao pânico generalizado, os homens-lagarto haviam conquistado partes da Eurásia e da América do Sul,

transformando-as em colônias escravas, apropriando-se das mulheres mais jovens para levar adiante suas terríveis experiências de procriação e enterrando os corpos dos homens em buracos enormes, depois de devorar as partes dos corpos deles que mais apreciavam. Eles gostavam especialmente do cérebro e do coração, e dos rins, ligeiramente grelhados.

Mas as vias de abastecimento dos xenorianos haviam sido interrompidas pelos foguetes lançados de instalações ocultas na Terra, privando, assim, os homens-lagarto dos ingredientes vitais das suas armas de raios zorque, e a Terra tinha contra-atacado — não só com seus exércitos, mas também com nuvens de gás feito com o veneno do raro sapo *Iridis hortz*, usado anteriormente pelos nacrods de Ulinth para molhar a ponta de suas flechas, e ao qual, segundo os cientistas da Terra descobriram, os xenorianos eram particularmente suscetíveis. Assim a luta tinha se tornado mais equilibrada.

Além disso, os *shorts* feitos de carquíneo que eles usavam eram inflamáveis, caso você conseguisse atingi-los com um míssil já suficientemente quente. Atiradores da Terra, com mira certa, usando armas de longo alcance com balas de fósforo, eram os heróis do dia, embora as retaliações contra eles fossem severas, e envolvessem torturas elétricas até então desconhecidas e extremamente dolorosas. Os homens-lagarto não apreciavam ter suas partes íntimas incendiadas, o que era compreensível. Agora, por volta do ano 2066, os homens-lagarto alienígenas haviam sido expulsos para uma outra dimensão do espaço, onde pilotos de combate da Terra, nas suas pequenas e rápidas aeronaves de dois lugares, os estavam perseguindo. Seu objetivo final era acabar inteiramente com os xenorianos, mantendo apenas algumas dezenas

deles para exibição em zoológicos fortemente guardados, com jaulas de vidro inquebrável. Os xenorianos, no entanto, não iam aceitar a morte sem lutar. Eles ainda tinham uma força aeroespacial viável e alguns truques guardados na manga.

Eles tinham mangas? Pensei que eles andassem nus da cintura para cima.

Por Judas, não seja tão implicante! Você sabe o que eu quero dizer.

Will e Boyd eram dois velhos amigos — dois pilotos de caça veteranos, com três anos de experiência em combate. Isto era um tempo longo nas aeronaves de dois lugares, onde o índice de baixas era alto. Na opinião dos que os comandavam, a coragem deles excedia o bom senso, embora até então eles não tivessem sido prejudicados por esse comportamento impetuoso em um ataque atrás do outro.

Mas quando a nossa história começa, eles tinham sido atacados por uma espaçonave zorque e estavam muito avariados. Os raios zorque tinham feito um buraco no tanque de combustível da aeronave deles, interrompido o seu contato com o controle da Terra, e derretido o mecanismo de direção da nave, provocando, ainda, um ferimento feio na cabeça de Boyd, enquanto Will sangrava de algum lugar do corpo dentro do seu traje espacial.

Acho que é o fim, Boyd disse. Estamos ferrados, fodidos. Isto aqui vai explodir a qualquer momento. Eu só queria que a gente tivesse tempo para acabar com mais uns cem desses filhos da mãe escamosos, só isso.

É, eu também. Bem, boa sorte, meu velho, disse Will. Parece que

você vai mesmo precisar. Seus dedos dos pés estão vazando. Ha, ha.

Ha, ha, respondeu Boyd, fazendo uma careta de dor. Que humor infame.

Antes que Will pudesse responder, a nave ficou fora de controle e começou a cair em espiral. Eles tinham sido apanhados por um campo de gravidade, mas de que planeta? Eles não faziam idéia de onde estavam. Seu sistema de gravidade artificial estava destruído, e aí os dois homens desmaiaram.

Quando voltaram a si, não puderam acreditar nos próprios olhos. Não estavam mais na espaçonave, nem usando seus trajes espaciais metálicos e colantes. Em vez disso, usavam amplos roupões verdes de uma fazenda brilhante e estavam reclinados em macios sofás dourados num caramanchão coberto por frondosas parreiras. Seus ferimentos estavam curados, e o terceiro dedo da mão esquerda de Will, arrancado num ataque anterior, havia tornado a crescer. Eles se sentiram plenos de saúde e bem-estar.

Frondosas, ela murmura. Ora, ora.

É, caras como nós gostam de uma palavra elegante de vez em quando, ele diz, falando com a boca torta, como um gângster de cinema. Traz um pouco de classe para esta espelunca.

Imagino.

Continuando. Não estou entendendo, disse Boyd. Você acha que estamos mortos?

Se estivermos mortos, a morte é uma maravilha, disse Will. Isto aqui é uma beleza.

Se é.

Nesse momento, Will assobiou baixinho. Vinham caminhando na direção deles duas das garotas mais incríveis que eles já haviam visto. Ambas tinham cabelos da cor de uma cesta de vime. Elas trajavam túnicas longas, de um azul-arroxeadado, que caíam em pequenas pregas e farfalhavam quando elas se moviam. Elas lembravam a Will aqueles saíotes de papel que se costuma colocar em volta das frutas nas mercearias chiques. Seus braços e pés estavam nus; cada uma usava uma estranha touca de malha vermelha. A pele delas era de um suculento rosa-dourado. Elas andavam de um jeito ondulante, como se mergulhadas em calda.

Nossas saudações a vocês, homens da Terra, disse a primeira.

Sim, saudações, disse a segunda. Há muito que nós os aguardávamos. Acompanhamos a sua chegada pela nossa telecâmera interplanetária.

Onde nós estamos?, disse Will.

Vocês estão no planeta Aa'A, disse a primeira. A palavra soou como se fosse um suspiro de saciedade, com uma pequena retomada de ar no meio, do tipo que os bebês fazem quando se viram durante o sono. Soou também como o último suspiro de um moribundo.

Como foi que chegamos aqui?, disse Will. Boyd estava sem fala. Ele não tirava os olhos das curvas sensuais em exibição diante dele. Eu gostaria de enfiar os dentes em alguma parte delas, ele estava pensando.

Vocês caíram do céu na sua nave, disse a primeira mulher. Infelizmente, ela ficou destruída. Vocês vão ter de ficar aqui conosco.

Isso não vai ser muito difícil de aceitar, disse Will.

Vocês vão ser bem cuidados. Vocês mereceram a sua recompensa, pois ao proteger o seu mundo contra os xenorianos, vocês também estão protegendo o nosso.

O decoro exige que se coloque um véu sobre o que aconteceu em seguida.

Exige mesmo?

Vou demonstrar daqui a um minuto. Só falta dizer que Boyd e Will eram os únicos homens no planeta Aa'A, então, evidentemente, essas mulheres eram virgens. Mas elas podiam ler pensamentos, e cada uma sabia antecipadamente o que Will e Boyd iriam desejar. Então, em pouco tempo, as fantasias mais escandalosas dos dois haviam sido realizadas.

Depois disso, houve uma deliciosa refeição de néctar, que, conforme informaram aos homens, iria afastar a doença e a morte; depois houve um passeio pelos belos jardins, que eram cobertos de flores inimagináveis; depois os dois foram levados para uma sala cheia de cachimbos, onde puderam escolher o cachimbo que quiseram.

Cachimbos? Do tipo que se fuma?

Para combinar com os chinelos, que foram distribuídos a eles em seguida.

Acho que eu caí direitinho nessa.

Caiu mesmo, ele disse, rindo.

As coisas ficaram melhores ainda. Uma das moças era um vulcão, enquanto a outra era mais séria e sabia discutir arte, literatura e filosofia, sem falar em teologia. As moças pareciam saber

o que era esperado delas em qualquer circunstância, e se comportavam de acordo com os desejos e as inclinações de Boyd e Will.

E assim o tempo passou em harmonia. À medida que os dias perfeitos foram passando, os homens aprenderam mais coisas sobre o planeta Aa'A. Primeiro, ali não se comia nenhum tipo de carne, e não havia nenhum animal carnívoro, embora houvesse um bocado de borboletas e de pássaros canoros. Será que eu preciso acrescentar que o deus venerado em Aa'A tinha a forma de uma enorme abóbora?

Segundo, não havia nascimentos no sentido que damos à palavra. Essas mulheres cresciam em árvores, penduradas num galho pelo alto da cabeça, e eram colhidas quando estavam maduras pelas suas predecessoras. Terceiro, não havia morte na nossa acepção da palavra. Quando chegava a hora, cada uma das Mulheres-pêssego — para chamá-las pelo nome que Boyd e Will logo deram a elas — simplesmente desorganizava as suas moléculas, que eram então reorganizadas em novas mulheres, por meio das árvores. Portanto, a mulher mais recente era, em substância bem como em forma, idêntica à primeira de todas.

Como é que elas sabiam que a hora delas tinha chegado? Quer dizer, de desorganizar suas moléculas?

Em primeiro lugar, por causa das pequenas rugas que surgiam em suas peles aveludadas quando ficavam maduras demais. Em segundo lugar, por causa das moscas.

Moscas?

As moscas-das-frutas que ficavam esvoaçando ao redor da touca

de malha vermelha que elas usavam na cabeça.

Esta é a idéia que você faz de uma história alegre?

Espere. Não acabou.

Após algum tempo, esta vida, por mais maravilhosa que fosse, começou a cansar Boyd e Will. Para começar, as mulheres estavam sempre atrás deles para se certificarem de que eles estavam felizes. Isto pode ser entediante para um cara. Além disso, não havia nada que essas beldades não fizessem. Elas eram totalmente despudoradas, ou sem pudor, sei lá. Quando solicitadas, exibiam um comportamento típico de bordel. Chamá-las de prostitutas é pouco para descrevê-las. Ou então elas podiam tornar-se tímidas e pudicas, envergonhadas, recatadas; eram capazes até de chorar e gritar — mas só também se lhes fosse pedido. A princípio, Will e Boyd acharam isto excitante, mas após algum tempo isto começou a irritá-los.

Quando você batia nas mulheres, não saía sangue, só suco. Quando você batia com mais força, elas se dissolviam numa polpa doce, que logo em seguida virava outra mulher-pêssego. Elas não pareciam sentir dor, e Will e Boyd começaram a imaginar se sentiriam prazer. Será que todo o êxtase não passava de fingimento? Quando questionadas sobre isso, as moças se mostravam sorridentes e evasivas. Você nunca conseguia chegar ao fundo delas.

Sabe o que eu queria neste momento?, Will disse um belo dia.

A mesma coisa que eu, aposto, respondeu Boyd.

Um enorme bife, malpassado, bem sangrento. Uma porção gigante de batatas fritas. E uma cerveja bem gelada.

Idem. E depois um combate aéreo violento com aqueles filhos da mãe escamosos de Xenor.

Grande idéia.

Eles resolveram sair explorando. Apesar de terem dito a eles que Aa'A era o mesmo em todas as direções, e que eles só iam encontrar mais árvores e mais caramanchões e mais pássaros e mais borboletas e mais mulheres suculentas, eles partiram na direção ocidental.) Após algum tempo, sem que nada de extraordinário acontecesse, eles chegaram numa parede invisível.

Ela era lisa como vidro, mas macia e flexível quando você a empurrava. Depois ela voltava de novo ao seu lugar. Ela era alta demais para eles pensarem em escalá-la. Era como uma enorme bolha de cristal.

Acho que estamos presos dentro de uma enorme teta transparente, disse Boyd.

Eles se sentaram no chão, ao lado da parede, tomados de um grande desespero.

Este lugar tem paz e abundância, disse Will. Tem uma cama macia à noite e sonhos agradáveis, tem tulipas na mesa do café, tem uma mulherzinha fazendo café. Tem todo o amor que você jamais sonhou, de todas as formas e tamanhos. Ele é tudo o que um homem acha que deseja quando está lá fora, lutando numa outra dimensão do espaço.

É por algo assim que outros homens deram suas vidas. Estou certo?

Você disse tudo, disse Boyd.

Mas é bom demais para ser verdade, disse Will. Deve ser uma armadilha. Pode até ser um instrumento diabólico dos xenorianos para nos manter fora da guerra. É o Paraíso, mas não podemos sair dele. E qualquer lugar de onde você não possa sair é o Inferno.

Mas isto não é o Inferno. É felicidade, disse uma das mulheres-pêssego que estava se materializando no galho de uma árvore próxima. Daqui não há mais para onde ir. Relaxem. Divirtam-se. Vocês vão se acostumar.

E este é o final da história.

Acabou?, ela disse. Você vai manter esses dois homens presos lá dentro para sempre?

Eu fiz o que você queria. Você queria alegria. Mas eu posso mantê-los lá dentro ou deixá-los sair, dependendo do que você queira.

Então deixe-os sair.

Lá fora é a morte. Lembra?

Ah. Estou vendo. Ela se vira de lado, puxa o casaco de pele para cima dela, desliza o braço em volta dele. Mas você está errado acerca das mulheres-pêssego. Elas não são do jeito que você pensa.

Errado como?

Simplesmente errado.

The Mail and Empire, 19 de setembro de 1936

GRIFFEN ALERTA CONTRA OS COMUNISTAS NA ESPANHA

ESPECIAL PARA O THE MAIL AND EMPIRE

Em um discurso inspirado no Empire Club na última quinta-feira, o conhecido industrial Richard E. Griffen, das Indústrias Griffen-Chase, fez um alerta a respeito dos perigos potenciais que ameaçam a ordem e a paz do comércio internacional devido ao conflito civil que está ocorrendo na Espanha. Ele disse que os republicanos estão recebendo ordens dos comunistas, como já foi demonstrado pelo confisco que fizeram de propriedades, pelo assassinato de civis e pelas atrocidades cometidas contra a religião. Muitas igrejas foram profanadas e incendiadas, e o assassinato de freiras e padres havia se tornado uma ocorrência diária.

A intervenção dos nacionalistas, comandados pelo general Franco, era uma reação esperada. Espanhóis corajosos e indignados de todas as classes sociais haviam se unido para defender a tradição e a ordem civil, e o mundo ia aguardar com ansiedade o resultado. Um triunfo dos republicanos significaria uma Rússia mais agressiva, e muitos países menores poderiam sentir-se ameaçados. Dos países continentais, só a Alemanha e a França, e até certo ponto a Itália, eram suficientemente fortes para resistir à correnteza.

O sr. Griffen conclamou o Canadá a seguir o exemplo da Grã-

Bretanha, da França e dos Estados Unidos, e a se distanciar deste conflito. A política de não-intervenção era acertada e devia ser adotada imediatamente, uma vez que cidadãos canadenses não deviam ser chamados a arriscar suas vidas naquele conflito estrangeiro. No entanto, já existe uma corrente clandestina de comunistas se deslocando do nosso continente para a Espanha, e embora eles devessem ser proibidos por lei de o fazerem, o país devia ficar feliz pela oportunidade que havia surgido de livrar-se de elementos subversivos sem custos para o contribuinte.

As palavras do sr. Griffen foram entusiasticamente aplaudidas.

O assassino cego: O Top Hat Grill

O Top Hat Grill tem uma placa de néon com uma cartola vermelha e uma luva azul segurando-a. A cartola sobe, torna a subir; ela nunca desce. Mas sob ela não há nenhuma cabeça, só um olho, piscando. Um olho de homem, abrindo, fechando; um olho de mágico; uma piada matreira, acéfala.

A cartola é a única coisa elegante que há no Top Hat Grill. Mesmo assim, ali estão eles, sentados numa das mesas, comendo em público como pessoas de verdade, cada um com um sanduíche de filé na frente, a carne cinzenta no pão branco e macia e sem gosto como a bunda de um anjo, o molho marrom engrossado com farinha de trigo. Ervilhas em lata acompanhando, de um delicado verde-acinzentado; batatas fritas moles e engorduradas. Nas outras mesas estão sentados homens solitários e tristes, com os olhos vermelhos e obsequiosos e as camisas um tanto encardidas e as gravatas lustrosas dos guarda-livros, e uns poucos casais já caídos aproveitando a noite de sexta-feira, e alguns trios de prostitutas de folga.

Será que ele sai com alguma das prostitutas? ela pensa. Quando eu não estou por perto. E depois: como é que eu sei que elas são prostitutas?

É a melhor coisa que há aqui, ele diz, por esse preço. Ele está se referindo aos sanduíches de filé.

Você já experimentou as outras coisas?

Não, mas você adquire um instinto.

Está mesmo muito bom, para o lugar.

Poupe-me dos seus modos elegantes, ele diz, mas não com muita grosseria. O humor dele não está o que se chamaria de cordial, no entanto ele está alerta. Ligado em alguma coisa. Ele não estava assim quando ela voltou de viagem. Estava taciturno, vingativo.

Há quanto tempo. Veio para o de sempre?

O de sempre o quê?

O fuque-fuque de sempre.

Por que você faz questão de ser tão grosseiro?

São as minhas companhias.

O que ela gostaria de saber no momento é por que eles estão comendo fora. Por que não estão no quarto dele. Por que ele está deixando a cautela de lado. Onde ele conseguiu o dinheiro.

Ele responde primeiro a última pergunta, embora ela não a tenha feito.

O sanduíche de carne diante de você, ele diz, é uma cortesia dos homens-lagarto de Xenor. Um brinde a eles, perversos animais escamosos, e a todos que os enfrentam.

Ele ergue o copo de Coca-Cola; ele a batizou com rum, do frasco que trazia consigo. (Desculpe, mas não servem coquetéis, ele disse ao abrir a porta para ela. Esta espelunca é seca como o quê.)

Ela ergue o copo. Os homens-lagarto de Xenor?, ela diz. Aqueles mesmos?

Os mesmos. Eu passei a história para o papel, enviei-a há duas semanas, eles compraram. O cheque chegou ontem.

Ele mesmo deve ter ido até o correio, e deve ter descontado o cheque também, aliás ultimamente ele tem feito isso. Tem sido obrigado, já que ela está sempre viajando.

Você está feliz com isso? Você parece feliz.

Sim, é claro... É uma obra-prima. Um bocado de ação, um bocado de sangue pelo chão. Belas damas. Ele ri. Quem poderia resistir?

É sobre as mulheres-pêssego?

Não. Nada de mulheres-pêssego neste aqui. A história é inteiramente diferente.

Ele pensa: O que vai acontecer se eu contar a ela? Fim de caso ou juras de amor eterno, e qual dos dois é pior? Ela está usando uma echarpe, de uma fazenda leve, fina, num tom entre rosa e laranja. *Cor de melão*, é como se chama essa cor. Uma carne doce, fresca, molhada. Ele se lembra da primeira vez que a viu. Tudo o que pôde imaginar dentro do vestido dela então foi neblina.

O que foi que deu em você?, ela diz. Você parece tão... Você andou bebendo?

Não. Não muito. Ele brinca com as ervilhas no prato. Aconteceu finalmente, ele diz. Eu estou indo embora. Com passaporte e tudo.

Ah, ela diz. Assim de uma hora para outra. Ela tenta disfarçar a decepção em sua voz.

De uma hora para outra, ele diz. Os camaradas entraram em contato comigo. Eles devem ter decidido que eu sou mais útil para eles lá do que aqui. De qualquer maneira, depois de toda essa enrolação, de repente eles estão loucos para me ver pelas costas.

Menos uma coisa com que se preocupar.

Você estará seguro, viajando? Eu achei...

Mais seguro do que ficando aqui. Mas dizem que ninguém está mais me procurando com muito afinco. Tenho a sensação de que o outro lado também quer que eu desapareça. É menos complicado para eles desse jeito. Entretanto, não vou dizer a ninguém qual o trem que eu vou tomar. Não estou interessado em ser atirado para fora com um buraco na cabeça e uma faca nas costas.

E quanto a atravessar a fronteira? Você sempre disse...

A fronteira neste momento está uma peneira, isto é, se você quiser sair. Os caras da alfândega sabem o que está acontecendo, eles sabem que existe uma linha direta daqui até Nova York, depois até Paris. Está tudo organizado e o nome do cara é Joe. Os tiras receberam ordens. Façam vista grossa, foi o que disseram a eles. Eles sabem de que lado sopra o vento. Não estão ligando a mínima.

Eu queria poder ir com você, ela diz.

Então este é o motivo de jantarem fora. Ele quis contar a ela num lugar onde ela não pudesse ficar histérica. Ele está torcendo para ela não fazer uma cena em público. Chorando, gritando, arrancando os cabelos. Ele está contando com isso.

É. Eu também queria, ele diz. Mas você não pode. É muito duro por lá. Ele lembra de uma música, mas não a canta.

Controle-se, diz a si mesmo. Ele sente uma efervescência na cabeça, como *ginger ale*. Sangue vivo. É como se ele estivesse voando, olhando-a de cima. Seu belo rosto desfeito oscila como um reflexo em águas revoltas; já se dissolvendo, e logo estará banhado

em lágrimas. Mas apesar de sua tristeza, ela nunca foi tão gostosa. Um brilho suave e leitoso a cerca; a carne do seu braço, quando ele o segurou, era firme e roliça. Ele gostaria de agarrá-la, arrastá-la até o seu quarto, possuí-la de todas as formas possíveis. Como se isso fosse prendê-la.

Eu vou esperar você, ela diz. Quando você voltar, eu vou simplesmente sair de casa e aí nós vamos poder ir embora juntos.

Você sairia mesmo de casa? Você o deixaria?

Sim. Por você eu deixaria. Se você quisesse. Eu deixaria tudo.

Fragmentos de luz de néon entram pela janela acima deles, vermelha, azul, vermelha. Ela o imagina ferido; seria uma forma de obrigá-lo a ficar parado. Ela gostaria de vê-lo trancado, amarrado, só dela.

Deixe-o agora, ele diz.

Agora? Ela arregala os olhos. Neste momento? Por quê?

Porque eu não suporto saber que você está com ele. Não suporto imaginar isso.

Não significa nada para mim, ela diz.

Mas para mim, sim. Especialmente depois que eu tiver partido, quando não puder vê-la. Pensar nisso vai me deixar maluco.

Mas eu não teria nenhum dinheiro, ela diz com uma voz espantada. Onde eu iria morar? Em algum quarto alugado, sozinha? Como você, ela pensa. Eu iria viver de quê?

Você podia arranjar um emprego, ele diz, desanimadamente. Eu podia mandar-lhe algum dinheiro.

Você não tem dinheiro nenhum. E eu não sei *fazer* nada. Não sei costurar, não sei datilografar. Há uma outra razão também, ela pensa, mas não posso contar isso a ele.

Tem de haver um jeito. Mas ele não a pressiona. Talvez não fosse uma boa idéia deixá-la sozinha. Solta nesse mundo perverso, onde todo cara daqui até a China ia querer se engraçar com ela. Se acontecesse alguma coisa, ele ia ser o único culpado.

Acho melhor eu ficar onde estou, você não acha? É a melhor coisa. Até você voltar. Você vai voltar, não vai? Você vai voltar são e salvo?

É claro que sim, ele diz.

Porque se você não voltar, eu não sei o que vou fazer. Se você for morto ou algo assim, eu não vou resistir. Ela pensa: Eu estou falando como se estivesse num filme. Mas de que outro modo eu posso falar? Nós não sabemos falar de outra maneira.

Merda, ele pensa. Ela está ficando nervosa. Agora ela vai chorar. Ela vai chorar e eu vou ficar aqui sentado como um idiota, e quando uma mulher começa a chorar, não há nada que a faça parar.

Vamos, eu vou pegar o seu casaco, ele diz, de cara feia. Isto não é brincadeira. Nós não temos muito tempo. Vamos voltar para o quarto.

IX



A roupa suja

Março finalmente, e alguns indícios de primavera. As árvores ainda estão nuas, os botões ainda estão duros, fechados, mas nos lugares em que o sol bate, a neve derrete. Cocôs de cachorro descongelam, depois mingnam, e o que parecia um enfeite rendado não passa de urina velha. Pedacos de gramado tornam a aparecer, cobertos de lama e cheios de falhas. O Limbo deve ser assim.

Hoje eu tomei um café da manhã diferente. Um tipo novo de cereal trazido por Myra para me animar: ela acredita em todas as mentiras que escrevem no verso das embalagens. Estes flocos, está escrito numa inscrição inocente da cor de pirulito, cor de algodão macio, não são feitos dos banais milho e trigo, excessivamente comerciais, e sim de grãos pouco conhecidos, com nomes difíceis de pronunciar — arcaicos, místicos. Suas sementes foram redescobertas em túmulos pré-colombianos e nas pirâmides egípcias; um detalhe que confere autenticidade, mas que, pensando bem, não é muito tranquilizador. Estes flocos irão não apenas limpá-la como se fossem palha de aço, mas trazem uma promessa de vitalidade renovada, de juventude eterna, de imortalidade. A parte de trás da caixa é enfeitada com um intestino rosa e maleável; na parte da frente tem uma cara feita de mosaicos de jade, sem olhos, que as pessoas encarregadas da publicidade com certeza não perceberam tratar-se de uma máscara fúnebre asteca.

Em homenagem a este novo cereal, eu fui forçada a me sentar adequadamente à mesa da cozinha, com jogo americano e

guardanapo de papel. Quem mora sozinho normalmente se habitua a comer em pé: por que se incomodar com boas maneiras quando não há ninguém para compartilhar ou para censurar? Mas o desleixo pode levar ao caos.

Ontem eu resolvi lavar roupa, para desafiar a Deus trabalhando no domingo. Não que Ele dê a mínima para o dia da semana: no Paraíso, assim como no subconsciente — segundo dizem —, o tempo não existe. Mas, na verdade, foi para desafiar Myra. Eu não devia estar fazendo camas, diz Myra; eu não devia estar carregando cestas pesadas de roupa suja pelas escadas perigosas do porão, onde fica a velha e doída máquina de lavar.

Quem lava a roupa? Myra, à revelia. *Já que eu estou aqui, posso muito bem encher a máquina*, ela diz. Aí nós duas fingimos que ela não fez isso. Nós conspiramos para a ficção — ou para o que está rapidamente se tornando a ficção — de que eu posso cuidar de mim mesma. Mas a tensão de fingir está começando a afetá-la.

Além disso, ela está ficando com dor nas costas. Ela quer contratar uma mulher, uma estranha metida qualquer, para vir fazer todo o serviço. A desculpa dela é o meu coração. Ela descobriu sobre ele, não sei como, sobre o médico e suas charlatanices e profecias — suponho que por intermédio da enfermeira dele, uma mulher de cabelos pintados de vermelho e uma boca com os lados caídos. Nesta cidade não se guarda um segredo.

Eu disse a Myra que o que eu faço com minha roupa suja é problema meu: eu vou adiar esta *mulher* genérica pelo maior tempo possível. Até que ponto o que eu sinto é vergonha? Em grande parte.

Eu não quero ninguém metendo o bedelho nas minhas dificuldades, nos meus cheiros e manchas. Não faz mal que Myra faça isso, porque eu a conheço e ela me conhece. Eu sou a cruz que ela tem de carregar: eu sou aquilo que a torna tão boa aos olhos dos outros. Tudo o que ela tem de fazer é dizer o meu nome e revirar os olhos, e a indulgência é estendida a ela, senão pelos anjos, pelo menos pelos vizinhos, que são bem mais difíceis de agradar.

Não me interpretem mal. Eu não estou zombando da bondade, que é muito mais difícil de explicar do que a maldade, e tão complicada quanto. Mas às vezes ela é mais difícil de aturar.

Tendo tomado a minha decisão — e tendo antecipado os gemidos de desgosto de Myra ao descobrir a pilha de toalhas lavadas e dobradas, e o meu próprio risinho de triunfo —, eu me lancei à minha aventura. Eu investiguei a cesta de roupas sujas, escapando por pouco de cair de cabeça lá dentro, e pesquei o que achei que podia carregar, evitando sentir nostalgia pela roupa de baixo de antigamente. (Como era bonita! Não fazem mais coisas como aquelas hoje em dia, com botões cobertos e costuras feitas à mão. Ou talvez façam, mas eu nunca as vi, mesmo porque não teria dinheiro para comprá-las, nem caberia dentro delas. Essas coisas têm cintura.)

Coloquei minha seleção de roupa suja na cesta de plástico e lá fui eu, degrau a degrau, descendo a escada meio de lado, como Chapeuzinho Vermelho a caminho da casa da vovó pela floresta. Só que neste caso a vovó sou eu mesma, e trago em mim o meu próprio lobo mau. Que vai me comendo por dentro.

Estou no térreo, até aqui tudo bem. Atravesso o corredor e entro na cozinha, depois acendo a luz do porão e me preparo para o

mergulho nervoso no buraco úmido. Na mesma hora começou o tremor. Lugares desta casa que antigamente eu encarava com facilidade agora tornaram-se traiçoeiros: as janelas de guilhotina parecem armadilhas, prestes a cair nas minhas mãos, a escada de armar ameaça desmoronar, as prateleiras de cima dos armários são uma ameaça com suas frágeis louças. No meio da escada do porão, eu percebi que não devia ter me arriscado. Ela era muito íngreme, as sombras muito densas, o cheiro muito sinistro, como cimento recém-colocado ocultando um cônjuge habilmente envenenado. No chão, lá embaixo, havia um poço de escuridão, profundo e brilhando fracamente e molhado como um poço de verdade. Talvez fosse um poço de verdade; talvez o rio estivesse subindo pelo chão, como eu já vi acontecer no canal do tempo. Qualquer um dos quatro elementos pode ser deslocado a qualquer hora: o fogo pode romper da terra, a terra pode se tornar líquida e rolar sobre seus ouvidos, o ar pode bater em você como se fosse uma rocha, arrancando o telhado de sobre a sua cabeça. Então, por que não uma enchente?

Eu ouvi um gorgolejo, que podia ou não ter vindo de dentro de mim; senti meu coração dando pinotes de medo dentro do peito. Eu sabia que a água era uma ilusão, do olho, do ouvido ou da mente; mesmo assim, era melhor não descer. Eu larguei a roupa suja na escada do porão, abandonei-a lá. Talvez eu voltasse para buscá-la mais tarde, talvez não. Alguém faria isso. Myra faria, com um ar de reprovação. Agora que eu tinha feito aquilo, a *mulher* ia ser impingida a mim, com toda a certeza. Eu me virei, quase caí, agarrei-me no corrimão; depois fui me arrastando de volta, um degrau de cada vez, até chegar na amena luz do dia da cozinha.

Do lado de fora da janela, o dia estava cinzento, tanto o céu

quanto a neve velha, porosa. Eu liguei a chaleira elétrica; em pouco tempo ela iniciou a sua cantiga de ninar de vapor. A coisa está feia quando você começa a achar que são os seus utensílios que estão tomando conta de você e não o contrário. Mesmo assim, eu me senti confortada.

Preparei uma xícara de chá, bebi-o, depois lavei a xícara. Pelo menos eu ainda consigo lavar a minha própria louça. Depois guardei a xícara, na prateleira junto com as outras xícaras, xícaras pintadas à mão da vovó Adelia, lírios com lírios, violetas com violetas, como casais de estampas. Os meus armários pelo menos não haviam enlouquecido. Mas a visão das roupas abandonadas nos degraus da escada do porão estava me incomodando. Todos aqueles trapos, aqueles fragmentos amassados, como cascas brancas derramadas. Embora não inteiramente brancas. Uma espécie de testamento: páginas em branco que o meu corpo andou rabiscando, deixando suas marcas à medida que ele se vira do avesso, devagar mas inexoravelmente.

Talvez eu devesse tentar juntar essas coisas e depois guardá-las na cesta, e ninguém ia ficar sabendo. *Ninguém* quer dizer Myra.

Parece que eu fui tomada por um desejo de arrumação.

Antes tarde do que nunca, dizia Reenie.

Ah, Reenie. Como eu queria que você estivesse aqui. Volte e tome conta de mim!

Mas ela não vai voltar. Eu vou ter de tomar conta de mim mesma. De mim e de Laura, como prometi fazer. *Antes tarde do que nunca*.

Onde eu estou? *Era inverno*. Não, eu já escrevi isso.

Era primavera. A primavera de 1936. Esse foi o ano em que tudo começou a desmoronar. Isto é, continuou a desmoronar, de uma forma mais séria do que vinha acontecendo até então.

O rei Eduardo abdicou naquele ano; ele preferiu o amor à ambição. Não. Ele colocou a ambição da duquesa de Windsor acima da dele. Esse é o acontecimento que as pessoas recordam. E começou a Guerra Civil na Espanha. Mas essas coisas só começaram muitos meses depois. Por que me lembrei de março? Por algum motivo. Richard sacudindo o jornal na mesa do café e dizendo: *Então ele fez mesmo isso*.

Estávamos só nós dois na mesa naquele dia. Laura não tomava café conosco, exceto nos fins de semana, e mesmo então ela fazia o possível para evitar, fingindo estar dormindo ainda. Nos dias de semana, ela comia sozinha na cozinha porque tinha de ir para a escola. Às vezes não sozinha: a sra. Murgatroyd estava presente. Na época, o sr. Murgatroyd levava-a para a escola e depois ia buscá-la, porque Richard não queria que ela fosse a pé. O que ele não queria mesmo era que ela desaparecesse.

Ela almoçava na escola e tinha aulas de flauta lá nas terças e quintas, porque era obrigatório aprender a tocar um instrumento. O piano tinha sido tentado, mas não tinha dado em nada. O violoncelo idem. Laura era avessa a praticar, segundo nos informaram, embora à noite às vezes fôssemos obrigados a ouvir o gemido triste e desafinado da sua flauta. As notas erradas pareciam propositais.

— Eu vou falar com ela — Richard dizia.

— Nós não podemos reclamar — eu dizia. — Ela só está fazendo o

que você quer.

Laura não era mais abertamente grosseira com Richard. Mas se ele entrasse num aposento, ela saía.

De volta ao jornal. Como Richard o estava segurando entre nós dois, eu pude ler o cabeçalho. *Ele* era Hitler, que tinha invadido a bacia do Reno. Ele tinha quebrado as regras, tinha ultrapassado a linha, tinha feito a coisa proibida. *Bem*, disse Richard, *dava muito bem para calcular o que ia acontecer, mas os outros foram apanhados com as calças na mão. Ele está rindo deles. Ele é um cara esperto. Enxerga o buraco na cerca. Vê uma chance e a aproveita. Isso não se pode negar.*

Eu concordei, mas não prestei atenção. Não prestar atenção era minha única forma de manter o equilíbrio emocional durante aqueles meses. Eu tinha de bloquear o ruído ambiente: como alguém atravessando as cataratas do Niágara numa corda bamba, eu não podia olhar em volta, com medo de escorregar. O que mais se pode fazer quando aquilo que ocupa todos os nossos pensamentos não tem nada a ver com a vida que supostamente estamos vivendo? Com o que está bem ali em cima da mesa, que naquela manhã era um vaso com um narciso branco como papel dentro, tirado da caixa de bulbos amadurecidos à força que Winifred havia mandado. *É tão bom poder tê-los nesta época do ano*, ela tinha dito. *Eles são tão cheirosos. Como uma lufada de esperança.*

Winifred me achava uma inútil. Em outras palavras, ela me achava uma imbecil. Mais tarde — dez anos mais tarde — ela iria dizer, pelo

telefone, uma vez que não nos encontrávamos mais pessoalmente: — Eu achava que você era burra, mas na verdade você é uma peste. Você sempre nos detestou porque o seu pai faliu e mandou incendiar a própria fábrica e você pôs a culpa em nós por isso.

— Não foi ele quem a incendiou — eu iria responder. — Foi o Richard. Ou mandou que o fizessem.

— Isso é uma grande mentira. O seu pai estava totalmente quebrado, e se não fosse pelo dinheiro do seguro da fábrica, vocês estariam sem um tostão! Nós tiramos vocês duas da lama, você e a doida da sua irmã! Se não fosse por nós, vocês estariam morando na rua ao invés de muito bem instaladas, sem fazer nada, como duas pirralhas mimadas que vocês eram. Vocês sempre tiveram tudo de bandeja, nunca tiveram de se esforçar para nada, e nunca demonstraram um pingão de gratidão para o Richard. Você nunca ergueu um dedo para ajudá-lo, nenhuma vez, nunca!

— Eu fiz o que você mandou. Fiquei calada. Sorri. Eu era a vitrina. Mas Laura estava indo longe demais. Ele devia ter deixado Laura fora disso.

— Foi tudo puro rancor. Vocês nos deviam tudo e não podiam suportar isso. Tiveram de se vingar dele. Vocês duas o mataram, foi como se tivessem encostado um revólver na cabeça dele e puxado o gatilho.

— Então, quem foi que matou Laura?

— Laura se matou, como você sabe perfeitamente bem.

— Eu poderia dizer o mesmo de Richard.

— Essa é uma mentira deslavada. E de qualquer maneira, Laura

era completamente louca. Eu não sei como você conseguiu acreditar numa só palavra que ela dizia, sobre Richard ou sobre qualquer outra coisa. Ninguém em seu juízo perfeito teria acreditado.

Eu não consegui dizer mais nada, então desliguei o telefone na cara dela. Mas eu estava impotente diante dela, porque nessa altura ela tinha uma refém. Ela tinha Aimee.

Em 1936, no entanto, ela ainda era bastante afável, e eu ainda era a sua *protégée*. Ela continuava a me arrastar para tudo que era evento — bazares de caridade, comícios, comitês disto e daquilo — e a me deixar sentada num canto enquanto ela marcava a necessária presença. Eu percebo agora que as pessoas, de modo geral, não gostavam dela, simplesmente toleravam-na, por causa do seu dinheiro e da sua energia inesgotável: a maioria das mulheres naqueles círculos deixava, de bom grado, que Winifred fizesse a parte do leão de qualquer que fosse a atividade em questão.

De vez em quando, uma delas me abordava discretamente e dizia que havia conhecido a minha avó — ou, se fosse mais jovem, que gostaria de tê-la conhecido, naqueles anos dourados de antes da Primeira Guerra, quando ainda existia a verdadeira elegância. Isto era uma senha: significava que Winifred era uma arrivista — uma nova-rica, grosseira e vulgar — e que eu deveria estar lutando por outros valores. Eu sorria com um ar vago e dizia que a minha avó havia morrido muito antes de eu nascer. Em outras palavras, elas não podiam esperar que eu fizesse nenhum tipo de oposição a Winifred.

E como vai o seu inteligente marido?, elas perguntavam. *Quando vamos ter a grande notícia?* A grande notícia tinha a ver

com a carreira política de Richard, ainda não iniciada oficialmente, mas considerada iminente.

Ah, eu respondia sorrindo, *eu espero ser a primeira a saber*. Eu não acreditava nisso: eu esperava ser a última a saber.

A nossa vida — minha e de Richard — havia se estabelecido no que eu imaginava ser um padrão que duraria para sempre. Ou melhor, havia duas vidas, uma diurna e uma noturna: elas eram distintas e também invariáveis. Placidez e ordem e tudo no seu lugar, com uma violência decente e sancionada nos bastidores de tudo, como um sapato pesado e brutal batendo ritmadamente num chão acarpetado. Todas as manhãs eu tomava um banho para me livrar da noite; para lavar a porcaria que Richard usava no cabelo — uma espécie de brilhantina cara e perfumada. Ela grudava na minha pele em toda parte.

Será que ele se importava com o fato de que suas atividades noturnas me causassem indiferença, ou até mesmo repulsa? De jeito nenhum. Ele preferia a conquista à cooperação, em todas as áreas da vida.

Às vezes — cada vez mais, à medida que o tempo ia passando — ele me deixava marcada com manchas roxas, depois azuis, depois amarelas. Era impressionante como eu ficava roxa com facilidade, Richard dizia, sorrindo. Bastava um toque para isso. Ele nunca havia conhecido uma mulher que ficasse roxa com tanta facilidade. Era por eu ser tão jovem e delicada.

Ele preferia as coxas, para as manchas não aparecerem. Qualquer coisa mais ostensiva poderia atrapalhar suas ambições.

Às vezes eu achava que essas marcas no meu corpo eram uma espécie de código que florescia, depois murchava, como tinta invisível à luz de vela. Mas se elas eram um código, onde encontrar a chave para decifrá-lo?

Eu era areia, era neve — onde escreviam, tornavam a escrever, depois alisavam para apagar.

O cinzeiro

Eu fui ao médico de novo. Myra levou-me: devido ao degelo seguido de uma nova geada, o chão estava escorregadio demais.

O médico batucou nas minhas costelas e ouviu o meu coração, e franziu a testa, depois desfranziu, e depois — tendo formado já uma opinião a respeito — perguntou-me como eu me sentia. Eu acho que ele fez alguma coisa no cabelo; com certeza ele costumava ser mais ralo no alto. Será que ele anda colando mechas de cabelo no crânio? Ou pior, será que fez um implante? Ah, eu pensei. Apesar das caminhadas e das suas pernas cabeludas, o sapato da velhice está começando a apertar. Em breve você vai se arrepender de todo esse sol que tomou para se bronzear. O seu rosto vai parecer um testículo.

Mesmo assim ele era ofensivamente alegre. Pelo menos não costuma dizer *Como estamos passando hoje?* Ele nunca me chama de *nós*, como alguns costumam fazer. Ele entende a importância da primeira pessoa do singular.

— Eu não consigo dormir — eu disse a ele. — Eu sonho demais.

— Se a senhora, sonha é porque dorme — ele disse, querendo ser engraçado.

— O senhor sabe o que eu quero dizer — eu disse rispidamente.
— Não é a mesma coisa. Os sonhos me acordam.

— A senhora anda tomando café?

— Não — eu menti.

— Então deve ser consciência pesada. — Ele estava escrevendo

uma receita, sem dúvida de pílulas de açúcar. Ele deu uma risadinha: achou que tinha sido muito engraçado.

Depois de um determinado ponto, as devastações da experiência começam a virar pelo avesso; nós ganhamos inocência com a velhice, pelo menos na opinião dos outros. O que o médico vê quando olha para mim é uma galinha velha e inútil e, portanto, inocente.

Myra ficou sentada na sala de espera, lendo revistas velhas, enquanto eu estava no santuário interno. Ela rasgou um artigo sobre estresse, e outro sobre os benefícios do repolho cru. Eram para mim, ela disse, contente com suas úteis *trouvailles*. Ela está sempre fazendo diagnósticos a meu respeito. A minha saúde física tem quase o mesmo interesse para ela do que a minha saúde espiritual: ela se interessa especialmente pelos meus intestinos.

Eu disse a ela que dificilmente poderia sofrer de estresse, uma vez que não havia estresse no vácuo. Quanto a repolho cru, ele me deixava inchada como uma vaca morta, então eu ia ignorar seus benefícios. Eu disse que não tinha a menor vontade de passar a vida, ou o pouco que restava dela, fedendo como um pote de *sauerkraut* e soando como uma buzina de caminhão.

Referências grosseiras a funções corporais normalmente calam a boca de Myra. Ela dirigiu o resto do caminho em silêncio, com um sorriso pregado no rosto como um emplastro.

Às vezes eu tenho vergonha de mim mesma.

Vamos à tarefa aqui à mão. À *mão* é bem apropriado: às vezes eu tenho a impressão de que só a minha mão escreve, o resto de mim não; que a minha mão tem vida própria, e vai continuar viva mesmo

que seja cortada do meu braço, como algum fetiche egípcio, embalsamado, encantado, ou as patas de coelho que os homens usam penduradas no espelho do carro para dar sorte. Apesar da artrite nos meus dedos, esta minha mão tem demonstrado ultimamente uma vivacidade extraordinária, como se quisesse mandar às favas qualquer tipo de reserva. Com certeza ela tem escrito uma série de coisas que não teria permissão para escrever, caso fossem submetidas ao meu julgamento.

Vire as páginas, vire as páginas. Onde eu estava? Abril de 1936.

Em abril, nós recebemos um telefonema da diretora da escola de Laura. Ela disse que era sobre o comportamento de Laura. E que não era assunto para ser discutido pelo telefone.

Richard estava preso por compromissos de trabalho. Ele sugeriu que Winifred fosse comigo, mas eu disse que não devia ser nada de mais; que eu mesma cuidaria do assunto, e que diria a ele se fosse algo de importância.

Marquei uma hora com a diretora, cujo nome já esqueci. Vesti-me de um jeito que pudesse intimidá-la ou, pelo menos, fazê-la lembrar da posição e da influência de Richard: acho que usei um casaco de *cashmere* enfeitado de pele — quente para a ocasião, mas vistoso — e um chapéu com um faisão morto em cima, ou partes de um faisão. As asas, o rabo e a cabeça, que tinha dois olhinhos de vidro vermelho.

A diretora era uma mulher grisalha que parecia um cabide de madeira ossos salientes com panos de aparência molhada pendurados neles. Ela estava sentada em seu gabinete, atrás da

barricada da sua escrivaninha de mogno, os ombros erguidos até as orelhas de terror. Um ano antes eu estaria com tanto medo dela quanto ela estava de mim, ou melhor, do que eu representava: uma bolada de dinheiro. Mas agora eu já havia ganho confiança. Eu havia visto Winifred em ação, eu havia me exercitado. Agora eu sabia erguer uma sobrancelha de cada vez.

Ela sorriu nervosamente, exibindo dentes largos e amarelos como grãos de uma espiga de milho comida pela metade. Eu imaginei o que Laura teria aprontado: devia ser alguma coisa, para obrigá-la a enfrentar o ausente Richard e seu poder oculto. — Sinto dizer que não vamos poder continuar a ter Laura aqui — ela disse. — Fizemos o possível, e sabemos que há circunstâncias atenuantes, mas temos de pensar nas nossas outras alunas e temo que Laura seja uma influência perniciosa para elas.

Eu já havia aprendido, naquela altura, a vantagem de fazer com que as pessoas se explicassem. — Eu sinto muito, mas não sei do que a senhora está falando — eu disse, quase sem mover os lábios. — Que circunstâncias atenuantes são essas? Que história é essa de influência perniciosa? — Eu mantive as mãos paradas no colo, a cabeça erguida e um tanto inclinada, no melhor ângulo para o chapéu de faisão. Eu estava torcendo para que houvesse quatro olhos e não dois olhando fixamente para ela.

Embora eu tivesse o benefício da riqueza, ela tinha o da idade e o da posição. Estava quente no gabinete. Eu tinha pendurado o casaco atrás da cadeira, mas mesmo assim estava suando como um estivador.

— Ela está colocando Deus em questão — ela disse — na aula de

estudos religiosos, que, devo dizer, é o único assunto pelo qual ela parece demonstrar algum interesse. Ela chegou a ponto de escrever uma redação com o título "Deus mente?". Isto é muito desestabilizador para a turma.

— E qual foi a conclusão a que ela chegou? — eu perguntei. — A respeito de Deus? — Eu estava espantada, embora não demonstrasse: eu achava que Laura já estivesse largando um pouco aquela história de Deus, mas aparentemente não estava.

— Uma resposta afirmativa. — Ela olhou para a mesa, onde a redação de Laura estava aberta diante dela. — Ela cita... Está bem aqui... Reis, capítulo vinte e dois... a passagem em que Deus recebe o rei Acabe. "Tenham cuidado, portanto, o Senhor colocou um espírito mentiroso na boca de todos esses seus profetas." Laura diz ainda que se Deus fez isso uma vez, como é que nós podemos saber que Ele não o fez mais de uma vez, e como podemos distinguir as profecias falsas das verdadeiras?

— Bem, essa é uma conclusão lógica, pelo menos — eu disse. — Laura conhece a Bíblia.

— Eu diria que sim — a diretora disse, exasperada. — O Demônio pode citar as Escrituras em proveito próprio. Ela diz que embora Deus minta, Ele não trapaceia, Ele sempre manda um profeta verdadeiro também, mas as pessoas não o escutam. Na opinião dela, Deus é como um locutor de rádio, e nós somos rádios defeituosos, uma comparação que eu acho desrespeitosa, para não dizer pior.

— Laura não tem a intenção de ser desrespeitosa — eu disse. — Pelo menos não no que se refere a Deus.

A diretora ignorou a minha observação. — Não é tanto a

argumentação dela que importa, mas o fato de ela ter levantado a questão.

— Laura gosta de ter respostas — eu disse. — Ela gosta de ter respostas sobre questões importantes. Eu tenho certeza de que a senhora irá concordar que Deus é um tema importante. Não vejo por que isto deva ser considerado pernicioso.

— As outras alunas acham que sim. Elas acreditam que Laura, bem, que ela quer se mostrar. Desafiar a autoridade.

— Como Cristo fez — eu disse. — Pelo menos foi isso que algumas pessoas acharam na época.

Ela não fez a observação óbvia de que essas coisas podiam estar muito bem para Cristo, mas que não eram apropriadas para uma garota de dezesseis anos. — A senhora não está entendendo bem — ela disse. Ela estava literalmente torcendo as mãos, uma operação que eu acompanhei com interesse, uma vez que jamais a havia visto antes. — Outras acham que ela... que ela está bancando a *engraçadinha*. Pelo menos algumas acham. Outras acham que ela é uma bolchevista. E o resto a considera estranha. De qualquer maneira, ela atrai o tipo errado de atenção.

Eu comecei a ver aonde ela estava querendo chegar. — Não acho que Laura esteja querendo ser engraçada — eu disse.

— Mas é tão difícil saber! — Nós nos encaramos por alguns instantes em silêncio. — Ela tem um séquito e tanto, sabe — a diretora disse, com uma pontinha de inveja. Ela esperou até que eu absorvesse isto, então continuou. — Trata-se também da questão das ausências dela. Eu compreendo que haja problemas de saúde, mas...

— Que problemas de saúde? — eu disse. — Não há nada errado

com a saúde de Laura.

— Bem, eu presumi que sim, considerando as consultas médicas...

— Que consultas médicas?

— A senhora não as autorizou? — Ela apanhou um bolo de cartas. Eu reconheci o papel, que era o meu. Examinei as cartas: eu não as havia escrito, mas elas estavam assinadas com o meu nome.

— Entendo — eu disse, pegando o meu casaco e a minha bolsa. — Vou ter de conversar com Laura. Obrigada pelo seu tempo. — Eu sacudi as pontas dos dedos dela. Não precisa nem dizer que Laura ia ter de ser tirada da escola.

— Nós fizemos tudo o que estava ao nosso alcance — a pobre mulher disse. Ela estava praticamente chorando. Outra srta. Violência, aquela ali. Uma burra de carga, bem-intencionada mas ineficaz. Não era páreo para Laura.

Naquela noite, quando Richard perguntou como havia sido a minha entrevista, eu contei a ele sobre a influência perniciosa de Laura sobre as colegas. Em vez de ficar zangado, ele pareceu achar graça, e demonstrou até uma certa admiração por ela. Disse que Laura tinha determinação. Ele disse que uma certa rebeldia demonstrava iniciativa. Ele próprio jamais havia gostado da escola e havia tornado a vida dos professores bem difícil. Eu não achava que esses haviam sido os motivos de Laura, mas não falei nada. Não mencionei os bilhetes falsos a ele: isso teria causado um escândalo. Amolar os professores era uma coisa, falsificar assinatura era outra. Cheirava a delinqüência.

— Você não devia ter imitado a minha letra — eu disse a Laura,

em particular.

— Eu não soube imitar a de Richard. Ela é muito diferente da sua. A sua foi muito mais fácil.

— A letra de uma pessoa é uma coisa pessoal. É a mesma coisa que roubar.

Por um momento, ela pareceu envergonhada.

— Desculpe. Eu só estava pegando emprestado. Não achei que você fosse se importar.

— Suponho que não adianta perguntar por que você fez isso.

— Eu não pedi para me mandarem para aquela escola. — Laura disse. — Nem eles gostam de mim nem eu gosto deles. Eles não me levam a sério. Eles não são pessoas sérias. Se eu tivesse de passar o tempo todo lá dentro, eu teria ficado mesmo doente.

— O que você fazia quando não estava na escola? — perguntei. — Aonde você ia? — Eu estava preocupada que ela pudesse estar se encontrando com alguém — se encontrando com um homem. Ela já estava quase na idade de fazer isso.

— Ah, eu passeava por aí — Laura disse. — Eu ia até a cidade, ou sentava no parque. Ou simplesmente caminhava. Eu vi você, umas duas vezes, mas você não me viu. Acho que você estava fazendo compras. — Eu senti um aperto no peito, de pânico, como se uma mão estivesse me apertando. Eu devo ter empalidecido.

— O que foi que houve? — Laura disse. — Você está passando mal?

Em maio nós fomos para a Inglaterra a bordo do *Berengeria* e depois

voltamos para Nova York na viagem inaugural do *Queen Mary*. O *Queen* era o maior e o mais luxuoso navio que já havia sido construído, pelo menos era isso que estava escrito nos folhetos de propaganda. Foi um acontecimento de marcar época, segundo Richard.

Winifred viajou conosco. Laura também. Uma viagem dessas vai fazer muito bem a ela, Richard disse; ela tem andado triste e chateada, tem se sentido meio perdida desde que saiu da escola. A viagem seria educativa para ela, uma moça como ela poderia aproveitar muito de uma viagem como essa. E mesmo porque não poderíamos deixá-la para trás.

O público não se cansava do *Queen Mary*. Ele foi descrito e fotografado nos seus mínimos detalhes, e também decorado do mesmo jeito, com iluminação fluorescente, laminados de plástico, colunas estriadas e corrimões de madeira — detalhes de madeira por toda a parte. Mas ele chafurdava como um porco, e o convés da segunda classe dava para o convés da primeira, então você não podia caminhar por ele sem que uma penca de simplórios sem dinheiro ficasse olhando para você.

Eu enjoei no primeiro dia, mas depois fiquei bem. Dançava-se um bocado. Na época eu sabia dançar; razoavelmente bem, mas não muito bem. (*Nunca faça nada bem demais*, Winifred dizia, *isso mostra que você está se esforçando*.) Eu dançava com outros homens além de Richard — homens de negócios que ele conhecia, homens que havia me apresentado. *Tome conta da Iris para mim*, ele dizia a esses homens, sorrindo, dando um tapinha no braço deles. Às vezes ele dançava com outras mulheres, as esposas dos homens que ele conhecia. Às vezes saía para fumar um cigarro ou para dar

uma volta no convés, ou era isso que ele dizia que ia fazer. Eu achava que ele estivesse mal-humorado ou preocupado. Eu ficava mais de uma hora sem saber dele. De repente ele estava de volta, sentado na nossa mesa, vendo-me dançar, e eu ficava imaginando há quanto tempo ele estaria lá.

Eu cheguei à conclusão de que ele estava desapontado porque a viagem não estava funcionando do jeito que ele havia planejado. Ele não conseguia reservar os lugares que queria no Verandah Grill, não estava conhecendo as pessoas que queria conhecer. No território dele, ele era um figurão, mas no *Queen Mary* ele era fichinha. Winifred era fichinha também: sua vivacidade não surtia efeito. Mais de uma vez eu a vi ser esnobada por mulheres de quem tentou se aproximar. Ela então voltava para perto do que chamava de "nossa turma", torcendo para que ninguém tivesse notado.

Laura não dançava. Ela não sabia dançar nem estava interessada em aprender, mesmo porque era muito jovem para isso. Depois do jantar, ela se fechava na sua cabine; dizia que estava lendo. No terceiro dia de viagem, na hora do café da manhã, seus olhos estavam vermelhos e inchados.

No meio da manhã, eu fui procurá-la. Encontrei-a numa cadeira no convés, coberta até o pescoço com uma manta escocesa, assistindo indiferentemente a um jogo de malha. Eu me sentei ao seu lado. Uma jovem musculosa passou por nós levando sete cachorros, cada um na sua guia; ela estava usando *short* apesar do frio, e tinha pernas bronzeadas.

— Eu podia conseguir um emprego como esse — Laura disse.

— Emprego para fazer o quê?

— Para passear com cachorros — ela disse. — Cachorros dos outros. Eu gosto de cachorros.

— Você não ia gostar dos donos.

— Eu não estaria passeando com os donos. — Ela estava de óculos escuros, mas tremia.

— Você está sentindo alguma coisa? — eu disse.

— Não.

— Você parece estar com frio. Talvez esteja adoecendo.

— Não há nada de errado comigo. Não se preocupe à toa.

— É claro que eu me preocupo.

— Não precisa. Eu tenho dezesseis anos. Sei muito bem quando estou doente.

— Eu prometi ao papai que ia tomar conta de você — eu disse seriamente —, e à mamãe também.

— Burrice sua.

— Sem dúvida. Mas eu era pequena, não tinha discernimento. Isso é que dá ser jovem.

Laura tirou os óculos escuros, mas não olhou para mim. — Eu não tenho culpa das promessas dos outros — ela disse. — Papai me jogou em cima de você. Ele nunca soube o que fazer comigo... conosco. Mas ele está morto agora, os dois estão mortos; então, tudo bem. Eu desobriço você. Você está livre.

— Laura, o que é que você tem?

— Nada — ela disse. — Mas toda vez que eu quero pensar — refletir sobre as coisas — você resolve que eu estou doente e começa a

me amolar. Isso me deixa louca.

— Isso não é justo — eu disse. — Eu tenho tentado um bocado, eu sempre procurei olhar para o seu lado positivo, eu sempre...

— Deixa isso pra lá — ela disse. — Olha só que jogo bobo! Por que será que o chamam de malha?

Eu atribuí tudo isso a tristezas antigas — lembranças de Avilion e de tudo o que havia acontecido lá. Ou será que ainda era a paixonite por Alex Thomas? Eu devia ter insistido com ela, ter perguntado mais, mas duvido que ela tivesse me contado o que a estava realmente perturbando.

A coisa que eu lembro mais claramente da viagem, além de Laura, é da pilhagem que ocorreu, por todo o navio, no dia em que atracamos no porto. Tudo que tinha o nome ou o monograma do *Queen Mary* foi escondido numa mala ou numa bolsa — papel de carta, prataria, toalhas, saboneteiras —, qualquer coisa que não estivesse presa no chão. Algumas pessoas chegaram a tirar manivelas de torneiras, espelhos e maçanetas. Os passageiros da primeira classe foram os piores; mas isso não é novidade, os ricos sempre foram cleptomaníacos.

Qual o motivo de toda esta pilhagem? Lembranças. Essas pessoas precisavam levar alguma coisa de lembrança. Uma coisa estranha, a busca de uma lembrança: *hoje se torna ontem* enquanto ainda é hoje. Você não acredita realmente que está ali, então rouba uma prova, ou algo que você tome por prova.

Eu mesma saí de lá com um cinzeiro.

O homem com a cabeça pegando fogo

Na noite passada eu tomei uma das pílulas que o médico me receitou. Ela me fez mesmo dormir, mas aí eu sonhei, e este sonho não foi melhor do que os que eu estava tendo sem a ajuda da medicação.

Eu estava em pé no cais de Avilion, com o gelo quebrado, verde, do rio, tilintando à minha volta como se fossem sinos, mas eu não estava usando um casaco de inverno — apenas um vestido de algodão estampado de borboletas. E também um chapéu de flores de plástico em cores vibrantes — vermelho-tomate, um lilás horroroso — que era aceso por dentro com lâmpadas pequeninas.

Onde está o meu?, Laura disse, com a voz que tinha aos cinco anos. Eu olhei para ela, mas aí não éramos mais crianças. Laura havia envelhecido, como eu; os olhos dela eram duas passas ressecadas. Eu fiquei horrorizada e acordei.

Eram três da manhã. Eu esperei até o meu coração parar de protestar, em seguida desci e preparei um leite quente para beber. Eu não devia ter confiado em pílulas. Não se pode comprar a inconsciência assim tão barato.

Mas, continuando.

Uma vez fora do *Queen Mary*, nossa família passou três dias em Nova York. Richard tinha um trabalho a fazer; nós podíamos passear, ele disse.

Laura não queria ir no Rockettes, nem no alto da Estátua da Liberdade, nem no Empire State Building. Ela também não queria fazer compras. Ela só queria passear e ver as coisas na rua, mas isso era muito perigoso para ela fazer sozinha, segundo Richard, então eu fui com ela. Ela não era uma companhia muito animada — um alívio depois de Winifred, que estava determinada a ser a pessoa mais animada do mundo.

Depois disso, nós passamos várias semanas em Toronto, enquanto Richard cuidava dos negócios dele. Depois fomos para Avilion. Nós íamos velejar lá, Richard disse. O tom de voz dele dava a entender que o lugar só servia mesmo para isso; e também que ele estava disposto a sacrificar o seu tempo para satisfazer os nossos caprichos. Ou, colocando de forma mais gentil, para nos agradar — para agradar a mim, e também a Laura.

Eu tinha a impressão de que ele havia passado a considerar Laura um enigma, um enigma que ele estava disposto a decifrar. Eu o flagrava olhando para ela em certos momentos, com a mesma expressão que ele contemplava as páginas que tratavam do mercado de ações — buscando o jeito, o truque, o manejo, o calço, a brecha. De acordo com a visão de mundo dele, havia um jeito ou um truque para tudo. Ou então um preço. Ele queria dominar Laura, queria o pescoço dela debaixo do seu pé, mesmo que de leve. Mas Laura não tinha esse tipo de pescoço. Então, depois de cada tentativa, ele ficava com a perna no ar, como um caçador de urso posando em um retrato do qual o urso abatido desapareceu.

Como é que Laura conseguia isso? Não o contradizendo, agora ela não fazia mais isso, ela evitava confrontá-lo. Ela fazia isso recuando e dando-lhe as costas, fazendo-o perder o equilíbrio. Ele

estava sempre se lançando na direção dela, sempre tentando agarrá-la, e agarrando o ar.

O que ele queria era a aprovação dela, até mesmo sua admiração. Ou simplesmente sua gratidão. Algo assim. Com alguma outra garota ele talvez tivesse tentado o recurso dos presentes — um colar de pérolas, um suéter de *cashmere* —, coisas que mocinhas de dezesseis anos geralmente desejavam ter. Mas ele não era bobo a ponto de tentar uma coisa dessas com Laura.

Sangue de pedra, eu pensei. Ele jamais irá compreendê-la. E ela não tem um preço, porque não há nada que ele possua que ela queira. Em qualquer concurso de vontades, com quem quer que fosse, eu votaria em Laura. Do seu jeito, ela era mais teimosa que uma mula.

Eu achei que ela ia adorar a chance de passar algum tempo em Avilion — ela havia relutado tanto em sair de lá —, mas quando o plano foi mencionado, ela pareceu indiferente. Na minha leitura, ela não estava disposta a conceder nenhum crédito a Richard, fosse pelo que fosse. — Pelo menos nós vamos ver Reenie — foi tudo o que ela disse.

— Sinto dizer que Reenie não trabalha mais para nós — Richard disse. — Ela foi dispensada.

Quando foi isso? Há algum tempo. Um mês, vários meses? Richard foi vago. Ele disse que foi por causa do marido de Reenie, que andava bebendo demais. E por isso o conserto da casa não foi feito num espaço de tempo que qualquer pessoa de bom senso consideraria razoável e nem com o cuidado que se esperava, e Richard não via sentido em pagar um bom dinheiro em troca de

preguiça e do que só se poderia considerar como insubordinação.

— Ele não a quis aqui ao mesmo tempo que nós — Laura disse. — Ele sabia que ela ia tomar partido.

Nós estávamos andando pelo primeiro andar de Avilion. A casa parecia ter encolhido de tamanho; a mobília estava coberta para evitar a poeira, ou o que restava da mobília — algumas das peças mais pesadas e escuras haviam sido removidas, suponho que por ordem de Richard. Eu podia imaginar Winifred dizendo que ninguém devia ser obrigado a conviver com um aparador enfeitado com aquelas uvas de madeira tão grossas e artificiais. Os livros encadernados de couro ainda estavam na biblioteca, mas eu tive a sensação de que não permaneceriam lá muito mais tempo. Os retratos dos primeiros-ministros com o vovô Benjamin haviam sido banidos: alguém Richard, sem dúvida — devia ter notado finalmente seus rostos pintados. Outrora, Avilion tivera um ar de estabilidade que chegava à intransigência — um bloco maciço encajado no meio da correnteza do tempo, recusando-se a se deixar mover —, mas agora ele estava alquebrado, triste, como se estivesse prestes a desmoronar. Ele não tinha mais a coragem das suas pretensões.

Winifred lamentou o estado em que a casa se encontrava, toda empoeirada, com camundongos na cozinha, ela tinha visto os cocôs, e traças também. Mas os Murgatroyd iam chegar naquele mesmo dia, junto com outros dois empregados que haviam sido acrescentados ao nosso séquito, e então tudo ficaria em perfeita ordem, exceto o barco, ela estava se referindo ao *Water Nixie*. Richard estava no hangar de barcos naquele momento, examinando-

o. O barco deveria ter sido raspado e pintado sob a supervisão de Reenie e Ron Hincks, mas isso também não tinha acontecido. Winifred não conseguia entender o que Richard queria com aquela banheira velha — se Richard queria mesmo velejar, ele devia trocar aquele dinossauro velho por um barco novo.

— Suponho que ele ache que o barco tem um valor sentimental — eu disse. — Quer dizer, para nós. Para Laura e para mim.

— E tem? — Winifred disse, com aquele seu sorrisinho.

— Não — disse Laura. — Por que teria? Papai nunca nos levou para velejar nele. Só levava a Callie Fitzsimmons. — Nós estávamos na sala de jantar; pelo menos a mesa comprida ainda estava lá. Eu imaginei qual a decisão que Richard, ou melhor, Winifred, iria tomar acerca de Tristão e Isolda e seu romance fora de moda.

— Callie Fitzsimmons veio ao enterro — disse Laura. Nós estávamos sozinhas; Winifred tinha subido para o que chamava de seu sono de beleza. Ela colocava rodela de algodão umedecidas com hamamélis nos olhos, e cobria o rosto com um caro preparado de lama verde.

— Ah, é? Você não me contou.

— Eu me esqueci. Reenie ficou furiosa com ela.

— Por ter vindo ao enterro?

— Por não ter vindo mais cedo. Ela foi bem grosseira com ela. Ela disse "Você chegou tarde demais".

— Mas ela odiava a Callie! Ela sempre detestava quando ela vinha se hospedar aqui! Ela a achava uma vagabunda!

— Acho que ela não foi vagabunda o bastante para os padrões de

Reenie. Foi relapsa, não honrou a profissão.

— De vagabunda?

— Bem, Reenie achava que ela devia ter ficado até o fim. Pelo menos devia ter dado apoio a papai quando ele teve de enfrentar tantas dificuldades. Devia tê-lo distraído.

— Reenie disse tudo isso?

— Não deste jeito, mas você percebia o que ela estava querendo dizer.

— O que foi que a Callie fez?

— Fingiu que não tinha entendido. Em seguida, ela fez o que todo mundo faz em enterros. Chorou e contou mentiras.

— Que mentiras?

— Ela disse que, apesar de divergir dele em questões políticas, papai era uma pessoa muito boa. Reenie disse *questões políticas uma ova*, mas pelas costas.

— Acho que ele tentou ser — eu disse. — Quer dizer, uma boa pessoa.

— Bem, ele não tentou com muito afinco — Laura disse. — Você não lembra o que ele costumava dizer? Que nós havíamos sido *deixadas nas mãos dele*, como se fôssemos um tipo de sujeira.

— Ele tentou o máximo que pôde — eu disse.

— Lembra do Natal em que ele se vestiu de Papai Noel? Foi antes de mamãe morrer. Eu tinha acabado de fazer cinco anos.

— Sim — eu disse. — É isso que eu estou querendo dizer. Ele tentou.

— Eu detestei — disse Laura. — Eu sempre detestei esse tipo de surpresa.

Tinham mandado a gente ficar esperando na saleta. As portas duplas que davam para o *hall* tinham cortinas de gaze do lado de dentro, então nós não podíamos ver o *hall* de entrada, que tinha uma lareira, à moda antiga, onde a árvore de Natal tinha sido armada. Nós estávamos empoleiradas no sofá da saleta, com o espelho comprido atrás. Havia um monte de casacos pendurados no longo cabide — de papai, de mamãe, e chapéus também, mais acima os dela, com plumas grandes, os dele com plumas pequenas. Havia um cheiro de galochas de borracha, de resina de pinheiro e cedro das guirlandas que enfeitavam o corrimão da escadaria da frente, e de cera no assoalho quente, porque a fornalha estava acesa: os aquecedores assobiavam e estalavam. Por baixo dos caixilhos da janela entrava um vento frio, e o cheiro impiedoso, estimulante, da neve.

Havia uma única luz no teto da saleta; ela tinha um corta-luz de seda amarela. Nas portas de vidro, eu podia ver o nosso reflexo: nossos vestidos de veludo azul-escuro com colarinhos de renda, nossos rostos brancos, nosso cabelo claro repartido ao meio, nossas mãos pálidas cruzadas no colo. Nossas meias brancas, nossos sapatos de boneca. Haviam nos ensinado a sentar com um dos pés cruzado sobre o outro — nunca os joelhos —, e era assim que estávamos sentadas. O espelho erguia-se atrás de nós como uma bolha de vidro saindo do alto de nossas cabeças. Eu podia ouvir a nossa respiração, o ar entrando e saindo: a respiração da espera. Parecia que era outra pessoa que estava respirando — alguém grande mas invisível, escondido atrás dos casacos pendurados.

De repente, a porta dupla foi aberta. Apareceu um homem de vermelho, um gigante vermelho diante de nós. Atrás dele havia a escuridão da noite e as chamas ardendo. O rosto dele estava coberto de fumaça branca. A cabeça dele estava pegando fogo. Ele avançou com os braços estendidos. De sua boca veio um som de alarme, ou um grito.

Eu fiquei estatelada por um momento, mas era suficientemente grande para saber o que era aquilo. O som tinha a intenção de ser uma gargalhada. Era apenas papai, fingindo ser Papai Noel, e ele não estava pegando fogo — era apenas a árvore iluminada atrás dele, era apenas a coroa de velas em sua cabeça que dava esta impressão. Ele estava usando o seu robe de brocado vermelho, de trás para a frente, e uma barba feita de algodão.

Mamãe costumava dizer que ele nunca soube calcular a força que tinha: ele nunca soube o quanto era grande em comparação com as outras pessoas. Ele não fazia idéia do quanto estava assustador. Com certeza estava assustador para Laura.

— Você berrou sem parar — eu disse a ela. — Você não conseguia entender que ele só estava fingindo.

— Foi pior do que isso — Laura disse. — Eu achei que no resto do tempo é que ele estava fingindo.

— Como assim?

— Que na verdade era assim que ele era — Laura disse, pacientemente. — Que, por baixo, ele estava pegando fogo. O tempo todo.

O Water Nixie

Esta manhã eu dormi demais, exausta após uma noite de tristes divagações. Meus pés estavam inchados, como se eu tivesse andado quilômetros no chão duro; minha cabeça parecia oca e molhada. Foi Myra quem me acordou, batendo na porta. "Hora de acordar", ela gritou através da abertura para correspondência. De pura maldade, eu não respondi. Talvez ela achasse que eu estava morta — que tinha morrido durante o sono! Sem dúvida já estava imaginando qual dos meus vestidos estampados de flores poria em mim, e já estava planejando as comidas para a recepção pós-funeral. Ela não o chamaria de velório, nada assim tão bárbaro. Um velório era para não deixar você dormir, porque é bom ter certeza de que os mortos estão mesmo mortos antes de jogar uma pá de cal em cima deles.

Eu sorri ao pensar nisso. Então me lembrei de que Myra tinha uma chave. Pensei em cobrir a cara com o lençol para dar-lhe pelo menos um minuto de agradável terror, mas achei melhor não. Levantei-me da cama e vesti o roupão.

— Espera aí — eu gritei lá para baixo.

Mas Myra já havia entrado, e com ela *a mulher*, a faxineira. Era uma criatura robusta, parecendo uma portuguesa: não houve como evitá-la. Ela começou imediatamente a trabalhar com o aspirador de pó de Myra — elas tinham pensado em tudo — enquanto eu ia atrás como se fosse um espírito agourento, gemendo *Não toque nisso! Deixe isso aí! Eu mesma faço isso! Agora eu nunca mais vou achar nada!* Pelo menos eu cheguei na cozinha antes delas e tive tempo de

enfiar minha pilha de páginas escritas dentro do forno. Era improvável que elas atacassem o forno no primeiro dia de limpeza. Em todo caso, ele não é muito sujo, eu nunca asso nada nele.

— Pronto — Myra disse, depois que a mulher terminou. — Tudo limpo e arrumado. Isso não a faz sentir-se melhor?

Ela tinha me trazido um agrado da Gingerbread House — um vaso verde-esmeralda para plantar açafão, só ligeiramente lascado, com a forma de uma cabeça de menina sorrindo envergonhadamente. O açafão deve sair pelo buraco no alto do vaso e abrir-se num *halo de flores*, palavras dela. Tudo o que eu tenho de fazer é regá-lo, diz Myra, e logo ele estará uma belezinha.

Deus faz maravilhas de forma misteriosa, como Reenie costumava dizer. Será que Myra é o meu anjo da guarda? Ou será ela uma amostra prévia do Purgatório? E como saber a diferença?

No nosso segundo dia em Avilion, Laura e eu fomos visitar Reenie. Não foi difícil descobrir onde ela estava morando: todo mundo na cidade sabia. Ou as pessoas da lanchonete Betty's sabiam, porque era lá que ela estava trabalhando agora, três dias por semana. Nós não contamos nem a Richard nem a Winifred onde estávamos indo, porque não havia necessidade de piorar ainda mais a atmosfera desagradável do café da manhã. Eles não podiam nos proibir de visitá-la, mas sem dúvida atrairíamos uma boa dose de desprezo disfarçado.

Nós levamos o ursinho que eu havia comprado para o bebê de Reenie no Simpson's, em Toronto. Não era um urso muito fofinho — ele era áspero e duro demais. Parecia um funcionário público

subalterno, ou um funcionário público daquela época. Não sei qual a aparência que eles têm agora, é provável que usem jeans.

Reenie e o marido estavam morando numa das pequenas casas de pedra construídas originalmente para os operários da fábrica — dois andares, telhado pontudo, banheiro no fundo do quintal estreito —, não muito diferente de onde eu moro hoje. Eles não tinham telefone, então não pudemos avisar Reenie que estávamos indo lá. Quando ela abriu a porta e nos viu ali paradas, abriu um sorriso e depois começou a chorar. Logo em seguida, Laura também caiu no choro. Eu fiquei segurando o ursinho, me sentindo excluída porque não estava chorando também.

— Deus abençoe vocês — Reenie disse para nós duas. — Entrem para ver o bebê.

Nós atravessamos o corredor com chão de linóleo até a cozinha. Reenie a havia pintado de branco e colocado cortinas amarelas, o mesmo tom de amarelo das cortinas de Avilion. Eu notei um conjunto de vasilhas, também brancas, com letras amarelas: Farinha, Açúcar, Café, Chá. Não precisava dizer que Reenie é quem tinha pintado as letras. E feito as cortinas, e tudo o mais que estivesse ao alcance de suas mãos. Ela estava se esforçando ao máximo.

O bebê — você, Myra, agora você entrou na história — estava deitado numa cesta de vime, olhando-nos com olhos redondos, sem piscar, olhos mais azuis do que era comum de se ver em bebês. Devo dizer que ele parecia um pudim de banha, mas a verdade é que a maioria dos bebês tem esta aparência.

Reenie insistiu em nos preparar uma xícara de chá. Nós éramos jovens damas agora; podíamos tomar chá de verdade, e não apenas

leite com um pouquinho de chá dentro, como costumávamos fazer. Ela havia engordado; a parte de dentro dos seus braços, antes firme e forte, balançava um pouco, e ao caminhar na direção do fogão ela gingava como uma pata. Suas mãos estavam gordas, com covinhas nos nós dos dedos.

— Você come por dois e depois se esquece de parar — ela disse. — Está vendo a minha aliança? Não saí de jeito nenhum. Vou ter de ser enterrada com ela — ela disse isso com um suspiro de contentamento. Então o bebê começou a reclamar e Reenie ergueu-o e colocou-o sobre os seus joelhos, e olhou para nós com um ar quase desafiador.

A mesa (simples, apertada, coberta com um oleado estampado de tulipas amarelas) era como um grande abismo — de um lado, nós duas, do outro, muito longe agora, Reenie e seu bebê, sem nenhum remorso.

Remorso de quê? De nos ter abandonado. Ou foi isso que eu senti.

Havia algo estranho no jeito de Reenie, não em relação ao bebê, mas em relação a nós — quase como se a tivéssemos desmascarado. Desde então eu tenho me perguntado —, e você vai ter que me perdoar por dizer isto, Myra, mas na verdade você não devia estar lendo isto, e a curiosidade matou o gato —, desde então eu tenho me perguntado se o pai deste bebê não era Ron Hincks e, sim, papai. Lá estava Reenie, a única empregada que restava em Avilion, depois que eu havia viajado em lua-de-mel, e em volta de papai todos os castelos estavam desmoronando. Será que ela não havia se colado nele como um cataplasma, no mesmo espírito em que lhe ofereceria um prato

de sopa ou uma bolsa de água quente? Consolo, contra o frio e a escuridão.

Neste caso, Myra, você é minha irmã. Ou meia-irmã. Não que jamais venhamos a saber, ou que eu venha a saber. Suponho que você possa me desenterrar, tirar uma amostra do meu cabelo ou de um osso ou do que quer que usem para isso, e mandar para análise. Mas duvido que você chegue a isso. A outra prova possível seria Sabrina — vocês podem se encontrar, comparar pedacinhos de vocês. Mas para isso, Sabrina teria de voltar, e só Deus sabe se um dia isto irá acontecer. Ela pode estar em qualquer lugar. Ela pode estar morta. Ela pode estar no fundo do mar.

Imagino se Laura sabia sobre Reenie e papai, se é que havia mesmo algo para saber. Imagino se esta era uma das coisas que ela sabia e nunca contou. O que era perfeitamente possível.

Os dias em Avilion não passavam depressa. Ainda estava muito quente, muito úmido. O nível da água dos dois rios estava baixo: até mesmo as cachoeiras do Louveteau fluíam preguiçosas, e o Jogues exalava um cheiro desagradável.

Eu passava a maior parte do tempo dentro de casa, sentada na cadeira com encosto de couro da biblioteca do vovô, com as pernas por cima dos braços da cadeira. Os restos das moscas mortas do inverno anterior ainda cobriam o parapeito das janelas: a biblioteca não era uma prioridade para a sra. Murgatroyd. O retrato de vovó Adelia ainda presidia o ambiente.

Eu passava a tarde com os seus álbuns de recortes, com as notícias sobre à chás e a visita dos fabianos, e exploradores com seus

espetáculos de lanterna mágica e suas histórias sobre estranhos costumes nativos. Não sei por que acham estranho que eles enfeitassem os crânios dos seus antepassados, eu pensei. Nós também fazemos isso.

Ou então eu ficava folheando revistas velhas, recordando o quanto costumava invejar as pessoas que apareciam nelas; ou esmiuçava os livros de poesia com suas folhas de papel fino, com bordas douradas. Os poemas que costumavam extasiar-me nos tempos da srta. Violência agora me pareciam melodramáticos e doentios, com aquela linguagem arcaica do amor não correspondido. Eu me irritava com essas palavras, que tornavam os infelizes amantes — eu podia ver agora — um tanto ridículos, como a pobre e sentimental srta. Violência. Amorfos, indefinidos, encharcados, como um pão que caiu na água. Algo que não se tem vontade de tocar.

A minha infância já parecia muito distante — uma época remota, indistinta e agridoce, como flores secas. Eu lamentava a sua perda, eu a queria de volta? Acho que não.

Laura não ficava em casa. Ela vagava pela cidade, como costumávamos fazer. Ela usava um vestido meu de algodão amarelo do verão anterior, e o chapéu que fazia par com ele. Vê-la de costas causava-me uma sensação estranha, como se eu estivesse vendo a mim mesma.

Winifred não fazia segredo do fato de que estava totalmente entediada. Ela ia nadar todos os dias na pequena praia particular que ficava ao lado do hangar de barcos, embora nunca fosse até o fundo: normalmente ela só ficava espalhando água, usando um enorme

chapéu de trabalhador chinês magenta. Ela queria que eu e Laura fôssemos com ela, mas nós declinamos do convite. Nenhuma de nós sabia nadar direito, e também conhecíamos o tipo de coisas que costumavam ser jogadas no rio, e que provavelmente ainda eram jogadas. Quando não estava nadando ou tomando sol, Winifred andava pela casa fazendo anotações e croquis, e listas de imperfeições — o papel de parede do *hall* da frente tinha de ser substituído, havia cupim debaixo da escada — ou então ela tirava sonecas no seu quarto. Avilion parecia sugar suas energias. Era reconfortante saber que isso era possível.

Richard falava um bocado ao telefone, fazendo ligações interurbanas; ou então ia passar o dia em Toronto. O resto do tempo ele ficava rondando o *Water Nixie*, supervisionando os reparos. Ele dizia que seu objetivo era vê-lo flutuando antes de partirmos.

Os jornais eram entregues todas as manhãs. — Guerra civil na Espanha — ele disse um dia na hora do almoço. — Bem, já estava para estourar há muito tempo.

— Que coisa desagradável — Winifred disse.

— Não para nós — disse Richard. — Desde que nos mantenhemos fora dela. Deixe que os comunistas e os nazistas matem uns aos outros, ambos vão estar entrando na briga muito em breve.

Laura não tinha vindo almoçar. Ela estava no cais, sozinha, tomando uma xícara de café. Ela estava sempre lá: isso me deixava nervosa. Ela ficava deitada no cais, com um dos braços enfiado na água, olhando para o rio como se tivesse deixado cair alguma coisa lá

dentro e estivesse procurando por ela lá no fundo. Só que a água estava muito escura. Não dava para ver quase nada. Só um ou outro cardume de peixinhos prateados, nadando rapidamente de um lado para outro como os dedos de um batedor de carteira.

— Mesmo assim — Winifred disse — eu gostaria que não houvesse guerra. É muito desagradável.

— Até que uma boa guerra podia ser boa para nós — Richard disse. — Talvez animasse um pouco as coisas, pusesse fim à Depressão. Eu conheço um bocado de gente que está contando com isso. Tem gente que vai ganhar um bom dinheiro. — Eu nunca tinha sido informada da situação financeira de Richard, mas tinha chegado à conclusão — por várias insinuações e indicações — de que ele não tinha tanto dinheiro quanto eu no início havia pensado. Ou então não tinha mais. A reforma de Avilion fora interrompida — *adiada* — porque Richard não estava querendo gastar mais dinheiro nela. Isso segundo Reenie.

— Por que vão ganhar dinheiro? — eu disse. Eu conhecia muito bem a resposta, mas havia adquirido o hábito de fazer perguntas bobas só para ver o que Richard e Winifred iriam responder. A escala moral que eles aplicavam a quase todas as áreas da vida ainda não tinha cessado de atrair a minha atenção.

— Porque é assim que as coisas acontecem — Winifred disse, sem se alongar. — Por falar nisso, sua amiga foi presa.

— Que amiga? — eu disse, bem depressa.

— Aquela tal de Callista. A ex-amante do seu pai. Aquela que se acha uma artista.

Eu não gostei do tom que ela usou, mas não sabia como reagir. —

Ela foi muito boa para nós quando éramos crianças — eu disse.

— É claro que ela tinha de ser, não acha?

— Eu gostava dela — eu disse.

— Sem dúvida. Ela me procurou há uns meses, tentou vender-me uma pintura horrível, ou um mural, ou algo semelhante. Um bando de mulheres feias usando macacão. Não exatamente o que se escolheria para pendurar na sala de jantar.

— Por que a prenderam?

— Por motivos políticos, parece que ela estava numa reunião de esquerda. Ela ligou para cá, estava histérica. Queria falar com você. Eu não vi nenhum motivo para você se envolver nisso, então Richard foi até a cidade e pagou a fiança dela.

— Por que ele fez isso? Ele mal a conhece.

— Ah, simplesmente porque tem um coração bondoso — Winifred disse, sorrindo docemente. — Embora ele diga sempre que essa gente causa mais problema dentro da cadeia do que fora dela, não é mesmo, Richard? Elas colocam a boca no trombone para atrair a imprensa. Justiça para isto, justiça para aquilo. Talvez ele estivesse fazendo um favor ao primeiro-ministro.

— Ainda tem café? — Richard disse.

Isto significava que Winifred deveria mudar de assunto, mas ela continuou. — Ou então, talvez ele achasse que devia isto à sua família. Suponho que ela possa ser considerada uma espécie de patrimônio da família, como um jarro velho que é passado de geração em geração.

— Acho que vou fazer companhia a Laura no cais — eu disse. — O

dia está tão bonito!

Richard continuou lendo o jornal durante todo o tempo da minha conversa com Winifred, mas ao ouvir isto ele ergueu rapidamente a cabeça. — Não — ele disse. — Fique aqui. Você dá corda demais a ela. Deixe-a sozinha que ela se recupera.

— Se recupera de quê? — perguntei.

— Do que quer que a esteja aborrecendo — disse Richard. Ele tinha virado a cabeça para olhar para ela pela janela, e eu notei pela primeira vez que havia um lugar na parte de trás da cabeça dele que estava ficando careca, um pedaço rosado de crânio aparecendo por baixo do seu cabelo escuro. Em breve ele ia ter uma careca de padre.

— No próximo verão nós iremos para Muskoka — Winifred disse. — Não posso dizer que estas férias tenham sido um grande sucesso.

Quando nossa estada já estava chegando ao fim, resolvi fazer uma visita ao sótão. Esperei até que Richard estivesse ocupado ao telefone e Winifred estivesse deitada numa espreguiçadeira no nosso pedacinho de praia com um pano úmido cobrindo os olhos. Então abri a porta que dava para a escada do sótão, fechando-a atrás de mim, e subi o mais silenciosamente possível. Laura já estava lá, sentada numa das cômodas de cedro. Ela tinha aberto a janela, felizmente, senão estaria terrivelmente abafado. Havia um cheiro almiscarado, de pano úmido e fezes de rato.

Ela virou a cabeça, sem pressa. Eu não a havia surpreendido. — Olá — ela disse. — Tem morcegos morando aqui em cima.

— Isso não me espanta — eu disse. Havia um saco de compras ao

lado dela. — O que você tem aí?

Ela começou a tirar as coisas lá de dentro — várias quinquilharias. O bule de chá de prata que foi da minha avó, e três xícaras e pires pintados à mão, de Dresden. Algumas colheres com monograma. O quebra-nozes em forma de jacaré, uma abotoadura de madrepérola sem par, um pente de tartaruga sem alguns dentes, um isqueiro de prata quebrado, um galheteiro faltando o recipiente do vinagre.

— O que é que você está fazendo com essas coisas? Você não pode levá-las de volta para Toronto!

— Vou escondê-las. Eles não podem devastar tudo.

— Quem não pode?

— Richard e Winifred. Eles jogam tudo fora mesmo; eu os ouvi falando sobre estas porcarias sem valor. Mais cedo ou mais tarde eles vão fazer uma limpeza aqui. Então eu estou salvando algumas coisas, para nós. Vou deixá-las aqui em cima, num dos baús. Assim elas estarão seguras e nós saberemos onde encontrá-las.

— E se eles notarem?

— Não vão notar. Não é nada que seja realmente valioso. Olha — ela disse —, eu achei os nossos velhos cadernos. Eles ainda estavam aqui, no mesmo lugar em que os deixamos. Você se lembra quando os trouxemos para cá? Para ele?

Alex Thomas nunca precisou de um nome para Laura: ele era sempre *ele, dele*. Eu pensei durante algum tempo que ela havia desistido dele, ou da idéia dele, mas agora era óbvio que não.

— É difícil acreditar que nós fizemos mesmo isso — eu disse. —

Que nós o escondemos aqui em cima, que não fomos descobertas.

— Nós fomos cautelosas — Laura disse. Ela pensou um pouco, depois sorriu. — Você nunca acreditou realmente no que eu disse sobre o sr. Erskine — ela disse. — Acreditou?

Acho que eu devia ter mentido, mas tentei sair pela tangente. — Eu não gostava dele. Ele era horrível.

— Mas Reenie acreditou em mim. Onde você acha que ele está?

— O sr. Erskine?

— Você sabe quem. — Ela fez uma pausa e tornou a olhar pela janela. — Você ainda tem o retrato dele?

— Laura, eu acho que você não deve ficar pensando nele — eu disse. — Eu não acho que ele vá aparecer. Não é provável.

— Por quê? Você acha que ele está morto?

— Por que ele estaria morto? Eu não acho que ele esteja morto. Só acho que ele foi para algum lugar.

— Pelo menos ele não foi preso, senão nós já saberíamos. Teria saído nos jornais — disse Laura. Ela recolheu os cadernos e guardou-os no saco.

Nós ficamos em Avilion mais tempo do que eu imaginava que iríamos ficar, e sem dúvida mais tempo do que eu queria: eu me sentia presa, sufocada, ali dentro, incapaz de me mover.

Na véspera do dia marcado para irmos embora, eu descii para tomar café e Richard não estava lá; só Winifred, que estava comendo um ovo. — Você perdeu o grande lançamento — ela disse.

— Que grande lançamento?

Ela fez um gesto na direção da nossa vista, que era do Louveteau de um lado, e do Jogues do outro. Eu fiquei surpresa ao ver Laura no *Water Nixie*, descendo o rio. Ela estava sentada na proa como uma figura decorativa. Ela estava de costas para nós. Richard estava no leme. Ele estava usando um chapéu de marinheiro horroroso.

— Pelo menos eles não naufragaram — Winifred disse, com uma ponta de maldade.

— Você não quis ir?

— Na verdade, não. — A voz dela tinha um tom estranho, que eu interpretei como sendo ciúme: ela não gostava de ficar de fora de nenhum projeto de Richard.

Eu fiquei aliviada: talvez Laura cedesse um pouco agora, talvez ela abandonasse a atitude de antagonismo absoluto. Talvez começasse a tratar Richard como um ser humano e não como algo que tivesse se esgueirado de baixo de uma pedra. Isto com certeza tornaria a minha vida mais fácil, eu pensei. Desanuviaria a atmosfera.

Mas isto não aconteceu. Pelo contrário, a tensão aumentou, embora tivesse mudado de lado: agora era Richard quem saía da sala assim que Laura entrava. Era quase como se ele tivesse medo dela.

— O que foi que você disse a Richard? — eu perguntei a ela uma noite, depois que já estávamos de volta em Toronto.

— Como assim?

— Naquele dia que você saiu para velejar com ele no *Water Nixie*.

— Eu não disse nada para ele. Por que faria isso?

— Eu não sei.

— Eu nunca digo nada a ele — disse Laura — porque não tenho nada para dizer.

O castanheiro

Eu releio o que escrevi e sei que está errado, não pelo que contei, mas pelo que omiti. O que não está escrito tem uma presença, como a ausência de luz.

Você quer a verdade, é claro. Você quer que eu junte dois e dois. Mas dois e dois não levarão ninguém necessariamente à verdade. Dois e dois são uma voz do lado de fora da janela. Dois e dois são o vento. O pássaro não é a soma dos seus ossos.

Na noite passada eu acordei de repente, com o coração disparado. Da janela vinha um som como se alguém estivesse atirando pedrinhas no vidro. Eu saí da cama e fui tateando na direção da janela, levantei a veneziana e me debrucei para fora. Eu não estava de óculos, mas consegui enxergar o suficiente. A lua estava lá, quase cheia, toda marcada de velhas cicatrizes, e sob ela o clarão alaranjado que os postes de luz lançavam na direção do céu. Abaixo de mim estava a calçada, manchada de sombras e parcialmente oculta pelo castanheiro do jardim.

Eu sabia que não devia ter um castanheiro ali: aquela árvore pertencia a outro lugar, a muitos quilômetros de distância, na casa onde eu um dia morei com Richard. No entanto, lá estava ela, a árvore, com seus galhos estendidos como se fossem uma rede dura e grossa, suas flores brancas brilhando de leve.

O tilintar do vidro tornou a soar. Havia uma figura ali, inclinada:

um homem, mexendo no lixo, fuçando garrafas de vinho na esperança de encontrar um restinho de vinho em alguma delas. Um bêbado de rua, impulsionado pelo vazio e pela sede. Seus movimentos eram furtivos, invasivos, como se ele não estivesse procurando e sim espionando — buscando no meu lixo alguma evidência contra mim.

Então ele se endireitou, ficou bem debaixo da luz e olhou para cima. Eu pude ver as sobrancelhas escuras, as cavidades dos olhos, o sorriso um talho branco no oval escuro do seu rosto. No "V" abaixo de sua garganta havia uma palidez: uma camisa. Ele ergueu a mão, fez um gesto para o lado. Um aceno de saudação, ou de despedida.

Depois ele se afastou e eu não pude chamá-lo. Ele sabia que eu não podia. E então ele desapareceu.

Senti um peso sufocante no coração. *Não, não, não, não*, uma voz disse. Lágrimas rolaram pelo meu rosto.

Mas eu tinha dito isto alto — alto demais, porque Richard agora estava acordado. Ele estava em pé bem atrás de mim. Estava prestes a pôr a mão no meu pescoço.

Foi aí que eu acordei de verdade. Fiquei deitada com o rosto molhado, os olhos abertos, fitando o vazio cinzento do teto, esperando o meu coração se acalmar. Eu já não choro com frequência hoje em dia, quando estou acordada; apenas umas poucas lágrimas aqui e ali. É uma surpresa verificar que estive chorando.

Quando se é jovem, você acha que tudo que faz é descartável. Você se desloca de um lugar para outro, amassando o tempo nas mãos e atirando-o fora. Você é o seu próprio carro correndo

vertiginosamente. Você acha que pode se livrar de coisas, de pessoas — deixá-las para trás. Você ainda não conhece o hábito que elas têm de estar sempre voltando.

Havia mesmo um som de vidro batendo em vidro. Eu saí da cama — da minha cama real, de solteiro — e fui até a janela. Havia dois guaxinins fuçando o lixo do vizinho do outro lado da rua, revirando garrafas e latas. Predadores, bem ali no quintal. Eles me olharam, alertas, destemidos, suas máscaras pretas de ladrão sobressaindo ao luar.

Boa sorte para vocês, eu pensei. Levem o que puderem, enquanto podem. O que importa se pertence ou não a vocês? Apenas não se deixem apanhar.

Voltei para a cama e fiquei deitada na escuridão opressiva, escutando o barulho de uma respiração que eu sabia que não estava lá.

X



O assassino cego: Os homens-lagarto de Xenor

Durante semanas ela percorre as bancas. Ela vai até a drogaria mais próxima, compra lixa de unha ou alguma outra coisa sem importância, depois passa pelas bancas de revistas, sem tocar nelas e tomando cuidado para não ser vista olhando para elas, mas percorrendo os títulos com os olhos, procurando o nome dele. Um dos nomes dele. Ela agora os conhece, pelo menos quase todos: era ela quem descontava os cheques dele.

Histórias maravilhosas. Histórias fantásticas. Extraordinárias.
Ela examina todas.

Finalmente, descobre alguma coisa. Deve ser esta: *Os homens-lagarto de Xenor. O primeiro episódio emocionante dos anais das guerras zicronianas.* Na capa, uma loura num traje quase babilônico, uma veste branca presa sob seus seios improváveis por um cinto de metal dourado, sua garganta envolta em colares de lazulita, uma meia-lua de prata espetada na cabeça. Ela está de boca aberta, com os lábios úmidos, os olhos arregalados, segura por duas criaturas com garras de três dedos e olhos de pupilas verticais, Elas não usam nada além de *shorts* vermelhos. Seus rostos são discos chatos, sua pele é coberta de escamas, e tem um tom azul metálico. Eles têm um brilho oleoso, como se tivessem sido regados com molho; sob a pele azul-acinzentada, os seus músculos saltam e brilham. Os dentes em suas bocas sem lábios são numerosos e afiados.

Ela os reconheceria em qualquer lugar.

Como conseguir um exemplar? Não nesta banca, onde ela é conhecida. Não valia a pena dar margem a boatos, por qualquer tipo de comportamento fora do normal. Da próxima vez que sai para fazer compras, ela vai até a estação de trem e localiza a revista na banca que existe lá. Uma frágil moeda; ela paga com a mão enluvada, enrola rapidamente a revista, escondendo-a na bolsa. O jornaleiro lança um olhar esquisito para ela, mas os homens sempre fazem isso.

Ela aperta a revista de encontro a si no táxi, sobe a escada com ela e se tranca no banheiro. Ela sabe que suas mãos irão tremer ao virar as páginas. E uma história do tipo que vagabundos lêem em vagões de carga, ou que garotos lêem à luz de lanternas. Vigias de fábrica lêem de madrugada, para se manterem acordados; vendedores lêem nos seus quartos de hotel depois de um dia infecundo, sem gravata, com a camisa aberta, os pés para cima, tomando uísque no copo de bochechar. Policiais lêem numa noite calma. Nenhum deles irá achar a mensagem que com certeza estará oculta em algum lugar. Será uma mensagem dirigida exclusivamente a ela. O papel é tão mole que quase se desfaz em suas mãos.

Ali no banheiro trancado, pousada em seus joelhos em letras de forma, está Sakiel-Norn, cidade de mil esplendores — seus deuses, seus costumes, seus fantásticos tapetes tecidos à mão, suas crianças maltratadas, as donzelas prestes a serem sacrificadas. Seus sete mares, suas cinco luas, seus três sóis; as montanhas ocidentais e seus túmulos sinistros, onde lobos uivam e belas mulheres espreitam. O golpe palaciano espalha os seus tentáculos, o rei aguarda o momento

propício, calculando as forças empregadas contra ele; a suma sacerdotisa embolsa suas propinas.

Esta é a noite anterior ao sacrifício; a escolhida aguarda na cama fatal. Mas onde está o assassino cego? O que foi feito dele, do seu amor pela moça inocente? Ele deve estar guardando esta parte para depois, ela conclui.

Então, mais cedo do que ela esperava, os bárbaros cruéis atacam, incentivados pelo seu líder monomaniaco. Mas mal eles entram nos portões da cidade, têm uma surpresa: três espaçonaves aterrissam na planície a leste. Elas têm a forma de ovos fritos ou de Saturno partido ao meio, e vêm de Xenor. Uma delas lança os homens-lagarto, com seus músculos cinzentos e seus calções de banho metálicos e suas armas sofisticadas. Elas têm armas de raios, laços elétricos, máquinas individuais de voar. Todo tipo de equipamento moderno.

A súbita invasão modifica as coisas para os zicronianos. Bárbaros e urbanitas, governantes e rebeldes, mestres e escravos — todos esquecem suas diferenças e se unem por uma causa comum. As barreiras de classe desaparecem — os *snilfards* livram-se de seus títulos junto com suas máscaras e arregaçam as mangas para erguer barricadas junto com os *igni rods*. Todos se cumprimentam, chamando um ao outro de *tristok*, que significa (aproximadamente) *aquele com quem eu troquei sangue*; quer dizer, camarada ou irmão. As mulheres são levadas para o Templo e trancadas lá dentro para sua própria segurança, e as crianças também. O rei assume o controle da situação. As forças bárbaras são bem recebidas na cidade por causa de sua coragem na luta. O rei aperta a mão do Servo da Alegria, e eles resolvem dividir o comando. *Um punho é mais do que a soma dos seus dedos*, diz o rei, citando um antigo provérbio. Na

hora H, os oito pesados portões da cidade são fechados.

Os homens-lagarto conseguem um sucesso inicial nos campos afastados, por causa do elemento surpresa. Eles capturam algumas mulheres promissoras, que são presas em gaiolas e que dezenas de soldados lagartos tentam agarrar por entre as grades. Mas aí o exército xenoriano sofre um revés: as armas de raios em que eles confiam não funcionam muito bem no planeta de Zicron por causa de uma diferença de força gravitacional, os laços elétricos só são eficientes de perto, e os habitantes de Sakiel-Norn estão agora do outro lado de uma parede muito grossa. Os homens-lagarto não têm máquinas individuais de voar em número suficiente para transportar uma unidade grande o bastante para tomar a cidade. Projéteis chovem sobre qualquer homem-lagarto que se aproxime: os zicronianos descobriram que as calças de metal dos xenorianos são inflamáveis em altas temperaturas, e estão atirando bolas de piche incandescente.

O líder dos lagartos tem um ataque histérico e cinco cientistas lagartos morrem em combate: Xenor não é, evidentemente, uma democracia. Os que permanecem vivos começam a trabalhar para solucionar os problemas técnicos. Eles dizem que se tiverem tempo e equipamento adequados podem dissolver as paredes de Sakiel-Norn. E também podem desenvolver um gás que irá deixar os zicronianos inconscientes. Então eles vão poder fazer suas maldades à vontade.

Este é o fim do primeiro episódio. Mas o que aconteceu com a história de amor? Onde estão o assassino cego e a moça sem língua? A moça foi esquecida no meio da confusão — ela foi vista da última vez escondida debaixo da cama de brocado vermelho — e o homem cego nunca chegou a aparecer. Ela folheia as páginas outra vez:

talvez tenha deixado passar alguma coisa. Não, os dois simplesmente desapareceram.

Talvez tudo vá dar certo, no próximo empolgante episódio. Talvez ele mande algum recado.

Ela sabe que existe algo de insano nesta sua expectativa — ele não vai mandar nenhum recado para ela, ou se mandar, não é assim que ele vai chegar —, mas ela não consegue libertar-se da idéia. É a esperança que alimenta essas fantasias, é a saudade que faz surgir essas miragens — uma esperança desesperada, um desejo no vazio. Talvez sua mente esteja divagando, talvez ela esteja saindo dos trilhos, talvez esteja ficando com um parafuso a menos, desconjuntada como uma porta quebrada, como um portão arrombado, um cofre enferrujado. Quando você perde os parafusos, coisas que deveriam permanecer guardadas saem de dentro de você, e outras coisas, que não deveriam entrar, acabam entrando. As fechaduras perdem sua utilidade. Os guardas adormecem. As senhas não funcionam.

Ela pensa: Talvez eu tenha sido abandonada. É uma palavra gasta, abandonada, mas descreve exatamente sua situação. Abandoná-la era algo que se podia imaginar que ele fizesse. Num ímpeto, ele seria capaz de morrer por ela, mas viver por ela era algo muito diferente. Ele não tinha nenhum talento para a monotonia.

Apesar de saber disso, ela não deixa de esperar e de vigiar, mês após mês. Ela percorre as drogarias, a estação de trem, toda banca nova que aparece. Mas o próximo e empolgante episódio nunca aparece.

Mayfair, maio de 1937

NOVIDADES DE TORONTO

POR YORK

Abril chegou saltitante como um carneirinho este ano, e para acompanhar esta disposição brincalhona, a temporada de primavera foi agitada pelo rebuliço de diversas chegadas e partidas. O sr. e a sra. Henry Ridelle voltaram de uma temporada de inverno no México, o sr. e a sra. Johnson Reeves voltaram do seu refúgio em Palm Beach, na Flórida, e o sr. e a sra. T. Perry Grange estão de volta do seu cruzeiro pelas ilhas do Caribe, enquanto a sra. R. Westerfield e sua filha Daphne partiram para uma visita à França e à Itália, "caso Mussolini permita", e o sr. e a sra. W. McClelland foram para a Grécia. Os Dumont Fletcher passaram uma alegre temporada em Londres e já estão de volta ao nosso palco, prontos para o Dominion Drama Festival, do qual o sr. Fletcher foi um dos julgadores.

Enquanto isso, outro tipo de chegada foi comemorado no cenário lilás e prata do Arcadian Court, onde a sra. Richard Griffen (*neé* srta. Iris Montfort Chase) foi vista num almoço oferecido pela sua cunhada, sra. Winifred "Freddie" Griffen Prior. A jovem Sra. Griffen, bonita como sempre e uma das noivas mais importantes da última temporada, trajava um elegante conjunto de seda azul-celeste com um chapéu verde-Nilo, e estava recebendo os cumprimentos pelo nascimento de sua filha, Aimee Adelia.

As Plêiades ficaram agitadas com a chegada de sua estrela visitante, srta. Frances Homer, a célebre artista de monólogos que, no Eaton Auditorium, apresentou mais uma vez a sua série *Mulheres Famosas*, onde retrata mulheres da História e a influência que exerceram na vida de figuras importantes, como Napoleão, Fernando da Espanha, Horatio Nelson e Shakespeare. A srta. Homer brilhou, com sua inteligência e vivacidade, no papel de Nell Gywn; foi dramática como Isabela de Espanha; sua Josephine foi uma encantadora vinheta; e sua Lady Emma Hamilton foi um exemplo emocionante de atuação. De forma geral, foi um espetáculo pitoresco e charmoso.

A noite terminou com uma ceia para as Plêiades e seus convidados no Salão Redondo, onde a sra. Winifred Griffen Prior brilhou como *hostess*.

Carta de Bella Vista

Gabinete do Diretor
Santuário Bella Vista
Arnprior, Ontário
12 de maio de 1937

Sr. Richard E. Griffen
Presidente e Diretor-executivo
Indústrias Griffen-Chase
20 King Street West
Toronto, Ontário

Caro Richard:

Foi um prazer encontrá-lo em fevereiro — embora em circunstâncias lamentáveis — e apertar sua mão de novo após tantos anos. Nossas vidas tomaram, mesmo, rumos bem diferentes depois daqueles "anos dourados".

Infelizmente, sou obrigado a informar que o estado da sua jovem cunhada, srta. Laura Chase, não melhorou; posso até dizer que piorou um pouco. Os delírios de que ela sofre estão muito enraizados. Na nossa opinião, ela permanece sendo um perigo para si mesma e deve ser mantida sob constante observação, com sedação quando necessário. Não foram quebradas mais janelas, embora tenha havido um incidente envolvendo um par de tesouras; no

entanto, faremos tudo ao nosso alcance para evitar uma recorrência.

Continuamos tentando tudo. Existem diversos novos tratamentos que esperamos usar com efeitos positivos, particularmente o "eletro-choque", para o qual, em breve, teremos o equipamento necessário. Com sua permissão, acrescentaremos esta forma de terapia à insulino-terapia. Acreditamos firmemente numa melhora gradual, embora nosso prognóstico seja de que a srta. Chase nunca será uma pessoa forte.

Por mais que isto seja doloroso, eu devo pedir que o senhor e sua esposa evitem visitar a srta. Chase no momento, ou mesmo escrever-lhe cartas, uma vez que o contato com um dos dois terá, com certeza, um efeito negativo sobre o tratamento. Como é do seu conhecimento, o senhor é o foco das fixações mais persistentes da srta. Chase.

Estarei em Toronto na próxima quarta-feira, e espero poder conversar em particular com o senhor — no seu escritório, uma vez que sua jovem esposa, tendo sido mãe recentemente, não deveria ser incomodada com um assunto tão doloroso quanto este. Nessa ocasião, vou pedir-lhe para assinar os formulários necessários, autorizando os tratamentos que estamos propondo.

Tomo a liberdade de enviar-lhe a conta do mês passado para sua consideração.

Atenciosamente,

Dr. Gerald P. Witherspoon, Diretor

O assassino cego: A torre

Ela se sente pesada e suja, como uma trouxa de roupa para lavar. Mas ao mesmo tempo apática e sem substância. Papel em branco, no qual existe a marca — quase imperceptível — sem cor de uma assinatura que não é a dela. Um detetive poderia achá-la, mas ela não está disposta. Não está disposta a procurar.

Ela não abriu mão da esperança, apenas guardou-a: não é para uso diário. Enquanto isso, o corpo deve ser cuidado. Não adianta parar de comer. É melhor manter a lucidez, e a comida ajuda. Pequenos prazeres também: flores, as primeiras tulipas, por exemplo. Não adianta se desesperar. Correr descalça pela rua, gritando *Fogo!* O fato de não haver nenhum incêndio vai ser notado imediatamente.

A melhor maneira de guardar um segredo é fingir que não existe nenhum segredo. *É muita gentileza sua,* ela diz ao telefone. *Mas sinto muito. Não vou poder. Já tenho um compromisso.*

Há certos dias — especialmente dias claros e quentes — em que ela se sente enterrada viva. O céu é uma abóbada feita de pedra azul, o sol um buraco redondo através do qual a luz do dia de verdade brilha zombeteira. As outras pessoas enterradas junto com ela não sabem o que aconteceu: só ela sabe. Se ela contasse o que sabe, eles a prenderiam para sempre. Sua única chance é continuar como se nada houvesse acontecido, e ao mesmo tempo ficar de olho no céu azul, à espera da fenda que uma hora irá aparecer nele. Aí, então,

quem sabe ele descerá por uma escada de corda. Ela irá até o telhado e pulará para a corda. A corda será puxada para cima com os dois agarrados nela, agarrados um ao outro, passando por toninhas, torres e campanários, saindo pela fenda no céu falso, deixando os outros lá embaixo, no meio do gramado, olhando de boca aberta.

Enredos tão infantis e onipotentes.

Sob a abóbada de pedra azul, chove, faz sol, venta, clareia. É incrível pensar que todos esses efeitos do clima sejam fabricados.

Há um bebê na vizinhança. Seu choro chega de forma intermitente, como que trazido pelo vento. Portas se abrem e se fecham, o som de sua pequenina, imensa raiva cresce e diminui. Incrível como eles podem berrar. Sua respiração ofegante às vezes está bem próxima, o som áspero e delicado, como seda rasgando.

Ela está deitada em sua cama, com os lençóis sobre ou sob ela, dependendo da hora do dia. Ela prefere um travesseiro branco, branco como uma enfermeira e levemente engomado. Diversos travesseiros para apoiá-la, uma xícara de chá para ancorá-la, de modo que ela não saia flutuando. Ela segura a xícara e se ela cair no chão, ela acordará. Ela não faz isso o tempo todo, ela não é nada preguiçosa.

De vez em quando, ela sonha.

Imagina-o imaginando-a. Isto é a sua salvação.

Em espírito, ela percorre a cidade, mapeia seus labirintos, seus cantos sombrios: cada local, cada encontro, cada porta e escada e cama. O que ele disse, o que ela disse, o que eles fizeram, o que

fizeram depois. Até mesmo as vezes em que discutiram, brigaram, se separaram, sofreram, fizeram as pazes. Como eles gostavam de ferir um ao outro, de provar seu próprio sangue. Nós éramos destruidores juntos, ela pensa. Mas de que outro modo se pode viver, atualmente, exceto no meio da destruição?

Às vezes ela tem vontade de pôr fogo nele, de acabar com ele; de acabar com aquela saudade inútil, sem fim. Pelo menos, a rotina do dia e a entropia do seu próprio corpo deveriam cuidar disso — exauri-la, esvaziá-la, apagar aquele lugar em seu cérebro. Mas nenhum exorcismo foi suficiente, e nem ela tentou com muita determinação. Exorcismo não é o que ela quer. Ela quer aquela sensação de beatitude e terror ao mesmo tempo, como cair de um avião por engano. Ela quer o olhar faminto dele.

A última vez que o viu, depois que voltaram para o quarto dele, foi como se afogar: tudo escureceu e rugiu, mas ao mesmo tempo foi muito prateado, e lento e claro.

É isto que significa estar escravizado.

Talvez ele carregue sempre com ele uma imagem dela, como que num medalhão; talvez não exatamente uma imagem, e sim algo como um diagrama. Um mapa, como um mapa do tesouro. Que ele vai precisar para voltar.

Primeiro tem a terra, milhares de quilômetros de terra, com um círculo externo de rochas e montanhas, cobertas de gelo, cheias de fendas e vincos; depois um emaranhado de floresta, cheia de frutas e folhas derrubadas pelo vento, formando um tapete grosso, madeira apodrecendo sob o limo; depois a inesperada clareira. Depois estepes varridas pelo vento e colinas vermelhas onde acontecem as guerras.

Atrás das rochas, à espreita nos desfiladeiros ressecados, os paladinos estão agachados. Eles são especialistas em tocaia.

Depois vêm as aldeias, com casebres esqueléticos e rapazolas à espreita e mulheres carregando lenha, as estradas de terra cobertas de lama. Depois os trilhos de trem entrando pelas cidades, com suas estações e depósitos, suas fábricas e armazéns, suas igrejas e bancos de mármore. Depois as cidades grandes, vastos retângulos de luz e sombra, torre atrás de torre. As torres são revestidas de diamante. Não: algo mais moderno, mais plausível. Não zinco, isso serve para as bacias das mulheres pobres.

As torres são revestidas de aço. Bombas são fabricadas lá, bombas também caem lá. Mas ele ultrapassa tudo isso, passa incólume por tudo, até chegar nesta cidade, a cidade onde ela está, com suas casas e campanários ao seu redor, e ela sentada na torre que fica bem no centro, no interior daquilo tudo, que nem se parece com uma torre. Está camuflada: poderia muito bem ser confundida com uma casa. Ela é o coração trêmulo de tudo, deitada na sua cama branca. Afastada do perigo, mas ela é a razão de tudo aquilo. A razão de tudo aquilo é protegê-la. Eles passam todo o seu tempo fazendo isso protegendo-a de tudo. Ela olha pela janela e nada pode alcançá-la, e ela não pode alcançar nada.

Ela é o zero redondo, o zero no osso. Um espaço que se define por não existir. É por isso que eles não conseguem alcançá-la, pôr a mão nela. É por isso que não podem acusá-la de nada. Ela tem um sorriso tão bom, mas não está ali, atrás dele.

Ele quer pensar nela como sendo invulnerável. Em pé na sua janela iluminada, tendo por trás uma porta trancada. Ele quer estar

bem ali, debaixo da árvore, olhando para cima. Tomando coragem, ele sobe pela parede, apoiando-se nas pedras e na trepadeira, todo feliz; ele se agacha, suspende a janela, entra. O rádio está ligado baixinho, uma música dançante toca. Ela abafa os nossos passos. Eles não trocam nenhuma palavra, e recomeça a exploração delicada, cuidadosa, da carne. Abafada, hesitante e indistinta, como que submersa.

Você levou uma vida protegida, ele disse a ela certa vez.

Pode-se dizer que sim, ela havia respondido.

Mas como ela poderia sair dali, da sua vida, a não ser por meio dele?

The Globe and Mail, 26 de maio de 1937

VINGANÇA VERMELHA EM BARCELONA

PARIS, ESPECIAL PARA O THE GLOBE AND MAIL

Embora as notícias de Barcelona estejam fortemente censuradas, o nosso correspondente em Paris foi informado da existência de conflitos entre facções republicanas rivais naquela cidade. Os comunistas apoiados por Stalin, bem armados pela Rússia, parecem estar promovendo expurgos contra o rival POUM, os extremistas trotskistas que se juntaram aos anarquistas. Os primeiros e eufóricos dias do regime republicano deram lugar a uma atmosfera de suspeita e medo, em que os comunistas acusam o POUM de traição de "quinta-coluna". Foram observadas brigas de rua, com a polícia local apoiando os comunistas. Dizem que muitos membros do POUM foram presos ou fugiram. Diversos canadenses podem ter sido apanhados no fogo cruzado, mas essas notícias ainda não foram confirmadas.

Em outro ponto da Espanha, Madri continua nas mãos dos republicanos, mas as forças nacionalistas comandadas pelo general Franco estão tendo vitórias significativas.

O assassino cego: Union Station

Ela inclina a cabeça, descansa a testa na beirada da mesa. Imagina a chegada dele.

Está escuro, as luzes da estação estão acesas, o rosto dele está abatido naquela luz. Em algum lugar ali perto há uma costa, ultramarina: ele pode ouvir os gritos das gaivotas. Ele sobe no trem no meio de nuvens de vapor, coloca a bolsa de viagem no compartimento adequado; depois se deixa cair no assento, apanha o sanduíche que comprou, desembrolha-o, amassa o papel. Ele está quase cansado demais para comer.

Ao lado dele há uma senhora idosa que está tricotando algo vermelho, um suéter. Ele sabe o que ela está tricotando porque ela lhe diz; ela contaria a vida toda dela para ele, se ele permitisse, sobre seus filhos, seus netos; sem dúvida ela tem retratos, mas aquela não é uma história que ele queira ouvir. Ele não pode pensar em crianças, tendo visto tantas mortas. São as crianças que ele não consegue esquecer, mais até que as mulheres, mais que os velhos. Elas eram sempre tão inesperadas: seus olhos sonolentos, suas mãos de cera, os dedos moles, a boneca de trapos empapada de sangue. Ele vira a cabeça, contempla o próprio rosto na janela, os olhos fundos, emoldurados pelo cabelo que parece molhado, a pele de um preto-esverdeado, suja de fuligem e marcada pelas formas escuras das árvores que passam velozmente.

Ele passa por cima das pernas da velha e vai para o corredor, entre um vagão e outro, fuma, joga fora a guimba, urina no vazio. Ele

tem a sensação de estar indo embora do mesmo jeito — em direção ao nada. Ele podia cair ali e nunca mais ser achado.

Os pântanos, um horizonte vagamente avistado. Ele volta para o seu lugar. O trem está frio e úmido ou então superaquecido e abafado; ou ele sua ou treme de frio, talvez as duas coisas: ele queima e congela, como no amor. O estofamento áspero das costas do banco é mofado e desconfortável, e espeta o seu rosto. Finalmente ele dorme, de boca aberta, a cabeça caída para um lado, encostada no vidro sujo da janela. Nos ouvidos dele, o barulho das agulhas de tricô, e por baixo deste, o bater das rodas contra os trilhos de metal, como um metrônomo incansável.

Agora ela o imagina sonhando. Ela o imagina sonhando com ela, assim como ela está sonhando com ele. Em um céu cor de ardósia molhada, eles voam ao encontro um do outro usando asas invisíveis, procurando, procurando, voltando atrás, levados pela esperança e pelo desejo, frustrados pelo medo. Em seus sonhos, eles se tocam, se entrelaçam, é mais como uma colisão, e este é o final do vôo. Eles caem na terra, pára-quedistas sujos, anjos remendados, o amor se estendendo atrás deles como retalhos de seda. A artilharia do inimigo está apontada para eles.

Passa um dia, uma noite, um dia. Numa parada ele salta, compra uma maçã, uma Coca-Cola, meio maço de cigarros, um jornal. Ele devia ter trazido um frasco de bebida ou mesmo uma garrafa inteira, por causa do esquecimento que ela traz. Ele olha pelas janelas embaçadas de chuva para as longas planícies que se estendem como tapetes cobertos de vegetação, para os agrupamentos de árvores e arbustos; seus olhos vesgos de sono. À tardinha o sol custa a se pôr, recolhendo-se no Poente à medida que ele se aproxima, passando de

rosa a violeta. A noite cai intermitentemente, com suas partidas e paradas, com os gritos metálicos do trem. Atrás dos seus olhos existe vermelhidão, o vermelho das pequenas fogueiras escondidas, das explosões no ar.

Ele acorda quando o céu começa a clarear; ele consegue perceber a água de um lado, plana e sem margens e prateada, o lago, finalmente. Do outro lado dos trilhos vêm-se casas pequenas e tristes, com roupas penduradas nos varais do quintal. Depois uma chaminé de tijolos, uma fábrica de olhos vazios com uma chaminé alta; depois outra fábrica, com suas diversas janelas refletindo um azul pálido.

Ela o imagina descendo do trem de manhãzinha, atravessando a estação, passando pelo saguão comprido e abobadado, ladeado de colunas, caminhando pelo chão de mármore. Ecos flutuam ali, vozes distorcidas nos alto-falantes, as mensagens obscuras. O ar cheira a fumaça — a fumaça de cigarros, de trens, da própria cidade, que mais parece poeira. Ela também está andando no meio desta fumaça ou poeira; ela está preparada para abrir os braços, para ser erguida no ar por ele. A alegria aperta a sua garganta, indistinguível do pânico. Ela não consegue vê-lo. O sol da manhã entra pelas janelas altas, o ar esfumaçado pega fogo, o chão brilha. Agora ele está em foco, lá do outro lado, cada detalhe bem distinto — olho, boca, mão —, embora trêmulo, como um reflexo num lago agitado.

Mas sua mente não consegue segurá-lo, ela não consegue fixar a lembrança de suas feições. É como se uma brisa soprasse sobre a água e ele se dissipasse, em cores partidas, em marolas; depois ele toma forma de novo em outro lugar, depois da coluna seguinte, assumindo o seu corpo familiar. Em volta dele há um brilho trêmulo.

O brilho trêmulo é a sua ausência, mas para ela aparece como sendo uma luz. É a luz simples de todo dia que ilumina tudo ao seu redor. Cada manhã e cada noite, cada luva e cada sapato, cada cadeira e cada prato.

XI



O cubículo

Daqui em diante, as coisas pioram bastante. Mas você já sabia que isto ia acontecer. Você sabia porque já sabe o que aconteceu com Laura.

A própria Laura não sabia, é claro. Ela não imaginava que fosse representar o papel da trágica heroína romântica. Ela só se tornaria isto mais tarde, por conta do que lhe aconteceu e, conseqüentemente, na cabeça dos seus admiradores. Na sua vida diária, ela era quase sempre irritante, como qualquer pessoa. Ou sem graça. Ou alegre, ela também sabia ser alegre: dadas as condições adequadas, cujo segredo só ela conhecia, ela era capaz de cair numa espécie de enlevo. São esses instantes de alegria os mais comoventes para mim agora.

Assim, na memória, ela perambula pelas suas atividades terrenas, sem aparentar nada de extraordinário — uma garota de cabelos claros subindo uma colina, imersa em seus pensamentos. Existem muitas dessas garotas bonitas e pensativas, a paisagem está recheada delas, nasce uma a cada minuto. Na maior parte do tempo, não acontece nada fora do comum a essas garotas. Uma coisa aqui, outra coisa ali, e elas envelhecem. Mas Laura foi a escolhida. Por você. Por mim. Num quadro, ela estaria colhendo flores silvestres, embora na vida real ela raramente fizesse algo assim. O deus de aparência terrena arma o bote atrás dela, na sombra da floresta. Só nós conseguimos vê-lo. Só nós sabemos que ele vai atacar.

Eu revi o que escrevi até agora, e me parece muito inadequado.

Talvez tenha muita frivolidade no que escrevi, ou muitas coisas que podem ser vistas como frivolidade. Um monte de roupas, seus estilos e cores fora de moda hoje em dia, asas de borboletas perdidas. Um monte de jantares, nem sempre muito bons. Cafés da manhã, piqueniques, viagens marítimas, bailes à fantasia, jornais, passeios de barco no rio. Essas coisas não combinam muito bem com tragédia. Mas na vida, uma tragédia não é um longo grito. Ela inclui tudo que leva a ele. Hora após hora, dia após dia, ano após ano, e então o momento súbito: a facada, o tiro, o mergulho do carro de cima da ponte.

É abril agora. A neve chegou e partiu, as açafroeiros já estão crescendo. Em breve vou poder instalar-me na varanda dos fundos, na minha velha mesa, arranhada e infestada de ratos, pelo menos quando tiver sol. Não há mais gelo nas calçadas, então eu voltei a caminhar. A inatividade dos meses de inverno me deixou fraca; sinto isso em minhas pernas. Entretanto, estou determinada a recuperar a posse dos meus antigos territórios, a visitar os meus mictórios.

Hoje, com a ajuda da minha bengala e com várias pausas ao longo do caminho, consegui andar até o cemitério. Lá estavam os dois anjos Chase, nem um pouco afetados pelo inverno passado na neve; lá estavam os nomes da família, um pouco menos legíveis agora, mas isso deve ser por causa da minha vista. Passei os dedos pelos nomes, pelas suas letras; apesar de sua dureza, de sua tangibilidade, elas parecem amolecer ao meu toque, desbotar, tremer. O tempo as desgastou com seus dentes afiados e invisíveis.

Alguém tirou as folhas molhadas do último outono do túmulo de

Laura. Havia um buquê de narcisos brancos, já murchos, as hastes embrulhadas em papel de alumínio. Eu o apanhei e joguei fora na lata de lixo mais próxima. Quem eles acham que aprecia essas oferendas que fazem, esses adoradores de Laura? Para ser mais precisa, quem eles acham que as recolhem depois? Eles e seu lixo floral, sujando os lugares públicos com os símbolos da sua dor espúria.

Vou dar-lhe um motivo para chorar, Reenie diria. Se nós fôssemos filhas dela, ela nos teria dado um tapa. Como não éramos, ela nunca nos bateu, então nós nunca descobrimos qual poderia ser esse *motivo* ameaçador.

Na volta eu parei na loja de *donuts*. Eu devia estar parecendo tão cansada quanto estava me sentindo, porque uma garçonete veio imediatamente me servir. Normalmente elas não servem às mesas, você tem de ficar no balcão e levar as coisas sozinha, mas esta moça — de rosto oval, cabelos escuros e o que parecia ser um uniforme preto — perguntou o que eu queria que ela levasse para mim. Eu pedi café e, para variar, um *muffin* de framboesa. Aí eu a vi falando com outra moça, que estava atrás do balcão, e percebi que ela não era uma garçonete e sim uma freguesa, como eu; seu uniforme preto não era nenhum uniforme, era apenas uma calça e uma jaqueta. Ela tinha um brilho prateado em algum lugar, um zíper, talvez; eu não consegui ver os detalhes. Antes que eu pudesse agradecer direito, ela foi embora.

Era tão agradável encontrar educação e consideração em garotas daquela idade! Quase sempre (eu refleti, pensando em Sabrina) elas

demonstram apenas ingratidão e descaso. Mas ingratidão e descaso são a armadura dos jovens; sem isso, como eles poderiam enfrentar a vida? Os velhos desejam bem aos jovens, mas também lhes desejam mal: eles gostariam de devorá-los e absorver sua vitalidade, e permanecer imortais. Sem a proteção da grosseria e da frivolidade, todas as crianças seriam esmagadas pelo passado — o passado dos outros, atirado sobre seus ombros. O egoísmo é a sua salvação.

Até certo ponto, é claro.

A garçonete de guarda-pó azul trouxe o café. E o *muffin* também, do qual me arrependi imediatamente. Não consegui fazer uma grande incursão nele. Tudo nos restaurantes está ficando grande demais, pesado demais — o mundo material manifestando-se na forma de enormes pedaços de massa.

Depois de ter tomado a quantidade de café que fui capaz, parti para o banheiro. No cubículo do meio, as mensagens que eu me lembrava do outono haviam sido pintadas por cima, mas felizmente a nova temporada já tinha começado. No canto superior direito, um conjunto de iniciais declarava timidamente o seu amor por outro conjunto de iniciais, como é de hábito. Mais abaixo, estava escrito em azul:

A decisão correta vem da experiência. A experiência vem de uma decisão errada.

Depois, em letra cursiva feita com caneta roxa: *Se quiser uma garota experiente, ligue para Anita, a Boca Poderosa, eu o levarei ao Paraíso*, e um número de telefone.

E, sob isso, em letras de forma, realçado com *pilot* vermelho: *O Dia do Juízo Final está chegando. Prepare-se para o Castigo, isso é*

com você, Anita.

Às vezes eu acho — não, às vezes eu brinco com a idéia — que essas mensagens escritas nos banheiros são na verdade obra de Laura, agindo como que a longa distância por intermédio dos braços e das mãos das garotas que as escrevem. Uma idéia imbecil, mas agradável, até eu dar o passo seguinte, lógico, de deduzir que, neste caso, elas todas devem ser endereçadas a mim, porque quem mais Laura ainda iria conhecer nesta cidade? Mas se elas são endereçadas a mim, o que é que Laura quer dizer com elas? Não o que escreve.

Outras vezes eu sinto uma enorme vontade de fazer o mesmo, de contribuir; de unir a minha voz trêmula ao coro anônimo de serenatas truncadas, de cartas de amor rabiscadas às pressas, de anúncios obscenos, de hinos e xingamentos.

O Dedo que Anda escreve, e, tendo escrito,

Segue adiante; nem toda a sua Devoção ou a sua Inteligência

Irá convencê-lo a apagar nem meia linha,

Nem todas as suas lágrimas serão capazes de borrar uma só palavra.

Ha, eu penso. Isso os deixaria animados.

Um dia, quando eu estiver me sentindo melhor, vou voltar lá e escrever isto. Eles vão gostar, pois não é isso que querem? O que nós todos queremos: deixar uma mensagem atrás de nós que tenha algum efeito, mesmo que seja terrível; uma mensagem que não possa ser apagada.

Mas essas mensagens podem ser perigosas. Pense duas vezes antes de desejar, e especialmente antes de desejar transformar-se na

mão do destino.

(Pense duas vezes, Reenie dizia. Laura respondia: Por que só duas?)

O gatinho

Veio setembro, depois outubro. Laura estava de volta à escola, uma escola diferente. Lá as saias eram cinzentas e azuis em vez de marrons e pretas; fora isto, a escola era muito parecida com a anterior, até onde eu podia ver.

Em novembro, logo depois de fazer dezessete anos, Laura anunciou que Richard estava desperdiçando o seu dinheiro. Ela continuaria a freqüentar a escola se ele mandasse, ela colocaria o seu corpo atrás da carteira, mas ela não estava aprendendo nada útil. Ela declarou isto calmamente e sem rancor, e, surpreendentemente, Richard cedeu.

— Ela não precisa mesmo ir à escola — ele disse. — Ela nunca vai precisar trabalhar para viver.

Mas Laura precisava ter seu tempo ocupado com alguma coisa, assim como eu. Ela foi recrutada para uma das causas de Winifred, uma organização voluntária chamada As Abigails, que tinha a ver com visitação hospitalar. As Abigails eram um grupo animado: garotas de boa família, treinando para ser futuras Winifreds. Elas usavam uma roupa de leiteiro com tulipas aplicadas no avental e flanavam pelas enfermarias do hospital, onde deveriam conversar com os pacientes, ler para eles, talvez, e alegrá-los — como, não se dizia.

Laura demonstrou gostar disto. Ela não gostava das outras Abigails, nem preciso dizer, mas se encantou com o uniforme. Como era de esperar, ela foi para as enfermarias dos indigentes, que as

outras Abigails tendiam a evitar por causa do seu fedor e de suas atrocidades. Essas enfermarias estavam cheias de gente abandonada: velhas sofrendo de demência senil, veteranos de guerra arruinados, homens sem nariz sofrendo de sífilis em terceiro grau e outros casos semelhantes. Enfermeiras eram escassas nessas bandas, e em pouco tempo Laura estava realizando tarefas que, estritamente falando, não eram de sua alçada. Comadres e vômitos aparentemente não a afugentavam, nem os palavrões, os delírios e o caos generalizado. Esta não era a situação que Winifred havia planejado, mas logo logo era a que tínhamos de aturar.

As enfermeiras achavam Laura um anjo (pelo menos algumas delas; outras simplesmente achavam que ela atrapalhava). Segundo Winifred, que tentava manter um olho nas coisas e tinha os seus espiões, Laura era considerada especialmente boa com os casos sem esperança. Ela parecia não entender que eles estavam morrendo, Winifred disse. Ela tratava a doença deles como sendo uma coisa comum, normal até, o que — Winifred supunha — eles deviam achar de certa forma tranquilizador, embora uma pessoa sadia não fosse achar isso. Para Winifred, esta facilidade ou talento de Laura era outro sinal da sua natureza fundamentalmente bizarra.

— Ela deve ter nervos de aço — Winifred dizia. — Eu com certeza não conseguiria fazer isso. Não *suportaria*. Imaginem só a sujeira!

Enquanto isso, faziam-se planos para o *début* de Laura. Estes planos ainda não haviam sido comunicados a Laura: eu tinha levado Winifred a acreditar que a reação dela não ia ser positiva. Nesse caso, Winifred disse, é melhor organizar tudo e apresentar a ela como

sendo um *fait accompli*; ou, melhor ainda, o *début* poderia ser dispensado se o seu objetivo principal já tivesse sido alcançado, sendo que esse objetivo principal era um casamento estratégico.

Nós estávamos almoçando no Arcadian Court; Winifred tinha me convidado para almoçar, só nós duas, para pensarmos num estratégia para Laura, como ela disse.

— Estratégia? — eu disse.

— Você sabe o que eu quero dizer — Winifred disse. — Nada de desastroso. O melhor que poderíamos querer para Laura, considerando tudo — ela continuou —, era que algum homem rico e bom mordesse a isca, a pedisse em casamento e a levasse ao altar. Melhor ainda, um homem bom, rico e burro, que não conseguisse ver que havia uma isca até que fosse tarde demais.

— Que isca você tem em mente? — eu perguntei. Eu imaginei se esse seria o esquema que a própria Winifred havia usado com o esquivo sr. Prior. Será que ela havia ocultado a sua natureza ardilosa até a lua-de-mel e de repente a revelara a ele, de modo súbito demais? Será que era por isto que ele nunca era visto, exceto em retratos?

— Você tem de admitir — Winifred disse — que Laura é um bocado esquisita. — Ela parou para sorrir para alguém por cima do meu ombro, e para sacudir os dedos numa saudação. Suas pulseiras de prata bateram umas nas outras; ela usava pulseiras demais.

— O que você está querendo dizer? — eu perguntei brandamente. Colecionar as explicações que Winifred dava sobre o que estava querendo dizer havia se tornado um passatempo repreensível de minha parte.

Winifred franziu os lábios. O batom dela era cor-de-laranja, seus lábios estavam começando a pregar. Hoje em dia nós diríamos que era excesso de sol, mas as pessoas ainda não haviam feito esta ligação, e Winifred gostava de ficar bronzeada; ela gostava da patina metálica.

— Ela não agrada a qualquer homem. Ela tem umas idéias muito estranhas. Falta-lhe... *cautela*.

Winifred estava usando seus sapatos de crocodilo verdes, mas eu não os achava mais elegantes; ao contrário, achava-os vulgares. Muito do que antes eu achava misterioso e atraente em Winifred agora eu achava óbvio, simplesmente porque a conhecia bem demais. Seu brilho não passava de esmalte rachado, seu polimento era mero verniz. Eu tinha olhado atrás da cortina, tinha visto os cordões e as roldanas, tinha visto os arames e espartilhos. Tinha desenvolvido um gosto próprio.

— Como o que, por exemplo? — eu perguntei. — Que idéias estranhas?

— Ontem ela me disse que o casamento não era importante, só o amor. Ela disse que Jesus concordava com ela — disse Winifred.

— Bem, esse é o jeito dela — eu disse. — Ela não faz nenhum mistério sobre isso. Mas ela não está se referindo a sexo, você sabe. Não está se referindo a *eros*.

Quando Winifred não entendia alguma coisa, ela ria ou então ignorava. Isto ela ignorou. — Todas elas se referem a sexo, quer saibam disto ou não — ela disse. — Uma atitude dessas poderia causar um bocado de problemas para uma moça como ela.

— Com o tempo ela vai amadurecer — eu disse, embora não

acreditasse nisto.

— Nem tão cedo. Garotas com a cabeça nas nuvens são as piores, os homens se aproveitam delas. Tudo o que precisamos é de algum Romeu. Isto seria a perdição dela.

— O que você sugere, então? — eu disse, olhando-a inexpressivamente. Eu usava esse meu ar inexpressivo para disfarçar minha irritação, ou mesmo raiva, mas ele só serviu para encorajar Winifred.

— Como eu disse, casá-la com algum homem amável que não seja muito perspicaz. Aí ela vai poder se dedicar a essa história de amor mais tarde, se é isso que ela quer. Desde que ela faça isso na moita, ninguém vai chiar.

Eu espalhei os restos da minha torta de frango. Winifred dera para usar um monte de gírias ultimamente. Suponho que achasse que elas eram modernas: ela tinha chegado à idade em que ser moderna era algo que estava começando a preocupá-la.

Obviamente, ela não conhecia Laura. A idéia de Laura fazendo uma coisa dessas na moita era difícil de absorver. No meio da rua, em plena luz do dia, era bem mais provável. Ela iria querer nos desafiar, esfregar aquilo nos nossos narizes. Fugir, ou algo igualmente melodramático. Mostrar o quanto éramos hipócritas.

— Laura vai ter dinheiro quando fizer vinte e um anos — eu disse.

— Não o suficiente — Winifred disse.

— Talvez seja suficiente para Laura. Talvez ela queira apenas viver a vida dela — eu disse.

— A vida dela! — Winifred disse. — Pense só o que ela faria com a vida dela!

Não valia a pena tentar dissuadir Winifred. Ela era como um cutelo de carne em pleno ar. — Você tem algum candidato? — eu disse.

— Nada definido, mas estou trabalhando nisso — Winifred disse animadamente. — Existem algumas pessoas que gostariam de ser tão bem relacionadas quanto Richard.

— Não se esforce demais — eu murmurei.

— Ah, mas se eu não me esforçar — Winifred disse alegremente —, como ficamos?

— Ouvi dizer que você tem contrariado a Winifred — eu disse a Laura. — Você a tem deixado nervosa. Provocando-a com uma conversa de amor livre.

— Eu nunca falei em amor livre — disse Laura. — Eu só disse que o casamento era uma instituição desgastada. Disse que não tinha nada a ver com amor, só isso. Amor é doação, casamento é compra e venda. Você não pode fazer um contrato de amor. Então eu disse que no Paraíso não havia casamento.

— Não existe Paraíso — eu disse. — Caso você não tenha percebido. De qualquer maneira, você, sem dúvida, a deixou agitada.

— Eu estava apenas dizendo a verdade. — Ela estava afastando as cutículas com meu pauzinho de laranjeira. — Acho que agora ela vai começar a me apresentar a pessoas. Ela está sempre metendo o bedelho em tudo.

— Ela só está com medo de que você arruine a sua vida. Isto é, se você escolher o amor.

— O fato de você se casar evitou que sua vida ficasse arruinada? Ou é cedo demais para saber?

Eu ignorei o tom dela. — Mas o que é que você acha?

— Você está com um perfume novo. Foi Richard quem deu?

— Quer dizer, da idéia de casamento?

— Nada. — Agora ela estava escovando os longos cabelos louros com a minha escova, sentada na minha penteadeira. Ultimamente ela estava cuidando mais da aparência pessoal; tinha começado a se vestir elegantemente, tanto com as próprias roupas quanto com as minhas.

— Você está querendo dizer que não pensa muito no assunto?

— Não. Eu simplesmente não penso no assunto.

— Talvez você devesse pensar — eu disse. — Talvez você devesse dar um minuto de atenção ao seu futuro. Você não pode passar a vida flanando, sem... — Eu ia dizer *sem fazer nada*, mas isto teria sido um erro.

— O futuro não existe — Laura disse. Ela adquirira o hábito de falar comigo como se eu fosse a irmã mais moça e ela a mais velha; como se ela tivesse de soletrar as coisas para mim. Então ela deu uma de suas estranhas declarações. — Se você estivesse atravessando as cataratas do Niágara na corda bamba, com os olhos vendados, no que você prestaria mais atenção? Na multidão do outro lado ou nos seus próprios pés?

— Nos meus pés, eu acho. Eu gostaria que você não usasse a

minha escova. É anti-higiênico.

— Mas se você prestasse atenção demais nos seus pés, você cairia. E se prestasse atenção demais na multidão, cairia também.

— Então, qual é a resposta certa?

— Se você estivesse morta, esta escova ainda seria sua? — ela disse, olhando o próprio perfil com o canto do olho. Isso deu a ela, no espelho, uma expressão astuta, que não lhe era comum. — Os mortos podem ter coisas? E se não podem, o que a torna "sua" agora? As suas iniciais nela? Ou os seus germes?

— Laura, pára de implicar.

— Eu não estou implicando — disse Laura, largando o escova. — Estou pensando. Você nunca consegue saber a diferença. Não sei por que você presta atenção a tudo o que Winifred diz. É como prestar atenção numa ratoeira. Sem um rato dentro — ela acrescentou.

Ela havia mudado nos últimos tempos: havia se tornado respondona, desligada, atrevida, de uma forma diferente. Ela já não desafiava abertamente. Eu desconfiava que estivesse fumando às escondidas: eu havia sentido cheiro de fumo nela uma ou duas vezes. De fumo e de alguma outra coisa: alguma coisa muito velha, muito sábia. Eu devia ter ficado mais alerta às mudanças que estavam ocorrendo nela, mas eu tinha muitas outras coisas com que me preocupar.

Esperei até o final de outubro para dizer a Richard que estava grávida. Eu disse que queria ter certeza. Ele expressou uma alegria convencional e me beijou na testa. — Boa menina — ele disse. Eu

estava simplesmente fazendo o que se esperava de mim.

A única vantagem era que agora ele me deixava em paz à noite. Ele disse que não queria estragar nada. Eu disse que ele estava sendo muito atencioso.

— E de agora em diante vamos racionar o gim. E não vou permitir nenhuma travessura — ele disse, sacudindo o dedo para mim de uma forma que achei sinistra. Ele me assustava mais nos seus momentos de brincadeira do que no resto do tempo; era como ver um lagarto dando cambalhotas. — Vamos procurar o melhor médico — ele acrescentou. — Não importa o preço. — Colocar as coisas numa base comercial era tranqüilizador para nós dois. Quando se tratava de dinheiro, eu sabia onde estava pisando: eu era, pura e simplesmente, a portadora de um embrulho muito caro.

Winifred, depois do seu primeiro grito de susto, demonstrou um contentamento insincero. Na verdade, ela estava alarmada. Ela adivinhou (corretamente) que o fato de ser a mãe de um filho e herdeiro, ou só de um herdeiro, me daria um *status* junto a Richard que eu não tivera até então, e muito maior do que eu merecia. Mais para mim, menos para ela. Ela ia ficar na espreita para encontrar formas de me reduzir à minha insignificância: eu esperava que ela aparecesse a qualquer momento com um projeto detalhado de decoração do quarto do bebê.

— Para quando é o feliz acontecimento? — ela perguntou, e eu vi logo que ia ter de aturar um bocado de afetação da sua parte. Ia ser o *novo hóspede e um presente da cegonha e o pequeno desconhecido*, e assim por diante. Winifred costumava ficar toda afetada e maliciosa diante de assuntos que a deixavam nervosa.

— Em abril, eu acho — eu disse. — Ou em março. Eu ainda não fui ao médico.

— Mas você deve *saber* — ela disse, arqueando as sobrancelhas.

— Mas eu nunca passei por isto antes — eu disse zangada. — Eu não estava exatamente *esperando* por isto. Não estava prestando atenção.

Eu fui até o quarto de Laura para dar a ela a mesma notícia. Bati na porta; como ela não respondeu, eu abri a porta devagarinho, achando que talvez ela estivesse dormindo. Mas ela não estava. Ela estava ajoelhada ao lado da cama, com sua camisola azul, a cabeça baixa e o cabelo espalhado como se tivesse sido soprado por um vento imóvel, os braços abertos como se tivesse sido jogada ali. A princípio achei que ela estivesse rezando, mas não estava, pelo menos nada que eu pudesse ouvir. Quando finalmente ela notou a minha presença, ela se levantou, naturalmente, como se estivesse tirando o pó, e se sentou no banquinho da sua penteadeira.

Como sempre, eu fiquei chocada com o contraste entre o ambiente, o ambiente que Winifred havia escolhido para ela — os estampados delicados, as guirlandas de botões de rosas, os organdis, os babados — e a própria Laura. Um retrato teria revelado apenas harmonia. No entanto, para mim, a incongruência era enorme, quase surreal. Laura era um sílex num ninho de algodão.

Eu digo *sílex* e não *pedra*: um sílex tem um coração de fogo.

— Laura, eu queria contar para você — eu disse. — Eu vou ter um bebê.

Ela se virou para mim, seu rosto liso e branco como um prato de porcelana, a expressão impressa lá no fundo. Mas ela não pareceu surpresa. E nem me deu os parabéns.

Em vez disso, ela disse — Você se lembra do gatinho?

— Que gatinho?

— Do gatinho que a mamãe teve. Aquele que a matou.

— Laura, aquilo não era um gatinho.

— Eu sei — disse Laura.

Uma bela vista

Reenie está de volta. Ela não está muito satisfeita comigo. *Bem, mocinha. O que você tem a dizer em sua defesa? O que foi que você fez a Laura? Será que você não aprende nunca?*

Não há respostas para essas perguntas. As respostas estão tão emaranhadas com as perguntas, tão amarradas e enredadas que na realidade não são respostas.

Eu estou sob julgamento aqui. Eu sei o que em breve vocês estarão pensando. Vai ser muito parecido com o que eu mesma estou pensando: será que eu devia ter me comportado de outra forma? Vocês sem dúvida acharão que sim, mas será que eu tive outras escolhas? Eu teria outras escolhas agora, mas agora não é como antes.

Será que eu devia ter sido capaz de ler a mente de Laura? Será que eu devia ter sabido o que estava acontecendo? Será que devia ter previsto o que iria acontecer? Eu era a guardiã da minha irmã?

Devia é uma palavra vã. Ela se refere ao que não aconteceu. Ela pertence a um universo paralelo. Ela pertence a outra dimensão do espaço.

Numa quarta-feira de fevereiro, eu desci depois do meu cochilo no meio da tarde. Eu andava cochilando um bocado na época: estava com sete meses de gravidez e não estava conseguindo dormir direito à noite. Havia também uma certa preocupação com relação à minha

pressão; meus tornozelos estavam inchados, e tinham me mandado passar o máximo de tempo possível deitada, com os pés para cima. Eu me sentia como uma enorme uva, a ponto de explodir de tão cheia de açúcar e suco roxo; eu me sentia feia e pesada.

Estava nevando naquele dia, eu me lembro, flocos grandes e macios: eu tinha olhado pela janela depois de me levantar, e tinha visto o castanheiro todo branco, como um gigantesco coral.

Winifred estava lá, na sala cor de nuvem. Isso não era nenhuma novidade — ela entrava e saía como se a casa fosse dela —, mas Richard também estava lá. Normalmente, nessa hora do dia, ele estava no escritório. Cada um deles tinha um drinque na mão. Eles estavam com uma cara mal-humorada.

— O que foi? — eu perguntei. — Aconteceu alguma coisa?

— Sente-se — Richard disse. — Aqui do meu lado. — Ele deu um tapinha no sofá.

— Isto vai ser um choque — disse Winifred. — Sinto muito que tenha acontecido num momento tão delicado.

Foi ela quem falou. Richard ficou segurando a minha mão e olhando para o chão. De vez em quando ele sacudia a cabeça, como se achasse a história dela inacreditável ou então perfeitamente correta.

Aqui está a essência do que ela disse:

Laura tinha finalmente surtado. — Nós devíamos ter procurado ajuda mais cedo para a pobre moça, mas achamos que ela estava se acalmando — ela disse. No entanto, naquele dia, no hospital onde ela vinha trabalhando como voluntária, ela tinha se descontrolado.

Felizmente, havia um médico presente, e outro — um especialista — tinha sido chamado. A conclusão é que Laura tinha sido declarada um perigo para si mesma e para os outros, e infelizmente Richard tinha sido obrigado a interná-la numa clínica.

— O que é que você está me dizendo? O que foi que ela fez?

Winifred tinha na cara o seu ar compassivo. — Ela ameaçou se matar. Ela também disse coisas que eram... bem, ela estava obviamente delirando.

— O que foi que ela disse?

— Não sei se devo contar para você.

— Laura é minha irmã — eu disse. — Eu tenho o direito de saber.

— Ela acusou Richard de tentar matar você.

— Com essas palavras exatas?

— Estava claro o que ela queria dizer — Winifred disse.

— Não, eu quero saber exatamente o que ela disse, por favor.

— Ela o chamou de mentiroso, de traiçoeiro traficante de escravos, e de monstro degenerado adorador de riquezas.

— Eu sei que às vezes ela é muito radical e tende a se expressar de maneira direta. Mas você não pode mandar uma pessoa para o hospício só porque ela disse algo assim.

— Tem mais — Winifred disse sinistramente.

Richard, para me acalmar, disse que não se tratava de uma instituição convencional — um asilo vitoriano. Era uma clínica particular, muito boa, uma das melhores. A clínica Bella Vista. Eles cuidariam muito bem dela lá.

— Qual é a vista? — Eu disse.

— Como assim?

— Bella Vista. Quero saber qual é a *bela vista*? O que é que Laura vai ver quando olhar pela janela?

— Espero que você não esteja querendo ser engraçada — disse Winifred.

— Não, isto é muito importante. É um gramado, um jardim, uma fonte, ou o quê? Ou é um beco sórdido?

Nenhum deles sabia me dizer. Richard disse que tinha certeza que seria algo da natureza. Bella Vista, ele disse, ficava fora da cidade. No meio da paisagem.

— Você já esteve lá?

— Eu sei que você está nervosa, meu bem — ele disse. — Talvez fosse melhor você dormir um pouco.

— Eu acabei de dormir. Por favor, responda.

— Não, eu não estive lá. É claro que não.

— Então, como é que você sabe?

— Francamente, Iris — Winifred disse. — Que importância tem isso?

— Eu quero vê-la. — Eu não conseguia acreditar que Laura tinha subitamente se despedaçado, mas também eu estava tão acostumada às esquisitices de Laura que não as estranhava mais. Teria sido fácil para mim ignorar a escorregadela — os sinais reveladores de fraqueza mental, quaisquer que tenham sido eles.

Segundo Winifred, os médicos haviam dito que, por enquanto,

estava fora de questão visitar Laura. Eles haviam sido muito enfáticos com relação a isso. Ela estava muito perturbada, mas não só isso, estava violenta. E também o meu estado tinha de ser considerado.

Eu comecei a chorar. Richard estendeu-me o seu lenço. Ele era levemente engomado e cheirava a água-de-colônia.

— Tem mais uma coisa que você precisa saber — Winifred disse. — É uma coisa muito triste.

— Talvez fosse melhor deixar isso para depois — Richard disse com uma voz contida.

— É muito doloroso — Winifred disse, com uma falsa relutância. Então, é claro, eu insisti em saber imediatamente.

— A pobre menina afirma que está grávida — disse Winifred. — Igual a você.

Eu parei de chorar. — E está?

— É claro que não — Winifred disse. — Como poderia estar?

— Quem é o pai? — Eu não conseguia imaginar Laura inventando uma coisa dessas do nada. Quer dizer, quem ela imagina que seja?

— Ela se recusa a dizer — disse Richard.

— É claro que ela estava histérica — disse Winifred. — Então tudo isso está muito confuso. Ela parecia acreditar que o bebê que você vai ter é na verdade dela, mas ela não sabia explicar como isso era possível. É claro que estava delirando.

Richard sacudiu a cabeça. — Muito triste — ele murmurou, no tom baixo e solene de um coveiro: abafado, como um tapete grosso,

marrom.

— O especialista... o especialista em *doenças mentais*... disse que Laura devia ter um ciúme doentio de você — disse Winifred. — Ciúme de tudo que tivesse relação com você, ela quer viver a sua vida, quer ser você, e esta foi a forma como isto se manifestou. Ele disse que você deve ser mantida em segurança. — Ela deu um golinho em sua bebida. — Você não suspeitou de nada?

Vocês podem ver que mulher esperta que ela era.

Aimee nasceu no início de abril. Naquela época usavam éter, então eu não estava consciente na hora do parto. Eu respirei e apaguei, e quando acordei estava fraca e mais magra. O bebê não estava lá. Estava no berçário, junto com os outros. Era uma menina.

— Não há nada de errado com ela, há? — eu disse. Eu estava muito aflita com isso.

— Dez dedos das mãos, dez dedos dos pés — a enfermeira disse alegremente — e nada que não devesse estar onde está.

O bebê me foi trazido mais tarde, enrolado numa manta cor-de-rosa. Eu já havia dado um nome para ela, na minha cabeça. Aimee significa *alguém que foi amada*, e eu certamente esperava que ela fosse ser amada por alguém. Eu tinha dúvidas sobre minha própria capacidade de amá-la, ou de amá-la tanto quanto ela iria precisar. Eu estava totalmente vazia; tinha a impressão de que não havia sobrado muito de mim.

Aimee se parecia com qualquer outro recém-nascido — tinha aquele rosto achatado, como se tivesse batido num muro em alta

velocidade. Seu cabelo era comprido e escuro.

Ela me olhou com os olhos quase fechados, um olhar de desconfiança. Que surra nós levamos ao nascer, eu pensei; que péssima surpresa deve ser aquele primeiro, duro, encontro com o ar do lado de fora. Eu senti muita pena daquela criaturinha; jurei fazer o máximo possível por ela.

Enquanto examinávamos uma à outra, Winifred e Richard chegaram. A enfermeira no primeiro momento achou que eles fossem meus pais. — Não, este aqui é o orgulhoso papai — Winifred disse, e todos riram. Os dois estavam carregando flores, e um sofisticado enxoval de bebê, cheio de crochês e laços brancos de cetim.

— Adorável! — Winifred disse. — Mas que coisa, nós estávamos esperando uma loura. Ela é bem morena. Vejam só este cabelo!

— Sinto muito — eu disse para Richard. — Eu sei que você queria um menino.

— Da próxima vez, meu bem — disse Richard. Ele não parecia nem um pouco abalado.

— Isso é só cabelo de recém-nascido — a enfermeira disse para Winifred.

— Muitos têm esse cabelo, às vezes descendo pelas costas. Ele cai e o verdadeiro cabelo nasce no lugar. Você tem de agradecer aos Céus por ela não ter dentes nem um rabo, como acontece com alguns.

— O vovô Benjamin era moreno — eu disse — antes do cabelo dele ficar branco, e a vovó Adelia também, e o papai, é claro, embora eu não saiba se os irmãos dele também eram. O lado louro é o da

família da minha mãe. — Eu disse isso no meu tom habitual de conversa, e fiquei aliviada ao ver que Richard não estava prestando atenção.

Será que eu estava satisfeita por Laura não estar lá? Por ela estar trancafiada em algum lugar bem longe, onde eu não pudesse alcançá-la? E também onde ela não pudesse me alcançar, onde ela não pudesse ficar parada ao lado da minha cama, como a bruxa que não foi convidada para o batismo, e dizer *Sobre o que é que vocês estão conversando?*

Ela teria percebido, é claro. Ela teria percebido na mesma hora.

A lua brilhou intensamente

Na noite passada eu vi uma jovem mulher tocar fogo em si mesma: uma moça esbelta, vestida com roupas diáfanas e inflamáveis. Ela estava fazendo isto em protesto contra uma injustiça qualquer. Mas por que ela achou que a fogueira que fez de si mesma iria resolver alguma coisa? *Não faça isso*, eu tive vontade de dizer a ela. *Não queime a sua vida. Seja qual for o motivo, não vale a pena*. Mas, obviamente, valia a pena para ela.

O que será que dá nelas, nessas jovens com um talento ao auto-sacrifício? É isso o que elas fazem para mostrar que moças também têm coragem, que são capazes de fazer mais além de chorar e gemer, que elas também são capazes de encarar a morte com petulância? E de onde vem este impulso? Será que ele começa como uma provocação, e se for este o caso, uma provocação a quê? À ordem pesada e sufocante das coisas, à grande carruagem com rodas cheias de espigões, aos tiranos cegos, aos deuses cegos? Serão essas moças imprudentes e arrogantes a ponto de achar que podem impedir essas coisas imolando a si mesmas em algum altar teórico, ou isto é uma espécie de testemunho? Bastante admirável, quando se admira a obsessão. Bastante corajoso também. Mas completamente inútil.

Eu me preocupo com Sabrina sob este ponto de vista. O que será que ela está aprontando, lá no fim do mundo? Será que foi mordida pelos cristãos, ou pelos budistas, ou haverá alguma outra variedade de morcego habitando a sua torre? *O que fizeres ao mais humilde dos Meus filhos, estarás fazendo a Mim*. Serão estas as palavras no

seu passaporte para a futilidade? Estará ela querendo pagar pelos pecados da sua família dominada pelo dinheiro, destruída, deplorável? Eu espero ardentemente que não.

Até mesmo Aimee tinha um pouco disto, mas nela isto tomou uma forma mais lenta, mais tortuosa. Laura caiu da ponte quando Aimee tinha oito anos, Richard morreu quando ela tinha dez. Estes acontecimentos não puderam deixar de afetá-la. Depois, ela foi destroçada pela disputa travada entre mim e Winifred. Winifred não teria vencido essa batalha hoje, mas venceu na época. Ela roubou Aimee de mim, e por mais que eu tentasse, nunca consegui recuperá-la.

Não é de espantar que, quando alcançou a maioridade e pôs as mãos no dinheiro que Richard havia deixado para ela, Aimee tenha abandonado o barco e procurado consolo em diversos tipos de química, e se envolvido com um homem atrás do outro. (Quem era, por exemplo, o pai de Sabrina? Difícil dizer, e Aimee nunca disse. Gire a roleta, ela dizia, e faça a sua escolha.)

Eu tentei manter contato com ela. Tinha esperança de me reconciliar com ela — afinal de contas, ela era minha filha, e eu me sentia culpada com relação a ela e queria me redimir — me redimir pelo lamaçal que a infância dela havia se tornado. Mas a essa altura ela tinha se virado contra mim — contra Winifred também, o que pelo menos era algum consolo. Ela não permitia que nenhuma de nós duas se aproximasse dela, e nem de Sabrina — especialmente de Sabrina. Ela não queria que Sabrina fosse poluída por nós.

Ela mudava de casa freqüentemente, sem descanso. Umas duas

vezes ela foi despejada, por não pagar o aluguel; foi presa por arruaça. Foi hospitalizada diversas vezes. Suponho que se tenha de dizer que ela se tornou uma alcoólatra, embora eu odeie este termo. Ela tinha dinheiro suficiente, por isso nunca precisou trabalhar, o que foi bom, porque jamais teria conseguido manter um emprego. As coisas poderiam ter sido diferentes se ela não pudesse divagar; se tivesse de se concentrar na sua próxima refeição em vez de ficar pensando no quanto nós a havíamos prejudicado, segundo ela. Uma renda não obtida pelo trabalho incentiva a autopiedade nas pessoas que já têm uma tendência para isso.

A última vez que fui ver Aimee, ela estava morando numa casa miserável perto da Parliament Street, em Toronto. Uma criança que eu imaginei que devia ser Sabrina estava agachada no quadrado de terra ao lado da entrada uma criança imunda, desgrenhada, maltrapilha, usando *short*, mas sem camisa. Ela tinha uma velha caneca de lata e estava jogando terra dentro dela com uma colher torta. Ela era uma criaturinha esperta: me pediu um trocado. Se eu dei a ela? É bem provável que sim. "Eu sou sua avó", eu disse a ela, e ela me olhou como se eu fosse maluca. Sem dúvida nunca haviam contado a ela sobre a existência de tal pessoa.

Um casal vizinho, nesse dia, me encheu os ouvidos. Eles me pareceram pessoas decentes, pelo menos decentes o bastante para dar de comer a Sabrina quando Aimee se esquecia de voltar para casa. Kelly era o sobrenome deles, se bem me lembro. Foram eles que chamaram a polícia quando Aimee foi encontrada na beira da escada com o pescoço quebrado. Se caiu, pulou ou foi empurrada, nós nunca vamos saber.

Eu devia ter agarrado Sabrina naquele dia e fugido com ela. Ido

para o México. Eu teria feito isso se soubesse o que ia acontecer — que Winifred ia colocar o bridão nela e afastá-la de mim, exatamente como havia feito com Aimee.

Será que Sabrina estaria melhor comigo do que com Winifred? Como terá sido para ela ser criada por uma velha rica, vingativa e amarga? Em vez de ser criada por uma velha pobre, vingativa e amarga, ou seja, eu. Mas eu a teria amado. Duvido que Winifred a tenha amado algum dia. Ela se agarrou a Sabrina apenas para me irritar; para me castigar; para mostrar que tinha ganho.

Mas eu não cometi nenhum rapto naquele dia. Bati na porta, e como ninguém respondeu, eu abri a porta e entrei, e subi as escadas íngremes, estreitas, escuras, até o apartamento de Aimee no segundo andar. Aimee estava na cozinha, sentada na mesinha redonda, olhando para as mãos, que seguravam uma caneca de café com um sorriso desenhado. Ela colocava a caneca perto dos olhos e a virava de um lado para outro. Tinha o rosto pálido, o cabelo desgrehado. Não posso dizer que a tenha achado muito atraente. Ela estava fumando um cigarro. Era muito provável que estivesse sob o efeito de alguma droga, misturada com álcool; dava para sentir o cheiro no aposento, misturado ao cheiro de cigarro apagado, pia suja, lixo sem tampa.

Eu tentei falar com ela. Comecei delicadamente, mas ela não estava disposta a escutar. Disse que estava cansada daquilo, de nós todos. Estava cansada principalmente da sensação de que as coisas eram ocultadas dela. A família mantinha tudo encoberto; ninguém queria contar-lhe a verdade; nossas bocas abriam e fechavam e palavras saíam lá de dentro, mas eram palavras que não levavam a nada.

Mas ela sabia de tudo. Ela havia sido roubada, havia sido privada da sua herança, porque eu não era a sua mãe verdadeira e Richard não havia sido o seu verdadeiro pai. Estava tudo no livro de Laura, ela disse.

Eu perguntei o que ela estava querendo dizer. Ela disse que era óbvio: que sua verdadeira mãe era Laura e seu verdadeiro pai era aquele homem, aquele de *O assassino cego*. Tia Laura estava apaixonada por ele, mas nós a havíamos impedido de ficar com ele — havíamos dado um fim qualquer a este amante desconhecido. Nós o havíamos assustado, ou comprado, ou expulsado, não importa; ela havia vivido na casa da tia Winifred tempo suficiente para ver como gente como nós costumava agir. Então, quando Laura ficou grávida dele, nós a mandamos embora para evitar o escândalo, e quando o meu próprio bebê morreu ao nascer, nós roubamos o bebê de Laura e o adotamos, e fingimos que ele era nosso.

Ela não falava com muita coerência, mas, em resumo, foi isso que ela disse. Você pode imaginar como esta fantasia deve ter sido atraente para ela: quem não ia querer ter um ser mítico como mãe, em vez da versão verdadeira, ordinária? Caso tivesse a chance de escolher.

Eu disse que ela estava redondamente enganada, que ela misturara as coisas, mas ela não ouviu. Não era de estranhar que ela nunca tivesse sido feliz comigo e com Richard, ela disse. Nós nunca havíamos nos comportado como pais verdadeiros, porque na verdade nós não éramos seus pais verdadeiros. E não era de estranhar que a tia Laura tivesse se atirado da ponte uma vez que nós tínhamos partido o coração dela. Laura, provavelmente, havia deixado um bilhete para Aimee explicando tudo isso, para ela ler quando fosse

mais velha, mas Richard e eu com certeza o havíamos destruído. Não era de espantar que eu tivesse sido uma mãe tão ruim, ela continuou. Eu nunca a amara de verdade. Se eu a tivesse amado, a teria colocado na frente de tudo. Teria respeitado os sentimentos dela. Não teria abandonado Richard.

— Eu posso não ter sido uma mãe perfeita — eu disse. — Estou disposta a admitir isto, mas fiz o que era melhor naquelas circunstâncias... Circunstâncias sobre as quais você sabe muito pouco. — O que é que ela estava fazendo com Sabrina? Eu continuei. Deixando-a daquele jeito no quintal, sem roupas, imunda como uma mendiga; aquilo era negligência, a criança podia desaparecer a qualquer momento, crianças estavam sempre desaparecendo. Eu era a avó de Sabrina, eu teria prazer em ficar com ela e...

— Você não é a avó dela — Aimee disse. Ela agora estava chorando. — A avó dela era a tia Laura. Ela está morta e você a matou!

— Não seja estúpida! — eu disse. Esta foi a resposta errada: quanto mais veemente você é ao negar alguma coisa, mais as pessoas acreditam que você está mentindo. Mas geralmente você responde errado quando está assustada, e Aimee havia me assustado.

Quando eu disse a palavra *estúpida*, ela começou a gritar comigo. Eu é que era estúpida, ela disse. Eu era perigosamente estúpida, tão estúpida que nem mesmo sabia o quanto eu era estúpida. Ela usou um monte de palavras que eu não vou repetir aqui, depois jogou a caneca com o sorriso desenhado em cima de mim. Em seguida avançou para mim, cambaleando; ela estava berrando, soluçando. Seus braços estavam estendidos, de uma forma

ameaçadora, eu achei. Eu fiquei nervosa, assustada. Recuei, agarrando o corrimão, esquivando-me de alguma coisa, um sapato, um pires. Quando cheguei na porta de entrada, fugi correndo.

Talvez eu devesse ter estendido os meus braços para ela. Talvez eu devesse tê-la abraçado. Talvez eu devesse ter chorado. Aí eu teria sentado ao lado dela e contado a ela esta história que estou contando agora para você. Mas não foi isso que eu fiz. Eu perdi a oportunidade e me arrependo amargamente.

Três semanas depois disto, Aimee caiu da escada. Eu chorei a morte dela, é claro. Ela era minha filha. Mas devo admitir que lamentei a perda da pessoa que ela tinha sido quando era bem mais moça. Chorei pelo que ela poderia ter sido; chorei pelas possibilidades perdidas. Mais que tudo, lamentei os meus próprios erros.

Após a morte de Aimee, Winifred colocou as garras em Sabrina. A guarda significa nove décimos da lei, e ela chegou lá antes. Ela levou Sabrina para o seu elegante chalé em Rosedale, e num piscar de olhos ela conseguiu a guarda da menina. Eu pensei em brigar, mas teria sido uma repetição da briga por Aimee — e eu estava fadada a perder.

Quando Winifred se apossou de Sabrina, eu ainda não tinha sessenta anos; ainda podia guiar. De vez em quando, eu viajava até Toronto e seguia Sabrina, como um detetive particular de um velho romance policial. Eu ficava rondando sua escola primária — sua nova escola primária, sua nova e seleta escola primária — só para avistá-la de relance, e para assegurar a mim mesma que, apesar de tudo, ela

estava bem.

Eu estava na loja de departamentos, por exemplo, na manhã em que Winifred levou-a ao Eaton's para comprar sapatos de festa, alguns meses depois de ter conseguido a guarda. Sem dúvida ela comprava as outras roupas de Sabrina sem consultá-la — isto era bem típico dela —, mas sapatos têm de ser experimentados, e por alguma razão Winifred não delegou essa tarefa a uma empregada.

Estava na época do Natal — as colunas da loja estavam enfeitadas de ramos falsos de azevinho, grinaldas de pinhas salpicadas de dourado e fitas de veludo vermelho penduradas nos portais — e Winifred ficou presa no meio do coral, para seu aborrecimento. Eu estava no corredor seguinte. Meu guarda-roupa não era mais o que costumava ser — eu estava usando um velho casaco de *tweed* e um lenço na cabeça —, e embora olhasse bem na minha direção, ela não me viu. Ela viu provavelmente uma faxineira, ou uma imigrante à procura de ofertas.

Ela estava toda animada como sempre, mas apesar disto parecia bem decadente. Bem, ela devia estar perto dos setenta, e depois de uma certa idade, o seu estilo de maquiagem tende a deixar a pessoa mumificada. Ela não devia ter mantido o batom cor-de-laranja, era forte demais para ela.

Eu pude ver as rugas de impaciência entre suas sobrancelhas, os músculos retesados do seu rosto coberto de ruge. Ela estava arrastando Sabrina por um braço, tentando abrir caminho entre o coro de fregueses encasacados; ela deve ter detestado aquela cantoria entusiástica e nada refinada.

Sabrina, por outro lado, queria ouvir a música. Ela estava

fazendo corpo mole, do jeito que as crianças costumam fazer — resistindo sem dar na vista. O braço dela estava levantado, como se fosse uma menina obediente respondendo a uma pergunta na escola, mas ela estava com a cara toda franzida. Devia estar doendo aquilo que estava fazendo. Tomando uma posição.

A canção era "*Bom Rei Venceslau*". Sabrina sabia a letra: eu podia ver seus lábios se movendo. "A lua brilhou intensamente naquela noite, embora o frio fosse cruel", ela cantou. "Quando um pobre homem apareceu, juntando combustível para o inverno."

É uma canção que fala de fome. Eu vi que Sabrina compreendia o que estava cantando — ela ainda devia se lembrar de sentir fome. Winifred deu um puxão no braço dela, e olhou em volta nervosamente. Ela não me viu, mas sentiu a minha presença, do mesmo modo que uma vaca sente a presença de um lobo num campo cercado. Mesmo assim, vacas não são como os animais selvagens; elas estão acostumadas a serem protegidas. Winifred estava agitada, mas não assustada. Se eu cruzei o pensamento dela, sem dúvida ela pensou em mim como alguém que está bem longe, felizmente fora do alcance da vista, na escuridão à qual ela havia me confinado.

Eu senti um ímpeto irresistível de agarrar Sabrina e fugir com ela. Eu podia imaginar o gemido trêmulo de Winifred enquanto eu abria caminho no meio dos cantores impassíveis, berrando tão confortavelmente a respeito do frio terrível. Eu a teria agarrado com força, não teria tropeçado, não a teria deixado cair. Mas também não teria ido muito longe. Eles viriam atrás de mim na mesma hora.

Então eu saí sozinha para a rua, e andei e andei, com a cabeça baixa, a gola levantada, pelas calçadas da cidade. O vento estava

vindo do lago e a neve caía sem parar. Era dia claro, mas por causa das nuvens baixas e da neve, a luminosidade era fraca; os carros passavam lentamente pelas ruas cobertas de neve, suas luzes vermelhas traseiras afastando-se de mim como os olhos de feras corcundas recuando.

Eu estava agarrada a um pacote — esqueci o que havia comprado — e não usava luvas. Devo tê-las deixado cair na loja, entre os pés da multidão. Mas quase não senti falta delas. Um dia eu pude andar no meio de uma tempestade de neve com as mãos nuas e não senti nada. É amor ou ódio, ou terror, ou apenas simples raiva, que permite isso.

Eu costumava ter um sonho a meu respeito — para ser sincera, ainda tenho. Um sonho bastante ridículo, embora seja normalmente por meio dessas imagens sonhadas que damos forma aos nossos destinos. (Você vai notar com que facilidade eu escorrego para um tipo de linguagem empolada como *damos forma aos nossos destinos*, quando me perco nessa direção. Mas não ligue para isso.)

Neste sonho, Winifred e suas amigas, com grinaldas de dinheiro na cabeça, estão reunidas em volta da cama branca, cheia de babados, de Sabrina, enquanto ela dorme, discutindo o que darão a ela. Ela já ganhou o copo de prata do Birks, o papel de parede de ursinhos, as primeiras pérolas para o seu colar de pérolas de uma única volta, e todos os outros presentes de ouro, perfeitamente *comme il faut*, que se transformarão em carvão quando o sol nascer. Agora elas estão planejando o ortodontista e as aulas de tênis e as aulas de piano e as aulas de dança e o seleteo acampamento de verão.

Que futuro ela tem?

Neste momento, eu apareço num clarão de luz sulfurosa e numa nuvem de fumaça, batendo minhas asas cobertas de fuligem, a fada madrinha ovelha negra, que não fora convidada. *Eu também quero dar um presente a ela*, eu grito. *Eu tenho esse direito!*

Winifred e sua turma riem e me apontam. *Você? Você foi banida há muito tempo! Você tem se olhado no espelho ultimamente? Você se largou, você parece ter cem anos. Volta para a sua caverna! O que você pode ter para oferecer?*

Eu ofereço a verdade, eu digo. *Eu sou a última a poder fazer isso. É a única coisa neste quarto que ainda estará aqui pela manhã.*

A lanchonete Betty's

Semanas se passaram e Laura não voltou. Eu quis escrever para ela, telefonar-lhe, mas Richard disse que isso iria prejudicá-la. Ela não devia ser incomodada, ele disse, por uma voz do passado. Ela precisava concentrar sua atenção na sua situação imediata — no tratamento que estava fazendo. Era isso que haviam dito a ele. Quanto à natureza do tratamento, ele não era médico, não ia fingir que entendia dessas coisas. Sem dúvida, era melhor deixar isto a cargo dos especialistas.

Eu torturava a mim mesma com visões de Laura aprisionada, lutando, presa numa dolorosa fantasia criada por ela mesma, ou presa em outra fantasia, igualmente dolorosa, que não era dela e sim das pessoas que estavam a sua volta. E quando é que uma se transformava na outra? Onde estava o limiar entre o mundo interno e o externo? Nós nos movimentamos inconscientemente entre estes dois mundos todo dia, e usamos as senhas da gramática — *eu digo, você diz, ele e ela dizem, coisas inanimadas, por outro lado, não dizem* —, pagando pelo privilégio da sanidade com moeda comum, com significados acordados por nós.

Mas mesmo quando era criança, Laura nunca concordava. Será que isto era um problema? O fato de ela se manter firme no *não* quando a situação exigia um *sim*? E vice-versa, e vice-versa.

Laura estava indo bem, informaram-me; ela estava fazendo progressos. Depois não estava mais indo tão bem, teve uma recaída. Progresso em que, recaída em quê? Eu não devia me preocupar com

isso, não me faria bem, era importante que eu conservasse as minhas energias, como convinha a uma jovem mãe. — Em pouco tempo você vai estar bem de novo — Richard dizia, batendo-me de leve no braço.

— Mas eu não estou doente — eu disse.

— Você sabe o que eu quero dizer — ele disse. — De volta ao normal. — Ele deu um sorriso carinhoso, quase um esgar. Os olhos dele estavam ficando menores, ou então a carne em volta deles estava crescendo, o que lhe dava uma expressão astuta. Ele estava pensando na hora em que poderia voltar ao lugar que era dele: por cima.

Eu estava pensando que ele ia me sufocar. Ele estava engordando; estava comendo um bocado; fazia discursos em clubes, reuniões de peso, reuniões sólidas. Reuniões ponderadas, onde homens de peso, sólidos, se reuniam e ponderavam, porque — estava todo mundo suspeitando disto — havia tempestades à frente.

Todos esses discursos podem deixar um homem inchado. Eu já acompanhei várias vezes esse processo. São as palavras que eles usam nos discursos. Elas fermentam no cérebro. Dá para ver isso na televisão, nas transmissões de caráter político — as palavras saindo de suas bocas como bolhas de ar.

Eu resolvi permanecer adoentada pelo maior tempo possível.

Eu me preocupava cada vez mais com Laura. Eu revirava a história que Winifred havia contado sobre ela, examinando-a sob todos os ângulos possíveis. Eu não conseguia acreditar nela, mas também não conseguia desacreditar.

Laura havia tido sempre um enorme poder: o poder de quebrar coisas sem querer. Ela também nunca havia sido uma pessoa que respeitasse territórios. O que era meu, era dela: minha caneta, minha colônia, meu vestido de verão, meu chapéu, minha escova de cabelo. Será que este catálogo havia crescido a ponto de incluir o bebê que eu estava esperando? No entanto, se ela estivesse delirando — se ela estivesse apenas inventando coisas —, por que teria inventado exatamente isso?

Mas suponha, por outro lado, que Winifred estivesse mentindo. Suponha que Laura estivesse tão lúcida quanto sempre fora. Nesse caso, Laura havia dito a verdade. E se Laura havia dito a verdade, então ela estava grávida. Se fosse realmente existir um bebê, o que seria feito dele? E por que ela não havia me contado sobre isso, ao invés de contar a um médico qualquer, a um estranho? Por que ela não me pedira ajuda? Eu refleti sobre isso durante algum tempo. Poderia haver diversas razões. O meu estado delicado poderia ser uma delas.

Quanto ao pai, fosse ele real ou imaginário, só havia um homem possível. Devia ser Alex Thomas. Mas não podia ser. Como seria possível?

Eu já não sabia mais como Laura teria respondido a essas perguntas. Ela se tornara uma desconhecida para mim, tão desconhecida quanto a parte de dentro de uma luva é desconhecida quando a mão está lá dentro. Ela estava comigo o tempo todo, mas eu não podia olhar para ela. Eu só podia sentir a forma da sua presença: uma forma oca, preenchida pela minha própria imaginação.

Meses se passaram. Veio junho, depois julho, depois agosto. Winifred dizia que eu estava branca e esgotada. Que eu devia passar mais tempo ao ar livre. Se eu não quisesse aprender tênis ou golfe, como ela vivia sugerindo o que poderia resolver aquela minha barriguinha, que era melhor ser tratada antes que se tornasse crônica —, eu podia pelo menos trabalhar no meu jardim de pedras. Era uma ocupação que combinava bem com a maternidade.

Eu não gostava do meu jardim de pedras, que só era meu no nome, como tantas outras coisas. (Como, pensando bem, o "meu" bebê: sem dúvida um impostor, sem dúvida algo deixado pelos ciganos; sem dúvida o meu verdadeiro bebê — um bebê que chorava menos e sorria mais, e que não era tão pungente — havia sido raptado.) O jardim de pedras era igualmente resistente aos meus cuidados; nada que eu fizesse era capaz de agradá-lo. Suas pedras eram vistosas — havia um bocado de granito cor-de-rosa, junto com as pedras calcárias —, mas eu não conseguia fazer crescer nada nele.

Eu me contentava com livros — *Sempre-vivas para o jardim de pedras*, *Cactus para climas frios*, e coisas do gênero. Eu lia esses livros fazendo listas — listas do que iria plantar, ou então listas do que já havia plantado; o que deveria estar crescendo, mas não estava. Sangue-de-dragão, neve-da-montanha, galinha-e-pintinhos. Eu gostava dos nomes, mas não ligava muito para as plantas propriamente ditas.

— Eu não tenho "dedo verde" — eu dizia para Winifred. — Não sou como você. — A minha pretensa incompetência tornara-se uma segunda pele, era uma reação quase natural para mim. Winifred, por sua vez, já não achava mais a minha ineficiência muito conveniente.

— Bem, é claro que você tem de fazer algum *esforço* — ela dizia. E era então que eu fazia as minhas listas de plantas mortas.

— As pedras são bonitas — eu dizia. — Não podemos considerá-las simplesmente uma escultura?

Eu pensei em partir sozinha para visitar Laura. Eu podia deixar Aimee com a nova babá, em quem eu pensava como sendo a srta. Murgatroyd — na minha cabeça, todos os nossos empregados eram Murgatroyds, estavam todos mancomunados. Mas não, a babá iria avisar a Winifred. Eu podia desafiar a todos; eu podia sair escondido um dia de manhã, levar Aimee comigo; nós iríamos de trem. Mas de trem para onde? A clínica Bella Vista ficava em algum lugar no norte, mas *o norte* compreendia um território muito vasto. Eu procurei na escrivania de Richard, a que ficava no escritório dele em casa, mas não encontrei nenhuma carta da clínica. Ele devia guardá-las no escritório.

Um dia Richard chegou cedo em casa. Ele parecia bastante nervoso. Laura não estava mais na Bella Vista, ele disse.

Mas como é possível? Eu perguntei.

Um homem havia aparecido, ele disse. Este homem dizia ser o advogado de Laura, ou seu representante legal. Ele disse que era um curador — o curador da herança da srta. Chase. Ele alegou que não tínhamos o direito de interná-la. Ameaçou abrir um processo. Eu estava sabendo disto?

Não, eu não estava sabendo de nada. (Eu mantive as mãos

cruzadas no colo. Expressei surpresa e um interesse relativo. Não expressei satisfação.) E o que foi que aconteceu, então? Eu perguntei.

O diretor da Bella Vista não estava lá, a equipe havia ficado confusa. Haviam-na deixado ir, sob a custódia deste homem. Acharam que a família não iria querer nenhuma publicidade sobre isso. (O advogado tinha feito algumas ameaças neste sentido.)

Bem, eu disse, acho que agiram acertadamente.

Sim, Richard disse, sem dúvida; mas será que Laura *mentalmente* *sã*? Para o próprio bem dela, para a sua própria *segurança*, nós devíamos pelo menos determinar isso. Embora ela pudesse estar aparentemente mais calma, a equipe da Bella Vista tinha as suas dúvidas. Quem poderia determinar o perigo que ela representava para si mesma e para os outros em liberdade?

Será que, por acaso, eu saberia onde ela estava?

Não.

Eu não tinha tido notícias dela?

Não.

Eu não hesitaria em informá-lo, caso tivesse?

Eu não hesitaria. Essas foram as minhas palavras exatas. Era uma frase sem objeto, e, portanto, não era, tecnicamente, uma mentira.

Eu deixei passar o tempo que julguei necessário e então parti para Port Ticonderoga, de trem, para consultar Reenie. Inventei um telefonema: Reenie não estava bem de saúde, eu expliquei a Richard, e ela queria ver-me de novo antes que acontecesse alguma coisa. Dei

a impressão de que ela estava às portas da morte. Ela gostaria de ter uma fotografia de Aimee, eu disse; ela queria conversar sobre os velhos tempos. Era o mínimo que eu podia fazer. Afinal de contas, ela havia praticamente nos criado. Aliás, me criado, eu corriji, para evitar que Richard se lembrasse de Laura.

Eu combinei de me encontrar com Reenie na lanchonete Betty's. (Reenie tinha um telefone na época, estava subindo na vida.) Assim seria melhor, ela disse. Ela ainda estava trabalhando lá, em meio expediente, mas nós poderíamos nos encontrar depois do turno dela. A Betty's tinha novos donos, ela disse; os antigos não deixariam que ela se sentasse numa mesa como se fosse um freguês, mesmo que estivesse pagando, mas os novos sabiam que precisavam de todos os fregueses que pudessem conseguir.

A Betty's tinha decaído um bocado. O toldo listrado não estava mais lá, as mesas escuras estavam velhas e arranhadas. O cheiro não era mais de baunilha fresca e sim de gordura rançosa. Eu percebi que estava bem-vestida demais. Eu não devia ter usado a minha gola branca de pele de raposa. Não fazia sentido eu me mostrar, naquelas circunstâncias.

Eu não gostei da aparência de Reenie: ela estava muito inchada, muito amarela, com uma respiração um tanto ofegante. Talvez não estivesse mesmo com a saúde boa. Eu imaginei se deveria perguntar. — Como é bom tirar o peso de cima dos pés — ela disse ao se sentar do outro lado da mesa.

Myra — quantos anos você tinha, Myra? Devia ter uns três ou quatro, eu já perdi a conta. Myra estava com ela. Tinha o rosto vermelho de excitação, seus olhos eram redondos e um tanto

saltados, como se ela estivesse sendo delicadamente estrangulada.

— Eu contei a ela tudo sobre você — Reenie disse carinhosamente. — Sobre vocês duas. — Myra não estava muito interessada em mim, devo confessar, e sim intrigada com a raposa no meu pescoço. Crianças dessa idade normalmente gostam de bichos peludos, mesmo que estejam mortos.

— Você esteve com Laura ou falou com ela? — eu perguntei.

— Quanto menos se falar neste assunto, melhor — Reenie disse, olhando em volta, como se até ali as paredes tivessem ouvidos. Eu não via necessidade para tanta cautela.

— Imagino que você é que tenha conseguido o advogado — eu disse.

Reenie fez um ar sabido. — Eu fiz o que era necessário — ela disse. — De qualquer maneira, o advogado era marido de uma prima da sua mãe, era da família, de certo modo. Então ele viu o que era preciso fazer, quer dizer, depois que eu soube o que estava acontecendo.

— Como foi que você soube? — Eu estava guardando para mais tarde *o que foi que você soube*.

— Ela me escreveu — Reenie disse. — Disse que tinha escrito para você, mas que não tinha obtido resposta. Ela não tinha permissão para enviar cartas, mas a cozinheira a ajudou. Laura depois mandou dinheiro para pagar a ela, e mais um pequeno extra.

— Eu não recebi nenhuma carta — eu disse.

— Foi o que ela imaginou. Ela imaginou que eles tivessem se encarregado disto.

Eu sabia quem eram *eles*. — Suponho que ela tenha vindo para cá — eu disse.

— Para onde mais ela poderia ter ido? — disse Reenie. — A pobrezinha. Depois de tudo o que havia passado.

— O que aconteceu com ela? — Eu queria muito saber, mas ao mesmo tempo tinha muito medo. Laura poderia estar inventando, eu disse a mim mesma. Laura poderia estar tendo delírios. Isso não podia ser descartado.

Mas Reenie havia descartado esta possibilidade: qualquer que fosse a história que Laura tenha contado a ela, ela havia acreditado. Eu duvidava que fosse a mesma história que eu tinha ouvido. Duvidava especialmente que houvesse um bebê nela, fosse de que forma fosse. — Há crianças presentes, então eu não vou entrar em detalhes — ela disse. Ela apontou para Myra, que estava comendo um pedaço de bolo cor-de-rosa e me olhando como se quisesse me lambar. — Se eu lhe contasse tudo, você não dormiria mais de noite. O único consolo é que você não teve nenhuma culpa nisso. Foi o que ela disse.

— Ela disse isso? — Eu fiquei aliviada ao ouvir isto. Richard e Winifred é que haviam sido escolhidos para o papel de monstros, eu havia sido perdoada — por causa da minha fraqueza moral, sem dúvida. Embora eu pudesse ver que Reenie não me havia perdoado completamente por ter sido descuidada a ponto de deixar que tudo isso acontecesse. (Depois que Laura se atirou da ponte, ela me perdoou menos ainda. Na opinião dela, eu devia ter tido alguma coisa a ver com aquilo. A partir de então ela esfriou comigo. E morreu zangada.)

— Ela não devia ter sido colocada num lugar daqueles, uma garota tão jovem — disse Reenie. — Não importa o motivo. Homens andando por lá com as calças desabotoadas, todo tipo de coisa acontecendo. Uma vergonha!

— Elas mordem? — Myra disse, estendendo a mão para a minha raposa.

— Não toque nisso! — disse Reenie. — Seus dedos estão melados.

— Não — eu disse. — Ela não é de verdade. Olhe só, ela tem olhos de vidro. Ela só morde o próprio rabo.

— Ela disse que, se você soubesse, não a teria deixado lá — disse Reenie. — Supondo que você soubesse. Ela disse que, apesar de tudo, você não era uma pessoa sem coração. — Ela franziu a testa, olhando para o copo d'água. Parecia ter dúvidas quanto a isso. — O que mais comiam lá eram batatas — ela disse. — Cozidas e em purê. Na minha opinião, eles economizavam na comida, tiravam o pão da boca dos pobres doidos para forrarem os próprios bolsos.

— Para onde ela foi? Onde ela está agora?

— Isso fica em segredo — disse Reenie. — Ela disse que era melhor para você não saber.

— Ela pareceu... ela estava... — Eu queria perguntar se ela estava visivelmente louca.

— Ela estava igualzinha ao que sempre foi. Nem mais, nem menos. Ela não me pareceu maluca, se é isso que você quer saber — disse Reenie. — Mais magra, ela precisa cobrir os ossos com um pouco de carne, e nada de muita conversa sobre Deus. Eu só espero que Ele agora fique do lado dela, para variar.

— Obrigada por tudo o que você fez, Reenie — eu disse.

— Não precisa me agradecer — Reenie disse com altivez. — Eu só fiz o que era certo.

Querendo dizer que eu não havia feito. — Posso escrever para ela? — Eu estava procurando um lenço dentro da bolsa. Eu estava com vontade de chorar. Sentia-me como uma criminosa.

— Ela disse que é melhor não. Mas quis que eu dissesse que ela deixou uma mensagem para você.

— Uma mensagem?

— Ela a deixou antes de eles a levarem para aquele lugar. Ela disse que você saberia onde encontrá-la.

— Esse lenço é seu? Você está resfriada? — Myra disse, interessada nas minhas fungadelas.

— Se você perguntar demais, a sua língua vai cair — disse Reenie.

— Não vai não — Myra disse, complacentemente. Ela começou a cantarolar desafinadamente, batendo com as perninhas gordas nos meus joelhos por baixo da mesa. Myra tinha uma alegre autoconfiança, ao que parecia, e não se assustava facilmente — atributos que eu sempre achei irritantes, mas que vim a apreciar. (O que pode ser novidade para você, Myra. Aceite isso como um cumprimento enquanto pode. Eles são escassos.)

— Achei que você gostaria de ver um retrato de Aimee — eu disse para Reenie. Eu tinha pelo menos esta realização para mostrar, para me redimir aos olhos dela.

Reenie pegou o retrato. — Nossa, ela é bem moreninha, não é? — ela disse.

— Nunca se sabe a quem uma criança vai puxar.

— Eu também quero ver — Myra disse, segurando o retrato com suas mãozinhas meladas.

— Depressa, então, porque está na hora de ir. Já estamos atrasadas para ver o papai.

— Não — disse Myra.

— Por mais humilde que seja, não há nenhum lugar igual ao nosso lar — Reenie cantou, limpando o glacê cor-de-rosa da carinha de Myra com um guardanapo de papel.

— Eu quero ficar aqui — Myra disse, mas Reenie vestiu o casaco nela, enfiou-lhe a touca de lã até as orelhas e arrastou-a para fora do banco.

— Cuide-se bem — Reenie disse. Ela não me beijou.

Eu queria abraçá-la e chorar sem parar. Eu queria ser consolada. Eu queria que fosse eu a ir embora com ela.

— Não há nenhum lugar igual ao nosso lar — Laura disse um dia, quando tinha onze ou doze anos. — Reenie canta isso. Eu acho uma burrice.

— Por quê? — perguntei.

— Veja. — Ela escreveu isso como se fosse uma equação. *Nenhum lugar = lar. Portanto, lar = nenhum lugar. Portanto, o lar não existe.*

O lar é onde está o coração, eu pensei, tentando me refazer na lanchonete Betty's. Eu não tinha mais um coração, ele havia sido

partido; ou então ele simplesmente não estava mais ali. Havia sido retirado de dentro de mim como se tira a gema de dentro de um ovo cozido, deixando o resto de mim sem sangue e congelado e oco.

Eu não tenho coração, eu pensei. Portanto, não tenho lar.

A mensagem

Ontem eu estava cansada demais para fazer mais do que deitar no sofá. Conforme está se tornando um hábito, sem dúvida preguiçoso, eu assisti a um programa de entrevistas diurno, em que eles abrem mesmo o jogo. Está na moda agora abrir o jogo: as pessoas contam os seus podres e também os das outras pessoas, elas contam todos os podres que têm e até alguns que não têm. Elas fazem isso por culpa e angústia, e para seu próprio prazer, mas principalmente porque querem se expor e outras pessoas querem vê-las fazer isso. Eu não sou nenhuma exceção: adoro esses pecadinhos sujos, essas sórdidas disputas familiares, esses traumas cultivados com tanto carinho. Eu aprecio a expectativa com que a tampa é retirada da lata de minhocas como se aquilo fosse algum fantástico presente de aniversário, e depois a sensação de anticlímax nos rostos da platéia: as lágrimas forçadas e a piedade escassa e satisfeita, o aplauso orquestrado e insincero. *Será que é só isso? Eles devem estar pensando. Esta sua ferida não deveria ser menos banal, mais sórdida, mais épica, mais verdadeiramente pungente? Conta mais um pouco! Será que não dava para intensificar a dor?*

Eu não sei o que é preferível — passar a vida inchada com os seus próprios segredos até estourar, por causa da pressão que eles exercem, ou tê-los arrancados de você, cada parágrafo, cada frase, cada palavra deles, de tal forma que no fim você está vazia de tudo o que um dia foi tão precioso para você quanto ouro acumulado, tão próximo de você quanto a sua pele — tudo que era da maior

importância para você, tudo que fazia você se encolher de medo e desejar esconder, tudo que pertencia somente a você — e tem de passar o resto dos seus dias como um saco vazio balançando no vento, um saco vazio marcado com uma etiqueta fosforescente, de modo que todo mundo saiba o tipo de segredo que você costumava guardar?

Não tenho resposta para isso, não sei o que é melhor nem pior.

O cartaz do tempo da guerra dizia que Língua Solta Afunda Navios. É claro que os navios irão todos afundar de qualquer maneira, mais cedo ou mais tarde.

Depois de me dar este direito, eu fui até a cozinha, onde comi metade de uma banana que já estava ficando escura e duas bolachas. Imaginei se alguma coisa — algum tipo de comida — teria caído atrás da lata de lixo — havia um cheiro de podre —, mas uma rápida inspeção não revelou nada. Talvez o cheiro viesse de mim mesma. Eu não consigo deixar de achar que o meu corpo cheira a comida de gato, não importa o perfume que eu tenha usado de manhã — Tosca, talvez, ou Ma Griffe, ou quem sabe Je Reviens? Eu ainda tenho umas sobras de perfume aqui. Conteúdo para os sacos de lixo verdes, Myra, quando chegar a hora de usá-los.

Richard costumava dar-me perfumes, quando achava que eu precisava ser apaziguada. Perfumes, echarpes de seda, pequenos alfinetes na forma de animais domésticos, de pássaros engaiolados, de peixinhos dourados. Escolhas de Winifred para mim, não para ela.

No trem, voltando de Port Ticonderoga, e durante várias semanas após a viagem, eu refleti sobre a mensagem de Laura, a que Reenie disse que ela havia deixado para mim. Ela devia saber, então, que o que quer que estivesse planejando contar ao médico desconhecido no hospital poderia ter repercussões. Ela devia saber que era um risco, e então havia tomado suas precauções. De alguma forma, em algum lugar, ela havia deixado alguma palavra, alguma pista para mim, como um lenço jogado ou uma trilha de pedras brancas na floresta.

Eu a imaginei escrevendo essa mensagem, do modo como ela sempre se organizava para escrever. Sem dúvida seria a lápis, um lápis com a ponta mastigada. Ela sempre mastigava seus lápis; quando era criança, sua boca cheirava a cedro, e se fosse um lápis de cor, seus lábios ficavam azuis ou verdes ou roxos. Ela escrevia devagar; sua letra era infantil, com vogais redondas e os fechados, e longas hastes ondeadas nos seus *gs* e *ys*. Os pontos dos *is* e *js* eram circulares, colocados bem à direita, como se o ponto fosse um pequeno balão preto ligado à sua haste por um fio invisível; ela cortava os *ts* só de um lado. Eu me sentei ao lado dela em espírito, para ver o que ela faria em seguida.

Ela teria chegado ao fim da mensagem e em seguida a teria colocado dentro de um envelope e depois teria selado e escondido o envelope, do mesmo modo que escondeu seu pacote de quinquilharias em Avilion. Mas onde teria posto este envelope? Não em Avilion: ela não havia estado lá, não pouco antes de ser internada.

Não, deve ter sido na casa de Toronto. Em um lugar onde ninguém fosse procurar — nem Richard, nem Winifred, nem nenhum dos Murgatroyd. Eu procurei em diversos lugares — em

fundos de gavetas, na parte de trás de armários, nos bolsos dos meus casacos de inverno, no meu estoque de bolsas, até nas minhas luvas de lã —, mas não encontrei nada.

Então eu me lembrei do dia em que a havia encontrado no escritório de vovô, quando ela tinha dez ou onze anos. Ela estava com a Bíblia da família aberta à sua frente, um enorme exemplar em couro, e estava recortando trechos dela com a velha tesoura de costura da mamãe.

— Laura, o que é que você está fazendo? — eu disse. — Essa é a Bíblia!

— Estou tirando as partes que eu não gosto.

Eu alisei as páginas que ela havia jogado na cesta de lixo: trechos do *Livro de Crônicas*, páginas e páginas do *Levítico*, o pequeno fragmento de São Mateus em que Jesus amaldiçoa a figueira estéril. Eu me lembrei do quanto Laura havia ficado indignada com a história da figueira nos seus dias de escola dominical. Ela ficou furiosa com o fato de Jesus ter sido tão vingativo com relação a uma árvore. *Todo mundo tem seus maus dias*, Reenie havia comentado, batendo vigorosamente claras de ovo numa tigela amarela.

— Você não devia estar fazendo isso — eu disse.

— É só papel — Laura disse, continuando a recortar. — Papel não é importante. As palavras escritas nele é que são importantes.

— Você vai arrumar encrenca.

— Não vou não — ela disse. — Ninguém nunca abre a Bíblia. As pessoas só olham a página da frente, para ver os nascimentos, os casamentos e as mortes.

Ela tinha razão. Jamais a pegaram.

Foi essa lembrança que me levou a apanhar o meu álbum de casamento, onde estavam guardadas as fotos da cerimônia. Sem dúvida esse volume era de pouco interesse para Winifred, e nem Richard jamais havia sido visto folheando-o carinhosamente. Laura devia saber disso, ela deve ter sabido que aquele era um lugar seguro. Mas o que — ela deve ter pensado — poderia levar-me a folheá-lo?

Eu o teria consultado se estivesse procurando Laura. Ela devia saber disso. Havia um monte de retratos dela lá dentro, presos pelos cantos nas páginas marrons em pequenos triângulos; retratos dela de cara feia e olhando para baixo, usando a sua roupa de madrinha.

Eu encontrei a mensagem, embora ela não fosse em palavras. Laura havia se divertido com seu material de colorir, os pequenos tubos de tinta que ela roubara do escritório de Elwood Murray no jornal, lá em Port Ticonderoga. Ela deve tê-los guardado durante todo este tempo. Para uma pessoa que afirmava ligar tão pouco para o mundo material, ela tinha muita dificuldade em jogar coisas fora.

Ela havia alterado apenas duas fotografias. A primeira era uma foto em grupo da festa de casamento. Nela, as madrinhas e os padrinhos haviam sido cobertos com uma grossa camada de cor de anil, tendo sido totalmente eliminados da foto. Só haviam ficado eu, Richard e a própria Laura, e Winifred, que havia sido uma dama de honra.

Winifred tinha sido colorida com um tom chocante de verde, da mesma forma que Richard. Eu tinha recebido uma mão de azul-claro. Laura estava pintada de um amarelo brilhante, não só a roupa como também o rosto e as mãos. O que será que aquele brilho queria

dizer? Era como se Laura estivesse brilhando de dentro para fora, como uma lâmpada de vidro ou uma garota feita de fósforo. Ela não estava olhando para a frente, e sim para o lado, como se o foco da sua atenção não estivesse no retrato.

A segunda era o retrato formal do noivo e da noiva, tirado em frente à igreja. O rosto de Richard tinha sido pintado de cinza, de um cinza tão escuro que as feições de Richard estavam quase que totalmente obliteradas. As mãos estavam vermelhas, bem como as chamas que subiam ao redor da cabeça dele, parecendo sair de dentro da própria cabeça, como se o próprio crânio estivesse pegando fogo. Meu vestido de noiva, as luvas, o véu, as flores — Laura não tinha se ocupado desses enfeites. No entanto, ela tinha trabalhado no meu rosto — borrando-o de tal forma que os olhos, o nariz e a boca pareciam nublados, como uma janela num dia frio e úmido. O cenário e até mesmo os degraus da igreja tinham sido inteiramente pintados de preto, deixando nossos dois corpos flutuando no ar, na mais profunda e escura das noites.

XII



The Globe and Mail, 7 de outubro de 1938

GRIFFEN ELOGIA ACORDO DE MUNIQUE

ESPECIAL PARA O THE GLOBE AND MAIL

Num duro e vigoroso discurso intitulado "*Cuidando de nossos interesses*", feito na reunião de quarta-feira do Empire Club, em Toronto, o sr. Richard E. Griffen, presidente e diretor-executivo das Indústrias Griffen-Chase, elogiou os notáveis esforços do primeiro-ministro britânico, sr. Neville Chamberlain, que resultaram no Acordo de Munique, assinado na semana passada. Foi significativo, disse o sr. Griffen, o fato de que todos os partidos na Câmara dos Comuns tenham se alegrado com a notícia, e ele esperava que todos os partidos do Canadá também se alegrassem, uma vez que este acordo iria colocar um fim à Depressão e dar início a uma nova "era dourada" de paz e prosperidade. Ele também demonstrava o valor da habilidade política e da diplomacia, bem como do pensamento positivo e do velho e sólido espírito administrativo. "Se todos derem um pouco", ele disse, "então todo mundo acaba ganhando muito."

Em resposta a perguntas sobre a posição da Tchecoslováquia diante do Acordo, ele declarou que, na sua opinião, os cidadãos daquele país tinham recebido garantias suficientes. Uma Alemanha forte, saudável, ele disse, interessava ao Ocidente e particularmente aos negócios, e serviria para "manter afastado o comunismo, bem longe de Bay Street". O próximo passo que se deveria desejar era um acordo de comércio bilateral, e ele tinha certeza de que isto estava

sendo negociado. Agora a atenção podia ser desviada das escaramuças para a produção de bens para o consumidor, criando assim empregos e prosperidade onde estes eram mais necessários — "no nosso próprio quintal". Os sete anos magros, ele declarou, seriam agora seguidos de sete anos gordos, e os anos 40 iriam chegar com ótimas perspectivas.

Dizem que o sr. Griffen está em negociações com membros importantes do Partido Conservador, de olho na posição de timoneiro. Seu discurso foi muito aplaudido.

Mayfair, junho de 1939

GRANDE ESTILO NO ROYAL GARDEN PARTY

POR CYNTHIA FERVIS

Cinco mil convidados de Lord e Lady Tweedsmuir passearam, encantados, pelos jardins do Palácio do Governo em Ottawa, na comemoração do aniversário de Sua Majestade, enquanto os monarcas circulavam graciosamente entre eles.

Às quatro e meia, eles saíram do Palácio do Governo pela Galeria Chinesa. O rei estava vestido formalmente para a ocasião; a rainha optou por bege, com peles e pérolas e um chapelão ligeiramente de lado, o rosto delicadamente ruborizado, seus adoráveis olhos azuis sorridentes. Todos ficaram fascinados com o seu encanto.

Seguindo o casal real estavam o governador-geral e Lady Tweedsmuir, ele, um anfitrião alegre e amável, e sua esposa, elegante e bonita. Seu conjunto branco, realçado por peles de raposa do Ártico canadense, culminava com um chuveiro de turquesas no chapéu. Foram apresentados aos monarcas o coronel e sra. F. Phelan, de Montreal; ela com um vestido de seda estampada, em que sobressaíam florezinhas coloridas, e seu elegante chapéu tinha uma larga aba de celofane. O general-de-brigada e sra. W.H.L. Elkins e srta. Joan Elkins, e o sr. e sra. Gladstone Murray tiveram a mesma honra.

O sr. e a sra. Richard Griffen se destacaram; a sra. Griffen usava

uma capa de raposa prateada, as peles dispostas sobre *chiffon* negro em forma de raios, e por baixo um conjunto orquídea. A sra. Douglas Watts usava *chiffon chartreuse* com um casaco de veludo marrom, a sra. F. Reid estava elegante e linda num vestido de organdi e rendas valencianas.

Não se ouviu falar em chá até a hora em que o rei e a rainha se despediram e as câmeras dispararam, e todas as vozes se ergueram no *God Save the King*. Depois disso, os bolos de aniversário assumiram o papel central... Enormes bolos brancos, cobertos com glacê. O bolo servido do lado de dentro para o rei era enfeitado não apenas de rosas, trevos e cardos, mas também de pequeninas pombas de açúcar com bandeiras brancas nos bicos, simbolizando paz e esperança.

O assassino cego: O Salão de Be das

É de tarde, o tempo está nublado e úmido, tudo parece pegajoso: suas luvas de algodão branco já estão sujas só de encostar na balaustrada. O mundo pesado, um peso sólido; seu coração bate contra ele como se estivesse batendo contra pedra. O ar abafado a oprime. Nada se mexe.

Mas então o trem chega, e ela espera no portão conforme é exigido dela, e, como uma promessa que se realiza, ele atravessa o portão. Ele a vê, caminha na direção dela, eles se tocam rapidamente, depois trocam um aperto de mãos como se fossem parentes distantes. Ela o beija de leve no rosto, porque aquele é um lugar público e nunca se sabe, e eles sobem a rampa e entram na estação de mármore. Ela se sente insegura, nervosa; ela mal teve chance de olhar para ele. Com certeza ele está mais magro. O que mais?

Foi uma dificuldade para eu conseguir voltar. Eu não tinha muito dinheiro. Tive de viajar de cargueiro o tempo todo.

Eu poderia ter mandado dinheiro para você, ela diz.

Eu sei. Mas eu não tinha nenhum endereço.

Ele deixa a mala no bagageiro e leva apenas a maleta. Ele volta para pegar a mala depois, ele diz, mas agora não quer nada que o atrapalhe. Pessoas vão e vêm ao redor deles, passos e vozes; eles ficam parados, na dúvida, sem saber para onde ir. Ela devia ter pensado nisso, devia ter providenciado alguma coisa, porque é claro que ele ainda não tem onde ficar. Pelo menos ela trouxe um frasco de

uísque, enfiado na bolsa. Disso ela se lembrou.

Eles têm de ir para algum lugar, então vão para um hotel, um barato do qual ele se lembra. É a primeira vez que fazem isso, e é um risco, mas assim que vê o hotel, ela sabe que ninguém ali espera que eles sejam casados; e caso sejam casados, pelo menos não um com o outro. Ela está usando sua capa de chuva de dois verões atrás, com uma echarpe em volta da cabeça. A echarpe é de seda, mas foi a pior que ela conseguiu arranjar. Talvez pensem que ele a esteja pagando. Ela espera que sim. Assim ela passará despercebida.

Na calçada do lado de fora tem vidro quebrado, vômito e o que parece ser sangue. Não pise nisso, ele diz.

Tem um bar no térreo, embora seja chamado de Salão de Bebidas. Só homens, senhoras e acompanhantes. Do lado de fora tem uma placa em néon vermelho, as letras na vertical, e uma flecha vermelha inclinada de tal modo que a ponta aponta para a porta. Duas letras estão apagadas, de modo que se lê Salão de Be das. Luzinhas que parecem de Natal ficam piscando, correndo ao longo da placa como formigas descendo por um cano de água.

Mesmo a esta hora há alguns homens ali, esperando o bar abrir. Ele a segura pelo cotovelo ao passarem, apressando-a. Atrás deles, um dos homens faz um barulho como se fosse um gato uivando.

Tem uma porta separada dando para o hotel propriamente dito. O ladrilho preto e branco da entrada cerca o que deve ter sido um dia um leão vermelho, mas que parece ter sido comido por traças comedoras de pedra, e que agora parece mais um pólipó mutilado. O chão de linóleo amarelo-ocre não é lavado há muito tempo; manchas de sujeira florescem nele como flores cinzentas prensadas.

Ele assina o registro, paga; enquanto faz isso, ela fica parada, torcendo para parecer entediada, mantendo o rosto imóvel, olhando por cima do recepcionista, para o relógio de parede. É um relógio simples, prático, sem nenhuma pretensão de beleza, como um relógio de estação: utilitário. *A hora é esta*, ele está dizendo, *apenas uma camada dela, não existe outra*.

Ele já está com a chave. Segundo andar. Há um elevador que parece um caixão, mas ela não pode nem pensar em entrar nele, ela sabe que o cheiro lá dentro vai ser de meia suja e dente podre, e ela não vai suportar ficar ali dentro cara a cara com ele, tão perto e com aquele cheiro. Eles sobem as escadas. Um carpete, outrora azul-escuro e vermelho. Um caminho salpicado de flores, agora já gastas até a raiz.

Sinto muito, ele diz. Podia ser melhor.

Por esse preço não dá para exigir mais, ela diz, querendo ser engraçada; mas é um comentário infeliz, porque ele pode achar que ela está reclamando da falta de dinheiro dele.

Mas é um bom disfarce, ela diz, tentando consertar as coisas. Ele não responde. Ela está falando demais, ela pode ouvir a própria voz, e o que está dizendo não é nada divertido. Será que ela está diferente do que ele lembra, será que mudou muito?

No corredor há um papel de parede, já inteiramente sem cor. As portas são de madeira escura, descascada, arranhada e esburacada. Ele encontra o número, a chave gira na fechadura. É uma chave longa, antiga, parecendo uma chave de cofre. O quarto é pior do que todos os quartos mobiliados em que eles estiveram antes: aqueles tinham pelo menos a pretensão de serem limpos. Uma cama de casal

coberta com uma colcha, imitando cetim, de um rosa-amarelado como uma sola de pé. Uma cadeira, com um assento furado que parecia estofado de areia. Um cinzeiro de vidro marrom, lascado. Fumaça de cigarro, cerveja derramada e, por trás, um cheiro ainda mais perturbador, de roupa de baixo há muito tempo sem lavar. Na porta, uma bandeira com o vidro pintado de branco.

Ela tira as luvas, coloca-as na cadeira junto com o casaco e a echarpe, tira o frasco de dentro da bolsa. Não há nenhum copo à vista, eles vão ter de beber no gargalo.

Será que a janela abre?, ela diz. Um pouco de ar fresco seria bom.

Ele vai até a janela, levanta a veneziana. Entra uma lufada de ar. Do lado de fora, ouve-se o barulho de um bonde passando. Ele se vira, ainda na janela, inclinando-se para trás, com as mãos apoiadas no parapeito. Com a luz vindo de trás dele, ela só consegue ver a sua silhueta. Ele poderia ser qualquer pessoa.

Bem, ele diz. Aqui estamos nós de novo. Ele parece exausto. Passa pela cabeça dela que talvez ele não queira fazer mais nada neste quarto além de dormir.

Ela vai até ele, abraça-o pela cintura. Eu encontrei a história, ela diz.

Que história?

Os homens-lagarto de Xenor. Procurei por ela em toda a parte, você precisava ter me visto examinando as bancas de jornal, devem ter pensado que eu estava maluca. Eu não parava de procurar.

Ah, isso, ele diz. Você leu aquela droga? Eu tinha esquecido dela.

Ela não vai mostrar seu desapontamento. Ela não vai demonstrar toda a sua carência. Ela não vai dizer que aquele era um sinal de que ele estava vivo; um sinal, por mais absurdo que fosse.

É claro que eu li. E fiquei esperando o episódio seguinte.

Eu nunca o escrevi, ele diz. Estava muito ocupado recebendo tiros, dos dois lados. O nosso grupo foi apanhado no meio. Eu estava fugindo dos mocinhos. Que carnificina.

Finalmente ele a abraça. Ele cheira a malte. Ele descansa a cabeça em seu ombro, a lixa do seu rosto de encontro ao seu pescoço. Ela o tem são e salvo, pelo menos naquele instante.

Meu Deus, eu preciso de um drinque, ele diz.

Não durma, ela diz. Não durma ainda. Venha para a cama.

Ele dorme por três horas. O sol se move, o dia fica mais escuro. Ela sabe que tem de ir, mas não consegue deixá-lo, nem acordá-lo. Que desculpa ela vai dar quando voltar? Ela inventa uma velha senhora rolando a escada, uma velha senhora precisando de ajuda; ela inventa um táxi, uma corrida até o hospital. Como é que ela podia deixar a pobre alma sozinha? Caída na calçada, sem ninguém para ajudá-la. Ela dirá que sabe que deveria ter telefonado, mas que não havia nenhum telefone por perto, e que a senhora estava com muita dor. Ela se prepara para o sermão que vai ter de ouvir, sobre como se deve cuidar da própria vida; ela se prepara para o balançar de cabeça, porque ela não tem mesmo jeito. Quando é que ela vai aprender a não se envolver com o que não é da sua conta?

Lá embaixo o relógio está marcando o tempo. Há vozes no

corredor, o som de passos apressados. É uma alta rotatividade de ocupação. Ela fica deitada ao lado dele, acordada, ouvindo-o dormir, imaginando para onde ele terá ido. E também pensando o quanto deve contar a ele — se deve contar a ele tudo o que aconteceu. Se ele pedir para ela ir embora com ele, então ela vai ter de contar. Senão, talvez seja melhor não contar. Pelo menos por enquanto.

Quando ele acorda, ele quer outro drinque, e um cigarro.

Acho que não devíamos fazer isto, ela diz. Fumar na cama. Podemos causar um incêndio. Morrer queimados.

Ele não diz nada.

Como é que foi lá?, ela diz. Eu li nos jornais, mas não é a mesma coisa.

Não, ele diz. Não é.

Tive tanto medo de que você morresse.

Eu quase morri, ele diz. O engraçado é que foi terrível, mas eu me acostumei, e agora não consigo mais me acostumar a isto aqui. Você engordou um pouco.

Ah, você está me achando muito gorda?

Não. Está bem assim. É bom ter o que segurar.

Está escuro agora. Debaixo da janela, onde o salão de bebidas abre para a rua, vêm ruídos de gritos, gargalhadas e cantorias desafinadas; depois o som de vidro quebrado. Alguém quebrou uma garrafa. Uma mulher grita.

Estão celebrando em grande estilo.

Celebrando o quê?

A guerra.

Mas não há nenhuma guerra. Está tudo acabado.

Estão celebrando a próxima, ele diz. Ela está a caminho. Está todo mundo negando isto lá em cima no mundo da utopia, mas aqui embaixo você pode sentir o cheiro dela chegando. Com a Espanha em pedaços, tendo servido para a prática de tiro ao alvo, eles vão passar a assuntos mais sérios. É como um prenúncio de tempestade no ar, e eles estão excitados com isso. Por isso toda essa gritaria, esse quebrar de garrafas. Eles querem ganhar dianteira.

Ah, não é possível, ela diz. Não pode haver outra guerra. Eles assinaram pactos e tudo o mais.

Paz na nossa época, ele diz, com desprezo. Conversa fiada. O que eles querem é que o tio Josef e Adolf destruam-se mutuamente e ainda se livrem dos judeus para eles, enquanto eles ficam com a bunda na cadeira, ganhando dinheiro.

Você continua cínico como sempre.

E você ingênua como sempre.

Nem tanto, ela diz. Mas não vamos discutir. Não somos nós que vamos resolver isso. Mas ele agora está mais do jeito que era antes, e isso a faz sentir-se um pouco melhor.

Não, ele diz. Você tem razão. Não somos nós que vamos resolver isso. Nós somos arraia-miúda.

Mas você tornará a partir, ela diz. Se começar tudo de novo. Quer seja arraia-miúda ou não.

Ele olha para ela. E o que mais eu posso fazer?

Ele não sabe por que ela está chorando. Ela tenta não chorar. Eu

queria que você tivesse sido ferido, ela diz. Aí você ia ser obrigado a ficar.

Que grande ajuda isso ia ser para você, ele diz. Venha cá.

Ao sair, ela mal consegue enxergar. Ela caminha um pouco para se acalmar, mas está escuro e há homens demais na calçada, então ela toma um táxi. Sentada no banco de trás, ela retoca o batom, passa pó-de-arroz no rosto. Quando chega, ela tira o dinheiro da bolsa, paga o táxi, sobe os degraus de pedra, passa pelo arco da entrada e fecha a pesada porta de madeira. Em pensamentos, ela está ensaiando: *Desculpe o atraso, mas você não vai acreditar no que aconteceu comigo. Eu tive uma aventura e tanto.*

O assassino cego: Cortinas amarelas

Como foi que a guerra surgiu sorrateiramente? Como foi que ela se organizou? Do que ela foi feita? De que segredos, mentiras, traições? De que amores e ódios? De que somas de dinheiro, de que metais?

A esperança lança uma cortina de fumaça. A fumaça entra nos olhos, e aí ninguém está preparado para ela, mas de repente ela está lá, como um incêndio que fica fora de controle — como assassinato, só que multiplicado. Chega com força total.

A guerra acontece em preto e branco. Para quem está nas laterais, é claro. Para quem está realmente no centro dela, existem muitas cores, cores excessivas, brilhantes demais, um excesso de vermelho e laranja, por demais líquidas e incandescentes, mas para os outros a guerra é como um cinejornal granulado, borrado, com rajadas de sons e um grande número de pessoas correndo ou se arrastando ou caindo, tudo acontecendo em outro lugar.

Ela assiste aos noticiários cinematográficos nos cinemas. Ela lê os jornais. Ela sabe que está à mercê dos acontecimentos, e agora já sabe que os acontecimentos são impiedosos.

Ela está decidida. Agora, ela está determinada a sacrificar tudo e todos. Nada nem ninguém irá impedi-la.

É isto que ela vai fazer. Já tem tudo planejado. Vai sair de casa um dia como se fosse um dia qualquer. Ela vai ter dinheiro, alguma

espécie de dinheiro. Esta é a parte que não está muito clara, mas com certeza ela vai poder fazer alguma coisa. O que é que as outras pessoas fazem? Elas vão a lojas de penhores, e é isso que ela vai fazer também. Ela conseguirá dinheiro empenhando coisas: um relógio de ouro, uma colher de prata, um casaco de pele. Bugigangas. Ela irá escondê-las aos poucos, e ninguém irá notar.

Não será muito dinheiro, mas terá de bastar. Ela alugará um quarto, um quarto barato, mas não miserável — nada que uma camada de tinta não melhore. Ela escreverá uma carta dizendo que não vai mais voltar. Eles enviarão emissários, embaixadores, depois advogados, eles ameaçarão, castigarão, ela sentirá medo o tempo todo, mas agüentará firme. Ela destruirá todas as pontes, exceto a ponte que a liga a ele, mesmo sabendo que esta ponte é muito frágil. *Eu voltarei*, ele disse, mas como ele pode ter certeza? Não se pode garantir uma coisa dessas.

Ela viverá de maçãs e bolachas, de xícaras de chá e copos de leite. Feijão em lata e carne enlatada. E também de ovos fritos quando for possível, e torradas, que ela irá comer no café da esquina onde os entregadores de jornal e os bêbados também comem. Os veteranos também comerão ali, cada vez mais veteranos à medida que os meses passem: homens sem mãos, braços, pernas, orelhas, olhos. Ela vai ter vontade de conversar com eles, mas não fará isso porque qualquer interesse da parte dela será, com certeza, mal interpretado. Como sempre, o seu corpo atrapalharia a sua liberdade de expressão. Sendo assim, ela irá apenas escutar.

No café, a conversa girará em torno do final da guerra, que todo mundo diz que está próximo. Será apenas uma questão de tempo, eles dirão, para que tudo termine e os rapazes voltem para casa. Os

homens que dirão isso não conhecem uns aos outros, mas trocarão esses comentários assim mesmo, porque a perspectiva de vitória os deixará falantes. Haverá uma sensação diferente no ar, em parte otimismo, em parte medo. A qualquer momento o navio irá chegar, mas quem será capaz de dizer o que ele poderá transportar?

O apartamento dela será em cima de uma mercearia, com uma quitinete e um pequeno banheiro. Ela irá comprar uma planta caseira — uma begônia ou uma samambaia. Ela se lembrará de regar essa planta e ela não morrerá. A mulher encarregada da mercearia será morena e gorda e maternal, e comentará a magreza dela e dirá que ela precisa comer mais, e dirá o que ela deve fazer para melhorar sua tosse. Talvez ela seja grega; grega ou algo parecido, com braços grandes e cabelo repartido no meio e um coque atrás. Seu marido e seu filho estarão no estrangeiro; ela terá retratos deles, em molduras de madeira pintada, coloridos à mão, ao lado da caixa registradora.

As duas — ela e essa mulher — passarão um bocado de tempo atentas: a passos, a um telefonema, a uma batida na porta. É difícil dormir nestas circunstâncias: elas discutirão medidas contra a insônia. Ocasionalmente, a mulher colocará uma maçã em sua mão, ou uma bala tirada do pote de vidro sobre o balcão. Estes presentes valerão muito mais do que o preço que custam.

Como ele saberá onde procurá-la? Agora que suas pontes foram destruídas. Mas ele saberá assim mesmo. Ele dará um jeito de descobrir, porque no fim da viagem os amantes se encontram. Eles precisam encontrar-se. Têm de se encontrar.

Ela fará cortinas para a janela, cortinas amarelas, da cor do canário ou da gema do ovo. Cortinas alegres, como o sol. Não

importa que ela não saiba costurar, porque a mulher do andar de baixo irá ajudá-la. Ela engomará as cortinas e as colocará no lugar. Ela se ajoelhará com uma vassourinha na mão e limpará os cocôs de rato e as moscas mortas debaixo da pia da cozinha. Ela pintará um conjunto de latas que encontrará num brechó e colará nelas as palavras Chá, Café, Açúcar, Farinha. E fará isso cantarolando baixinho. Ela comprará uma toalha nova, diversos conjuntos de toalhas. E também lençóis, isso é muito importante, e fronhas. Ela escovará um bocado os cabelos.

Estas serão as coisas agradáveis que ela irá fazer enquanto espera por ele.

Ela irá comprar um rádio, um bem pequeno, de segunda mão, na loja de penhores; ela ouvirá o noticiário, para se manter atualizada com os acontecimentos. E ela terá também um telefone: a longo prazo, um telefone será útil, embora ninguém vá ligar para ela, pelo menos não no início. Algumas vezes ela o erguerá do gancho apenas para ouvir o barulhinho dele. Ou então haverá vozes nele, conversando em linha cruzada. Geralmente serão mulheres, trocando receitas e falando sobre o tempo, sobre filhos, liquidações e sobre homens que estão ausentes.

Nada disso acontece, é claro. Ou então acontece, mas de tal forma que você não percebe. Acontece em outra dimensão do espaço.

O assassino cego: O telegrama

O telegrama é entregue da forma habitual, por um homem de uniforme escuro cujo rosto não anuncia boas novas. Quando eles são contratados para este trabalho, aprendem aquela expressão, remota mas lúgubre, como um sino tocando finados. Um olhar de caixão fechado.

O telegrama chega num envelope amarelo com uma tarja transparente, e diz o que esse tipo de telegrama sempre diz — as palavras distantes, como as palavras de um estranho, de um intruso, parado na extremidade oposta de uma sala comprida e vazia. Não há muitas palavras, mas cada palavra se destaca: *informar, perda, lamentamos*. Palavras cuidadosas, neutras, com uma pergunta oculta por trás delas: *O que é que você esperava?*

Mas o que é isto? Quem é este?, ela diz. Ah! Eu me lembro. É ele. Aquele homem. Mas por que mandaram isto para mim? Eu não sou o parente mais próximo dele!

Parente?, um deles diz. Será que ele tinha algum? Isto era para ser um comentário espirituoso.

Ela ri. Isto não tem nada a ver comigo. Ela amassa o telegrama, que presume que eles tenham lido às escondidas antes de passar para ela. Eles lêem toda a correspondência; isto é óbvio. Ela se senta, um tanto bruscamente. Desculpe, ela diz. Eu estou me sentindo um pouco estranha.

Toma aqui. Isto vai fazer você melhorar. Beba tudo.

Obrigada. Isto não tem nada a ver comigo, mas mesmo assim é um choque. É como se alguém estivesse andando sobre o meu túmulo. Ela estremece.

Vai com calma. Você está um pouco verde. Não tome isso pessoalmente.

Talvez tenha sido um erro. Talvez eles tenham se enganado de endereço.

Pode ser. Ou talvez isto seja coisa dele. Talvez ele tenha feito isto de brincadeira. Ele era um cara esquisito, pelo que eu me lembro.

Mais esquisito do que pensávamos. Isso é coisa que se faça! Se estivesse vivo, nós poderíamos processá-lo por isso.

Talvez ele estivesse tentando fazê-la sentir-se culpada. É isso que gente da laia dele costuma fazer. São todos uns invejosos. Uns desmancha-prazeres. Não se aborreça com isso.

Bem, não se pode dizer que isto tenha sido uma atitude correta.

Correta? Mas ele nunca foi o que se pode chamar de uma pessoa *correta*.

Suponho que eu possa escrever para o oficial superior dele. Exigir uma explicação.

E por que ele saberia de alguma coisa? Quem trata disso não é ele, e sim algum funcionário subalterno. Eles fazem apenas o que está anotado nas fichas. Ele diria que foi uma confusão, e não seria a primeira, pelo que eu sei.

De qualquer maneira, não vale a pena fazer muito barulho por isso. Só iria chamar atenção, e nós nunca descobriríamos por que ele fez isso.

A não ser que os mortos falassem. Eles estão todos atentos, vigiando-a. Do que é que eles têm medo? Eles têm medo de que ela faça o quê?

Eu gostaria que você não usasse essa palavra, ela diz, nervosa.

Que palavra? Ah, ela quer dizer *morto*. Bom, é melhor dar nome aos bois. Não faz sentido fingir. Ora, não seja...

Eu não gosto desta palavra, nem de pensar em gente enterrada no chão.

Não seja mórbida.

Pega um lenço para ela. Isso não é hora de implicar com ela. É melhor ela subir e descansar um pouco. Logo logo ela vai estar novinha em folha.

Não se aborreça com isso.

Não leve tão a sério.

Esqueça.

O assassino cego: A destruição de Sakiel-Norn

Ela acorda de repente no meio da noite, com o coração batendo forte. Ela sai da cama e caminha silenciosamente até a janela, levanta um pouco mais a veneziana e se debruça para fora. Lá está a lua, quase cheia, marcada por velhas cicatrizes, e sob ela o clarão alaranjado que as luzes da rua lançam no céu. Mais embaixo está a calçada, cheia de sombras e parcialmente oculta pelo castanheiro do quintal, seus galhos estendidos como se fossem uma rede dura e grossa, suas florezinhas brancas brilhando de leve.

Tem um homem lá, olhando para cima. Ela pode ver as sobrancelhas escuras, as órbitas vazias, o sorriso feito uma navalhada no oval do seu rosto. No "V" abaixo da garganta tem uma coisa branca: uma camisa. Ele levanta a mão, faz um sinal: ele quer que ela vá até ele — pule a janela, desça pela árvore. Mas ela tem medo. Ela tem medo de cair.

Agora ele está no parapeito da janela, em seguida dentro do quarto. As flores do castanheiro se acendem: na luz branca que elas emitem ela pode ver o rosto dele, a pele acinzentada, sombreada; bidimensional, como uma foto, mas borrada. Ela sente um cheiro de bacon queimado. Ele não está olhando para ela, não exatamente; é como se ela fosse a sua própria sombra e ele estivesse olhando para esta. Para onde estariam os seus olhos se a sua sombra pudesse ver.

Ela deseja tocar nele, mas hesita: se ele a tomasse nos braços, com certeza se dissolveria em farrapos de pano, depois em fumaça,

em moléculas, em átomos. Suas mãos atravessariam o corpo dele.

Eu disse que voltaria.

O que foi que aconteceu com você? Qual é o problema?

Você não sabe?

Depois eles estão do lado de fora, parece que no telhado, olhando para a cidade, mas não é nenhuma cidade que ela conheça. É como se uma bomba enorme tivesse caído sobre ela, está tudo em chamas, tudo queimando ao mesmo tempo — casas, ruas, palácios, fontes e templos — explodindo como se fossem fogos. Não se ouve nenhum ruído.

Ela queima silenciosamente, como que num quadro — branco, amarelo, vermelho e laranja. Sem gritos. Sem nenhuma pessoa; as pessoas já devem estar mortas. Ao lado dela, ele treme na luz tremeluzente.

Não vai restar nada dela, ele diz. Um monte de pedras, algumas poucas palavras. Ela está acabada, riscada do mapa. Ninguém irá lembrar.

Mas ela era tão bonita!, ela diz. Agora ela tem a impressão de que se trata de um lugar que ela conheceu; que ela conheceu muito bem, que ela conheceu tão bem quanto a palma da sua mão. No céu, três luas surgiram. Zicron, ela pensa. Planeta amado, terra do meu coração. Onde um dia, há muito tempo, eu fui feliz. Não resta mais nada agora, foi tudo destruído. Ela não suporta olhar para as chamas.

Linda para alguns, ele diz. Esse é sempre o problema.

O que foi que deu errado? Quem foi que fez isto?

A velha senhora.

O quê?

L'histoire, cette vieille dame exaltée et menteuse.

Ele brilha como metal. Seus olhos são fendas verticais. Ele não parece com ele. Tudo o que o tornava único havia sido queimado. Não importa, ele diz. Vão reconstruí-la.

Sempre fazem isso.

Agora ela tem medo dele. Você mudou muito, ela diz.

A situação era crítica. Nós tivemos de combater o fogo com fogo.

Mas vocês venceram. Eu sei que vocês venceram!

Ninguém venceu.

Será que ela havia se enganado? Sem dúvida havia notícias de vitória. Houve uma parada, ela diz. Eu ouvi falar nela. Havia uma banda de música.

Olhe para mim, ele diz.

Mas ela não consegue. Ela não consegue focalizar os olhos nele, ele não fica parado. Ele está sem contornos, ele oscila, como a chama de uma vela, mas desprovida de luz. Ela não consegue ver os olhos dele.

Ele está morto, é claro. É claro que ele está morto, ela não recebeu o telegrama? Mas é só uma invenção tudo isto. É só uma outra dimensão do espaço. Então, por que há tanta desolação?

Ele está se afastando agora, e ela não consegue chamá-lo, sua garganta não emite nenhum som. Ele desaparece.

Ela sente uma pressão absurda no peito. *Não, não, não, não*, diz uma voz dentro da sua cabeça. Lágrimas escorrem pelo seu rosto.

É então que ela acorda realmente.

XIII



Luvas

Hoje está chovendo, aquela chuvinha fina, moderada, do início de abril. Os jacintos azuis já estão começando a florir, os narcisos estão pondo o nariz para fora, os miosótis aparecendo devagarinho, preparando-se para se apoderar da luz. Lá vem ele — mais um ano de intensa atividade vegetativa. Elas nunca parecem cansar-se disto: as plantas não têm memória, esta é a razão. Elas não conseguem lembrar-se de quantas vezes já fizeram tudo isso antes.

Devo admitir que é uma surpresa encontrar-me aqui ainda, falando com você. Prefiro pensar nisto como sendo uma conversa, embora não seja, evidentemente: eu não estou dizendo nada, você não está ouvindo nada. A única coisa entre nós é esta linha negra: um fio lançado na página vazia, no espaço vazio.

O gelo do inverno no Louveteau Gorge já está quase no fim, mesmo nas fendas escuras dos desfiladeiros. A água, preta e depois branca, desce rapidamente pelos abismos e sobre os penedos, com a mesma facilidade de sempre. Um som violento, mas tranqüilizador; quase sedutor. É possível entender por que as pessoas são atraídas por ele. Para as cachoeiras, para o alto das montanhas, para os desertos e os lagos profundos — lugares sem volta.

Apenas um cadáver no rio este ano, até agora, uma jovem viciada em drogas de Toronto. Mais uma garota apressada. Mais um desperdício de tempo, o dela mesma. Ela tinha parentes aqui, uma tia, um tio. Eles já estão sendo alvo de olhares de esguelha, como se tivessem alguma coisa a ver com o fato; eles já estão assumindo

aquele ar zangado, encurralado, dos conscientemente inocentes. Tenho certeza de que eles não têm culpa, mas estão vivos, e quem fica vivo leva a culpa. Esta é a regra de coisas como esta. Injusta, mas o que se há de fazer?

Ontem de manhã Walter apareceu, para ajeitar as coisas para a primavera. É o que ele chama da rotina de consertos domésticos, que ele faz para mim todos os anos. Ele trouxe sua caixa de ferramentas, sua serra elétrica, sua furadeira elétrica: ele adora andar zumbindo como se fosse parte de um motor.

Ele depositou todas essas ferramentas na varanda dos fundos, depois examinou o lado de fora da casa. Quando voltou, tinha uma expressão satisfeita. — Está faltando uma tábuia na cerca do jardim — ele disse. — Posso colocá-la hoje e pintá-la quando estiver seca.

— Ah, não se incomode — eu digo, como faço todo ano. — Está tudo caindo aos pedaços, mas vai durar mais do que eu.

Walter ignora isso, como sempre. — Os degraus da frente também — ele diz. — Precisam de pintura. Um deles tinha de ser retirado e substituído por um novo. Se você deixar ficar muito velho, a água entra e ele apodrece. Talvez uma mão de tinta na varanda, é melhor para a madeira. Nós podíamos colocar uma cor diferente na beirada dos degraus, para as pessoas poderem enxergar melhor. Do jeito que está alguém pode cair e se machucar. — Ele usa *nós* por cortesia e quando diz *alguém* está se referindo a mim. — Eu posso colocar esse degrau novo ainda hoje.

— Você vai ficar todo molhado — eu digo. — O canal do tempo anunciou mais chuva.

— Não, o tempo vai clarear. — Ele nem olhou para o céu.

Walter saiu para comprar o material — algumas tábuas de madeira, eu acho e eu passei este intervalo reclinada no sofá da sala, como uma heroína de novela que foi esquecida nas páginas do seu próprio livro e abandonada ali para amarelecer e mofar e se desfazer como o próprio livro.

Uma imagem mórbida, Myra diria.

Que outra coisa você sugere?, eu responderia.

O fato é que o meu coração tem pintado o sete de novo. *Pintado o sete*, uma expressão peculiar. É o que as pessoas dizem para minimizar a gravidade do seu estado. Isto dá a entender que a parte afetada (coração, estômago, fígado, seja lá o que for) é uma criança levada, que pode ser posta na linha com um tapa ou um grito.

Ao mesmo tempo, que esses sintomas — tremores, dores, palpitações — são meras encenações, e que o órgão em questão vai logo parar de se mostrar e retomar sua existência plácida, fora da ribalta.

O médico não está satisfeito. Ele tem resmungado a respeito de exames e ultra-sonografias, e viagens a Toronto onde os especialistas espreitam, os poucos que não fugiram em busca de campos mais verdes. Ele mudou minha medicação, acrescentou mais uns comprimidos ao arsenal. Ele sugeriu até mesmo a possibilidade de uma operação.

O que isto envolveria, eu perguntei, e de que adiantaria? Na verdade, o risco era grande e o resultado pequeno. Ele desconfia que

seria necessário colocar uma unidade nova — termo usado por ele, como se estivesse falando de uma máquina de lavar louça. Além disso, eu precisaria ficar na fila, esperando pela unidade de alguém que não precisasse mais dela. Falando numa linguagem clara, o coração de outra pessoa, arrancado de algum jovem: você não ia querer instalar um traste velho, encarquilhado, como o que você pretendia jogar fora. O que você quer é algo novo e fresco.

Mas quem sabe onde eles conseguem essas coisas? De crianças de rua da América Latina, é o que eu acho; pelo menos este é o boato mais paranóico. Corações roubados, corações comprados no mercado negro, arrancados do meio de costelas quebradas, quentes e ensangüentados, ofertados ao falso deus. O que é o falso deus? Somos nós. Nós e nosso dinheiro. Era o que Laura diria. *Não toque nesse dinheiro*, Reenie diria. *Você não sabe de onde ele veio*.

Será que eu conseguiria viver em paz sabendo que estava carregando o coração de uma criança morta?

Mas se não for isso, qual é a alternativa?

Por favor, não confunda esta ansiedade incoerente com estoicismo. Eu tomo meus remédios, faço minhas caminhadas, mas não há nada que possa fazer para evitar a angústia.

Depois do almoço — uma fatia de queijo duro, um copo de leite de aspecto duvidoso, uma cenoura murcha, uma vez que esta semana Myra falhou na sua tarefa de suprir a minha geladeira — Walter voltou. Ele mediu, serrou, martelou, depois bateu na porta dos fundos para dizer que sentia muito pelo barulho, mas que agora estava tudo no jeito.

— Fiz café para você — eu disse. Este é um ritual próprio do mês de abril. Será que eu o havia queimado desta vez? Não importa. Ele estava acostumado com o de Myra.

— Eu aceito um pouco. — Ele tirou as botas de borracha com cuidado e deixou-as na varanda. Myra o havia ensinado bem, ele não tem permissão para largar o que ela chama de *sua sujeira* no que ela chama de *seus tapetes*. Depois ele foi andando na ponta das meias gigantescas pelo chão da cozinha que, graças à enérgica escovação e polimento da faxineira de Myra, está agora escorregadio e traiçoeiro como uma geleira. Ele costumava ter uma camada protetora, feita do acúmulo de pó e sujeira, que parecia cola, mas agora não tinha mais. Eu devia mandar cobri-lo de areia grossa para evitar cair e me machucar.

Ver Walter andar na ponta dos pés já era uma distração — um elefante pisando em ovos. Ele alcançou a mesa da cozinha e colocou sobre ela suas luvas de couro amarelo, como duas patas extras, gigantescas.

— Luvas novas — eu disse. Elas eram tão novas que quase brilhavam. Não tinham um único arranhão. — Foi Myra quem comprou. Um cara perto de casa arrancou as pontas dos dedos com uma serra tico-tico e ela ficou toda preocupada, com medo de que eu fizesse o mesmo ou algo pior. Mas o cara é um cretino, se mudou de Toronto para cá, não devia ter permissão para mexer com serras, correu o risco de arrancar a própria cabeça com uma delas, o que não seria uma grande perda para o mundo. Eu disse a ela, você tem de ser muito babaca para fazer uma coisa dessas, e de qualquer maneira eu não tenho uma serra tico-tico. Mas ela me obriga a usar esta maldita coisa assim mesmo. Toda vez que eu saio pela porta, ela

grita: Ei, ei, não esqueça as luvas.

— Você poderia perdê-las — eu disse.

— Não adianta, ela compraria outras — ele disse sombriamente.

— Deixe-as aqui. Diga que você esqueceu e que volta para buscar mais tarde. E aí não vem buscar. — Eu imaginei a mim mesma, durante minhas noites solitárias, segurando uma das mãos vazias, de couro, de Walter. Seria uma espécie de companhia para mim. Patético. Talvez eu devesse comprar um gato, ou um cachorro pequeno. Algo afetuoso e não crítico e peludo — um ser vivo, para me ajudar a manter minha vigília à noite. Nós precisamos da confusão dos mamíferos: excesso de solidão faz mal à vista.

Mas se eu comprasse um bicho desses, ia acabar tropeçando nele e quebrando o pescoço.

A boca de Walter tremeu, as pontas dos seus dentes superiores apareceram: era um sorriso. — Cabeças inteligentes pensam igual, hem? — ele disse. — Quem sabe você não pode jogar estas porcarias no lixo, por engano, de propósito?

— Walter, você é um velhaco — eu disse. Walter abriu mais o sorriso, colocou cinco colheres de açúcar no café, bebeu-o, depois colocou as duas mãos sobre a mesa e ergueu-se como um obelisco içado por cordas. Ao vê-lo fazer este movimento, eu de repente tive uma premonição de qual seria o seu último ato com relação a mim: ele iria segurar uma das alças do meu caixão.

Ele também sabe disto. Ele está à espera. Não é por acaso que é um faz tudo. Ele não vai fazer um escândalo, não vai me deixar cair, vai tomar cuidado para que eu viaje nivelada, na horizontal, nesta minha última viagem. "Lá vai ela subindo", ele vai dizer. E eu subirei.

Lúgubre. Eu sei disso; e sentimental também. Mas, por favor, tenha paciência comigo. Aos moribundos permite-se uma certa liberdade, como se faz com as crianças no dia do seu aniversário.

Fogo caseiro

Na noite passada eu assisti ao noticiário da televisão. Eu não devia fazer isso, é ruim para a digestão. Está havendo outra guerra em algum lugar, o que eles chamam de guerra secundária, embora evidentemente ela não seja secundária para as pessoas apanhadas no meio dela. Essas guerras têm todas um jeito semelhante — os homens com roupas camufladas e cachecóis cobrindo a boca e o nariz, os rolos de fumaça, os prédios bombardeados, os civis chorando, desesperados. Mães infindáveis carregando infindáveis crianças inertes, seus rostos sujos de sangue; infindáveis velhos desnorteados. Eles arrastam os homens jovens e os matam, com a intenção de evitar qualquer vingança, como os gregos fizeram em Tróia. Se bem me lembro, esta também foi a desculpa que Hitler usou para matar os bebês judeus.

As guerras irrompem e terminam, mas aí acontece uma explosão em outro lugar. Casas são rachadas ao meio como cascas de ovo, seu conteúdo incendiado ou saqueado ou selvagemmente destruído; refugiados são bombardeados por aviões. Em um milhão de porões, os rostos surpresos de famílias reais fitam o pelotão de fuzilamento; as pedras preciosas costuradas em seus corpetes não irão salvá-las. Tropas de Herodes patrulham mil ruas; logo ali ao lado, Napoleão foge levando a prataria. No dia seguinte à invasão, qualquer invasão, as valas estão cheias de mulheres estupradas. Para ser justa, de homens estuprados também. Crianças estupradas, cachorros e gatos estuprados. Situações podem fugir ao controle.

Mas não aqui; não neste fim de mundo manso e tedioso; não em Port Ticonderoga, apesar de haver um drogado ou dois nos parques, apesar de um ou outro assalto, apesar de uma vez ou outra aparecer um cadáver boiando na correnteza. Nós nos entrincheiramos aqui, fazemos o nosso lanchinho antes de ir para a cama, espiamos o mundo como se fosse através de uma janela secreta e, quando estamos cheios dele, nós o desligamos. *Chega de século XX*, nós dizemos, enquanto subimos a escada. Mas existe um rugido ao longe, como uma onda gigantesca dirigindo-se para a praia. Lá vem o século XXI, movendo-se pelo espaço como uma espaçonave cheia de impiedosos alienígenas de olhos de lagarto ou como um pterodáctilo de metal. Mais cedo ou mais tarde ele irá farejar-nos, irá arrancar os telhados das nossas frágeis tocas com suas garras de ferro, e aí nós estaremos tão nus e famintos e gelados e doentes e desesperados quanto o resto.

Desculpe essa digressão. Na minha idade, costuma-se ter estas visões apocalípticas. Você diz: *O fim do mundo está chegando*. Você mente para si mesma *Ainda bem que eu não vou estar aqui para ver isso*, quando de fato você adoraria estar, desde que pudesse assistir a ele da sua janela secreta, desde que não precisasse envolver-se. Mas para que se preocupar com o fim do mundo? Todo dia é o fim do mundo para alguém. O tempo vai subindo e, quando chega na altura dos seus olhos, você se afoga.

O que aconteceu depois? Por alguns instantes eu perco o fio da meada, custo a me lembrar, mas depois lembro. Foi a guerra, é claro. Nós não estávamos preparados para ela, mas ao mesmo tempo sabíamos que tínhamos estado lá antes. Era o mesmo abatimento, o abatimento que chegava como uma névoa, o abatimento no qual eu

nasci.

Como então, tudo adquiriu uma ansiedade nervosa — as cadeiras, as mesas, as ruas e os postes de luz, o céu, o ar. Da noite para o dia, porções inteiras do que era considerado a realidade simplesmente desapareceram. É isto que acontece quando há uma guerra.

Mas você é jovem demais para lembrar que guerra é esta a que me refiro. Toda guerra é *a guerra* para quem conviveu com ela. A que eu estou me referindo começou em setembro de 1939, e foi até... bem, isto está nos livros de História. Você pode procurar.

Mantenha aceso o fogo caseiro, era um dos velhos *slogans* da guerra. Sempre que eu escutava isso, eu costumava imaginar um bando de mulheres descabeladas, com olhos faiscantes, andando furtivamente, sozinhas ou em pares, ao luar, e pondo fogo em suas casas.

Nos meses anteriores ao início da guerra, meu casamento com Richard já estava indo por água abaixo, embora se possa dizer que ele naufragou desde o início. Eu tive um aborto e depois outro. Richard, por sua vez, teve uma amante e depois outra, pelo menos eu desconfiei disto — inevitável (Winifred diria depois) —, considerando a fragilidade da minha saúde e os ímpetos de Richard. Os homens tinham ímpetos, naquela época; eles eram numerosos, esses ímpetos; eles viviam escondidos nas fendas e buracos escuros do corpo de um homem, e de vez em quando ganhavam força e atacavam, como uma praga de ratos. Eles eram tão espertos e fortes que como se podia esperar que um homem pudesse dominá-los?

Esta era a doutrina segundo Winifred, e para ser justa — para muitas outras pessoas também.

Essas amantes de Richard eram (eu presumia) suas secretárias — sempre muito jovens, sempre bonitas, sempre decentes. Ele as contratava novas em folha, de qualquer escola que as produzisse. Por algum tempo, elas me tratavam com uma condescendência nervosa sempre que eu ligava para ele no escritório. Elas também eram encarregadas de comprar presentes para mim, e de encomendar flores. Ele gostava que elas conhecessem bem suas prioridades: eu era a esposa oficial, e ele não tinha a menor intenção de se divorciar de mim. Homens divorciados não se tornavam líderes de seus países, não naquele tempo. Esta situação me dava um certo poder, mas só era poder se eu não o exercitasse. De fato, só era poder se eu fingisse não saber de nada. A ameaça que pairava sobre ele era que eu pudesse descobrir, que eu pudesse revelar o que já era um segredo público, e libertar todo o tipo de demônios.

Se eu ligava? De certa maneira, sim. Mas meio pão é melhor do que nada, eu dizia a mim mesma, e Richard era apenas uma espécie de pão. Ele era o pão servido na mesa, para mim e para Aimee. *Mostre-se superior a isso*, Reenie costumava dizer, e eu tentava. Eu tentava ficar superior, chegar até o céu, como um balão fugitivo, e às vezes conseguia.

Eu ocupava o meu tempo, havia aprendido a fazer isso. Eu estava me dedicando intensamente à jardinagem agora, e estava começando a obter alguns resultados. Nem tudo morria. Eu tinha planos para um jardim de plantas perenes de sombra.

Richard mantinha as aparências. E eu também. Nós íamos a

coquetéis e jantares, entrávamos e saíamos juntos, ele segurando o meu cotovelo. Nós fazíamos questão de tomar um ou dois drinques antes do jantar, ou três; eu estava começando a gostar demais de gim, nesta ou naquela combinação, mas não me aproximava demais do precipício, uma vez que conseguia sentir os dedos dos pés e conter a língua. Nós ainda estávamos deslizando na superfície das coisas — no gelo fino das boas maneiras, que esconde o lago escuro que existe embaixo: quando ele derrete, você afunda.

Meia vida é melhor do que nenhuma.

Eu falhei em dar uma idéia clara de Richard. Ele permanece uma figura de papelão recortado. Eu sei disso. Não consigo descrevê-lo com fidelidade, não consigo um foco adequado, ele está borrado, como um rosto num jornal velho e molhado. Até mesmo na época, ele me dava a impressão de ser, ao mesmo tempo, menor e maior do que era na realidade. Isto decorria do fato de ele ter muito dinheiro, muita presença no mundo — você ficava tentada a esperar mais do que ele tinha para dar na realidade e, portanto, o que era normal nele parecia ser uma deficiência. Ele era impiedoso, mas não como um leão; muito mais como um grande roedor. Ele cavava túneis no subsolo; ele matava as coisas devorando suas raízes.

Ele tinha os meios para fazer grandes gestos, para executar atos de grande generosidade, mas nunca fez nenhum. Ele tornara-se uma estátua de si mesmo: enorme, pública, imponente, oca.

Ele não era grande demais para os seus sapatos, pelo contrário, era pequeno demais para eles. Em resumo, é isto.

No início da guerra, Richard se viu em palpos de aranha. Ele havia ficado muito íntimo dos alemães ao negociar com eles, havia demonstrado grande admiração por eles em seus discursos. Como muitos dos seus pares, ele fechara os olhos às suas brutais violações da democracia; uma democracia que muitos dos nossos líderes haviam declarado inexequível, mas que agora estavam decididos a defender.

Richard também estava prestes a perder um bocado de dinheiro, uma vez que não podia mais negociar com aqueles que, da noite para o dia, tinham se transformado no inimigo. Ele teve de fazer algumas tramóias, algumas bajulações, o que não era muito do feitio dele, mas ele fez assim mesmo. Ele conseguiu salvar a cara e ainda recuperar o prestígio — bem, ele não era o único que tinha as mãos sujas, então era melhor que outros não apontassem para ele seus dedos igualmente manchados — e em pouco tempo suas fábricas estavam trabalhando a pleno vapor para o esforço de guerra, e ninguém era mais patriota do que ele. Então, não contou ponto contra ele quando a Rússia entrou na guerra do lado dos aliados e Stalin tornou-se, subitamente, o tio adorável de todo mundo. É verdade que Richard havia discursado muito contra os comunistas, mas isso fora em outro momento. Tudo fora varrido para baixo do tapete, porque não era verdade que os inimigos do seu inimigo são seus amigos?

Enquanto isso, eu me arrastava ao longo dos dias, não como era de hábito — a rotina havia sido alterada —, mas o melhor que podia. *Obstinada* é a palavra que eu usaria hoje para descrever a mim mesma na época. Ou então *entorpecida*. Não havia mais festas ao ar livre para enfrentar, nem meias de seda, a não ser no mercado negro.

A carne estava racionada, assim como a manteiga e o açúcar: se você quisesse mais algum desses itens, mais do que estava reservado para cada pessoa, era importante estabelecer alguns contatos. Nada de viagens transatlânticas em navios luxuosos — o *Queen Mary* havia se tornado um navio de transporte de tropas. O rádio deixou de ser uma orquestra portátil e se transformou num oráculo frenético; toda noite eu o ligava para ouvir as notícias, que a princípio eram sempre ruins.

A guerra se arrastava como um motor incansável. Aquela tensão, aquele pavor constante exauriam as pessoas. Era como ouvir alguém rangendo os dentes pouco antes de o dia amanhecer, enquanto você ficava deitada, sem conseguir dormir, noite após noite.

Houve algumas vantagens, no entanto. O sr. Murgatroyd deixou-nos para se alistar. Foi então que eu aprendi a dirigir. Eu assumi a direção de um dos carros, acho que foi o Bentley, e Richard registrou-o no meu nome — isto nos dava direito a mais gasolina. (A gasolina era racionada, é claro, embora fosse menos racionada para gente como Richard.) Isto me deu mais liberdade, embora fosse uma liberdade que já não adiantava muito para mim.

Eu peguei uma gripe, que se transformou em bronquite — todo mundo teve gripe naquele inverno. Levei meses para me livrar dela. Eu passava um bocado de tempo na cama, me sentindo triste. Eu tossia sem parar. E não ia mais assistir aos cinejornais — os discursos, as batalhas, os bombardeios e as devastações, as vitórias, até as invasões. Tempos agitados, segundo diziam, mas eu havia perdido o interesse.

O final da guerra se aproximava. Estava cada vez mais perto. E então aconteceu. Eu me lembrei do silêncio depois que a última

guerra tinha acabado, e em seguida do som dos sinos tocando. Fora em novembro, havia gelo nas ruas, e agora era primavera. Houve paradas. Houve manifestos. Soaram cometas.

No entanto, não foi assim tão fácil terminar a guerra. Uma guerra é como um grande incêndio, as cinzas dele voam para muito longe e se depositam muito lentamente.

Diana Sweets

Hoje eu andei até a ponte Jubileu, depois fui até a loja de *donuts*, onde comi quase um terço de um doce de laranja. Um grande naco de farinha e gordura, espalhando-se pelas minhas artérias como lodo.

Depois eu fui até o banheiro. Alguém estava no cubículo do meio, então eu esperei, evitando o espelho. A idade deixa a sua pele mais fina; você pode ver as veias, os tendões. Ela também incha. É difícil voltar ao que se era antes quando não havia uma casca.

Finalmente a porta abriu e saiu uma garota — uma garota morena, com roupas escuras, os olhos rodeados de fuligem. Ela deu um gritinho, depois uma risada. — Desculpe — ela disse —, eu não vi a senhora aí, levei um susto. — O sotaque dela era estrangeiro, mas ela pertencia àquele lugar: tinha a nacionalidade dos jovens. Eu é que sou a estranha agora.

A mensagem mais recente havia sido escrita em *pilot* dourado: *Você não chega ao Paraíso sem Jesus*. Os críticos já tinham estado em ação: *Jesus* fora riscado e *Morte*, escrito por cima, em preto.

E mais abaixo, em verde: *O Paraíso é um grão de areia. Blake*.

E mais abaixo, em laranja: *O Paraíso fica no planeta Xenor. Laura Chase*.

Outra citação malfeita.

A guerra terminou oficialmente na primeira semana de maio — quer

dizer, a guerra na Europa. Que era a única parte dela que teria importado a Laura.

Uma semana depois, ela telefonou. Ela ligou de manhã, uma hora depois do café, quando devia saber que Richard não estaria em casa. Eu não reconheci a sua voz, eu havia desistido de esperar que ela aparecesse. Pensei, a princípio, que fosse da parte do meu costureiro.

— Sou eu — ela disse.

— Onde você está? — eu disse cautelosamente. Preciso lembrar que nessa época ela era um fator desconhecido para mim — talvez de estabilidade questionável.

— Eu estou aqui — ela disse. — Na cidade. — Ela não quis dizer-me onde estava hospedada, mas mencionou uma esquina onde eu poderia apanhá-la mais tarde naquele dia.

Então podemos tomar um chá juntas, eu disse. Diana Sweets, era onde eu pretendia levá-la. Era seguro, reservado, freqüentado principalmente por mulheres; eu era conhecida lá. Eu disse que iria de carro.

— Ah, você tem um carro agora?

— Mais ou menos. — Eu o descrevi.

— Está parecendo mais uma carroça — ela disse brincando.

Laura estava parada na esquina da King com Spadina, exatamente onde disse que estaria. Aquele não era um bairro muito agradável, mas ela não pareceu se incomodar com isso. Eu buzinei, e ela acenou e depois entrou no carro. Eu me inclinei e beijei-a no rosto. Na

mesma hora eu me senti uma traidora.

— Não posso acreditar que você esteja mesmo aqui — eu disse.

— Mas aqui estou eu.

De repente, eu estava quase chorando; ela parecia despreocupada. Mas seu rosto estava muito frio. Frio e magro.

— Espero que você não tenha dito nada a Richard — ela disse. — Sobre eu estar aqui. Nem a Winifred — ela acrescentou —, porque é a mesma coisa.

— Eu não faria isso — eu disse. Ela não disse nada.

Como eu estava dirigindo, não podia olhar diretamente para ela. Para isso, tive de esperar até estacionar o carro, andarmos até o Diana Sweets e nos sentarmos uma em frente à outra. Finalmente, eu pude olhar bem para ela.

Ela era e não era a Laura de quem eu me lembrava. Mais velha, é claro nós duas estávamos mais velhas —, mas mais do que isso. Ela estava vestida de forma correta, e até austera, com um vestido azul-claro com corpete pregueado e botõezinhos na frente; seu cabelo estava puxado para trás num coque severo. Ela parecia murcha, encolhida sobre si mesma, desbotada, mas ao mesmo tempo translúcida — como se pontinhos de luz estivessem saindo pela sua pele, vindos de dentro, como se espinhos de luz estivessem saindo de dentro dela formando uma aura pontilhada, como um cardo olhado contra o sol. É um efeito difícil de descrever. (Você não deve se fiar muito nisso: meus olhos já estavam falhando, eu já precisava de óculos, embora não soubesse. A luz difusa em volta de Laura pode ter sido simplesmente um defeito de visão.)

Nós fizemos nossos pedidos. Ela preferiu café em vez de chá. O café não é bom, eu avisei a ela, não se consegue um bom café num lugar destes por causa da guerra.

Mas ela disse: — Eu estou acostumada a tomar café ruim.

Houve um silêncio. Eu não sabia por onde começar. Eu ainda não estava pronta para perguntar o que ela estava fazendo em Toronto. Onde ela estivera todo este tempo? Eu perguntei. O que ela tinha feito?

— A princípio fiquei em Avilion — ela disse.

— Mas a casa estava fechada! — Ela ficara fechada durante toda a guerra. Nós passamos anos sem ir lá. — Como foi que você conseguiu entrar?

— Ah, você sabe — ela disse. — Nós sempre conseguíamos entrar quando queríamos.

Eu me lembrei do tubo de carvão, da fechadura duvidosa de uma das portas do porão. Mas tudo isso havia sido consertado há muito tempo. — Você arrombou uma janela?

— Não foi preciso. Reenie tinha uma chave — ela disse. — Mas não vai contar.

— A fornalha não devia estar funcionando. Não pode ter havido nenhum aquecimento — eu disse.

— Não havia — ela disse. — Mas havia um monte de camundongos.

O nosso café chegou. Ele tinha gosto de migalha de torrada queimada e de chicória assada, o que não era de espantar, porque era isso que colocavam nele. — Você quer um bolo ou algo assim? — Eu

disse. — O bolo daqui não é ruim. — Ela estava tão magra que eu achei que um bolo faria bem a ela.

— Não, obrigada.

— E depois, o que foi que você fez?

— Eu fiz vinte e um anos, daí pude receber algum dinheiro, de papai. Então eu fui para Halifax.

— Halifax? Por que Halifax?

— Era onde os navios atracavam.

Eu não insisti no assunto. Havia um motivo por trás disto; em se tratando de Laura, sempre havia; era um motivo que eu não queria ouvir. — Mas o que você *fazia* lá?

— Uma coisa e outra — ela disse. — Eu procurei ser útil. — E isso foi tudo o que ela disse a respeito. Imagino que tenha sido uma sopa dos pobres ou o equivalente. Limpar latrinas num hospital, esse tipo de coisa. — Você não recebeu as minhas cartas? De Bella Vista? Reenie disse que você não recebeu.

— Não — eu disse. — Eu nunca recebi carta nenhuma.

— Imagino que eles as tenham roubado. E eles não deixaram você telefonar, nem me visitar?

— Eles disseram que ia ser ruim para você.

Ela riu um pouco. — Ia ser ruim *para você* — ela disse. — Você não devia ficar lá, naquela casa. Você não devia ficar com *ele*. Ele é muito mau.

— Eu sei que você sempre achou isso, mas o que mais eu posso fazer? — eu disse. — Ele jamais me daria o divórcio. E eu não tenho

dinheiro.

— Isso não é desculpa.

— Talvez não para você. Você tem o seu fundo, que papai deixou, mas eu não tenho nada. E quanto a Aimee?

— Você podia levá-la com você.

— Falar é fácil. Talvez ela não quisesse vir. Ela é muito agarrada com Richard, se você quer saber.

— E por quê? — disse Laura.

— Ele a paparica. Dá presentes para ela.

— Eu escrevi para você de Halifax — Laura disse, mudando de assunto.

— Eu nunca recebi essas cartas também.

— Imagino que Richard lê a sua correspondência — disse Laura.

— Imagino que sim — eu disse. A conversa estava tomando um rumo que eu não imaginara. Eu tinha achado que eu iria consolar Laura, sentir pena dela, ouvir uma história triste, mas em vez disso ela estava me fazendo preleções. Com que facilidade nós tínhamos assumido os nossos velhos papéis.

— O que foi que ele lhe contou a meu respeito? Sobre ter me colocado naquele lugar?

As cartas tinham sido postas na mesa. Aquela era a encruzilhada: ou Laura estivera maluca ou Richard havia mentido. Eu não podia acreditar nas duas coisas. — Ele me contou uma história — eu disse evasivamente.

— Que tipo de história? Não se preocupe, eu não vou ficar

zangada. Eu só quero saber.

— Ele disse que você estava... bem, mentalmente perturbada.

— Naturalmente. Ele diria mesmo isso. E o que mais ele disse?

— Ele disse que você achava que estava grávida, mas que era apenas um delírio.

— Eu *estava* grávida — Laura disse. — A questão era justamente essa. Foi por isso que eles me tiraram de circulação com tanta pressa. Ele e Winifred, eles estavam apavorados. A desgraça, o escândalo, você pode imaginar o que eles acharam que isto faria com as chances dele.

— Sim, eu posso imaginar. — Eu podia mesmo imaginar, o telefonema do médico, o pânico, a confabulação apressada entre os dois, o plano de emergência. Depois a outra versão dos acontecimentos, a versão falsa, fabricada só para mim. Normalmente eu era bem dócil, mas eles deviam saber que havia um limite. Eles devem ter tido medo do que eu seria capaz de fazer caso este limite fosse ultrapassado.

— De qualquer maneira, eu não tive o bebê. Essa é uma das coisas que eles fazem em Bella Vista.

— Uma das coisas? — Eu estava me sentindo uma completa idiota.

— Além da rotina de sempre, quer dizer, das pílulas e das máquinas. Eles fazem extrações — ela disse. — Eles a apagam com éter, como no dentista. Depois tiram os bebês. Depois dizem que você inventou tudo. Então, quando você os acusa de terem feito isto, eles dizem que você é um perigo para si mesma e para os outros.

Ela estava tão calma, tão plausível. — Laura — eu disse. — Você tem certeza? Quer dizer, quanto ao bebê. Você tem certeza de que havia mesmo um bebê?

— É claro que eu tenho certeza — ela disse. — Por que eu inventaria uma coisa dessas?

Ainda havia lugar para dúvidas, mas desta vez eu acreditei em Laura. Como foi que isso aconteceu? Quem era o pai? — Uma coisa dessas exigia que se falasse murmurando.

— Se você ainda não sabe, acho que não devo contar — disse Laura.

Eu supus que devia ser Alex Thomas. Alex era o único homem pelo qual Laura havia manifestado algum tipo de interesse — quer dizer, além de papai e de Deus. Eu detestava ser obrigada a cogitar esta possibilidade, mas não havia outra escolha. Eles deviam encontrar-se naqueles dias em que ela faltava à escola, quando estava naquela primeira escola em Toronto, e depois mais tarde, quando já não estava mais freqüentando a escola; quando ela estava, supostamente, distraindo mendigos decrepitos no hospital, usando o seu aventalzinho afetado e santarrão, e mentindo o tempo todo. Não há dúvida de que ele deve ter gostado do aventalzinho, aquele era o tipo de toque extravagante que o teria atraído. Talvez este fosse o motivo de ela ter saído do colégio — para se encontrar com Alex. Ela estava com quantos anos quinze, dezesseis? Como é que ele pôde fazer uma coisa dessas?

— Você estava apaixonada por ele? — eu disse.

— Apaixonada? — Laura disse. — Por quem?

— Por... você sabe. — Eu não consegui dizer o nome dele.

— Ah, não — disse Laura —, de jeito nenhum. Foi horrível, mas eu fui obrigada a fazer aquilo. Eu tive de fazer o sacrifício. Tive de suportar a dor e o sofrimento. Foi isso que eu prometi a Deus. Eu sabia que se fizesse isso estaria salvando Alex.

— Mas o que é que você quer dizer com isso? — A minha recente confiança na sanidade de Laura estava desmoronando: nós estávamos de volta à sua doida metafísica. — Salvando Alex de quê?

— De ser preso. Eles o teriam fuzilado. Callie Fitzsimmons sabia onde ele estava e ela contou. Ela contou a Richard.

— Eu não posso acreditar nisso.

— Callie era uma informante — disse Laura. — Foi isso o que Richard disse, ele disse que Callie o mantinha *informado*. Lembra quando ela foi presa e Richard conseguiu soltá-la? Foi por isso que ele a ajudou. Ele cobrou isso dela.

Eu achei aquela história inteiramente fantástica. E também monstruosa, embora houvesse uma leve, muito leve, possibilidade de que fosse verdadeira. Mas neste caso, Callie deve ter mentido. Como é que ela ia saber onde Alex estava? Ele se mudava o tempo todo. Mas ele deve ter mantido contato com Callie. Ele deve ter feito isso. Ela era uma das pessoas em que ele poderia ter confiado.

— Eu cumpri a minha parte no acordo — disse Laura —, e funcionou. Deus não trapaceia. Mas, então, Alex partiu para a guerra. Quer dizer, depois que ele voltou da Espanha. Foi isso o que Callie disse, ela me contou.

Eu não estava conseguindo entender nada. Estava completamente tonta.

— Laura — eu disse —, por que você veio aqui?

— Porque a guerra acabou — Laura explicou pacientemente — e Alex em breve estará de volta. Se eu não viesse para cá, ele não saberia onde me encontrar. Ele não saberia nada sobre Bella Vista, ele não saberia que eu fui para Halifax. O único endereço meu que ele tem é o seu. Ele vai dar um jeito de me enviar uma mensagem. — Ela tinha aquela confiança cega, irritante, do verdadeiro crente.

Eu tive vontade de sacudi-la. Fechei os olhos por alguns instantes. Eu vi o lago de Avilion, a ninfa de pedra banhando o pé; eu vi o sol muito quente refletindo nas folhas verdes no dia seguinte ao enterro de mamãe. Eu sentia um enjôo no estômago, tinha comido bolo demais. Laura estava sentada ao meu lado na pedra, cantarolando para si mesma, segura na convicção de que tudo estava bem e de que os anjos estavam do seu lado, porque ela havia feito algum pacto secreto, maluco, com Deus.

Meus dedos formigaram de ódio. Eu sabia o que havia acontecido em seguida. Eu a havia empurrado lá de cima.

Agora eu estou chegando na parte que ainda me atormenta. Na parte em que eu devia ter mordido a língua, ter ficado de boca fechada. Por amor, eu devia ter mentido, ou ter dito alguma outra coisa: qualquer coisa, menos a verdade. *Nunca acorde um sonâmbulo*, Reenie costumava dizer. *O choque pode matá-lo*.

— Laura, eu odeio ser obrigada a dizer-lhe isto — eu disse —, mas o que quer que você tenha feito, não salvou Alex. Alex está morto. Ele morreu na guerra, seis meses atrás. Na Holanda.

A luz em volta dela empalideceu. Ela ficou muito branca. Foi

como ver um pedaço de cera esfriar.

— Como é que você sabe?

— Eu recebi o telegrama — eu disse. — Eles o mandaram para mim. Ele me indicou como sendo o parente mais próximo. — Mesmo aí eu poderia ter mudado o rumo; eu poderia ter dito: *Deve ter havido algum erro, o telegrama devia ter sido endereçado a você.* Mas eu não disse isso. O que eu disse foi: — Foi muito indiscreto da parte dele. Ele não deveria ter feito isso, por causa de Richard. Mas ele não tinha família, e nós havíamos sido amantes, você sabe, em segredo, durante bastante tempo, e ele não tinha mais ninguém no mundo.

Laura não disse nada. Ela simplesmente olhou para mim. Ela olhou através de mim. Deus sabe o que foi que ela viu. Um navio afundando, uma cidade em chamas, uma facada pelas costas. Entretanto, eu reconheci aquele olhar: era o olhar que ela tinha no dia em que quase se afogou no rio Louveteau, no momento em que estava afundando — aterrorizado, gelado, arrebatado. Brilhante como aço.

Logo em seguida ela se levantou, se debruçou sobre a mesa e pegou a minha bolsa, rápida e quase delicadamente, como se ela contivesse algo frágil. Então ela se virou e saiu do restaurante. Eu não tentei impedi-la. Eu fui apanhada de surpresa, e quando consegui sair da cadeira, Laura já tinha ido embora.

Houve alguma confusão por causa da conta — o único dinheiro que eu tinha estava na bolsa que a minha irmã havia levado por engano —, eu expliquei. Eu prometi reembolsá-los no dia seguinte. Depois de ter resolvido isto, eu fui quase correndo até onde tinha

estacionado o meu carro. Ele não estava mais lá. A chave do carro também estava dentro da minha bolsa. Eu não sabia que Laura havia aprendido a dirigir.

Eu caminhei diversos quarteirões, inventando histórias. Eu não podia contar a Richard e a Winifred o que tinha realmente acontecido com o meu carro: isto seria usado contra Laura. Eu ia dizer que o carro tinha enguiçado e que eu o havia mandado rebocar para uma oficina, e que eles tinham chamado um táxi para mim, e que quando cheguei em casa, eu reparei que havia esquecido a bolsa dentro do carro. Não tem problema, eu ia dizer, amanhã de manhã eu resolvo isso.

Aí eu chamei mesmo um táxi. A sra. Murgatroyd ia estar em casa para abrir a porta para mim e para pagar o táxi.

Richard não jantou em casa. Ele estava em algum clube, comendo uma comida horrível e fazendo um discurso. Ele estava trabalhando muito agora, estava perto de alcançar o seu objetivo. Este objetivo — eu sei agora — não era apenas riqueza ou poder. O que ele queria era respeito — respeito, apesar de ser um novo-rico. Ele desejava ardentemente isso; ele queria empunhar o respeito, não só como se fosse um martelo, mas como se fosse um cetro. Esses desejos não são desprezíveis em si mesmos.

Este clube específico era exclusivo para homens; senão, eu também estaria lá, sentada no fundo da sala, sorrindo, aplaudindo no final. Nestas ocasiões, eu costumava dar folga à babá de Aimee e eu mesma a colocava para dormir. Dava banho nela, lia uma história para ela, depois a acomodava na cama. Nessa noite ela custou muito a dormir; ela deve ter percebido que eu estava preocupada com

alguma coisa. Eu me sentei ao lado dela, segurando sua mão e acariciando sua testa, e fiquei olhando pela janela até ela dormir.

Para onde Laura teria ido, onde estaria hospedada, o que ela teria feito com o meu carro? Como eu poderia encontrá-la, o que eu poderia dizer para endireitar as coisas?

Um besouro estava batendo na janela, atraído pela luz. Ele batia no vidro como se fosse uma cabra cega. Ele parecia zangado, e contrariado, e também desamparado.

Escarpa

Hoje meu cérebro deu um branco de repente, como se estivesse coberto de neve. Não foi o nome de alguém que desapareceu — isso não é tão incomum assim —, mas uma palavra, que virou de cabeça para baixo e se esvaziou de sentido como um copo de papel atirado no ar.

Esta palavra foi *escarpa*. Por que foi que eu me lembrei dela? *Escarpa*, *escarpa*, eu repeti, possivelmente em voz alta, mas nenhuma imagem se formou em minha mente. Seria um objeto, uma atividade, um estado de espírito, um defeito físico?

Nada. Vertigem. Eu cambaleei na beira do precipício, agarrei o ar. No fim, recorri ao dicionário. *Escarpa*, talude de um fosso junto de um parapeito, ou então ladeira íngreme, alcantilada.

No princípio, era o verbo, nós acreditamos um dia. Será que Deus sabia o quanto a palavra podia ser frágil? O quanto podia ser tênue, como podia ser apagada tão casualmente?

Talvez isto é o que tenha acontecido com Laura — o que a tenha literalmente empurrado para o abismo. As palavras nas quais ela havia confiado, construindo seu castelo de cartas sobre elas, acreditando que fossem sólidas, tinham desabado e mostrado a ela que eram ocas e vazias, e depois tinham voado para longe dela como papéis velhos.

Deus. Confiança. Sacrifício. Justiça.

Fé. Esperança. Amor.

Para não falar em *irmã*. Bem, sim. Tem isso também.

Na manhã seguinte ao meu encontro com Laura no Diana Sweets, eu fiquei plantada ao lado do telefone. As horas se passaram: nem uma palavra. Eu tinha um compromisso para almoçar com Winifred e mais dois membros do seu comitê no Arcadian Court. Com Winifred, era sempre melhor cumprir os compromissos para não deixá-la curiosa — então eu fui.

Fomos informadas da última empreitada de Winifred, uma festa em benefício dos soldados feridos. Haveria canto e dança e algumas das moças estavam ensaiando o canção, então nós precisávamos arregaçar as mangas e vender ingressos. Será que Winifred também ia sacudir as pernas com uma anágua de babados e meias pretas? Eu sinceramente esperava que não. Nessa altura ela já estava um tanto passada para isso.

— Você está um pouco pálida, Iris — Winifred disse, inclinando a cabeça um pouco de lado.

— Estou mesmo? — eu disse placidamente. Ela vinha me dizendo ultimamente que eu não estava em muito boa forma. O que ela queria dizer era que eu não estava fazendo tudo o que podia para promover Richard, para empurrá-lo para a frente no seu caminho para a glória.

— Está, está abatida. Richard está cansando você? Aquele homem tem energia de sobra! — Ela estava animadíssima. Seus planos, seus planos para Richard, deviam estar indo bem, apesar da minha negligência.

Mas eu não consegui prestar muita atenção nela; estava ansiosa demais por causa de Laura. O que eu iria fazer se ela não aparecesse

logo? Eu não ia poder dizer que o meu carro havia sido roubado, não queria que ela fosse presa. Richard também não ia querer isso. Era uma coisa que não favorecia a ninguém.

Eu voltei para casa e a sra. Murgatroyd disse que Laura havia estado lá durante a minha ausência. Ela não tinha nem tocado a campainha — a sra. Murgatroyd a havia visto por acaso no *hall* de entrada. Tinha sido um susto ver a srta. Laura em carne e osso depois de tantos anos, fora quase como ver um fantasma. Não, ela não havia deixado nenhum endereço. Mas ela havia dito uma coisa. *Diz a Iris que eu falo com ela mais tarde.* Ou algo parecido. Ela havia deixado as chaves da casa na bandeja de correspondência; disse que as havia levado por engano. Uma coisa estranha de ser levada por engano, disse a sra. Murgatroyd, cujo nariz de raposa já tinha farejado alguma coisa errada. Ela não estava mais acreditando naquela história de oficina.

Eu fiquei aliviada: talvez estivesse tudo bem. Laura ainda estava na cidade. Ela ia falar comigo mais tarde.

E ela tem falado mesmo, embora tenha uma tendência a se repetir, como é costume dos mortos. Eles dizem a você tudo o que disseram quando estavam vivos; mas raramente dizem algo de novo.

Eu estava trocando de roupa quando a polícia chegou para comunicar o acidente. Laura havia passado por uma barreira com o aviso de Perigo e se projetado da ponte da St. Clair Avenue, despencando no precipício. Foi um acidente terrível, o policial disse, sacudindo tristemente a cabeça. Ela estava dirigindo o meu carro: eles tinham encontrado a licença. A princípio julgaram —

naturalmente — que fosse eu a mulher carbonizada encontrada nos destroços.

Isso sim é que teria sido uma notícia importante.

Depois que a polícia foi embora, eu tentei parar de tremer. Eu precisava manter a calma, eu tinha de me controlar. *Você tem de dançar conforme a música*, Reenie costumava dizer, mas a que tipo de música ela se referia? Não era música feita para dançar. Uma banda de metais, uma parada qualquer, com um monte de gente dos dois lados da rua, apontando e zombando. Um carrasco no final da estrada, com energia para queimar.

É claro que haveria um interrogatório da parte de Richard. A minha história sobre o carro e a oficina ainda se manteria se eu acrescentasse que havia lanchado com Laura naquele dia, mas que não havia contado a ele porque não quis perturbá-lo desnecessariamente pouco antes de um discurso tão importante. (Todos os discursos dele agora eram de importância crucial; ele estava se aproximando do gongo.)

Laura estava no carro quando ele enguiçou, eu diria a ele; ela havia ido comigo até a oficina. Quando eu esqueci a bolsa, ela deve tê-la apanhado, e aí, no dia seguinte, deve ter ido até lá buscar o carro, pagando com um cheque falsificado do meu talão. Eu rasgaria um cheque para tornar a história mais plausível; se ele insistisse em saber o nome da oficina, eu diria que esqueci. Se ele continuasse insistindo, eu começaria a chorar. Como é que eu podia me lembrar de um detalhe tão banal daqueles num momento como este, eu diria a ele.

Eu subi para trocar de roupa. Para ir ao necrotério eu ia precisar de um par de luvas e de um chapéu com um véu. Poderia haver repórteres e fotógrafos lá. Vou dirigindo, eu pensei, mas aí me lembrei de que o meu carro estava destruído. Eu ia ter de chamar um táxi.

Precisava avisar Richard no escritório. Assim que a notícia se espalhasse, as moscas de cadáver iriam assediá-lo. Não poderia ser diferente, uma vez que ele era uma figura pública. Ele ia querer ter pronta uma declaração de pesar.

Eu dei o telefonema. A mais recente jovem secretária de Richard atendeu. Eu disse a ela que o assunto era urgente, e que não, eu não poderia passar o recado por ela. Eu teria de falar pessoalmente com Richard.

Houve uma pausa enquanto Richard era localizado. — O que é? — ele disse. Ele não gostava que ligassem para ele no escritório.

— Houve um acidente terrível — eu disse. — com Laura. O carro que ela estava dirigindo caiu de uma ponte.

Ele não disse nada.

— Era o meu carro.

Ele não disse nada.

— Ela morreu — eu disse.

— Meu Deus! — Uma pausa. — Onde ela esteve este tempo todo? Quando foi que ela voltou? O que ela estava fazendo no seu carro?

— Eu achei que você precisava saber imediatamente, antes que a notícia chegasse aos jornais — eu disse.

— Sim — ele disse. — Você fez bem.

— Agora eu preciso ir até o necrotério.

— O necrotério? O necrotério municipal? E para quê?

— Eles a levaram para lá.

— Então tire-a de lá — ele disse. — Leve-a para um lugar decente.

Um lugar mais...

— Reservado — eu disse. — Sim, eu farei isso. É bom você saber que a polícia deu a entender, sugeriu...

— O quê? O que foi que você disse a eles? O que foi que eles sugeriram? — Ele pareceu bem assustado.

— Apenas que ela fez isso de propósito.

— Bobagem — ele disse. — Deve ter sido um acidente. Espero que você tenha dito isso.

— É claro. Mas houve testemunhas. Elas viram...

— Tem algum bilhete? Se tiver, queime.

— Duas testemunhas, um advogado e alguém de um banco. Ela estava usando luvas brancas. Eles a viram virar a direção.

— Foi uma ilusão de ótica — ele disse. — Ou então eles estavam bêbados. Eu vou ligar para o advogado. Pode deixar que eu cuido disto.

Eu desliguei o telefone. Fui até o meu quarto de vestir: eu ia precisar de uma roupa preta e de um lenço. Vou ter de contar a Aimee, eu pensei. Vou dizer que foi a ponte. Vou dizer que a ponte quebrou.

Eu abri a gaveta onde guardava minhas meias, e lá estavam os cadernos — cinco cadernos baratos da época do sr. Erskine,

amarrados com um barbante. O nome de Laura estava escrito na capa, a lápis — com sua letra infantil. Embaixo: *Matemática*. Laura odiava matemática.

Exercícios antigos, eu pensei. Não: deveres de casa. Por que ela teria me deixado aquilo?

Eu podia ter parado ali. Eu podia ter escolhido não saber, mas fiz o que você teria feito — o que você já fez, caso tenha lido até aqui. Eu escolhi saber.

A maioria de nós escolhe isto. Nós escolhemos saber não importa quais sejam as circunstâncias, nós nos mutilamos durante o processo, entramos no fogo caso seja necessário. A curiosidade não é a nossa única motivação: o que nos move é amor ou tristeza ou ódio ou desespero. Nós espionamos incessantemente os mortos: abrimos suas cartas, lemos seus diários, vasculhamos o seu lixo, na esperança de encontrar uma pista, uma palavra final, uma explicação da parte daqueles que nos abandonaram — que nos deixaram na mão, e com as mãos muito mais vazias do que imaginávamos.

Mas e quanto àqueles que deixam essas pistas para nos pegar? Por que eles fazem isso? Por egoísmo? Piedade? Vingança? Para dizer simplesmente que existem, como quem escreve as próprias iniciais na parede de um banheiro? A combinação de presença e anonimato — confissão sem castigo, verdade sem conseqüências — tem seus atrativos. É uma forma de limpar as mãos sujas de sangue.

Quem deixa essas pistas não pode reclamar quando estranhos chegam depois para meter o nariz em coisas que antes não eram da sua conta. E não apenas estranhos: amantes, amigos, parentes.

Todos nós somos *voyeurs*. Por que presumimos que qualquer coisa que esteja no passado nos pertence simplesmente porque a encontramos? Somos todos ladrões de túmulos quando abrimos as portas que outros trancaram.

Mas que apenas trancaram. Os cômodos e seus conteúdos foram deixados intactos. Se aqueles que os deixaram para trás desejassem o esquecimento, sempre poderiam ter recorrido ao fogo.

XIV



O cacho dourado

Tenho de me apressar agora. Já posso ver o final, brilhando lá na frente, como um motel de estrada numa noite escura e chuvosa. Um motel pós-guerra, onde ninguém faz nenhuma pergunta, onde nenhum dos nomes registrados na recepção é verdadeiro e onde o pagamento é em dinheiro e adiantado. Velhas luzinhas de Natal estão penduradas no escritório; atrás dele tem um aglomerado de cubículos escuros, onde os travesseiros cheiram a mofo. Uma bomba de gasolina com cara de lua na frente. Mas sem gasolina, ela acabou há várias décadas. É aqui que você pára.

Fim, um abrigo seguro e quente. Um lugar para descansar. Mas eu ainda não cheguei lá, e estou velha e cansada, e a pé, e mancando. Perdida na floresta, sem nenhuma pedrinha branca para marcar o caminho, e tendo de atravessar um terreno traiçoeiro.

Lobos, eu vos invoco! Mulheres mortas com cabelos cor de anil e olhos como poços cheios de serpentes, eu vos chamo! Fiquem ao meu lado agora, quando nos aproximamos do fim! Guiem os meus trêmulos dedos artríticos, a minha esferográfica preta; mantenham na superfície o meu coração furado só por mais alguns dias, até que eu coloque tudo em ordem. Sejam meus companheiros, meus ajudantes e meus amigos, *mais uma vez*, eu acrescento, pois não fomos bons amigos no passado?

Tudo tem o seu lugar, como Reenie costumava dizer; ou, de uma maneira mais grosseira, para a sra. Hillcoate, *Não há flores sem esterco*. O sr. Erskine me ensinou alguns truques úteis. Uma

invocação bem-feita às Fúrias pode ser útil, em caso de necessidade. Quando se trata antes de tudo de uma questão de vingança.

Eu acreditei, no início, que só queria justiça. Eu achei que o meu coração era puro. Nós gostamos de ter uma opinião favorável dos nossos motivos quando estamos planejando fazer alguma maldade contra alguém. Mas como o sr. Erskine também esclareceu, Eros, com seu arco e flecha, não é o único deus cego. O outro é a Justiça.

Deuses cegos e desajeitados com armas afiadas: a Justiça segura uma espada que, junto com a venda que ela traz nos olhos, é uma receita infalível para nos cortar.

Você vai querer saber, é claro, o que havia nos cadernos de Laura. Eles estão exatamente como ela os deixou, amarrados com o velho barbante marrom, junto com as outras coisas que eu deixei para você na minha velha mala. Eu não mudei nada. Você pode ver com os seus próprios olhos. As páginas arrancadas deles não foram arrancadas por mim.

O que eu estava esperando, naquele dia tenebroso de maio de 1945? Confissões, censuras? Ou então um diário, detalhando os encontros amorosos entre Laura e Alex Thomas? Sem dúvida, sem dúvida. Eu estava preparada para uma dor dilacerante. E foi o que senti, mas não da forma que havia imaginado.

Eu cortei o barbante, folheei os cadernos. Havia cinco: *Matemática*, *Geografia*, *Francês*, *História* e *Latim*. Os livros do conhecimento.

Ela escreve como um anjo, está escrito sobre Laura, nas costas de uma das edições de *O assassino cego*. Uma edição americana, se

bem me lembro, com letras douradas na capa: eles dão muito valor a anjos por lá. Na realidade, anjos não escrevem muito. Eles registram pecados e os nomes dos condenados e dos redimidos, ou aparecem na forma de mãos separados do corpo e escrevem avisos em paredes. Ou então trazem mensagens, sendo que poucas são alvissareiras: *Deus esteja convosco* não é uma bênção cristalina.

Sem esquecer de tudo isso, sim: Laura escreveu como um anjo. Em outras palavras, muito pouco. Mas sem rodeios.

O primeiro caderno que eu abri foi o de *Latim*. A maioria das folhas restantes dele estava em branco; havia bordas recortadas onde Laura devia ter rasgado seus velhos deveres de casa. Ela deixou um único trecho, uma tradução que havia feito — com minha ajuda, e também com a ajuda da biblioteca de Avilion — das últimas linhas do Livro IV da *Eneida*, de Virgílio. Dido havia apunhalado a si mesma na pira ou altar incandescente que ela havia feito de todos os objetos ligados ao seu amante desaparecido, Enéias, que havia partido de navio para cumprir seu destino na guerra. Embora sangrando como um porco, Dido estava custando a morrer. Ela estava estrebuchando um bocado. O sr. Erskine, se bem me lembro, adorava essa parte.

Eu recordei o dia em que ela escreveu isto. O sol da tarde entrava pela janela do meu quarto. Laura estava deitada no chão, balançando os pés calçados só de meias no ar, copiando cuidadosamente o trabalho feito em conjunto por nós no seu caderno. Ela cheirava a sabonete Ivory e a aparas de lápis.

Então a poderosa Juno teve pena do sofrimento dela e da sua difícil viagem, e enviou Íris do Olimpo para remover a alma

agonizante do corpo que ainda se agarrava a ela. Isso teve de ser feito porque Dido não estava morrendo de uma morte natural nem de uma morte causada por outros, mas, sim, em desespero, levada a isto por um impulso desatinado. E Proserpina ainda não havia cortado o cacho dourado de sua cabeça nem a havia mandado para o Inferno.

Então, agora, envolta em brumas, suas asas amarelas como açafreão, deixando atrás de si mil cores do arco-íris que faiscaram ao sol, Íris desceu voando e, esvoaçando sobre Dido, ela disse:

— Cumprindo as ordens que me foram dadas, eu me aproprio desta coisa sagrada que pertence ao Deus da Morte; e a liberto do seu corpo.

Então cessou imediatamente todo o calor, e sua vida desfez-se no ar.

— Por que ela teve de cortar um pedaço do cabelo? — disse Laura. — Essa Íris?

Eu não fazia idéia. — Era só uma coisa que ela tinha que fazer — eu disse. — Uma espécie de oferenda. — Eu ficara contente de saber que tinha o mesmo nome de uma pessoa de uma história, que não tinha este nome só por causa de uma flor, como eu sempre havia pensado. A inspiração botânica sempre fora forte na família da minha mãe.

— Isto ajudou Dido a sair do seu corpo — disse Laura. — Ela não queria mais ficar viva. Isto a libertou do sofrimento, então foi a coisa certa a fazer. Não foi?

— Acho que sim — eu disse. Eu não estava muito interessada nesses detalhes éticos. Aconteciam coisas estranhas nos poemas. Não valia a pena tentar entender. Mas eu fiquei intrigada com o fato de Dido ser loura; no resto da história, ela me dera a impressão de ser morena.

— Quem é o Deus da Morte? Para que ele quer o cabelo dela?

— Chega dessa história de cabelo — eu disse. — Nós já acabamos o dever de latim. Agora vamos terminar o de francês. O sr. Erskine nos passou dever demais, como sempre. Vamos ver: *Il ne faut pas toucher aux idoles: la dorure en reste aux mains*.

— Que tal, não mexa com falsos deuses, você vai ficar com as mãos manchadas de tinta dourada?

— Não tem nada aí sobre tinta.

— Mas o sentido é esse.

— Você conhece o sr. Erskine. Ele não está preocupado com o sentido.

— Eu odeio o sr. Erskine. Eu queria a srta. Violência de volta.

— Eu também. Eu queria poder ter a mamãe de volta.

— Eu também.

O sr. Erskine não havia gostado muito desta tradução do latim de Laura. Ela estava toda riscada de vermelho.

Como posso descrever o poço de tristeza em que eu estava caindo? Não posso descrevê-lo, então não vou nem tentar.

Eu folheei os outros cadernos. O de *História* estava em branco, exceto pela fotografia que Laura havia colado nele — dela e de Alex

Thomas no piquenique da fábrica de botão, ambos coloridos de amarelo-claro, com minha mão azul, solta, arrastando-se na direção deles pelo gramado. O de *Geografia* continha apenas uma curta descrição de Port Ticonderoga que o sr. Erskine havia pedido. "Esta cidade de porte médio está situada na junção do rio Louveteau com o rio Jogues e é conhecida por suas rochas e outras coisas", era a primeira frase que Laura havia escrito. O de *Francês* tinha tido tudo o que era francês retirado dele. E continha apenas a lista de palavras soltas que Alex Thomas havia deixado no nosso sótão, e que — conforme eu estava percebendo — Laura não havia queimado, afinal. *Anchoryne, berel, carchineal, diamite, ebonort...* Uma língua estrangeira, é verdade, mas que eu havia aprendido a entender, melhor do que jamais entendi francês.

O de *Matemática* tinha uma longa coluna de números, com palavras escritas ao lado de alguns deles. Eu levei alguns minutos para entender que números eram aqueles.

Eram datas. A primeira data coincidia com a minha volta da Europa, a última era uns três meses antes da partida de Laura para a Bella Vista. As palavras eram as seguintes:

Avilion, não. Não. Não. Sunnyside. Não. Xanadu, não. Não. *Queen Mary*, não, não. Nova York, não. Avilion. Não a princípio.

Water Nixie, X. "Estonteados."

Toronto de novo. X.

X. X. X. X.

O.

Essa era toda a história. Havia sido tudo revelado. Estivera lá o

tempo todo, bem diante dos meus olhos. Como pude ser tão cega?

Não tinha sido Alex Thomas, então. Nunca fora Alex Thomas.
Para Laura, Alex pertencia a uma outra dimensão do espaço.

A vitória vem e vai

Depois de examinar os cadernos de Laura, eu os guardei de volta na minha gaveta de meias. Tudo havia sido revelado, mas nada podia ser provado. Isso estava bem claro.

Mas como Reenie costumava dizer, o que não se consegue de um jeito, se consegue de outro. Se você não puder passar por cima, dê a volta.

Eu esperei passar o enterro, e então esperei mais uma semana. Eu não queria agir precipitadamente. É melhor ter cautela para não se arrepender, Reenie também costumava dizer. Um ditado questionável: normalmente acontecem as duas coisas.

Richard ia fazer uma viagem para Ottawa, uma viagem importante para Ottawa. Homens em postos elevados talvez fizessem a pergunta tão esperada, ele deu a entender; se não agora, muito em breve. Eu disse a ele, e a Winifred também, que aproveitaria a oportunidade para ir a Port Ticonderoga, levando as cinzas de Laura na sua caixa prateada. Eu tinha de espalhar aquelas cinzas, eu disse, e providenciar a inscrição no monumento em forma de cubo da família Chase. Tudo como mandava o figurino.

— Não culpe a si mesma — Winifred disse, torcendo para que eu fizesse exatamente isso, se eu culpasse bastante a mim mesma, não acabaria culpando outra pessoa. — Tem coisas que não vale a pena a gente se aprofundar muito. — Mas a gente não consegue deixar de pensar nelas. Isso está fora do nosso alcance.

Depois da partida de Richard, eu dei a noite de folga para os empregados. Eu disse que daria conta da casa. Eu vinha fazendo isso ultimamente gostava de ficar sozinha em casa, só com Aimee, quando ela estava dormindo — então nem mesmo a sra. Murgatroyd ficou desconfiada. Quando o caminho ficou livre, eu agi rapidamente. Eu já havia empacotado algumas coisas disfarçadamente — minhas jóias, minhas fotografias, *Sempre-vivas para um jardim de pedras* —, e então guardei o resto. Minhas roupas, é claro que não todas; algumas coisas para Aimee, embora também não tudo. Eu levei o que coube no malão, o mesmo que um dia havia abrigado o meu enxoval, e na mala menor. Os homens da estrada de ferro chegaram para recolher a bagagem, conforme eu havia combinado. Então, no dia seguinte, foi fácil para mim sair para a estação, de táxi, com Aimee, levando apenas uma maleta para cada uma, e ninguém desconfiou de nada.

Eu deixei uma carta para Richard. Eu disse que em vista do que ele havia feito — o que eu sabia agora que ele havia feito —, eu nunca mais queria vê-lo de novo. Em consideração às suas ambições políticas, eu não ia pedir o divórcio, embora tivesse provas suficientes do comportamento indecente dele pelas anotações deixadas por Laura, que — eu menti — estavam guardadas no cofre de um banco. Se ele ousasse pensar em pôr suas mãos imundas em Aimee, eu acrescentei, era melhor esquecer, porque eu faria um grande escândalo, o que faria também caso ele não cumprisse as minhas exigências financeiras. Elas não eram muitas: tudo o que eu queria era dinheiro suficiente para comprar uma casinha em Port Ticonderoga, e para garantir o sustento de Aimee. As minhas necessidades eu proveria de outras formas.

Eu assinei esta carta *Atenciosamente*, e, enquanto lambia o envelope, fiquei pensando se não teria cometido nenhum erro de ortografia.

Alguns dias antes de partir de Toronto, eu havia procurado Callista Fitzsimmons. Ela havia desistido de fazer esculturas e agora pintava murais. Eu a encontrei numa companhia de seguros — no escritório da direção —, onde ela estava fazendo um trabalho. O tema era: a contribuição das mulheres no esforço de guerra — ultrapassado, agora que a guerra havia terminado (e embora não soubéssemos disto ainda, prestes a ser repintado num tom bem suave de cinza puxando para o marrom).

Eles tinham dado a ela uma parede inteira. Três mulheres operárias, usando macacões e sorrindo corajosamente, despachando bombas; uma moça dirigindo uma ambulância; duas trabalhadoras rurais com enxadas e uma cesta de tomates; uma mulher de uniforme, usando uma máquina de escrever; no canto, meio de lado, uma mãe de avental tirando um pão de forma do forno, com duas crianças assistindo com ar de aprovação.

Callie ficou surpresa ao ver-me. Eu não a havia avisado da minha visita: eu não queria que ela me evitasse. Ela estava supervisionando os pintores, com o cabelo preso por uma faixa, usando calças caqui e tênis, e andando de um lado para outro com as mãos no bolso e um cigarro pendurado no lábio inferior.

Ela ficou sabendo da morte de Laura, havia lido a respeito nos jornais uma moça tão bonita, tão fora do comum quando criança, era mesmo uma pena. Depois desta introdução, eu expliquei o que Laura havia me dito, e perguntei se era verdade.

Callie ficou indignada. Ela usou a expressão *porra nenhuma* diversas vezes. Era verdade que Richard a havia ajudado quando ela foi presa como agitadora, mas ela havia pensado que ele fizera isso por causa das antigas ligações familiares. Ela negou ter prestado qualquer informação a Richard, a respeito de Alex ou de qualquer outro simpatizante comunista ou companheiro de viagem. Que mentira! Aqueles eram seus amigos! Quanto a Alex, sim, ela o havia ajudado no início, quando ele se envolveu naquela confusão, mas depois ele havia desaparecido, na verdade devendo algum dinheiro a ela, e quando ela soube dele, ele estava na Espanha. Como ela poderia ter contado onde ele estava se nem mesmo sabia?

Nada feito. Talvez Richard houvesse mentido a Laura sobre isto, como havia mentido para mim sobre tanta coisa. Por outro lado, talvez Callie é que estivesse mentindo. Mas também, o que eu tinha imaginado que ela ia dizer?

Aimee não gostou de Port Ticonderoga. Ela queria o pai dela. Ela queria o que era familiar a ela, como toda criança. Ela queria o quarto dela de volta. Ah, e todos nós não queremos?

Eu expliquei que nós tínhamos de ficar lá por algum tempo. Eu não devia dizer *expliquei*, porque não houve nenhuma explicação. O que eu poderia ter dito, que pudesse fazer algum sentido, para uma criança de oito anos?

Port Ticonderoga estava diferente agora; a guerra havia causado mudanças. Diversas fábricas haviam sido reabertas durante o conflito — mulheres de macacão tinham produzido fusíveis —, mas agora elas estavam fechando de novo. Talvez elas fossem passar a

produzir para o tempo de paz, depois que se determinasse exatamente o que os soldados que estavam retornando iriam querer comprar para as casas e as famílias que eles sem dúvida iriam formar. Enquanto isso, havia muita gente desempregada, à espera.

Havia ausências. Elwood Murray não estava mais dirigindo o jornal: em breve ele seria mais um nome no Memorial de Guerra, tendo se alistado na Marinha e morrido em combate. Era interessante verificar quais os homens da cidade eram considerados como tendo sido mortos e quais como tendo se deixado matar, como se isto tivesse ocorrido por culpa deles ou como se se tratasse de algum ato de importância secundária — uma compra ou um corte de cabelo.

O marido de Reenie, Ron Hincks, não foi classificado dentre esses consumidores acidentais. Anunciaram solenemente que ele havia sido morto na Sicília, junto com um grupo de outros sujeitos de Port Ticonderoga que haviam se alistado no regimento. Reenie ficou com a pensão, e com pouca coisa mais, e estava alugando um quarto na sua pequena casa; ela ainda estava trabalhando também na lanchonete Betty's, embora dissesse que suas costas a estavam matando.

Não eram as costas que a estavam matando, conforme eu iria descobrir em breve. Eram os rins, e eles terminaram o trabalho seis meses depois de eu ter voltado. Se você estiver lendo isto, Myra, gostaria que você soubesse que isto foi um golpe terrível para mim. Eu estava contando com ela — ela nunca havia me faltado antes —, e, de repente, ela não estava mais lá.

E depois ela foi ficando cada vez mais presente, pois qual era a

voz que eu ouvia quando precisava de um ditado popular?

Eu fui até Avilion, é claro. Foi uma visita difícil. O terreno estava abandonado, os jardins, cheios de mato; a estufa, em ruínas, com vidros quebrados e plantas desidratadas, ainda nos vasos. Bem, havia algumas dessas plantas, mesmo no nosso tempo. As esfinges guardiãs tinham diversas inscrições de *João ama Maria*, uma delas havia sido derrubada. O lago com a ninfa de pedra estava coberto de mato e ervas daninhas. A ninfa ainda estava de pé, embora com alguns dedos faltando. Entretanto, seu sorriso ainda era o mesmo: remoto, secreto, despreocupado.

Eu não precisei arrombar nenhuma porta para entrar na casa: Reenie ainda estava viva e ainda tinha a sua chave clandestina. A casa estava num estado deplorável: poeira e fezes de rato por toda a parte, manchas nos tacos onde algo havia vazado. Tristão e Isolda ainda estavam lá, presidindo a sala de jantar vazia, embora Isolda tivesse sofrido um ferimento em sua harpa, e uma ou duas andorinhas tivessem feito ninhos na janela do meio. Mas não havia nenhum sinal de vandalismo na propriedade: o vento do nome Chase soprava em volta da casa, mesmo que de leve, e devia haver ainda no ar uma certa aura de poder e de dinheiro.

Eu percorri a casa toda. O cheiro de mofo era intenso. Examinei a biblioteca, onde a cabeça de Medusa ainda reinava sobre a lareira. A vovó Adelia também estava ainda no lugar, embora tivesse começado a decair: o rosto dela agora tinha uma expressão de astúcia contida mas alegre. Aposto que você andou prevaricando por aí, eu pensei, olhando para ela. Aposto que você teve uma vida secreta.

Aposto que foi isso que a manteve viva.

Eu mexi nos livros, abri as gavetas da escrivaninha. Numa delas havia uma caixa de amostras de botões do tempo do vovô Benjamim: os círculos de osso branco que haviam se transformado em ouro nas mãos dele, e que continuaram sendo ouro por tantos anos, mas que agora eram osso outra vez.

No sótão eu encontrei o ninho que Laura havia feito para si mesma lá em cima, depois que saiu da Bella Vista: as colchas tiradas dos baús, os cobertores da sua cama — bastante reveladores caso alguém estivesse revistando a casa à procura dela. Havia algumas cascas secas de laranja, um resto de maçã. Como sempre, ela não havia se preocupado em arrumar nada. Escondido no armário de lambris estava o saco de bugigangas que ela havia guardado lá, naquele verão do *Water Nixie*: o bule de prata, as xícaras de porcelana, as colheres com monograma. O quebra-nozes em forma de jacaré, uma única abotoadura de madrepérola, o isqueiro quebrado, o galheteiro sem o recipiente do vinagre.

Eu voltaria lá mais tarde, eu disse a mim mesma, para pegar mais coisas.

Richard não veio pessoalmente, o que foi um sinal (para mim) da sua culpa. Mandou Winifred em seu lugar. — Você ficou maluca? — Foi a primeira coisa que ela disse. (Isso, numa mesa da Betty's: eu não a queria na minha casinha alugada, eu não a queria perto de Aimee.)

— Não — eu disse —, e Laura também não era maluca. Pelo menos não tão maluca quanto vocês dois quiseram dar a entender. Eu sei o que Richard fez.

— Não sei do que você está falando — Winifred disse. Ela estava usando uma estola de *mink* feita de rabos lustrosos e estava tentando livrar-se das luvas.

— Eu suponho que quando ele se casou comigo, achou que estava fazendo um bom negócio, duas pelo preço de uma. Ele nos comprou por uma bagatela.

— Não seja ridícula — disse Winifred, embora parecesse abalada. — As mãos de Richard estão absolutamente limpas, não importa o que Laura tenha dito. Ele é inocente como uma criança. Você cometeu um sério erro de julgamento. Ele mandou dizer que está disposto a ignorar esta... esta aberração de sua parte. Se você voltar, ele está pronto para perdoar e esquecer.

— Mas eu não estou — eu disse. — E não me venha com essa conversa de que ele é inocente.

— Fale baixo — ela disse entredentes. — As pessoas estão olhando.

— Elas vão olhar de qualquer maneira — eu disse — com você vestida como se fosse o cavalo de Lady Astor. Sabe de uma coisa, esse tom de verde não combina nada com você, especialmente na sua idade. Aliás, nunca combinou. Faz você parecer que está doente do fígado.

Isto a atingiu em cheio. Winifred estava meio sem ação: ela não estava acostumada com este aspecto novo, venenoso, da minha personalidade. — O que é que você quer *exatamente*? — ela disse. — Não que Richard tenha feito alguma coisa. Mas ele não quer escândalo.

— Eu disse a ele, *exatamente* — eu disse. — com todas as letras.

E agora gostaria de receber o cheque.

— Ele quer ver Aimee.

— Nem por um decreto eu permitiria uma coisa dessas. Ele tem uma tara por garotinhas. Você sabia disso, você sempre soube disso. Mesmo com dezoito anos eu já estava ultrapassando o limite. Conviver com Laura na mesma casa foi tentação demais para ele, agora eu entendo. Ele não conseguiu manter as mãos longe dela. Mas não vai pôr as patas em Aimee.

— Não seja vulgar — Winifred disse. Ela estava uma fera: ficou com a cara vermelha debaixo da maquiagem. — Aimee é filha dele.

Eu estive a ponto de dizer "Não é não", mas sabia que seria um erro tático. Legalmente, ela era filha dele; eu não tinha como provar o contrário, ainda não tinham inventado essa história de genes e tudo o mais. Se Richard soubesse a verdade, ele ia ficar ainda mais ansioso para tirar Aimee de mim. Ele a manteria como refém, e eu perderia todas as vantagens que havia conseguido até o momento. Era um jogo sujo de xadrez.

— Nada o impediria de fazer isso — eu disse —, nem mesmo o fato de ser Aimee. Depois ele a despacharia para uma clínica de aborto clandestina, como fez com Laura.

— Estou vendo que não adianta continuar com esta conversa — Winifred disse, apanhando as luvas, a estola e sua bolsa reptiliana.

Depois da guerra, as coisas mudaram. Mudou a nossa aparência. Depois de algum tempo, os cinzas granulados e discretos desapareceram. No lugar deles, veio a luz forte do meio-dia —

espalhafatosa, primária, sem sombras. Rosas quentes, azuis violentos, vermelhos e brancos de bolas de praia, o verde fosforescente do plástico, o sol brilhando como um holofote.

Nos arredores das cidades, tratores derrubavam tudo e árvores eram cortadas; buracos enormes eram cavados no chão como se bombas tivessem sido jogadas lá. As ruas se resumiam a pedras e lama. Surgiram grandes clareiras de terra, com pequenos arbustos espetados: a bétula estava na moda. Havia céu demais.

Havia carne, grandes nacos e fatias brilhando nas vitrines dos açougues. Havia laranjas e limões brilhantes como o amanhecer, e montes de açúcar e montanhas de manteiga amarela. Todo mundo comia até não poder mais. As pessoas se entupiam de carne em tecnicolor e de toda a comida em tecnicolor que conseguiam encontrar, como se não houvesse amanhã.

Mas havia um amanhã, tudo o que havia era um amanhã. O ontem é que havia desaparecido.

Eu agora tinha bastante dinheiro, do Richard e também da herança de Laura. Eu tinha comprado a minha casinha. Aimee ainda estava zangada comigo por tê-la afastado da sua vida antiga e muito mais abastada, mas ela parecia ter se acostumado, embora de vez em quando eu percebesse um olhar frio da parte dela: ela já estava concluindo que eu não era uma mãe satisfatória. Richard, por outro lado, havia colhido os benefícios de estar longe e havia muito mais brilho, aos olhos dela, agora que não estava mais presente. No entanto, os presentes já não chegavam mais com a abundância de antes, então ela não tinha muita opção. Acho que eu esperei que ela

fosse mais estóica do que era na realidade.

Enquanto isso, Richard se preparava para o posto de comando que, segundo os jornais, estava praticamente garantido. É verdade que eu era um obstáculo, mas haviam sido espalhados boatos de uma separação. Diziam que eu "estava no campo", e isso até certo ponto era bom, desde que eu estivesse disposta a ficar por lá.

Sem que eu soubesse, outros boatos haviam sido espalhados: que eu estava mentalmente perturbada; que Richard estava me sustentando, apesar da minha maluquice; que Richard era um santo. Não há mal nenhum em ter uma esposa doida, desde que isto seja tratado adequadamente: isto torna as esposas dos poderosos muito mais simpáticas à causa do marido.

Em Port Ticonderoga, eu vivia com discrição. Sempre que eu saía, atravessava um mar de cochichos respeitosos, com as pessoas se calando quando eu me aproximava e voltando a falar quando eu me afastava. Todos estavam de acordo que não importa o que tivesse havido com Richard, eu devia ser a parte injustiçada. A corda havia arrebentado do lado mais fraco, mas como não havia justiça e quase nenhuma piedade, nada podia ser feito por mim. Isto foi antes de o livro aparecer, é claro.

O tempo passou. Eu fazia jardinagem, lia e assim por diante. Eu já havia começado — de uma forma modesta, e começando com umas poucas peças de jóias em forma de animais compradas por Richard — a venda de produtos de segunda mão que, por sinal, me sustentou nas décadas seguintes. Uma aparência de normalidade havia se instalado.

Mas lágrimas não derramadas podem deixar uma pessoa

agressiva. As lembranças também. Morder a língua também. Minhas noites difíceis estavam começando. Eu não conseguia dormir.

Oficialmente, Laura havia sido esquecida. Mais alguns anos e seria como se ela nunca houvesse existido. Eu não devia ter feito um voto de silêncio, eu disse a mim mesma. O que é que eu queria? Não muito. Apenas algum tipo de memorial. Mas o que é, afinal, um memorial, senão uma celebração de golpes recebidos? Recebidos e lembrados com rancor. Sem memória, não pode haver vingança.

Para que não nos esqueçamos. Lembre-se de mim. Guarde nossas frágeis lembranças. Gritos de fantasmas em agonia.

Nada é mais difícil do que entender os mortos, conforme eu descobri; mas nada é mais perigoso do que ignorá-los.

O monte de entulho

Eu mandei o livro. Passado algum tempo, recebi uma carta em resposta. Respondi a carta. Os acontecimentos seguiram o seu curso.

Os exemplares do autor chegaram, antes da publicação. Na orelha havia uma tocante nota biográfica:

Laura Chase escreveu *O assassino cego* antes dos vinte e cinco anos. Foi o seu primeiro romance; infelizmente, será também o último, uma vez que ela morreu em um trágico acidente de automóvel em 1945. Temos o orgulho de apresentar o trabalho desta jovem e talentosa escritora em sua primeira e espantosa manifestação.

Acima da nota havia uma foto de Laura, uma reprodução de má qualidade: ela parecia estar cheia de cocô de mosca. No entanto, era alguma coisa.

Quando o livro foi publicado, a princípio houve um silêncio. Era um livro pequeno, afinal de contas, e o assunto não era próprio de *best-sellers*; e embora ele tivesse sido bem recebido pela crítica de Nova York e Londres, não teve muita repercussão por aqui, logo no início. Então os moralistas tomaram conhecimento dele, e os pregadores e as fofoqueiras locais entraram em ação, e a confusão começou. Assim que os urubus da imprensa fizeram a ligação — Laura era a falecida cunhada de Richard Griffen —, eles correram atrás da história. A essa altura, Richard tinha a sua quota de inimigos políticos. As

insinuações começaram.

A história de que Laura havia cometido suicídio, tão eficientemente abafada na época, voltou à tona. As pessoas estavam falando, não apenas em Port Ticonderoga, mas nos círculos importantes. Se ela havia feito isso, qual era a razão? Alguém deu um telefonema anônimo — ora, quem poderia ter sido? — e a clínica Bella Vista entrou na história. Declarações de um ex-empregado (dizem que bem pago por um dos jornais) levaram a uma ampla investigação das práticas mais infames que ocorriam lá, o que levou a uma escavação no quintal e ao fechamento da instituição. Eu analisei as fotos com interesse: ali havia sido a mansão de um dos barões da madeira antes de se tornar uma clínica, e diziam que possuía belos vitrais na sala de jantar, embora não tão bonitos quanto os de Avilion.

Havia uma correspondência entre Richard e o diretor que foi particularmente devastadora.

De vez em quando, Richard aparece para mim, na minha imaginação ou então em sonhos. Ele é cinzento, mas tem uma aura fosforescente, como óleo, numa poça d'água. Ele me lança um olhar desconfiado. Outro fantasma para me censurar.

Logo depois que os jornais noticiaram que ele havia se retirado da vida pública, eu recebi um telefonema dele, o primeiro desde que eu partira. Ele estava irado e também nervoso. Tinha sido informado de que, devido ao escândalo, não podia mais ser considerado candidato a um cargo de liderança, e agora os homens importantes não estavam retornando as suas ligações. Ele tinha sido ignorado.

Tinha sido esnobado. Eu tinha feito isso de propósito, ele disse, para arruiná-lo.

— Feito o quê? — eu disse. — Você não está arruinado. Você ainda é muito rico.

— Esse livro! — ele disse. — Você me sabotou! Quanto você teve que pagar a eles para que o publicassem? Eu não posso acreditar que Laura tenha escrito aquela sujeira... aquele lixo!

— Você não quer acreditar — eu disse — porque estava enfeitiçado por ela. Você não quer encarar a possibilidade de que, enquanto você estava tendo o seu casinho sujo com ela, ela estava indo para a cama com outro homem, um homem que ela amava, ao contrário de você. Pelo menos eu acho que é isso que o livro dá a entender, não é?

— Era aquele comunista, não era? Aquele maldito filho da mãe do piquenique! — Richard devia mesmo estar muito nervoso: via de regra ele não dizia palavrões.

— Como eu posso saber? Eu não a espionava. Mas concordo com você, deve ter começado no piquenique. — Eu não disse a ele que havia dois piqueniques envolvendo Alex: um com Laura e um segundo, um ano depois, sem ela, depois que eu havia encontrado com Alex por acaso aquele dia, na Queen Street. Aquele com os ovos cozidos.

— Ela fez isso de maldade — Richard disse. — Estava querendo se vingar de mim.

— Isso não me surpreenderia — eu disse. — Ela devia odiar você. Afinal de contas, você praticamente a estuprou.

— Isso é mentira! Eu não fiz nada sem o consentimento dela.

— Consentimento? É assim que você chama? Eu chamaria de chantagem. — Ele desligou na minha cara. Aquele era um traço familiar. Winifred havia me ligado mais cedo para me censurar e fizera a mesma coisa.

Depois Richard desapareceu e foi encontrado no *Water Nixie* — bem, você sabe de tudo isso. Ele deve ter entrado em segredo na cidade, entrado em segredo em Avilion, entrado em segredo no barco, que estava no hangar, por falar nisso, e não amarrado no quebra-mar como saiu equivocadamente nos jornais. Isso foi para disfarçar: um cadáver dentro de um barco que está na água é normal, mas dentro de um barco que está no hangar é estranho. Winifred não ia querer que pensassem que Richard havia enlouquecido.

Então, o que foi que realmente aconteceu? Não estou bem certa. Quando ele foi localizado, Winifred tomou conta da situação, e disfarçou o melhor que pôde. A versão dela foi de que ele teve um *derrame*. No entanto, ele foi encontrado com o livro ao lado dele. Isso eu sei porque Winifred me telefonou histérica e me contou.

— Como você pôde fazer isso? Você destruiu a carreira política dele, e depois destruiu suas lembranças de Laura. Ele a amava! Ele a adorava! Ele ficou desesperado quando ela morreu!

— Fico feliz em saber que ele sentiu algum remorso — eu disse friamente. — Não posso dizer que tenha notado isso na época.

Winifred me culpou, é claro. Depois disso, foi guerra declarada. Ela me fez a pior coisa possível. Tirou Aimee de mim.

Suponho que você tenha aprendido pela cartilha de Winifred. Na versão dela, eu era uma relaxada, uma vagabunda, uma péssima mãe. Com o passar do tempo, eu me tornei, sem dúvida, segundo ela, uma bruxa, uma velha louca, uma vendedora de sucata. Mas eu duvido que ela tenha dito para você que eu assassinei Richard. Se ela tivesse dito isso, teria de dizer também onde ela foi buscar essa idéia.

Sucata seria um exagero. É verdade que eu comprava barato e vendia caro — quem não faz isso no mercado de antigüidades? —, mas eu tinha um bom olho e nunca obriguei ninguém a comprar. Houve um período de bebida em excesso — eu admito —, embora só depois que Aimee foi embora. Quanto a homens, houve mesmo alguns. Nunca foi uma questão de amor, foi mais como uma espécie de curativo periódico. Eu estava afastada de tudo à minha volta, incapaz de me relacionar, de me comunicar; ao mesmo tempo eu me sentia em carne viva. Precisava do consolo de outro corpo.

Eu evitei qualquer homem que pertencesse ao meu antigo círculo social, embora alguns tivessem aparecido, como moscas de fruta, assim que souberam da minha solidão e possível desespero. Esses homens podem ter sido incitados por Winifred, e sem dúvida foram mesmo. Eu me limitei a estranhos, apanhados nas minhas incursões a cidades próximas em busca do que hoje chamam de *artigos de colecionador*. Eu nunca dei o meu nome verdadeiro. Mas Winifred foi persistente demais para mim, no fim. Tudo o que ela precisava era de um homem, e foi o que conseguiu. As fotos da porta do quarto do motel, entrando, saindo; as assinaturas falsas no registro; o testemunho do proprietário, que havia recebido o dinheiro de muito bom grado. *Você poderia brigar na justiça*, o meu advogado disse,

mas eu não aconselho isso. Vamos tentar garantir o direito de visitação,   s  o que você pode esperar. Você forneceu a munição e eles a usaram. Até ele me desprezava, não pela minha torpeza moral, mas pela minha burrice.

Richard havia indicado Winifred como guardiã de Aimee em seu testamento, e também como única responsável pela administração da heranç  considerável de Aimee. Então ela também tinha isto em seu favor.

Quanto ao livro, Laura não escreveu uma só palavra dele. Mas você já deve ter percebido isto. Fui eu que o escrevi, durante minhas longas noites solitárias, quando estava esperando que Alex voltasse, e depois, quando já sabia que ele não voltaria mais. Eu não achava que estivesse escrevendo um livro — achava apenas que estava anotando coisas. As coisas de que lembrava e também as que eu imaginava, e que também são verdade. Eu me via registrando fatos. Uma mão sem corpo, rabiscando na parede.

Eu queria um memorial. Foi assim que isto começ u. Para Alex e também para mim mesma.

A partir daí foi um pulo colocar Laura como sendo a autora. Você pode achar que foi covardia da minha parte, ou falta de coragem — eu nunca gostei muito de refletores. Ou simples prudência: o meu próprio nome significaria a perda de Aimee, o que aconteceu de qualquer maneira. Mas, pensando bem, eu estava apenas fazendo justiç , porque não posso dizer que Laura não escreveu nenhuma palavra. Tecnicamente, isto é verdade, mas sob outro aspecto — no aspecto que Laura chamaria de espiritual —, você poderia dizer que

ela foi minha colaboradora. A verdadeira autora não foi nenhuma de nós: a mão é mais que a soma dos seus dedos.

Eu me lembro de Laura, quando tinha dez ou onze anos, sentada à escrivaninha do vovô na biblioteca de Avilion. Havia uma folha de papel na sua frente, e ela estava preocupada com a ordem dos lugares no céu. — Jesus se senta à mão direita de Deus — ela disse —, então quem é que se senta à mão esquerda d'Ele?

— Talvez Deus não tenha uma mão esquerda — eu disse, para implicar com ela. — A mão esquerda é considerada má, então talvez Ele não tenha uma. Ou talvez Ele tenha perdido a mão esquerda na guerra.

— Nós somos feitas à imagem de Deus — Laura disse —, e nós temos mão esquerda, então Deus também deve ter uma. — Ela consultou seu diagrama, mordendo a ponta do lápis. — Já sei! — ela disse. — A mesa deve ser redonda! Então todo mundo senta à direita de todo mundo, em toda a volta.

— E vice-versa — eu disse.

Laura era a minha mão esquerda, assim como eu era a dela. Nós escrevemos o livro juntas. É um livro canhoto. Por isso é que uma de nós está sempre fora do alcance da vista, não importa como se olhe para ele.

Quando comecei este relato da vida de Laura — da minha própria vida —, eu não tinha idéia do motivo pelo qual o estava escrevendo, nem de quem eu esperava que pudesse lê-lo depois de terminado.

Mas está claro para mim agora. Eu estava escrevendo para você, minha querida Sabrina, porque você é a única pessoa que precisa dele agora.

Já que Laura não é mais quem você pensou que ela fosse, você também não é mais quem pensa que é. Isso pode ser um choque, mas também pode ser um alívio. Por exemplo, você não tem nenhum parentesco com Winifred, e nem com Richard. Não existe nenhuma partícula de Griffen em você: suas mãos estão limpas neste aspecto. O seu avô verdadeiro foi Alex Thomas, e quanto a quem era o pai dele, bem, o céu é o limite. Rico, pobre, mendigo, santo, diversos países de origem, uma dúzia de mapas modificados, uma centena de aldeias arrasadas — faça a sua escolha. O legado que ele lhe deixa é o campo da especulação sem limites. Você está livre para reinventar-se à vontade.

XV



O assassino cego

Epílogo: A outra mão

Ela possui uma única fotografia dele, em preto-e-branco. Ela a guarda cuidadosamente, porque é quase tudo o que tem dele. A foto é dos dois juntos, ela e o homem, num piquenique. Nas costas da foto está escrito *piquenique* não o nome dele ou o dela, apenas *piquenique*. Ela sabe os nomes, não precisa escrevê-los.

Eles estão sentados debaixo de uma árvore; devia ser uma macieira. Ela está com uma saia rodada presa em volta dos joelhos. Estava fazendo calor. Colocando a mão sobre o retrato, ela ainda podia sentir o calor emanando dele.

Ele está usando um chapéu claro, que lhe sombreia parcialmente o rosto. Ela está meio virada para ele, sorrindo de um jeito que ela não lembra de ter sorrido para mais ninguém desde então. Ela parece muito jovem no retrato. Ele está sorrindo também, mas está com a mão estendida entre ele e a câmera, como se quisesse afastá-la. Como se quisesse afastá-la no futuro, quando ela tivesse olhando para eles. Como se quisesse protegê-la. Entre os dedos dele, uma ponta de cigarro.

Ela apanha a foto quando está sozinha, coloca-a sobre a mesa e a contempla. Examina cada detalhe: seus dedos esfumaçados, as dobras esbranquiçadas de suas roupas, as maçãs verdes penduradas na árvore, a grama ressecada em primeiro plano, seu rosto sorridente.

A foto foi cortada; um terço dela foi cortado. No canto esquerdo, embaixo, tem uma mão, cortada na altura do pulso, pousada na grama. É a mão da outra, da outra que está sempre na foto, seja ou não vista. A mão que irá anotar as coisas.

Como eu pude ser tão ignorante?, ela pensa. Tão estúpida, tão cega, tão desatenta. Mas sem esta ignorância, esta desatenção, como poderíamos viver? Se você soubesse o que iria acontecer, se você soubesse tudo o que iria acontecer em seguida — se soubesse com antecedência as conseqüências das suas ações —, você estaria perdida. Você estaria tão destruída quanto Deus. Você seria uma pedra. Você jamais comeria ou beberia ou riria ou sairia da cama de manhã. Você jamais amaria alguém, nunca mais. Você jamais ousaria.

Está tudo terminado agora — a árvore também, o céu, o vento, as nuvens. Tudo o que lhe resta é a fotografia. E também a história dela.

A fotografia é de felicidade, a história não. Felicidade é um jardim cercado de vidro: não há como entrar nem sair. No Paraíso não há histórias, porque não há viagens. É a perda, o remorso, a tristeza e a saudade que fazem a história caminhar para a frente ao longo da sua estrada sinuosa.

The Port Ticonderoga Herald and Banner, 29 de maio de 1999

IRIS CHASE GRIFFEN, UMA MULHER NOTÁVEL

POR MYRA STURGESS

A sra. Iris Chase Griffen faleceu subitamente na última quarta-feira, aos 83 anos, na sua casa aqui em Port Ticonderoga. "Ela nos deixou tranqüilamente, sentada no seu jardim", disse uma velha amiga da família, a sra. Myra Sturgess. "Não foi inesperado, uma vez que sofria do coração. Ela era uma personalidade e um marco da história, e maravilhosa para a sua idade. Todos nós sentiremos a sua falta, e ela será, certamente, lembrada por muito tempo."

A sra. Griffen era irmã da famosa escritora local Laura Chase. Além disso, era filha do capitão Norval Chase, que será lembrado por muito tempo nesta cidade, e neta de Benjamin Chase, fundador das Indústrias Chase, que ergueu a fábrica de botão e outras fábricas. Também era esposa do falecido Richard E. Griffen, conhecido industrial e político, e cunhada de Winifred Griffen Prior, a grande filantropa de Toronto, que faleceu no ano passado, deixando uma quantia generosa para a nossa escola secundária. Ela deixa uma neta, Sabrina Griffen, que acabou de voltar do exterior e está sendo esperada em breve nesta cidade para cuidar dos bens da avó. Estou certa de que será muito bem recebida e receberá toda a ajuda de que precisar.

Atendendo à vontade da sra. Griffen, a cerimônia fúnebre será privada e suas cinzas serão sepultadas no monumento da família Chase no cemitério de Mount Hope. Entretanto, haverá um culto na capela da funerária Jordan na próxima terça-feira, às 15 horas, em reconhecimento às muitas contribuições feitas pela família Chase ao longo dos anos, e será servido um lanche mais tarde na casa de Myra e Walter Sturgess. Todos serão bem-vindos.

O limiar

Hoje está chovendo, uma chuva quente de primavera. O ar está opalescente por causa dela. O som das cachoeiras flui sobre o rochedo — como se fosse um vento, mas imóvel, como marcas de ondas deixadas na areia.

Eu estou sentada à mesa da varanda dos fundos, abrigada pela laje do teto, contemplando o longo e mal cuidado jardim. Está ficando escuro. As flox estão em flor, pelo menos eu acho que são flox; não consigo ver com muita clareza. Alguma coisa azul, que brilha lá embaixo, no fundo do jardim, a fosforescência da neve na sombra. Nos canteiros, os brotos acotovelam-se, parecendo lápis de cor, roxos, verde-água, vermelhos. O cheiro de terra molhada e de plantas nascendo flui sobre mim, aguado, escorregadio, com um gosto ácido como a casca de uma árvore. Cheira a juventude; cheira a desconsolo.

Eu me embrulhei num xale: a noite está quente para esta época do ano, mas o que eu sinto não é calor, é apenas uma ausência de frio. Eu enxergo o mundo claramente daqui — *aqui* entendido como a paisagem avistada do alto de uma onda, um momento antes de a onda seguinte obrigar você a mergulhar: o céu muito azul, o mar muito verde, a perspectiva derradeira.

Ao meu lado está a pilha de papel que eu vim juntando tão arduamente, mês após mês. Quando eu tiver terminado — quando tiver escrito a última palavra —, vou me levantar desta cadeira e

caminhar até a cozinha, e procurar um elástico ou um pedaço de barbante ou uma fita velha. Vou amarrar os papéis, em seguida vou erguer a tampa da minha mala e colocar os papéis por cima de tudo. Eles vão ficar lá até você voltar da sua viagem, caso você volte algum dia. O advogado tem a chave e recebeu instruções.

Eu devo admitir que tenho uma fantasia a seu respeito.

Uma noite, alguém baterá na porta e será você. Você estará vestida de preto, estará carregando uma dessas mochilas que todo mundo usa agora no lugar de bolsa. Estará chovendo, assim como esta noite, mas você não terá guarda-chuva, você não gosta de guarda-chuva; os jovens gostam que suas cabeças sejam fustigadas pelas forças da natureza, eles acham isto revigorante. Você ficará parada na varanda, sob uma claridade úmida; o seu cabelo escuro e sedoso estará encharcado, sua roupa preta estará encharcada, as gotas de chuva brilharão no seu rosto e nas suas roupas como lantejoulas.

Você baterá na porta. Eu ouvirei você, virei arrastando os pés pelo corredor e abrirei a porta. Meu coração irá saltar dentro do peito; eu olharei para você e a reconhecerei: meu último desejo, longamente acalentado. Eu direi a mim mesma que nunca vi ninguém tão linda, mas não falarei em voz alta; não ia querer que você me achasse maluca. Então eu estenderei meus braços para você, eu a beijarei no rosto, contidamente, porque não ficaria bem eu me exaltar. Derramarei algumas lágrimas, mas poucas, porque os olhos dos velhos são áridos.

Eu a convidarei para entrar. Você entrará. Eu não recomendaria

que uma jovem cruzasse o limiar de uma casa como a minha, com uma pessoa como eu lá dentro — uma mulher velha, uma mulher mais velha, morando sozinha numa casinha fossilizada, com cabelos que parecem teias de aranha em chamas e um jardim maltratado cheio de sabe Deus o quê. Tem um sopro de enxofre nessas criaturas: você poderá até sentir um certo medo de mim. Mas você será também um tanto imprudente, como todas as mulheres da nossa família, e por isso você entrará assim mesmo. *Vovó*, você dirá; e por causa desta única palavra eu não serei mais renegada.

Eu farei você se sentar à minha mesa, no meio das colheres de pau e dos galhinhos trançados e da vela que nunca é acesa. Você estará tremendo, eu lhe darei uma toalha, eu a enrolarei num cobertor, eu farei um chocolate quente para você.

Depois eu lhe contarei uma história. Eu lhe contarei esta história: a história de como você acabou aqui, sentada na minha cozinha, ouvindo a história que tenho lhe contado. Se por um milagre isto acontecesse, não haveria necessidade desta miscelânea de papéis.

O que é que eu vou querer de você? Não amor: seria pedir demais. Não perdão, já que não cabe a você perdoar. Alguém para ouvir, talvez; apenas alguém que irá me ver. Mas, por favor, não me emboneque. Eu não quero ser um crânio enfeitado.

Mas eu me coloco em suas mãos. Que outra escolha me resta? Quando você estiver lendo esta última página, se eu estiver em algum lugar, será aqui.

Agradecimentos

Eu gostaria de expressar a minha gratidão às seguintes pessoas: minha inestimável assistente, Sarah Cooper; minhas outras pesquisadoras, A. S. Hall e Sarah Webster; professor Tim Stanley; Sharon Maxwell, arquivista, Cunard Line Ltd., St. James Library, Londres; Dorothy Duncan, diretora-executiva da Ontario Historical Society; Hudson's Bay/Simpsons Archives, Winnipeg; Fiona Lucas, Spadina House, Heritage Toronto; Fred Kerner, Terrance Cox; Katherine Ashenburg; Jonathan F. Vance; Mary Sims; Joan Gale; Don Hutchison; Ron Bernstein; Lorna Toolis e sua equipe da Biblioteca Pública de Toronto, e Janet Inksetter, da Annex Books. Também aos primeiros leitores, Eleanor Cook, Ramsay Cook, Xandra Bingley, Jess A. Gibson e Rosalie Abella. Também aos meus agentes, Phoebe Larmore, Vivienne Schuster e Diana Mackay; e aos meus editores, Ellen Seligman, Heather Sangster, Nan A. Talese e Liz Calder. Também a Arthur Gelgoot, Michael Bradley, Bob Clark, Gene Goldberg e Rose Tornato. E a Graeme Gibson e à minha família, como sempre.

Também agradeço pela permissão para a publicação do seguinte material:

Epígrafes:

Ryszard Kapuściński, *Shah of Shahs*: © 1982, Ryszard Kapuściński, traduzido por William R. Brand e Katarzyna

Mrocowska-Brand. Harcourt Brace Jovanovich, 1985. Reproduzido com permissão do autor.

A inscrição da urna cartaginesa atribuída a Zashtar, que pertencia à pequena nobreza (c. 210-185 a.C.), é citada pelo dr. Emil F. Swardward em "Carthaginian Shard Epitaphs", *Cryptic: The Journal of Ancient Inscriptions*, vol. VII, nº 9, 1963.

Sheila Watson: de *Deep Hollow Creek* © 1992, Sheila Watson. Reproduzido com permissão de McClelland & Stewart Inc.

As versões das músicas estão baseadas em:

"*The Smoke Goes Up the Chimney Just the Same.*" Tradicional.

"*Smokey Moon.*" Letra de G. Damorda. Música de Crad Shelley. Copyright © 1934, Sticks Inc./Skylark Music. Copyright renovado em 1968 por Chaggas Music Corporation representando autor e compositor. Usado com permissão.

O relato da viagem inaugural do *Queen Mary* é extraído de:

"*In Search of an Adjective*", de J. Herbert Hodgins. *Mayfair*, julho de 1936 (Maclean Hunter, Montreal). Posse exata de copyright desconhecida. Reproduzido com a permissão de Rogers Media and Southam Inc.

Sobre a Autora



MARGARET ATWOOD é autora de mais de trinta livros de ficção, poesia e ensaios de crítica literária. Recebeu diversos prêmios e honrarias em vários países, como o Giller Prize, no Canadá e o Mondello, na Itália, pela publicação de *Vulgo, Grace. O assassino cego* ganhou o Booker Prize 2000. Ela vive em Toronto, com o escritor Graeme Gibson.

Margaret Atwood
O Assassino Cego

Tradução de *Léa Viveiros de Castro*

Título original: *The blind assassin*

Copyright © 2000 by O. W. Toad Ltd.
O direito moral do autor foi assegurado.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros RJ

A899a

Atwood, Margaret Eleanor 1939-

O assassino cego /Margaret Atwood; Tradução Léa Viveiros de Castro.
— Rio de Janeiro, Rocco, 2001.

Tradução de: *The blind assassin*

ISBN 85-325-1327-1

1. Romance americano. 2. Castro, Léa Viveiros de. 3. II. Título.

01-1373

CDD-813

CDU-820(73)-3

Rua Rodrigo Silva, 26 — 5º andar
20011-040 — Rio de Janeiro-RJ
Tel.: 2507-2000 — Fax: 2507-2244
e-mail: rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br